

Maria Tereza Amado

*A Língua do Ver* na Espanha dos Aústrias:  
criação de memória e fixação de ideais.



ANEXO II  
vol. I

DISCURSOS ACERCA DA NATUREZA DA HISTÓRIA



86113

Évora, 1997



ANEXO II  
vol. I

DISCURSOS ACERCA DA NATUREZA DA HISTÓRIA

Documentos que integram o Anexo II, segundo a ordem com que são apresentados:

## Volume I

### 1. Regras de análise do *Corpus*.

1.1. Critérios de transcrição paleográfica e códigos usados na informatização dos textos.

1.2. Lista dos morfemas gramaticais e formas de flexão verbal.

### 2. *Corpus*

2.1. Transcrição de *Genio de la Historia A* (versão manuscrita existente na Biblioteca particular da F. Severa March) e posterior cotejo com matérias equivalentes de *Genio de la Historia B* (versão impressa), reconversão para base de dados e materiais de análise.

2.1.1 Transcrição paleográfica de *Genio de la Historia A* em cotejo com *Genio de la Historia B*.

2.1.2. Decomposição dos textos em função do tipo de frases (idênticas, parecidas, diferentes ou exclusivas de uma das obras), segundo a ordem sequencial de capítulos.

2.1.3. Tábua com a indicação do número de palavras por tipo de frase e por sequência, em *Genio A* (valores segundo A) e em *Genio B* (valores segundo B).

2.1.4. Representação de *Genio A* e de *Genio B*, segundo a ordem sequencial de frases e lista das frases com mais de cem palavras.

2.1.5. Tábua dos morfemas gramaticais e algumas terminações verbais utilizadas em *Genio A* e *Genio B*, e respectiva frequência.

2.1.6. Tábua dos morfemas utilizados em *Genio A* e *Genio B* e respectiva frequência.

2.1.7. Lista da mesma palavra com grafias diversas.

2.1.8. Discriminação dos autores das citações, com indicação do número de palavras por citação e capítulo.

2.2. *Da Historia*, de Luis Cabrera de Cordoba, reconversão para base de dados e materiais de análise.

2.2.1. Representação de *Da Historia*, segundo a ordem sequencial de frases e lista das frases com mais de cem palavras.

2.2.2. Discriminação dos autores das citações, com indicação do número de palavras por citação e capítulo.

2.3. *De Historiae Institutione*, de Sebastian Fox Morcillo - tradução do texto latino, editado em Paris, em 1557 e reconversão para base de dados (Acess).

2.3.1. Discriminação dos autores das citações, com indicação do número de palavras por citação e capítulo.

2.4. Tabela dos autores nomeados em *Genio de la Historia, Institutione e Da Historia*, sem transcrição dos seus textos.

## Volume II

2.5. *Sigalión*, de Pedro Fernández del Pulgar - Transcrição do manuscrito (9-4-1\H-37-560\9-560) existente na Real Academia de la Historia, de Madrid, reconversão para base de dados e materiais e análise.

2.5.1. Personagens e respectivos códigos.

2.5.2. Ordem sequencial do diálogo, com indicação da personagem, parte da obra e número de palavras por fala.

2.5.3. Ordem do diálogo com numeração das sequências

2.5.4. Transcrição do manuscrito.

1. Regras de análise do *Corpus*.

1.1. Critérios de transcrição paleográfica e códigos usados na informatização dos textos.

Os documentos transcritos em Anexo II são os tratados manuscritos analisados e alguns dos materiais informáticos considerados mais relevantes no estudo do *Corpus*<sup>1</sup>. Eliminou-se nos textos o complexo sistema de códigos que permitiu detectar a sua estruturação, por dificultar a leitura, tendo-se apenas mantido os símbolos indicadores de título, capítulo, sequência, diálogo, dos excertos assinalados como citações, ou os que referenciam o pensamento de outros autores, de modo a possibilitar ao leitor verificação da validade da análise feita.

A passagem de textos do suporte material *papel* para suporte informático, com a respectiva análise integral e sequencial da narrativa, exige a indexação daqueles documentos e a aglutinação de conceitos<sup>2</sup>, sendo também necessária, no caso de *Corpus* de textos antigos, transcritos segundo a versão original - em que a língua não tem ainda padronização ortográfica, nem sintáctica, nem semântica - uma operação suplementar, caracterizada pelo agrupamento das palavras por unidades semânticas<sup>3</sup> (é o caso do c.d. Admyte [Arquivo Digital de Manuscritos e Textos Espanhóis tardo-medievais], que permite o acesso ao texto pelo termo, na sua forma tradicional, actual, ou pela raíz).

A constituição do *Corpus* exigiu o tratamento dos seguintes aspectos:

1. Transcrição paleográfica dos documentos manuscritos e sua posterior informatização.

O critério utilizado foi o da manutenção do texto original, tendo-se para isso adaptado as regras estabelecidas pelo C.S.I.C.<sup>4</sup> às normas elaboradas pelo *Hispanic Seminary of Medieval Studies*, de Madison. Podem resumir-se nos seguintes aspectos:

- separação de aglomerados de palavras, ou junção de letras e sílabas, de modo a constituir palavras;

---

<sup>1</sup> Para não sobrecarregar excessivamente os apêndices, a exemplificação é feita recorrendo sobretudo a um autor.

Agradeço a Helena Rosa a sua valiosa ajuda na organização de todos os volumes deste trabalho.

<sup>2</sup> O processo de elaboração de índices no *Corpus* é feito a partir da indexação múltipla das palavras por nomes e temas, segundo o modelo apresentado no C.D.-Rom de Patrologia Latina, que utiliza o programa PAT.

<sup>3</sup> Como se disse, a análise comparada das duas versões de *Genio de la Historia* foi feita com base na constituição de dois glossários em ligação, que mantendo as grafias originais estabelecem a aglutinação gráfico-semântica das palavras.

<sup>4</sup> *Normas de Transcripción y edición de textos y documentos*, Madrid, C.S.I.C., 1944.

- manutenção das contracções, excepto quando afectarem os nomes próprios, separando-se neste caso as palavras com um apóstrofe;
- não alteração da pontuação, da acentuação, e da grafia<sup>5</sup>, nem do aparente uso arbitrário de minúsculas e maiúsculas ( estas, além de ainda terem, por permanência com o latim, uma função fonética, também eram usadas para dar relevância a um determinado facto - v.g. Mateo Aleman, em *Ortografia Castellana*, diz assinalar as sentenças com maiúsculas).

As abreviaturas foram desenvolvidas em nota, e introduzidas no dicionário, com o respectivo sistema de equivalências, bem como as notas laterais, comentários entre linhas, ou marginais.

Com a transcrição dos manuscritos segundo estes critérios, pretendeu-se apenas fixar os textos, de modo a poderem ser trabalhados informaticamente, esperando-se definir critérios de transcrição mais adequados em futuras edições críticas.

## 2. Em relação aos impressos:

2.0. O facto de os textos com impressões da época só poderem ser lidos informaticamente como imagem<sup>6</sup>, na altura em que se iniciou este estudo, obrigou à sua digitalização por processo manual.

2.1. As obras com edições recentes - *Genio de la Historia*, versão de 1651 e *Da Historia* (1611) - foram introduzidas por scanner, e feita posteriormente a sua leitura óptica, tendo-se usando como software de reconhecimento (OCP) o Omnipage profissional, versão 11.2, como já se referiu.

---

<sup>5</sup>A Hispanic Seminary of Medieval Studies elaborou *A Manual of Manuscript Transcription for the Dictionary of the old Spanish Language*, Madison, 1986, conjunto de regras internacionalmente aceites.

Confrontaram-se ainda as normas estabelecidas em " *Diplomatica et Sigillographica. Travaux preliminaires de la Commission internationale de Diplomatique et de la Commission internationale de Sigillographie pour une normalisation internationale des éditions de documents et un vocabulaire international de la Diplomatique et de la Sigillographie.*", in *Folia Caesaraugustana*, 1, Zaragoza, C.S.I.C., 1984, e em *Album de Paleografia Hispanoamericana de los Siglos XVI-XVII*, Barcelona, El Albir, 1975.

<sup>6</sup>Tratando-se de documentos impressos antigos (texto e imagem) não havia uniformidade de critérios quanto ao melhor software de reconhecimento óptico de caracteres. De entre os seguintes: Gigaread, Kurzweil K5200, LiOCR., ProLector, Recognita Plus, Topecan Professional e Typereader, Omnipage Professional 11.2, escolheu-se este último.

Cfr. Vicente P. CONCEPCION e Donald P. D'AMATO, "A String-Matching Algorithm for Assessing the Results of an OCR Process.", in *History and Computing*, vol.5, 2, 1993, pp.82-87; Eric L. HELSPER, Hans-Leo TEULINGS, e Lambert R. SCHOMAKER, " Tools for the Recognition of Handwritten Historical Documents.", in *History and Computing*, vol.5, 2, 1993, pp.88-93; René van HORIK, "Optical Character Recognition and Historical Documents: Some Programs Reviewed.", in *History and Computing*, vol. 4, 3, 1992, pp.211-220 e "Recent Progress in the Automatic Reading of Printed Historical Documents.", in *History and Computing*, vol.5, 2, 1993, pp.68-73; Gunnar THORVALDSEN, "Making Printed Historical Sources Machine Readable: Some Experiences with Optical Character Recognition.", in *History and Computing*, vol.5, 2, 1993, pp.74-81.



2.2. A percentagem de erro no reconhecimento foi da ordem dos 35%. Após a sua correcção os documentos foram comparados com as edições impressas em vida e com o conhecimento dos respectivos autores, tendo-se eliminado as informações que não existiam nas impressões coevas, exceptuando a actualização da grafia, da acentuação e da pontuação.

3. Depois de os textos estarem transcritos informaticamente segundo os originais, foi necessária a sua preparação com vista à elaboração do *Corpus*, tendo-se: eliminado os hiffens de fim de linha e de fim de página, e ligado as respectivas sílabas, de modo a não serem contabilizadas como palavras, nem ser perdida a informação morfo-semântica desses morfemas; "escondidas" as sílabas ou palavras repetidas no fim ou início do fólio.

Devido à falta de padronização gráfica - mas mantendo-se o documento com a grafia original -, estabeleceu-se um sistema de equivalências de letras<sup>7</sup> e elaborou-se uma lista das mesmas palavras com grafias diferentes. Esta tarefa teve de ser feita manualmente, pois os agrupamentos foram decididos em função das particularidades grafológicas de cada texto, tendo sido posteriormente corrigidos, eliminando assim as palavras semânticamente incorrectas entretanto surgidas.

Posteriormente, seguindo as *Normas do Text Encoding Initiative*<sup>8</sup>, marcaram-se os textos de maneira a manter-lhes toda a sua estrutura organizativa, tendo-se estabelecido os seguintes elementos de identificação formal da obra: referências bibliográficas, portada, elementos paratextuais, índices, e imagens<sup>9</sup>. Codificaram-se ainda os

---

<sup>7</sup> Tendo presente os letras com maiores analogias, estabeleceram-se regras de equivalência, apenas para tratamento estatístico. EX. hist, est, ist, yst\*; u\v,c,ç,z,ss,s,ch.

Cfr. ainda a lista anexa das mesmas palavras com grafia diferente em *Genio de la Historia*.

<sup>8</sup> Em 1987 a *Association for Computers and the humanities* (ACH) estabeleceu um conjunto de regras para codificação dos textos em suporte electrónico, que pretendiam conciliar as normas já estabelecidas pelo SGML (*Standard Generalized Markup Language*), desde 1986. Trata-se de uma sintaxe essencial que permite marcar aspectos estruturais ou definidores de qualquer texto através de membretes que não alteram o texto original, pois funcionam como uma sobre-estrutura. A regra assenta em fazer todas as marcações dentro de um símbolo não existente no documento primitivo, definindo-se com um outro símbolo o início (<> nos textos em análise) e o fim (</>), de modo a que possa ser contabilizado ou não, introduzido ou retirado, de acordo com o objectivo.

Por isso nas codificações dos textos devem definir-se não apenas critérios standards de transcrição TEI (Text Encoding Initiative), como aplicá-los de acordo com as normas de marcação de *corpus* (SGML).

Em 1990, do trabalho conjunto entre ACH e ALLC, publicaram-se as primeiras *Normas*, que têm vindo a ser progressivamente aperfeiçoadas, disponibilizando-se a partir de 1994 uma nova edição em formato electrónico ( versão utilizada na tradução para o espanhol de Verónica Zumárraga e Marcela Tabanera, 1994).

<sup>9</sup> Como parte constitutiva do documento estes elementos têm de ser conservados, sendo objecto de determinados tratamentos, mas também se torna necessário estarem invisíveis para determinados cálculos lexicométricos e caracterizações específicas quanto ao discurso do autor.

seguintes aspectos: tipo de documento, texto-base, páginas, parágrafos, títulos, capítulos, frases, citações, texto noutra língua, estruturas em verso, estruturas em diálogo, personagem e outros elementos caracterizadores do documento<sup>10</sup>.

Só posteriormente se desenvolveram técnicas de marcação morfológica, com a criação de um dicionário com os morfemas gramaticais<sup>11</sup>, pronomes de tratamento, flexões dos verbos regulares, abreviaturas e afixos mais frequentes e característicos de derivações morfológicas, de que já se falou na segunda parte da dissertação e que a seguir se exemplifica.

No entanto, como não se conseguiu implementar o analisador morfosintático<sup>12</sup>, os documentos acabaram por ser trabalhados apenas em Access, como se disse, não se tendo por isso explorado todas as potencialidades deste sistema de codificação textual.

---

<sup>10</sup>Mais uma vez se teve necessidade de adaptar as *Normas do Text Encoding* às características do livro antigo, tendo-se para isso seguido a já referida obra de J. Simón Diaz, *El Libro Antiguo* e as regras definidas por Madinson.

<sup>11</sup>Recentemente verificou-se que P. Dautray no programa PISTES tinha desenvolvido para os morfemas sistema de tratamento semelhante.

Cfr. Philippe Dautray e Pierre Muller, "Lemmmatisation et analyse de textes", in *Storia & Multimedia*, Bologna, Grafis, 1994, pp.261-267.

<sup>12</sup>A técnica automática que se tentou implementar consiste no processamento do corpus com base num *part-of-speech tagging* estabelecido a partir de um analisador sintático e de um léxico, sendo a validação, a identificação dos erros e a desambiguação realizadas sobre amostras. A implementação deste processo está a ser feita para a língua francesa por *AT&T Bell Laboratories*, U.S.A.

## 1.2. Lista dos morfemas gramaticais e forma de flexal verbal.

A função desta lista é ser aplicada aos textos em espanhol antigo, de modo a ajudar no nível morfológico:

- 1.1. à codificação manual do texto;
- 1.2. à detecção das regularidades na estrutura da frase e dos morfemas e bigramas utilizados na ligação da oração nuclear com as orações satélites;
- 1.3. ao cálculo das frequências das palavras, segundo as suas categorias e subcategorias, nas diferentes partes do documento.

A lista nº I inventaria os morfemas gramaticais; e a nº II apresenta as terminações verbais das quatro conjugações, com a flexão dos verbos irregulares e auxiliares mais frequentes nos textos. Por esta inventariação ser muito extensa, e o processo se basear sempre no mesmo tipo de regras, apenas se exemplifica com uma conjugação.

Em relação à marcação verbal, como se disse, cada uma das formas verbais foi codificada com a seguinte informação: categoria morfológica, conjugação, característica do verbo (subjectivo ou objectivo), pessoa, número, modo, tempo e características modais:

<CAT>V</CAT><CONJ></CONJ><RAD></RAD><SUBCAT>SUBJE  
CTIVO|OBJECTIVO|</SUBCAT><PES></PES><NUM></NUM><MO  
DO></MODO><TEMPO></TEMPO><MODAL></MODAL>

No caso da conjugação de um verbo regular, não são caracterizados os aspectos relacionados com a semântica e o carácter modal do verbo, informação que é introduzida, caso a caso, no campo semântico.

## 1. Morfemas gramaticais e bigramas

-isimo <CAT>ADJ</CAT>  
-issimo <CAT>ADJ</CAT>  
-mente <CAT>ADVB</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>  
a <CAT>PREP</CAT>  
a calidad de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>COND</SUBCAT>  
a despecho de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
a donde <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>LUGAR</SUBCAT>  
a efectos de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
a excepción de <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>  
a fin de que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
a menos que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>COND</SUBCAT>  
a mi <CAT>PPOT</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM>  
a oscuras <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
a pesar de eso <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
a pesar de que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
a pesar de todo <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
a por donde <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>LUGAR</SUBCAT>  
a quien <CAT>INT</CAT>  
a saber <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ACLARATIVA</SUBCAT>  
a ti <CAT>PPOT</CAT><PES>2</PES><NUM>S</NUM>  
a veces <CAT>ADV</CAT>  
abajo - <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
acaso <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>D</SUBCAT>  
acerca de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
adentro <CAT>ADV</CAT>  
adonde <CAT>PR</CAT>  
afuera <CAT>ADV</CAT>  
agolpes <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
ahi <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>LUG</SUBCAT>  
ahora <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>  
ahora bien <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ILATI</SUBCAT>  
al <CAT>CONTP</CAT><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>  
al fin de <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
al fin y al cabo <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
al objeto de que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
ala <CAT>CONTP</CAT><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>  
alas <CAT>CONTP</CAT><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>  
algo <CAT>PI</CAT>  
alguien <CAT>PI</CAT>  
algun <CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>  
alguna <CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>  
algunas <CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>  
algunos <CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>  
alla <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>L</SUBCAT>  
alla <CAT>CONTP</CAT><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>  
allas <CAT>CONTP</CAT><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>  
alli <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>LUG</SUBCAT>  
allos <CAT>CONTP</CAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
alos <CAT>CONTP</CAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
anoche <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
ante <CAT>PREP</CAT>

antes <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>  
antes de que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>  
aparte de <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>  
apenas <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
aquel <CAT>PD</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>  
aquella <CAT>PD</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>  
aquellas <CAT>PD</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>  
aqueles <CAT>PD</CAT><GEN>M</GEN><NUM>P</NUM>  
aquello <CAT>PD</CAT><GEN>NEU</GEN>  
aqui <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>LUG</SUBCAT>  
asi <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>  
asi como <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>CAUS</SUBCAT>  
asi que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>CAUS</SUBCAT>  
asi que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>  
asimismo <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>AF</SUBCAT>  
aun cuando <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>  
aun...que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>  
aunq <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>  
aunque <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>  
aunque <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>ADVS</SUBCAT>  
aunque no <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>  
aveces <CAT>ADV</CAT>  
ayer <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>  
bajo <CAT>PREP</CAT>  
bastante <CAT>PI</CAT><NUM>S</NUM>  
bastantes <CAT>PI</CAT><NUM>P</NUM>  
bien <CAT>ADJ</CAT>  
bien <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>  
bien que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>  
bien...bien <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>DIJ</SUBCAT>  
ca <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>  
cada <CAT>PI</CAT><GEN>NEU</GEN>  
cada vez que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESSICAUS</SUBCAT>  
casi <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>QUA</SUBCAT>  
caso de que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>COND</SUBCAT>  
cerca <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>L</SUBCAT>  
como <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>  
como <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>  
como <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ATENUAT</SUBCAT>  
como <CAT>PR</CAT>  
como que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>  
como quiera que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>  
como quiera que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
como si <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>COND</SUBCAT>  
comoquiera que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT># arcaico, = aunque  
con <CAT>PREP</CAT>  
con animo de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
con el propósito de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
con el aliciente de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
con el deseo de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
con el pretexto de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
con intencion de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
con la condicion de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>COND</SUBCAT>  
con la esperanza de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
con la idea de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
con miras a <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
con que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>COND</SUBCAT>  
con quien <CAT>INT</CAT>

con tal de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
 con todo <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>  
 con vistas a <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
 conmigo <CAT>PPOT</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM>  
 conque <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ILATI</SUBCAT>  
 consigo -<CAT>PPOT</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM>  
 contigo <CAT>PPOT</CAT><PES>2</PES><NUM>S</NUM>  
 contra <CAT>PREP</CAT>  
 cual <CAT>PR</CAT><NUM>S</NUM>  
 cual quiera que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
 cuales <CAT>PR</CAT><NUM>S</NUM>  
 cualquier <CAT>PI</CAT><NUM>S</NUM>  
 cualquiera <CAT>PI</CAT><NUM>P</NUM>  
 cualquiera que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
 cuando <CAT>PR</CAT>  
 cuando quiera que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
 cuando...que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>  
 cuandoquiera que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
 cuanta <CAT>PR</CAT>  
 cuantas <CAT>PR</CAT>  
 cuanto <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>  
 cuanto <CAT>PR</CAT>  
 cuanto más <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>COND</SUBCAT>  
 cuantos <CAT>PR</CAT>  
 cuya <CAT>PR</CAT><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>  
 cuyas <CAT>PR</CAT><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>  
 cuyo <CAT>PR</CAT><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>  
 cuyos <CAT>PR</CAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
 D. <CAT>PT</CAT>  
 de <CAT>PREP</CAT>  
 de ahí que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ILATI</SUBCAT>  
 de cualquier manera <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
 de cualquier manera que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
 de donde <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>#(por lo cual)  
 de donde <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>LUGAR</SUBCAT>  
 de frente <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
 de la cual <CAT>PR</CAT> #cuales  
 de la que <CAT>PR</CAT>#(cuyas)  
 de las cuales <CAT>PR</CAT> #cuales  
 de las que <CAT>PR</CAT>#(cuyas)  
 de los que <CAT>PR</CAT> #cuales  
 de los que <CAT>PR</CAT>#(cuyas)  
 de manos <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
 de pronto <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
 de que <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>  
 de si <CAT>PPOT</CAT><PES>3</PES>  
 de subito <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
 de suerte que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ILATI</SUBCAT>  
 de ti <CAT>PPOT</CAT><PES>2</PES><NUM>S</NUM>  
 de todas maneras <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
 de veras <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
 de veras que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
 debajo <CAT>ADV</CAT>  
 del <CAT>CONTP</CAT><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>  
 de los <CAT>CONTP</CAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
 de la <CAT>CONTP</CAT><NUM>S</NUM><GEN>F</GEN>  
 de las <CAT>CONTP</CAT><NUM>P</NUM><GEN>F</GEN>  
 del cual<CAT>PR</CAT> #cuales

del que <CAT>PR</CAT>#(cuyas)  
dela <CAT>CONTP</CAT><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>  
delante <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>L</SUBCAT>  
delante de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
della <CAT>CONTP</CAT><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>  
dellos <CAT>CONTP</CAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
delos <CAT>CONTP</CAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
demasiado <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>D</SUBCAT>  
deprisa <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>  
desde <CAT>PREP</CAT>  
desde luego <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONT</SUBCAT>  
desde que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>  
despacio <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>  
despues <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>  
despues que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT> -  
Don <CAT>PT</CAT>  
donde <CAT>PR</CAT>  
donde quiera que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
dondequiera que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
dondequiera que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>LUGAR</SUBCAT>  
doquiera que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>LUGAR</SUBCAT>  
durante -<CAT>ADV</CAT> - #adv. com valor prep  
durante <CAT>PREP</CAT>  
e <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>COP</SUBCAT>  
el <CAT>ART</CAT><SUBCAT>DEF</SUBCAT><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>  
el <CAT>PPR</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>  
el cual <CAT>PR</CAT>#(quien)  
el que <CAT>PR</CAT>  
ella <CAT>PPR</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>  
ellas <CAT>PPR</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>  
ello <CAT>PPR</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>NEU</GEN>  
ellos <CAT>PPR</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
empero <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
en <CAT>PREP</CAT>  
en cambio <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>  
en cuanto <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>COND</SUBCAT>  
en cuanto que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>  
en cuanto se <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>  
en donde <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>  
en funcion de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
en mi <CAT>PPOT</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM>  
en mi deseo de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
en orden a <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
en que <CAT>LOC</CAT>  
en si <CAT>PPOT</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM>  
en tanto -<CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>  
en tanto que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>CAUS</SUBCAT>  
en todo caso <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ATENUA</SUBCAT>  
encima <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
encima de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
enfrente <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
entonces <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ILATI</SUBCAT>  
entre <CAT>PREP</CAT>  
entre si <CAT>PPOT</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM>  
entretanto que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>  
es decir <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ACLARATIVA</SUBCAT>  
esa <CAT>PD</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>  
esas <CAT>PD</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>

ese <CAT>PD</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>  
 eses <CAT>PD</CAT><GEN>M</GEN><NUM>P</NUM>  
 eso <CAT>PD</CAT><GEN>NEU</GEN>  
 esta <CAT>PD</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>  
 estas <CAT>PD</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>  
 este <CAT>PD</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>  
 estes <CAT>PD</CAT><GEN>M</GEN><NUM>P</NUM>  
 esto <CAT>PD</CAT><GEN>NEU</GEN>  
 esto es <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ACLARATIVA</SUBCAT>  
 excepto <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>  
 fuera - <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>LUG</SUBCAT>  
 fuera <CAT>ADV</CAT>  
 fuera de <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>  
 hacia <CAT>PREP</CAT>  
 hasta <CAT>PREP</CAT>  
 hasta cierto punto <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ATENUA</SUBCAT>  
 hasta donde <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>LUGAR</SUBCAT>  
 hoy <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>  
 i <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>COP</SUBCAT>  
 jamas <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>NEG</SUBCAT>  
 la <CAT>ART</CAT><SUBCAT>DEF</SUBCAT><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>  
 la <CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>  
 la cual <CAT>PR</CAT>  
 la que <CAT>PR</CAT>  
 las <CAT>ART</CAT><SUBCAT>DEF</SUBCAT><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>  
 las <CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM>  
 las cuales <CAT>PR</CAT>  
 las que <CAT>PR</CAT>  
 le <CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>  
 lejos <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>LUG</SUBCAT>  
 les <CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM>  
 lo <CAT>ART</CAT><SUBCAT>DEF</SUBCAT><NUM>S</NUM><GEN>NEU</GEN>  
 lo <CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES>  
 LOCUÇÕES  
 los <CAT>ART</CAT><SUBCAT>DEF</SUBCAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
 los <CAT>PPOA</CAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
 los cuales <CAT>PR</CAT>  
 los que <CAT>PR</CAT> - # valor de quien - # com No todos os PR ficam menos específicos. - # os relativos integram os exclamativos,interrogativos,negativos e relativos compostos.  
 luego <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>  
 luego <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ILATI</SUBCAT>  
 luego que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>  
 mal <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>  
 mas <CAT>ADJ</CAT>  
 mas <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>ADVS</SUBCAT>  
 mas que <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>  
 mas...que - ORAÇÕES comparativas  
 mayor...que - ORAÇÕES comparativas  
 me <CAT>PPOA</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM>  
 mediante <CAT>PREP</CAT> -  
 mejor...que - ORAÇÕES comparativas  
 menos...que - ORAÇÕES comparativas  
 menos...que - ORAÇÕES comparativas  
 mi <CAT>PPS</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM>  
 mia <CAT>PPS</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>  
 mias <CAT>PPS</CAT><PES>1</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>  
 mientras no <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>  
 mientras que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>



mio <CAT>PPS</CAT><PES>I</PES><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>  
 mios <CAT>PPS</CAT><PES>I</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
 mis <CAT>PPS</CAT><PES>I</PES><NUM>P</NUM>  
 misma <CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>  
 mismas <CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>  
 mismo <CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>  
 mismos -<CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>P</NUM>  
 mucho <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>QUA</SUBCAT>  
 mucho menos...que -ORAÇÕES comparativas  
 mucho...que - ORAÇÕES comparativas  
 nada <CAT>PI</CAT>  
 nadie <CAT>PI</CAT>  
 ni <CAT>CONJ</CAT><SUBTCAT>COPNEG</SUBCAT>  
 ni aun + prep ou adv. <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
 ni que <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>DIJNEG</SUBCAT>  
 ni...mayor\menor...que - ORAÇÕES comparativas  
 ninguna <CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>  
 ningunas <CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>  
 ninguno <CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>  
 ningunos <CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>P</NUM>  
 no <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>NEG</SUBCAT>  
 no obstante <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
 no obstante eso <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
 no solo...sino <CAT>CONJ</CAT><SUBTCAT>COPNEG</SUBCAT>  
 nos <CAT>PPOA</CAT><PES>I</PES><NUM>P</NUM>  
 nosotras <CAT>PPR</CAT><PES>I</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>  
 nosotros <CAT>PPR</CAT><PES>I</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
 nuestra <CAT>PPS</CAT><PES>I</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>  
 nuestras <CAT>PPS</CAT><PES>I</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>  
 nuestro <CAT>PPS</CAT><PES>I</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
 nuestros <CAT>PPS</CAT><PES>I</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
 nunca <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>NEG</SUBCAT>  
 o <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>DIJ</SUBCAT>  
 o sea <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ACLARATIVA</SUBCAT>  
 o...o <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>DIJ</SUBCAT>  
 o...o no <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>DIJ</SUBCAT>  
 onde <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>CONSECUT</SUBCAT>  
 ora...ora <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>DIJ</SUBCAT>  
 os <CAT>PPOA</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM>  
 otra <CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>  
 otras <CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>  
 otro <CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>  
 otros <CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>P</NUM>  
 para <CAT>PREP</CAT>  
 para que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
 peor...que - ORAÇÕES comparativas  
 pero <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>  
 pero que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>#(arcaico,aunque)  
 poco <CAT>ADJ</CAT>  
 poco <CAT>ADV</CAT>  
 por <CAT>PREP</CAT>  
 por consiguiente <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
 por culpa de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
 por el contrario <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>  
 por el gusto de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
 por el hecho de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>  
 por fuera <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>  
 por lo cual <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>

por mas que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
 por mas que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>  
 por mucho que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
 Por supuesto que <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>CONT</SUBCAT>  
 porque <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>  
 porque <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>R</SUBCAT>  
 porque <CAT>PR</CAT>  
 portanto <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONT</SUBCAT> - LOC. ADV. QUE TEM TB.  
 UMA FUNÇÃO DE CONTINUIDADE.  
 pues <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONT\CAUS</SUBCAT>  
 pues que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONT\CAUS</SUBCAT>  
 puesto que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>  
 puesto que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>CAUS</SUBCAT> - # adv+ prep\ prep+adv =  
 locução adver.  
 quanto <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>R</SUBCAT>  
 que <CAT>PR</CAT>  
 que no <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ADVNEG</SUBCAT>  
 que no... - (PARTE FINAL da COMPARAÇÃO)  
 que por mas <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>  
 que si...que si <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>DIJ</SUBCAT>  
 quien <CAT>PR</CAT><NUM>S</NUM>  
 quienes <CAT>PR</CAT><NUM>P</NUM>  
 quienesquiera <CAT>PI</CAT><NUM>P</NUM>  
 quienquiera <CAT>PI</CAT><NUM>S</NUM>  
 quiza <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>DUV</SUBCAT>  
 salvo <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>  
 se <CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES>  
 se la <CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>  
 se las <CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>  
 se le <CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>  
 se les <CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
 se lo <CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>NEU</GEN>  
 se los <CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM>  
 sea <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>DIJ</SUBCAT>  
 sea...sea <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>DIJ</SUBCAT>  
 sendos <CAT>PI</CAT><GEN>NEU</GEN>  
 Senor <CAT>PT</CAT>  
 si <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>AF</SUBCAT>  
 si <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>COND</SUBCAT>  
 si bien <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>  
 si no <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONDNEG</SUBCAT>  
 si...si <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>DIJ</SUBCAT>  
 siempre <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>D</SUBCAT>  
 siempre que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>  
 siendo asi que <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>  
 sin <CAT>PREP</CAT><SUBCAT>NEG</SUBCAT>  
 sin embargo <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>ADVS</SUBCAT>  
 sin embargo de que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
 sin que <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>CAUSANEG</SUBCAT>  
 sino <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ADVNEG</SUBCAT>  
 sino que <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>ADVS</SUBCAT>  
 siquiera <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>  
 sobre <CAT>PREP</CAT>  
 solo que <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>  
 su <CAT>PPS</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM>  
 suponiendo que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>COND</SUBCAT>  
 sus <CAT>PPS</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM>  
 suya <CAT>PPS</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>

suyas <CAT>PPS</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>  
suyo <CAT>PPS</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>  
suyos -<CAT>PPS</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
tal <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>DET</SUBCAT>  
tal <CAT>PI</CAT>  
tambien <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>AF</SUBCAT>  
tampoco <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>NEG</SUBCAT>  
tampoco <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>ADVS</SUBCAT>  
tanbien <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>AF</SUBCAT>  
tanta <CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>  
tantas <CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>  
tanto -<CAT>PI</CAT>  
tanto <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>D</SUBCAT>  
tanto <CAT>ADV</CAT><SUBCAT>QUA</SUBCAT>  
tanto <CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>  
tanto es asi que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ILATI</SUBCAT>  
tanto mas que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>  
tanto mas...cuanto <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>  
tanto...como <CAT>LOCONJ</CAT><SUBTCAT>COMP</SUBCAT>  
tantos...que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBTCAT>CONSECT</SUBCAT>  
tanta...que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBTCAT>CONSECT</SUBCAT>  
tantas...que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBTCAT>CONSECT</SUBCAT>  
tan...que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBTCAT>CONSECT</SUBCAT>  
tal...que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBTCAT>CONSECT</SUBCAT>  
#como, comp.\que,ilactiva.  
tantos <CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>P</NUM>  
te <CAT>PPOA</CAT><PES>2</PES><NUM>S</NUM>  
toda <CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>  
todas <CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>  
todas <CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>  
todo <CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>  
todos -<CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>P</NUM>  
tras <CAT>PREP</CAT>  
tu <CAT>PPS</CAT><PES>2</PES><NUM>S</NUM>  
tus <CAT>PPS</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM>  
tuya <CAT>PPS</CAT><PES>2</PES><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>  
tuyas <CAT>PPS</CAT><PES>1</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>  
tuyo <CAT>PPS</CAT><PES>2</PES><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>  
tuyos <CAT>PPS</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
u <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>DIJ</SUBCAT>  
un <CAT>ART</CAT><SUBCAT>INDEF</SUBCAT><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>  
un <CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>  
una <CAT>ART</CAT><SUBCAT>INDEF</SUBCAT><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>  
una <CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>  
una vez que - <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>CAUS</SUBCAT>  
unas - <CAT>ART</CAT><SUBCAT>INDEF</SUBCAT><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>  
unas <CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>  
unos <CAT>ART</CAT><SUBCAT>INDEF</SUBCAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
unos <CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>P</NUM>  
ust. <CAT>PPR\PT</CAT><PES>2</PES><NUM>S</NUM>  
usted <CAT>PPR\PT</CAT><PES>2</PES><NUM>S</NUM>  
ustedes <CAT>PPR\PT</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM>  
V. R. -<CAT>PT</CAT>  
V.M.- <CAT>PT</CAT>  
varia <CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>  
varias <CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>  
vario <CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>  
varios <CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>P</NUM>

vos <CAT>PPR</CAT><PES>2</PES>  
 vosotras <CAT>PPR</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>  
 vosotros <CAT>PPR</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
 vuestra <CAT>PPS</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>  
 vuestra merced <CAT>PT</CAT>  
 vuestras <CAT>PPS</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>  
 vuestro <CAT>PPS</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
 vuestros <CAT>PPS</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>  
 y <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>COP</SUBCAT>  
 y con eso <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
 y cuando <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>  
 y despues de <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONT</SUBCAT>  
 y despues que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONT</SUBCAT>  
 y entretanto que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>  
 y eso que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>  
 y luego que <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONT</SUBCAT>  
 y si bien <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>  
 ya no <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>  
 ya que <CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT># actualmente com função causal, màs  
 antigamente com sentido temporal.  
 ya que no <CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>  
 ya sea <CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>DIJ</SUBCAT>  
 ya...ya <CAT>LOC</CAT><SUBCAT>DIJ</SUBCAT>  
 yo <CAT>PPR</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM>

## 2. Flexão dos verbos regulares da primeira conjugação

-AR

-o

<CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>1</PES>  
<NUM>S</NUM><MODO>IND</MODO><TEMPO>PRES</TEMPO>

-as

<CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>2</PES>  
<NUM>S</NUM><MODO>IND</MODO><TEMPO>PRES</TEMPO>

-a

<CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>3</PES>  
<NUM>S</NUM><MODO>IND</MODO><TEMPO>PRES</TEMPO>

-amos

<CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>1</PES>  
<NUM>P</NUM><MODO>IND</MODO><TEMPO>PRES</TEMPO>

-ais

<CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>2</PES>  
<NUM>P</NUM><MODO>IND</MODO><TEMPO>PRES</TEMPO>

-an

<CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>3</PES>  
<NUM>P</NUM><MODO>IND</MODO><TEMPO>PRES</TEMPO>

-aba

<CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>1</PES>  
<NUM>S</NUM><MODO>IND</MODO><TEMPO>PRET.IMP.</TEMPO>

-abas

<CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>2</PES>  
<NUM>S</NUM><MODO>IND</MODO><TEMPO>PRET.IMP.</TEMPO>

-aba

<CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>3</PES>  
<NUM>S</NUM><MODO>IND</MODO><TEMPO>PRET.IMP.</TEMPO>

-abamos

<CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>1</PES>  
<NUM>P</NUM><MODO>IND</MODO><TEMPO>PRET.IMP.</TEMPO>

-abais

<CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>2</PES>  
<NUM>P</NUM><MODO>IND</MODO><TEMPO>PRET.IMP.</TEMPO>

-aban

<CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>3</PES>  
<NUM>P</NUM><MODO>IND</MODO><TEMPO>PRET.IMP.</TEMPO>

-é

<CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>1</PES>  
<NUM>S</NUM><MODO>IND</MODO><TEMPO>PRET.</TEMPO>

-aste

<CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>2</PES>  
<NUM>S</NUM><MODO>IND</MODO><TEMPO>PRET.</TEMPO>





-ares <CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>2</PES>  
<NUM>S</NUM><MODO>CONJ</MODO><TEMPO>FUT.IMP</TEMPO>

-are <CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>3</PES>  
<NUM>S</NUM><MODO>CONJ</MODO><TEMPO>FUT.IMP</TEMPO>

-aremos <CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>1</PES>  
<NUM>P</NUM><MODO>CONJ</MODO><TEMPO>FUT.IMP</TEMPO>

-areis <CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>2</PES>  
<NUM>P</NUM><MODO>CONJ</MODO><TEMPO>FUT.IMP</TEMPO>

-aren <CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>3</PES>  
<NUM>P</NUM><MODO>CONJ</MODO><TEMPO>FUT.IMP</TEMPO>

-ado <CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><MODO>NOM  
INA  
TIVO</MODO><TEMPO>PARTICIPIO</TEMPO>

-ando <CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><MODO>NOM  
INA  
TIVO</MODO><TEMPO>GERUNDIO</TEMPO>

-ar <CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><MODO>NOM  
INA  
TIVO</MODO><TEMPO>INFINITIVO</TEMPO>

-a <CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>2</PES>  
<NUM>S</NUM><MODO>CONJ</MODO><TEMPO>IMPERATIVO</TEMPO>

-ad <CAT>V</CAT><CONJ>AR</CONJ><SUBCAT>REGULAR</SUBCAT><PES>2</PES>  
<NUM>P</NUM><MODO>CONJ</MODO><TEMPO>IMPERATIVO</TEMPO>



## 2. *Corpus*

*Genio de La Historia*



Geronimo de S. José



“... el retrato de una digna Historia, con la pintura de una hermosa i honesta Donçella libre de toda baxa pasion, amadora de la verdad; grave en sus costumbres, pura en sus afectos, de entera i briosa salud, con hermosura de color suave i apacible, i en la correspondencia de todas las partes de su cuerpo perfetissa. Una Doncella, no dada a liviandades vanas, sino empleada en ocupaciones importantes; cuyos pasos sean lentos i mediatos; su ornato moderado i conveniente, i en tal manera dispuesto que sirva mas para una honesta composicion, debida a la gravedad de las Matronas, que al deleite de los ojos, proprio de las Mugerres Meretrices. El Padre desta incorrupta Donçella ha de ser un Varon grave, entero, de severidad, i aviso; discreto, i adornado del conocimiento de la vida privada i comun, i con noticia de toda cosa grande. Tal piden la Historia e Historiador los Varones sabios que trataron desto.

De lo dicho se colige una mui cierta verdad cõ(n)tra el engano de algunos. I es, que este negocio de escribir Historia, no es tam poco dificultoso, como piensa el vulgo: el cual, como manosea mas esta letura, juzga que su ocupacion es la mas facil. Cualquier genero de escritura tiene no pequena dificultad; por que (como diximos) pide una gran sabiduria.”.

*GENIO DE LA HISTORIA*  
Fr. Geronimo de S. Iosef

2.1. Transcrição de *Genio de la Historia* A (versão manuscrita existente na Biblioteca particular da F. Severa March) e posterior cotejo com matérias equivalentes de *Genio de la Historia* B (versão impressa), reconversão para base de dados e materiais de análise.

### 2.1.1. Transcrição paleográfica de *Genio de la Historia A* em cotejo com *Genio de la Historia B*.

Tendo-se considerado a obra *Genio A* como referente, estabeleceram-se as relações entre a sequência de capítulos de *Genio A* (geralmente as páginas ímpares do documento anexo)<sup>1</sup> com matérias equivalentes de *Genio B* (correspondendo às páginas pares).

Imprimiram-se a *bold* as palavras comuns, de modo a visualizar-se rapidamente a dependência de um texto em relação ao outro.

Foi com base nesta primeira identificação de blocos que posteriormente se criou a base de dados (apresentada no documento seguinte) que permitiu a elaboração dos gráficos apresentados no corpo da obra. Não se apresenta a transcrição de *Genio B* por estar impressa, indicando-se no entanto, para cada bloco, as primeiras palavras, e o lugar que cada um ocupa na obra, de modo a facilitar a identificação a leitor mais interessado.

Os símbolos usados foram os já referidos: <=> para igual; <:> para semelhante; <Ex> para diferente; e <Nv> para blocos exclusivos de um dos textos, com indicação da parte da obra em que esse bloco se integra, quer em *GenioA*, quer em *GenioB*.

---

<sup>1</sup> Numeração sequencial de 1 a 88 e indicação no cabeçalho de *Genio A*.

<NvA> GENIO DE LA HISTORIA por Fr. Geronimo de S. Iosef. Carmelita Descalço  
A D. Fernando Ezquerria de Roças. Su hermano.  
Del Consejo de Su Magestad. En los de S.ta Clara y Vicaria de Napoles.  
( 2ª em branco)

(s/pg) GENIO A

A Don Fernando Ezquerria de Rozas  
Del Consejo de Su Magd. En los de Santa Clara y Vicaria de Napoles.  
S.

Muchas veces me ha pedido Vm. (Señor i Hermano mio) algun papel de los que en diferentes materias i ocasiones se me ha oferecido escribir. I, aunque interpretando yo (como debia) esta su peticion en orden al espiritual aprovechamiento de su alma (de que Vm. es tan cuidadoso) le he ofrecido, i enbiado algunos de los que a este proposito, me parecia, le podian servir: todavia hallo en la peticion i mandato de V. M. que su voluntad i deseo se estiende a màs; gustando, de que, en esta mi obediencia le sirva, no solo atendiendo a la Devocion de su Volu(n)t(a)d sino tambien a la Erudicion de su alto Ingenio.

Bien conozco, (Señor) i se dexa ver, que en ninguna de ambas cosas podre yo satisfacer a tan gran deseo: pero mucho menos en la postrera, por ser tan agena de mi Profesion i Caudal; quanto propria del Estado i Talento de V. m. cultivado siempre, desde sus primeros años i letras, en las mejores de toda grave i florida Erudicion. Testigo deste que el insigne Teatro i Examen de los ingenios del mñdo Salamanca; testigo, despues, al augusta Çaragoça i Reyno de Aragon dichosa i noble patria de V. m; i aora tambien este testigo e sa bellissima i,

opulentissima ciudad i Reyno de Napoles, desde a donde llegan cada dia a esta Corte, venciendo unos a otros, los resplandores desta luz. Supra esto V m. de un Hermano que atropellado de la Verdad, no puede contenerse en los limites del Encogimiento; i a quien el deseo de que V. M. conozca i atribuya a Dios lo que le dio (que a este fin se ordena mi osadia) hace imitar en la Verdad a la Lisonja; aun que tan libre della, quando armado contra los asaltos de la Naturaleza, en la Sangre, i de la Eleccion, en el Afecto con que a V. m. amo i estimo. Quien (Señor) culparà, que yo modestamente alabe a mi Hermano, quando los estranissimos me libran dela sospecha en causa tan propria, con increíbles aunque debidas alabanças, que de V. m. publican i repiten con voz universal? Pero no gravemos ya mas la modestia de V. M.

Vuelvo a mi Intento, i digo; que aunque me he visto no menos embaraçado, que obligado en lo que V. M. ultimamento no manda: aviendole de obedecer i buscando algun papel que oliese a Erudicion topé con este, a que la obligaçion, del Ministerio, en que mi Religion me ocupa, dio forçoso motivo, i da bastante escusa de averme puesto en materia i Asunto mas proprio de otra pluma.

La de Vm. andara sobre el (si hace oficio de Hermano) ilustrandolo con borrones muchos, si ya no con solo uno, pero universal, como lo merece el papel.

I pues me obliga aquele sirva con mi ignorancia alla se avenga con su paciencia: que bien la avra menester, i todas los afectos i vinculos estrechissimos, con que V. M. me hace caridad para supirme el rato que se dignare de tomarle en las manos.

En las de Dios pongo yo cada dia (aun que indigno) su alma, vida, i salud de V. m. suplicandole se sirva de tenerle en ellas mui guardado, i amparado contra las tempestades i peligros deste siglo; i que, despues de largos i bien logrados años, le llebe agoçar de si mismo en la eternidad, como lo espero en el Señor.

Madrid, Enero 31 de 1639

Fr. Geronimo de S. Josef  
(assinatura)

(s/n) GENIO A

## INTRODUCCION

Pideme V.R. (mi Padre Fr. Francisco de Santa Maria) le diga llana i amigablemente lo que siento de su Historia Profetica recién salida a luz: i si en ella cumple, no solo con las leyes generales de Historiador; que son bien rigurosas ; sino tambien con las de Escritor Religiosos i Reformado; que lo son mucho mas. Tambien me manda V.R., le avise del sentimiento i opinion, que otros tienen desta misma Historia; i que, si fuera necesario, la defiendan, i respondan a las obligaciones, que se hicieren contra ella. Gran provincia i desmedido peso para V.R. sobre mis flacos hombros: por que ni yo soy para censurar obra tan grande; ni menos, para defenderla, de quien la pretendiera caluniar. Pide lo primero una vulgar noticia de las leyes i requisitos de la Historia, i de toda buena arte de escribir: i lo segundo pide noticia mas universal, asi de las materias, que V.R. toca en su libro, como de otras muchas, que para inteligencia perfecta dellas se requiere: de lo cual todo, sollo llevo a tener el deseo, i el conocimiento de que me falta, i lo ignoro. Siendo esto asi (mi Padre Fr. Francisco) como podra, quem nunca ha saludado, ni aun desde el primer umbral, la Historia, juzgar de los Escritos de V.R. que por tantos años se ha criado en su mas intimo retrete? i despues de aver penetrado los de la sagrada Teologia, asi Escolastica, i Expositiva, como Mistica i Moral, ha enriquecido i adornado el ingenio, con la noticia i erudicion de todas buenas letras? Harto hare, en aprender i admirar lo que V.R. tiene escrito: reconociendo a sus años i estudios, el magisterio i ventajas, que siempre confesaram los míos. Pero vuelvo segunda vez a leer su carta, i en ella los aprietos, con que V.R. me obliga a obedecerle: i me pareça vea ya el ceño, con que oye i reprehende esta mi escusa, tan ofendido de su alabanza, quanto de mi desobediencia. I porque no quiero merecer la desgracia de un Amigo, Hermano, i Padre tan mio, a quie[n] yo tanto amo i estimo, determino rendirme i obedecer. Dire, pues, mis sentimientos, no como censor, sino como Discipulo; i, debaxo deste respeto, discurriré primero por algunos de los requisitos necesarios al que escribe Historia; para conocer, por ellos, los primores que hallare en los de V.R.. Dire tambien el sentimiento i opinion que otros tienen; i especialmente dos objeciones, que algunos hazen a esta Historia de V.R., caluniando el estilo, por levantado en el lenguaje; i el brio, por demasiado en la defensa de lo que escribe: a las cuales procuraré responder, tratando ambos puntos con algun cuidado. Otras, que por ventura, haran los mui censores, reparando en sentencias i opiniones, que por mui singulares, o, nuevas, aun que verdaderas, lo pueden menos parecer; dexaré aora de referir i de impugnar, remitiendo este cuydado a otro tiempo, si pareciere necesario, el acudir tambien a su defensa. Por lo cual se dividira esta respuesta, o, Discurso mio en tres partes. En la primera trataré de algunos requisitos de la Historia, verificandolos en la de V.R.. En la segunda, de los primores del estilo i lenguaje Español, para defender la pureça i elegancia del que V.R. usa en su libro. I en la tercera del brio i animosidad, a que sín pisar la raya dela modestia, puede la pluma de un Escritor atreberse, para defender su sentencia, o impugnar la agena; como V.R. lo haça en su Historia. Con lo cual dexo declarado el Motivo i el Intento deste mi Discurso. </NvA>



(1) GENIO A

<TP> PRIMERA PARTE </TP>

<A seq 1> <ExA> [1] Entre los Requisitos mas necesarios al buen Historiador, i a cualquiera que se dedica a escribir, es uno i el primero, el tener bien sabida la materia de que escribe.</ExA> <B,3,I,3> <A=B> Este (dice Horacio<sup>1</sup>) es el origen principio y fuente, de donde nace el escribir bien.

Por que mal escribira uno lo que ignora; i no mejor podra enseñar lo que no sabe. Hazele, el que escribe, Doctor i Maestro universal del Mundo; i subido en la Catedra de su Libro, tiene por oyentes a todos los Mortales, a quienes, el, como Maestro ensena, en aquella materia, de que en su libro trata. Mire, aora, el que escribe, la obligacion que se hecha a cuestras, el ambicioso titulo que se arroga, el peligro a que se expone, i la verguença que le cubrira el rostro, si se hiziere Maestro, cuando, i de quien no merecia ser Discipulo. Ai muchos, que, antes de aprender, ensenan; i antes de leer, escriben, i aun antes de conoçer las letras, se precian de letrados. Apenas gustaron, con los primeros la

\* [351]

<B seq 1> <B,3,I,3,4,5,6,7> <B,3,I,3> <ExB>3. Primer requisito de todo escritor es el saber.

Acuérdome que en la primera parte dijimos poderse reducir a tres los principales requisitos del buen historiador, que son: sabiduría, entereza y autoridad; y habiendo de tratar. ahora de cada uno de ellos, comenzaré por el primero, tomando empero el agua desde su origen en lo general del escribir para de allí descender a lo particular del historiar.

Uno, pues, y el más importante requisito para el que se dedica a escribir es el saber.</ExB> <B=A> Este, dijo Horaciol, es el principio y fuente de donde se origina y nace el escribir bien; porque mal escribirá uno lo que ignora; y no mejor podrá enseñar lo que no sabe.</B=A> <ExB>Séame licito exclamar aquí con la razón y la experiencia: !Oh cuán poco se considera qué cosa es escribir y publicar un libro y un Tratado'</ExB>

<B:A>Hacese el que lo escribe doctor y maestro universal del mundo, y subido en la cátedra de su libro, tiene por oyentes a todos los mortales que lo quisieren leer; a quienes como maestro y catedrático enseña en aquella materia de que en su libro trata.</B:A> <B=A>Mire, pues, ahora la obligación que se echa a costas, el ambicioso título que se arroga, el peligro a que se expone, y la vergüenza que le cubrirá el rostro, si se hiciese maestro, cuando y de quien no merecia ser discípulo.</B=A> <B:A>Hay muchos entre los que así se abalanzan, que antes de aprender enseñan, y antes de leer escriben, y aun antes de conocer las letras, se precian de letrados. Apenas gustaron con los primeros la-

## (2) GENIO A

bios la noticia de alguna Facultad, cuando la leche, no bien enellos recebida, la quieren comunicar a otros, con ambicion (sic) de criar hijos.<sup>1</sup> Mucho tiempo ha primero de oir, el que seguramento ha de hablar; i aprender por largos anos Discipulo, lo que Maestro ha de enseñar despues. </A=B> </B,3,I,3> <B,3,I,4> <A:B> Ai en este siglo un<sup>2</sup> desenfrenado apetito de escribir, i un mal vicio i como emulacion de luçir, i ostentar ingenio i sabiduria, entre aquellos que menos la conoçen. los Doctos i los Indoctos (dixo<sup>3</sup> un Gentil) acada paso escribimos Poemas. Aora, no solamente Poemas (que es menos aun que sobrado desconcierto) sino tambien Historias, Comentarios, Instrucciones i Trattados inmensos en cuantas materias i Facultades ai: en todo i de todo escribe el Docto i el Indocto. </A:B> <A=B> Lastimoso es, i digno de remedio este daño: por que quien aprenderà, si enseñan todos? i quien tendra tiempo para leer, si cada uno está ocupado en escribir? </A=B> </B,3,I,4> <B,3,I,5> <A=B> Ô como se hecha de ver el ingenio i condicion de los Mortales, mas aficionados i deseosos de hablar, que de obrar: i de parecer sabios, que de serlo! aunque algunos, por este camino; ni lo son, ni lo pa

\* [351 ...]

bios la noticia de alguna facultad, cuando la leche, no bien en ellos recibida, la quieren comunicar a otros, con ambición de ser padres los que aún no son hijos.</B:A> <ExB>Mucho tiempo ha primero de oír, el que seguramente ha de hablar; y aprender por largos años discípulo, lo que maestro ha de enseñar después.</ExB></B,3,I,3>

<B,3,I,4> <ExB>4. Desenfrenado apetito de escribir en este siglo, como er; otros.</ExB>

<B:A>Hay en este siglo, como de alguno de los pasados ya también se dijo, un desenfrenado apetito de escribir y una viciosa emulación de ostentar ingenio y sabiduría, entre aquellos que menos la conocen.

Los doctos y los indoctos, diio un antiguo, a cada paso escribimos poemas; pero ahora no solamente poemas, que es menor, aunque

\* [352]

sobrado atrevimiento, sino también Historias, Comentarios, Instrucciones, Disputaciones, Artes, y tratados inmensos en cuantas materias y facultades hay; en todo y de todo escribe el docto y el indocto libre y osadamente.

Lastimoso es y digno de remedio este daño, porque ¿quien aprenderá, si enseñan todos? y ¿quién tendrá tiempo para leer, si cada uno está ocupado en escribir, si ya el que escribe, no escribe solo para sí, y es único y necesario lector de sí mismo?</B:A> <Exb>Yacen por esta causa las divinas obras, y escritos admirables de los grandes maestros cubiertas de polvo en los rincones, o cuando mucho, para vana ostentación de compuestas librerías, encarceladas en estantes, sin que sirvan más que de una vistosa alhaja conlo dorado de las hoias y cubiertas, contentandose sus ueños tener noticia de sus títulos, y conocer los libros por de fuera. ¿Quien toma a Platón en las manos para leerle y entenderle? ¿Quien a Aristóteles? ¿Quién a Homero y Virgilio? ¿Quién a Cicerón y Quintiliano? Y, lo que es más digno de lástima y dolor, ¿quién se acuer da de revolver el sacrosanto volumen de los libros divinos, y los comentariOs y obras celestiales de los Santos Doctores llenos de misterios y sabiduría soberana?

Despreciados y olvidados estos utilísimos y dulcísimos escritos, el que más los ignora, y más ignora, se ocupa todo en escribir lo que no sabe.</ExB> </B,3,I,4>

<B,3,I,5> <ExB>5. Los que menos saben son los que más quieren ostentar saber escribiendo.</ExB>

<B:A>!Oh! cómo se echa de ver en esto el ingenio y condición de los mortales, más aficionados a hablar que a obrar; a enseñar que a deprender; y más deseosos de parecer sabios que de serlo, aunque por este camino ni lo son ni lo parecen, pues antes escu re fea y claramente su ignorancia.</B:A> <ExB>De s o s s y

\* [352...]

se a escribir, como de los sabios el detenerse y rehusarlo.

Conocí en Salamanca, teatro y oficina de las mejores letras, dos eminentes y sapientísimos varones, Curiel y Cespedes,aquel

(3) GENIO A

recen. </A=B> <A:B> No quiero, por esto, condenar, ni desanimar a los floridos Ingenios, para que dexen de haçer pruebas de si; ni a los ya saçonados i ricos de sabiduria, para que timidos, o, invidiosos la escondan i sepulten: que los talentos descubrirse tienen i lograrse: pero deseo haçer cantos a los unos i a los otros; para que ni se abalançen antes de tiempo, ni mas, de lo que permite la prudencia. </A:B> </B,3,III,5>

<B,3,I,6> <A:B> El que uviere de escribir, estudie, trabaxe, sude, i no tome la pluma en la mano, antes de haçer perfeta ideia i comprehension del asunto que emprende. I por que muchas veçes no basta esta noticia particular de la materia propria de su Intento; sino que es necesaria otra mas universal de diferentes Artes, Ciencias, Y Facultades, que pueden conduçir al mayor decoro, luz i ornato de lo que escribe; sera forçosa prevencion, el procurarla; i a vezes con mayor cuidado: porque es mas facil el descuido en las materias menos principales, i en ellas el acierto, destreça luce mas, como en las obligatorias el descuido se dissimula menos. Por esto dixo<sup>4</sup> el que señalo este Requisito al Escritor; que el principio i fuente de escribir bien, es el saber; sin determinar la materia particular desta sabiduria: porque

\* [353]

en la sagrada Teología, éste en la erudición de humanidad, y rogándoles yo con afecto y veneración de discípulo se aplicasen a escribir algo para darlo a la estampa, jamás lo pude conseguir de alguno de ellos, excusándose ambos con la dificultad que vamos ponderando.

En Aragon me sucedió lo mismo con otros dos, no menos excelentes ingenios, Lupercio y Bartolomé Leonardo 3, hermanos, y en toda culta erudición semejantísimos, deteniéndolos para publicar sus obras la ventaja misma que ellas hacían a las que fácilmente se suelen publicar.

No hallamos este encogimiento en los menos sabios, sino una confianza y animosidad muy hija de su vana presunción. Quiérenla honestar algunos con el especioso titulo de celo del bien común, y otros con el de precisa obligación y precepto que los violenta y fuerza. Es muy donoso el escrúpulo que para esto encarecen aquéllos en sus prólogos, de que se les pedirá estrecha cuenta del talento recibido; y si lo creen, será menor su culpa, mayor su ignorancia.

Mas, ¿quién de juicio entero creará de sí, y más cuando se lo disuaden otros, que tiene tal talento? !Gran sencillez, gran celo, o granvanidad y presunción como el publicar de estos otros, que se lo mandan con precepto irrevocable! Lo cual, si alguna vez se hace creible (como es en religiosos) muchas, en los que son dueños de si, se tiene por fingimiento vano, y especialmente en escritores menos sabios, que de éstos hablo ahora, en quien con la ignorancia reina el apetito de lucir y ostentar lo que no son.</ExB> <B:A>**No quiero por esto condenar a los floridos ingenios, para que desconfiados o encogidos dejen de hacer pruebas de si; ni a los ya sazonados y ricos de sabiduria, para que timidos o envidiosos la escondan y sepulten; que los talentos** (cuando verdaderamente los hay, y a luz de ajena y grave persuasión, en desengaño humilde se conocen) **descubrirse deben y lograrse; pero con esta mi advertencia quisiera hacer cautos a los unos y a los otros, para que ni aquéllos se abalancen antes de tiempo, ni éstos a más de lo que permite la prudencia.**</B:A></B,3,I,5>

<B,3,I,6> <ExB>6. Para escribir es menester ser absolutamente sabio.</ExB>

<B:A>**El que hubiere, pues, de escribir, estudie, trabaje y sude, y no tome la pluma en la mano antes de hacer perfecta idea y comprensión de lo que intenta. Y porque muchas veces no basta esta noticia Particular de la materia propia del asunto, sino que es necesaria**

\* [354]

**otra más universal de diferentes artes, ciencias y facultades, que pueden conducir al mayor decoro, luz y ornato de lo que escribe, será forzosa prevención el procurarla, y a veces con mayor cuidado;**

\* [353 ...]

**porque es más fácil el yerro en las materias voluntarias, en las cuales el acierto y destreza luce más, como en las obligatorias el descuido se disimula menos. Por esto dijo el que señaló este requisito al escritor, que el principio y fuente del escribir bien es el saber, sin determinar la materia particular de esta sabiduría; porque**

#### (4) GENIO A

para cualquier genero de escritura, si perfectamente ha de ser achada, se requiere, que el Escritor sea absolutamente sabio: pues ninguna facultad, o, ciencia ai que para su perfecta inteligencia no pida el consorcio i noticia de otras muchas, que hacen i constituyen sabio al que las tiene. </A:B> </B,3,I,6> <B,3,I,7> <A=B>Esta, obligacion comun a los que escriben, es muy particular a los que se dedican a la Historia: porque, aviendo de referir enella lo que ai, lo que pasa, i sucede en el Mundo; es lance forzoso tener noticia i cõ[m]prehension de todo ello; mas, o menos general, o particular, quanto lo fuere el Asunto del Historiador. Como ha de referir una grave i reñida controversia de Teologos, o Filosofos, que talvez turbó la Republica; si ignora los principios destas Facultades? </A=B> <A:B>Como, los pleitos, diferencias, i aun guerras, originadas del derecho, aveçes no bien entendido de los Jurisconsultos; si nunca, entre ellos, oyó el nombre de Cebola, Vlpiano, o Papiniano? Para describir un exercito, una batalla, un triunfo, una Provincia, una Republica, un Gobierno, que Militares i Politicos preceos no ha de trastornar? Si pinta fabricas i edificios, si refiere anuncios i efetos de astros i constelaciones

\* [354 ...]

para cualquier género de escritura, si perfectamente ha de ser acabada, se requiere que el escritor absolutamente sea sabio; pues ninguna facultad o ciencia hay que para su perfecta inteligencia y declaración no pida el consorcio de otras muchas que hacen y constituyen sabio al que las tiene.

El historiador debe saber toda ciencia y arte.

Esta obligación, común a todos los que escriben, es muy particular a los que se dedican a escribir Historia, porque habiendo de referir en ella lo que hay, lo que pasa y sucede en el mundo, es lance forzoso tener noticia y comprensión de todo ello, más o menos general o particular, cuanto lo fuere el asunto del historiador. ¿Cómo ha de referir una grave y reñida controversia de Teólogos o filósofos, que tal vez turbó la paz de la República, si ignora los principios de estas facultades? ¿Cómo declarar los pleitos, diferencias, y aun guerras, originadas del derecho y leyes, a veces no bien entendidas o cavilosamente interpretadas por los jurisconsultos, si nunca entre ellos oyó el nombre de Ulpiano y Papiniano?

Para describir un ejército, pintar una batalla, representar un triunfo, dar a conocer una extraña provincia y el orden y gobierno en paz y guerra de una República, ¿qué militares y políticos preceptos no ha de trastornar?

Si pinta fábricas, si refiere anuncios y efectos de astros y constelaciones,



(5) GENIO A

si declara ocultas propiedades de yervas i metales, si entra en la cultura de campos i jardines; como, sin tener mui a mano la inteligencia i noticia de todas estas cosas, se podra rodear? Pucs que? si ha de meter la pluma en lo Eclesiastico, en lo Religioso, en lo Espiritual i Contemplativo; cuanta ha de ser la comprehension que ha de tener de estados i exercicios tan sublimes? Es finalmente inmensa (sic) la materia a que se estiende la Historia, i asi tambien ha de serlo la noticia del Historiador: porque, como ninguna cosa ai que se escape de su pluma, asi a todos debe alcançar su inteligencia. </A:B> </B,3,I,7> </A seq 1>

<A seq 2> <B,3,II,1> <ExA>2. De aqui saco el segundo, i no menos provechoso documento para el Historiador, que es la Diligencia; </ExA> <A:B> tan debida a la Historia; que sus Autores, por loa particular i propria de sus obras, se han alçado con el titulo de Diligentes. </A:B> <A=B> Cuanto lo deban ser, por lo general raçon de escribir. Sabra conocer lo quien con la pluma en la mano suspenso dice<sup>5</sup>; considero, quan gran cosa sea, dar algo en manos de los hombres. Ni puedo persuadirme, que no deba comunicarse con muchos i muchas veçes, lo que se desea agrade a todos por una eternidad. Lo que

\* [354 ...]

si declara ocultas propiedades de yerbas y metales, naturalezas y condiciones de animantes varios, si entra en la cultura de campos y jardines, y de otras cien mil cosas a este modo, cómo sin tener muy a mano la inteligencia y noticia de todas ellas se podrá en su escritura rodear? Pues qué, si ha de meter la pluma en lo eclesiástico, en lo religioso, en lo espiritual, en lo sagrado, en lo divino, ¿cuánta ha de ser la luz, si ya no comprensión, que ha de tener de estados, ejercicios y cosas tan sublimes? </B:A> <ExB>Vuelva, pues, los ojos a la venerable antigüedad, de que en la Historia, o por asunto particular y propio, o por necesaria

\* [355]

consecuencia y anexión se debe dar noticia; y verá la obligación que tiene de haber pasado muchas veces los ojos por esos célebres escritores antiguos, y averiguado muchas de sus leyes, usanzas y sucesos pasados. ¿Qué arte, aunque sea de las más ordinarias, viles y mecánicas que hay en la República, qué ciencia, aun de las más escondidas y sutiles de la escuela, deja de ser importante, y a las veces necesaria para su relación?

Acuérdome que habiendo de referir en la Vida que escribía Yo de nuestra Madre Santa Teresa 4, un muy grande accidente que padeció en la cabeza de unos ruidos y turbaciones que sentía en ella, como la misma Santa confiesa en uno de sus libros, para entender y declarar qué cosa eran, y de qué procedían, me fue necesario no poco desvelo y conferencias sobre puntos y dificultades de Medicina con los más peritos en aquella facultad. Lo mismo me sucedió en otro caso de pintura escribiendo la Vida de nuestro V. P. Fr. Juan de la Cruz; que para describir un dibujo milagroso, que hizo el varón santo, me hube primero de hacer capaz de lo muy primoroso de aquella arte. Y a cualquiera que escribe Historia le sucederá también lo mismo en muchos casos de artes y facultades muy diversas, porque todas son necesarias al que ha de escribir con atención. </ExB> <B=A>Es, finalmente, inmensa la materia a que se extiende la Historia, y así debe también serlo la noticia del historiador, porque como ninguna cosa hay, que se escape de su pluma, así a todas debe alcanzar su inteligencia. </B=A> </B,3,I,7> </B,3,I,3,4,5,6,7> </B Seq 1>

\* [357]

<Tcap>CAPÍTULO II

DILIGENCIA DEL HISTORIADOR </Tcap>

<B seq 2> <B,3,II,1,2> <B,3,II,1> <ExB>1. La diligencia es propio requisito del historiador. </ExB>

<A:B>Al requisito de la sabiduría pertenece el medio para adquirirla en orden a las noticias necesarias a la Historia, que es el desvelo y diligencia, tan propia y debida a esta manera de escribir, que los historiadores, por lo particular de sus escritos, se han alzado con el título y epíteto de diligentes, como dando a entender que aunque también a otros escritores convenga este renombre, pero a ellos especialmente les pertenece y se atribuye. </A:B> <A=B>Cuánto lo deban ser, sabrá conocerlo quien con la pluma en la mano, cuerdamente suspenso, dice lo que un antiguo autor': «Considero cuán gran cosa sea dar algo en manos de los hombres, ni puedo persuadirme que no deba comunicarse con muchos y muchas veces lo que se desea agrade a todos por una eternidad». </A=B> <A:B>Dijo sabiamente, porque lo que

(6) GENIO A

ha de ser eterno, agradar, i sempre, a todos; que diligencia no merece? cual cuidado lo asegura? que solicitud no pide? </A=B> <A:B>no ya para eternizar una digna sentencia, sino para no dexar el Escritor eternizada su ignorancia, i estampado para siempre su descredito.</A:B> </B,3,II,1> <B,3II,2> <A:B>En el Historiador es mas estrecha esta obligacion: porque a su Diligencia està mas encomendada la verdad, como mas vinculada a sus palabras n(uest) ra Fe.</A:B> <A=B>En los demas Escritores examinados juezes lo que diçen; en el Historiador subditos lo adoramos sin examen: aquellos, si no lo prueban, los repruebo; este sencillamente propone, i lo recibo: antes bien, como niño, colgado a los pechos de su Relacion, trago çerrados los ojos, como leche, lo que en otros considero como bebida; i antes de entregarlo al gusto, lo encomiendo a la vista. Dignidad grande de la Historia? cuyos<sup>6</sup> pechos (seame licita gran alusion) son mejores que el vino: esto es su certeza, q [que] la de cualquier otra escritura.</A=B> <A:B>Por esto en pleitos i causas gravisimas se da entero credito<sup>7</sup> a una Historia antigua de autor calificado; i pende de su escritura talvez la sucesion de un Mayorazgo el interes i honor de una Familia, de una Repu

\* [357 ...]

**ha de ser eterno, agradar, y siempre a todos, ¿qué diligencia no merece?, ¿cuál cuidado lo asegura?, ¿qué solicitud no pide, no ya para eternizar una digna escritura, sino para no dejar el escritor eternizada en ella su ignorancia, y estampado para empre su descrédito, y una oscura fama de su nombre?**

</B,3,II,1>

<B,3,II,2> <ExB>2. Más diligencia se pide al historiador que a otros escritores.</ExB>

<B:A>En el historiador es más estrecha esta obligación de la diligencia en la averiguación de las noticias, porque a ella está más en-

\* [358]

**comendada la verdad, como más vinculada a sus palabras nuestra fe.**

<B=A>En los demás escritores examinamos jueces lo que dice; en el historiador súbditos lo adoramos sin examen. A aquéllos, si no lo prueban, los repruebo; éste sencillamente propone, y lo recibo, antes bien, como niño colgado a los pechos de su relación, trago, cerrados los ojos, como leche, lo que en otros considero como bebida que antes de entregarla al gusto, la encómiendo a la vista.

<B:A>Dignidad grande de la Historia, cuyos pechos, séame licita esta gran alusión, son mejores que el vino, esto es, que cualquiera otra escritura 2 Elogio propio de la divina y acomodado a ésta de la Historia.

**Por esto en gravísimas causas se da crédito a la de un historiador calificado, y pende tal vez de sola su escritura la decisión de un pleito, la sucesión de un mayorago, el honor de una familia**

(7) GENIO A

blica de un Reyno; i de toda una Monarquia i Nacion. De donde se infiere cuan religioso averiguador de la verdad ha de ser aquel, cuya pluma tenemos por oraculo<sup>8</sup>; i que no cumple menos, que con certísima noticia, el que a otros promete verdadera relacion.

De una de dos maneras debe ser abida, para que sea cierta, esta noticia<sup>9</sup> o, hallandose en los sucessos, o informandose de quien los sabe. Muchos juzgaron por necesario para la Historia, el ver con los ojos, lo que escribe con la pluma, confirmando con la<sup>10</sup> Etimologia de su nombre esta rigurosa lei. Más pidieron otros:<sup>11</sup> Que uviessse manejado el Historiador los negocios i cosas de que en ella trata. I, a la verdad, si uno i otro fuera tan posible, como necesario; solos estos debieran escribir Historia. Porque un suceso publico (a que mas particularmente atiende la Historia) aun que es patente; no lo son todas veçes, las causas i efetos del: antes aqui, tiende sus redes el engaño; i es adonde se çeba el error del vulgo: por que principios de sucesos mui publicos suelen ser mui secretos, i muchas de sus circunstancias mui ocultas: las cuales debe con prudencia (de que luego diremos)

\* [358...]

**de un Reino, y aun de toda una Monarquía y Nación. De donde se infiere, cuán religioso averiguador de la verdad ha de ser aquél, cuya pluma veneramos como oráculo, y que no cumple menos que con certísima noticia el que a otros la promete verdadera, para lo cual es menester sumo desvelo, diligencia y cuidado sumo.**

\* [358 ...]

En qué manera ha de procurar esta diligencia el historiador.

Esta noticia a que la diligencia se endereza, **de una de dos maneras debe ser habida para que sea cierta, o hallándose el mismo historiador en los sucesos, o informándose de quien los sabe con certeza.**

Muchos juzgaron por necesario, para la calificación de la **Historia** el ver su autor con los ojos lo que escribe con la pluma, confirmando con la etimología de este nombre **Historia** (que se origina de un verbo griego que quiere decir ver y conocer) esta rigurosa ley del historiar. Más pidieron otros, que no solamente viese, sino que hubiese manejado el historiador los negocios y cosas de que en su **Historia** trata. Y a la verdad, si uno y otro fuera tan posible y fácil como necesario, solos estos debieran escribirla. Porque un suceso público de los que suelen, y principalmente deben referirse aunque sea notorio, no lo son todas veces las causas y efectos de él, antes aquí es donde tiende sus redes el engaño, y se ceba el error del vulgo; porque principios de sucesos muy públicos suelen ser muy secretos, y muchas de sus circunstancias muy ocultas, las cuales debe el historiador incuirir y notar con diligencia, para que su na-

(8) GENIO A

referir el Historiador, para que no se burle del el que dixo<sup>12</sup>. Sin modo alguno creçe la pagina milesima: como vemos volumenes creçidos sin la particularidad i modo de un acaecimiento: como si cada uno tuviera sus circunstancias infalibles; i diciendo que matò, ó, vencio fulano; supieramos ya de que manera.</ExA> <A:B> **Para esto pues importàra la inteligencia pratica, a vida en los Cargos i Ministerios Superiores. Mas si esta lei fuera inviolable nadie pudiera Historiar lo distante, o pasado, i mui poco lo presente i sucedido en nuestra tierra. Debese dispensar; pues , o abrogarla, (si es, que alguna vez fue recibida por tal) i comutar en la Diligencia del que escribe, la vista i el manejo de lo que trata; que todo es encargar mas el cuidado i fe en el Historiador.</A:B> </B,3,II,3> <B,3,II,4> <A:B>De aqui se le recreçe una inmensa dificultad para la averiguacion de casos presentes, en que la variedad de los testigos, compite con el numero dellos, siendo este casi infinito; a cuya ce[n]sura esta expuesta una reciente Historia, con calumnia i quexa de los mas, cuyos testimonios, o, no sigue, o, cuyas glorias no refiere, o, cuyo indecoro no calla.</A:B> </B,3,II,4>**

<ExA>A todo lo cual no satisfaze un vulgar desvelo.</ExA> </A seq 3>

\* [359]

rración sea más llena, más particular y más gustosa y juntamente más fiel.

**Para esto, pues, fuera importante la inteligencia práctica, habida en los cargos y ministerios públicos con particular advertimiento.**

**Pero si esta ley fuera inviolable, de que sólo quien ve y trata los negocios haya de escribirlos, nadie pudiera historiar lo distante o pasado, y muy pocos lo presente y sucedido en nuestra tierra. Débese dispensar, pues, en ella, o abrogarla, si es que alguna vez fue recibida y observada, y conmutar en la diligencia del que escribe, la vista y el manejo de lo que en su escritura trata; que todo es encargar más el cuidado y fe en el historiador.**

**4. Qué diligencia ha de poner en averiguar sucesos presentes.**

**De aquí se le recrece una inmensa dificultad para la averiguación de casos presentes, en que la variedad de los testigos compite con el número de ellos, a cuya censura está expuesta una reciente Historia, con calumnia y queja de los más, cuyos testimonios y dictámenes no sigue, o cuyas glorias y hazañas no recuenta, o cuyo indecoro no disimula.** Con los primeros, ¿quién podrá averiguarse, si cada uno quiere sea únicamente suya la verdad, discrepando casi todos en su relación? Debe procurar las más fieles, de personas más advertidas y desapasionadas, y de más crédito y autoridad; y éstas, conferidas entre sí unas con otras, colegir de ellas y de todas la que tiene más apoyo, más apariencia y consecuencia con lo demás de los sucesos.

Para lo cual no parece necesario que el autor, que de nuevo los escribe, se halle presente a ellos, pues la diligencia dicha puede suplir las noticias de la vista, y aun corregir los engaños de la propia desatención y persuasión. Antes por esta causa vengo a tener por mayor conveniencia el no se hallar presente el historiador, porque así, libre de su particular opinión y noticia, que también como las de otros puede ser errada, tenga el ánimo libre y desapasionado para juzgar y conocer la verdad, examinando sin el amor y afecto de la propia, las ajenas relaciones: cosa dificultosa en los que se precian y jactan de que vieron ellos mismos las cosas, aunque con menos cuidado y atención.

Por lo cual vemos que cada uno de éstos tenazmente defiende lo que le parece vio contra los que también afirman que vieron otra cosa, o la misma en diferente modo y con muy diversas circunstancias; de lo cual todo está libre el que no la vio, y desapasionado para juzgarla rectamente.



(9) GENIO A

<A seq 4> <B,3,II,5> <A:B>4. Mas si esta solicitud se pide al que escribe cosas presentes, cual sera bastante al que desentierra las pasadas? </A:B> <A=B>Ô, que montes se ofrecen aqui de dificultades. No sabe que cosa es luchar con sombras i estantiguas, quien no ha tratado de investigar sucesos olvidados. En la Historia que los ofrece recientes, i aun casi vivos, es facil, o, menos dificultoso bolberlos a la luz i restituírles su antigua forma i vida: pero en aquellos, adonde no ha quedado rastro de calor, i estan ya del todo difuntos; que fuerças de ingenio i bien decir bastaran para restituirlos, sino fueren divinas, i con particular ostentación de su virtud? Yacen como en sepulchros gastados ya i deshechos, en los monumentos de la antigüedad (que por esto los Escritos se llamaron asi) vestigios de sus cosas.

Conservanse alli polvos i cenizas frias o (cuando mucho) huesos secos de cuerpos enterrados; esto es, de acaecimientos, cuya memoria casi del todo perecio. A los cuales para restituírles vida el Historiador, es menester, como otro<sup>13</sup> Ezequiel, vaticinando sobre ellos, juntarlos, unirlos, engazarlos, dandoles a cada uno su encage, lugar i proprio asiento en la dispoción i cuerpo de la

\* [360]

<B seq 4> <B,3,II,5> <ExB>5. Diligencia y dificultad para escribir cosas antiguas.</ExB>

<B:A>Pero si esta diligencia y averiguación se pide al que escribe cosas presentes, ¿cuál será bastante al que desentierra las pasadas?</B:A> <B=A>!Oh, qué montes se ofrecen aquí de dificultades! No sabe qué cosa es luchar con sombras y estantiguas, quien no ha tratado de investigar sucesos olvidados. En la Historia que los ofrece recientes y aur. casi vivos, es fácil o menos dificultoso volverlos a la luz y restituirles su antigua forma y vida; pero en aquéllos, a donde no ha quedado rastro de calor y están ya del todo difuntos, ¿qué fuerzas de ingenio y bien decir bastarán para restituirlos a la luz, si no fueren divinas y con particular ostentación de su virtud? Yacen, como en sepulcros, gastados ya y deshechos en los monumentos de la venerable antigüedad (que por esto los escritos se llamaron así) vestigios de sus cosas. Consérvanse allí polvos y cenizas frías, o cuando mucho, huesos secos de cuerpos enterrados: esto es, indicios de acaecimientos, cuya memoria casi del todo pereció; a los cuales para restituirles vida el historiador, ha menester, como otro Ezequiel, vaticinando sobre ellos, juntarlos, unirlos, engarzarlos, dándoles a cada uno su encaje, lugar y propio asiento en la disposición y cuerpo de la

(10) GENIO A

Historia; anadirles, para su enlaçamiento i fortaleça, nervios de bien trabadas conjeturas; vestirlos de carne, con raros i notables sucesos, estender, sobre todo este cuerpo asi dispuesto una hermosa piel de varia i bien seguida narracion; i ultimame[n]te infundirle un soplo de vida, con la energia de un tan vivo decir, que parezcan bullir i menearse todas las cosas de que trata, en medio de la pluma i del papel. Que tanto es neçesario para dar vida al cuerpo de una Historia, organiçado solo de fragmentos antiguos.</A=B> </B,3,II,5> </A seq 4>

\* [360 ...]

**Historia;** añadirles, para su enlazamiento y fortaleza, nervios de bien trabadas conjeturas; vestirlos de carne, con raros y notables apoyos; extender sobre todo este cuerpo, así dispuesto, una hermosa piel de varia y bien seguida narración, y últimamente infundirle un soplo de vida, con la energía de un tan vivo decir, que parezcan bullir y menearse las cosas de que trata en medio de la pluma y el papel: tanto es necesario para dar vida al cuerpo de una Historia organizada sólo de fragmentos antiguos 3. Ya esta especie de Historia entre los demás achaques que la hacen bastardear de la pureza Histórica, embuelve no solamente el oficio de anticuario, sino también el de controversista, i se ha de ocupar gran parte della, en conprobar i defender la verdad, responder a objeciones, concertar pleitos, reforçar causas, medir lugares, contraponer tiempos, traer Autores, calificar testimonios, i dar, a cada paso, razón de lo que se dice, so pena de que, en materias antiguas, controvertidas i dudosas, se quedará muy a la cortesía del lector la fe de lo que escribe. Por donde nadie con razón puede culpar al

\* [360 ...]

6. Historia de cosas antiguas pide oficio de Anticuario y de Controversista.

**Y a esta especie de ella, entre los demás achaques suyos, que la hacen bastardear de la pureza y propiedad histórica, envuelve no sólo el oficio de anticuario, sino también el de controversista Y arguyente, y así ha de emplear gran parte del cuidado en comprobar y defender la verdad de su narración, en responder a objeciones, componer diferencias, reforzar argumentos, investigar conjeturas, explorar causas, medir lugares, contraponer tiempos, traer y**

\* [361]

**examinar autores, calificar testimonios, y, finalmente, en dar a cada paso razón de todo lo que dice; pena de que en materias antiguas, controvertidas y dudosas, se quedará muy a la cortesía del lector la fe de lo que escribe.  
Por donde nadie con razón puede culpar al**

(11) GENIO A

Historiador de antigüedades, si, para dexarlas asentadas, se divierte a su prueba, viendo, que no basta la autoridad sola del que escribe, como en el Historiador de sucesos modernos, a cuya verdad se remite toda n(uest)ra fe.

Bien que, ni de lo antiguo es necesario dar siempre raçon: es a saber, cuando las cosas son vulgares, ciertas, o, creibles: pero la que fuere rara, dudosa, i sobrem anera grande, necesidad tiene de apoyos i testimonios superiores. Que a un Ministro mas cierto de la verdad, para hacer creible, la que tan rara proponia a la Virgen, se la quiso confirmar con exemplo. Por que en semejantes ocasiones, es mui recibido i justo<sup>14</sup>, que el que pide fe de lo que dice, la asegure primero. </A=B> </B,3,II,6> </A seq 5>

\* [361...]

historiador de antigüedades, si para dejarlas asentadas, como dicen, se divierte a su prueba, viendo que no basta la autoridad sola del que escribe, como en el historiador de casos modernos, a cuyo dicho se remite y defiere toda nuestra fe. Bien que ni de lo antiguo es necesario dar siempre razón, es a saber, cuando las cosas son vulgares, ciertas o creíbles; pero la que fuere rara, dudosa y sobre manera grande, necesidad tiene de apoyos y testimonios superiores; pues aun el Ministro más cierto de la verdad, para hacer creíble la que tan insólita proponía, cuando la saludó, a la Virgen, se la quiso confirmar con el ejemplo de su anciana parienta<sup>4</sup>. Porque en semejantes ocasiones, como advirtió el divino Ambrosios, es muy recibido y justo que quien pide fe de lo que dice. la asegure primero.

A la Diligencia de uno i otro pertenece la Festinacion lenta, esto es, la priesa vagorosa. Que no es mas Diligente el Historiador, cuando cuidadoso se apresura, que cuando circunspecto se detiene. Tiempo es menester, para informarse i consultar a muchos, para reconocer archivos, concordar escrituras, i ajustar relaciones: Tiempo, tambien, para despues de agregado el aparato, disponer la Historia i exornarla:

\* [363]

<Tcap>CAPÍTULO III

FESTINACION LENTA DEL HISTORIADOR EN LA COMPOSICION Y ENMIENDA DE SU OBRA</Tcap>

<B seq 6> <B,3,III,1,2,3,4> <B,3,III,1> <ExB>1. Cuidado y tiempo se requiere para escribir bien.</ExB>

<B:A>A la diligencia de uno y otro historiador, esto es, del que pone en memoria cosas antiguas o modernas, y de cualquier otro que escribe materias de importancia para publicarlas y darlas a la común luz, pertenece la festinación lenta, quiero decir, una manera de prisa vagarosa. Porque no es más diligente el escritor cuando afectuoso se apresura, que cuando circunspecto se detiene;</B:A> <ExB>pues aquí se verifica el adagio antiguo de harto bien, si harto presto; siendo así que para harto bien es menester harto cuidado, harto trabajo y harto tiempo.</ExB> <B:A>Es sin duda necesario tiempo al que escribe, para elegir o admitir un digno asunto; tiempo para hacer perfecta idea de todo el argumento; tiempo para agregar el material y preparar el aparato; tiempo para después de preparado, disponer la obra y exornarla

(12) GENIO A

i mucho mas tiempo, para reve-erla, limarla i enmenderla: i despues de todo esto, para dexarla dormir en un rincón muchos dias, hasta que mortificado el gusto del que escribe, i ella desnuda de aquella primera gracia de la novedad i afecto de la propiedad, la buelba a mirar su Autor como obra agena i antigua.</B,3,III,1>  
<B,3,III,2>Para esto pide el gran Maestro<sup>15</sup> de Escritores nueve anos, que (como yo interpeto) son los nueve meses del parto del Ingenio: para que bien formado i de dias salga a luz, i se logre por largo tiempo. Los que en menos salen a este Mundo, o son abortivos, o como ante-nacidas duran poco.</A:B> </B,3,III,2>  
<B,3,III,3> </B,3,III,3> <ExA> Duren pues mucho en las entrañas del Autor, para que despues dure[n] siempre en la memoria de los hombres.</ExA>  
<B,3,III,4> <A=B>Entanto<sup>16</sup> q[ue] la obra esta en la oficina de su Artifice, capaz es de mejorarse. Alli, con un amoroso desamor, la mira, la borra i desborra, la pule, retoca, i hermosea, prueba en ella las fuerças del ingenio, i compitiendo consigo mismo, se procura vencer, desconocie(n)dose por momentos, en las nuevas ideas, luces i perfecciones q[ue] cõcibe: lo cual, despedido el libro de casa, cesa todo: porq[ue] estã(m)pada en el, una vez, la palabra, vue[la irrevocable.]</A:B> </B,3,III,4> </A seq 6>

\* [363 ...]

y mucho más tiempo para reverla, enmendarla, pulirla, perfeccionarla; y después de todo esto, para dejarla dormir en un rincón muchos días, hasta que mortificado el gusto y tierno afecto del que la escribió, y ella desnuda de aquella primera gracia de la novedad, la vuelva a rever su autor, mirándola, no ya como cosa propia y reciente, sino como ajena y antigua.

</B:A> </B,3,III,1>  
<B,3,III,2> <ExB>2. Tiempo legítimo para los partos del ingenio.</ExB>

<B:A>Para esto pide el gran maestro de los escritores nueve años después de concebida y formada la obra, que (como yo interpreto) son los nueve meses del parto del ingenio, para que así bien formado

\*[364]

y de días salga a luz, y se logre por largo tiempo. Los que en menos salen a este mundo, o son hijos abortivos, o como antenacidos duran poco,</B:A>  
<ExB>especialmente aquellos que para su formación piden más espacio, cuales son obras grandes, o por la materia o por la extensión de la escritura.

Veinte años detuvo su primer tomo el príncipe de los Analistas Baronio 1, treinta gastó en ordenar los suyos el oráculo de los historiadores modernos Zurita2, otros treinta Cristiano Adricomio3 en formar su teatro de la tierra santa; y pocos menos en solo un breve, pero curiosísimo Tratado que escribió de la Sal nuestro elegantísimo Miedes4, y a este paso pudiéramos referir otros muchos insignes escritores que tomaron largo tiempo para disponer y perfeccionar obras, que aunque pequeñas en volumen, desearon fuesen en la perfección muy grandes. Preguntado en una de éstas su autor (a quien yo conocí) el tiempo que había gastado en ella, respondió que se avergonzaba de decirlo; y creyendo el que hacía la pregunta que por ser mucho, le respondió que antes por ser tan poco, porque él no tenía por grande, ni buena la obra que se hacía en poco tiempo. Tuvo, a mi ver, mucha razón, que no es crédito del autor ni de la obra el decir que se hizo en breve tiempo; si ya no fuese por virtud divina, que no le ha menester, pero en el obrar humano la obra grande pide mucho tiempo, y la que se hizo sin él, contra sí trae la sospecha de no ser tan consumada ni perfecta; y de cualquiera manera no se libra fácilmente su autor de justa acusación.

Porque dime, ¡oh tú que blasonas de que en una hora escribes un Tratado, y en un día un libro, esto es, en pocas horas, o días le compones y publicas!, ¿o el tal escrito es malo o es bueno? Si malo te culpo porque no tomaste tiempo para hacerle bueno; y si bueno, también te culpo, porque tomando más tiempo le hicieras mejor y más perfecto; pues el remirar la obra con espacio y sosiego, la mejora y perfecciona, luego nunca te puedes librar de justa acusación y menos gloriarte de que le escribiste en poco tiempo.

\* [365]

Excusa puede ser contra este cargo en el que no pudo más, y se le dio el tiempo señalado y corto, no estando en su mano el dilatarle o rehusar la empresa; pero en el que pudo eximirse de ella o alargar el plazo, ¿qué excusa admitirá, si la obra no es buena, o pudo ser mejor sólo a costa del tiempo?</ExB> </B,3,III,2>



<B,3,III,4> <ExB>4. Conveniencias de la detención en los escritos.</ExB>

<B:A>En tanto que la obra está en la oficina de su artífice (el libro debajo de la pluma de su autor) capaz es de mejorarse. Allí, dice nuestro Leonardo, se perfecciona:

A ejemplo del pintor que se retira del cuadro que formó, y no bien enjuto, con amoroso desamor le mira.</B:A>

<ExB>Cuyo pincel por reprendido, astuto socorre a la gran arte, que recibe del segundo cuidado mejor frutoS.

No sólo del segundo, sino del séptimo, y a veces vigésimo en la oficina del escritor; porque allí con aquel amoroso desamor la mira y remira veces sin cuento; allí</ExB>

<B=A>la borra y desborra, la pule, retoca y hermosea; prueba en ella las fuerzas del ingenio, y compitiendo consigo mismo, se procura vencer, desconociéndose por momentos en las nuevas ideas, luces y perfecciones que concibe.</B=A>

<ExB>Y

como trabaja por adelantarse a sí mismo, es fuerza que yendo delante de sí, se vea por las espaldas, y de esta manera venga a reconocerse por todas partes, sin que de su obra ni de sí le quede cosa oculta y exenta del registro y de la lima.</ExB> <B:A>Lo cual todo cesa, despedido el libro de casa, y dándole como a los esclavos libertad, con que se priva del derecho y dominio que tenía sobre él; sin que después el desengaño ya tardío pueda reparar los descuidos de la pluma, porque en las de sus alas publicado una vez el libro vuela irrevocable.</B:A> </B,3,III,4> </B,3,III,1,2,3,4> </B seq 6>

(13) GENIO A

<A seq 7> <B,3,IV,1> <ExB>7. Pero esta Diligencia, si bien es necesaria, no empero bastante;</ExB> <A=B>por que mal se acaba de desnudar de sus afectos el coraçon humano; i pocas veçes dexa de sobornar al juiçio la voluntad interesada, i mas en causa propria.

Debe, en la de su libro, el Escritor no fiar aun de su mas rigida censura: porque el mayor desagrado suyo llega embebidos mas aplausos que la mas benigna, i aun apasionada (si es ajena) sentençia.</A=B> </B,3,IV,1> <ExA>Apele pues, de la suya, a la de un Varon Docto i Recto, que libre i llanamente le advierta i desengane.

Docto le quiero en primer lugar: porque seria ridicula i absurda censura la de un Ignorante: debiendo el Censor de una Obra ser, por lo menos, tan versado i docto en la materia della, como su Autor.</ExA> <B,3,IV,2> <A:B> I digo por lo menos: porque de buena raçon, debiera serlo más: pues quien ha de advertirlo que al Artifice en su propria arte se le pasò por alto, i notar las imperfecciones, que se escondiero(n) a su mayor desvelo, mucho mayor desvelo i noticia, que el hade tener. Por donde se verá la temeridad de los que sin este requisito juzgan i censuran

\* [369]

<Tcap>CAPÍTULO IV

CONSULTA PARA LA ENMIENDA DE LA HISTORIA YA

ESCRITA</Tcap>

<B seq 7> <B,3,IV,1,2,3> <B,3,IV,1> <ExB>1. No basta la censura propia para enmendar las obras.

La detención y lentitud que en la formación de su obra pedimos al historiador, principalmente se endereza a perfeccionarla por medio de la enmienda, para la cual es menester tiempo y cuidado, como habemos dicho. Pero no basta el del mismo escritor para la recta censura de su obra,</ExB> **<B=A>porque mal se acaba de desnudar de sus afectos el corazón humano, y pocas veces deja de sobornar al juicio la voluntad interesada en causa tan propia.</B=A>** **<B:A>Debe, pues, en la de su libro no fiar de sí, ni aun de su más rígida censura, porque el mayor desagrado suyo lleva embebidos mayores aplausos que la más benigna y apasionada, si es ajena sentencia.</B:A>** <ExB>De esta suerte vemos muchos, que con ambición de humildad se vituperan ellos mismos, cuando interiormente se están adorando y despreciando a los demás, casi sin entenderlo ellos. Y el padre, que cuando más reprende al hijo y le desprecia, le está entonces fabricando ídolos en su corazón, sin acabar de conocer el uno ni el otro faltas en lo que aman; porque aun aquí, si ya no la verdadera caridad, el amor propio cubre la muchedumbre de pecados.

Tal, sin duda, es el tierno afecto del artífice para con su obra, del autor para con su libro. Cuán fácilmente dirá Marcial del suyo:

No con muchos borriones enmendarse podrán mis versos, uno sólo basta, por ser todos tan dignos de borrarse 1.

\* [370]

Pero guárdese el causídico que los quisiere condenar, y cualquier otro que osare censurarlos, porque entonces todos los borriones, o el universal borrón que este autor pedía para sus versos, los convertirá en tiznar la fama de quien los reprendiere, como se ve en tantos epigramas que a este intento compuso. Por lo cual si el historiador es cuerdo y busca el mejoramiento de su Historia en desengaño de una fiel censura, apele de la propia suya a la de un varón docto y recto, que sabia y llanamente le diga la verdad.</ExB> </B,3,IV,1>

<B,3,IV,2> <ExB>2. El censor ha de ser docto y recto y cuáles las censuras.

Docto y recto se debe procurar el censor para la calificación o enmienda de una obra. **Docto, en primer lugar, porque sería ridícula y absurda censura la de un ignorante, debiendo el censor de una**

\* [370...]

**obra ser, por lo menos tan versado y docto en la materia de ella, como su autor mismo.</ExB>** **<B=A>Y digo por lo menos, porque de buena razón debiera serlo más; pues quien ha de advertir lo que al artífice se le pasó por alto y notar las imperfecciones que se escondieron a su mayor desvelo, mucho mayor desvelo y noticia que él ha de tener.**

**Por donde se verá la temeridad de los que sin este requisito juzgan**

(14) GENIO A

ajenas Obras; </A:B> <A=B> i el desacierto de quien busca, o, senala Censores semejantes. </A=B> </B,3,IV,2> <B,3,IV,3> <A=B> Recto le quiero tambien, para que ni el odio ni el aficion perturben la Censura.<sup>17</sup> Un Quintiliano, que consevera llaneça diga: corregid esto: emendad estotro; borrad aquello; i no dexe clausula, periodo, sentencia, palabra, ni aun apiçe que no lo mire, pese, i examine todo con advertidisima prudentia. Mucho es lo que pido eneste requisito; i dificultoso de hallar: por que lo ordinario es, topar cõ(n) uno de los extremos en los que censuram Obras agenas.

Unos aí, que todo lo alaban. Otros, que todo lo vituperan; ora sea (en ambos) por natural, o, por afectada pasion. Aquellos nunca os diran: esto esta malo: estos nunca: aquello bueno. </A=B> <ExA> I es cosa maravillosa, que si alaban, o vituperan, siempre ha de ser hasta el Iperbole mayor: si bien con una diferençia que, cuando los guia la pasion afectada, es mas sin limite el encareçimiento: por que la enemistad i la adulaçion, se las apuestan a los afectos naturales en las demostraciones exteriores, como la adulacion ala alabrança verdadera<sup>18</sup> </ExA>

\* [370 ...]

**ajenas obras, y el desacierto de quien busca o señala censores semejantes,** </B=A>  
<ExB>si ya no los excusa el constituirse tales, sólo para lo que en la obra pertenece a su esfera y calificarla en la general circunstancia de útil o no dañosa a la República; que en cualquier materia es fácil de conocer al medianamente versado en ella. Pero el daño y abuso es que el escritor no tanto busca censura, cuanto elogios; y el magistrado que da los revisores, por complacer al autor, señala los que él pide, siguiéndose de aquí el hacer unas aprobaciones panegíricas, llenas de vanísimas alabanzas hiperbólicas, con que a las veces se descubre tanto la ambición del que censura como la vanidad del censurado. Y aun éste no es el menor daño que de aquí se sigue, sino el descuido o afectada omisión en disimular gravísimos defectos en los libros, ocupándose el censor más en la composición del elogio, que en el examen y averiguación de la doctrina.

Cuánto mejor y más fácil sería con una breve y grave cláusula. o pocas más, aprobar el libro, poniendo el mayor cuidado y trabajo en reverle y censurarle. Véanlo esto los magistrados a quien toca que a mí y al lector basta el advertirlo aquí privadamente para entrambos. Yo confieso que cuando topo al principio de un libro

\* [371]

esta inútil y ambiciosa carga de elogios, pierdo con la paciencia la estimación del autor y de la obra 2; y apenas me queda sazón para entrar en su lectura, pareciéndome que quien busca o afecta semejantes loores no puede tener la madurez y gravedad que para escribir y enseñarnos se requiere.

De esta regla sacamos a los autores ya difuntos o ausentes, cuyas obras por ajena industria salen a luz; y a los que por la gravedad y opiniones de la materia, buscan dignos apoyos de su sentir en ella; y, finalmente, a los que sin afectar vano loor, que luego se conoce, admiten censuras de varones graves y enteros, cuya autoridad conduce mucho a la de su obra, que entonces al principio o al fin de ella se podrían poner.</ExB> </B,3,IV,2>

<B,3,IV,3> <ExB>3. La rectitud del censor cuál ha de ser y cómo huir de los extremos.</ExB>

<B:A>**Recto quiero también al digno censor para que ni la afición ni el odio perturben la censura. Un Quintilio 3, que con severa llaneza diga: Corregid esto, enmendad estotro, borrad aquello; y no deje cláusula, período, sentencia, palabra, ni aun ápice, que no lo mire y remire, pese y examine todo con advertidísima prudencia. Mucho es lo que pedimos en este requisito y dificultoso grandemente de hallar, porque lo ordinario es topar con uno de dos extremos en los que censuran ajenas obras.</B:A> <B=A>Unos hay que todo lo alaban, otros que todo lo vituperan; aquéllos nunca os dirán: Esto es malo; y éstos nunca: Aquello es bueno;**

\*[371 ...]

**ora sea en ambos por natural o por afectada pasión</B=A>**, <ExB>vicio muy general en la aprobación o reprobación de obras, acciones y sujetos. Cayóle en gracia uno al que así juzga, o ya fuese por natural simpatía, o ya por otras circunstancias en que la diligencia o el interés suelen hacer milagros; y en tal caso cuanto aquella persona obra, dice y piensa todo es bueno, justo y santo, y de todas maneras con-

(15) GENIO A

<A:B>clamarà, cuando oyere v'ro (vero) papel, el lisongero:</A:B> <A=B>Bien divinamente; del cielo es esta clausula: nadie hasta aqui llego. Alçara los ojos i la voz arqueara las cejas, i hiriendo entre si las manos, i con el pie la tierra, todo el se convertira en aplauso, exterior de vra[vera] obra, cuando interiormente estara el Burlador haciendo mofa i risa.</A=B> <A:B>No busques (diçe<sup>19</sup> un sabio) para que te desengane, i diga la verdad al que de ti pende, por esperar, o, tener de tus manos el suceso; ni al que obligaste,o, prometes obligar con beneficios: porque sera poner en contingencia la mayor rectitud.</A:B> </B,3,IV,3>

<ExA>Cuanto a los tales deba creerse, dixolo uno en facil i breve Poema; por que suavizar tanta severidad preceptiva, anadire aqui

No es licito creer: que es todo engaño ni  
tam poco, que todo es verdad pura  
cuanto os dice el que aplaude con blandura,  
de vos si espera el bien, o teme el daño.

Reçelarse de todo, es desengano,  
i fiarse de todo, gran locura,  
disimular, aveçes, es cordura  
i haçerse todo a todos, don estraño.

No puede, en esto, regla cierta hacerse:  
mas si algo en ello, por mis canas, valgo  
tomad de mi consejo, en esto modo  
Digo, que, eneste caso, ha de creerse  
a muchos destos, nada; o pocos, algo;  
a menos, la mitad; a nadie, todo.</ExA> </A seq 7>

\* [372]

veniente, y no hay otro sujeto ni talento, para cuantos cargos y ministerios se ofrecieren, sino éste. Por el contrario, cayóle en desgracia por alguna de las causas o circunstancias opuestas a las dichas; y entonces, ¡oh pobre de ti, cualquier que seas, bien puedes hacer milagros, y ser en todo el primer hombre del mundo, que para con este juez y censor has de ser el último y peor de todos, y nunca acertarás cosa, por más que te desveles! Extremos viciosísimos ambos, y de gran daño en las elecciones de oficios de la República y graduación de talentos. La prudencia siempre ocupa el medio y se guarda libre para aprobar lo bueno en medio de lo malo, y reprobar lo malo en medio de lo bueno, juzgando con rectitud, y dando con el peso fiel de la justicia a cada uno su derecho, a cada cosa su debida estimación distinguiendo y estimando en un mismo sujeto y en una misma acción lo bueno y lo malo, sin que la censura de lo uno sea agravio o favor de lo otro. Pero entre estos viciosos censores se debe el autor de un libro especialmente guardar de aquél, en quien la malicia o el interés aviva la lisonja.</ExB> <B:A>**Clamará oyendo vuestro papel: ¡Bien! ¡Divinamente! ¡Del cielo es esta cláusula! ¡Nadie hasta aquí llegó! ¡Quién si no vos pudo pensarlo! Alzará los ojos y la voz, y arqueando las cejas y arrugando la frente herirá una mano con otra y con el pie la tierra, y todo él se convertirá en aplausos exteriores de vuestra obra, cuando interiormente el gentil burlador estará haciendo escarnio y mofa de lo que más alaba.**Tampoco debes buscar para que te desengañe y diga la verdad al que de ti pende, por temer o esperar alguna cosa, ni al que obligaste o prometes obligar con beneficios, porque será poner en contingencia la mayor rectitud.</B:A> <ExB>Y si quieres oír al que no se puede, ni te puede engañar: «Guarda, dice, del consejero tu ánima, tu vida y tu honor, y para que conozcas la rectitud de su consejo, procura saber primero su necesidad y pretensión»<sup>4</sup>. ,Oh, cómo acertarías a elegir censores y consejeros en tus obras, si supieses penetrar y estimar sus intenciones! Libre, libre de todo afecto y pasión ha de ser el que te ha de aconsejar y censurar sanamente.</ExB> </B,3,IV,3> </B,3,IV,1,2,3> </B seq 7>

(16) GENIO A

<A seq 8> <B,3,IV,4> <A:B>8. Hallado ya el Censor Docto i Recto, que importaria si el Escritor no fuese Blando i Docil, para recibir i lograr las advertencias; que le hiciese? Es de Ingenios mui dispuestos a la sabiduria, la Docilidad; antes bien de los ya sabios; como quien sabe lo que ignora el que mas sabe, i que el camino para salir de la ignorancia, es la buena disposicion de un docil animo. E nesto se conoçen i diferencian los mas dignos escritores, de los que no lo son:<sup>20</sup> porque, de ordinario, ninguno oye con mas gusto reprehensiones, que los que merecen mayores alabaças: como, al revés el menos digno de loor, al primero advertimiento, arroja la paciencia.

No como aquel tan Docil, quanto Modesto Espiritu, el divino africano: el cual a sus amigos zelosos contra sus Calummadores respon dio<sup>21</sup>:

"Si contra aquellos, que con Malicia, o, Ignorancia, o, Inteligencia me reprehendem, en tal manera me defendeis, que digais; no aver yo errado jamas en alguno de mis escritos; trabajais en vano: no aveis tomado a cargo buen pleito: facilmente, siendo yo mismo el juez, sereis en el vencidos". Ô, bien templado animo! cuya docilidad admite la



\* [372 ...]

<B seq 8> <B,3,IV,4,5,6,7> <B, 3, IV, 4> <ExB>4. El escritor ha de ser blando y dócil para la enmienda.</ExB>

<B:A>Hallado, empero, este tal censor, cual aquí le habemos pintado recto y docto,</B:A> <B=A>¿qué importaría si el escritor no fuese blando y dócil para recibir y lograr las advertencias que le hiciese?</B=A> <B:A> Es de ingenios

\* [373]

bien disciplinados y dispuestos a la sabiduría la docilidad, como quien sabe lo que ignora el que más sabe, y que el camino para salir de la ignorancia es la buena disposición de un dócil ánimo.</B:A> <B=A> En esto se conocen y diferencian los dignos escritores de los que no lo son, que de ordinario ninguno oye con más gusto sus reprensiones que los que merecen mayores alabanzas; como al contrario, el menos digno de loor, al primer advertimiento arroja la paciencia.</B=A> <B:A> No como aquel tan dócil cuanto modesto espíritu del divino Africano, el cual a sus amigos celosos contra sus calumniadores escribió:</B:A> <B=A>«Si contra aquellos que por malicia, ignorancia o inteligencia me reprenden, en tal manera me defendéis que digáis no haber yo errado en alguno de mis escritos, trabajáis en vano; no habéis tomado a cargo buen pleito, fácilmente, siendo yo mismo el juez, seréis vencidos»5.</B=A> <B:A> !Oh bien templado ánimo, cuya docilidad admite

(17) GENIO A

representacion aun del Ignorante i Malicioso. Docil sea, pues, i blando el Escritor: i tan deseoso, i (por decirlo asi) ambicioso del mayor acierto; que no se contente con solo el parecer de uno, aun que mui sabio: consulte a muchos; que siendo tales, cuales avemos, dibuxados, luz i seguridad anadiran a la Censura, i mayor autoridad a la Obra i al Autor. </A=B> </B,3,IV,4> <B,3,IV,5> <A=B>No, empero, sean demasiados en numero, ni confusamente admitidos los Censores; sino con limite i orden conveniente. Siempre me agrado el que tuvo aquel unico, i, (para mi), nunca segundo Plinio<sup>22</sup>. </A=B> <A=B> Ningun linage de enmienda (dice) omito: primeramente lo, que ya he escrito, vuelve conmigo mismo a tratar i conferir: despues lo leo a dos, o, tres: luego lo entrego a otros para que lo vean i censuren, i sus notas i advertencias, si en ellas tengo alguna duda, las comunico i trato con uno u (sic) otro: i ultimamente, ya enmendada la Obra, la recito i leo a muchos juntos.

Esta era la Diligencia i Docilidad de aquel discretisimo Escritor. Vsabase<sup>23</sup> entonçes el recitar a muchos amigos juntos las Obras que uno escribia, antes de publicarlas; i principalmente las Historias: costumbre, quanto provechosa, olvidada ya enestos tiempos en que tan

\* [373 ...]

el advertimiento no sólo del sabio y bien intencionado, sino aun del ignorante y malicioso! Dócil sea, pues, y blando el escritor, deseoso, y, por decirlo así, tan ambicioso del mayor acierto, que no se contente con sólo el parecer de uno, aunque muy sabio. Consulte y oiga a muchos, que siendo tales cuales pediamos ahora los censores, luz y seguridad añadirán a la censura, y mayor autoridad a la obra y al autor.</B:A> </B,3,IV,4>

<B,3,IV,5> <ExB>5. De qué manera y en qué número se han de procurar Los censores.</ExB>

<B=A>No, empero, sean demasiados en número, ni confusamente admitidos los censores, sino con limite y orden conveniente.</B=A> <B:A>Siempre me agradó el que tuvo aquel único, y para mi nunca mozo, ni segundo Plinio. «Ningún linaje, dice, de enmienda perdono. Porque primeramente lo que Ya tengo escrito, vuelvo conmigo mismo a conferir, después lo leo a dos o tres;</B:A> <B=A>luego lo entrego a otros para que lo vean y censuren; y sus notas y advertencias, si en ellas tengo duda, las comunico y trato con uno u otro; y últimamente ya enmendada la obra, la recito y leo a muchos juntos,</B=A> <ExB>para que a la presencia y reverencia de tantos el temor, que es el que mejor advierte los defectos, dé la última censura y lima» 6.</ExB> <B=A>Esta era la diligencia y do

\* [374]

cilidad de aquel discretísimo escritor.</B=A> <B:A>Usábase entonces el recitar a muchos juntos las obras, antes de publicarlas, y principalmente las de Historia y Poesía, costumbre cuanto provechosa, olvidada ya en nuestros tiempos, en que tan

(18) GENIO A

facilmente i tan sin lima, se dan a la luz Escritos, mui dignos de tinieblas.</A:B>  
</B,3,IV,5> <B,3,IV,6> <A:B>Bien que, yo seria de opinion, que no tanto se recitase, quanto se diese privadamente a leer la obra que se ha de censurar: por que la gracia del que recita, (i mas si es el mismo Autor) i la desatencion, talvez casi forçada, del que oye hurtan, en gran parte, el juizio a la censura; la cual, no tanto a la oracion acelerada, i respetosa, quanto ala solitaria i atenta lecion se ha de fiar. Yo<sup>24</sup>, en lo que para leerse, escribo, mas quisiera ser aprobado, quando me leen; que, quando me oyen: por que muchas veçes acontece, que lo que se oyò con admiracion, se lea cõ(m) desprecio: que como falta el soborno de la pronunciaciõ(m), con que se disimulan muchas menguas, que dan ellas i la Obra patentes, i desnudas a los oyos de quien , sin aquel rebozo i mui despacio, las mira. Entregue pues, su obra el Docil i cuerdo Escritor a uno i a muchos Doctos i Rectos censores, para que a su justo i , a solas la lean, i puedan atentamente considerarla i remirlarla muchas veçes. Toda esta Diligencia pedimos al que ha de publicar cualquier Escrito, pero principalmente al que escribe Historia; en la cual el yerro es mas facil, menos ordinario el acierto, i el daño mas Universal.</A:B>  
</B,3,IV,6> <B,3,IV,7> </B,3,IV,7></A seq 8>

\* [374 ...]

**fácilmente y tan sin lima se dan a luz escritos muy dignos de tinieblas.**

</B,3,IV,5>

<B,3,IV,6> <ExB>6. Ventajas de la censura que se hace a solas en solitaria lección.</ExB>

<B:A>**Bien que yo sería de opinión que aunque la obra se recitase**</B:A> <ExB> delante de muchos para sacar los provechos y efectos dichos, que en concurso y conferencia de los que la oyen son muy ciertos, y que también a particulares se recitase; pero que para más exacto juicio de ella, se diese privadamente a leer a esos mismos, eligiendo para esto los más advertidos en la censura y lima;</ExB>

<B=A>**porque la gracia del que recita y más si es el mismo autor, y la desatención tal vez casi forzosa dei que oye, hurtan en gran parte el juicio de la censura.**</B=A> <B:A>**La cual no tanto a la recitación acelerada y respetuosa, cuanto a la solitaria y atenta lección se ha de fiar.**</B:A> <ExB>

No se puede en aquella celeridad de la recitación advertir enteramente el misterio del concepto, de la frase, ni aun a veces de la palabra, y lo que más se percibe es el sonido y cadencia de las cláusulas. Y cuando lo advierta y entienda todo, no puede hacer conferencia de lo que oye con lo que oyó y con lo que ha de oír; todo lo cual se concede al que de espacio y a solas lee y vuelve a leer y a conferir lo que está escrito. Por esto dijo uno:</ExB>

<B=A>**«Yo en lo que escribo, más quisiera ser aprobado cuando soy leído que cuando soy oído, porque muchas veces acontece que lo que se oyó con admiración se lea con desprecio.**</B=A> <B:A>**Que como falta aquella gracia y energía de la pronunciación con que se disimulan muchas menguas, quedan en la solitaria lectura ellas y la obra patentes a los ojos de quien sin aquel rebozo y muy despacio las mira».**</B:A> <ExB>

Vuelve el tal una y muchas veces a leer lo que leyó; hace reflexión sobre cada cláusula y palabra; examina la sustancia de la razón, la consecuencia y dependencia de ella con las que le preceden y se siguen; atiende al estilo, frase, número, colocación y sonido de las palabras y a otras mil cosas, que todas requieren libre y espaciosa advertencia, la cual se halla más en la quieta y solitaria lección que en la apresurada recitación.</ExB> <B:A>**Entregue, pues, su obra el dócil y cuerdo escritor a uno y a muchos doctos y rectos censores, para que ellos a su gusto y a solas la lean, y puedan atentamente considerar y remirlarla muchas veces.**

Toda esta atención pedimos al que ha de publicar cualquier escrito pero principalmente al que escribe y publica **Historia**, porque en

\* [375]

ella el yerro es mas fácil, menos ordinaria la enmienda, y el daño o el provecho más universal.</B:A> </B,3,IV,6>

\* [375 ...]

<B,3,IV,7> <NvB>7. La excesiva tardanza y afectación de las enmiendas daña a los escritores.

Pero en remate de esta materia es justo advertir que no por este gran aprieto con que obligamos a los autores a la enmienda de sus obras, queremos aprobar la inmensa tardanza y descontento de algunos; los cuales, o tímidos de la detracción, nunca se atreven a publicar sus obras, diciendo que las están purificando y enmendando, o ambiciosos de la mayor perfección de ellas, siempre las están haciendo y deshaciendo. Despreciar se debe el aura popular y también los dientes de la envidia, y obrar con libertad y pureza de intención. La lima también no ha de hacer más que alisar y pulir, no gastar y descomponer, ni a vueltas de las motas, que la espinza saca del paño para dejarlo igual, se han de sacar bocados de la pieza. Ni tampoco esperar jamás que la obra no haya de tener por alguna parte imperfección o quiebra alguna, porque eso es pedir y esperar un imposible; basta que con todo el cuidado posible a la flaqueza y prudencia humana se procure perfeccionar, y que la obra llegue a estado que los doctos y cuerdos la juzguen por muy digna de luz. Mas porque este extremo de cuidado en la enmienda y desconfianza en la obra propia es tan raro en los escritores, cuanto frecuente el opuesto a él, no hay para qué añadir aplausos a la flojedad humana, que siempre necesita más de espuela que de freno en las cosas que se perfeccionan a fuerza de cuidado.</NvB> </B,3,IV,7> </B,3,IV,4,5,6,7> </B seq 8>

(19) GENIO A

<A seq 9> <B,3,VII,7> <ExA>9. Otro grande requisito del Históriador es el juicio de las cosas; tanto mas necesario, quanto, mas caro en los Autores. Muchos ai Diligentes; pocos en sus Historias Iudiciosos: Pende aquello del trabajo; i esto, mas que del ingenio.</ExA> <A:B>Porque pende tambien de la buena disposicion del animo,<sup>25</sup> temple de los afectos, i concierto de las palabras: las cuales, en el Historiador, deben estar tan arrendadas; que ni el Amor, ni el Odio le gobiernen la pluma; ni la Esperança, o el Miedo, se la tiranizem.</A:B> <A=B>Que si bien debe a su Patria, debe a sus Deudos, debe a sus Amigos honrosa i officiosa memoria, quando la narracion le ofreçe lugar, i no se encuentra con la justicia: pero agraviar esta, por cõplaçer a aquellos, es destruir el fruto de la Historia, violar el sacramento de su fe, i desterrar de sus Escritos, juntamente con la Verdad, la autoridad.</A=B> <A:B>Libre pues ha de estar el animo del Historiador, como el del juez,</A:B> </B,3,VII,7> <ExA>destos afectos, para juzgar con rectitud, quando le obligare, o, diere ocasion a ello su Historia. En la qual no es la menor parte deste juicio conocer lo que se debe callar, i omitir; lo que escribirse i publicarse.</ExA> <B, 3, V, 2> <A:B>No todo lo que sucede; es licito, ni provechoso, el referirse, como ni

\* [394]<B seq 9> <B,3,V,1,2,3> <B,3,VII,7> <ExB>7. Cómo debe templar sus afectos el historiador.</ExB>

<B:A>El general remedio contra todos estos achaques para la entereza que al historiador pedimos se cifra y resume en **la buena disposición del ánimo, temple de los afectos y concierto de las pasiones, las cuales debe tener tan arrendadas, que ni el amor ni el odio le gobiernen la pluma, ni la esperanza o el miedo se la tiranicen. Que si bien, como se ha dicho, debe a su patria, debe a sus reyes, deudos y amigos, y a sí mismo se debe, en ocasión precisa, alguna honrosa y oficiosa memoria, cuando la narración le ofrece lugar, y no se encuentra con las leyes de la verdad y la justicia; pero agraviar éstas por complacerse a sí y a aquéllos, es destruir el fruto de la Historia, violar el sacramento de su fe, y desterrar el historiador de sus escritos juntamente con la verdad, la autoridad.**</B:A>

<ExB>Para conservarla se dice usan los tártaros en la provincia de Citalcay o Catayo, una notable diligencia, y es que cuando eligen su monarca, que ellos llaman Cingiscan, hacen juntamente una secreta elección de doce varones para historiadores de su príncipe; los cuales cada uno de por sí, sin que nadie, ni el mismo príncipe lo sepa, ponen en memoria sus hechos y modo de gobierno, sus vicios y virtudes y todo lo sucedido en su tiempo; y después el día de su muerte en la misma sala donde le ponen públicamente difunto, convocado y junto el pueblo y magistrados, lee cada uno de los historiadores su relación, de las cuales todas después de esto se forma y compone una muy ajustada a la verdad; y ésta escrita en un libro duradero, la asen con fuerte candado a una de las aldabas del sepulcro de aquel príncipe, para que allí perpetua y públicamente se pueda leer. De esta manera excusan los autores el temor a la violencia o el respeto a la esperanza, con que muy de ordinario suelen viciarse las Historias de los príncipes. Porque escribir de uno a su vista y a su registro y censura Historia de sus hechos y gobierno, ¿cómo se puede excusar de temeridad o adulación? ¿Qué constancia es menester para publicar, no ya el vicio sino la desdicha o menos felicidad de un príncipe en su vida y gobierno? ¿Y qué rectitud y limpieza de intención para no adulterar lo bueno con lisonjas? Por esto, o no se escriba cuando él vive, o no se sepa, como hacen los tártaros, viviendo él, quién escribe; y por ningún caso se publique lo que de él se escribe en vida suya. para que así lo que se escribiere no pague tributos al afecto o al temor, ni se regule, sino con la verdad tan solamente. Ni se condena por esto la próvida curiosidad de aquellos que en breves apuntamientos ponen en memoria los casos y cosas más

\*[395]notables que en tiempo y vida de los príncipes suceden. Con tal

\*[395 ...]empero, que ni tampoco esto se haga y regule por su gusto, ni otro fin semejante, en ue pueda tropezar la entereza del que tiene este oficio.</ExB>

<B:A>Libre, libre ha de estar siempre el ánimo del historiador, como el del juez, para narrar con sinceridad y escribir con rectitud lo que conviene.</B:A> <ExB>Y para que se pueda hacer esto con más libertad aconsejaría yo no se escribiesen Historias de cosas muy recientes cuya gloria o infamia pertenece a personas poderosas, que aún son vivas; ni aun las acciones de los padres en tiempo de los hijos en quien aún está hirviendo con la sangre la memoria y afecto a ellos, hasta que en la edad de los nietos, que suele ya ser otro siglo, se haya resfriado aquel afectuoso y tierno calor, cuando ya se miren como de lejos, y menos propias al príncipe vivo, las acciones del abuelo difunto. Por esta causa, consultado aquel monstruo de erudición, Lipsio<sup>4</sup>, del prodigio de los ingenios Lupercio, qué materia elegiría para escribir en la Historia de Aragón, que estab entonces a su cargo, le respondió con aquel su



misterioso y docto laconismo: Tuta, tuta, id est vetera: lo seguro, lo seguro, esto es, lo antiguo. Con que dijo en sola una palabra, lo que aquí apenas habemos significado en muchas.</ExB> </B,3,VII,7>

\* [378]<Tcap>CAPITULO V

ELECCION DE LO QUE HA DE ESCRIBIR Y JUICIO PARA LO QUE HA DE CENSURAR EL HISTORIADOR</Tcap>

<B,3,V,1> <NvB>1. Gran examen del asunto y de las propias fuerzas para él en el escritor.

No es menester poca prudencia, gran parte de la sabiduría del historiador, para elegir lo que conviene eternizar en la Historia. En dos ocasiones más principalmente se requiere, es a saber, en elegir el asunto y argumento de toda la obra, y en las cosas particulares que se han de escribir en ella.

Los asuntos o son libres o necesarios, quiero decir, o voluntarios o imperados de quien puede con violencia obligar. En estos últimos no hay que escoger, sino bajar la cabeza y recibir la carga; pero se ha de trabajar en ellos y tratar la materia de suerte que parezca no imperado el asunto, sino voluntariamente elegido, y que el escritor no tenga necesidad de valerse de aquella triste y apenas creída excusa del precepto y obediencia precisa; porque nadie acaba de creer que quien de veras se quiere excusar de escribir no lo pueda hacer; pues estas acciones que requieren tan sazónada disposición del ánimo, nunca se mandan con apremio tan riguroso que se pueda presumir violencia en el ingenio; el cual como fuente y raíz de la libertad humana se conforma con la voluntad en el obrar libre y aborrece todo violento imperio.

Trate, pues, el que de algún modo se ve obligado a un particular o general asunto, la materia de él con la destreza y desahogo que si fuera libre, o con efecto se excuse de emprenderle. Pero el que tuviere libertad de escoger asunto a su albedrío, pecará torpemente si le eligiere o indigno en la materia o sin proporción a su ingenio.

En la materia será mucho indigno el que, o por la grandeza y rareza de las cosas o por la grande utilidad o ya recreación que de él se sigue a la vida humana, no fuere estimable. Será sin proporción al escritor, el que excediere los estudios, los ejercicios, las fuerzas y alientos del ingenio, y si excediere también las comodidades necesarias para escribir, sin las cuales importa nada lo demás.

De donde se colige el cuidado y atención con que debe quien voluntariamente se aplica a escribir, examinar las fuerzas y aptitud de su talento para aquella obra, y que será gran prudencia y sabiduría probar primero, y como tomar a peso la carga, para ver qué podrán o no llevar sus hombros; por cuya falta muchos cayeron o tropezaron con ella feamente.</NvB> </B,3,V,1>

<B,3,V,2> <ExB>2. Juicio de lo que en la Historia se debe escribir y se debe callar.

Pero dejando esta materia para los que de propósito escriben arte de historiar, sólo trataremos aquí del juicio y elección de las cosas particulares que se ofrecen y deben escribir en la Historia, en la cual son muy raros los que aciertan a satisfacer a esta obligación.

A dos puntos se reduce todo el acierto en esta materia, que son lo que se debe callar y omitirse, lo que escribirse y publicarse en la Historia, lo cual es una de las dificultades grandes que hay para acertar en ella.</ExB> <B:A>No todo lo que sucede en el mundo es conveniente publicarse, y así ni escribirse o referirse;</B:A <ExB>porque si de ello no se ha de seguir alguna pública utilidad, ¿por qué se ha de dar a la pública luz? Muy fácil es el yerro en esta parte, si el que se precia de severo y diligente, no sabe contenerse en los límites de la prudencia.</ExB>

(20) GENIO A

pintarse tan poco.</A:B> <A=B>Cebola i Horacio con un braço i ojo menos hermocean sus tablas, con que Lucrecia i Dido afearan las suyas.</A=B> <A:B>Sera cordura talvez disimular un vicio; tal, el descubrirlo: para realce de un opuesto valor, para exemplo i consuelo de muchos, para comun dotrina de todos.</A:B> <ExA>Asi nos pinta el sagrado Historiador a Pedro temeroso, a Mateo Publicano, a Madalena pecadora. Facil es el yerro en esta parte, si el que se preçia de Diligencia, no sabe contenerse en los limites de la Prudencia.</ExA>

<A:B>Hallò el otro una memoria notable, una escritura original, nueva, exquisita acerca de las acciones, o costumbres de un Rey, i como gran tesoro nos la plã(n)ta en su Historia, pidiendonos albriçias; sin advertir, que en ella descubre lo que debiera zelarse; la, que se hiço para que apenas se supiese; lo que comunicado entre dos fue cordura; publicado, entre muchos, desacierto; lo que entonçes fue necesario, i aora parecerà illicito: especialmente, no alcançandose las causas proximas de aquella accion; que pocas veçes las alcançara el pueblo, ni aun el Historiador mas diligente.</A:B>

<ExA>Ô quantos naufragaran en esta Sirte(sic)! de cuyas navios los pedaços inultimente esparcidos por el arena, nos

\* [379]

<ExB>valor, para ejemplo y consuelo de muchos, para común doctrina de todos. Así nos pinta el sagrado historiador a Pedro temeroso i, a Mateo publicano<sup>2</sup>, a Magdalena pecadora<sup>3</sup>; y aun para los mismos efectos o semejantes, debe tal vez no sólo referirse lo malo, sino también lo que puede tener alguna especie y color de tal, lo que parece mengua o flaqueza en los grandes varones; pues vemos que del que juntamente fue Dios nos refiere la divina Historia su temor su tristeza y agonía en la oración del Huerto. Son como en otras cosas, en ésta semejantes la pluma y el pincel; y como éste alguna vez tiene gracia en pintar hermosamente lo feo, y en otras lo disimula del todo, así también la pluma en la tabla de su Historia</ExB> <B=A>**Scévola y Horacio con un brazo y ojo menos hermosean sus tablas con que Venus y Cupido afearan las suyas.**</B=A> <B:A>Será, pues, cordura y aun necesidad tal vez, **disimular un vicio** para excusar el deshonor o el desmayo o la mala imitación de una gente y familia, y tal vez el publicarlo para escarmiento y fuga de eso mismo.</B:A>

\* [378 ...] - SEGUE ONDE TINHA FICADO! TEXTO TRUNCADO...

<B:A>**Halló** acaso el historiador **una escritura original** tocante a materias gravísimas y secretísimas **de las acciones** de un príncipe, de las inteligencias de una República o ya también de una persona privada, y **como** si hubiera descubierto un **gran tesoro**, ostentando su entereza y diligencia, **nos la planta en su Historia, sin advertir que en ella se descubre lo que debiera celarse, lo que se hizo para que apenas se supiese, lo que comunicado sólo entre dos, fue cordura, publicado entre muchos fuera desacierto; lo que entonces fue necesario, y ahora, por más que se quiera honestar, parecería ilícito, especialmente no alcanzándose ni pudiéndose juntamente advertir las causas y circunstancias particulares de aquella acción.**</B:A> <ExB>Conténtese el indagador curioso con tomar de esa escritura aquella sola noticia que pueda dar a beber al pueblo saludablemente, dejando en perpetuas tinieblas lo que por ningún lado puede parecer bien, ni de ello sacarse fruto alguno de imitación o escarmiento; será por el contrario, muchas veces cordura y conveniencia el descubrir lo malo y flaco de un sujeto bueno para realce de su grande</ExB> </B,3,V,2>

(21) GENIO A

avisan de su poca cordura. En las Acciones buenas poco ai que deliberar ( aunque no todas deban escribirse) </ExA> </B,3,V,2> <B,3,V,3> <A:B>>pero en las malas, mucho; i es menester un peso de prudencia mui fiel, para conocer, si hara mas daño que provecho, el publicarlos:</A:B> <A=B>por que el mal exemplo aunq(ue) reprobado i castigado, mas presto mueve a imitacion, que a fuga: i como puede ser al bueno de escarmiento, puede servir al malo de incentivo: i a veces solo el barrunto de un mal-hecho da osadia i facilita su execucion.

Por donde los Prudentes Consultos, ni determinaron castigo ni aun proprio nombre quisieron dar al malficiõ del que mato a su hijo: para que nunca se pudiesse entender; que era posible: gran aviso para el Historiador.</A=B> </B,3,V,3> </A seq 9>

\* [379 ...]

<B,3,V,3> <ExB>3. Dificultad de acertar en este juicio y elección de cosas.

Pero en tales casos ¿quién acertará a elegir la senda más segura cuando a la diestra y a la siniestra se descubren tantas de conveniencia o inconveniencia muy dudosa? Apenas se puede señalar alguna cierta regla en esta materia. Porque las acciones que se ofrecen para referirse en la Historia, o son buenas y loables, o malas y dignas de vituperio. En aquéllas hay menos que deliberar, y aunque no todas deban siempre escribirse, pues las muy comunes y ordinarias, o que de puro extravagantes son de poco ejemplo y consecuencia, y no de reputación, se pueden y aun deben alguna vez omitir; pero regularmente hablando, todo lo bueno es digno de memoria y es de fruto a la posteridad, y en caso de duda, si conviene o no escribirse, sería de opinión que se escribiese, porque de suyo lo bueno induce a bien, y como quede en razón y esfera de tal nunca hará daño su noticia, si no fuere por vicio del oyente o lector.</ExB>  
<B:A>**Pero si las acciones son de suyo malas y dignas de vituperio es menester un peso de prudencia muy fiel y de providencia muy atenta, para conocer si hará más daño que provecho el publicarlas, aunque sea con la vituperación de ellas mismas. Porque un mal ejemplo tal vez, aun reprobado y castigado, más presto mueve a imitación que**

\* [380]

a fuga;</B:A> <B=A>y como puede ser al bueno de escarmiento, puede servir al malo de incentivo; y a veces sólo un barrunto de un mal hecho da ocasión y facilita su ejecución.</B=A> <B:A>**Por donde los prudentes consultos ni determinaron castigo, ni aun propio nombre quisieron señalar al maleficio del que mató a su hijo, para que nunca se pudiese entender que era posible tal delito. Gran aviso para el historiador, pero lleno de gran perplejidad, pues ni con esto fácilmente se conoce y averigua cuándo lo malo se deba callar, cuándo escribirse, quedando todo a la prudencia y sabiduría del escritor.</B:A> </B,3,V,3> </B,3,V,1,2,3> </B seq 9>**

<A seq 10> <B,3,V,4> <ExA>**10.** Que juicio, pues, se requiere, para calificar, o, reprobado un Hecho, censurar una determinación, i sacar un advertimiento moral, tan necesario en la Historia, cuanto afectado en algunos Autores sin límite ni tiempo.

Esperan muchos de los lectores Ignorantes esta parte muy llena, siendo a los Discretos importuna.</ExA> <A:B>**Ai quien pide i quien hace su Historia, sermonario; i entonces les parece es la mejor del mundo cuando la ven cargada Doctrinaje siendo**

\* [380 ...]

<B seq 10> <B,3,V,4,5> <B,3,V,4> <ExB>4. Dificultad y modo de censurar el historiador en lo que escribe.

Muy semejante a esta dificultad es la del juicio y censura que el historiador hace tal vez de lo que va narrando, coligiendo de allí documentos morales o políticos en orden a la común y privada utilidad. Pero debemos primero ver si esto es lícito a los historiadores, en que no hay pequeña controversia entre los que tratan este punto.

Sienten algunos que en ningún linaje de Historia se ha de mezclar o añadir palabra al corriente de la simple narración, con que se prevenga y usurpe el juicio y censura al que leyere, sino que le quede libre y desembarazado, para que cada uno, según su talento o necesidad, coja de la lectura el fruto que ella misma ofrece, condene o repruebe lo que su capacidad e inteligencia alcanzaren.

Y descendiendo en particular a las dos más universales especies o géneros de Historia, que son profana y religiosa, dicen que aquélla se embaraza con las censuras y documentos del autor, y ésta no los ha menester, por ser toda ella documento espiritual y moral, y que así en ambas es superflua la advertencia del escritor por estarla clamando las mismas cosas, hechos y sucesos que refiere, después de cuyas voces, llenas de vida y energía por virtud del suceso allí representado, son del todo vanas e importunas las del autor que vuelve a inculcar con repetición o ponderación, a veces frívola, lo que había ya dicho y lanzado en el alma el mismo suceso referido. Y así no admiten éstos en la Historia más de una sencilla y pura narración, confirmando este sentir con el ejemplo de la sagrada y divina, en la cual apenas se hallará cláusula, que apartándose de la simple narración se divierta a documentos morales o políticos.</ExB> <B:A>Otros, por el contrario, querrían que la Historia fuese toda **sermonario, y entonces les parece la mejor del mundo, cuando la ven atestada de documentos** (carga pesadísima de inútil doctrinaie)

(22) GENIO A

asi, que la verdadera i pura Historia no es mas de una pura i verdadera relacion decentemente ornada;</A:B> <ExA>de la cual toma el Orador exemplos para su argumento, i el Poeta argumentos para sus ficciones; pintando ambos mas, o menos licenciosamente, lo que el Historiador retrata i copia al vivo, representã(n)do el roprio original.</ExA> </B,3,V,4> <B,3,V,5> <A:B> Solo<sup>26</sup> se permite a su tiempo, una breve sentençia, o advertimiento, como al descuido, para recuerdo del letor embebeçido en lo que va leyendo.</A:B> <ExA>I aun que esta Moralidad se debia mas ala Historia Ecclesiastica, i mayormente a la Religiosa, cuyo fin (como en las demas, i mas que en ellas) es el aprovechamiento comun: pero aun aqui (segun graves juizios) es menos necesaria esta advertençia del Escritor, por estarla clamando las mismas cosas q[ue] refiere; Despues de cuyas voçes; son de tal modo importunas las del Autor, que buelbe a inculcar, con repetición a veçes frivola, lo que avia ya dicho el mismo suceso con energia soberana. Confirma este sentir (de mas de otras, profanos) el supremo exemplo de las sagradas letras; en cuyos libros Historiales apenas se hallarã clausula, que desviandose de la Narración, se divierta a Moralidad; sino es en las

(23) GENIO A

las locuciones, o conçiones de personajes introducidos, en cuyo nombre se dice como refiriendo, la sentençia i documento; i asi atribuyendose a las tales personas, no al Autor, se viene finalmente a refundir todo ello en pura Historia. Hurtense pues pocas palabras a la Narracion para despertar el discurso a los letores.</ExA> </B,3,V,5> </A seq 10>

\* [380...][...] Y así no admiten éstos en la Historia más de una sencilla y pura narración, confirmando este sentir con el ejemplo de la sagrada y divina, en la cual apenas se hallará cláusula, que apartándose de la simple narración se divierta a documentos morales o políticos.</B:A>

[PARECIDO ...]

\* [381]<ExB> tras cada cláusula su moralidad, y en cada hecho y suceso su censura y advertimiento político, añadiendo a esto varia y prolija erudición intempestiva. Pero lo que así se escribe ni es Historia, ni lo deja de ser, porque pareciendo relaciones, es sermón; o por mejor decir, ni es lo uno ni lo otro, y con ambas cosas muele sin provecho al lector.</ExB> </B,3,V,4>

<B,3,V,5> <ExB>5. Temple del historiador en el juicio y censura de las cosas que escribe.

De estos dos extremos debe huir el que desea acertar, ni olvidando del todo la censura y documento, ni multiplicando éstos de suerte que parezca ése el principal cuidado.

De muchas maneras se puede hacer esto, o con alguna ponderación particular, que referido el caso revuelva sobre él, y entonces ha de ser muy templadamente, con tal concisión y límite que no se alargue a digresión, sino es muy raras veces y en ocasión y necesidad muy precisa y patente, y con tal destreza que no induzca olvido de lo que iba narrando. Y de la misma suerte, y con la precisión dicha se podrá hacer esto en las conciones y locuciones rectas y oblicuas de los personajes introducidos, que como se representan hablando y ponderando, tiene allí lugar toda moralidad exhortación y advertimiento, el cual atribuyéndose, no a la persona del escritor, sino a la del que se introduce en la Historia, viene todo a refundirse en pura narración.</ExB>

<B:A>Puede también cumplir con esta parte en la misma corriente de la narración, sin cortar el hilo de ella, encajando a su tiempo una breve sentencia que descubra el alma de lo que se va diciendo y sirva como de aviso y recuerdo al lector embebecido en la lectura, para lo cual se requiere gran arte y destreza singular.</B:A>

<ExB>Pero mucho mayor será la de aquel que de tal manera supiere ordenar la narración, que ella misma sin alterarla, ni añadirla, ni mezclar sentencia diferente de lo que allí se dice, esté representando todo el advertimiento y doctrina que encierra el caso que refiere. A esto sólo llegan los grandes maestros de la Historia y elocuencia, que son ya tan dueños del arte y de las cosas que escriben, que en las mismas palabras con que desnuda y puramente las relatan embeben el documento y la moralidad que allí puede observarse, y lo están representando las mismas palabras. En este género son oráculos, divino, San Ambrosio siempre que algo refiere, y humano, Tácito en su Historia.</ExB> </B,3,V,5> </B,3,V,4,5> <B seq 10>

<A seq 11> <B,2,VII,1> <ExA>11. Gran parte deste juicio (llamemosle Prudencia) del Historiador consiste en la buena disposición e igualdad de su Obra: de suerte, que el cuerpo de toda ella tenga su debida proporción i corresponde(n)cia, i en la diversidad de sus miembros conste así mismo, i sea siempre<sup>27</sup> uno en la gravedad, en el estilo, en la sentencia.</ExA> <A:B>No se supre que aviendo empeñado la carrera con brio, desmaye al medio della, i a cada tercio del libro parezca otro el Autor, i se vaya con su obra, como extinguiendo su talento; cuales vemos algunos, que parece acabaron juntamente con el libro, el ingenio: tal es su disminución desde el principio al fin.</A:B> </B,2,VII,1> <B,2,VII,2> <A=B>Pero aun que esta Igualdad es bie(n) se desee, i obligación forçosa el procurarla, nadie se persuada, que enteramente le ha de alcanzar ni aun hallarla del todo executada en el autor que



\* [335]

<Tcap>CAPÍTULO VII

IGUALDAD DE LA OBRA EN LA HISTORIA</Tcap>

<B seq 11> <B,2,VII,1,2> <B,2,VII,1> <ExB>1. El cuerpo de la Historia debe ser igual.

Perteneiente al estilo en gran parte es el requisito de la igualdad, que debe tener en sí toda obra y escrito y especialmente el de una Historia. Porque aunque esto se debe también considerar en la materia de cualquier asunto, principalmente campea en el estilo, en que más suele notarse la igualdad o la desigualdad de una obra.

Consiste, pues, esta igualdad en la proporción y correspondencia de diversas partes, que forman un todo; por medio de la cual, en la misma diversidad y unión de ellas, conste a sí mismo, esto es,

tenga cada una su lugar, conveniencia, y trabazón con las demás, y ayude a la hermosura y buena disposición del todo que compone.

Debe, pues, según esto, ser el cuerpo de la obra todo en sus variedades uniforme, y tan seguidamente igual que no dé lugar a que, el asunto parezca muchos, sino tan solamente **uno en la materia, en la gravedad, en el estilo**, como en el cuerpo humano, para que sea perfectamente dispuesto, no basta que alguna sola parte en sí lo sea, si a ésta no corresponde la perfección y conformidad de todas las demás. En lo cual algunos autores se descuidan tanto que no sólo desigual sino disforme, y a las veces horrendo es el cuerpo de la obra que forman, semejante al que ingeniosamente fingió Horacio en el principio de su Arte y más que Poética instrucción.</ExB>

<B:A>Otros hay que **empezando la carrera con brío y gallardía, desmayan lánguidos al medio curso de ella**, y en el fin se muestran del todo ya sin alma, porque **a cada tercio del libro parece otro su autor, y se va con su obra como extinguiendo su talento, y parece que acabaron juntamente con el libro el ingenio: tal es su disminución desde el principio hasta el fin.**</B:A> <ExB>Lo cual debe huir con gran cuidado el que quisiere dar una obra perfecta.</ExB>  
</B,2,VII,1>

\* [336]

<B,2,VII,2> <ExB>2. Suma dificultad la igualdad en todo.</ExB>

<B=A>Pero aunque esta igualdad es bien se desee, y obligación precisa el procurarla, nadie se persuada que enteramente la ha de alcanzar, ni aun hallarla del todo ejecutada en el autor que

(24) GENIO A

mas presume de culto i erudito. Vemos, que quiebra muchas veces esta correspondencia, aun en las mismas obras naturales de aquel supremo Artifice, que las crio todas ajustadas al exame(n) de peso, numero, i medida.

Entre las cuales se hallaran muchas (al parecer) no tan compasadas; i, entre los rostros humanos (labor proprio suya) apenas uno tan igualmene perfeto, que no desdiga del modelo de la hermobura, mas que en una parte.

Como careçera pues desta nota el artificio de la ignorancia humana, si aun en sus obras la permite el concierto de la sabiduria divina? Sino es, que digamos, que aqui i alli es igualmente hermosa aquella desigualdad, por ser conforme a la condicion de toda criatura: cuya perfeccion, por grande que sea, llega siempre embebida una punta de imperfeccion;  $A=B$   $A:B$  siendo toda nuestra perfeccion imperfeta, como dixo<sup>28</sup> Geronimo, i confeso<sup>29</sup> agustino. Con esta mengua comu(m) escusò esta desigualdad del Escritor el que dixo<sup>30</sup>; que no se haçe de otra manera un libro, sino es formandole de algunas cosas buenas, otras medianas, i no tales las mas: i con lo mismo consolamos, al que aviendo aspirado a lo sumo, se queda en lo mediano:  $A:B$   $A=B$  Mas aquello, al fin, es obligaciõ(n) esto, consuelo.  $A=B$   $B,2,II,2$   $A$  seq 11

\*[336...]

más presuma de culto y erudito. **Vemos que quiebra muchas veces esta proporción y correspondencia aun en las mismas obras naturales de aquel supremo Artífice que las crió todas ajustadas al examen de peso, número y medida; y que entre ellas se hallan muchas, al parecer, no tan compasadas, como aquí las pedimos; pues entre los rostros humanos, labor propia de aquel pincel divino, apenas se hallará uno tan igualmente perfecto, que no desdiga del modelo de la hermosura mas que en una parte. ¿Cómo carecerá, pues, de esta nota el artificio dela ignorancia humana, si aun en sus obras la permite el concierto de la sabiduría divina? Si no es que digamos que aquí y allí es igualmente hermosa aquella desigualdad, por ser conforme a la condición de toda criatura, cuya perfección, aun en lo moral, por grande que sea, lleva siempre embebida una punta de imperfección; siendo toda nuestra perfección imperfecta, como dijo Jerónimo, y así pertenecer a la verdadera sabiduría y perfección del hombre en esta vida, el confesar su misma imperfección, como dijo Agustín 1. Con esta mengua común excuso esta desigualdad del escritor, el que en un agudo distico dijo casi estas palabras defendiendo su libro:**

**Son algunas cosas buenas,  
otras medianas; las mas,  
malas, las que aqui leerás;  
que de otra manera apenas  
se hace un libro jamás 2.**

**Con lo cual consolamos al que habiendo aspirado a lo sumo, se quedó en lo mediano; pero aquello al fin es obligación, esto consuelo. **</B,2,VII,2> </B,2,VII,1,2> </B seq 11>****

(25) GENIO A

<A seq 12> <B,2,I,2> <ExA>12. Tambien pertenece a la Prudencia del Historiador, elegir Metodo conveniente a su Historia; A lo cual ayundará el primer Requisito, que señalamos al que escribe: es a saber, la comprehension del Asunto que emprende, i el averle, despues de mucho examen de sus hombros, poderosamente elegido a fuerça de las diligencias sobre dichas<sup>31</sup>.

A este tal (diçe Horacio) ni la facundia le desempara, ni el orden lucido.</ExA> <A:B>Cual convenga a la Historia, no es facil de señalar: que no todas requieren uno mismo.</A:B> <A=B>En la de un solo Heroe, o, facion particular, menos dificultosa es esta eleccion; pero en la universal, que abraça los sucesos comunes de una Republica, dificultad, i no pequena, tiene el ajustar el Metodo.

La gravedad de los Anales, apoyada en la Cronologia (centinela del tiempo) nos asegura la verdad; pero corta, i dexa desvairados los sucesos, i desgraçado al lector, con mas ganas de buscar el hilo interrumpido, que de proseguir nueva letura: como aquien le quitasen de la boca un buen bocado, por ponerle otro:</A=B> <A:B>i sin dexarle tragar alguno, se los fuesen quitando todos al mejor, por tiempo.</A:B>

\* [291]

<Tcap>CAPÍTULO I

DEL METODO CON QUE SE DEBE ESCRIBIR LA HISTORIA</Tcap>

<B seq 12> <B,2,I,1,2,3> <B,2,I,1> <NvB>1. Lo que en esta Parte se ha de tratar; y primero del Método.

Después de haber tratado de la excelencia y naturaleza de la Historia, a cuya inteligencia pertenece todo lo que en la primera parte habemos advertido, proseguimos ahora en la segunda, para que más enteramente se comprenda su genio, advirtiendo lo que en orden al modo de escribirla es necesario, que es el método, estilo, igualdad y brevedad. De manera que aquello primero pertenece a la sustancia, y esto segundo al modo de la Historia o relación. Y comenzando en este capítulo por el método, digo que siendo éste una debida y bien ordenada disposición de la escritura, para que sea en la ejecución tal, se requiere que en el historiador preceda una muy adecuada y perfecta comprensión del asunto que emprende a escribir, y el haberle, después de mucho examen de sus hombros, poderosamente elegido a fuerza de muy exquisitas diligencias, como ya más largamente se dirá en otro lugar. A este tal, dice Horacio ', **ni la facundia que toca al estilo, ni el orden lucido que pertenece al método, le desamparará.**</NvB> </B,2,I,1>

<B,2,I,2> <ExB>2. Cuál ha de ser el método en la Historia.</ExB>

<B:A>Cuál haya de ser el método en la Historia, no es fácil de señalar, porque no todas requieren uno mismo.</B:A> <B=A>En la de un solo héroe,

\* [292]

o facción particular, menos dificultosa es esta elección; pero en la universal, que abraza los sucesos comunes de la República, dificultad y no pequeña tiene el ajustar el método.

La gravedad de los Anales, apoyada en la Cronología, centinela del tiempo, nos asegura la verdad;</B=A> <B:A>pero corta y deja desairados los sucesos, y desgraciado el gusto del lector, con más gana de buscar el hilo interrumpido, que de proseguir nueva lectura, como a quien le quitasen de la boca un buen bocado por ponerlo otro, y sin deiarle tragar alguno, se los fuesen quitando todos al mejor tiempo.

(26) GENIO A

<A=B>La Narracion seguida prende i embebece pero en Historia general confunde los tiempos; i a veçes la verdad; poniendose a muchos riesgos de violarla. Inconvenientes tiene el uno i otro modo.</A=B> <ExA>Yo, si uviese de arbitrar, seguiria un Mixto, en la manera que es posible unir lo uno con lo otro:</ExA> <A=B>es a saber, Anales atados a la Cronologia, con narraciõ(n) seguida, hilada i consecuente: tomando desta la continuacion de aquellos, la puntualidad, para que suavizada la precision de los Anales, i ajustando el discurso de la Narracion, viniese a ser la Historia asi escrita, una seguida, fiel i constante relacion de los sucesos.</A=B> </B,2,I,2> <B,2,I,3> <A:B>No emperò tan seguida que no la dividan los capitulos, ignorados de los antiguos, los cuales mas pacientes en la letura, discurrían, sin descansar, por todo un libro. Mas ya eso el tiempo i la comodidad lo ha alterado, aun hasta en la sagrada Escritura, cuya distincion de Capítulos<sup>32</sup>, que començo por los años de Celestino Cuarto, ha sido admitida i observada de la Iglesia: con cuyo gran exemplo me defiendo de la observancia antigua i afectation moderna.</A:B> </B,2,I,3> </A seq 12>

\* [292 ...] **La narración seguida prende y embebece, pero en Historia general confunde los tiempos, y a veces con ellos la verdad, poniéndose a muchos riesgos de violarla. Inconvenientes tiene el uno y otro modo en el método; pero se podrían en alguna manera evitar siguiendo un camino medio, es a saber, escribiendo Anales atados a la Cronología, con narración seguida, hilada y consecuente, tomando de ésta la continuación, de aquéllos la puntualidad, para que suavizada la precisión de los Anales, y ajustado a los tiempos el discurso de la narración, viniese a ser la Historia así escrita una seguida, fiel y constante relación de los sucesos.**

</B,2,I,2>

<B,2,I,3> <ExB>3. La distinción de Capítulos; importante.</ExB>

<B:A>No empero, ha de ser tan seguida esta narración, que no la divida la distinción de capítulos ignorados de los antiguos; los cuales, más pacientes que nosotros en la lectura, discurrían sin descansar por todo un libro.</B:A> <ExB>Había entonces más afición al trabajo del estudio haciase más estimación de las letras, y estaba tan ardiente y vivo el apetito del saber, que oía un gran concurso de gente la oración o recitación prolongada en siete horas, sin cansarse, ni apenas divertirse, como testifica Plinio el joven 2, que afirma haberle sucedido a él así en una suya. Ahora es mucho, y se tiene por gran excelencia del orador o

\*[293] gran paciencia del oyente, si media hora se oye o se lee sin mudar asiento o bostezar. Por esto es menester ya, para captar la atención y lisonjear la benevolencia del lector, darle, como a niño los bocados pequeños, ciñendo el discurso y dividiéndolo en párrafos o capítulos moderados.</ExB> <B:A>Así vemos que la piadosa erudición lo ha hecho en las obras de los doctores y escritores santos- y toda la Iglesia en los libros de la Sagrada Escritura cuya distinción en capítulos comenzó por los años del Papa Celestino IV<sup>3</sup> con cuyo gran exemplo se puede justamente defender el que le sigue contra la observancia antigua y afectación moderna de los que aún perseveran en el primer sentir.</B:A> <ExB>Bien que en algún tratado ya de suyo breve, o relación precisa, en que la continuación no es cansada sino que antes aplace, sería bien seguirla sin interrupción que la impidiese, usando por otra parte, para más claridad y distinción de divisiones y titulillos sumarios a la margen, con que sin alguno de los inconvenientes susodichos se logran ambas conveniencias. Y así lo vemos observado por los doctos, que en los tales escritos quisieron aun por esta parte granjearles agrado y brevedad.</ExB> </B,2,I,3> <B,2,I,4> <NvB>4. Método en la obra grande, Prólojos y Proemios.

\* [293 ...] Cuando la obra es grande y dilatada, es menester grande y dilatada disposición en el método y en la distinción y distribución de la materia, para que ni ella se confunda, ni su lectura se embarace. Unos la dividen en partes, y las partes en libros, y éstos en capítulos. Otros la dividen en libros, y los libros en partes, y éstas también en capítulos. Pero habiendo de haber muchos volúmenes se aclara más la disposición, distribuyendo la materia toda en varios tomos, los tomos en libros, y los libros en capítulos, con que se puede proseguir una muy larga y copiosa Historia desembarazadamente, con hermosa distinción y descanso del escritor y del lector.

Añadiría yo, para mayor ornato y claridad, a cada tomo su prólogo, y a cada libro su proemio; aquél más dilatado, y éste más breve, en correspondencia del cuerpo de quien es cabeza; que si esto se acierta a hacer con gracia y destreza, entretiene, deleita y aviva el apetito del que entra a leer, poniéndole deseo de ver ya por extenso y en particular lo que allí se le significa sumariamente y con rebozo.</NvB> </B,2,I,4> </B,2,I,1,2,3,4> </B seq 12>

(27) GENIO A

<A seq 13> <B,2,II,2> <A=B>13. No le queda menos dificultad a la Prudencia i buen juicio del Historiador en elegir i observar Estilo conveniente a su Historia. De los tres generos, Excelso, Infimo, i Medio; comun sentencia es, que este ultimo pertenece a la Historia:</A:B> </B,2,II,2> <B,2,II,3> <A=B>pero la afinidad que tiene con los dos, le hacen sumamente dificultoso, por aver de partiçipar del uno i del otro, i distinguirse igualmente de ambos; primor i cuidado con razon temido en el que anda por la senda media; de la cual, si algun tanto declina,<sup>33</sup> aun que sea azia la mano derecha i desaseado estilo escribiese una Historia.</A=B> <A:B>Porq(ue) aun que de cual quier manera escrita<sup>34</sup> deleita su noticia (tal es la curiosidad del apetito humano) pero todavia deleitaria i aprobecharia mas, escrita con mayor cuidado i deçencia.</A:B> <A=B>Tambien perderia el camino el que declinase al demasiado ornato i brio, proprio del Orador i Poeta: cuya prosa, en aquel, ama talvez<sup>35</sup> el precipicio; i cuyo numero, en este, aun que atado a los grillos de sus pies, corre con libertad<sup>36</sup> por donde quiere.<sup>37</sup></A=B> </B,2,II,3>

<B,2,II,4> <A=B>Con ambos conviene en algo el Historiador,i de ambos tambien en mucho se distingue: que el uno de aquellos imita, el otro arguye; Este arguye e imita, refiriendo desnudamente la verdad.



\* [297]

<Tcap>CAPITULO II

ESTILO DE ESCRIBIR, Y DIFERENCIAS DE EL, Y CUAL SEA  
PROPIO DE LA HISTORIA</Tcap>

<B seq 13> <B,2,II,1,2,3,4> <B,2,II,1> <NvB>1. Qué cosa sea estilo en el hablar.

Aunque habemos tocado algo del estilo histórico en la primera parte de este Genio, tratando de las narraciones, descripciones, conciones y digresiones, fue muy de paso, reservando para este lugar el discurrir más larga y generalmente de todo lo que pertenece a esta materia, que es una de las principales partes, y uno de los mayores adornos de la Historia.

El estilo (dejando ahora otras significaciones de esta voz) es el modo y orden de las palabras, elección, uso y composición de ellas. De suerte que tal modo y colocación de tales palabras y vocablos, es lo que comúnmente se llama estilo en el escribir y en el hablar.</NvB> </B,2,II,1>

<B,2,II,2> <ExB>2. Tres diferencias de estilos.</ExB>

<B:A>**Tres maneras de estilo** se pueden considerar y distinguir en los autores: uno **supremo**, otro **medio**, y otro, finalmente, **ínfimo**</B:A> <ExB>El supremo es aquel que con alteza y majestad de voces exquisitas y gravemente ordenadas, compone los períodos, llena y encumbra la oración. A éste pertenece el apartarse del ordinario y común lenguaje del vulgo, pesar sentencias, celar misterios y con énfasis y señorío de palabras, levantar la mente del lector, y representarle una como deidad y soberanía en lo que escribe De este estilo se usa en los asuntos heroicos y divinos, prosa o verso; cuando se refieren o celebran misterios sacrosantos, acciones de Reyes, hechos y proezas de singular admiración.

[PARECIDO ...]

\* [298]

El ínfimo estilo es opuesto a éste, que sólo usa de voces, modos y frases ordinarias y vulgares; y es a propósito para tratados y discursos de prosa o verso familiar, en que se habla sin cuidado ni artificio, lo primero que se ofrece, y viene, como dicen, a la boca: y también para aquella parte de poesía que pertenece a lo cómico y jocoso. El medio estilo es el que participando de ambos extremos, guarda una mediocridad en el decir. Tiene mezclada la grandeza del primero y la llaneza del último, y es como un compuesto de ambos. Pero esta mezcla puede ser de muchas maneras, y principalmente en dos. Porque, o participa más del estilo supremo y

\* [298 ...]

menos del ínfimo, o al revés, más del ínfimo y menos del supremo.</ExB>

</B,2,II,2>

<B,2,II,3> <ExB>3. Descríbense los tres estilos.

De estos tres genéricos estilos, **el medio**, con la segunda mezcla, en que tenga más de llaneza que de celsitud, **pertenece a la Historia**, como quiera que el supremo convenga más a la poética, y el medio con la primera mezcla, es a saber, teniendo más de celsitud que de llaneza, a la oratoria.</ExB> <B=A>**Pero la afinidad que este medio estilo tiene con los otros dos, le hace sumamente dificultoso, por haber de participar del uno y del otro, y distinguirse igualmente de ambos; primor y cuidado con razón temido en el que anda por la senda media, de la cual si algún tanto declina, aunque sea hacia la mano derecha,**</B=A> <ExB>pierde el camino. Siempre han sido más fáciles en cualquiera cosa indiferente los extremos. Y digo en cualquiera cosa indiferente, porque en las que son de suyo buenas, o no hay extremos

o no son fáciles si los hay; porque lo bueno fue siempre arduo y pide trabajo y sudor al que le ha de conseguir.

En estas otras cosas la dificultad mayor está en la medianía: que como en el mismo hablar, el extremo de hablar mucho, y del callar del todo es más fácil que el hablar sólo aquello que conviene; y por eso es contado entre los perfectos el varón que no tropieza, ni excede en las palabras, así también en el modo de hablar es mucho más fácil o el encumbrar sobradamente el estilo o el abatirlo vilmente, que el guardar una decente medianía. Conviene, pues, a la Historia, dejando sendas que tuercen a uno y otro lado, por muy altas o muy bajas, andar llano, derecho y seguro por el camino medio, procurando no perderle jamás. </ExB> <B:A>Le perdería sin duda el que con bajo y desaseado estilo escribiese una Historia, porque aunque de cualquier manera escrita deleita (tal es la curiosidad del apetito humano), pero todavía deleitaria y aprovecharía más escrita con mayor cuidado y aseo. También perdería

\* [299]

el camino, errado todo el cielo, el que declinase al demasiado ornato y brío propio del poeta y orador, cuya prosa en éste ama tal vez el precipio; a cuyo número en aquél, aunque atado a los grios de sus pies, corre con libertad por donde y como quiere. </B:A> </B,2,II,3>

<B,2,II,4> <ExB>4. Cuál haya de ser el estilo del historiador. </ExB>

<B:A>Con ambos, digo con el poeta y orador, conviene el historiador y de ambos también en muchas cosas se distingue: que el uno de aquéllos imita, el otro arguye, uno y otro con floreos y rebozos éste arguye e imita, refiriendo llana y desnudamente la verdad. </B:A>

(28) GENIO A

Descubrense en la narracion<sup>38</sup> Historica los huesos nervios i musculos mas distintos, que en la del Poema i Oración, donde se descubre mas el movimiento, brio, i orgullo; i una como erizada crin de la Elocuencia: En aquella, la voz es blanda i sosegada: En estos suena la trompa sonora. Finalmente en las clausulas, cadencias, i numeros, i en todo genio i curso de su estilo, ha de ser el Historiador, aun que tan aseado i corriente, pero no tan alto i brioso, como el Orador i Poeta.

Su mediania (aun aqui<sup>39</sup> de oro) debe siempre guardar, ajustando su decir a la materia; con tal moderacion i temple, que en su letura no sea necesario humillarse, ni sudar los ingenios. </A=B> </B,2,II,4> </A seq 13>

\* [299 ...]

<B=A>Descubrense en la narración histórica los huesos, los nervios y musculos más distintos que en la del poema y oración, donde se manifiesta más el movimiento, el brío, el orgullo, y una como erizada crin de la elocuencia. En aquélla la voz es blanda y sosegada en éstas suena la trompa clamorosa.</B=A>  
<ExB>Corre lento y fácil por ordinaria madre el río de la Historia, cuando el bullicioso arroyuelo o arrebatado raudal del poema y oración juega o se precipita por entre floridas márgenes o desiguales breñas.</ExB> <B=A>Finalmente en las cláusulas, cadencias, figuras, ornato, y números y en todo el genio y curso de su estilo, ha de ser el historiador, aunque tan aseado y corriente, pero no tan alto. brioso y florido como el orador y poeta. Su mediocridad (aun aquí de oro) debe siempre observar, aiustando su decir a la materia con tal moderación y temple, que en su inteligencia no sea necesario humillarse, ni sudar los ingenios.</B=A>  
</B,2,II,4> </B,2,II,1,2,3,4> </B seq 13>

<A seq 14> <B,2,II,5> <A=B>14. Pero aviéndose encumbrado tanto el estilo Poético i Retórico en ñ(uest)ra edad; i debiendo el dela Historia llegar a sus confines, que Mediania le puede quedar, que no parezca i sea extremo? Han levã(n)tado ya ñ(vest)ros Españoles tanto el estilo, que casi hã(n) igualado con el valor la elocuencia como emparejado las letras con la armas, sobre todas las Naciones del Mundo. De tal suerte, que ya ñ(vest)ra España, tenida un tiempo por barbara en el language; viene oi a exceder a toda la cultura de los Griegos i latinos. I aun anda tan

\* [299 ...]

<B seq 14> <B,2,II,5,6> <B,2,II,5> <ExB>5. Excesos del estilo español y dificultad del de la Historia.</ExB>

<B=A>Pero habiéndose encumbrado tanto el estilo poético y retórico en nuestra edad, y debiendo el de la Historia llegar a sus confines, ¿qué medianía le puede quedar que no parezca y sea extremo? Han levantado nuestros españoles tanto el estilo, que casi han igualado con el valor la elocuencia, como emparejado las letras con las armas sobre todas las naciones del mundo.</B=A> <B:A>Y esto de tal suerte, que ya nuestra España tenida un tiempo por grosera y barbara en el lenguaje, viene hoy a exceder a toda la más florida cultura de los griegos y latinos.</B:A> <B=A>Y aún anda tan

(29) GENIO A

por los extremos que casi excede aora por sobra de lo que antes se notaba por falta; huyendo la moderacion, no la calumnia.

Ha subido nuestro hablar tan de punto el artificio que no le alcançan ya las comunes leyes del bien decir, i cada dia se las inventan nuevas al Arte: la cual de un dia para otro se desconoce asi misma, viendose ya culta (asi llaman a estas setas) ya Critica, ya comta, ya finalmente cõ(n) otras nuevas vestiduras i trages siempre diferentes, i solo en la diferencia semejantes. </A=B> <A:B> Con esto no basta, al q[ue] en esta edad escribe, para grangear la gracia del letor, el deleitarle con lo dulce, o aprovecharle con lo util, ni mezclar entrambas cosas sazoadamente, para captarle el justo; (tan delicado, o, estragado esta;) sino se le presenta, para que le sepa bien, lo que apenas puede alcançar a que sabe: Vicio siempre de paladar, supersticiosamente enfadoso, a quien la dulçura universal de un Manà no satisfaça aun que los sabores, que le ofrezca, sean del ciélo. </A:B> </B,2,II,5> <B,2,II,6> <A:B> Enesto humor tan extraordinario de los oyentes i Letores tiene alguna disculpa el del Orador i Escritor, que casi forçosamente acomodan el Estilo al Auditorio, hija la voz de los oídos, no los oídos (como debieran serlo i el sacro texto<sup>40</sup> clama) de la voz: </A:B> <A=B> En la cual si

\* [299 ...]

por los extremos que casi excede ahora por sobra de lo que antes se notaba por falta, huyendo la moderación, no la calumnia. Ha subido su halar tan de punto el artificio, que no le alcanzan ya las comunes

\* [300]

leyes del bien decir, y cada día se las inventa nuevas al arte; la cual de un día para otro se desconoce a sí misma, viéndose ya culta (así llaman a estas sectas), ya crítica, ya comta, ya, finalmente, con otras nuevas vestiduras y trajes siempre diferentes y sólo en la diferencia semejantes. </B=A> <B:A> Con esto no basta al que en esta edad ora y escribe, para granjear la gracia del oyente y del lector, el aprovechar con lo útil o el deleitar con lo dulce, ni el mezclar entrambas cosas sazoadamente (que era en otro tiempo todo el punto del acierto y agrado) si al gusto no se le presenta para que le sepa bien, lo que apenas puede alcanzar a qué sabe; </B:A> <B=A> vicio siempre de paladar supersticiosamente enfadoso, a quien la dulzura universal de un maná no satisface, aunque los sabores que le ofrece sean del cielo. </B=A> </B,2,II,5>

<B,2,II,6> <ExB>6. Extravagancia de estilos en España. </ExB>

<B:A> En este humor tan extraordinario de los oyentes y leyentes, fundan alguna disculpa el poeta, orador y escritor que casi forzosamente acomodan el estilo al auditorio, hecha hiiia la voz de los oídos, no los oídos, como debieran serlo, de la voz. En la cual si

(30) GENIO A

alguna cosa ai que suene estrañeza agradable a esta edad, es porque se la ha<sup>41</sup> dictado el gusto oyente. Si bien no es justo acomodarse tan vençidos a el, que sea toda la regla del decir la del oir; i vengan a ser los Maestros, Dicipulos de sus oyentes, i subditos de sus Discipulos. Demas, de que entre estos, no todos son tales, que se dexen admirar de un cruxiente i campanudo horror de voçes. Algunos ai que buscan i estiman lo contrario: a los cuales, aun que raros, es mas justo agradar, que a los Corrillos del vulgo; donde solo es celebrado<sup>42</sup> Polemon Ministre, pues, en hora buena el Cuerdo por tasa a la pluma, i a la lengua las palabras, limadas antes i pesadas muchas veces; pero reprima el ambicioso follagé de la exornacion demasiadamente afectada; si quiera, para q[ue] lo que requiere se haga mas creible. Por que sin duda aventura su credito la verdad misma, cuando con demasiado artificio de palabras se propone; como la hermosura nativa de un rostro suele engendrar sospecha, si la vemos adulterada con el exceso del afeite. Efeto que en su tiempo reconoció el gran juizio de Augustino<sup>43</sup> en algunos oyentes, causado del stilo q[ue] ya entonces se llamó compto, i aora con este mismo o semejante nombre prevalece en España.</A=B>  
</B,2,II,6> </A seq 14>

\* [300 ...]

alguna cosa hay que suene extrañeza y exorbitancia agradable a esta edad, es porque se la ha dictado el gusto del oyente, si bien no es justo acomodarse tan vencidos a él que sea toda la regla del decir la del oír, y vengan a ser los maestros discípulos de sus oyentes, y súbditos de sus discipulos.

Además, que entre éstos no todos son tales que se dejan admirar de un crujiente y campanudo horror de voces. Algunos hay que buscan y estiman lo contrario; a los cuales, aunque raros, es más justo agradar que a los corrillos del vulgo, donde sólo es celebrado Polemón. Y es cosa bien considerable que la extrañeza, o extravagancia del estilo que antes era achaque de los raros y estudiosos, hoy lo sea, no ya tanto de ellos, cuanto de la multitud casi popular y vulgo ignorante, que tal debe llamarse la muchedumbre de los que afectan esta manera de hablar y escribir. **Ministre, pues, enhorabuena el cuerdo por tasa a la p[er]uma y a la lengua las palabras, limadas antes y pesadas muchas veces; pero reprima el ambicioso follaje de la exornación demasíadamente afectada, siquiera para que lo que refiere y dice se haga más creíble. Porque sin duda aventura su crédito la verdad misma, cuando con excesivo artificio de palabras se propone, como la hermosura nativa suele engendrar sospecha de no muy natural, si la vemos adulterada con el exceso del afeite. Efecto que recono**

\* [301]

ció en su tiempo el gran juicio de Augustin 1 en algunos oyentes, Causado del estilo, que ya entonces se llamaba comto, esto es, afeitado, y ahora con éste o semejante nombre prevalece en España.



(31) GENIO A

<A seq 15> <B,2,IX,2> <ExA>15. Restanos del juicio i Prudencia del Historiador la parte, que pertenece a ordenar las Oraciones<sup>44</sup> o condiciones de la Historia; punto, no menos que los pasados, dificultoso; i a donde son raros los que aciertan;</ExA> <A=B>asi por el<sup>45</sup> Decoro de las personas introducidas, que en el estilo i en las cosas pide suma decencia; como por la observancia de la verdad; en cuya relacion sino ai mucha destreça es a donde mas pelagra el credito del Autor, i el de toda su Historia. Aqui principalmente es, a donde, o, se engañan, o se escandalizan luego los lectores sencillos: por que, o, creen ser todas aquellas palabras salidas tan puntualmente de la boca del Personaxe que se introduce como de la pluma del que las escribe; o, entendiendo lo contrario, desprecian dellas hasta los sentimientos i sustancia; i se les hace sospechos todo lo demas. Pero no, por estos, se debe omitir un tan importante i recebido adorno de la Historia: En la mal los advertidos leen estas exortaciones con una respectiva i cauta prevençion. Bien q[ue] para guardar<sup>46</sup> puntualidad mas Religiosa; i dexar la verdad (tan sacro Santa siempre en la Historia) libre de toda sospecha, fuera conveniente distinguir

\* [282]

<Tcap>CAPITULO IX

CONCIONES O RAZONAMIENTOS</Tcap>

<B seq 15> <B,2,IX,1,2,3,4,5,6> <B,2,IX,1> <NvB>1. Qué cosa son Conciones en la Historia y de cuántas marleras.

Las que el latino llama Conciones en la Historia, son unos razonamientos o pláticas que los personajes de quien se habla en ella hacen en ocasiones muy notables; ora sean hechas a toda muchedumbre de pueblo o comunidad, como las que hace un capitán a un ejército, un gobernador o prelado a su República y súbditos; ora a un particular, como la amonestación de un padre a un hijo, el consejo de un amigo a otro. Unas y otras pueden ser en una de dos maneras, porque o son rectas o son oblicuas, o son compuestas de rectitud y oblicuidad que podíamos llamarlas rectioblicuas.

Llámanse rectas cuando la persona introducida habla en su propio nombre derechamente; y oblicuas cuando habla la persona del historiador refiriendo lo que el otro dijo en aquella ocasión; y rectioblicuas cuando en el razonamiento ya habla el personaje introducido, ya lo prosigue relatando el historiador.</NvB> </B,2,IX,1>

<B,2,IX,2> <ExB>2. Conciones rectas; cuáles y cómo han de ser.

Comenzando por las rectas, se debe en ellas acomodar todo el razonamiento al decoro de la persona que habla, de tal manera que no sólo parezca suya la sentencia, sino el modo y estilo de hablar y razonar, aunque siempre se ha de disponer con tal arte y modo, que sin desdeñarse de la verosimilitud y circunstancias particulares de la persona, sea bien ordenado y corriente lo que se dice.</ExB> <B:A>Es esta parte una de las que más atención piden al historiador, **asi por el decoro de las personas introducidas, que en el estilo y en las cosas requiere suma decencia y conveniencia, como por la observancia de la verdad, en cuya relación, si no hay mucha destreza, es adonde pelagra más el crédito del autor y de toda su Historia.</B:A>** <B=A>Aquí principalmente es adonde, o se engañan o se escandalizan luego los lectores sencillos, porque o creen ser todas aquellas palabras salidas tan puntualmente de la boca del personaje que se introduce, como de la pluma del que las escribe, o entendiendo lo contrario desprecian de ellas hasta los sentimientos y sustancia, y de aquí se les hace sospechoso todo lo demás. Pero no por esto se debe omitir un tan importante y recibido adorno de la Historia, en la cual los advertidos leen estos razonamientos con una respectiva y cauta prevención. Bien que para guardar puntualidad más religiosa, y dejar la verdad (sacrosanta siempre en la Historia) libre de toda sospecha, fuera conveniente distinguir

(32) GENIO A

con alguna señal cierta las palabras i razones formales que se observaron de las tales personas no afirmando con aquella aseveracion las demas cuya fe queda entonçes a la lei comun de las Oraciones comunes, imitadas dela verisimilitud en modo i en sustancia; cuales las vemos en los mas celebres Autores Antiguos i Modernos.

Pero de estas, quanto son mas hermosas las Rectas, son menos peligrosas las Obliquas asi por el decoro, como por la Fidelidad. Habla en aquellas el Personaxe, en estas el Autor: i la dificultad que ai en representar uno la persona i açion agena, o la suya propia; esa ai enel hablar en su proprio nombre, o enel de un tercero. Quien considera lo que pide persona de un Capitan, de un Rey, de un Santo, la del mismo Dios, que aveçes se introduce hablando; no le parecera facil hallar raçones i palabras que ajusten con tan gran decoro. En lo cual inconsideradamente pecan algunos haciendo hablar a todos los que introducen con una misma lengua, que es la del Autor; i aun trastrocarlos, dando al Rey palabras de un Plebeyo; aun Ignorante, las de un Docto; a Dios, la de un Mortal. Por estas dificultades i peligros, me

\* [282 ...]

con alguna señal cierta las palabras y razones formales que se pudieron observar de las tales personas, no afirmando con aquella aseveración las demás, cuya fe queda entonces a la ley común de las oraciones comunes, imitadas de la verosimilitud en modo y en sustancia, cuales las vemos en los más célebres autores antiguos y modernos, </B=A> <ExB> cuyas pisadas será justo seguir. </ExB> </B,2,IX,2>

<B,2,IX,3> <NvB>3. Decoro que se ha de guardar en las Conciones rectas.

Para ocurrir a la sospecha y recelo del lector, y así acreditar más la verdad de estas conciones rectas, es importantísimo el guardar en ellas el decoro en la manera que se ha dicho, punto en que se descuidan muchos escritores, los cuales, olvidándose de lo que pide la autoridad y circunstancias del personaje introducido, disponen su razonamiento con todo aquel artificio y elocuencia que a ellos es posible, atendiendo más a la ostentación de su ingenio y estilo propio, que a lo que pertenecía a la persona en cuyo nombre hablan.

De aquí se sigue que en todos estos razonamientos es uno mismo el estilo y modo de discurrir y ponderar, porque como no se acomoda a las personas introducidas, todas hablan de una manera con un mismo estilo y modo, que es el propio de la persona del historiador. Yerro que el predicador también en sus sermones y el poeta en sus comedias muchas veces cometen, sin acordarse de que hay diferencia de hablar el criado o su amo, el vasallo o el rey, el mozo o el viejo, el español o el alemán, el iracundo o el pacífico, el rústico o el cortesano, la mujer sin letras o el varón muy estudioso y erudito. Cada estado, condición y sexo, pide su

\*[283]

estilo, modo y discurso diferente; y así a cada uno ha de corresponder el razonamiento, y disfrazarse el escritor en varios trajes según la variedad de los sujetos que imita o representa- como el secretario de un señor debe, cuando en nombre de él escribe o responde, revestirse del puesto y autoridad de su amo para con la persona a quien escribe, en que también vemos descuidarse los que tienen este oficio, y envilecer tal vez la autoridad suprema con estilo en cartas y decretos menos digno. </NvB> </B,2,IX,3>

<B,2,IX,4> <NvB>4. Las conciones oblicuas; cuáles han de ser.

En las conciones y razonamientos oblicuos hay menos dificultad por este lado, pues hablando en su propio nombre y persona el historiador, aunque refiriendo lo que un tercero dijo, puede en su nativo y propio estilo disponerlo. Pero entonces debe observar dos cosas a que obliga la fidelidad de su oficio. La una que no se desvíe jamás de la verdad, y la otra, que tal vez, si es posible, ingiera trozos o palabras formales, aunque oblicuamente referidas, con que siempre guarde el decoro a la persona. Y por este lado tiene su dificultad no pequeña esta manera de razonar en la Historia. La cual se acrecienta con la obligación de encadenar el discurso con períodos tan dependientes unos de otros, que pareciendo muchos, vengán a ser uno sólo que difusamente va rodando y suspendiendo el principal sentido y el ánimo desde el principio hasta el fin, sin concluir cláusula que no pida la siguiente para su final inteligencia, hasta la postrera- en que no es menester poca destreza para sazonar lo que se dice, de suerte que el lector deseoso, como el que tiene mucha sed, pueda de un aliento beber todo un gran vaso. </NvB> </B,2,IX,4>

<B,2,IX,5> <ExB>5. Conveniencia y distinción de las Conciones rectas y oblicuas.

Conviene, pues, ambas maneras de conciones rectas y oblicuas en algunas cosas; y en otras se distinguen. Piden las unas y las otras gran atención para conservar el decoro y la verdad en la sustancia y el estilo, es a saber, que no sean con excesoprolijas; que sean hechas en ocasiones y por personas muy notables; que no sean muy frecuentes, y otras algunas circunstancias que habemos señalado. Pero se distinguen también en otras muchas cosas, porque las rectas deben con toda particularidad e individuacion posible representar el ánimo, el semblante, el lenguaje, las sentencias y palabras de la persona que habla, bien que ordenada y sazoadamente, y en tal forma que imite lo más ve-

\*[284]

rosímil del caso y la persona. Pero en las oblicuas tiene mas licencia el historiador para ordenar las cosas y decirlas con la propiedad y cultura de su propio estilo.</ExB>  
<B:A>Por donde se sigue que **cuanto son más hermosas las rectas, son menos peligrosas las oblicuas, así por el decoro como por la fidelidad.** Porque, como habemos dicho, **en aquéllas habla el personaje, en éstas el autor, y la dificultad que hay en representar uno la persona y acción aiena o la suya propia, esa hay en el hablar en su propio nombre o en el de un tercero. Quien considera lo que pide la persona de un capitán, de un rey, de un santo, de un ángel, la del mismo Dios que a veces se introduce hablando, no le parecerá fácil hallar razones y palabras que ajusten con tan gran decoro. En lo cual inconsideradamente, como ya dijimos, yerran algunos haciendo hablar a todos los que introducen con una misma lengua y estilo, que es el del autor, y aun a veces trastocarlos, dando al rey palabras de un plebeyo, al**

\* [284 ...]

**rústico las de un docto, a Dios las de un mortal.**</B:A> </B,2,IX,6>

<B,2,IX,6> <ExB>6. Más convenientes las conciones oblicuas que las rectas y cómo se ha de usar de ambas.</ExB>

<B:A>Por estas dificultades me

(33) GENIO A

inclinaria yo a que fuesen raras i breves las Oraciones Rectas; mas frecuentes i algo mas largas, las Obliquas. Pero en unas i otras (porque de ordinario suelen ser de Personages grandes) se puede i debe ennobleçer con alguna mayor generosidad el estilo; especialmente en las primeras<sup>47</sup>, segun la grã(n)deça i majestad de la persona introducida; sin exceder la elocucion Historica; ni pasarla a furor Poetico, o, a fervor retorico. Concluamos el retrato de una digna Historia, con la pintura de una hermosa<sup>48</sup> i honesta Donçella libre de toda baxa pasion, amadora de la verdad; grave en sus costumbres, pura en sus afectos, de entera i briosa salud, con hermosura de color suave i apacible, i en la correspondençia de todas las partes de su cuerpo perfetiss<sup>a</sup>. Una Donçella, no dada a liviandades vanas, sino empleada en ocupaciones importantes; cuyos pasos sean lentos i mediatos; su ornato moderado i conveniente, i en tal manera dispuesto que sirva mas para una honesta composicion, debida a la gravedad de las Matronas, que al deleite de los ojos, proprio de las Mugerres Meretrices<sup>49</sup>. El Padre desta incorrupta Donçella ha de ser un Varon grave, entero, de severidad, i aviso;

\* [284 ...]

**inclinaria yo a que fuesen raras y breves las oraciones o conciones rectas, más frecuentes y largas las oblicuas,** y de cuando en cuando se usase de las compuestas que llamamos rectioblicuas, en que a trozos se varía el razonamiento hablando ya la persona introducida, ya el escritor que lo prosigue relatando sus razones; y por lo que tiene esto de variedad cansa menos, aunque requiere muy particular atención y destreza para la variación de los modos, sin que el tránsito de uno a otro cause desabrimiento, ni aun lo advierta el lector. **Pero en unas y otras conciones (porque de ordinario suelen ser de personajes grandes) se puede y debe ennoblecer con alguna mayor generosidad el estilo, especialmente en las primeras, según la grandeza y majestad de la persona introducida, sin exceder la elegancia narrativa, ni pasarla de elocución histórica a furor poético o fervor retórico.**

*DAQUI EM DIANTE, ATÉ AO FIM DA 1ª PARTE, O TEXTO DE GENIO A NÃO TEM CORRESPONDÊNCIA COM GENIO B, TENDO SIDO DEFINIDO INTEGRALMENTE COM BLOCO NOVO.*



(34) GENIO A

discreto, i adornado del conocimiento de la vida privada i comun, i con noticia de toda cosa grande. Tal piden la Historia e Historiador los Varones sabios que trataron desto.</ExA>

<A seq 16> <NvA>16. De lo dicho se colige una mui cierta verdad cõ(n)tra el engano de algunos. I es, que este negocio de escribir Historia, no es tam poco dificultoso, como piensa el vulgo: el qual, como manosea mas esta letura, juzga que su ocupacion es la mas facil. Cualquier genero de escritura tiene no pequena dificultad; por que (como diximos) pide una gran sabiduria<sup>50</sup>. La cual es el principio i fuente de todo bien escribir: i esta no se halla, ni alcança facilmente. Pero el escribir Historia pide tan particulares advertençias i requisitos, que hacen esta escritura dificultosa sobre todas las otras.

En las demas, aun que sean de las Facultades mas intrincadas, la materia de ordinario es tratada por muchos, el metodo, es vulgar; el estilo es mui sabido, conocidas las mayores dificultades; i arrimado el Autor a su Cuestion, o, al texto que explica, o, a la naturaleza de la cosa, que declara, con argumentos, i soluciones, adelantado algo mas lo que dixeron otros, llena un volumen. La Historia no

(35)

tiene esos arrimos: sucesos desnudos i varios le ofrece el Mundo, i todo lo que en el aí, i pasa, es su argum(n)to, hasta los pensamientos i juiçios de los Hombres.

De esto ha de formar Idea el Historiador; i formada, dar cuerpo aun pensamiento vago i abstraído, colorirle, ataviarle, hermosearle temor en el mas valiente pincel, quanto mas en la pluma, que ha de retratar mas al vivo, no solo lo exterior, sino lo interior de lo que pinta. Por eso el que escribe los hechos agenos, o, se iguala, o excede al que los haçe. Porque aun que el Deçir al Haçer ai gran distancia; no la ai menos del Haçer al Escribir. Hallase aquello en muchos; a esto se atreben mas, lo alcançan menos. Finalmente para otro genero de escrituras se requiere i basta Estudio i Sutileza; para el de la Historia es necesaria Diligencia i Juiçio, I quanto es mas raro el Ingenio Prudente, que el sutil, tanto es mas dificultosa esta ocupacion, que otra cualquiera.</NvA> </A seq 16>

<A seq 17> <NvA>17. De aqui tambien, de lo que avemos dho(dicho) antes, se colige otra segunda i no menos importante advertencia: es a saber, el gran cuidado, que las Republicas debrian tener en señalar Historiadores. Ne

(36)

gocio que sin duda pedia un grave acuerdo, i un prudente examen. Tal le uvo en algunas bien gobernadas: donde se encargaba esta ocupacion a los mas<sup>51</sup> dignos Santos, i autoriçados personajes. I la raçon parece que esta pidiendo esto mismo. Porque si de la historia, mas que de otra escritura, pende el comun provecho i reformacion de las costumbres, el honor i estados de Principes, Reyes, i Pontifices de Familias, Republicas, i Monarquias; cuyos derechos se conservan en el archivo de la Historia, i se publican con su lengua; que raçon ai, para que tan grã(ñ) testigo i Depositario, no sea elegido con gran consejo i a luz de graves i ponderosas diligencias? Debrian acordarse las Republicas que fian mas de solo este Escritor, que de todos los otros, por excelentes que sean. Pues la Historia (si es cual debe) mas que ningun otro libro, corre por todos las Edades, i Naciones, i con noticia mas universal.

Ultimamente se colige de aqui el provecho i necesidad grande de la Historia: para cuya ponderacion baste solo el argumento de la divina Escritura; cuyos libros, en el Testamento viejo, los mas son Historiadores; i en el Nuevo, el Evangelio Santo es todo pura Historia. Sin la

(37)

cual, i la delos Anales Ecclesiasticos, no uviera en la Iglesia noticia fixa i autentica de las Obras divinas, ni de quanto nos encamina a Dios. Lo mismo es en todas las Republicas i Religiones Santas; cuyo gobierno pende en gran parte de la notiçia de lo pasado; cuyo aumento se alienta con los exemplos en la memoria que nos da presentes; i cuyos lustre i fama ereçe con la fama de sus grandeças. Lo cual todo, o, se pierde, o se entibia, o se deslustra, sin esta Prevencion. Por que sin ella verdaderamente lo pasado, es como si, no, uviera sido, ni tuvieramos mas de lo que vemos; mas por el contrario la Historia, lo representa i eterna todo siempre vivo. Ô que gran campo se nos descubria aqui, para discurrir en las alabanças i excelencias de la Historia!

Pero no es este su lugar, ni el presente pide que nos alarguemos mas en los Requisitos i Precetos della: i asi me pareçio darles fin con un breve, i llano Epigrama, donde su Autor cifro lo principal i mas importante que dexamos advertido en la materia

Digna si quieres escribir Historia  
El asunto e las fuerças examina

(38)

i armado de Verdad i de doctina  
A la empresa te apresta i la vitoria  
Entre el Poeta i Orador, su gloria  
tu medio estilo usurpe? i cristalina  
distincion q[ue] los tiempos determina  
de al Metodo igualdad i luz notoria  
escrita con severa diligencia  
Lima propria i agena, ni un defecto  
consientan en la obra, que desdiga  
Publica luz le niegue tu prudencia  
hasta que, libre ya del proprio afecto  
La mires como agena i como antiga.

(39)

He propuesto a V.R. (mi Padre Francisco) algo de lo que (segun mi corta caudal) debe considerarse en una Historia, para significar en eso mismo lo que yo siento de la V.R.<sup>a</sup>. En la cual hallo las principales condiçiones que dexo referidas. Por que asi en las cosas, como en el Metodo, i en el Estilo dellas veo resplandeçer una Diligencia, i Iuicio no vulgar; que son las dos principales partes del Historiador. La obra misma muestra bien, cuan Diligente ha sido su Autor. Pues, quando a mi, por otra parte, no me constara el continuado estudio de muchos años, la curiosa observacion de Antiguedades, la docta comunicaçiõ(n) con Varones insignes; i aver V.R. con solicitud exquisita reconocido archivos, desenterrado memorias, discurrido tierras; i agregado vn riquisimo aparato para su Historia, en ella misma viera todo este claramente. Que diligencia no se descubre en aquella tâ(n) puntual, quanto hermosa descripcion de Palestina i el Carmelo escrita en el Primer libro?

Cual no, en la bien averiguada noticia de los Profetas, de sus vidas, acciones i Profecias, de que principalmente se trata en el segundo?

O, cual mayor, que la que muestran los dificultosos puntos controvertidos en el tercero? todo

(40)

esta representando la Diligencia grande del Autor, Mas la Prudencia i Iuicio (que es lo principal) adonde no campea? En la Eleccion, en la Disposicion i Exornacion de las cosas se descubre. Cùpole a V.R. en suerte la parte de ñ(vest)ros Anales, menos apta para guardar leyes rigurosas de Historia.

Porque asi la Antiguedad, que neçesita de averiguaciones, como las vidas Profeticas, que estan llenas de documentos, obligan a que en estas i en aquellas se detenga el Autor con alguna prolixidad. Para cuya escusa, basta el hablar V.R. en todo esto mas encadenando sentencias de Santos, que palabras propias, historiando con las mismas de los Interpretes Sagrados lo mas particular i proprio de su Historia. Por donde Juzgo, que a esta parte le era debido este modo de escribirse; i que obligarla a diferentes leyes, fuera darselas mui ajenas de su intento.

En el Metodo tambien hallo prudentemente unida la puntualidad cronologica con la Narracion consecuyente; i asi mesmo la distincion de Capitulos que diximos arriba.

El decoro de las Oraciones esa bien observado; como lo muestran la de Elias en el Sacrificio del Carmelo; la de Elisco en el rapto de su Maestro, i Padre, la de Iezabel airada

(41)

contra el Santo Profeta, i otras muchas; donde no menos resplandeçe el Decoro que la Elocuencion. Pues el estilo, no me parece es inferior a todo lo demas. Por que en la templança de su mediania, mezcla una gravedad i dulçura mui conforme a la dignidad de las cosas. Es el deçir brioso, nervoso, i juntamente suave: tiene sustancia, jugo i desenfado; corre con pureça i lisura.

Algunas voçes ai en el Provinciales; digo de esta tierra i provincia; tambien frasis propias de Andalucia, no admitidas, en Castilla; otras mui antiguas que ya no estan en uso. Pero no lo juzgo esto por desacuerdo; antes pienso es particular aviso i cuidado de V.R. que desea conservar su patrio language i venerar el antiguo; a imitacion de los Griegos; cuyos Dialectos que en quatro de sus Provincias eran diferentes, los conservaban sus Naturales, con una tenaz emulacion i no vencida elocuencia. Las Digresiones, Descripciones, i controversias que ai en esta parte de Historia, me parecen no solo forçosas sino tan cuerdamente dispuestas, que hermosean, i fortalezen todo lo demas.

Digo ultimamente (mi Padre) segun lo poco que yo alcanço, que no solo cumple V.R. con las leyes de Historia, como

(42)

quiera (que es lo que V.R. desea saber) sino que, quanto admite el Asunto, las executa en esta, con ventajas. </NvA> </A seq 17>

(43) GENIO A

<TP>SEGUNDA PARTE</TP>

<A seq 1> <NvA>I. No se contenta V.R. (mi Padre Fr. Francisco) con que yo le obedezca en decir mi sentimiento acerca de su Historia, sino que tambien quiere le refiera los agenos. Bien podia satisfacerse V.R. i escusarme yo con las Censuras de los dos insignes Coronistas de su Magestad que aprobaron su Historia el Maestro Gil Gonçalez de Avila, i el Dotor Dom Tomas Tamayo de Vargas, los cuales pudieran, con su aprobacion, sosegar el animo de V.R.. Pero, por que todavia desea oir los sentimientos de otros menos bien afectos Censores, sera necesarios prevenirse con aquellas palavras del gran Geronimo, en el Prologo al Cronico de Eusebio: las cuales ya me parece veo en boca de V.R. diciendome: Cierta cosa es, que avra muchos, que con el ordinario gusto del morder a todos (lo cual nadie puede evitar, sino el que nada escribe) hinquen el diente a este volumen. Calumniaran los tiempos, trocaran el orden, arguiran las cosas, i examinaran cada silaba, i aun la negligencia de los escrivie(n)tes (de que pocos se escapan) la refundiran en el Autor

52

(44) GENIO A

Con esta prevencion i consuelo, de tan gran compañero en padecer calumnias, pudiera referirle a V.R. las que algunos han puesto a este su tomo. Pero por no ser de importancia, ni causarle con todas solo referire dos. Advierten unos, que el estilo i language es mui subido para Historia, i mui artificioso para fraile Descalço: otros añaden; que se debieran escusar las controversias, i mucho mas el brio con que en ellas responde i arguye; pareciendoles no ser esto tan conforme a las leyes Historiales, ni a las que pide la modestia Religiosa i espeçialmente Descalça. I aunque a entrambas objeciones esta ya respondido en los advertimientos, que tengo hechos; todavia para mas satisfacion de algunos mui escrupulosos en esta materia, que calumnian lo mismo en Varones tambien mui reformados i modestos; me ha parecido responder de proposito por todos, aun que me alargue algo, a costa de un poco de paciencia de quien esto leyere.</NvA> </A seq 1>

<A seq 2> <B,2,III,1> <A:B>2. Començando, pues, por la objecion contra el Estilo culto, advierto de antemano que (como ya tengo dicho) **no es mi intento alabar el extremo de novedade i estrañeza, que oi usan algunos, sino la excelencia**

\* [303]

<Tcap>CAPITULO III

SI ES LICITA Y EN QUE MANERA LA NOVEDAD DE ESTILO

Y LENGUAJE</Tcap>

<B seq 1> <B,2,III,1,2,3> <B,2,III,1> <ExB>1. Cuál extrañeza de estilo merece loa.</ExB>

<B:A>**No es mi intento** (como ya tengo significado) **alabar el extremo de novedad** en el estilo, ni tampoco el desaliño y grosería de él, **sino** declarar la manera de **excelencia**

(45) GENIO A

i aseo que hasta pisar raya puede llegar en un modesto Escritor. I con este presupuesto digo, que asi como no se debe loar cualquiera estrañeza de language, tan poco se deben condenar todas abulto.</A:B> <A=B>Por que unas llegan a exçeso, i ese es reprehensible; otras se quedan en grandeça i esa es lo loable.</A=B>

<A:B>No por que en algo se altere i estrañe el Estilo, ya luego es malo, ni el haçerlo cosa nueva:</A:B> <A=B>pues en todas las lenguas del Mundo ha sucedido lo mismo, aun quando mas se han mejorado. La de los primeros latinos, poco usada era ya en tiempo de Ciceron; i la<sup>53</sup> de Caton i Enio enriqueçio su patrio language con vocablos nuevos.

En la nuestra lo vemos mas claro i mas de cerca; cuyo idioma antiguo es oi barbaro, i tan dificultosamente entendido de los Castellanos; por que gasta tantas clausulas el docto<sup>54</sup> Moralista en averiguar el a sentido destas palabras, *Debodo a Dios* escritas en las antiguas<sup>55</sup> leyes Castellanas:</A=B> <A:B>i lo mismo se ve en otras tales voçes en cuya declaracion se ostenta ya la curiosidad<sup>56</sup> de muchos. Miremos lo mas de cerca casi en ñros tiempos.</A:B> <A=B>La elegancia de Garçilaso, q[ue] ayer se tuvo por osadia Poetica, oi es prosa vulgar, como tan bien n(vest)ra mas subida Poesia sera mañana, (si el uso

\* [303 ...]

y cultura, que hasta pisar aquella raya, huyendo de esta otra, puede tener.</B:A>  
<B=A>Digo, pues, que así como no se debe loar cualquier extrañeza de lenguaje, tampoco se deben condenar todas a bulto, porque unas pasan a exceso, y ése es reprehensible, otras se quedan en grandeza, y ésta es loable. No porque en algo se mude y altere el estilo, ya luego es malo, ni el hacerlo, cosa nueva, pues en todas las lenguas del mundo ha sucedido lo mismo, aun cuando más se han mejorado. La de los primeros latinos poco usada era ya en tiempo de Cicerón 1; y el estilo de Catón y de Enio 2 enriqueció su patrio lenguaje con vocablos nuevos.</B=A>

\* [304]

<B:A>En la nuestra española lo vemos más claro y más de cerca, pues su antiguo idioma es hoy bárbaro, y tan dificultoso de entender de castellanos y aragoneses, de quienes fue propio, como su primer lemosín de los catalanes. Y si no ¿por qué gasta tantas cláusulas el docto moralista Sánchez 3 en averiguar el sentido de estas palabras: Debodo a Dios, escritas en las leyes antiguas castellananas?</B:A>  
<ExB>¿Y el diligentísimo Blancas tanto índice en la declaración de los vocablos antiguos aragoneses, que en el Tratado de las reales coronaciones (por nuestro amigo, infatigable trabajador y docto Cronista Andrés, sacado ahora a luz) se hallan esparcidas?</ExB> <B:A>Y lo mismo hacen otros muchos observadores de la antigüedad, ostentando ya en esto su curiosa y noticiosa erudición.

Mirémoslo aún más patente con ejemplos notorios de menos antigua frase y moderna trasmutación.</B:A> <B=A>La elegancia de Garcilaso 4,

\* [305]

que ayer se tuvo por osadia poética, hoy es prosa vulgar como ad it n nuestra mas subida poesía será mañana si el uso

<B,2,III,2> <ExB>2. Es lícito enriquecer la lengua y estilo.</ExB>

<B:A>El estilo se muda como lo demás que está sujeto al tiempo, el cual hace renacer y envejecer vocablos, vistiendo en cada siglo la lengua y propio idioma de nuevas voces y frases, como a los árboles cada año de follaje nuevo. Y a la manera que en los hombres a lozania de la juventud se ríe del desaire de la vejez, y florece solo la edad verde, así la de los vocablos antiguos es despreciada de los que nacen y se crían a vista de los nuevos.

Lo que el autor5 de esta sentencia dijo en su más que poética ar e con elegante metro,</B:A> <ExB>se tradujo en pocos versos de nuestra lengua, los cuales por suavizar algo lo serio y preceptivo de esta prosa, permitiremos aquí:</ExB>

**B=A>Renacerán muchas cosas  
de las que murieron ya;  
y morirán las que viver.  
cediendo a la leY fatal.  
Los vocablos que holl más brillan,  
toscos mañana serán;  
si así lo quisiere el uso,  
que es el dueño del hablar6.  
Como la selva cada año  
viste follaje galán,**

\* [306]

**mudándose nuevo adorno,  
que despues ha de mudar;**

**Asi del lenguaje antiguo  
la va envejecida edad  
con belleza de uocablos  
siempre reflorecerá.**

**Y al modo que el joven tierno  
lozanea su beldad,  
el nuevo estilo que hoy nace,  
triunfa y reina sin igual.</B=A> </B,2,III,2>**

**<B,2,III,3> <ExB>3. El uso; y de quién da leyes al lenguaje.</ExB>  
<B=A>Finalmente este negocio y pleito se reduce todo al tribunal del  
uso que es el supremo árbitro y juez calificador**



(47) GENIO A

del language: el cual aprueba, o reprueba lo que le parece, sin dar otras causas, mas que el gusto de los que a esto atienden.

En usandose, o, desusandose, mayorme(n)te en la Corte (que es la Escuela de toda poliçia) el vocablo, o, frasi, que da calificado, o, reprobado. </A=B> <A:B>I aun que esta califiçacion tambien se funde en otras condiciones de propiedad, sinifiçacion derivacion i buen sonido, q[ue] suelen conbidar, i aun obligar a fingir vocables i frasis nuevas; pero la condicion sola del uso prevaleçio siempre contra todas las demas. I asi vemos infinitos vocablos propisimos, i mui sinificantes ya olvidados; i otros aora mui recebidos, que solo tienen de bueno el uso de los Doctos. Por donde no ai que melindrear en esta materia, sino tener tragado, que es liçito i lo fue, i sera sic(m)pre, sacar a luz nuevas voces i florear la lengua Española; </A:B> <A=B>de suerte que se pueda en ella, como en la Griega i Latina, usar de modos, figuras i tropos elegantes; que aora, por la groseria pasada, se haçen tan estraños: aun que siempre con la moderaçion que tengo dicho; i acordarè despues. </A=B> </B,2,III,3> </A seq 2>

\* [306 ...]

de los lenguages, el cual aprueba o reprueba lo que en ellos le parece, sin dar otras causas más que el uso, y gusto de los que a esta introduccion atienden. En usándose o desusándose, mayormente en la Corte (que es la escuela de toda policía) el vocablo o frase, queda calificado o reprobado. **<B=A> <B:A>Y aunque esta calificación también se pueda y deba fundar en otras condiciones y requisitos de propiedad, necesidad, derivación y buen sonido que son las que suelen convidar, y aun obligar a introducir vocablos nuevos,</B:A> >B=A>pero la condición sola del uso prevaleció siempre contra todas las demás, y asi vemos infinitos vocablos propísimos y muy significantes ya olvidados, y otros ahora muy recibidos, que sólo tienen de bueno el uso de ellos.</B=A> <ExB>En los trajes se halla lo mismo por la misma causa; y en Espana más que otra nación parece que andan a la par el traje y el lenguaje, tan inconstante y mudable el uno como el otro. Lo cua, si con moderación y elección se introdujese, no calumnia, sino loa podría conciliar. Porque el brío español no sólo quiere mostrar su imperio en conquistar y avasallar Reinos extraños, sino también ostentar su dominio en servirse de los trajes y lenguaes de todo el mundo, tomando libremente de cada provincia, como en tributo de su vasallaje, lo que más le agrada y de que tiene mas necesidad para enriquecer y engalanar su traje y lengua sin embarazarse en oír al italiano o francés: este vocablo es mío, y al flamenco y alemán: mío es este traje. De todos con libertad y señorío toma como de cosa suya, pero con tal destreza que al vocablo y traje extraño que de nuevo introduce, le da una cierta gra-**

\* [307]

cia, aliño y gala, que no tenia en su propia patria y nación mejorando lo que roba, lo hace con excelencia propio.</ExB> **<B:A>No hay, pues, que melindrear en esta materia contra la novedad del estilo, sino tener tragado que es lícito y lo fue y lo será siempre sacar a luz nuevas voces, y florear la lengua española,</B:A> <B=A> de suerte que se pueda en ella, como en la griega y latina, usar de modos, frases, figuras y tropos elegantes, que ahora por la groseria pasada se hace tan extraño; aunque siempre con la moderacion que tengo dicho y acordaré después.</B=A> </B,2,III,3> </B,2,III,1,2,3> </B seq 2>**

<A seq 3> <B,2,III,4> <A:B>3. Oponen algunas mui zelosos del bien publico, dos grandes inconvenientes a esta Licencia i Novedad de Estilo. El primero, la corrupcion de las

(48) GENIO A

costumbres, que tras la del language, dicen, se va siguiendo.</A:B> <A=B>El segundo, el peligro de alterar la Doctrina i dogmas de la Fe, con la introducion de voces peregrinas, cuya novedad llama<sup>61</sup> el Apostol profana; i manda que se evite.</A=B> <A:B>Pero respondo a lo primero, que el estudio de mejorar el Estilo no corrompe ni vicia las costumbres, antes divierte los ingenios de otras ocupaciones en que se pudieran estragar i corromper:</A:B> <A=B>porque empleados en esta que es tan honesta i liberal, se evitan ocasiones de notables peligros.</A=B> <A:B>I no se yo, por q[ue] esta parte de Elocuencia aya de ser sospechosa contra las buenas costumbres; las cuales ante se persuaden i defienden con ella; sino es, que alguno diga, que solos los reos i criminosos son elocuentes: consecuencia, que, contra los que sienten lo primero, saca ironizando Sã Geronimo<sup>62</sup>.

Como si no fuese mui al revés (añade el Santo) i escondiesen los tales las sangrientas espadas, antes en los troncos de los arboles </cit> (esto es, como yo entiendo, en la groseria de sus ingenios) que en los volumenes de los sabios elocuentes.</A:B> </B,2,III,4> <B,2,III,5> <A:B>Bien lo probariamos, si tendiesemos los ojos por las Historias de esos siglos antiguos:</A:B> En los cuales, aun que no siempre que reynò la virtud, ubo elegancia; pero siempre que

\* [307 ...]

<B seq 3> <B,2,III,4,5,6> <B,2,III,4> <ExB>4. Respóndese a los inconvenientes contra el lenguaje nuevo.</ExB>

<B:A>Oponen algunos muy celosos del bien público, o menos, por no diestros, aficionados a la cultura del estilo, dos grandes inconvenientes a esta licencia y novedad:</B:A> <B=A>el primero, la corrupción de las costumbres, que a la del lenguaje dicen seguirse- el segundo el peligro de alterar la doctrina y dogmas de la fe con la introduccion de voces peregrinas, cuya novedad llama el Apóstols profana y manda que se evite.</B=A> <B:A>Pero respondiendo a lo primero digo que el estudio de mejorar el estilo no corrompe ni vicia las costumbres, antes con su ocupación honestamente recrea los ingenios y los divierte de otras no tan lícitas en que se pudieran estragar y corromper; porque detenidos en este que es tan liberal e ingenioso empleo, se evitan muchas ocasiones de notables peligros temporales y eternos;</B:A> <ExB>y ojalá en todos tiempos y provincias la vaga juventud y muchedumbre de ociosos divertidos aplicase el ingenio a la lectura y pulimento del lenguaje, que entretenidos en esta inocente curiosidad, sería mayor el número de los cuerdos y recogidos, y aun las famas, honras y haciendas de todos se verían con menos desdichas, y la virtud tendría más de su parte al entendimiento, pues siempre le tiene más granjeado y benevolo en cualquier honesto estudio que en otras diversiones licenciosas.</ExB> <B:A>Y no sé yo por qué esta parte de elocuencia se haya de tener por sospechosa contra las costumbres, las cuales antes se persuaden y defienden con ella, si no es que alguno diga que solamente los reos y criminosos son los elocuentes; consecuencia que contra los que sienten lo primero, saca ironizando San Jerónimo 9 gran defensor de la elocuencia.</B:A> <B=A>Como si no fuese muy

\* [308]

al revés, añade el Santo, y escondiesen los facinerosos las sangrientas espadas antes en los troncos de los árboles, que en los volúmenes de los sabios elocuentes;</B=A> <ExB>quiso decir que la rusticidad de su trato ayudaba a la maldad de su vida, y las armas de su malévolas intención se ocultaban como envainadas en la grosería de sus troncos ingenios, y no en los escritos elocuentes de la sabiduría, que es la armería propia de la virtud y erudición.</ExB> </B,2,III,4>

<B,2,III,5> <ExB>5. Confírmase con ejemplos el poder innovar el lenguaje.</ExB>

<B=A>Bien probaremos esto si tendemos los ojos por los ejemplos de esos siglos antiguos, en los cuales, aunque no siempre que reinó la virtud hubo elocuencia; pero siempre que

(49) GENIO A

floreció la elegancia, reinó en gran parte la virtud; como al contrario muchas veces con la grosería del lenguaje se acompañó el vicio. </A=B> </ExA> Solo un ejemplo refiere del siglo Decimo despues de nuestra Redemcion<sup>63</sup>. </ExA> <A:B> En el cual, por los años de treinta, hasta cuarenta, estuvo casi toda la Crístandad contaminada de vicios i costumbres depravadas. </A:B> >A=B> Avia en Roma juntamente tres Papas, monstro horrendo. Uno, muchacho de doce o treçe años, introducido por violencia de Alberico su Padre, Conde Tusculano: otro, simoníaco, que con manifiesto escandalo compró la silla; otro, intruso por antojo del Emperador Enrico, usurpador del derecho de la Iglesia; i todos juntos agarraban de la Tiara(sic??) i rentas del Papato, despedaçando la Iglesia.

Lo restante<sup>64</sup> de la Republica Xpña todo era casi, de la misma forma, en Alemania, Ungria, Francia i España, cuyas Naciones ardian en guerra, i vicios igualmente. </A=B>

<A:B> Entonçes, pues, ninguna cultura avia de lenguaje, ninguna gallardía; sino barbariedad, como en las costumbres, en la guerra. </A:B> <A=B> I asi no ai por que temer, se introduzga con la Elocuencia el vicio; que antes suele desterrarse con ella; </A=B> </B,2,III,5> <B,2,III,6> <A:B> Al segundo temor del peligro de la Fe, por la novedad, del lenguaje, respondo

\* [380 ...]

**floreció la elegancia, reinó en gran parte la virtud, como al contrario, muchas veces con la grosería del lenguaje se acompañó el vicio.** </B=A> <ExB>La República romana (teatro de experiencias políticas) cuando estuvo en su mayor felicidad, premio de su virtuosa observancia, alcanzó también la mayor cumbre del bien hablar, floreciendo juntamente en la justicia y elocuencia, de la cual fue bajando y descaeciendo, al paso que iba declinando con el imperio la virtud.

En la eclesiástica también hallaremos algún muy notable apoyo y prueba de esto mismo.</ExB> <B=A>**Por los años de mil y treinta, hasta el de cuarenta, estuvo casi toda la Cristiandad contaminada en lo eclesiástico de viciosas costumbres. Había en Roma juntamente tres Papas (monstruo horrendo), uno muchacho de doce o trece años, introducido por violencia de Alberico, su padre, Conde Tusculano- otro simoniaco, que con manifiesto escándalo compró la Silla, y otro, finalmente, intruso por antojo del Emperador Enrique, usurpador del derecho de la Iglesia;**</B=A> <B:A>y todos juntos, cada cual por su parte, asían y agarraban de la Tiara y rentas del Papado,

\* [309]

**despedazando la inconsútil vestidura de Cristo, que es la Iglesia como lo refiere y llora su más grave Analista 10.**</B:A> <B=A>**Lo restante de la República cristiana todo era casi de la misma forma en Alemania, Hungría, Francia y España, cuyas naciones ardían en guerras y vicios igualmente.**</B=A> <B:A>**Entonces, pues, que fue el tiempo más perdido desde aquél a éste, ninguna cultura había de lenguaje ninguna gallardía de vocablos, ninguna hermosura de frases, ni flores de Retórica, sino bárbara rusticidad, como en las costumbres, en la lengua y escritos;**</A:B> <ExB>de donde se colige que no la elegancia de ellos, sino la grosería del trato y de la vida, daña a las costumbres.

Confieso que la simplicidad antigua muchas veces se halló juntamente en el vivir y el hablar; pero nunca fue efecto de la vida sencilla el lenguaje grosero, ni de éste la bondad de las costumbres, como ni tampoco nace la depravación de ellas del realzado estilo.</ExB> <B=A>**Y así no hay que temer se introduzca con la elocuencia el vicio, que antes con ella se suele desterrar.**</B=A> </B,2,III,5>

<B,2,III,6> <ExB>6. Cuándo cesa el peligro en la innovación del lenguaje.</ExB> <B=A>**Al segundo temor del peligro de la fe por la novedad de los vocablos, respondo**

(50) GENIO A

que es afectado escrupulo, i miedo pueril; pues ni la Fe se funda en el language, ni la cultura del Estilo hizo jamas encuentro a la fe. <A=B> La novedad de voces que condenò el Apostol es mui diferente, i su sentencia mui a otro proposito. Por que aun que en el texto Griego la palabra original<sup>65</sup>, sin distongo, significa vanidades; i con el, novedades; <A=B> i con raçon: por que la novedad suele ser vanidad, pero no siempre, ni cualquiera es reprehensible, sino la profana, que es la que el Apostol descomulga. <A=B> I esta (como dicen Sagrados<sup>66</sup> Interpretes) es sola aquella que introduce, con nuevo voces, nuevos dogmas contrarios a la Fe; Por: que no aviendo esto, que se leda al Apostol, que al concepto agudo llamen picante; Esquicio, al Dibujo; i evento, al suceso, i se introduz gran otras voces tales, en que ninguna cosa ai contra la Fe.

Confieso con San<sup>67</sup> Agustin que en la dotrina catolica, no solo debe sentirse rectamente, sino tambien hablarse con rectitud: i con el<sup>68</sup> mismo Santo, digo; que nadie se desperia en Heregia, sino apartandose de la propiedad de los nombres; i con San<sup>69</sup> Geronimo; que no derrama de si buena sospecha, quien aun sintiendo con los demas lo mismo disiente en las palabras. Se tambien la turbaçon que causò entre los Padres<sup>70</sup> de la Iglesia la palabra Homousion, nuevamente

\* [309 ...]

que es afectado escrupulo, pues ni la fe se funda en el lenguaje, ni la cultura del estilo hizo jamás encuentro a la fneza de la fe.

La novedad de voces que condenó el Apóstol es muy diferente y su sentencia muy a otro propósito. Porque aunque en el texto griego la palabra original sin diptongo significa vanidades.</B=A> <B:A>y con él novedades (harto misteriosa y razonablemente, porque la novedad suele ser muchas veces vanidad),</B:A> <B=A>pero no siempre ni cualquiera es reprehensible sino la profana, que es la que el Apóstol excomulga, y ésta, como dicen sagrados intérpretes, es sola aquella que Introduce con nuevas voces dogmas nuevos contrarios a la fe Porque no habiendo esto,</B=A> <B:A>¿qué se le da al Apóstol, que al concepto agudo llamen picante, esquicio al dibujo, y evento al suceso, y se introduzcan otras voces tales, en que ninguna cosa hay contra la Religión Cristiana?</B:A> <ExB> Confieso con San Agustín que en la Doctrina Católica no sólo se debe sentir rectamente, sino también hablar

\* [310]

con rectitud; y con el mismo Santo digo que nadie se despeña en herejía, sino apartándose de la propiedad de los nombres, la cual pende toda del uso recibido entre los que bien hablan, y emanado de la antigüedad.</ExB> <B=A>Y con San Jerónimo il siento que no derrama buena sospecha de sí quien, aun sintiendo con los demás en el concepto, disiente en las palabras.

Sé también la turbación que causó entre los Padres de la Iglesia la voz Homousion<sup>12</sup>, nuevamente aunque



(51) GENIO A

introducida, aun que por un Concilio; la que entre los Africanos se originò de la voz<sup>71</sup> hacdera mudada por San Geronimo, en Ionas, en lugar de cucurbita; </A=B> <A:B>la que comovio, a todo el Oriente<sup>72</sup>, alterado con un nuevo modo de hablar acerca de la Trinidad Santisima; </A=B> <A=B>la que enojo al gran Espiridion<sup>73</sup> nuestro Padre por oir leer, lectum en lugar de grabbatum en el Evangelio; Estoi advertido de la lei que refiere Plutarco<sup>74</sup> contra los Inventores de lenguages i opiniones nuevas. </A=B> <A:B>I finalmente cõ(n)fieso, que en las palabras (indices del corazon) puede i suele aver dolo(sic??) daño, i veneno: pero eso es en materia i dogmas de Fe; i dotrinas, no en la galènteria i cultura del Estilo, el cual, sin este peligro i sin este daño, se haído siempre i en todas las naciones alterando i mudando, como avemos d(ic)ho dho. </A:B> </B,2,III,6> </A seq 3>  
<A seq 4> <B,2,IV,2> <ExA>4. Replicará por ventura alguno, diciendo que no se condena el Estilo culto i florido, sino el altitonante i enpinado, que algunos (aun que impropriamente) llaman Critico. Pero aun que este no pertenece a la mediania de n(uest)rã Historia, todavia por la afinidad que tiene con el que en ella se usa, responderemos a la Objecion, por todos. </ExA> <A=B>La alteza de estilo en el Orador, es, tan suya, que debe para cumplir con su obligacion, subir

\* [310 ...]

por un concilio introducida; </B=A> <B:A>la inquietud entre los africanos católicos, originada de la palabra Naedera, mudada por San Jerónimo 13 en lugar de Cucurbita en la profecía de Jonás; la conmoción de los cristianos del Oriente, alterados por un nuevo modo de hablar acerca de la Trinidad Santísima; </B:A> <B=A>el enojo del gran Espiridión 14, nuestro padre, por oír leer en el Evangelio Lectum, en lugar de Grabbatum. Estoy advertido de la ley que refiere Plutarco contra los inventores de lenguajes y opiniones nuevas. Y, finalmente, confieso que en las palabras, índices del corazón, puede y suele haber dolo y veneno.</B=A> <B:A>Pero todo eso es en materia de Religión y gobierno, no en la galantería y cultura del estilo, el cual sin este peligro y sin este daño, se ha ido siempre y en todas las naciones alterando y mudando, como habemos dicho.</B:A> <ExB>Estén, pues, muy enhorabuena firmes e inmuebles los términos, voces y palabras que en materia de Religión, dogmas y doctrina introdujo la antigüedad, y el tiempo sucesivamente siempre ha observado y venerado, como las palabras también y frases formularias en las leyes, decretos y causas forenses, y en cada arte y ciencia- pero en lo demás del estilo y lenguaje corriente, no hay para qué atar los ingenios y elocuencia a la grosería del hablar antiguo.</ExB> </B,2,III,6> </B,2,III,4,5,6> </B seq 3>

\* [311]

<Tcap>CAPITULO IV

HASTA DONDE SE PODRA LEVANTAR LICITAMENTE</Tcap>

<B seq 4> <B,2,IV,1,2,3> <B,2,IV,1> <NvB>1. Condenan algunos la alteza del estilo.

Los mismos que condenan la novedad y extrañeza de voces en el hablar y escribir, reprueban también la demasiada alteza del estilo, diciendo que por serlo tanto, viene a ser oscuro y escabroso, y aun menos decente a la modestia del orador o escritor religioso y pío. Y aunque este género de estilo, que es el supremo, no pertenece derechamente a la medianía del que pide la Historia (intento principal nuestro), todavía por la afinidad que con él tiene, responderemos por todos a la duda y objeción propuesta, declarando en qué manera, cuándo y a quién sea lícito, y aun obligatorio subtlimar el lenguaje.</NvB> </B,2,IV,1>

<B,2,IV,2> <ExB>2. Defiéndose la alteza del estilo en el orador y poeta.</ExB>

<B:A>La alteza del estilo en el orador, y mucho más en el poeta, es tan suya que deben, para cumplir con su obligación, subirle

(52) GENIO A

hasta el peligro del despeño por que es lo particular de la Elocuencia<sup>75</sup>, como tambien de algunas Artes, amar los precipicios: i no se tiene por excelente Artifice, el que alguna vez no pasa de la raya, trascendiendo las comunes leyes de su Arte; en la cual nunca exceder, es faltar.</A=B> </B,2,IV,2> <B,2,IV,3> <A:B> Dirame alguno con n(uest)ro Español<sup>76</sup> Orador, que debe usarse del language; como de la moneda, marcada con publica señal. Lo cual yo tambien digo i admito.</A:B>

<A=B>Pero como en la moneda aí unas de cobre, otras de plata i otras de oro, i todas marcadas con señal publica: asi el language, ai Estilos mas, o, menos vulgares i preciosos.</A=B>

<A:B>Vse, pues, en hora buena el plebeyo del estilo de cobre, como de la moneda de cuartos, o, Vellon; que en boca de la Nobleça digo en la de los ingenios nobles, no ha de correr sino el de oro, o, plata, que es el mas puro, rico i levantado estilo.</A:B> <A=B>Siempre en el hade aver su graduacion i diferencias, como la aí en los estados i condicion de gentes en una Republica: adonde, como no se ve que vistan i coman todos de una suerte; tan poco que hablen de una misma manera.</A=B> </B,2,IV,3> </A seq 4>

\*[311 ...]

**hasta peligro del despeño Porque es loa particular de la elocuencia, como también de algunas artes, amar los precipicios y no se tiene por excelente artífice el que alguna vez no pasa de la raya señalada por los maestros ordinarios, trascendiendo las comunes leyes de su arte; en la cual el no exceder alguna vez es faltar.**</B:A> <ExB>Así dijo osada y gravemente el gran ingenio de nuestra España y siglo, Bartolomé Leonardo I, en los tercetos de una Epístola;

\* [312]

No guardaré el rigor de los preceptos  
en muchas partes sin buscar excusa  
ni perdón, por justísimos respetos.

Y si algún Aristarco nos acusa,  
sepa que los preceptos no guardados  
cantarán alabanzas a mi Musa.

Que si suben más que ellos, ciertos grados,  
por obra de una fuga generosa,  
contentos quedarán, y no agraviados.

Y es así, que este subir el estilo ha de ser en ciertos grados, y con tal arte y temple, hurtándose al ordinario y vulgar modo de hablar y escribir, que no parezca ignorar y desquiciar el arte, sino engrandecerla y mejorarla.

Cansado el Ticiano 2 del ordinario modo de pintar a lo dulce y sutil, inventó aquel otro tan extraño y subido, de pintar a golpes de pincel grosero, casi como borrones al descuido, con que alcanzó nueva gloria dejando con la suya a Miguel Angel, Urbino, Corregio y Parmesano, que en la ordinaria dulzura de pintar fueron excelentes; pero éste, como quien no se digna de andar por el camino ordinario, hizo senda y estrada por cumbres y desvíos.

Lo mismo parece pretendieron en este tiempo nuestro Hortensio y Góngora<sup>3</sup>, éste en el verso, y aquél en el verso y prosa; aunque

\* [313] en la extravagancia de ésta fue más especialmente insigne el Hortensio, como el Góngora en la poesía, subiendo ambos el estilo hasta la celsitud del precipicio en el hablar y el escribir.</ExB> </B,2,IV,2>

<B,2,IV,3> <ExB>3. Declárase un dicho de Quintiliano cerca del estilo.</ExB>

<B:A>Alguno dirá con nuestro español, y, según doctas censuras, aragones, Quintiliano 4, **que debe usarse del estilo y lenguaje como**

\* [313 ...] **e a moneda marcada con pública señal, lo cual yo también digo y admito aquel sentir; pero como en la moneda hay unas de cobre otras de plata y otras de oro, y todas marcadas con señal pública asi en el lenguaje hay estilo, y vocablos más o menos vulgares y**

**Use enhorabuena el plebeyo del estilo de cobre, como de la moneda usual de cuartos y vellón, que en boca de la nobleza digo de los ingenios nobles, no ha de correr sino el de oro o plata que es el más puro, rico y levantado estilo. Siempre en él ha de haber su graduación y diferencias, como la hay en los estados y condición de gentes en una bien gobernada República, a donde como no se ve que vistan y coman todos de una suerte, tampoco que hablen de una misma manera.**</B:A> </B,2,IV,3> </B,2,IV,2,3> </B seq 4>

<A seq 5> <B,2,IV,4> <ExA>5. Para el Orador i Escritor seglar, bastantemente apoyado queda (al parecer) su alto Estilo: pero no para el Religioso, i descalço, a cuya modestia no es

(53) GENIO A

licito, lo que al desenfado de un seglar es loable.</ExA> <A=B>Por que si habemos de hablar como vestimos; o, vestir como hablamos (segun que otro proposito dixo el Gran<sup>77</sup> Geronimo) o, no avemos de hablar como los seglares, o, avemos de vestir como ellos. Tambien en los Autores sagrados, i especialmente varones apostolicos toda su elocuencia era la sencillez de su eficacia, a la cual i ala jugosa devocion del sentir, impide el ambicion del hablar.</A=B>

[PARECIDO ...] <A:B>Satisfacción pide esta objeçion; i para responder de raiz a ella, supongo, i digo; que a tres Principios podemos reducir la facultad i habilidad del hablar con elocuençia: a la Gracia, a la Naturaleça i al Arte. Ai algunos, aun que poco favoreçidos del Natural i menos ayudados del estudio; pero tan socorridos de la Graçia divina, que pudieron con esta sobra, suplir aquellas dos faltas; ministrandoles el Espiritu superior<sup>78</sup>, lo que a otros su Natural, o su desvelo. Tales fuerõ(n) los Apostales; i algunos particularmente de los Profetas, quienes no alguna nativa, o, estudiada Elocuencia hiço celebrados; mas consola la divina fueron a todos su superiores. Otros ai, de natural tan facundo i elocuente; que aun que poco, o, nada ayudados de superior i Especial espiritu, ni de artificio humano,

\* [313 ...]

<B seq 5> <B,2,IV,4,5> <B,2,IV,4> <ExB>4. Es lícito a los eclesiásticos y religiosos levantar el estilo; tócanse tres principios de elocuencia.

De esta diferencia y respetos excluyen algunos el estilo eclesiástico, y especialmente el religioso, y mucho más el de un varón modesto y reformado,</ExB> <B:A>pareciéndoles que si habemos de hablar como vestimos o vestir según hablamos (como a otro propósito dio el gran Jerónimo 5, o no habemos de hablar como los seculares, o habemos de vestir como ellos visten. Y también, porque en los autores sagrados, y mayormente en los varones apostólicos,

\* [314]

toda su elocuencia era la sencillez de su hablar, a la cual y a la jugosa devoción del sentir impide la ambición del estilo muy alto.

[PARECIDO ...] Para responder a esta objeción supongo que a tres principios podemos reducir la facultad y utilidad de hablar con elocuencia, es a saber, a la gracia, a la naturaleza y al arte.

Hay algunos, aunque poco favorecidos del natural y menos ayudados del estudio, pero tan socorridos de la gracia divina, que pudieran con esta sobra suplir aquellas dos faltas, ministrándoles en superior grado el Espíritu divino lo que a otros su natural o su desvelo. Tales fueron los Apóstoles y algunos de los Profetas, a quienes no alguna propia nativa o adquirida elocuencia hizo facundos, mas solamente con la divina fueron a todos los demás muy superiores. Otros hay de natural tan elegante y elocuente, que aunque poco o nada ayudados de superior y especial espíritu, ni tampoco de artificio y estudio humano,

(54) GENIO A

facilmente, en cualquiera materia, discurren, declaran, dicen i persuaden lo que quieren, hallandose en la boca las Sentencias i periodos rodados, sin mas estudio que dexarse llevar de su facilisimo i abundante genio, solo cultivado con el exercicio del decir.</A:B>

<A=B>Destos ai muchos, i de ordinario son los que mas pulpitos, i atenciones ocupan; i los que estan como dedicados al aplauso del vulgo, el cual ni busca el espiritu, ni precia la doctrina, ni atiende al Arte; sino solo al fondo de la voz i dulce parleria. Tal dice Agustino<sup>79</sup> que era Fausto quien el cotidiano uso i exercicio de hablar daba Elocuencia.

Finalmente ai otros, que aun que carecen de ambas cosas: esto es de superior Gracia i Natural fecundo; pero en cierta manera suplen esta falta, con la porfia del trabajo tenaz i continuado; cultivando con Arte la Naturaleza, i esforçandose a imitar la Gracia; aun que con poco fruto: por que nada, o poco aprovecha la fuerça del estudio, cuando la desfavorecen el Natural i el cielo.</A=B>  
</B,2,IV,4>

<B,2,IV,5> <A=B>Supuestos estos tres principios de la Elocue(n)cia, digo; que, siendo necesaria para el Orador, o, Escritor Religioso, el tener alguna; debe, aun que en primer lugar procurar la divina, valerse tambien

\* [314 ...]

fácilmente en cualquiera materia discurren, declaran, dicen y persuaden lo que quieren, hallándose en la boca las sentencias y períodos rodados, sin más cuidado ni estudio que dejarse llevar de su facilísimo y abundante genio, cultivado sólo con el ejercicio del hablar. De estos hay muchos, y de ordinario son los que más tiempo y atenciones ocupan en los púlpitos y ruedas de las plazas, y los que están como dedicados al aplauso del vulgo, el cual ni busca el espíritu, ni precia la doctrina, ni conoce el arte, ni atiende a la sustancia y provecho, sino sólo al sonido y dulce parlería. Tal, según Agustín<sup>6</sup>, era un cierto retórico de su tiempo llamado Fausto, a quien el cotidiano uso y ejercicio del hablar daba facilidad en el decir.

Finalmente hay otros, que aunque carecen de ambas cosas, esto es, de superior gracia y natural facundo, pero en cierta manera suplen esta falta con la porfía del trabajo tenaz y continuado, cultivando con arte la naturaleza y esforzándose a imitar la gracia, aunque con poco fruto; porque nada o poco aprovecha la fuerza del estudio, cuando la desfavorecen el natural y el cielo.

5. Alteza del estilo en los tres principios de elocuencia dichos.

Supuestos estos tres principios de elocuencia, digo que siendo necesario para el orador o escritor religioso el tener alguna, debe, aunque en primer lugar procurar la divina, valerse también



de la humana, esforçando la Naturaleza, i procurando el Arte Cierta cosa es, que cuando el soberano Maestro infunde su divino Espiritu i con el menea la lengua de sus Ministros Evangelicos, no ai elocuencia humana, que se le puede comparar(sic), ni voluntad tan aversa, que se le atreva a resistir. Allí està la eficacia, viveza i energia del decir, i toda la nocion de la Retorica, por mas alto modo que enella misma. Por que lançandose en el Alma del Orador Apostolico aquella viva i poderosa virtud, sale despues embuelta en las mismas palabras, con que prende i arrebatata los animos.

I jamas<sup>80</sup> embio el Señor ni una palabra de su boca, que a el bolbiese vaçia del efeto, para que la embio: por que su habla<sup>81</sup> esta llena de potestad; i lleba consigo la execucion mas cierta, que la lança de quien se dixo<sup>82</sup>(?), que se blandia en ella la destruicion cruel. Pero porq[ue] no todas Veçes ni a todos, sino a mui raros infunde el cielo tan aventajada graçia; debemos, por nuestra parte, ayudarnos con el trabajo artificioso; esforçando la Naturaleza, i procurando el Arte ayudados de la misma gracia divina: para que, cuando ella no sea tan singular i copiosa, que por si sola nos lo de todo junto,

\* [314 ...]

**de la humana, esforzando la naturaleza y procurando el arte,**

\* [315]

que el cordón torcido de estos tres ramales sea, en lo que quisiere persuadir, dificultoso de romper. **Cierta cosa es que cuando el Soberano Espíritu infunde su divino aliento, y con él menea la lengua de sus evangélicos ministros, no hay elocuencia humana que se le pueda comparar, ni voluntad tan adversa que se le atreva a resistir. Allí está la eficacia viveza y energía del decir y toda moción de la Retórica, por más alto modo que en ella misma. Porque lanzándose en el alma del orador apostólico aquella viva y poderosa virtud, sale después envuelta en las mismas palabras, con que prende y arrebatada los ánimos en pos de sí; y nunca envió el Señor ni una palabra de su boca (de donde nacen todas las que así movidos hablan sus ministros) que volviese vacía del efecto para que la envió, porque su habla está llena de potestad, y lleva consigo la ejecución harta más cierta que la lanza de quien se dijo blandirse en ella la destrucción cruel. Pero porque no todas veces, ni a todos, sino a muy raros infunde el cielo tan aventajada gracia, debemos por nuestra parte ayudarnos con el trabajo artificioso esforzando la naturaleza y procurando el arte, ayudados de la misma gracia divina, para que cuando ella no sea tan singular y copiosa, que por sí sola nos lo dé todo junto,**

(56) GENIO A

podamos con el Estudio i el Ingenio, disponer para la ocupacion mas divina. Desta manera se ayudaron los doctores sagrados de la Iglesia: a cuyo estudio anadia n(uest)ro Señor particular luz de sabiduria; como a<sup>83</sup> Indic, sobre la hermosura natural suya, otra nueva del cielo; </A=B> <A:B> por que su ornato, aun que artificiosos i exterior, no proçedia de livindad sino de virtud, de donde tambien debe proceder, el del Escritor modesto. </A:B> <A=B> Que entonçes se ven las mançanas<sup>84</sup> de Oro en lechos de plata, como dixo el Sabio, i la palabra divina boltear sobre sus proprias ruedas; </A=B> <A:B> que (en opinion de Cayetano) son las figuras i frasis Retoricas que hacen el periodo que ya, con autoridad superior, podemos llamar rodado, conviniendo en esto<sup>85</sup> con Ciceron i Iuberral<sup>86</sup> i mucho mas con San<sup>87</sup> Geronimo que escribia una larga i elegantissima Epistola aun bolteo de pluma como el dice. </A:B> <B,2,IV,5> </A seq 5>

\* [315 ...]

podamos con el estudio y el ingenio disponernos. para la ocupación y ministerio más divino.

De esta manera se ayudaron los doctores santos de la Iglesia, a cuyo estudio añadía el Señor particular luz de sabiduría infusa como a Judit 7 sobre la hermosura natural suya otra nueva dei cielo, porque su ornato, aunque artificioso, no procedía de liviandad, sino de virtud; de donde también debe proceder todo el del escritor y orador modesto. Que entonces se ven las manzanas de oro en lechos de plata, como dice el Sabio<sup>8</sup>, y la palabra divina voltear sobre sus mismas ruedas, que en opinión de Cayetano 9 son las figuras y frases retóricas que hacen el período, que ya con autoridad superior podemos por esta causa llamar rodado, convinien

\* [316]

do en este apellido y nomenclatura con Cicerón y Juvenal 10, y mucho más con San Jerónimo <sup>11</sup>, que, como él confiesa, escribía una larga y elegantísima epístola a un volteo de pluma. </B:A> </B,2,IV,5> </B,2,IV,4,5> </B seq 5>

<A seq 6> <B,2,V,1> <A:B>6. Mas breve i no menos eficazmente responderemos ala objeçion de la Modestia Religiosa i Descalça, con el exemplo de los mas descalços i Reformados Santos de la Iglesia; en quienes hallaremos el Estilo mas culto i levantado que admite la

(57) GENIO A

Elocuencia; i admitelo tan alto, como avemos dicho, Entre los Padres Griegos, (por que empecemos dellos) quien en ñ(uest)ra edad osa competir con ambos Gregorios? con el gran Basilio, tan elegante, quanto Mõge? </A:B> <A=B>con Crisostomo? cuyo sublime estilo, quando predicaba, se les pasaba por alto a los oyentes, como noto<sup>88</sup> Baronio. I sobre todos los de aquella lengua, q[ue] estraneça, como la del divino Arcopagita lleno de preñeces, laconismos, Enfasis, misterios, i entusiasmos en su escribir; que, aun con sumo estudio, apenas se dexa entender: afectando misteriosa escuridad, defendida por gravisimos<sup>89</sup> autores.</A=B> </B,2,V,1> <B,2,V,2> <A=B>Si miramos, pues a los Padres de la Iglesia latina, no los hallaremos inferiores en alteza de estilo a los Griegos.

Quien se atrebe al encumbramiento de un Cipriano? quien al de un Hilario? de quien dice<sup>90</sup> Geronimo que se levanta con Frances Coturno?; i adornado de flores, proprias de la Grecia, se intrica i enbuelte algunas veçes, con periodos largos; por lo qual huye de su lecion la gente sencilla. Tras estos; que tiene que ver nuestra bajaça con la soberania de un Ambrosio, tan difìcil quanto profundo? </A=B> <A:B>de un Agustino, tan humilde quanto aveces gallardo? </A:B> <A=B>Oyamosle

\* [317]

<Tcap>CAPÍTULO V

PRUEBASE LO MISMO DEL ESTILO LEVANTADO CON  
EJEMPLOS DE LOS SANTOS DOCTORES Y PROFETAS</Tcap>

<B seq 6> <B,2,V,1,2,3,4> <B,2,V,1> <ExB>1. Los Santos y Padres de la Iglesia griega hablaron con alto modo.</ExB>

<B:A>Más breve y no menos eficazmente responderemos a la objeción propuesta en el capítulo pasado de la modestia religiosa contra el estilo sublime, con el ejemplo de los más religiosos y modestos Santos de la Iglesia, en quienes hallaremos el estilo más levantado que admite la elocuencia artificiosa, y admítelo tan alto como habemos dicho.

Entre los Padres griegos (porque empezamos de ellos) ¿quién

ahora en nuestra edad osa competir con ambos Gregorios Niseno y Nacianceno?1.

¿Quién con el gran Basilio2, tamaño en la elocuencia como en la santidad?</B:A>

<B=A>¿Con Crisóstomo3, cuyo encumbrado estilo

\* [318]

cuando predicaba se les pasaba por alto a los oyentes, como notó Baronio? Y sobre todos los de aquella lengua</B=A> <B:A>¿qué extrañeza como la del divino Areopagita4, tan lleno de preñeces, laconismos, énfasis, misterios, y, por decirlo así, entusiasmos en su escribir, que aun con sumo estudio apenas se deja entender, afectando misteriosa oscuridad, defendida y explicada por gravísimos autores?</B:A> </B,2,V,1>

<B,2,V,2> <ExB>2. También los de la Iglesia latina.</ExB>

<B:A>Si miramos, pues, a los Padres de la Iglesia latina, no los hallaremos inferiores en la alteza del estilo a los más artificiosos y encumbrados griegos.</B:A> <B=A> ¿Quién se atreve a la celsitud suprema de un Cipriano?

5. ¿Quién a la de un Hilario 6, de quien dice Jerónimo que se levanta con francés coturno, y adornado de flores propias de la Grecia, se intrinca y envuelve algunas veces con periodos prolijos, por lo cual huye de su lección la turba sencilla?</B=A>

<B:A>Tras éstos ¿qué tiene que ver nuestra bajeza con la soberanía de un Ambrosio7, tan difícil cuanto dulce y profundo? ¿Con la de un

\* [319]

Agustín 8, tan gallardo y bizarro, cuanto llano y corriente? Oigámosle

(58) GENIO A

predicar en la<sup>91</sup> Epifania dexando sus palabras en su mismo idioma. Tunc luna reꝑedentibus astris, permediam cœli semitan, pulchris aurea motibus ibat et iter suum radijs aperiens, campos plaçidis accessibus honestabat. Dum ergo rose polum faces et noctem fulgurantia astra discernunt, tunc insolitu repente natura lumen extimuit pavit subito stelliger axis, et astra tremula famulantur ad cunas.</A=B> <A:B>Podia afectar mas estrañeza, ni estilo mas cruxiente la osadia de n(uest)ro siglo! Construya, el que se escandaliza de clausulas artificiosas, las deste fragmento de San Agustin; i vera enellas transposiciones estranisimas. Bien las ponderò defendiendo lo que yo aora, nuestro insigne Carmelita Bautista<sup>92</sup> Mantuano i tras ellas exclama diciendo.</A:B>

<A=B>No ves el orden destas palabras, con cuanta espuma de elocuencia loçanea?</A=B> <ExA>con quanto impetu de decir se arroja?</ExA> <A=B>con quanto resplandor hermoseado brilla? Quien negarà ser este furor Poetico. Si esto pues se le oyera oi aun Religioso Descalço, que dixera el que le pide en sus Escritos no flores hortenses, sino yervas selvaginas.</A=B>

<A:B>No lo son por cierto estas de San Agustin, sino florecitas

\* [319 ...]

predicar en el misterio y festividad de la Epifanía del Señor, dejando sus palabras en su mismo idioma, donde tiene una grandeza y artificio que no cabe en el nuestro. </B:A> <B=A>«Tunc, dice, Luna recedentibus astris, per mediam coeli semitan pulcris aurea motibus ibat, et iter suum radiis aperiens, campos placidis accessibus honestabat. Dum ergo rosae faces, et noctem fulgurantia astra discernunt tunc insolitum repente natura lumen extimuit, pavit subito stelliger axis, et astra tremula famulantur ad cunas»</B=A> <B:A>¿Podía afectar más extrañeza ni estilo más empinado y gallardo la osadía de nuestro siglo? Construya el que se escandaliza de cláusulas artificiosas y brillantes, las de este fragmento de San Agustín, y vera en ellas transposiciones extrañísimas.

Bien las ponderó, defendiendo lo mismo que yo ahora, nuestro insigne carmelita Bautista Mantuano<sup>9</sup>, y después de haberlas referido exclama:</B:A> <B=A>¿No ves el orden de estas palabras con cuánta espuma de elocuencia lozana? ¿Con cuánto resplandor hermojado brilla?

¿Quién negará ser este furor poético?</B=A> <ExB>Así lo califica Mantuano.</ExB> <B=A>Si esto, pues, se le oyera hoy a un religioso reformado, ¿qué dijera el que le pide en sus escritos, no flores cultas, sino yerbas salvajinas?</B=A> <B:A>No lo son por cierto éstas de San Agustín, sino bellísimas flores



(59) GENIO A

hermosas, i de las mas hortenses; i a quien ninguna delas nuestras llega: por que son de aquel jardin del humildisimo Agustino, donde toda flor fue fruto celestial.</A:B> </B,2,V,2> <B,2,V,3> <A:B>Lleguemos a examinar al Dotor Maximo i no menos penitente San Geronimo; el cual, en la vida del Hermitano Pablo (cuyo estilo parece avia de ser horrido, como el Asunto) aun despues que, por acomodarse a los mas<sup>93</sup> sencillos, o, menos cultos, trabajó mucho consigo en humillar su estilo; lo dexó tan sublime, que sera mas que osadia decir, que la mayor alteza de ñ(uestro) siglo llega a la suya pues, por ser tanto su artificio, uno<sup>94</sup>, quien (aun que impiamente, como otras cosas) calunniase la verdad de aquella relacion, diciendo, que el Santo en ella avia querido haçer no tanto verdadera Historia quanto prueva i ostentacion de su Elocuencia.</A:B>

<A=B>A esto modo pudieramos traer exemplos de otros muchos varones santos i perfetisimos, que escribieron i hablaron con la alteça, preñez i gallardia del mas culto estilo.</A=B> </B,2,V,3> <B,2,V,4> <A=B>Por donde quien a los Religiosos Escritores, deste tiempo, pide con titulo de mas perfeçion, menos aseo de language, o, los tiene por mas perfetos que a los Santos; o a los Santos, por tan imperfetos como a

\* [319 ...]

nacidas en el **jardín** de su **humildísimo** cuanto elocuentísimo ingenio, **donde toda flor fue fruto celestial.**

<B,2,V,3> <ExB>3. San Jerónimo y otros emcumbraro7l el estilo.</ExB>

<B:A>**Lleguemos a examinar al doctor Máximo, y no menos penitente, austero y solitario monje, San Jerónimo 10, el cual en la vida del**

\* [320]

**ermitaño Pablo cuyo estilo parece había de ser hórrido, como el asunto, aun después que por acomodarse a los más sencillos o menos cultos monjes, trabajó mucho consigo en humillarlo, como él mismo testifica, lo dejó tan sublime, que será más que osadía decir que la mayor alteza y bizarria de nuestro siglo en el hablar llega a la suya- pues por ser tanta, y tan grande su artificio, hubo quien, aunque impiamente, calumniase la verdad de aquella relación, diciendo que el Santo en ella no tanto había querido hacer verdadera historia, cuanto prueba y ostentación de su elocuencia.**

**A este modo pudiéramos traer otros muchos ejemplos de varones también santos y perfectísimos, que escribieron y hablaron con la preñez, alteza y gallardía del más culto estilo.**</B:A> <ExB>Entre los cuales por moderno se puede únicamente contar el V. P. Fr. Juan de Jesús María, Carmelita Descalzoí', natural de Calahorra, en España, y General de la Congregación de nuestros Descalzos primitivos de la Congregación de Italia; cuya grandeza de estilo en los Comentarios que escribió sobre los Cantares de Salomón, y sobre Job, y Trenos de Jeremías, y casi en todas las demás obras y opúsculos suyos en lengua latina iguala con la mayor cultura y elegancia de los más versados en la erudición humana y divina, siendo por otra parte su vida en el rigor, humildad, retiro, encogimiento y modestia, incomparable, digna de que Dios la honrara con la incorrupción, que hoy persevera de su cuerpo, y milagros que ha obrado y obra en honor suyo.</ExB> </B,2,V,3>

<B,2,V,4> <ExB>4. No es contra la santidad el estilo y lenguaje levantado.

A vista, pues, de tan ilustres ejemplos de Santos tan santos y tan graves maestros y dechados de la perfección cristiana, no parecerá exceso indigno de ella el escribir y hablar altamente con florida elocuencia.</ExB> <B:A>**Por donde el que a los religiosos escritores de este tiempo pide, con título de más perfección, menos aseo y cultura en el lenguaje, o tiene a estos modernos escritores por más perfectos que a los Santos, o a los Santos por tan imperfectos como a**

(60) GENIO A

ellos. Lo cual uno i otro es impiedad.</A=B> <A:B>Por si, a lo menos responde el elocuente Geronimo, contra estos que rebentando de mui espirituales, fruncen(sic) melindres, solo en oir el nombre de elocuencia. La rusticidad<sup>95</sup> (Dice el Santo) es toda su santidad, Llamandose Discipulos de los Pescadores: como si ya fuesen santos, solo por ignorarlo todo.</A:B> <A=B>I en otra parte<sup>96</sup>, el que blasona de que imita a los Apostolos, imite primero, en su vida, sus virtudes.</A=B> <ExA>Con esta imitacion responde bien aquella.</ExA> <A:B>Por que la sencillez (añade) del hablar solo puede escusarla una santidad mui grande: i los argumentos de Aristotiles, i agudeças breves de Crisipo, si no es recuçitando un muerto, no las confutarà quie(n) no fuera elocuente. I si es cosa ridicula, si, que dondose uno embuelto en las delicias i riqueças de sardanapalo i Crefo, sin virtud alguna, solo se jacte de ser rustico; como si los facinorosos solamente fuesen elegã(n)tes lo cual es fuerça decir si es contra la santidad del mas descalço la Elocuencia.</A:B> </B,2,V,4> </A seq 6>

\* [320 ...]

ellos; lo cual uno y otro es impiedad. Por sí, a lo menos responde el Máximo, como en la santidad en la elocuencia, Jerónimo<sup>2</sup> contra és-

\* [321]

tos, que reventando de muy espirituales fruncen melindres, sólo en oír el nombre de elocuencia: </B:A> <B=A>«La rusticidad, dice hablando de ellos, es toda su santidad, llamándose discípulos de los Pescadores, como si ya fuesen Santos, sólo por ignorarlo todo». Y en otra parte: </B=A> <B:A>«El que blasona de que imita a los Apóstoles, imite primero en la vida sus virtudes, porque la sencillez y llaneza del hablar sólo puede excusarla una santidad muy rara y muy grande; y los argumentos de Aristóteles y agudezas de Crisipo, si no es resucitando un muerto, no las confutará quien no fuere elocuente.</B:A> <B=A>Y así es cosa ridícula, si quedándose uno envuelto en las delicias y riquezas de Sardanápalo y Cresos, sin virtud alguna, sólo se jacte de ser rústico, como si los facinerosos solos fuesen elegantes» 13.</B=A> <ExB>Esto Jerónimo.</ExB> <B:A>Lo cual es forzoso decir, si es contra la santidad y modestia religiosa la elocuencia.</B:A> </B,2,V,4> </B,2,V,1,2,34> </B seq 6>

<A seq 7> </B,2,V,5> <A:B>7. Esto bastava para cualquier Disciplinado ingenio<sup>97</sup>.</A:B> <A=B>Mas si todavia ai alguno tan ambiciosamente escrupuloso, i triste, que se escandalice de la alteça del Estilo en los varones Santos; querria me

(61) GENIO A

dixese el tal que siente dela misteriosa elocuençia de los libros sagrados? Pareçe si andubieron remontados los Profetas? no solo en los conçetos, sino en el modo de significarlos, tan estraño, que buena parte de sus misterios està, como en las cosas, en las palabras; pues hasta<sup>98</sup> los mas pequenos apices no carecen del;</A=B> <A:B> ni ai rasguillo en las sagradas letras, cuya profundidad no encirre un tesoro de misterios venerables. Hasta los puntos no estan vacios de insignes sacramentos. I aun el orden i colocacion de las palabras, dice<sup>99</sup> Geronimo<sup>100</sup>, que todo el es misterio soberano.</A:B>

<A=B>De manera que las sentencias, las palabras, las silabas, las letras, los apices, los puntos, todo esta en la sagrada escritura lleno de sentidos, misteriosos i divinos.

Pues esto mismo haçe dificultosa su inteligencia: las cosas de suyo altisimas dichas debaxo de sombras i metáforas, embueltas en tanta profundidad de misterios; Que estrañeça? Pero esa convenia a la dignidad de tan gran Escritura, para que no cualquier profano i vulgar, se le atreviese; solos los, ilustrados por Dios la penetrasen<sup>101</sup>. Por esto toda ella està como texida de obscurissimas dificultades, i principalmente los

\* [321 ...]

<B seq 7> <B,2,V,5,6,7,8> <B,2,V,5> <ExB>5. Los Profetas hablaron con alteza misteriosa.</ExB>

<B:A>Lo dicho bastaba para cualquier disciplinado ingenio, mas si todavía hay alguno tan ambiciosamente escrupuloso y triste, que se escandalice de la alteza de estilo en los varones santos, querría me dijese el tal, qué siente de la misteriosa elocuencia de los libros sagrados.</B:A> <B=A>¿Parécele si anduvieron remontados los Profetas?</B=A> <B:A>No sólo en los conceptos y sentencias, sino en el modo de significarlas y decirlas, tan extraño, que buena parte de sus misterios está, como en las cosas, en las palabras; pues hasta los más pequeños ápices no carecen de él, ni hay rasguillo o virgulilla en las sagradas letras cuya profundidad no encierre un tesoro de misterios.

Hasta los puntos no están vacíos de insignes sacramentos, y aun el orden y colocación de las palabras, dice el gran Jerónimo 14, cuya es toda esta que parece exageración, encierra también misterios soberanos. De manera, que las sentencias, las palabras, las silabas, las letras, los ápices, los puntos, todo está en la Sagrada Escritura lleno y preñado de sentidos y significaciones misteriosas. Pues esto

\* [322]

mismo hace dificultosa su inteligencia; las cosas ya de suyo altísimas, dichas debajo de sombras y metáforas, y envueltas en tanta profundidad y alteza de misterios,</B:A> <B=A>!qué extrañeza! Pero ésa convenía a la dignidad de tan gran Escritura, para que no cualquier profano y vulgar se le atreviese, solos los ilustrados de Dios la penetrasen.</B=A> <B:A>Por eso toda ella está como tejida de oscurísimas dificultades y principalmente los

(62) GENIO A

Profetas llenos todos de enigmas; para que la dificultad del sentido embuelta en la dificultad del language; no se haga comun lo santo canes; las margaritas a los brutos, ni a los profanos el Santa Santorum.</A=B> </B,2,V,5> <B,2,V,6> <A=B>Pues que diremos de los Apostoles en el Testamento nuevo? Los cuales se encumbraron tanto en su Estilo; que siendo ayer Rusticos, oi vestidos dela gracia divina, i, abrasados de aquellas flamantes lenguas, que cayeron del cielo sobre ellos, hablaran tan a lo estraño, que los oyentes atonitos pensaran era efecto del mosto<sup>102</sup>, lo que nacia del vino del Espiritu Santo. I fue tã(n)ta su alteça, no solamente de su doctrina, sino tambie(n) de su modo de hablar; que los mismos que los oian (aun percibiendo cada uno su lengua) tenian necesidad, de que despues del sermon, se les declare con terminos mas llanos, lo que se les avia predicado con tan alto Estilo, i para esto serbia San Marcos<sup>103</sup> a San Pedro<sup>104</sup>. el Apostol tambien en sus Epistolas no dexo de encumbrarse de la misma manera, aunque uviesen algunos de tropezar (bien que por su culpa) en la dificultad de sus Escritos, tomandose de alli licencia para depravarlos, como dixo San Pedro, que mucho, suceda oi lo mismo en los Escritores i Oradores

\* [322 ...]

**Profetas, llenos todos de enigmas, para que ia dificultad del sentido envuelta en la dificultad del lenguaje, encubra lo precioso, y no se haga común lo santo a los canes, la margarita a los brutos, ni a los profanos el Sancta Sanctorum.**

**6. También los sagrados Apóstoles hablaron altamente.**

**Pues ¿qué diremos de los Apóstoles en el Nuevo Testamento?**

**Los cuales se encumbraron tanto en su estilo, que siendo ayer rústicos, hoy embestidos de la gracia divina, y abrasados de aquellas flamantes lenguas que del cielo cayeron sobre ellos, hablaron tan a lo extraño que los oyentes atónitos creyeron ser efecto del no digerido mosto lo que nacia del vino del Espíritu Santo 5. Y fue tanta su alteza, no solamente en la sustancia de la doctrina, sino también en el modo de hablar y declararla, que los mismos que la oían, aun percibiendo cada uno su lengua, tenían necesidad de que después del sermón se les declarase con términos más llanos, lo mismo que se les había predicado con tal alto estilo: y para esto servía San Marcos a San Pablo.**

**El Apóstol también en sus Epístolas no dejó de encumbrarse de la misma suerte, aunque hubiesen algunos de tropezar, bien que por culpa de ellos, en la dificultad de sus escritos, tomándose de allí licencia para depravarlos, como advirtió San Pedro.** **¿Qué mucho suceda hoy lo mismo en los escritores y oradores**



(63) GENIO A

Religiosos! i que parezcan alguna vez huir de la comun inteligencia, sin que façilmente sean entendidos. </A=B> </B,2,V,6> <B,2,V,7> <A:B> Este crimen se exagera mucho. Pero es falta del que oye Rudo, no del que habla sabio: sentencia de Christo<sup>105</sup>, colegida por Geronimo. </A:B> <A=B> Pareciole a Pedro que aquella doctrina de su çelestial Maestro: Lo que entra por la boca no ensucia al hombre era Parabolica, i asi le pide que la declare.

Pero la declaracion fue, darle a el primero a entender su cortedad de ingenio, diciendole aun hasta aora estais vosotros sin entendimiento? Sobre lo cual San Geronimo es reprehendido (dice) del Señor por aver pensando era parabola, lo que su Magestad avia dicho/dho sin reboço. De lo cual que damos advertidos, que aquel Oyente es culpable, que quiere en lo escuro inteligencia mui clara, i en lo claramente dho, halla escuridad. E nel Evangelio, por ñ(rta) rudeça, hallamos esto muchas veçes. I si alguno opone, que todo el, por lo menos en el estilo, es llano i sin artificio: Demos de que se pudiera mostrar algo del divinisimo artificio, que esa misma llaneça ençierra de que divinamente trata el sutilisimo Augustino en los libros de Doctrina Xpiaña, respondendo con n(uess)tro Carmelita<sup>106</sup> Mantuano,

\* [322 ...]

religiosos, y que parezcan alguna vez huir de la común inteligencia, sin que fácilmente sean entendidos?</B=A> </B,2,V,6>

<B,2,V,7> <ExB>7. Oscuridad en el estilo; cuándo es tolerable y venerable.</ExB>

<B:A>Este crimen de la dificultad y oscuridad en el estilo, se condena y exagera por algunos demasiadamente;</B:A> <ExB>y aunque yo no le defiende en todos trances, ni absolutamente, como diré después, pero no tan a bulto, y siempre será crimen y vicio la dificultad y oscuridad.</ExB> <B:A>El no entender en muchas ocasiones, antes es falta del que oye rudo, que del que habla sabio, sentencia de Cristo Señor nuestro

\* [323]

colegida por San Jerónimo 16. Parecióle a Pedro que aquella doctrina de su celestial Maestro 17 «Lo que entra por la boca no ensucia al hombre», con lo demás que allí se sigue, era parabólica, y muy oscura, y así le pide la declare;</B:A> <B=A>pero la declaración fue darle primero a entender su cortedad de ingenio, diciéndole: «¿Aun hasta ahora estais vosotros sin entendimiento?» 18. Sobre lo cual San Jerónimo: «Es reprendido, dice, del Señor, por haber pensado era parabola, lo que Su Majestad había dicho sin rebozo».</B=A> <B:A>De lo cual quedamos advertidos que aquel oyente es culpable, que quiere en lo oscuro inteligencia clara, y en lo claramente dicho halla oscuridad Asi lo dice el Santo.</B:A> <B=A>Y en el Evangelio por nuestra rudeza hallamos esto muchas veces.</B=A> <B:A>Y si alguno opone que todo su contexto, por lo menos en el estilo es llano y sin artificio, demás que se pudiera mostrar algo del divinísimo artificio que esa misma llaneza encierra (de que altamente trata el sutilísimo Agustín 19 en los libros de Doctrina Cristiana y otros despues de él) respondo con nuestro Carmelita Mantuano 20

(64) GENIO A

que tambien cria Dios al hombre desnudo: i cria no conoçido el pau, sino el grano en espiga; para que ayudados de nuestra misma industria nos aprovechemos de su liberalidad i asi tambien vistamos i adornemos con elegancia de Estilo la Verdad, desnuda en las sagradas letras, partiendo el grano, i haciendole harina, i pau, que nos sustente; i quebrando la nuez<sup>107</sup> para comer el fruto della. </A=B> </B,2,V,7> <B,2,V,8> <A=B>A todos estos exemplos sagrados añadimos la confirmacion de un Gentil por ventura (segun<sup>108</sup> Autores graves) Cristiano; y a despues a lo menos tal en su sentencia, que apoyando la alteça del hablar, dice asi;

No<sup>109</sup> puede la mente, sino con alta mocion, hablar sobre todos los demas cosas grandes. Cuando desprecia lo vulgar i ordinario; i con un sagrado instinto se levantara mas sublime; entonces si que prorumpira en alguna cosa superior con lengua mortal.

No es possible que mientras no salgà de si, llegue a lo sublime, i alcance lo arduo. </A=B> <A:B>Dexe pues lo acostumbrado, i levantese; muerda el freno i arrebate tras si a quien le guia, i subale adonde por si mismo, temiera ascender. </A:B> </B,2,V,8> </A seq 7>

\* [323 ...]

que también crió Dios al hombre desnudo, y cría no cocido el pan sino en grano, y el grano en espiga, para que ayudados de nuestra propia industria, nos aprovechemos de su liberalidad; y así también vistamos y adornemos con elegancia de estilo la verdad desnuda de las sagradas letras, partiendo y moliendo el grano, y haciéndole harina y pan que nos sustente, y quebrando la nuez, para sacar y comer el fruto de ella.

</B:A> </B,2,V,8> <B,2,V,8> <ExB>8. Sentir de Séneca acerca del hablar misterioso.</ExB>

<B:A>A todos estos ejemplos tan sagrados añadamos, para reprensión de los que han menester otros menores, el testimonio y sentimiento de un gentil, por ventura, según autores graves, cristiano a lo menos en la sentencia y el decir, Séneca el Filósofo<sup>2</sup>, el cuai apo-

\* [324]

yando la alteza del hablar en los que por circunstancias singulares usan este estilo, dice así:</B:A> <B=A>«No puede la mente, si no es con alta moción, hablar sobre todos los demás cosas grandes. Cuando despreciare lo vulgar y ordinario, y con un sagrado instinto se levantara más sublime, entonces sí que prorrumpirá en algún afecto superior con lengua mortal. No es posible que mientras no salga de sí, llegue a lo encumbrado y alcance lo arduo».

Deje, pues, lo que está sujeto a la costumbre, y levántese y arrebatase tras sí a quien le guía, y súbale a donde por sí mismo temiera ascender.</B=A> <ExB>Quiere decir que cuando con superior impulso es movido el entendimiento a cosas altas, arrebatase a ese mismo entendimiento que por ser luz y ojos de la mente, es guía suya, y le lleve en pos de sí, y que así encumbrado hablará cosas tan altas y tan altamente, que no sea posible imitarle quien no hubiere sido levantado a tansublime esfera.

De donde consta que el hablar con esta grandeza y celsitud es loa y efecto de elocuencia superior.</ExB> </B,2,V,8> </B,2,V,5,6,7,8> </B seq 7>

<A seq 8> <B,2,VI,1> <ExA> 8. Concluyo este punto del Estilo, i Elocuencia

(65) GENIO A

destos tiempos, diciendo lo que apunte al principio; que ai dos maneras de novedad i estrañeza enel hablar; una, que pasa estremo, i otra, que no llega a el. Esta he procurado honestar; que la otra siempre la abomino.</ExA>

<A:B>No puede venir; en que la liçencia del inventar i alterar la lengua (que siempre debe<sup>110</sup> ser parca i respetosa, i concedida solo a los Doctos), aya de tomarsela **cualquiera del pueblo i se haga señor de la lengua el vulgo; desquiciandola con tan libre osar, que cada uno invente a su alvedrio su vocablo, frasi transposicion, i particular Dialecto: i casi lengua nueva. En esto fuera bien que uviera limite i remedio: i que le pusiera alguna lei politica, q[ue] con severidad castigara a los que, sin tener la çiencia dignidad, i requisitos necesarios para el magisterio de la lengua, la pretendierã(n) alterar. Pero los que mejor i mas facilmente puden i deben ocurrir a este daño, son los Principes i los sabios de la Republica, con el advertido uso en el ablar: pues el suyo es quien aprueba, o, reprueba el del pueblo, i a cuyo exemplo en esto, como en todo lo demas, el orbe se compone:</A:B> >/B,2,VI,1> <B,2,VI,2> <ExA> la licençia pues contraria siempre la condeno.</ExA> <A:B> Ni, apoyo la intolerable escuridad de algunos cuyas,**

\* [325]

<TCap>CAPÍTULO VI

TEMPLE CON QUE SE DEBE USAR DEL ESTILO SUBLIME PARTICULARMENTE EN LA HISTORIA</TCap>

<B seq 8> <B,2,VI,1,2,3> <B,2,VI,1> <ExB>1. Quién y con qué tiento puede alterar el lenguaje.

No ha sido mi intento, en lo que dejamos dicho, aprobar cualquier uso del estilo sublime, y defender toda la novedad y oscuridad que algunos quieren introducir en su ejercicio; sino solamente mostrar que no es ajeno del escritor más cuerdo, modesto y religioso, tal vez y en su ocasión, y con el debido temple y modo, usar de su grandeza. No puedo, ni es justo venir en el abuso que hay de inventar vocablos, frases y locuciones nuevas;</ExB> <B:A> y mucho menos, en que la licencia para esto se la haya de tomar **cualquiera del pueblo, y haciéndose señor y dueño del lenguaje, desquiciarle todo a su albedrío con tan libre osar que sólo por su antojo invente y nos introduzca un dialecto y casi lengua nueva.** </B:A> <ExB>Dice Horacio i que el inventar o añadir vocablos ha de ser con un cierto modo de encogimiento y respeto que parezca vergüenza, procurando que la voz que se introduce, no del todo sea nueva, ni extraña, sino en alguna manera naturalizada y familiar por el origen o semejanza con otras de la lengua propia. Pero no vemos ya este detenimiento y atención, sino que muy a lo descarado y sin empacho alguno, cualquiera del vulgo inventa, añade Y altera el

\* [326]

lenguaje español.</ExB> <B=A>**En lo cual fuera bien se pusiera algún límite con rigurosa censura, cuya severidad castigara a los que sin tener la ciencia, dignidad y requisitos para el magisterio de la lengua, pretendieran alterarla.**</B=A> <B:A>Aunque el mejor y más fácil modo de ocurrir a este daño, sería el advertido uso de los príncipes, magistrados y sabios de la República en el hablar, pues el suyo es quien aprueba o reprueba el del pueblo, y a cuyo ejemplo en esto, como **en todo lo demás, el Orbe se compone.** </B:A> </B,2,VI,1>

<B,2,VI,2> <ExB>2. Repréndese la vana oscuridad del lenguaje.</ExB>

<B:A>Tampoco puedo venir en **la intolerable oscuridad de algunos, cuyas**

(66) GENIO A

palabras (dixeran los antiguos) no entendera el mismo<sup>111</sup> Modesto, que en nuestra lengua suena; el mismo Vargas: </A:B> <A=B>i es menester para alcançar su sentido, ser, no letor, sino Advino. Es este uno de los viçios en que mas peca ya ñra lengua, entre los que se precian de saberla i florearla: sieñdo asi, que antes es, ignorar su dignidad i escureçer su proprio lucimiento. No se tiene ya, entre los tales, por clausula elegante, sino la que se diçe de manera, que en muchas horas el mas advertido no la pueda entender.

Una metafora sobre otra metafora; i en cada palabra diez figuras; i en cada figura quince alegorias; que el mismo, quien esta afecta obscuridad costò mucho estudio i desuelo, despues no la entiende, ni sabe lo que quiso decir. Huyen estos, con pretesto de Elocuentes, dela mas hermosa i agradable propiedad de la Elocuençia, que es la claridad i (por decirlo asi) Perspicuidad. No basta q[ue] el concepto, o, pensamiento que exprime la lengua sea de oro, esto es que sea rico i precioso, ni basta, que, como èl, resplandeza i brille por de fuera (que esto, ha de tener para su perfeccion i hermosura) hade resplandecer tanbién en lo hondo i çentro del; como el cristal i el diamante, descubriendo la

\* [326 ...]

palabras dijera el agudo Bilbilitano 2 que no las pudiera entender el mismo Modesto 3 (debió de ser algún gran entendedor) y que era menester para alcanzar su sentido ser, no lector, sino adivino. <B:A> <B=A> Este es uno de los vicios en que más peca hoy nuestra lengua entre los que se precian de saberla y florearla, siendo así que antes es ignorarle su dignidad y oscurecer su lucimiento. No se tiene ya entre los tales por cláusula elegante, sino la que se dice de manera que en muchas horas el más atento no la puede entender. </B=A> <B:A> Una metáfora sobre otra metáfora, y en cada palabra diez figuras, y en cada figura quince alegorías y alusiones, que el mismo a quien esta oscuridad afectada costó mucho estudio y desvelo, después de escrito no lo entiende, ni sabe lo que quiso decir. Huyen éstos, con pretexto de elocuentes, de la más hermosa y agradable propiedad de la elocuencia, que es la claridad, y, por decirlo así, perspicuidad en el decir. Para esto no basta que el concepto o pensamiento que exprime la lengua o la pluma sea de oro, esto es, que sea rico y precioso, ni basta que como el oro resplandezca y

\* [327]

brille por de fuera; más que esto ha menester para su perfección y hermosura. Ha de resplandecer también en lo hondo y centro de él, como el cristal y el diamante o cualquiera otra piedra transparente y preciosa, descubriendo la



(67) GENIO A

fineça i riqueza de su mas intimo valor, con resplandores que por todas partes los cerquen, i, en que todo el estevanado.

Esta manera de riqueza i hermosura, es, a la que aspira la verdadera Elocuencia; i la que es dificultosa de hallar i de adquirir: <A=B> <A:B> que esa otra, de obscuridad i horar impenetrable, con obscuro e indisciplinado ingenio se alcança. </A:B> </B,2,VI,2> <B,2,VI,3> <A=B> Defiendela sus amadores, con titulo de arte i sacramento, dando a entender que aquello es alteça, a que no llega la inteligencia vulgar, en que yo hallo i confieso una distincion. Por que tal vez la cosa de suyo estan sublime i divina, que no facilmente la alcança la cortedad del ingenio humano, al cual pareçe oscura; no por que lo sea ella en si, sino antes por, la demasiada luz i claridad, con que excede la proporcion de n(uest)ro entendimiento: como la luz del Sol mirada en su misma rueda causa tinieblas en la vista: i (por que lo confirmemos con el mayor exemplo) el mismo Dios, que por ser infinita luz se diçe<sup>12</sup> abitar en luz inaccesible, respeto de nosotros, se dice tambien (en frasi Sagrada) habitar en nube, i estar rodeado<sup>13</sup> de tinieblas i ser sumas alto i puro conoçimiento en esta vida una purisima obscuridad i rayo de tinieblas.

Cuando, ã semejança, pues, destes objetos, son oscuros los que embuelbe la

\* [327 ...]

fineza y riqueza de su más íntimo valor con resplandores que de todas partes lo cerquen, y en que todo él estébañado y penetrado.

Esta manera de riqueza y hermosura es a la que aspira la verdadera elocuencia, y la que es dificultosa de hallar y de adquirir que esa otra de oscuridad y horror impenetrable, con oscuro y mal cultivado ingenio se alcanza.

Cuál oscuridad en el estilo es afectada y vana.

Defienden este modo de hablar sus amadores con título de arte y sacramento, dando a entender que aquello es alteza a que no llega la inteligencia vulgar. Pero yo hallo en esto y confieso una distinción muy digna de advertirse. Porque tal vez la cosa es de suyo tan elevada y sublime, que no fácilmente la alcanza la cortedad del ingenio humano, al cual parece oscura; no porque lo sea ella en sí misma, sino antes por la demasiada luz y claridad con que excede la proporción de nuestro entendimiento; como la luz del sol, que siendo en sí clarísima, pero por exceder la proporción de nuestra vista, si se mira de hito en hito en su rueda, deslumbra y oscurece.

Y porque lo confirmemos con el mayor ejemplo, el mismo Dios, que por ser infinita claridad, se dice habitar en luz inaccesible, respecto de nosotros se dice también, en frase sagrada, habitar y esconderse en nube, y estar rodeado de tinieblas y ser su más alto y puro conocimiento en esta vida una purísima oscuridad y rayo de tinieblas.

Cuando a semejanza, pues, de estos objetos, son oscuros los que rodea y envuelve en sus ambages la

(68) GENIO A

elocuencia humana; justo es, que se tolere; </A=B> <A:B> i aun, que se venere aquella obscuridad, que al fin, no es del Objecto en si clarisimo; sino mia, del entendimiento corto de suyo, i desproporcionado para tanta luz.</A:B> <A=B> Pero cuando el objecto en si es claro i juntamente proporcionado i perceptible aun mediano ingenio; el escurecerlo i entraparlo; vicio es del que abla, no del que oye; al cual es cosa aborrecible i enfadosa topar, con un vulto de sombras i tenebrosidad, cargado de una i otra nube de metáforas, alegorias, tropos i figuras; que cuando lo desenbuelve, i llega al centro del, no halla sino un Juguete, o, conceptillo valadi, sin alma, sin vida, sin sustancia, sin ser: como figura fantastica, ornada de ropas rozagantes sobre palos viles.</A=B> <ExA> Algo de lo dho apuntò el que hiço los versos, siguientes

Amo (Fabio) la luz La inacecible  
adoro en tenebrosa Venerencia  
cuando, el objecto excede a la potencia  
i ella, no, el tiniebla invisible.

(69) GENIO A

Asi esplendor solar se infunde horrible  
entre pida pupila i su presencia  
obscura es luz de candida influencia  
Luciente es niebla de fulgor terrible  
Esta tiniebla (Fabio) donde enbuelta  
Viene la luz, por mia, la tolero  
por lo que encierra, La venero i amo:  
Pero tiniebla tal, que des-enbuelta  
toda es obscuridad, toda horror fiero  
como a inutil i agena La dejamos.

Quedan pues reprobados ambos extremos, es a saber de obscuridad, i vulgaridad. Medio ai entre los dos. I advirtiole<sup>14</sup> el Fenix de ñro siglo en sus tercetos, con el exemplo del segundo Plinio diciendo

A trajano sus dotes inmortales  
Refiere Plinio en este accento puro  
sin voces Tenebrosas, ni Triviales.

Tan poco me parece bien el demasiado afeite, i descubierto artificio del estilo con que se impide el paso a

(70) GENIO A

la verdad. Ni finalmente algo de aquello que el gran Apostol descomulga de la predicacion Evangelica. Que todo eso es adulterar<sup>15</sup> la palabra divina, evacuar<sup>16</sup> la Cruz de Cristo<sup>17</sup>, i prurir (como el dice) en las orejas. Solo lo que admito i alabo, es, para de ordinario, el estilo grave lleno, llano i florido: para un caso, i talvez, la estrañeza gallarda i sublime.

Que lo mas, perpetua in extricable obscuridad, no es tolerable; ni yo yamas apruebo. Que no asi (quierolo decir con<sup>18</sup> Plinio) en lo quezco que pretenda loar; lo que todos los cuerdos reprehenden. Solo mi intento es dar a entender, que se deben alargar las riendas a la Elocuencia, i no reprimir el impetu de los ingenios en tã ãgosto limite. Con lo cual queda respondido ala primer calumnia de las dos propuestas, i defendido el estilo gallardo desta Historia.</Exa> </B,2,IV,3> </A seq 8>

\* [327 ...]

elocuencia humana, justo es que se tolere, y aun se venere aquella oscuridad; </B:A> <ExB>que al fin no es del objeto, sino del entendimiento, corto de suyo, y desproporcionado para tanta luz; pero cuando siendo el objeto en sí clarísimo, es juntamente proporcionado y perceptible a un mediano ingenio el oscurecerlo y entraparlo, vicio es del que habla, no del que oyeal cual es cosa aborreeible y enfadosa topar con un bulto de sombras y tenebrosidad, cargado de una y otra nube de metáforas, alegorías, tropos y figuras; </ExB> <B:A>que cuando lo desenvuelve, y desnudándolo de aquellos velos, llega al centro, no halla sino un juguete y conceptillo baladí, sin alma, sin vida, sin sustancia, sin ser, y una como figura fantástica, ornada de ropas rozagantes, pero armada sobre palos viles.</B:A> </B,2,VI,3> </B,2,VI,1,2,3> </B seq 8>

(71) GENIO A

<TP>TERCERA PARTE</TP>

<A seq 1> <B,3,VIII,1> <ExA>La otra objeçion que diximos haçerse contra la Modestia de algunos Escritores Religiosos, i se opone a esta Historia, contiene dos partes.

La primera es que se deben huir totalmente las Controversias enesta escritura corriente,i mayormente en Historia, donde solo se ha de referir lo cierto i recebido. La segunda,que, dado caso, que no se pueda evitar, la ocasion de semejantes encuentros, se debe escusar toda Acedia. Entrambas partes desta objeccion bien entendidas son mui justas; pero no se si todos las entienden bien.</ExA>

<A:B>Començaremos por la primera.</A:B> <ExA>A la cual digo:</ExA> <A:B>que ai muchas controversias de poca, o, ninguna importancia, que no sirven en un libro, sino de enfadar al letor, i desabrir a muchos, perdiendo por ambas causas su estima lo mui bueno del libro; i no poco descredito el Autor.</A:B> <A=B>Estas controversias huirse deben i evitarse. Pero ai otras tan importantes para la inteligencia i califiçacion de lo que se escribe, que de ninguna manera se pueden omitir, sin agrabio manifiesto de la verdad, i delos que a la luz della mirã(n) su

\* [397]

<Tcap>CAPÍTULO VIII

PERTENECE A LA ENTEREZA DEL HISTORIADOR LA LIBERTAD DE LA DEFENSA EN MATERIAS GRAVES</Tcap>

<B seq 1> <B,3,VIII,1,2,3> <B,3,VIII,1> <ExB>1. Cuáles controversias se pueden y deben tratar en la Historia.

Suele dudarse, con varias opiniones, si es licito en la Historia mezclar controversias y usar de apologías, y por esta causa, de brío y libertad en el modo y estilo de escribirlas.</ExB> <B:A>Y comenzando **por la primera** parte de esta duda, presupongo como cosa cierta **que hay muchas controversias de poca o ninguna importancia, que no sirven en los libros sino de cansar al lector y desabrir a muchos, perdiendo por ambas partes su estima lo muy bueno, que en lo demás se escribe, y no poco crédito el autor. Estas deben huirse y evitarse aun cuando parece se pudieran tolerar.**

**Pero hay otras tan importantes o para la inteligencia y calificación de lo que se escribe o para defensa de las cosas que se tratan, que de ninguna se pueden omitir sin agravio manifiesto de la verdad y de los que a la luz de ella miran su**

(72) GENIO A

honor, o su interes.</A=B> <ExA>El juicio que, para conocer esto se requiere, le suponemos en la prudencia que ya pedimos al Historiador:</ExA> </B,3,VIII,1>

<B,3,VIII,2> <ExA>I dexando agora otras Escrituras i materias vengo a la de n(ra) Historia.</ExA> <A:B>En la cual tengo por obligacion forçosa al que escribe su antiguedad, deslindar los puntos que los Autores han tocado acerca della:</A:B> <A=B>Si bien por otro modo, que el Escolastico, i contencioso enlazando los nervios de sus argumentos, con lo firme i como huesos de testimonios historicos; i sacando de entre aquellas espinas argumentosas la verdad.</A=B>

<A:B>Quien duda, que para declarar como la Religion del Carmen descende de Elias i fue i es su legitimo i proprio Fundador este Profeta, sea necesario probar que en la lei Antigua uvo Estado Religioso, i, por consiguiente, profesion de Obediencia, Pobreça i Castidad?</A:B> <A=B>Ô Senior! que os encontráis con un Autor mui grave; con otro mui diligente; con otro mui antiguo; con muchos que sienten i escriben lo contrario? i por lo menos, estos i los inducidos por ellos, o, secuaçes suyos reciben mal vra dotrina i vra Historia?

Que importa, si pesa mas el bien que con los cuerdos i desapasionados se grangea el derecho i honor de una Religion; su posesion i costumbre; i otros muchos bienes

\* [397 ...]

honor o su interés. </B:A> <ExB>Y como quiera que esto sea común a todo linaje de escritura en que se pueden admitir o evitar estas controversias, es muy particular de la Historia, a cuyo escritor pertenece una modesta libertad y entereza para defender o impugnar lo que conviene.</ExB> </B,3,VIII,1>

<B,3,VIII,2> <ExB>2. Obligación de los que escriben antigüedades averiguarlas y de-

fenderlas en causas comunes.</ExB>

<B:A>Tengo por obligación forzosa al que escribe antigüedades, deslindar los puntos que los autores han tocado acerca de ellas, si bien por diferente modo que el escolástico y contencioso, enlazando los nervios de sus argumentos con lo firme, y como huesos

\* [398]

de testimonios históricos, y sacando de entre aquellas espinas argumentosas la verdad limpia y suave.

¿Quién duda que para declarar, pongamos por ejemplo, que la Religión del Carmen descende de Elías, y fue y es su legítimo y propio fundador, sea necesario probar que en la Ley antigua hubo estado religioso, y por consiguiente profesión y votos de obediencia, pobreza y castidad?</B:A> <B=A>¡Oh Señor, que os encontráis con un autor muy grave, con otro muy diligente, con otro muy antiguo y con otros aficionados vuestros, que sienten y escriben lo contrario, y por lo menos éstos y los secuaces de ellos reciben mal vuestra doctrina y vuestra Historia!</B=A> <B:A>¿Qué importa, si pesa más el bien que con los cuerdos y desapasionados se granjea, el derecho y honor de una Religión, su posesión y costumbre, y otros muchos frutos



(73) GENIO A

que se siguen de publicar i defender esta verdad? Sera mui bueno? que escriba el otro sus antojos, o, sus, repugnancias contra un Estado, Republica, o Naciõ(n), i que no haya quien vuelva por ella i su verdad? Corren los Escritos, i mayormente Historias, por todas las Edades i Naciones del Mundo, con la autoridad i fe que diximos deberseles; ganando tanto credito, su relacion, que a pocos años de antigüedad, adoramos por oraculo, lo que hallamos escrito sin contradicion de aquel tiempo, aun que sea la mayor patraña del Mundo: tanto puede la tradicion no contradicha.</A=B> <A:B>Por donde publicandose Escritos contra el honor i dignidad de una Religion Santa, de su Fundacion, o, Reforma, justisima i necesarisima obligacion es, responder a los Contrarios, i deshacer sus argumentos i calumnias: sopena de quedar en quatro dias despojada esta Orden de su mayor lustre, i del provecho que a ella i toda la Iglesia se le sigue.</A:B> <A=B>Tanto daño hace el que en semejantes ocasiones calla, como el que habla fuera dellas: por que el silencio a una calumnia<sup>119</sup>, se reputa confesion.</A=B>

<A:B>I aun que el honor particular de uno loablemente se aventure callando;</A:B> <A=B>pero el comun de una familia, no se puede sin culpa aventurar; como ni suplir<sup>120</sup> con el exemplo de la vida lo que por falta de resistencia se destruye en la Iglesia.</A=B> </B,3,VIII,2> </A seq 1>

\* [398 ...]

que se siguen de publicar y defender esta verdad y establecerla en la Historia, que todo el daño de la contradicción? </B:A> <B=A>¿Será muy bueno que escriba el otro sus antojos o sus repugnancias contra un Estado, República o Nación, y que no haya quien vuelva por el derecho de la verdad? Corren los escritos, y mayormente los de las Historias, por todas las edades y naciones del mundo, con la autoridad y fe que arriba dijimos debérseles, ganando tanto crédito su relación, que a pocos años de antigüedad adoramos por oráculo lo que hallamos escrito sin contradicción de aquel tiempo, aunque sea la mayor patraña del mundo: </B=A> <B:A>tanto puede la tradición o escritura no contradicha. Por donde publicándose escritos contra el honor y dignidad de una Religión, de una Nación, de una República, justísima y necesarísima obligación es responder a los contrarios y deshacer sus argumentos y calumnias con eficaces pruebas de relaciones y testimonios verdaderos, so pena de quedar la tal Comunidad o República despojada en cuatro días de sus honores, lustre y reputación en el mundo, y juntamente del fruto que a ella y a toda la Iglesia puede seguirse de conservarse en su antigua y propia dignidad. </B:A> <B=A>Tanto daño hace el que en semejantes ocasiones calla, como el que habla fuera de las que conviene, porque el silencio a una calumnia se reputa confesión. </B=A> <B:A>Y aunque el honor de uno loablemente se aventure callando, cuando a sí sólo daña su silencio; pero el común de una familia y gente no se puede aventurar sin culpa, como ni suplir con el ejemplo de la vida lo que por falta de resistencia se destruye en la Iglesia. </B:A> </B,3,VIII,2>

<B,3,VIII,3> <NvB>3. En causas particulares propias o ajenas, cómo se ha de disponer la defensa.

De aquí se infiere qué se debe sentir en las causas no comunes a muchos, sino especiales de algún particular. Estas, o son aje-

(74) GENIO A

<A seq 2> <B,3,VIII,4> <A:B>2. La segunda parte de la Objecion propuesta, que pone limite al agrio i Acedia que en las controversias suele mezclarse, **es no menos neçesaria, que dificultosa de entender. Porque quien duda la obligacion que ai en un Varon Perfeto, en un Religioso, i en cualquier Cristiano, de contenerse siempre en los limites de Modestia en tales ocasiones? pues toda la dotrina i exemplo de Cristo, i sus mas perfetos seguidores està, clamando<sup>121</sup>, con el mismo Señor, que aprendamos del; no a fabricar el Mundo, ni haçer en el mismo Mundo maravillas, sino a ser mansos i humildes de coraçon, como, lo fue su Magestad.**</A:B> <ExA>Esta, entre todos los Cristianos, es mas propria obligacion de los Religiosos, i mucho mas de Reformados i Descalços; cuya vida està, representando Mortification, Encogimiento i Humildad. Digo, pues, que reconozco i admito la tal obligacion: pero con su debido temple i prudencia: sin la cual, seria la Mortificacion descaimientos; el Encogimiento floxedad; la Humildad, vil temor, i todo ello imprudencia, i por el consiguiente vicio conocido.

Necesidad ai en muchas ocasiones de responder con

\* [399]

nas, o son propias del mismo escritor. En ambas siempre se debe atender al daño o provecho universal que de allí puede seguirse, y en esta consideración se ha de juzgar de las particulares lo que de las comunes, esto es, que no sólo será lícito, sino obligatorio y forzoso el defenderse, porque entonces el responder uno por sí es desagraraviar a los demás, cuyo provecho, honor y reputación pende singularmente de la suya. Por esta causa el principe, el magistrado, el prelado, el padre de familias, el doctor, escritor y predicador, y cualquiera que tiene oficio de gobernar o enseñar, pueden y deben salir a su defensa. Pero cuando fuere la causa tan propia del escritor, que no peligre en ella la de otro alguno, podrá omitir el defenderse, dejando a Dios su defensa y su venganza. También podrá omitirla cuando el contrario no mereciere respuesta para no honrarle con ella, o cuando no hubiere de aprovechar, por la mala disposición de quien la ha de recibir: causas ambas del silencio de Cristo en su Pasión 1.

Difícultoso punto es de averiguar cuándo sea lícito, cuándo forzoso el responder por sí. Obra es de grande humildad, no excusarse cargado; de gran paciencia, no vengarse injuriado; de grande perfección, el satisfacer al contrario con templanza. Más fácil cosa es el callar que el responder, sin exceder en causa propia. Por esto sería más seguro y sano consejo, dejar a Dios la venganza, o encomendar a otro la respuesta, para conservar la caridad y paz del corazón. </NvB> </B,3,VIII,3> </B,3,VIII,1,2,3> </B seq 1>

<B seq 2> <B,3,VIII,4> <ExB>4. En las controversias se ha de juntar el brío con la modestia.

La ira de suyo no es mala. </ExB>

<B:A>La segunda parte de la duda propuesta al principio de este capítulo en orden al brío y energía en el modo y estilo de responder y controvertir, es no menos difícil de entender. Porque nadie ignora la obligación que el escritor cristiano y cuerdo tiene de contenerse en los límites de la modestia en tales ocasiones; pues así la vida y doctrina de Cristo, Señor y ejemplo nuestro, como el dictamen de la razón, enseñan a templar el estilo y suavizar el modo de hablar en las respuestas. </B:A> >ExB>Pero tampoco hay duda que tal vez es necesario responder con brío y aun con acedia, para defensa de la verdad y mayor gloria de Dios.

Cuándo se deba usar del uno o el otro modo, se deja a la prudencia y a la ocurrencia de los casos. Diría yo que cuando no se pretende más que aclarar la verdad para enseñar al ignorante, y re-

(75) GENIO A

brio; i tal vez, en alguna, de haçer sangre, para que se restituya a las cosas la verdad, cuando no se puede redimir de otra suerte.</ExA> <A=B>Raçon tenemos, autoridad i, exemplo para todo. El airarse<sup>122</sup> en algun caso, claro, está, que es licito. Por que la Ira; de suyo, no es mala; i puede ser justa i buena, cuando el airarse, es en ocasion que cõ(n)viene, con quien conviene, i como conviene; circunstancias que justifican la Ira, i de pasion la hacen virtud. Las cosas que piden este brio son muchas: pero, entre ellas, particularmente la dotrina; <sup>123</sup> que, sin algo de ira, no aprovecha, como tambien sin ella, ni los tribunales prevaleçen ni los delitos se castigavan, ni la Republica consiste.</A=B>

<A:B>Autoriça este sentimiento, no solo la dotrina i exemplo de los Santos, pero la del mismo Dios i su exemplar divino.</A:B>

<A=B>En la escritura sagrada, El<sup>124</sup> airaos, i no pequeis del Salmista lo ensenã; El sol<sup>125</sup> no se ponga sobre v[n]ra ira del Apostol lo supone. El <sup>126</sup>tardõ a la ira de Santiago lo insinua. El no<sup>127</sup> seas veloz para airarte del Sabio lo admite, El no<sup>128</sup> os aireis sin causa segun el Evangelio Hebreo, no lo condena con ella; la dotrina de los Padres<sup>129</sup>, i Dotores lo aprueba; el exemplo<sup>130</sup> de Cristo<sup>131</sup> Pedro<sup>132</sup>, Pablo<sup>133</sup>, Moisen<sup>134</sup>, Fincees<sup>135</sup>, Elias<sup>136</sup>, Elisco, i otros muchos Santos lo escusa;

\* [400]

ducir al errado, basta y aun aprovecha más la suavidad en el modo y estilo; pero cuando demás de esto se pretende castigar al insolente y atemorizar al atrevido que la impugna y la niega con pertinacia, se puede y debe usar de brío y acedía en las palabras, fulminando en cada una de ellas un rayo para que así, a costa suya, se restituya a las cosas la verdad, cuando no se puede redimir de otra manera.</ExB>

**<B=A>Razón tenemos, autoridad y ejemplo para todo. El airarse en algún caso, claro está que es licito.</B=A> <B:A>Porque la ira de suyo no es mala, y puede ser justa y buena, cuando es para debida venganza. Y entonces será tal, cuando el airarse es en ocasión que conviene, con quien conviene y como conviene:</B:A> <B=A>circunstancias que justifican la ira, y de pasión la hacen virtud. Las cosas que piden este brio son muchas, pero entre ellas particularmente la doctrina, que sin algo de ira no aprovecha, como también sin ella ni los tribunales prevalecen, ni los delitos se castigan, ni la República consiste.**

**Autoriza este sentimiento no sólo la doctrina de los Santos, pero la del mismo Dios, y su ejemplar divino en la Escritura Sagrada. El airaos, y no pequéis del Salmista 2, lo enseña; el Sol no se pongo sobre vuestra ira del Apóstol3, lo supone; el tardo a la ira de Santiago4, lo insinúa; el no seas veloz para airarte del Sabios, lo admite; el no os airéis sin causa, según el Evangelio hebreoo, no lo condena con ella. La doctrina de los Padres y Doctores lo aprueba; el ejemplo de Cristo, Pedro y Pablo, Moisés, Finés, Elías, Eliseo y otros muchos Santos, lo excusa.**

(76) GENIO A

i finalmente la ira justa del mismo Dios (de quien, escribio, Lactancio<sup>137</sup> un libro) lo acredita. Por que si bien no cabe en la sustancia de aquel supremo çielo la impresion destes bajos accidentes; sin airarse Dios, muestra efectos que proçedieran en nosotros de ira, calificando, para sus ocassiones, esta pasion tan necesaria a la virtud, i a la verdad. </A=B> </B,3,VIII,4> </A seq 2>

\* [400...]

Y finalmente, la ira justa del mismo Dios, de quien escribió Lactancio 8 un libro, lo acredita. Porque si bien no cabe en la sustancia de aquel supremo cielo la impresión de estos bajos accidentes. sin airarse Dios muestra efectos, que procedieran en nosotros de ira, calificando para sus acciones esta pasión, tan necesaria a la virtud y a la verdad. </B=A> </B,3,VIII,4> </B seq 2>



<A seq 3> <B,3,VIII,5> <A=B>3. Dira alguno, que no se condena la ira, sino el agravio, i acedia della.

Pero aun que a esto queda respondido en la doctina i exemplos propuestos; todavia, para mayor declaracion i abundancia anadiremos mas<sup>138</sup>. Hipocritas, i generacion de vivoras, sepulcros blanqueados, llenos, de hediondez i hijos del Diablo llamò Cristo (mansedumbre infinita) a los Fariseos. Incredulos, i sin entendimiento a sus apóstoles, i a Pedro, Satanás: Moisés a todo un pueblo; neçio i insipiente, i el<sup>139</sup> Apóstol a Ananías; Principe de los Sacerdotes; pared enxalvegada<sup>140</sup>, no inorando, sino ironiça(n)do despues, quando dixo, que no sabia quien fuese el exprobrado; hiriendole entonçes mas con la irrision. Todas las cuales palabras harto agrias son, acedia tienen, i con todo eso salieron debocados de dulçura i suavissima caridad. Pues que si huviesemos de rebolver las Historias i Vidas de

\* [401]

<B seq 3> <B,3,VIII,5> <ExB>5. La ira justa para las controversias y otras acciones virtuosas se acredita con muchos ejemplos.</ExB>

<B=A>Dirá alguno, que no se condena la ira, sino el agrio y acedia de ella. Pero aunque a esto queda respondido en la doctrina y ejemplos propuestos, todavía para mayor declaración y abundancia añadiremos otros: Nipócritas, y generación de víboras: sepulcros blanqueados, llenos de hediondez e hijos del diablo, llamó Cristo 9, mansedumbre infinita, a los fariseos. Incrédulos y sin entendimiento, a sus Apóstoles 1º; y a Pedro, Satanás 11. Moisés 12 a todo un pueblo necio e insipiente; y el Apóstol 13 a Ananías, príncipe de los sacerdotes, pared erljalbegada, no ignorando, sino ironizando después, cuando dijo que no sabia quién fuese el exprobrado, hiriéndole entonces más con la irrisión. Todas las cuales palabras harto agrias son, acedia tienen, y con todo eso salieron de bocas llenas de dulzura y de suavisima caridad.

Pues qué, ¿si hubiésemos de revolver las Historias y vidas de

(77) GENIO A

Santos? Un San Lorenço i San Vicente primos, i en el valor i libertad contra el Tirano mui hermanos? una Cecilia i una Inês? i a este modo pudieramos vaciar aqui el Mastirologio, o Calendario de los Santos. Ni esto es licito solo con un tirano, o, con un Infiel. Fieles erã(n) los Galetas, aquines llamò el <sup>141</sup>Apostol insensatos; i mucho mas fiel Pedro, quien publicamente reprehende Pablo, i dexa escrito en sus Epistolas<sup>142</sup>, que era reprehensible. Tambien eran fieles los Reyes de Israel, i Judá aquienes los Profetas decian palabras mayores; i a Ieremias<sup>143</sup> le hace Dios ciudad guarnecida, coluna de yerro, i muro de bronce contra los Principes i Sacerdotes de su pueblo; donde (como dice<sup>144</sup> San Geronimo) entram ñros Presbiteros i Obispos; que no, por la Dignidad, han de usurparse licencia contra todos, ni librarse de justa reprehension, i de que hallen a su tiempo coluna de yerro i muro de bronce, donde estrellarse, si se encuentran: ayudando el Señor al Varon Santo, aunque se le oponga la mayor potencia del Mundo.

</A=B> </B,3,VIII,5> </A seq 3>  
<A seq 4> <B,3,VIII,6> <A=B>4. Ni es esta dotrina contra la que nos enseña la Paçiençia, virtud que ha de estar arraigada en el animo del que se aira justamente; ni contra la Caridad i Humildad, con quienes se aviene mui bien

\* [401 ...]

Santos? ¿Un San Lorenzo y San Vicente, primos, y en el valor y libertad contra el tirano muy hermanos? ¿Una Cecilia y una Inés? Y a este modo pudiéramos vaciar aqui todo el Martirologio o calendario de los Santos. Ni esto es lícito sólo con un tirano o con un infiel. Fieles eran los Gálatas, a quienes llamó el Apóstol Insensatos'4; y mucho más fiel Pedro a quien públicamente reprendió Pablo, y deja escrito en sus Epístolas 16 que era reprehensible. También eran fieles los Reyes de Israel y Judá a quienes los Profetas 17 decían palabras mayores; y a Jeremías 18 le hace Dios ciudad guarnecida, columna de hierro, y muro de bronce contra los príncipes y sacerdotes de su pueblo, donde, como dice San Jerónimo 19, entran nuestros presbíteros y obispos que no por la dignidad han de usurparse licencia contra todos, ni librarse de justa reprensión, y de que hallen a su tiempo columna de hierro y muro de bronce donde estrellarse, si se encuentran, ayudando el Señor al varón santo aunque se le oponga la mayor potencia del mundo.

\* [402]

La ira justa no es contra la paciencia. Ni es esta doctrina contra la que nos enseña la paciencia, virtud que ha de estar arraigada en el ánimo del que se aira justamente; ni contra la caridad ni humildad, con quienes se aviene muy bien

(78) GENIO A

la verdad, i esta con la ira. Porque como el beso se[n]cillo de paz (dice Agustino<sup>145</sup>) le admite la hermosisima i modestisima Caridad: asi el diente perverso de la malicia, o, le evita la Humildad castisima i cautisima, o, la verdad solidisima le quebranta.

Confieso (con<sup>146</sup> Bernardo) que es gran virtud la Paciençia; pero en semejantes ocasiones, el uso della, ni es grande, ni virtud; antes alguna vez es mas loable la Impaciencia. En sospecha de heregia no quiere<sup>147</sup> Geronimo que aya paciençia: porque los que inoran la inoçençia del calumniado, no atribuyen su silencio a Confesion, i la disimulacion se juzgue por conçiençia: como ni tan poco Bernardo, admite suprimiento para dexarse tiraniçar de ocupaciones. I de semejante Paçiençia parece (segun este Santo) burlò el Apostol, quando escribio<sup>148</sup> a los de Corinto diciendo, que de buena gana suprian a los neçios, siendo ellos sabios; i toleraban, que cualquiera los reduxe a miserable servidumbre, que se los tragase vivos, se apoderase dellos, se engriesse contra ellos, o, los diese de bofetadas.

Esta, si bien se mira, (<sup>149</sup>dice Bernardo) no es alabança sino irrision, i burla que hace el Apostol de tan indigno i util sufrimiento. Por que, a la verdad, como es prudencia grande, sufrir en la ocasion, grandes injurias; asi es necesidad i locura, tolerar sin<sup>150</sup> provecho, ni una sola infamia.</A=B> </B,3,VIII,6> </A seq 4>

\* [402 ...]

la verdad, y ésta con la ira. Porque como el beso sencillo de paz, dice Agustín, le admite la hermosísima y modestísima caridad, así el diente perverso de malicia, o le evita la humildad castísima y cautísima, o la verdad solidísima le quebranta. Confieso con Bernardo<sup>20</sup> que es gran virtud la paciencia, pero en semejantes ocasiones el uso de ella ni es grande ni virtud; antes alguna vez es más loable la impaciencia.

En sospecha de herejía no quiere Jerónimo <sup>21</sup> que haya paciencia; porque los que ignoran la inocencia del calumniado no atribuyan su silencio a confesión, y la disimulación se juzgue por conciencia, como ni tampoco Bernardo admite sufrimiento para dejarse tiranizar de ocupaciones. Y de semejante paciencia parece, según este Santo, burló el Apóstol cuando escribió a los de Corinto<sup>22</sup>, diciendo que de buena gana sufrían a los necios, siendo ellos sabios, y toleraban que cualquiera los redujese a miserable servidumbre, que se los tragase vivos, se apoderase de ellos, se engriese contra ellos, o les diese de bofetadas. Esta, si bien se mira, dice Bernardo, no es alabanza, sino irrisión y burla que hace el Apóstol de tan indigno y vil sufrimiento. Porque a la verdad, como es prudencia grande sufrir en la ocasión grandes injurias, así es necesidad y locura tolerar sin provecho ni una sola infamia. </B=A> </B,3,VIII,6> </B seq 4>

(79) GENIO A

<A seq 5> <B,3,VIII,7> <A=B>5. Probado avemos como ai ocasiones, en que no solo es licita, sino tambien loable i necesaria la Ira, el brio, i el ardor del Coraçon; sin el qual ninguna cosa grande se acaba.</A=B> <A:B>Pero si alguna [ cosa (tachado)] le ha forçosamente menester;</A:B> <A=B>sin duda, es la Disputa: cuyo conflicto, cuãto pide de sosiego en el afeto, tanto requiere de mas brio en el Discurso; i mucho mas en el decir. Es esta una como pelea i brega de los ingenios; para la qual es necesario armarse con eficacia i energia. Por que como son otros<sup>151</sup> los instrumentos que se usan en tiempo de paz, i otros los que en tiempo de guerra; difere(ñ)tes los que ha menester el labrador, para cultivar los campos, de los que el soldado para vençer los enemigos; asi el letrado i Docto tiene necesidad de mas briosa i ardiente elocuençia, para redarguir una opinio(n), i defender una verdad; que para enseñarla i persuadirla, a quien, sin resistençia la abraça. Asi se armaron, para semejantes ocasiones, los Santos mas humildes i modestos que conocemos en la Iglesia; un Basilio, un Geronimo, un Agustino, un Bernardo, un Tomas i un Buena - Ventura, i otros muchos; los unos, en

\* [402 ...]

<B seq 5> <B,3,VIII,7,8,> <B,3,VIII,7> <ExB>7. La disputa en las controversias ha menester brío, el cual no se opone a la santidad y humildad.</ExB>

<B=A>Probado habemos cómo hay ocasiones en que no sólo es lícita, sino también loable y necesaria la ira, el brío, y el ardor del corazón, sin el cual ninguna cosa grande se acaba. Pero si alguna le ha forzosamente menester, sin duda es la disputa, cuyo conflicto, cuanto pide de sosiego en el afecto tanto quiere de más brío en el discurso.

\* [403]

y mucho más en el decir. Es ésta una como pelea y brega de los ingenios, para la cual es necesario armarse con eficacia y energía.

Porque como son otros los instrumentos que se usan en tiempo de paz y otros los que en tiempo de guerra; diferentes los que ha menester el labrador para cultivar los campos, de los que el soldado para vencer al enemigo, así el letrado y docto tiene necesidad de más briosa y ardiente elocuencia para redarguir una opinión y defender una verdad, que para enseñarla y persuadirla a quien sin resistencia la abraza.

Así se armaron para semejantes ocasiones los Santos más humildes y modestos que conocemos en la Iglesia: Un Basilio, un Jerónimo, un Agustín, un Bernardo, un Tomás y un Buenaventura, y otros muchos; los unos, en



defensa de la Iglesia, los otros de su opinion, los otros de su Estado Religioso; sin que por esto incurriese alguno dellos en nota de menos modestia i humildad. Por que como es justo, <sup>152</sup> no dar ocasion a lenguas maldicientes, para que no se pierdan; tambie(n) lo es i necesario, cuando injustamente se desmandan, no solo tolerarlas, pero reprimirlas talvez; para que, con el desdoro de los que padecen calumnia, no pierdan los que con su dotrina aprovechan. Todavía en este caso apelaria alguno a la Modestia; pero yo con San Geronimo<sup>153</sup> a la Humanidad i a la Justicia apelo.

A la tuya pertenece (le dice al grã(n) Agustino) si me reparo de una cuchillada con sola una pluma, reprehender al que acusa, no al que responde. I si alguno<sup>154</sup> tiene por soberbia el responder; advierta, q[ue] mucho mas lo es el acusar.

Esto puede escusarse muchas veces, aquello omitirse menos: i en algunas, ni la acedia ni aspereça de la respuesta: porque imputada la calumnia, no solo el callar<sup>155</sup>, pero el responder con menos brio, daña; i igualmente se reputa a confession el silencio, que la respuesta floxa. Ô, que heris? q[ue] descubris i desdorais al contrario? Debeis callar, i, sufrir, por no manchar su fama, descubriendo su

\* [403 ...]

defensa de la Iglesia, los otros, de su opinión; los otros, de su estado religioso; sin que por esto incurriese alguno de ellos en nota de menos modestia y humildad. Porque como es justo no dar ocasión a lenguas maldicientes, para que no se pierdan; también lo es y necesario, cuando injustamente se desmandan, no sólo no tolerarlas, pero reprimirlas tal vez, para que con el desdoro de los que padecen calumnia no pierdan los que con su doctrina aprovechan.

Todavía en este caso apelará alguno a la modestia, pero yo con San Jerónimo<sup>23</sup> a la humildad y a la justicia apelo. A la tuya pertenece, le dice al gran Agustín, si me reparo de una cuchillada con sola una pluma, reprender al que acusa, no al que responde. Y si alguno tiene por soberbia el responder, advierta que mucho más lo es el acusar. Esto puede excusarse muchas veces, aquello omitirse menos; y en algunas, ni la acedía, ni la aspereza de la respuesta, porque imputada la calumnia, no sólo el callar, pero el responder con menos brío, daña, pues igualmente se reputa a confesión el silencio que la respuesta floja. !Oh que herís! !que descubris y desdoraís al contrario!, debéis callar y sufrir por no manchar su fama, descubriendo su

(81) GENIO A

inorancia, o, su malicia. Suya es la culpa i el se descubrio i publicò su mengua cuando inconsideradamente se arrojò ala calumnia<sup>156</sup>.

Veo yo la espada atravesada por mi cuerpo (por el cuerpo de mi Religion digo) herido de muerte el coraçon (su credito della) los miembros (sus hijos) blancos i puros antes, cõ(m) la hermosura i candidez de la buena fama, manchados ya i afeados con la sangre de las heridas que tu le estas dando: i padeçiendo yo esta horrible injustiça, me dices tu: No apliques la mano a la herida; por que no parezca ser yo el que te heri? Gentil dislate: injusticia sobre injusticia. Responderscha<sup>157</sup> al Necio conforme a su neçedad, esto es<sup>158</sup> con reprehension i <sup>159</sup>aspereça talvez, para que otra no se arroje, i mire lo que diçe. Que cuando esto no haçe el mas docto, es ignorante i el mismo se gradua de Necio; i asi no es mucho pase por las leyes de tal, i le comprehenda la indignacion del sabio.</A=B>

<A:B>Estos son a mi ver los motivos, que V. R. Autor desta Historia, habra tenido para ni dexar la ocasion, que se le ofreçia de controvertir algunos puntos tocantes a su Asunto, ni de tratarlos con el calor i brio que ellos piden.</A:B>  
<A=B>En lo qual todo se ha avido e con tal modestia i templança, que ha dado bien a entender

\* [403 ...]

ignorancia o su malicia. Suya es la culpa y él se descubrió. y publicó su mengua, cuando inconsideradamente se arrojó a la calumnia.

Veo yo la espada atravesada por mi cuerpo, por el cuerpo de mi república digo, herido de muerte el corazón, su crédito de ella, los miembros, sus hijos, blancos y puros antes con la hermosura y candidez de la buena fama, manchados ya y afeados con la sangre de las heridas que tú le estás dando; y padeciendo yo esta horrible injusticia, me dices tú: no apliques la mano a la herida; porque no parezca ser yo el que te herí. Gentil dislate, injusticia sobre injusticia. Se responderá al necio conforme a su necesidad, esto es, con

\* [404]

repreñón, y aspereza tal vez, para que otra no se arroje, y mire lo que dice. Que cuando esto no hacej el más docto es ignorante y él mismo se gradúa de necio; y así no es mucho pase por las leyes de tal, y la comprenda la indignación del sabio.</B=A> <B:A>Estos son los motivos que algunos historiadores han tenido para ni dejar la ocasión que se les ofrecía, de controvertir algunos puntos tocantes a su asunto, ni de tratarlos con el valor y brío que pedían ellos.</B:A>  
</B,3,VIII,7>

<B,3,VIII,8> <ExB>8. Templanza que en esta ira y brío de la disputa se debe tener.</ExB>

<B=A>En lo cual todos se deben haber con tal modestia y templanza que se dé a entender

(82) GENIO A

cuan asentada tiene en su animo la imitation i dotrina de los Santos, contra cuyo exemplo, no solamente no se alarga i excede; pero es un aertado exemplo i dechado de como se han de tratar semejantes materias, para ni faltar al tiento que la Modestia pide, ni al brio que requiere la disputa, ni al zelo que se debe a la verdad, procurando siempre vencer sin herir, que es la destreça del otro, Hermes<sup>160</sup> vincere, nec ferire doctus. I si alguna vez V. R. ha herido, ha sido en justa i neçesaria defensa de su Religion, a quien fuera culpa no defender, i a cuya causa asi V. R. como a los demas Religiosos arma el respeto de Hijos: obligacion, que no solo reconocen las bestias, mas aun acusarian de ingratitude mas que bruta al Hijo, que hallando a su Madre ofendida no le viesen arder en corage, solicitando la vengança.</A:B>

<A=B>Que si es licito, con daño del contrario, defender cada<sup>161</sup> Uno su cuerpo; por que no<sup>162</sup> el de su Madre la Religion, de quien los Religiosos son miembros? No ai dolor que llegue a este; i, aun gran dolor<sup>163</sup> debese perdonar, quando algo excede. Esta escusa tuvieron los que escribieron Apologias en defensa de sus Religiones:</A=B> <A:B>de los cuales hijo

\* [404 ...]

cuán asentada tienen en su ánimo la imitación y doctrina de los Santos, cuyo ejemplo es un acertado ejemplar y dechado de cómo se han de tratar semejantes materias, para ni faltar al tiento que la modestia pide, ni al brío que requiere la disputa, ni al celo que se debe a la verdad, procurando siempre vencer sin herir, que es la destreza del otro Hermes *vincere nec ferire doctus*. Y si alguna vez se hubiere de herir, ha de ser en justa y necesaria defensa de su República, a quien fuera culpa m) defender, y a cuya causa, así a él como a los demás naturales de ella arma el respeto de hijos: obligación, que no sólo reconocen las bestias, más aún acusarían de ingratitud más que bruta al hijo, que hallando a su madre ofendida, no le viesen arder en coraje solicitando la venganza. Que si es lícito con daño del contrario defender cada uno su cuerpo, ¿por qué no el de su madre la República, de quien los que en ella viven son miembros? No hay dolor que llegue a éste, y a un gran dolor débese perdonar, cuando algo excede. Esta excusa tuvieron los que escribieron Apologías en defensa de sus patrias y religiones. Uno de los cuales, hijo

(83) GENIO A

destas misma del Carmen, gravissimo i doctissimo, empieça cõ las palabras, que yo acabare diciendo<sup>164</sup>. Si en este certamen se uviere acaso dado algo de mal exemplo, eso se impute a quien dio principio a la lid.</A:B>

<A=B>Porque nosotros, no para ofender, sino para defendernos, tomamos las armas; no arrojamos dardos, sino que reparamos los que nos arrojan. I si eneste reparo i defensa sucediere, que dar alguno de los contrarios,herido, no al animo sino a la suerte fe atribuya. Que no menos siento verme, respeto dellos forçado a perder, en alguna manera, el nombre de inocente, que ver a mi Religion expuesta a sus calumnias.</A=B> </B,3,VIII,8>  
</A seq 5>

<A seq 6> <NvA>6. He discurrido (mi Padre Frai Francisco) segu(n) lo poco que yo alcanço, acerca de los puntos, que en su Historia de V. R. han advertido algunos A lo que ellos reparan se ha respondido; lo que yo siento he significado: i universalmente, para remate de mi censura i todo este discurso, concluyo con verificar en este su tomo de V. R. un breve pero grande Elogio que Sixto Senense escribio de Santo Tomas con solas estas quatro palabras Scripsit.1. breviter.2. copiosè.3. clarè et securè4.

La brevedad consta; porque aun V. R. se alarga i toca muchas cosas, es dentro la brevedad, que ellas ad

\* [404 ...]

de la del Carmen, gravísimo y doctísimo, empieza con las palabras que yo acabaré, diciendo: **«Si en este certamen se hubiere acaso dado algo de mal ejemplo, se impute a quien dio principio a la lid. Porque nosotros no para ofender, sino para defendernos tomamos las armas; no arrojamos dardos, sino que reparamos los que nos arrojan. Y si en este reparo y defensa nos sucediere quedar alguno de los contrarios herido, no al ánimo, sino a la suerte se atribuya. Que no menos siento verme respeto de ellos forzado a perder en alguna manera el nombre de inocente, que ver a mi religión expuesta a sus calumnias»**<sup>24</sup>. Esto dice el Mantuano Carmelita, y con ello damos fin a esta materia. **3, VIII, 8** **3, VIII, 7, 8** **seq 5**



(84) GENIO A

miten. Otro escribiera menos i fuera mas largo: pero V. R. escribiendo mucho es brevisimo; porque no ai q[ue] le quitar; i segun el Discreto<sup>165</sup> Español No es largo lo q[ue] no es superfluo. Por esta raçon hallo tambien aqui, la copia. I no es menester para ella, que no se dexé algo, por decir. hasta que lo principal i mejor se vea ju(n)to. I quien por una espiga, que olvidada, o, despreciada del Autor, hallò, ya le condena de negligente, mucho ignora, lo que cuesta dar cuerpo debido a una obra; la cual si el tomàra entre manos, por ventura la dexara sin alma, i sin cuerpo. Por que quanto es facil de hallar i escribir un fragmento, es<sup>166</sup> dificultoso continuar i consumir un libro. I de ordinario los que no se atreven a esto, se engrien con esotro. I si son de los que escriben muchos libros, sin duda se olvidan, en esta calumnia, de la respuesta de San Geronimo<sup>167</sup>. Acusamos (dice) muchas veçes lo que hacemos; i contra nosotros mismos mui agudos, nos enojamos cõ(n)tra ñ(uest)ros vicios, censurando a los Elocuentes los mudos.

La claridad (que es el tercer requisito) resplandeçe mucho en la disposiçion desta Historia, i no menos en el estilo tan puro i claro, que parece un manantial cristalino, reverberado del Sol. La Seguridad, pues, en todo lo que se

(85) GENIO A

se diçe i prueba es manifiesta: porque todo ella, o, es texto de la sagrada escritura, o, dotrina, de los Santos, o, tesoro de los mejores Eranios de la Historia; que todo esta lleno de Verdad i seguridad. Escriba, pues, V. R. muchos libros i tomos como el presente, sin temor de la Emulaçion, o, Envidia: que ambas daran mayor testimonio dela excelencia dellos, i seran pregoneras de tan ilustre Escritor.

---

Notas de Genio A

<sup>1</sup>Horat. de Arte Poet. Scribendi rectè, sapere, est et principium et fons.

<sup>1</sup>D. Hieronym. ad Rusticu(m) Monarch. Epist. 4 Cap 8

Ne ad scribendum cito prosilias, et le vi (sic) ducaris insania. Multo tempore disce quod doceas.

<sup>2</sup>Iuvenal. Satyr.7 Tenet infanabile (sic) multos scribendi cacoethes (sic); et aegro corde fenescit.

<sup>3</sup>Horat.

Scribimus indocti, docti que poemata pasim.

<sup>4</sup>Horat. ubi, supra

<sup>5</sup>Plin. Jun. Lib 7 Epist. 17

Cogito, quàm sit magnum, dare aliquid in manus hominum: Nec persuadere mihi possum non, et cum multis et saepe tractandum, quod placere et semper et omnibus cupias.

<sup>6</sup>Cantic 1. Meliora ubera tua vino

<sup>7</sup>L. unic. ss de officio quaestoris, et ibi notat Baldus. Cap "Cum caussam" et ibi Panormitam de Probationib.us.

d D.es in lege 1<sup>a</sup> ss. de Rebus creditis gl[os]a in cap venerabilem ibo transtu (sic) lide Electione, gl[os]a in cap. inter.dilectos vbo. magis, de fide instrumentorum.

<sup>8</sup>Ioseph.us lib.1. contra Apionem. Oportet promittentem aliis rerum veracium traditionem, ipsum priùs haec nosse certissimè.

<sup>9</sup>Idem eod. loco. aut rebus gestis adhaerendo, aut ab scientibus consulendo.

<sup>10</sup>Historia à verbo Graeco ISOQEIV hoc est videre. Vide Viperanum de Conscrib. Hist.<sup>a</sup> cap 1.

<sup>11</sup>Ioannes Bodin<sup>o</sup>. in Methodo Historiarum cap 4 de Historicorum delectu, ubi latè de hac mat<sup>a</sup>.

Josephus in Prologis Antiquitatum Iudaicar,et libroru[m] de bello Iudaico.

<sup>12</sup>Iuvenal. Satyr. 7

Nulla namque modo millessima pagina surgit.

<sup>13</sup>Ezequiel cap 37

<sup>14</sup>D. Ambros. lib. 2. in luc. super illud, Exurgens M[ari].<sup>a</sup> Morale est omnibus, ut qui fidem exigunt, fidem astruant.

<sup>15</sup>Horati<sup>o</sup>. in Art Poetic. nonumq. prematur in annum

<sup>16</sup>Idem, eod.loc. Membranis intuspositis (sic) delere licebit, quod non edideris: nescit (sic) vox misa reverti (sic).

<sup>17</sup>Horat.<sup>o</sup> in Art Poet. Quintilio si quid recitares, corrige sodes (sic).

Hoc aiebat, et hoc melius teposse negares: Bis, terq[ue]; expertum frustra, delere iubebat.

<sup>18</sup>Horat.<sup>o</sup> ubi supra

Clamabit enim pulchrè, bene, rectè:

Pallefcet super his: etiam stillabit amicis.

Ex oculis rorem, saliet tundet pede terram.

<sup>19</sup>Horat.<sup>o</sup> ubi supra

---

Si verò est, unctum.

<sup>20</sup>Plin. jun. lib 7 Epist. 20

Neque enim ulli patientius reprehenduntur, quàm qui maxime laudari merentur.

<sup>21</sup>Augustin, epist. ad Marçellun sit alem (sic) me esse asseritis adversus eos, quorum malitiâ, vel imperitiâ, vel intelligentiâ, repraehendor, ut me num quam (sic) scriptorum meorum errase dicatis; frustra laboratis, non bonam causam suscepistis; facilè me (meo--riscado) ipso iudice superabimini.

<sup>22</sup>Plin. lib 7. Epistolar. Epist. 17

Itaque nullum emendan di genus omitto, ac primùm quae scripsi, mecum ipse (sic) pertracto: deinde duobus aut tribus lego, moxaliis (sic) trado adnotanda, notas q. eoru[m], si dubito, cum uno rursus aut altero pensito (sic), novissime pluribus recito.

<sup>23</sup>Plin. ubi supra

<sup>24</sup>Plin. ubi supra

Nec verò ego, dum recito, laudari: sed dum legor, cupio.

<sup>25</sup>Tacit lib 1 Annal in princ.

Sine ira et studio quorum causas procul habeo.

<sup>26</sup>Ioann. Sambuc.<sup>o</sup> in p. factione ad Annal. Bonfinij. Redundent pauca verba ut deliberationi ansam praebeant.

De haere (sic)[ hac re] latè ac dissertè Ioannes Bodinus in Methodo Historiae. c. 4

<sup>27</sup>Horati in Art. Poet.

Deniq[ue]. sit. qd. simplex dumtaxat et unum.

<sup>28</sup>Hieron. lib. 1 advers. Pelagian. Haec est hominis vera sapientia, imperfectum esse se nosse atq[ue] (ut ita loquar) cunctorum is carne lustorum imperfecta perfectiones.

<sup>29</sup>Augustin, lib. 3. 2<sup>a</sup> duas Epistol. Pelagi Virtus, quae nunc est, in homine justo, perfecta hacten. nominatur, ut adeius (sic) perfectionem pertineat, etiam ipsius imperfectionis et in veritate cognito, et in humilitate confessio.

<sup>30</sup>Martial lib 1 epigram 17.

Sunt bona, sunt quaeda[m] mediocria sunt mala plura.

Quae legis hic, aliter non fit\sit? Avite (sic), liber.

<sup>31</sup>Horat. de Art. Poetica

Sumite materiam vestris, qui scribitis, ac quam Viribus: et versate diu, quid ferre recusent, quid valeant humeri, cui lecta potenter erit res, Nec facundia deseret hunc, nec lucidus ordo.

<sup>32</sup>Genebr. in Chronogr. lib. 4. ad an 1241.

<sup>33</sup>Hieron lib. in cap. 5 Math.

Non itaq. virtus, sed causa virtutis apud Deum mercedem habet: et si à recta via paululùm declinaveris, non interest, utrum, ad dexteram vadas, an ad sinistram, cum verum iter amiseris.

<sup>34</sup>Plin. jun. lib 5 epist. 8.

Historia quoquo modo scripta delectat. Sunt. n. hoes nãta (sic) curiosi et qualibet nuda rerum cognite. capiuntur.

<sup>35</sup>Plin lib 9 epist. 26.

Debet Orator erigi (sic), atolli, interdum et effervescere efferi\esseri (sic), ac saepe accedere ad preceps.

---

<sup>36</sup>Horati.<sup>o</sup> in Art. Poet. Pictoribus atq. Poetis Quidlibet audendi semper fuit  
e aqua potestas.

<sup>37</sup>Ioannas. Sambuc.<sup>o</sup> in p. factione ad Annal. Bonfinii. Poeta semper imitator;  
pugnax (sic) Orator; Historicus simplex, planus, certus.

<sup>38</sup>Plin. lib 5. Hanc (scilz [scilicet] Historiam) sepius ossa musculi, nervi: i illam  
toriquidam et quasi iube decet ex<sup>a</sup> Postremò alia verba, alius sonus, alia  
constructio

<sup>39</sup>Horat.

Auream quisquis mediocritatem

<sup>40</sup>Eccles. 12 et obsurdescent omnes filiae carminis.

<sup>41</sup>Martial in p. fatione ad. lib 12. Si quid est in lebillis (sic) meis qd. placeat,  
dictavit auditor.

<sup>42</sup>Martial lib 2 epigram. 85.

Scribat versus circulis Palemon

Me, raris (sic) iuvat auribus placere.

<sup>43</sup>August 5. Confess. c.6. Sensi aliud genus hominum etiam veritatem habere  
suspectam, et ei nolle acquiescere, si Comto atq[ue] uberi sermone promeretur:

<sup>44</sup>Theophrasto, latè in libro de characteribus Ethicis

<sup>45</sup>Horat<sup>a</sup> in Art Poet.

Intererit multum, Dav. (sic) ne loquatur ad Heros.

<sup>46</sup>Ioan Bodin.<sup>o</sup> in Method. Hist Cap 4.

<sup>47</sup>Horat. de Art. Poet.

Intererit multum Davus (sic) ne loquatur ad Heros

<sup>48</sup>Ioann. Anton. Viperan. in p. factie. ad suum libru[m] de Conscribenda  
Historia. Inspiciebamus, profecto Historiam Virginem qua[m]dam esse liberam  
et incorruptam, nulli appetitioni servientem, veritatis cultricem, moribus  
gravem, sani succi, coloris suavis, omni membrorum magnitudine et  
compositione perfectam, non levibus rebus et inanibus deditam, sed studentem  
gravibus et magnis; gaudentes q[ue] ornatu modico et decenti, nec ad  
voluptatem sed ad honestatem exquisito, qualis Matronae convenit; non ut  
meretricius (sic) ille sucus quit est, Poetarum maximè proprius.

<sup>49</sup>Joan Bodin. in Methodo ad Histor. c. 4. Quis dubitat, quin Historicus, vir  
gravis, integer, se (sic) verus, intelligens, disertus et quasi vitae communis ac  
privatae omniumq[ue]. rerum magnarum scientia instructus esse debeat?

<sup>50</sup>Horati.<sup>o</sup> in Art. Poet.

Scribe[n]di rectè, sapere est et principium et fons.

<sup>51</sup>Ioeph.us Apionem lib1. Scribendi; (scilicet Historiam) potestas non omnibus  
data sed solummodo Prophetis, antiquissima quidem et veterrima, secundum  
inspirationem factam à Deo cognoscentibus, aha (sic) vero suorum temporum  
sicuti sunt facta conscribentibus.

<sup>52</sup>Hieron. in Prologo ad chronico[n] Eusebii. Non ignoro multos fore, qui solitâ  
libidine detrehendi (sic) omnibus (quod vitare non potest ni si qui omnimo (sic)  
nihil scribit) huic volumini geminum dente infigant. Calumniabuntur te[m]pora,  
convertent(sic)[convertentem] ordinem rearguent. nes syllabas ventilabunt et  
(quod accidere plerisq. solet) negligentiam librariorum ad Auctores referent.

<sup>53</sup>Horati.<sup>o</sup> in Art. Poet.

Ego cur acquirere (sic) pauca si possum, invideor?

---

Cum lingua Catonis et Enni Sermonem patrium dita verit, et nova rerum = Nomina protulerit.

<sup>54</sup>Sanchez in Summ. lib 2 c.32.n.19.

<sup>55</sup>1.6 Reg.tit. 4 lib 8 Recopilationis

<sup>56</sup>Aldrete, Origen de la Lengua Castellana

<sup>57</sup>Horati°. ubi supra Multa renascentur quae iam cecidere, eadent q.(sic) [eademque?].

Quae nunc sunt in honore vocabula, si volet usus. Quem penes arbitrium est et ius norma loquendi.

Idem, ibidem

<sup>58</sup>Ut sylve folijs pronos mutantur in annos. Prima cadunt ita verborum vetus interit aetas; et iuvenum ritu florent modonata vigentq.

<sup>59</sup>Varro de lingua latin. lib 4

Quoniam verborum novaru[m] et veterum discordia omnis in consuetudine communi vetustas non pauca depravat, multa tollit. Quem puerum vidisti formosum nunc vides deformem in senecta: tertium saeculu[m] non videt eum hominem quem vidit primum.

<sup>60</sup>Horati°. ubi supra.

<sup>61</sup>ad Timot.6. Profanas[falta verbo] vocum novitates de vita

<sup>62</sup>Hieron ad Pamach Epist. 101.

Quasi omnes latrones et diversorum criminum rei disertis sunt; et cruentes gladios Philosophorum, voluminibus ac non arborum truncis occulant (sic).

<sup>63</sup>Baron. tom II abann.

Curo palata, Zonar et Cedren. Leo Hostiens. lib.2.c.68.

Graufred°. Monarch. lib 1 n 7. de reb Roberti Viscardi

Otto Frising in Chronol. lib 6.c.32

<sup>64</sup>Marian. de Reb. Hispan. lib 9 c.1

Blancas in Commentar Aragon in Reges Sanctio Bonfini in Annal. Hungar. decad. 6 lib 2.

<sup>65</sup>HCYOQOVIES

vel Xxivoqovices [vanidades]

<sup>66</sup>D. Thomm. sup. hunc locu[m] Pauli Profana novitas est, quando inducitur aliquid co[m]tra Fidem.

<sup>67</sup>August. lib 10 de Civit.c.27 In rebus Fidei non solùm id quod rectu[m] est oportet sentire sed etiam rectè loqui.

<sup>68</sup>August. in questionib. veter[iis] testam[enti]. q. 43

Nemo in haeresim ruit, nisi à nominum ratione discedens.

<sup>69</sup>Hieron. Epist. 49 ad Damasum tom.2 incipit: Q[ui]m Vetusta ibi: Non bonae suspicionis est cum in eodem sensu, verba dissentiu[n]t.

<sup>70</sup>D.Tho.i.p.q. 39 ar 2 ubi Interpretes et D. Hieron Epist. 61.

<sup>71</sup>Hieron. Epist. 19 ad Augustum

<sup>72</sup>Baron. tom 7 ann 519. Nova Vox ab Ecclesia, quantum: libet pia, non nisi ex Patrum consulto in rebus Fidei ute[n]da proponi consuevit.

<sup>73</sup>Nicefor.lib 8. c 42.

<sup>74</sup>Plutarch.us in vita Periclis.

<sup>75</sup>Plin. lib 9 c. 26 ut quasda[m] artes, ita eloquentiam nihil magis quam precipitia commendant.

---

<sup>76</sup>Quintilian lib 1 c 6 Iustitution utendùm planè sermone, ut nummo cui publica forma est.

<sup>77</sup>Hieron. epist 10 ad Furia[m] viduaz(sic)[viduam]. Aut loquendu[m] nobis est ut vestiti sumus, aut vestiendum ut loquimur.

<sup>78</sup>Hieron. ad Paulin. Quidquid aliis exercitatio et quotidiana in lege meditatio tribuere solet, illis hoc spus(sic) sanctum tribuebat.

<sup>79</sup>Augustin 5. Confessiō. c.6.

Quia aderat quotidiana sermocinandi exercitatio, suppetebat eloquium.

<sup>80</sup>Isai. 55 Verbum quod egredietur de ore meo non revertetur ad me vacuum. Eccles. 8 et sermo illius potestate plenus est

<sup>81</sup> Eccles. 8 et sermo illius potestate plenus est.

<sup>82</sup> Virgil.Exitium dirum hasta ferens.

<sup>83</sup>Iudith.10 Cui et[iam]. Dñs [Dominus] contulit splendorem: q[uu]m omnis ista compositio non ex libidine, sed ex virtute pendebat.

<sup>84</sup>Proverb. 25 et ibi Caietan.us. Mala aurea in lectis argenteis: qui loquitur verbum in tempore suo.

<sup>85</sup>Cicero de claris Oratorib.us. Verborum apta et quasi rotunda constructio.

<sup>86</sup>Iuvenal Satyr 6. Aut curtum(sic)[ cultum] sermone rotatu torqueat enthymema.

<sup>87</sup>Hieron in Epist.

Ad unam lucernam, et uno calami rotatu.

<sup>88</sup>Baron tom 4 an. 386.

<sup>89</sup>Albertus. Magnus, Divus Thomas, Petrus Iansenius et ceteri eius interpretes.

<sup>90</sup>Hieron. ad Paulin. Epist. 13.

Hilarius gallicano cothurno attolitur; et cum Graeciae floribus adornetur, longis interdum periodis in volvitur et à lectione simpliciorum fratrum procul est.

<sup>91</sup>Augustin. in serm. de Epiphan.

<sup>92</sup>Baptista Mantuan in Apologetico 2<sup>a</sup>. Mastigaphoros.

Vides haec verborum series q[uan]ta eloquentiae spuma luxuriet? q[uan]to dice[n]di feratur impetu? q[uan]to rutilet illustrata sple[n]dore? Quis neget hunc poeticum fuisse furorem?

<sup>93</sup>Hieron. ad Paulum Concord. epist 21 in eius vita.

P[ro]pter simplices quosque multum in deiiciendo sermonem laboravim(sic)?

<sup>94</sup>Erasm.us in scholiis ad Hierō et Magdeburgenses centur 4 Cap 10 contra Gelasium Pap[am].

<sup>95</sup>Hieron. ad Marcell epist. 102. Rusticitatem illi pro sanctitate habent, piscatorum se discipulos, asserentes quasi idcirco sancti sint si nihil scierint.

<sup>96</sup>Idem ad Pamach epist 101

Qui imitari se dicit Apostolos, prius imitetur virtutes in vita illorum. In loquendo, simplicitatem excussabit sanctimoniae magnitudo, et syllogismos Aristotelis, contorta[ue] Chrysippi acumina refulgens mortuus co[n]futabit. Caeterum ridiculum, si quis manens inter sardanapali delicias, de sola rusticitate se jactet.

<sup>97</sup>Martial. in Prolog. lib 1 Epigr. Si quis tamen tam ambitiose tristis est.

<sup>98</sup>Chrysost. homil. 21 in Genes. Neq[ue] enim vel syllaba, vel apiculus est in sacris litteris, in cuius profundo non sit grandis quispiam thesaurus.

<sup>99</sup>Chrysolog.us Non apices, non litterae, non puncta divinis vacua sunt sacramentis.

---

<sup>100</sup>Hieron ad Pamach epist. 101. Ubi et verborum ordo mysteriu[m] est. Idem in cap 3 epist. ad Ephes. Singuli sermones, syllabae, apices, puncta in divinis scripturis plena sunt sensibus.

<sup>101</sup>Hieron. sup Nahum cap 3

Dicemus ideo scripturam sancta[m] his difficultatibus esse contextam et maxime Prophetas, qui aenigmatibus pleni sunt; ut difficultate, sensum difficultas quoque sermonis involvit; ut non facile pateat sanctum canibus et margaritae porcis et profanis sancta sanctorum.

<sup>102</sup> in Hymm. Eccles. musto madere deputant quos spiritus repleverat.

<sup>103</sup>Baron. tom. 1 an. 45 n. 36.

<sup>104</sup>D. Petrus in epist. 2 cap 3. Sicut et charissimus frater noster Paulus, secundum datam sibi sapientiam, scripsit vobis sicut et in omnibus epistolis, loquens in eis de his in quibus sunt quae difficilia intellectu, quae indocti et instabiles depravant.

<sup>105</sup>Math. 15 et ibi Hieron Corripitur a Dño[Domino] quare parabolice dictum putet, quod perspicue locutus est; ex quo animadvertimus, vitiosum esse auditorem, qui obscura manifestè et manifeste dicta obscure vult intelligere.

<sup>106</sup>Bapt<sup>a</sup> Mantuan. in Apologetico. 2 de Adversus Mastigaphoros suorum operum. Ne obiiciant Evangelia nudo simplici quoque sermone esse composita, obiiciam et ego hominem nasci nudum, non panes sed triticum oriri, quia et si omnium honorum sit ipse largitor, tamen nostra fructum quaerit industria.

<sup>107</sup>Hieron. Epist. 13. ad Paulin Qui edere vult nucem, franget nucem.

<sup>108</sup>Dexter in chron. omnimodo histan. 64.

<sup>109</sup>Senec lib. de Tranquillitate, infin. Non potest grande aliquid et supra caeteros loqui nisi mota mens. Cum vulgaria et solita contempserit, instinctu sacro surrexerit exçelsior, tum demum aliquid cecinit grandius ore mortali. Non potest sublime quidquam et in arduo positu contingere; quam diçe apud se est. Desistat à solito, et mordeat fraenos, et Rectorem rapiat suum, eò quoque feratur ubi per se timuisset ascendere.

<sup>110</sup>Horati.us in Art. Poet.

Dabitorque licentia sumsta prudenter? pudeter. Et nova ficta quoque nuper habebunt verba fidem, si graeco fonte cadant parçe detorta.

<sup>111</sup>Martial. lib 10 Epigr. 21.

Scribere te quae vix intelligat ipse Modestus, aut vix Elaranus quid rogo, sexte [certe iubat ?]

Non lectore tuis opus est, sed Apolline libris Iudicete mayor, cinna Marone fuit?(sic)

<sup>112</sup>D. Paul ad Qui lucem habitat in accessibile.

<sup>113</sup>Psalm 17.

<sup>114</sup>Bartolome Leonardo de Argensola en su carta en terçetos a don Fernando de Soria

<sup>115</sup> 2. Corint. 6. Adulterantes verbum Dei.

<sup>116</sup> 2. Corint. 1. Ut non evacuetur crux [Chris]ti.

<sup>117</sup> 2. Timoth. 4. Prurientes auribus.

<sup>118</sup>Plin lib. 9. epist 26.

Non ita insanio, sed hoc intelligi volo, laxandos esse eloquentiae fraenos, nec angustissimo gyro ingeniorum impetus refringendos.

---

<sup>119</sup>Hieron. epist. 61. 2<sup>a</sup> Joan Hierosoli.

Ne disimulatio conscientia iudicatur.

<sup>120</sup>Idem. Hieron. epist. 103. ad Paulin Solum sibi prodest sãcta rusticitas et quantum aedificat ex vitae merito Ecclesiam [Chris]ti tantum nocet, si destruentibus non resistat.

<sup>121</sup>Math. 11 et August. Serm. 10 de verbis D[omin]i.

Discite à me; non mundum fabricare, non entia amcta visibilia et invisibilia in mundo creare, non in ipso mundo mirabilia facere, sed quia mitis sum et humilis corde.

<sup>122</sup>D. Tho. sup. cap 4. ad ephes. lect 8. Ira est bona, quando in vindictam debitam: quando scilicet, quis irascitur quando oportet, cum quibus oportet, et quantum oportet.

<sup>123</sup>Chysost. homil 21 in Math citatus à D. Tho. 22. q. 157. art 1. In corpore si ira non fuerit, nec doctrina proficit, nec iudica stant, nec crimina compescuntur.

<sup>124</sup>Psalm 4. vers 6.

<sup>125</sup>Ephes 4 et ibi D. Tho.

<sup>126</sup>Iacob.1.et ibi D.Tho.

<sup>127</sup>Ecclesiast. 7

<sup>128</sup>Math 5. vers. 22.

Augustin lib. 1 de serm. Dm in monte c. 9.

Qui non occidit, ascendit aliquo gradu: perficietur aute[m] si nec iracatur sine causa.

<sup>129</sup>D. Thomas 2.2. q. 158

<sup>130</sup>Math 15 a 26

<sup>131</sup>Actu 5.4 et sequentib<sup>o</sup>.

<sup>132</sup>Actu 13 a 23.

<sup>133</sup>Exod 32.

<sup>134</sup>Numer 25.

<sup>135</sup>3. Regum 28 et 4 Reg 1.

<sup>136</sup>4 Reg 3.

<sup>137</sup>Lactant. lib. de ira Dei. Vide Loricu sup. Psal. 4.v.6.

<sup>138</sup>Math. 15.

<sup>139</sup>Actuu. 23.

<sup>140</sup>D. August. epist 5 ad Marcellin. Irridenter circumstantes admonebat cum proculdubio, qui in commodum populi creverat, atq[ue] ibi lege fuerat eruditus illum Principem Sacerdotum, nec eos quibus ita notus erat comodo(sic)[quomodo] salleret, quod nesciret. [sic] et Lorin<sup>o</sup> super eundem locum. Non falsam quidem sed Salmam et liberam in Pauli oratione ironi[m] concedam.

<sup>141</sup>Ad Galat. Oh insensati Galatae.

<sup>142</sup>Ad Galat. 2 qr reprehensibilis erat.

<sup>143</sup>Ierem. 1[18] Dedi te in civitatem munitam et in columnam ferream et in murum aerneum super omnem terram Regibus Iuda Principibus eius et sacerdotibus et populo terrae.

<sup>144</sup>Hieron. sup 1 Ierem. Si qua[n]do Reges Iuda, quae interpretatur confessio: et Principes eius et sacerdotes, Episcopi videlicet, et Presbyteri, et Diaconi, et



---

vulgus vile at q[ue] ignobile contra sanctum virum consurgere voverint, habeat fidei firmamentum, et timere desistat; q[ui] a D[omi]no auxiliante superabit.

<sup>145</sup>Agustin lib 2 de Trinitat<sup>o</sup>. a Thom. opusc. 19. c. 14. Grata[n]ter suscipit osculum columbinu[m] pulcherrima, et modestissima charitas; dente autem caninu[m] vel vitat castissima cautissimaq[ue] humilitas, vel retundit solidissima veritas.

<sup>146</sup>Bernard. lib 1 de considerat[ion]e.

Magna virtus patientiae; sed no[n] hanc tibi ad ista optaverim: interdum impatientem esse probabilius.

<sup>147</sup>Hieron Epist 61 2<sup>o</sup> Joan Hierosolimit. Nolo in suspitione haerescos quemquam esse patientem: ne opud eos qui ignorat innocentiam dissimulatio conscientia iudicetur.

<sup>148</sup>2 Corint 11, [19] Libenter suffertis insipientes, cum sitis ipsi sapientis; sustinetis enim si quis vos intervitate redigit, si quis devorat, si quis accipit, si quis extollitur, si quis infaciem vos cedit.

<sup>149</sup>Bernard. lib 1 de Considerat[ion]e.

<sup>150</sup>Hieron epist. 61 Stultum est frustra infami[m] sustinere.

<sup>151</sup>Basilius in Ascetiçis de vera ac pia fide.

Quemadmodum non eade ministr[ument]a in manu sumet, et qui praelium est initurus, et qui colere agrum velit; similiter nequaquam eodem dicende genere utatur, et qui in sana doctrina cohortetur et qui in disputat[ion]e sibi repugnantes redarguat.

<sup>152</sup>Glos sup epist. Ioan.n. 10. citata à D. Thomas opust. 19. c. 14.

Sicut linguas detrahentium, n[ost]ro vitio non debemus excitare ne pereant; ita per suam nequitiam excitatas debemus aequanimiter tolerare, aliq[uan]do etiam compescere, ne dum de nobis mala dissemin[ant] eorum quorum bona audire poterant, verba corrumpant.

<sup>153</sup>Hieron. epist 96 ad Augustin. Sin autem amicus, qui me prius gladio petiit, stilio repulsus est; sit humanitatis tuae atq[ue] iustitiae accus[antes] reprehendere, non respondentem.

<sup>154</sup>Idem Hieron. epist. 62 ad Theophil. et si superbum est respo[n]s[us] (...)?; multo sit superbius, accusasse.

<sup>155</sup>Hieron lib 3.2<sup>a</sup>. Rufinum Respondere compellor, ne videar tacendo crimen agnoscere et lenitatem meam malae conscientiae signum interpretaari.

<sup>156</sup>Hieron. in Apolog. 2<sup>a</sup> Rufin. Confossus iaceo, stridet vulnus in pectore, candida prius sanguine membra turpantur et tu mihi dicis: Noli manum(sic) adhibere vulneri, ne ego te videar vulnerasse?

<sup>157</sup>Proverb. 26, [5] Responde stulto iuxta stultitiam suam.

<sup>158</sup>Ciprian lib. de singular clericum. Mores(sic) tales ergo non per orationem sed per correptionem revincendi sunt

<sup>159</sup>Salaçari<sup>o</sup>. sup cum locum Prover. ver. 5.

Adversus illu[m] correptionibus et anima adversiõnibus no[n] etiam et virga utere.

<sup>160</sup>Martial. lib 5 epig 25

<sup>161</sup>L. ut natura ff. delust et iurlure hoc evenit, ut q[uo]d quisq[ue] ob tutelam sui corporis fecerit, iure fecisse existimatur.

---

<sup>162</sup>Baptis. Mantuan. in Apologe pro Religion Carmelit. 161. Quod si hoc licet unicuique pro sui defensione, quid pro suorum omnium et pro Religionis salute licebit?

<sup>163</sup>Hieron. epist 62 ad Teophil. Nunc ergo quaeso te, ut venias.

<sup>164</sup>Baptis. Mantuan. ubi. sup.

Si in hoc certamine quidquam mali exempli sorte videbitur, in litis auctores retorqueto; nos eni[m] non ad offendendum (sicut illi) arma suscipimus, non mittimus in eos tela; sed potius repellimus in nos missa. Quod si inter repellendum, quemquam eorum feriri ontigerit; faciet hoc casus non nocendi animus. Nec minus aegre fero q[uo]d. nomen innocentiae, cogi tamtopere, qua[m]q[uo]d. videam tantis eorum patere calumniis.

<sup>165</sup>Martial. lib 2 epigr 77.

Non sunt longa. quibus nil est quod demereri possis.

<sup>166</sup>Martial. lib. Facile est epigràmata vellè; sed librum scribere difficile est.

<sup>167</sup>Hieron epist 4 tom 1.

Accusamus saepe quod facimus et contra nos metipsos diversa in vitia n[ost]ra invehimur, muti de loque[n]tibus iudicantes.

2.1.2. Decomposição dos textos em função do tipo de frases (idênticas, parecidas, diferentes ou exclusivas de uma das obras) , segundo a ordem sequencial de capítulos

O primeiro documento (texto A) tem como elemento de comparação *Genio A*, informando da parte em que cada bloco foi integrado e do seu desenvolvimento.

O segundo documento (texto B) indica o registo do tipo de frases segundo a ordem sequencial de *Genio B*, apreendendo-se com facilidade como todo o início da obra, bem como a conclusão, parecem ter sido redigidas expressamente para a versão impressa.

O  $n^o$  corresponde ao número da frase na base de dados, a % corresponde à percentagem de palavras iguais nos dois textos, o = às palavras comuns aos dois textos, e as diferentes  $\diamond$  correspondem ao somatório de palavras diferentes em *Genio A* e *Genio B*. As palavras diferentes foram previamente conferidas pela lista da mesma palavra com diferentes grafias.

A observação destas tabelas permite verificar quais as formas como surge aumentado *Genio B*: por acrescentamento de palavras nas frases e pela introdução de frases novas.

As frases aumentam por processos lineares de acumulação de palavras (ligadas por vírgulas ou copulativa e que se exemplifica com uma<sup>(2)</sup>), ou ganhando mais sentido pela melhor especificação de termos.

---

<sup>2</sup>A forma mais comum de Gerónimo S. José expressa-se em *Genio* aumenta as frases é exemplificada na lista com a inventariação das frases com mais de seis vírgulas, ou três pontos e vírgulas, e, i, o, ou y.

parte	Secuencia	A=B	A:B	ExA	TP	NV	Texto	RefB	%	total	=	<>
I	<A seq 00>	No	No	No	No	Yes	GENIO DE LA HISTORIA por Fr. Geronimo	<B,00>		1247	0	1247
I	<A seq 00>	No	No	No	Yes	No	PRIMERA PARTE	<B,00>				
I	<A seq 01>	No	No	Yes	No	No	[1] Entre los Requisitos mas necesarios al b	<B,00>		31	0	31
I	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Este (dice Horacio) es el origen principio y f	<B,03,01,3>	92	32	32	0
I	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Hazele, el que escribe, Doctor i Maestro uni	<B,03,01,3>	90	40	39	1
I	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Mire, aora, el que escribe, la obligacion que	<B,03,01,3>	95	44	44	0
I	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Ai muchos, que, antes de aprender, ensena	<B,03,01,3>	91	76	74	2
I	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Ai en este siglo un desenfrenado apetito de	<B,03,01,4>	82	77	64	13
I	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Lastimoso es, i digno de remedio este daño:	<B,03,01,4>	72	28	28	0
I	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Ô como se hecha de ver el ingenio i condici	<B,03,01,5>	77	40	40	0
I	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	No quiero, por esto, condenar, ni desanimar	<B,03,01,5>	79	70	67	3
I	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	El que uviere de escribir, estudie, trabaxe, s	<B,03,01,6>	93	187	173	14
I	<A seq 01>	Yes	No	No	No	No	Esta, obligacion comun a los que escriben,	<B,03,01,7>	97	57	57	0
I	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Como ha de referir una grave i refida contro	<B,03,01,7>	90	24	24	0
I	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Como, los pleitos, diferencias, i aun guerras,	<B,03,01,7>	82	135	127	8
I	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Es finalmente inmensa (sic) la materia a que	<B,03,01,7>	89	40	40	0
I	<A seq 02>	No	No	Yes	No	No	2. De aqui saco el segundo, i no menos prob	<B,03,02,1>		18	0	18
I	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	tan debida a la Historia, que sus Autores, por	<B,03,02,1>	42	24	22	2
I	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	Cuanto lo deban ser, por lo general raçon de	<B,03,02,1>	88	56	56	0
I	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	Lo que ha de ser eterno, agradar, i sempre,	<B,03,02,1>	86	45	44	1
I	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	En el Historiador es mas estrecha esta oblig	<B,03,02,2>	84	26	23	3
I	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	En los demas Escritores examinados juezes	<B,03,02,2>	93	92	92	0
I	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	Por esto en pleitos i causas gravisimas se d	<B,03,02,2>	77	84	78	6
I	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	3. De una de dos maneras debe ser abida, p	<B,03,02,3>	73	57	52	5
I	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	Que uviessi manejado el Historiador los ne	<B,03,02,3>	90	32	32	0
I	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	Porque un suceso publico (a que mas partic	<B,03,02,3>	58	25	14	11
I	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	antes aqui, tiende sus redes el engaño; i es	<B,03,02,3>	95	34	34	0
I	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	las cuales debe con prudencia (de que lueg	<B,03,02,3>	66	142	81	61
I	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	De aqui se le recrece una inmensa dificultad	<B,03,02,4>	88	60	52	8
I	<A seq 03>	No	No	Yes	No	No	A todo lo cual no satisfaze un vulgar desvelo.	<B,03,02,4>		9	0	9
I	<A seq 04>	No	Yes	No	No	No	4. Mas si esta solicitud se pide al que escrib	<B,03,02,5>	82	20	19	1
I	<A seq 04>	No	Yes	No	No	No	Ô, que montes se ofreçen aqui de dificultad	<B,03,02,5>	96	176	176	0
I	<A seq 04>	No	Yes	No	No	No	anadirles, para su enlaçamiento i fortaleça,	<B,03,02,5>	94	86	84	2
I	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	5. Ya esta especie de Historia entre los dem	<B,03,02,6>	80	93	85	8
I	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	Por donde nadie con raçon puede culpar al	<B,03,02,6>	91	45	45	0
I	<A seq 05>	Yes	No	No	No	No	Bien que, ni de lo antiguo es necesario dar s	<B,03,02,6>	+02	39	39	0
I	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	Que a un Ministro mas cierto de la verdad, p	<B,03,02,6>	77	48	46	2
I	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	6. A la Diligencia de uno i otro pertenece la	<B,03,03,1>	65	34	28	6
I	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	Tiempo es menester, para informarse i cons	<B,03,03,1>	70	86	77	9
I	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	Para esto pide el gran Maestro de Escritores	<B,03,03,2>	91	54	54	0
I	<A seq 06>	No	No	Yes	No	No	Duren pues mucho en las entrañas del Autor	<B,03,03,3>		19	0	19
I	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	Entanto q[ue] la obra esta en la oficina de su	<B,03,03,4>	57	22	22	0
I	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	la borra i desborra, la pule, retoca, i hermose	<B,03,03,4>	94	35	35	0
I	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	lo cual, despedido el libro de casa, cesa tod	<B,03,03,4>	44	20	20	0
I	<A seq 07>	No	No	Yes	No	No	7. Pero esta Diligencia, si bien es necesaria,	<B,03,04,1>		11	0	11
I	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	por que mal se acaba de desnudar de sus af	<B,03,04,1>	89	29	29	0
I	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	Debe, en la de su libro, el Escritor no fiar au	<B,03,04,1>	87	36	35	1
I	<A seq 07>	No	No	Yes	No	No	Apele pues, de la suya, a la de un Varon Doc	<B,03,04,1>		58	0	58
I	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	I digo por lo menos: porque de buena raçon,	<B,03,04,2>	89	66	60	6
I	<A seq 07>	Yes	No	No	No	No	i el desacierto de quien busca, o, senala Ce	<B,03,04,2>	+02	10	10	0
I	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	Recto le quiero tambien, para que ni el odio	<B,03,04,3>	87	76	75	1
I	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	Unos aí, que todo lo alaban. Otros, que todo	<B,03,04,3>	93	32	32	0
I	<A seq 07>	No	No	Yes	No	No	I es cosa maravillosa, que si alaban, o vitupe	<B,03,04,3>		57	0	57
I	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	clamará, cuando oyere vro (vero) papel, el liss	<B,03,04,3>	76	103	89	14
I	<A seq 07>	No	No	Yes	No	No	Cuanto a los tales deba creerse, dixolo uno e	<B,03,04,3>		121	0	121
I	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	8. Hallado ya el Censor Docto i Recto,	<B,03,04,4>	47	8	7	1
I	<A seq 08>	Yes	No	No	No	No	que importaria si el Escritor no fuese Blando	<B,03,04,4>	+02	19	19	0
I	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	Es de Ingenios mui dispuestos a la sabiduri	<B,03,04,4>	90	43	36	7
I	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	E nesto se conoçen i diferencian los mas di	<B,03,04,4>	91	45	44	1
I	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	No como aquel tan Docil, quanto Modesto E	<B,03,04,4>	90	21	20	1
I	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	"Si contra aquellos, que con Malicia, o, Ignor	<B,03,04,4>	93	49	45	4
I	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	Ô, bien templado animo! cuya docilidad adm	<B,03,04,4>	84	71	65	6
I	<A seq 08>	Yes	No	No	No	No	No, empero, sean demasiados en numero, n	<B,03,04,5>	+02	17	17	0
I	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	Siempre me agrado el que tuvo aquel unico,	<B,03,04,5>	91	39	35	4
I	<A seq 08>	Yes	No	No	No	No	luego lo entrego a otros para que lo vean i ce	<B,03,04,5>	97	44	43	1

parte	Secuencia	A=B	A:B	ExA	TP	NV	Texto	RefB	%	total	=	<>
I	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	Esta era la Diligencia i Docilidad de aquel di	<B,03,04,5>	95	10	10	0
I	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	Vsabase entonçes el recitar a muchos amig	<B,03,04,5>	86	45	41	4
I	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	Bien que, yo seria de opinion, que no tanto s	<B,03,04,6>	78	11	9	2
I	<A seq 08>	No	No	Yes	No	No	cuanto se diese privadamente a leer la obra	<B,03,04,6>		13	0	13
I	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	por que la gracia del que recita, (i mas si es	<B,03,04,6>	89	32	32	0
I	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	la cual, no tanto a la oracion acelerada, i res	<B,03,04,6>	92	20	19	1
I	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	Yo, en lo que para leerse, escribo, mas quisi	<B,03,04,6>	78	34	31	3
I	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	que como falta el soborno de la pronunciaci	<B,03,04,6>	84	37	33	4
I	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	Entregue pues, su obra el Docil i cuerdo Es	<B,03,04,6>	91	71	68	3
I	<A seq 09>	No	No	Yes	No	No	9. Otro grande requisito del Históriador es el	<B,03,07,7>		39	0	39
I	<A seq 09>	No	Yes	No	No	No	Porque pende tambien de la buena disposicio	<B,03,07,7>	73	47	39	8
I	<A seq 09>	No	Yes	No	No	No	Que si bien debe a su Patria, debe a sus De	<B,03,07,7>	81	63	63	0
I	<A seq 09>	No	Yes	No	No	No	Libre pues ha de estar el animo del Historiad	<B,03,07,7>	63	13	12	1
I	<A seq 09>	No	No	Yes	No	No	destos afectos, para juzgar con rectitud, cua	<B,03,07,7>		39	0	39
I	<A seq 09>	No	Yes	No	No	No	No todo lo que sucede; es licito, ni probecho	<B,03,05,2>	54	16	5	11
I	<A seq 09>	No	Yes	No	No	No	Cebola i Horacio con un braço i ojo menos h	<B,03,05,2>	90	20	20	0
I	<A seq 09>	No	Yes	No	No	No	Sera cordura talvez disimular un vicio; tal, el	<B,03,05,2>	40	26	5	21
I	<A seq 09>	No	No	Yes	No	No	Asi nos pinta el sagrado Historiador a Pedro	<B,03,05,2>		38	0	38
I	<A seq 09>	No	Yes	No	No	No	Hallò el otro una memoria notable, una escrit	<B,03,05,2>	66	93	64	29
I	<A seq 09>	No	No	Yes	No	No	Ó cuantos naufragaran en esta Sirte(sic)! de	<B,03,05,2>		36	0	36
I	<A seq 09>	No	Yes	No	No	No	pero en las malas, mucho; i es menester un	<B,03,05,3>	65	24	20	4
I	<A seq 09>	No	Yes	No	No	No	por que el mal exemplo aun(ue) reprobado i	<B,03,05,3>	84	46	46	0
I	<A seq 09>	No	Yes	No	No	No	Por donde los Prudentes Consultos, ni deter	<B,03,05,3>	66	36	35	1
I	<A seq 10>	No	No	Yes	No	No	10. Que juicio, pues, se requiere, para calific	<B,03,05,4>		49	0	49
I	<A seq 10>	No	Yes	No	No	No	Ai quien pide i quien hace su Historia, sermo	<B,03,05,4>	40	42	31	11
I	<A seq 10>	No	No	Yes	No	No	de la cual toma el Orador exemplos para su	<B,03,05,4>		36	0	36
I	<A seq 10>	No	Yes	No	No	No	Solo se permite a su tiempo, una breve sente	<B,03,05,5>	40	24	15	9
I	<A seq 10>	No	No	Yes	No	No	I aun que esta Moralidad se debia mas ala Hi	<B,03,05,5>		172	0	172
I	<A seq 11>	No	No	Yes	No	No	11. Gran parte deste juicio (llamemosle Prud	<B,02,07,1>		56	0	56
I	<A seq 11>	No	Yes	No	No	No	No se supre que aviendo empeçado la carrer	<B,02,07,1>	72	55	47	8
I	<A seq 11>	No	Yes	No	No	No	Pero aun que esta lgualdad es bie(n) se des	<B,02,07,2>	87	39	39	0
I	<A seq 11>	No	Yes	No	No	No	Vemos, que quiebra muchas veces esta cor	<B,02,07,2>	86	66	66	0
I	<A seq 11>	No	Yes	No	No	No	Como careçera pues desta nota el artificio d	<B,02,07,2>	91	24	24	0
I	<A seq 11>	No	Yes	No	No	No	Sino es, que digamos, que aqui i alli es igual	<B,02,07,2>	94	43	43	0
I	<A seq 11>	No	Yes	No	No	No	i confeso agustino. Con esta mengua comu(	<B,02,07,2>	71	64	40	24
I	<A seq 12>	No	No	Yes	No	No	12. Tambien pertenece a la Prudencia del Hi	<B,02,01,2>		68	0	68
I	<A seq 12>	No	Yes	No	No	No	Cual convenga a la Historia, no es facil de s	<B,02,01,2>	72	16	14	2
I	<A seq 12>	Yes	No	No	No	No	No En la de un solo Heroe, o, facion particular,	<B,02,01,2>	99	51	51	0
I	<A seq 12>	No	Yes	No	No	No	pero corta, i dexa desvaירים los sucesos, i	<B,02,01,2>	94	37	37	0
I	<A seq 12>	No	Yes	No	No	No	i sin dexarle tragar alguno, se los fuesen quit	<B,02,01,2>	96	14	13	1
I	<A seq 12>	No	Yes	No	No	No	La Narracion seguida prende i embebece pe	<B,02,01,2>	96	31	31	0
I	<A seq 12>	No	No	Yes	No	No	Yo, si uviese de arbitrar, seguiria un Mixto, e	<B,02,01,2>		20	0	20
I	<A seq 12>	No	Yes	No	No	No	es a saber, Anales atados a la Cronologia, c	<B,02,01,2>	80	53	53	0
I	<A seq 12>	No	Yes	No	No	No	No emperò tan seguida que no la dividan los	<B,02,01,3>	83	28	27	1
I	<A seq 12>	No	Yes	No	No	No	Mas ya eso el tiempo i la comodidad lo ha alt	<B,02,01,3>	55	50	24	26
I	<A seq 13>	No	Yes	No	No	No	13. No le queda menos dificultad a la Prude	<B,02,02,3>	29	41	7	34
I	<A seq 13>	No	Yes	No	No	No	pero la afinidad que tiene con los dos, le hac	<B,02,02,3>	93	54	54	0
I	<A seq 13>	No	Yes	No	No	No	i desaseado estilo escribiese una Historia.	<B,02,02,3>	60	6	6	0
I	<A seq 13>	No	Yes	No	No	No	Porq(ue) aun que de cual quier manera escr	<B,02,02,3>	84	75	72	3
I	<A seq 13>	No	Yes	No	No	No	Con ambos conviene en algo el Historiador, i	<B,02,02,4>	74	31	31	0
I	<A seq 13>	No	Yes	No	No	No	Descubrense en la narracion Historica los h	<B,02,02,4>	87	50	50	0
I	<A seq 13>	No	Yes	No	No	No	Finalmente en las clausulas, cadencias, i nu	<B,02,02,4>	90	70	70	0
I	<A seq 14>	No	Yes	No	No	No	14. Pero aviendose encumbrado tanto el esti	<B,02,02,5>	87	63	63	0
I	<A seq 14>	No	Yes	No	No	No	De tal suerte, que ya fi(vest)ra España, tenid	<B,02,02,5>	84	28	28	0
I	<A seq 14>	No	Yes	No	No	No	I aun anda tan por los extremos que casi ex	<B,02,02,5>	94	95	95	0
I	<A seq 14>	No	Yes	No	No	No	Con esto no basta, ai q[ue] en esta edad esc	<B,02,02,5>	75	57	47	10
I	<A seq 14>	No	Yes	No	No	No	Vicio siempre de paladar, supersticiosament	<B,02,02,5>	90	26	26	0
I	<A seq 14>	No	Yes	No	No	No	Enesto humor tan extraordinario de los oyent	<B,02,02,6>	82	45	39	6
I	<A seq 14>	No	Yes	No	No	No	En la cual si alguna cosa ai que suene estra	<B,02,02,6>	95	58	58	0
I	<A seq 14>	No	Yes	No	No	No	Demas, de que entre estos, no todos son tal	<B,02,02,6>	91	50	50	0
I	<A seq 14>	No	Yes	No	No	No	Ministre, pues, en hora buena el Cuerdo por	<B,02,02,6>	91	24	24	0
I	<A seq 14>	No	Yes	No	No	No	pero reprima el ambicioso follagé de la exorn	<B,02,02,6>	87	92	92	0
I	<A seq 15>	No	No	Yes	No	No	15. Restanos del juicio i Prudencia del Histor	<B,01,09,2>		36	0	36
I	<A seq 15>	No	Yes	No	No	No	asi por el Decoro de las personas introducid	<B,01,09,2>	82	48	48	0
I	<A seq 15>	No	Yes	No	No	No	Aqui principalmente es, a donde, o, se enga	<B,01,09,2>	93	170	169	1

parte	Sequencia	A=B	A:B	ExA	TP	NV	Texto	RefB	%	total	=	<>
I	<A seq 15>	No	Yes	No	No	No	Pero de estas, cuanto son mas hermosas las	<B,01,09,5>	87	143	140	3
I	<A seq 15>	No	Yes	No	No	No	Por estas dificultades i peligros, me inclinari	<B,01,09,6>	87	25	21	4
I	<A seq 15>	No	Yes	No	No	No	Peroy en unas i otras (porque de ordinario su	<B,01,09,6>	91	51	49	2
I	<A seq 15>	No	No	Yes	No	No	Concluuyamos el retrato de una digna Historia	<B,01,09,6>		156	0	156
I	<A seq 16>	No	No	No	No	Yes	16. De lo dicho se colige una mui cierta verd			341	0	341
I	<A seq 17>	No	No	No	No	Yes	17. De aqui tambien, de lo que avemos dho(di			1139	0	1139
II	<A seq 01>	No	No	No	Yes	No	SEGUNDA PARTE					
II	<A seq 01>	No	No	No	No	Yes	1. No se contenta V. R. (mi Padre Fr. Franci			342	0	342
II	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	2. Començando, pues, por la objecion contra	<B,02,03,1>	63	71	35	36
II	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	Por que unas llegan a exceso, i ese es repre	<B,02,03,1>	73	20	20	0
II	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	No por que en algo se altere i estrañe el Esti	<B,02,03,1>	87	20	18	2
II	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	pues en todas las lenguas del Mundo ha su	<B,02,03,1>	93	43	43	0
II	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	En la nuestra lo vemos mas claro i mas de c	<B,02,03,1>	75	48	47	1
II	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	i lo mismo se ve en otras tales voces en cuy	<B,02,03,1>	32	28	5	23
II	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	La elegancia de Garçilaso, q[ue] ayer se tuv	<B,02,03,1>	92	32	32	0
II	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	El lenguaxe (sic) se muda con lo demas que	<B,02,03,2>	80	13	10	3
II	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	el qual haçe renasçer i envejeçer vocablos vi	<B,02,03,2>	78	83	70	13
II	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	Renaceran muchas cosas de las que murier	<B,02,03,2>	90	89	89	0
II	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	Finalmente este negocio se reduce todo al tr	<B,02,03,3>	84	67	67	0
II	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	l aun que esta calificacion tambien se funde	<B,02,03,3>	72	30	27	3
II	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	pero la condicion sola del uso prevaleçio sie	<B,02,03,3>	96	38	36	2
II	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	Por donde no ai que melindrear en esta mate	<B,02,03,3>	81	31	29	2
II	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	de suerte que se pueda en ella, como en la	<B,02,03,3>	90	42	42	0
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	3. Oponen algunas mui zelosos del bien pub	<B,02,03,4>	68	18	16	2
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	El primero, la corrupcion de las costumbres,	<B,02,03,4>	93	45	45	0
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	Pero respondo a lo primero, que el estudio d	<B,02,03,4>	81	32	31	1
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	porque empleados en esta que es tan hones	<B,02,03,4>	70	16	16	0
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	l no se yo, por q[ue] esta parte de Elocuenci	<B,02,03,4>	85	52	51	1
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	Como si no fuese mui al reves (añade el Sa	<B,02,03,4>	80	43	32	11
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	Bien lo probariamos, si tendiesemos los oyo	<B,02,03,5>	64	14	12	2
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	En los cuales, aun que no siempre que reyn	<B,02,03,5>	90	39	39	0
II	<A seq 03>	No	No	Yes	No	No	Solo un exemplo refiere del siglo Decimo des	<B,02,03,5>		11	0	11
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	En el qual, por los anos de treinta, hasta cuar	<B,02,03,5>	77	21	17	4
II	<A seq 03>	Yes	No	No	No	No	Avia en Roma juntamente tres Papas, monst	<B,02,03,5>	97	46	46	0
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	i todos juntos agarraban de la Tiara(sic??) i	<B,02,03,5>	55	14	14	0
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	Lo restante de la Republica Xpña todo era c	<B,02,03,5>	96	27	27	0
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	Entonçes, pues, ninguna cultura avia de len	<B,02,03,5>	57	18	15	3
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	l asi no ai por que temer, se introduzga con l	<B,02,03,5>	95	20	20	0
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	Al segundo temor del peligro de la Fe, por la	<B,02,03,6>	87	74	71	3
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	i con el, novedades; i con raçon: por que la n	<B,02,03,6>	60	14	11	3
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	pero no siempre, ni cualquiera es reprehensi	<B,02,03,6>	86	42	42	0
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	que se leda al Apostol, que al concepto agu	<B,02,03,6>	86	33	32	1
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	Confieso con San Agustin que en la doctrina	<B,02,03,6>	77	39	39	0
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	i con San Geronimo; que no derrama de si b	<B,02,03,6>	82	45	45	0
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	la que entre los Africanos se originò de la vo	<B,02,03,6>	69	40	33	7
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	la que enojo al gran Espiridion nuestro Padr	<B,02,03,6>	92	35	35	0
II	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	i finalmente cò(n)fieso, que en las palabras (	<B,02,03,6>	82	62	54	8
II	<A seq 04>	No	No	Yes	No	No	4. Replicarà por ventura alguno, diciendo que	<B,02,04,2>		58	0	58
II	<A seq 04>	No	Yes	No	No	No	La alteza de estilo en el Orador, es, tan suya	<B,02,04,2>	85	69	69	0
II	<A seq 04>	No	Yes	No	No	No	Dirame alguno con nuestro Español Orador,	<B,02,04,3>	70	26	25	1
II	<A seq 04>	No	Yes	No	No	No	Pero como en la moneda ai unas de cobre,	<B,02,04,3>	91	84	83	1
II	<A seq 04>	No	Yes	No	No	No	Siempre en el hade aver su graduacion i dife	<B,02,04,3>	87	43	43	0
II	<A seq 05>	No	No	Yes	No	No	5. Para el Orador i Escritor seglar, bastante	<B,02,04,4>		37	0	37
II	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	Por que si habemos de hablar como vestimo	<B,02,04,4>	75	237	236	1
II	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	Destos ai muchos, i de ordinario son los que	<B,02,04,4>	62	131	131	0
II	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	Supuestos estos tres principios de la Elocue	<B,02,04,5>	83	41	41	0
II	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	Cierta cosa es, que cuando el soberano Ma	<B,02,04,5>	93	64	64	0
II	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	Por que lançandose en el Alma del Orador	<B,02,04,5>	88	210	208	2
II	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	Que entonçes se ven las manças de Oro	<B,02,04,5>	92	25	25	0
II	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	que (en opinion de Cayetano) son las figura	<B,02,04,5>	82	49	46	3
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	6. Mas breve i no menos eficazmente respo	<B,02,05,1>	74	74	68	6
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	con Crisostomo? cuyo sublime estilo, cuand	<B,02,05,1>	96	25	25	0
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	q[ue] estrañeça, como la del divino Areopagi	<B,02,05,1>	91	34	34	0
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	Si miramos, pues a los Padres de la Iglesia l	<B,02,05,2>	85	21	21	0
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	Quien se atrebe al encumbramiento de un C	<B,02,05,2>	84	50	50	0

parte	Sequencia	A=B	A:B	ExA	TP	NV	Texto	RefB	%	total	=	<>
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	Tras estos; que tiene que ver nuestra bajaça	<B,02,05,2>	69	38	35	3
II	<A seq 06>	Yes	No	No	No	No	Tunc luna reçedentibus astris, permediam c	<B,02,05,2>	97	46	46	0
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	Podia afectar mas estrañeza, ni estilo mas c	<B,02,05,2>	82	50	45	5
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	No ves el orden destas palabras, con cuanta	<B,02,05,2>	96	12	12	0
II	<A seq 06>	No	No	Yes	No	No	con cuanto impetu de decir se arroja?	<B,02,05,2>		7	0	7
II	<A seq 06>	Yes	No	No	No	No	con cuanto resplandor hermoseado brilla? Q	<B,02,05,2>	+02	11	11	0
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	Si esto pues se le oyera oi aun Religioso De	<B,02,05,2>	86	25	25	0
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	No lo son por cierto estas de San Agustin, si	<B,02,05,2>	56	39	19	20
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	Llegemos a examinar al Dotor Maximo i no	<B,02,05,3>	83	109	102	7
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	A esto modo pudieramos traer exemplos de	<B,02,05,3>	94	27	27	0
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	Por donde quien a los Religiosos Escritores,	<B,02,05,4>	86	46	46	0
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	Por si, a lo menos responde el elocuente Ge	<B,02,05,4>	82	25	24	1
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	La rusticidad (Dice el Santo) es toda su sant	<B,02,05,4>	90	27	25	2
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	el que blasona de que imita a los Apostolos,	<B,02,05,4>	93	16	16	0
II	<A seq 06>	No	No	Yes	No	No	Con esta imitacion responde bien aquella.	<B,02,05,4>		6	0	6
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	Por que la sencillez (añade) del hablar solo	<B,02,05,4>	80	37	35	2
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	I si es cosa ridicula, si, que dondose uno em	<B,02,05,4>	86	35	35	0
II	<A seq 06>	No	Yes	No	No	No	lo cual es fuerça decir si es contra la santida	<B,02,05,4>	77	15	12	3
II	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	7. Esto bastava para cualquier Disciplinado in	<B,02,05,5>	71	7	5	2
II	<A seq 07>	Yes	No	No	No	No	Mas si todavia ai alguno tan ambiciosament	<B,02,05,5>	96	42	42	0
II	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	No solo en los conçetos, sino en el modo de	<B,02,05,5>	87	77	72	5
II	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	De manera que las sentencias, las palabras,	<B,02,05,5>	93	79	79	0
II	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	Por esto toda ella està como texida de obsc	<B,02,05,5>	88	49	49	0
II	<A seq 07>	Yes	No	No	No	No	Pues que diremos de los Apostoles en el Te	<B,02,05,6>	+02	10	10	0
II	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	Los cuales se encumbraron tanto en su Estil	<B,02,05,6>	87	153	153	0
II	<A seq 07>	Yes	No	No	No	No	que mucho, suceda oi lo mismo en los Escri	<B,02,05,6>	+02	27	27	0
II	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	Este crimen se exagera mucho.	<B,02,05,7>	36	5	4	1
II	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	Pero es falta del que oye Rudo, no del que h	<B,02,05,7>	81	47	46	1
II	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	Pero la declaracion fue, darle a el primero a	<B,02,05,7>	92	45	45	0
II	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	De lo cual que damos advertidos, que aquel	<B,02,05,7>	82	26	26	0
II	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	E nel Evangelio, por f(r)ta rudeça, hallamos	<B,02,05,7>	63	10	10	0
II	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	I si alguno o pone, que todo el, por lo menos	<B,02,05,7>	86	118	118	0
II	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	A todos estos exemplos sagrados añadimos	<B,02,05,8>	63	35	35	0
II	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	No puede la mente, sino con alta mocion, ha	<B,02,05,8>	92	58	58	0
II	<A seq 07>	No	Yes	No	No	No	Dexe pues lo acostumbrado, i levantese; mu	<B,02,05,8>	79	25	22	3
II	<A seq 08>	No	No	Yes	No	No	8. Concluyo este punto del Estilo, i Elocuenci	<B,02,06,1>		47	0	47
II	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	No puede venir; en que la liçencia del inventa	<B,02,06,1>	61	64	35	29
II	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	En este fuera bien que uviera limite i remedi	<B,02,06,1>	67	41	31	10
II	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	Pero los que mejor i mas facilmente pueden i	<B,02,06,1>	83	56	41	15
II	<A seq 08>	No	No	Yes	No	No	la licençia pues contraria siempre la condeno	<B,02,06,2>		7	0	7
II	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	Ni, apoya la intolerable escuridad de algunos	<B,02,06,2>	51	25	12	13
II	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	I es menester para alcançar su sentido, ser,	<B,02,06,2>	88	75	75	0
II	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	Una metafora sobre otra metafora; i en cada	<B,02,06,2>	87	183	181	2
II	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	Defiendela sus amadores, con titulo de arte i	<B,02,06,3>	81	31	31	0
II	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	Por que tal vez la cosa de suyo estan sublim	<B,02,06,3>	88	50	50	0
II	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	como la luz del Sol mirada en su misma rue	<B,02,06,3>	81	91	91	0
II	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	i aun, que se venere aquella obscuridad, qu	<B,02,06,3>	88	29	25	4
II	<A seq 08>	No	Yes	No	No	No	Pero cuando el objecto en si es claro i junta	<B,02,06,3>	89	91	91	0
II	<A seq 08>	No	No	Yes	No	No	Algo de lo dho apuntó el que hiço los versos,	<B,02,06,3>		310	0	310
II	<A seq 08>	No	No	No	Yes	No	TERCERA PARTE	<B,02,06,3>				
III	<A seq 01>	No	No	Yes	No	No	La otra objeccion que diximos haçerse contra l	<B,03,08,1>		84	0	84
III	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Començaremos por la primera. A la cual digo	<B,03,08,1>	74	96	89	7
III	<A seq 01>	No	No	Yes	No	No	El juicio que, para conoçer esto se requiere, l	<B,03,08,1>		18	0	18
III	<A seq 01>	No	No	Yes	No	No	l dexando aora otras Escrituras i materias ve	<B,03,08,2>		13	0	13
III	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	En la cual tengo por obligacion forçosa al qu	<B,03,08,2>	78	22	19	3
III	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Si bien por otro modo, que el Escolastico, i c	<B,03,08,2>	92	34	34	0
III	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Quien duda, que para declarar como la Reli	<B,03,08,2>	90	44	42	2
III	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Ô Senior! que os encontras con un Autor m	<B,03,08,2>	82	46	46	0
III	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Que importa, si pesa mas el bien que con lo	<B,03,08,2>	84	39	39	0
III	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Sera mui bueno? que escriba el otro sus ant	<B,03,08,2>	92	82	82	0
III	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	tanto puede la tradicion no contradicha. Por	<B,03,08,2>	70	65	53	12
III	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	Tanto daño hace el que en semejantes ocas	<B,03,08,2>	84	25	25	0
III	<A seq 01>	No	Yes	No	No	No	I aun que el honor particular de uno loablem	<B,03,08,2>	84	44	43	1
III	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	2. La segunda parte de la Objeccion propuest	<B,03,08,4>	53	106	37	69
III	<A seq 02>	No	No	Yes	No	No	Esta, entre todos los Cristianos, es mas prop	<B,03,08,4>		101	0	101

parte	Secuencia	A=B	A:B	ExA	TP	NV	Texto	RefB	%	total	=	<>
III	<A seq 02>	Yes	No	No	No	No	Raçon tenemos, autoridad i, exemplo para to	<B,03,08,4>	+02	17	17	0
III	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	Por que la Ira; de suyo, no es mala; i puede	<B,03,08,4>	76	29	29	0
III	<A seq 02>	Yes	No	No	No	No	circunstancias que justifican la Ira, i de pasi	<B,03,08,4>	98	49	49	0
III	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	Autoriza este sentimiento, no solo la doctrina	<B,03,08,4>	95	21	19	2
III	<A seq 02>	No	Yes	No	No	No	En la escritura sagrada, El airaos, i no pequ	<B,03,08,4>	92	144	144	0
III	<A seq 03>	No	Yes	No	No	No	3. Dira alguno, que no se condena la ira, sin	<B,03,08,5>	91	312	312	0
III	<A seq 04>	No	Yes	No	No	No	4. Ni es esta doctrina contra la que nos ense	<B,03,08,6>	95	260	260	0
III	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	5. Probado avemos como ai ocasiones, en q	<B,03,08,7>	94	580	580	0
III	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	Estos son a mi ver los motivos, que V. R. Au	<B,03,08,7>	77	43	33	10
III	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	En lo cual todo se ha avido e con tal modesti	<B,03,08,8>	83	139	124	15
III	<A seq 05>	Yes	No	No	No	No	obligacion, que no solo reconocen las bestia	<B,03,08,8>	97	45	45	0
III	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	por que no el de su Madre la Religion, de qui	<B,03,08,8>	82	15	10	5
III	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	No ai dolor que llegue a este; i, aun gran dol	<B,03,08,8>	94	16	16	0
III	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	Esta excusa tuvieron los que escribieron Ap	<B,03,08,8>	90	31	29	2
III	<A seq 05>	Yes	No	No	No	No	Si en este certamen se uviere acaso dado al	<B,03,08,8>	98	43	42	1
III	<A seq 05>	No	Yes	No	No	No	I si eneste reparo i defensa sucediere, que d	<B,03,08,8>	87	22	22	0
III	<A seq 05>	Yes	No	No	No	No	Que no menos siento verme, respeto dellos	<B,03,08,8>	98	26	26	0
III	<A seq 06>	No	No	No	No	Yes	6. He discurrido (mi Padre Frai Francisco) s	<B,03,08,8>		1098	0	1098



Secuencia	B=A	B:A	ExB	TP	NV	Texto	RefB	Sut	Equiv	=	<	paliquipaldife	%	RefA	Parte	N	NN
<B seq 1>	No	No	Yes	No	No	No 3. Prim requisito de todo escritor es el saber. Acuérdome que en la primera parte dije	<B.03.01.3>	0	No	0	84	0	84	<A seq 01>		1	0
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	Este, dijo Horacio, es el principio y fuente de donde se origina y nace el escrib bien,	<B.03.01.3>	0	No	33	0	31	2	<A seq 01>		2	1
<B seq 1>	No	No	Yes	No	No	Séame lícito exclaim aquí con la razón y la experiencia: ¡Oh cuán poco se considera q	<B.03.01.3>	0	No	0	26	0	26	<A seq 01>		3	0
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	Hacese el que lo escribe doctor y maestro universal del mundo, y subido en la cátedr	<B.03.01.3>	0	No	46	0	39	7	<A seq 01>		4	2
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	Mire, pues, ahora la obligación que se echa a cuestras, el ambicioso título que se arro	<B.03.01.3>	0	No	42	0	41	1	<A seq 01>		5	3
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	Hay muchos entre los que así se abalanzan, que antes de aprend enseñan, y antes	<B.03.01.3>	0	No	75	14	76	13	<A seq 01>		6	4
<B seq 1>	No	No	Yes	No	No	4. Desenfrenado apetito de escrib en este siglo, como erz otros.	<B.03.01.4>	0	No	0	11	0	11	<A seq 01>		7	0
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	Hay en este siglo, como de alguno de los pasados ya también se dijo, un desenfrena	<B.03.01.4>	0	No	65	23	68	20	<A seq 01>		8	5
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	Lastimoso es y digno de remedio este daño, porque ¿quien aprenderá, si enseñan to	<B.03.01.4>	0	No	27	19	27	19	<A seq 01>		9	6
<B seq 1>	No	No	Yes	No	No	Yacen por esta causa las divinas obras, y escritos admirables de los grandes maestro	<B.03.01.4>	0	No	0	151	0	151	<A seq 01>		10	0
<B seq 1>	No	No	Yes	No	No	5. Los que menos saben son los que más quieren ostent sab escribiendo.	<B.03.01.5>	0	No	0	13	0	13	<A seq 01>		11	0
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	¡Oh! cómo se echa de v en esto el ingenio y condición de los mortales, más aflicion	<B.03.01.5>	0	No	37	18	37	18	<A seq 01>		12	7
<B seq 1>	No	No	Yes	No	No	De s os y se a escribir, como de los sabios el detenerse y rehusarlo. Conoci en Sal	<B.03.01.5>	0	No	0	293	0	293	<A seq 01>		13	0
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	No quiero por esto conden a los floridos ingenios, para que desconfiados o encogido	<B.03.01.5>	0	No	73	23	66	30	<A seq 01>		14	8
<B seq 1>	No	No	Yes	No	No	6. Para escrib es menez s absolutamente sabio.	<B.03.01.6>	0	No	0	8	0	8	<A seq 01>		15	0
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	El que hubiere, pues, de escribir, estudie, trabate y sude, y no tome la pluma en la m	<B.03.01.6>	0	No	173	14	175	12	<A seq 01>		16	9
<B seq 1>	No	No	Yes	No	No	7. El historiador debe sab toda ciencia y arte.	<B.03.01.7>	0	No	0	9	0	9	<A seq 01>		17	0
<B seq 1>	Yes	No	No	No	No	Esta obligación, común a todos los que escriben, es muy particul a los que se dedic	<B.03.01.7>	0	No	57	2	57	2	<A seq 01>		18	10
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	¿Cómo ha de refer una grave y refida controversia de Teólogos o filósofos, que tal v	<B.03.01.7>	0	No	29	0	24	5	<A seq 01>		19	11
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	¿Cómo decl los pleitos, diferencias, y aun guerras, originadas del derecho y leyes, a	<B.03.01.7>	0	No	125	54	129	50	<A seq 01>		20	12
<B seq 1>	No	No	Yes	No	No	Vuelva, pues, los ojos a la venerable antigüedad, de que en la Historia, o por asunto p	<B.03.01.7>	0	No	0	250	0	250	<A seq 01>		21	0
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	Es, finalmente, inmensa la materia a que se extiende la Historia, y así debe también s	<B.03.01.7>	0	No	38	0	35	3	<A seq 01>		22	13
<B seq 2>	No	No	No	Yes	No	CAPITULO II DILIGENCIA DEL HISTORIADOR	<B.03.02.0>	0	No	0	0	0	0	<A seq 01>		23	0
<B seq 2>	No	No	Yes	No	No	1. La diligencia es propio requisito del historiador.	<B.03.02.1>	0	No	0	8	0	8	<A seq 02>		24	0
<B seq 2>	No	Yes	No	No	No	Al requisito de la sabiduría pertenece el medio para adquirirla en orden a las noticias	<B.03.02.1>	0	No	22	53	21	54	<A seq 02>		25	14
<B seq 2>	No	Yes	No	No	No	Cuánto lo deban ser, sabrá conocerlo quien con la pluma en la mano, cuerdamente s	<B.03.02.1>	0	No	55	0	49	6	<A seq 02>		26	15
<B seq 2>	No	Yes	No	No	No	Dijo sabiamente, porque lo que ha de s eterno, agradar, y siempre a todos, ¿qué dilig	<B.03.02.1>	0	No	44	13	44	13	<A seq 02>		27	16
<B seq 2>	No	No	Yes	No	No	2. Más diligencia se pide al historiador que a otros escritores.	<B.03.02.2>	0	No	0	11	0	11	<A seq 02>		28	0
<B seq 2>	No	Yes	No	No	No	En el historiador es más estrecha esta obligación de la diligencia de la averiguación de la	<B.03.02.2>	0	No	24	8	24	8	<A seq 02>		29	17
<B seq 2>	No	Yes	No	No	No	En los demás escritores examinamos jueces lo que dice, en el historiador súbditos lo	<B.03.02.2>	0	No	90	0	85	5	<A seq 02>		30	18
<B seq 2>	No	Yes	No	No	No	2. Elogio propio de la divina y acomodado a ésta de la Historia. Por esto en gravísimas	<B.03.02.2>	0	No	77	30	74	33	<A seq 02>		31	19
<B seq 3>	No	No	Yes	No	No	3. En qué manera ha de procur esta diligencia el historiador.	<B.03.02.3>	0	No	0	11	0	11	<A seq 03>		32	0
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	Esta noticia a que la diligencia se endereza, de una de dos maneras debe s habida p	<B.03.02.3>	0	No	50	43	55	38	<A seq 03>		33	20
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	que hubiese manejado el historiador los negocios y cosas de que en su Historia trata.	<B.03.02.3>	0	No	32	2	30	4	<A seq 03>		34	21
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	Porque un suceso público de los que suelen, y principalmente deben referirse, aunqu	<B.03.02.3>	0	No	15	11	15	11	<A seq 03>		35	22
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	antes aquí es donde tiende sus redes el engaño, y se ceba el error del vulgo; porqu	<B.03.02.3>	0	No	33	0	32	1	<A seq 03>		36	23
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	las cuales debe el historiador inclu y not, con diligencia, para que su narración sea	<B.03.02.3>	0	No	78	49	90	37	<A seq 03>		37	24
<B seq 3>	No	No	Yes	No	No	4. Qué diligencia ha de pon en averig sucesos presentes.	<B.03.02.4>	0	No	0	10	0	10	<A seq 03>		38	0
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	De aquí se le recrece una inmensa dificult para la averiguación de casos presentes,	<B.03.02.4>	0	No	55	5	53	7	<A seq 03>		39	25
<B seq 3>	No	No	Yes	No	No	Con los primeros, ¿quién podrá averiguarse, si cada uno quiere sea únicamente suya	<B.03.02.4>	0	No	0	241	0	241	<A seq 03>		40	0
<B seq 4>	No	No	Yes	No	No	5. Diligencia y dificult para escrib cosas antiguas.	<B.03.02.5>	0	No	0	8	0	8	<A seq 04>		41	0
<B seq 4>	No	Yes	No	No	No	Pero si esta diligencia y averiguación se pide al que escribe cosas presentes, ¿cuál s	<B.03.02.5>	0	No	17	4	17	4	<A seq 04>		42	26

TEXTOB

Sequencia	B=A	B:A	ExB	TP	NV	Texto	RefB	Sud	Equiv	≠	<>	palliquipaidife	%	RefA	Parte	N	NN
<B seq 4>	No	Yes	No	No	No	¡Oh, qué montes se ofrecen aquí de dificultades! No sabe qué cosa es luchar con so	<B.03.02.5>	0	No	183	0	174	9	<A seq 04>	I	43	27
<B seq 4>	No	Yes	No	No	No	añadireis, para su enlazamiento y fortaleza, nervios de bien trabadas conjeturas; vesti	<B.03.02.5>	0	No	84	1	81	4	<A seq 04>	I	44	28
<B seq 4>	No	No	Yes	No	No	6. Historia de cosas antiguas pide oficio de Anticuario y de Controversista.	<B.03.02.6>	0	No	0	12	0	12	<A seq 05>	I	45	0
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	Y a esta especie de ella, entre los demás achaques suyos, que la hacen bastarde de	<B.03.02.6>	0	No	89	22	82	29	<A seq 05>	I	46	29
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	Por donde nadie con razón puede culp al historiador de antigüedades, si para dejarla	<B.03.02.6>	0	No	45	4	43	6	<A seq 05>	I	47	30
<B seq 5>	Yes	No	No	No	No	Bien que ni de lo antiguo es necesario d siempre razón, es a saber, cuando las cosa	<B.03.02.6>	0	No	39	0	39	0+02	<A seq 05>	I	48	31
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	pues aun el Ministro más cierto de la verdad, para hac creíble la que tan insólita prop	<B.03.02.6>	0	No	43	17	42	18	<A seq 05>	I	49	32
<B seq 5>	No	No	No	Yes	No	CAPÍTULO III FESTINACION LENTA DEL HISTORIADOR EN LA COMPOSICION	<B.03.03.0>	0	No	0	0	0	0	<A seq 06>	I	50	0
<B seq 6>	No	No	Yes	No	No	1. Cuidado y tiempo se requiere para escrib bien.	<B.03.03.1>	0	No	0	9	0	9	<A seq 06>	I	51	0
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	A la diligencia de uno y otro historiador, esto es, del que pone en memoria cosas anti	<B.03.03.1>	0	No	26	38	32	32	<A seq 06>	I	52	33
<B seq 6>	No	No	Yes	No	No	pues aquí se verifica el adagio antiguo de harlo bien, si harlo presto; siendo así que p	<B.03.03.1>	0	No	0	28	0	28	<A seq 06>	I	53	0
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	Es sin duda necesario tiempo al que escribe, para eleg o admit un digno asunto; tie	<B.03.03.1>	0	No	91	15	68	38	<A seq 06>	I	54	34
<B seq 6>	No	No	Yes	No	No	2. Tiempo legítimo para los partos del ingenio.	<B.03.03.2>	0	No	0	8	0	8	<A seq 06>	I	55	0
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	Para esto pide el gran maestro de los escritores nueve años después de concebida y	<B.03.03.2>	0	No	56	8	54	10	<A seq 06>	I	56	35
<B seq 6>	No	No	Yes	No	No	especialmente aquellos que para su formación piden más espacio, cuales son obras	<B.03.03.2>	0	No	0	408	0	408	<A seq 06>	I	57	0
<B seq 6>	No	No	Yes	No	No	3. Ingenios y escritores repentinos no hacen cosa durable. Con otra excusa pretend	<B.03.03.3>	0	No	0	505	0	505	<A seq 06>	I	58	0
<B seq 6>	No	No	Yes	No	No	4. Conveniencias de la detención en los escritos.	<B.03.03.4>	0	No	0	8	0	8	<A seq 06>	I	59	0
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	En tanto que la obra está en la oficina de su arriñe (el libro debajo de la pluma de su	<B.03.03.4>	0	No	22	29	21	30	<A seq 06>	I	60	36
<B seq 6>	No	No	Yes	No	No	Cuyo pincel por reprehendido, astuto socorre a la gran arte, que recibe del segundo cuid	<B.03.03.4>	0	No	0	47	0	47	<A seq 06>	I	61	0
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	la borra y desborra, la pule, retoca y hermosea, prueba en ella las fuerzas del ingenio,	<B.03.03.4>	0	No	35	0	34	1	<A seq 06>	I	62	37
<B seq 6>	No	No	Yes	No	No	Y como trabaja por adelantarse a sí mismo, es fuerza que yendo delante de sí, se vea	<B.03.03.4>	0	No	0	50	0	50	<A seq 06>	I	63	0
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	Lo cual todo cesa, despedido el libro de casa, y dándole como a los esclavos libertad,	<B.03.03.4>	0	No	11	44	17	38	<A seq 06>	I	64	38
<B seq 6>	No	No	No	Yes	No	CAPÍTULO IV CONSULTA PARA LA ENMIENDA DE LA HISTORIA YA ESCRITA	<B.03.04.0>	0	No	0	0	0	0	<A seq 07>	I	65	0
<B seq 7>	No	No	Yes	No	No	1. No basta la censura propia para emend las obras. La detención y lentitud que en l	<B.03.04.1>	0	No	0	59	0	59	<A seq 07>	I	66	0
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	porque mal se acaba de desnud de sus afectos el corazón humano, y pocas veces d	<B.03.04.1>	0	No	27	0	25	2	<A seq 07>	I	67	39
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	Debe, pues, en la de su libro no fi de sí, ni aun de su más rígida censura, porque el	<B.03.04.1>	0	No	32	5	32	5	<A seq 07>	I	68	40
<B seq 7>	No	No	Yes	No	No	De esta suerte vemos muchos, que con ambición de humild se vituperan ellos mismo	<B.03.04.1>	0	No	0	216	0	216	<A seq 07>	I	69	0
<B seq 7>	No	No	Yes	No	No	2. El censor ha de s docto y recto y cuáles las censuras. Docto y recto se debe procur	<B.03.04.2>	0	No	0	66	0	66	<A seq 07>	I	70	0
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	Y digo por lo menos, porque de buena razón deb serlo más; pues quien ha de advert	<B.03.04.2>	0	No	62	0	58	4	<A seq 07>	I	71	41
<B seq 7>	Yes	No	No	No	No	y el desacierto de quien busca o señala censores semejantes,	<B.03.04.2>	0	No	10	0	10	0+02	<A seq 07>	I	72	42
<B seq 7>	No	No	Yes	No	No	si ya no los excusa el constituirse tales, sólo para lo que en la obra pertenece a su esf	<B.03.04.2>	0	No	0	342	0	342	<A seq 07>	I	73	0
<B seq 7>	No	No	Yes	No	No	3. La rectitud del censor cual ha de s y cómo ha de los extremos.	<B.03.04.3>	0	No	0	15	0	15	<A seq 07>	I	74	0
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	Recto quiero también al digno censor para que ni la afición ni el odio perturben la cen	<B.03.04.3>	0	No	77	6	70	13	<A seq 07>	I	75	43
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	Unos hay que todo lo alaban, otros que todo lo vituperan; aquéllos nunca os dirán: Es	<B.03.04.3>	0	No	34	0	31	3	<A seq 07>	I	76	44
<B seq 7>	No	No	Yes	No	No	vicio muy general en la aprobación o reprobación de obras, acciones y sujetos. Cayó	<B.03.04.3>	0	No	0	271	0	271	<A seq 07>	I	77	0
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	Clamará oyendo vuestro papel: ¡Bien! ¡Divinamente! ¡Del cielo es esta cláusula! ¡Nadi	<B.03.04.3>	0	No	91	19	82	28	<A seq 07>	I	78	45
<B seq 7>	No	No	Yes	No	No	Y si qu o al que no se puede, ni te puede engañar: «Guarda, dice, del consejero tu	<B.03.04.4>	0	No	0	77	0	77	<A seq 07>	I	79	0
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	4. El escritor ha de s blando y dócil para la enmienda.	<B.03.04.4>	0	No	0	12	0	12	<A seq 08>	I	80	0
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Hallado, empero, este tal censor, cual aquí le habemos pintado recto y docto,	<B.03.04.4>	0	No	5	8	5	8	<A seq 08>	I	81	46
<B seq 8>	Yes	No	No	No	No	¿qué importaría si el escritor no fuese blando y dócil para recib y logr las advertenci	<B.03.04.4>	0	No	19	0	19	0+02	<A seq 08>	I	82	47
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Es de ingenios bien disciplinados y dispuestos a la sabiduría la docilidad, como quie	<B.03.04.4>	0	No	36	3	37	2	<A seq 08>	I	83	48
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	En esto se conocen y diferencian los dignos escritores de los que no lo son, que de o	<B.03.04.4>	0	No	45	0	41	4	<A seq 08>	I	84	49

Secuencia	B=A	B=A	ExB	TP	NV	Texto	RefB	Suf	Equiv	=	<>	paigu	paidefe	%	RefA	Parte	N	NN
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	No como aquel tan dócil cuanto modesto espíritu del divino Africano, el cual a sus am	<B.03.04.4>	0	No	20	1	19	2	90	<A seq 08>	I	85	50
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	«Si contra aquellos que por malicia, ignorancia o inteligencia me reprenden, en tal ma	<B.03.04.4>	0	No	44	1	44	1	93	<A seq 08>	I	86	51
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	¡Oh bien templado ánimo, cuya docil admite el advertimiento no sólo del sabio y bien	<B.03.04.4>	0	No	64	17	64	17	84	<A seq 08>	I	87	52
<B seq 8>	No	No	Yes	No	No	5. De qué manera y en qué número se han de procurar Los censores.	<B.03.04.5>	0	No	0	14	0	14	0	<A seq 08>	I	88	0
<B seq 8>	Yes	No	No	No	No	No, empero, sean demasiados en número, ni confusamente admitidos los censores,	<B.03.04.5>	0	No	17	0	17	0	0	<A seq 08>	I	89	53
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Siempre me agrado el que tuvo aquel único, y para mí nunca mozo, ni segundo Plinio	<B.03.04.5>	0	No	36	5	38	3	91	<A seq 08>	I	90	54
<B seq 8>	Yes	No	No	No	No	luego lo entrego a otros para que lo vean y censuren, y sus notas y advertencias, si e	<B.03.04.5>	0	No	42	0	42	0	97	<A seq 08>	I	91	55
<B seq 8>	No	No	Yes	No	No	para que a la presencia y reverencia de tantos el temor, que es el que mejor advierte l	<B.03.04.5>	0	No	0	26	0	26	0	<A seq 08>	I	92	0
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Esta era la diligencia y do cil de aquel discretísimo escritor.	<B.03.04.5>	0	No	11	0	10	1	96	<A seq 08>	I	93	56
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Usábase entonces el recit a muchos juntos las obras, antes de publicarlas, y princip	<B.03.04.5>	0	No	42	2	39	5	86	<A seq 08>	I	94	57
<B seq 8>	No	No	Yes	No	No	6. Ventajas de la censura que se hace a solas en solitaria lección.	<B.03.04.6>	0	No	0	13	0	13	0	<A seq 08>	I	95	0
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Bien que yo sería de opinión que aunque la obra se reclass	<B.03.04.6>	0	No	9	3	9	3	78	<A seq 08>	I	96	58
<B seq 8>	No	No	Yes	No	No	delante de muchos para sac. los provechosos y efectos dichos, que en concurso y conf	<B.03.04.6>	0	No	0	57	0	57	0	<A seq 08>	I	97	0
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	porque la gracia del que recita y más si es el mismo autor, y la desatención tal vez ca	<B.03.04.6>	0	No	32	0	29	3	89	<A seq 08>	I	98	59
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	La cual no tanto a la recitación acelerada y respetuosa, cuanto a la solitaria y atenta l	<B.03.04.6>	0	No	20	1	19	2	92	<A seq 08>	I	99	60
<B seq 8>	No	No	Yes	No	No	No se puede en aquella celer de la recitación advert enteramente el misterio del con	<B.03.04.6>	0	No	0	93	0	93	0	<A seq 08>	I	100	0
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	«Yo en lo que escribo, más quis s. aprobado cuando soy leído que cuando soy oído,	<B.03.04.6>	0	No	31	0	26	5	78	<A seq 08>	I	101	61
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Que como falta aquella gracia y energía de la pronunciación con que se disimulan m	<B.03.04.6>	0	No	31	8	33	6	84	<A seq 08>	I	102	62
<B seq 8>	No	No	Yes	No	No	Vuelve el tal una y muchas veces a le lo que leyó, hace reflexión sobre cada cláusula	<B.03.04.6>	0	No	0	78	0	78	0	<A seq 08>	I	103	0
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Entregue, pues, su obra el dócil y cuerdo escritor a uno y a muchos doctos y rectos c	<B.03.04.6>	0	No	67	9	68	8	91	<A seq 08>	I	104	63
<B seq 8>	No	No	Yes	No	No	7. La excesiva tardanza y afectación de las enmiendas daña a los escritores. Pero en	<B.03.04.7>	0	No	0	261	0	261	0	<A seq 06>	III	105	0
<B seq 9>	No	No	Yes	No	No	7. Cómo debe temp sus afectos el historiador.	<B.03.07.7>	0	No	0	8	0	8	0	<A seq 09>	I	106	0
<B seq 9>	No	Yes	No	No	No	El general remedio contra todos estos achaques para la entereza que al historiador pe	<B.03.07.7>	0	No	39	20	39	20	73	<A seq 09>	I	107	64
<B seq 9>	No	Yes	No	No	No	Que si bien, como se ha dicho, debe a su patria, debe a sus reyes, deudos y amigos,	<B.03.07.7>	0	No	61	26	61	26	81	<A seq 09>	I	108	65
<B seq 9>	No	No	Yes	No	No	Para conservarla se dice usan los tártaros en la provincia de Calatay o Catayo, una n	<B.03.07.7>	0	No	0	371	0	371	0	<A seq 09>	I	109	0
<B seq 9>	No	Yes	No	No	No	Libre, libre ha de est siempre el ánimo del historiador, como el del juez, para narr co	<B.03.07.7>	0	No	12	13	12	13	63	<A seq 09>	I	110	66
<B seq 9>	No	No	Yes	No	No	Y para que se pueda hac esto con más libert aconsejarla yo no se escribiesen Histor	<B.03.07.7>	0	No	0	166	0	166	0	<A seq 09>	I	111	0
<B seq 9>	No	No	No	Yes	No	CAPITULO V ELECCION DE LO QUE HA DE ESCRIBIR Y JUICIO PARA LO QUE	<B.03.05.0>	0	No	0	0	0	0	0	<A seq 06>	III	112	0
<B seq 9>	No	No	Yes	No	No	1. Gran examen del asunto y de las propias fuerzas para él en el escritor. No es mene	<B.03.05.1>	0	No	0	409	0	409	0	<A seq 06>	III	113	0
<B seq 9>	No	No	Yes	No	No	2. Juicio de lo que en la Historia se debe escrib y se debe callar. Pero dejando esta	<B.03.05.2>	0	No	0	104	0	104	0	<A seq 09>	I	114	0
<B seq 9>	No	Yes	No	No	No	No todo lo que sucede en el mundo es conveniente publicarse, y así ni escribirse o re	<B.03.05.2>	0	No	5	12	9	8	54	<A seq 09>	I	115	67
<B seq 9>	No	No	Yes	No	No	porque si de ello no se ha de segu alguna pública utilidad, ¿por qué se ha de a la p	<B.03.05.2>	0	No	0	48	0	48	0	<A seq 09>	I	116	0
<B seq 9>	No	No	Yes	No	No	valor, para ejemplo y consuelo de muchos, para común doctrina de todos. Así nos pin	<B.03.05.2>	0	No	0	132	0	132	0	<A seq 09>	I	117	0
<B seq 9>	No	Yes	No	No	No	Scévola y Horacio con un brazo y ojo menos hermoosan sus tablas con que Venus y	<B.03.05.2>	0	No	20	0	18	2	90	<A seq 09>	I	118	68
<B seq 9>	No	Yes	No	No	No	Será, pues, cordura y aun neces tal vez, disimul un vicio para excus el deshonro	<B.03.05.2>	0	No	5	34	13	26	40	<A seq 09>	I	119	69
<B seq 9>	No	Yes	No	No	No	Halló acaso el historiador una escritura original tocante a materias gravísimas y secre	<B.03.05.2>	0	No	66	48	70	44	66	<A seq 09>	I	120	70
<B seq 9>	No	No	Yes	No	No	Conténtese el indagador curioso con tom de esa escritura aquella sola noticia que pu	<B.03.05.2>	0	No	0	66	0	66	0	<A seq 09>	I	121	0
<B seq 9>	No	No	Yes	No	No	3. Dificult de acert en este juicio y elección de cosas. Pero en tales casos ¿quién ac	<B.03.05.3>	0	No	0	178	0	178	0	<A seq 09>	I	122	0
<B seq 9>	No	Yes	No	No	No	Pero si las acciones son de suyo malas y dignas de vituperio es menest un peso de	<B.03.05.3>	0	No	20	23	22	21	66	<A seq 09>	I	123	71
<B seq 9>	No	Yes	No	No	No	Porque un mal ejemplo tal vez, aun reprobad y castigado, más presto mueve a limita	<B.03.05.3>	0	No	16	32	40	8	84	<A seq 09>	I	124	72
<B seq 9>	No	Yes	No	No	No	Por donde los prudentes consultos ni determinaron castigo, ni aun propio nombre qui	<B.03.05.3>	0	No	35	34	35	34	66	<A seq 09>	I	125	73
<B seq 10>	No	No	Yes	No	No	4. Dificult y modo de censur el historiador en lo que escribe. Muy semejante a esta d	<B.03.05.4>	0	No	0	304	0	304	0	<A seq 10>	I	126	0

TEXTOB

Sequencia	B=A	B:A	ExB	TP	NV	Texto	RefB	Subl	Equiv	=	<>	palguipaldife	%	RefA	Parte	N	NN
<B seq 10>	No	Yes	No	No	No	Otros, por el contrario, querían que la Historia fuese toda sermónario, y entonces les	<B,03,05,4>	0	No	26	51	24	53	<A seq 10>	I	127	74
<B seq 10>	No	No	Yes	No	No	trás cada cláusula su moralidad, y en cada hecho y suceso su censura y advertimiento	<B,03,05,4>	0	No	0	65	0	65	<A seq 10>	I	128	0
<B seq 10>	No	No	Yes	No	No	5. Temple del historiador en el juicio y censura de las cosas que escribe. De estos dos	<B,03,05,5>	0	No	0	174	0	174	<A seq 10>	I	129	0
<B seq 10>	No	Yes	No	No	No	Puede también cumpl con esta parte en la misma corriente de la narración, sin cort	<B,03,05,5>	0	No	13	46	17	42	<A seq 10>	I	130	75
<B seq 10>	No	No	Yes	No	No	Pero mucho mayor será la de aquel que de tal manera supiere orden la narración, qu	<B,03,05,5>	0	No	0	117	0	117	<A seq 10>	I	131	0
<B seq 10>	No	No	No	Yes	No	CAPÍTULO VII IGUALDAD DE LA OBRA EN LA HISTORIA	<B,03,07,0>	0	No	0	0	0	0			132	0
<B seq 11>	No	No	Yes	No	No	1. El cuerpo de la Historia debe s igual. Perteneciente al estilo en gran parte es el req	<B,02,07,1>	0	No	0	244	0	244	<A seq 11>	I	133	0
<B seq 11>	No	Yes	No	No	No	Otros hay que empezando la carrera con brío y gallardía, desmayan lánguidos al medi	<B,02,07,1>	0	No	49	20	45	24	<A seq 11>	I	134	76
<B seq 11>	No	No	Yes	No	No	Lo cual debe hu con gran cuidado el que quisiere d una obra perfecta.	<B,02,07,1>	0	No	0	14	0	14	<A seq 11>	I	135	0
<B seq 11>	No	No	Yes	No	No	2. Suma difícil la iguald en todo.	<B,02,07,2>	0	No	0	7	0	7	<A seq 11>	I	136	0
<B seq 11>	No	Yes	No	No	No	Pero aunque esta iguald es bien se desee, y obligación precisa el procuraría, nadie s	<B,02,07,2>	0	No	38	0	34	4	<A seq 11>	I	137	77
<B seq 11>	No	Yes	No	No	No	Vemos que quiebra muchas veces esta proporción y correspondencia aun en las mis	<B,02,07,2>	0	No	67	11	63	15	<A seq 11>	I	138	78
<B seq 11>	No	Yes	No	No	No	¿Cómo carecerá, pues, de esta nota el artificio dela ignorancia humana, si aun en su	<B,02,07,2>	0	No	24	0	22	2	<A seq 11>	I	139	79
<B seq 11>	No	Yes	No	No	No	Si no es que digamos que aquí y allí es igualmente hermosa aquella desigualdad, por	<B,02,07,2>	0	No	44	4	43	5	<A seq 11>	I	140	80
<B seq 11>	No	No	Yes	No	No	Y así pertence a la verdadera sabiduría y perfección del hombre en esta vida, el conte	<B,02,07,2>	0	No	0	23	0	23	<A seq 11>	I	141	0
<B seq 11>	No	Yes	No	No	No	Con esta mengua común excusa esta desiguald del escritor, el que en un agudo dist	<B,02,07,2>	0	No	40	29	48	21	<A seq 11>	I	142	81
<B seq 11>	No	No	No	Yes	No	CAPÍTULO I DEL METODO CON QUE SE DEBE ESCRIBIR LA HISTORIA	<B,02,01,0>	0	No	0	0	0	0			143	0
<B seq 12>	No	No	Yes	No	No	1. Lo que en esta Parte se ha de tratar, y primero del Método. Después de hab. tratad	<B,02,01,1>	0	No	0	187	0	187	<A seq 06>	III	144	0
<B seq 12>	No	No	Yes	No	No	2. Cuál ha de s el método en la Historia.	<B,02,01,2>	0	No	0	10	0	10	<A seq 12>	I	145	0
<B seq 12>	No	Yes	No	No	No	Cuál haya de s el método en la Historia, no es fácil de señalar, porque no todas requi	<B,02,01,2>	0	No	14	6	13	7	<A seq 12>	I	146	82
<B seq 12>	Yes	No	No	No	No	En la de un solo héroe, o facción particular, menos dificultosa es esta elección, pero	<B,02,01,2>	0	No	51	0	51	0	<A seq 12>	I	147	83
<B seq 12>	No	Yes	No	No	No	pero corta y deja desairados los sucesos, y desgraciado el gusto del lector, con más	<B,02,01,2>	0	No	37	3	37	3	<A seq 12>	I	148	84
<B seq 12>	No	Yes	No	No	No	y sin dejarle irag alguno, se los fuesen quitando todos al mejor tiempo.	<B,02,01,2>	0	No	13	0	13	0	<A seq 12>	I	149	85
<B seq 12>	No	Yes	No	No	No	La narración seguida prende y embebece, pero en Historia general confunde los tiem	<B,02,01,2>	0	No	31	2	31	2	<A seq 12>	I	150	86
<B seq 12>	No	Yes	No	No	No	en el método; pero se podrían en alguna manera evit siguiendo un camino medio, es	<B,02,01,2>	0	No	54	18	51	21	<A seq 12>	I	151	87
<B seq 12>	No	No	Yes	No	No	3. La distinción de Capítulos, importante.	<B,02,01,3>	0	No	0	6	0	6	<A seq 12>	I	152	0
<B seq 12>	No	Yes	No	No	No	No empero, ha de s tan seguida esta narración, que no la divida la distinción de captl	<B,02,01,3>	0	No	27	10	27	10	<A seq 12>	I	153	88
<B seq 12>	No	No	Yes	No	No	Habia entonces más afición al trabajo del estudio haciase más estimación de las letra	<B,02,01,3>	0	No	0	121	0	121	<A seq 12>	I	154	0
<B seq 12>	No	Yes	No	No	No	Así vemos que la piadosa erudición lo ha hecho en las obras de los doctores y escrito	<B,02,01,3>	0	No	24	45	33	36	<A seq 12>	I	155	89
<B seq 12>	No	No	Yes	No	No	Bien que en algún tratado ya de suyo breve, o relación precisa, en que la continuación	<B,02,01,3>	0	No	0	82	0	82	<A seq 12>	I	156	0
<B seq 12>	No	No	Yes	No	No	4. Método en la obra grande, Prólogos y Proemios. Cuando la obra es grande y dilatad	<B,02,01,4>	0	No	0	198	0	198	<A seq 06>	III	157	0
<B seq 12>	No	No	No	Yes	No	CAPÍTULO II ESTILO DE ESCRIBIR, Y DIFERENCIAS DE EL, Y CUAL SEA PRO	<B,02,02,0>	0	No	0	0	0	0			158	0
<B seq 13>	No	No	Yes	No	No	1. Qué cosa sea estilo en el hablar. Aunque habemos tocado algo del estilo históric	<B,02,02,1>	0	No	0	117	0	117	<A seq 06>	III	159	0
<B seq 13>	No	No	Yes	No	No	2. Tres diferencias de estilos.	<B,02,02,2>	0	No	0	5	0	5	<A seq 13>	I	160	0
<B seq 13>	No	Yes	No	No	No	Tres maneras de estilo se pueden cons y distingui en los autores: uno supremo, otr	<B,02,02,2>	0	No	7	13	9	11	<A seq 13>	I	161	90
<B seq 13>	No	No	Yes	No	No	El supremo es aquel que con alteza y mejest de voces exquisitas y gravemente orden	<B,02,02,2>	0	No	0	224	0	224	<A seq 13>	I	162	0
<B seq 13>	No	No	Yes	No	No	3. Descríbense los tres estilos. De estos tres genéricos estilos, el medio, con la segu	<B,02,02,3>	0	No	0	59	0	59	<A seq 13>	I	163	0
<B seq 13>	No	Yes	No	No	No	Pero la afin que este medio estilo tiene con los otros dos, le hace sumamente difícil	<B,02,02,3>	0	No	57	0	52	5	<A seq 13>	I	164	91
<B seq 13>	No	No	Yes	No	No	pierde el camino. Siempre han sido más fáciles en cualqu cosa indiferente los extrem	<B,02,02,3>	0	No	0	171	0	171	<A seq 13>	I	165	0
<B seq 13>	No	Yes	No	No	No	Le perdería sin duda el que con bajo y desasado estilo escribiese una Historia,	<B,02,02,3>	0	No	6	8	6	8	<A seq 13>	I	166	92
<B seq 13>	No	Yes	No	No	No	porque aunque de cualqui manera escrita deleita (tal es la curios del apeltito human	<B,02,02,3>	0	No	72	5	65	12	<A seq 13>	I	167	93
<B seq 13>	No	No	Yes	No	No	4. Cuál haya de s el estilo del historiador.	<B,02,02,4>	0	No	0	9	0	9	<A seq 13>	I	168	0

Secuencia	B=A	B.A	ExB	TP	NV	Texto	RefB	Sut	Equiv	=	<	paliquipaitdife	%	RefA	Parte	N	NN
<B seq 13>	No	Yes	No	No	No	Con ambos, digo con el poeta y orador, conviene el historiador y de ambos también e	<B.02.02.4>	0	No	31	15	29	17	<A seq 13>	I	169	94
<B seq 13>	No	Yes	No	No	No	Descubrense en la narración histórica los huesos, los nervios y musculos más distint	<B.02.02.4>	0	No	51	0	44	7	<A seq 13>	I	170	95
<B seq 13>	No	No	Yes	No	No	Corre lento y fácil por ordinaria madre el río de la Historia, cuando el bullicioso arroyo	<B.02.02.4>	0	No	0	34	0	34	<A seq 13>	I	171	0
<B seq 13>	No	Yes	No	No	No	Finalmente en las cláusulas, cadencias, figuras, ornato, y números y en todo el genio	<B.02.02.4>	0	No	73	0	66	8	<A seq 13>	I	172	96
<B seq 14>	No	No	Yes	No	No	5. Excesos del estilo español y difícil del de la Historia.	<B.02.02.5>	0	No	0	11	0	11	<A seq 14>	I	173	0
<B seq 14>	No	Yes	No	No	No	Pero habiéndose encumbrado tanto el estilo poético y retórico en nuestra edad, y deb	<B.02.02.5>	0	No	62	0	58	4	<A seq 14>	I	174	97
<B seq 14>	No	Yes	No	No	No	Y esto de tal suerte, que ya nuestra España tenida un tiempo por grosera y barbara e	<B.02.02.5>	0	No	28	6	27	7	<A seq 14>	I	175	98
<B seq 14>	No	Yes	No	No	No	Y aún anda tan por los extremos que casi excede ahora por sobre de lo que antes se	<B.02.02.5>	0	No	96	0	91	5	<A seq 14>	I	176	99
<B seq 14>	No	Yes	No	No	No	Con esto no basta al que en esta ora y escribe, para granje la gracia del oyente y d	<B.02.02.5>	0	No	49	21	49	21	<A seq 14>	I	177	100
<B seq 14>	No	Yes	No	No	No	vicio siempre de palad superstitiosamente enfadoso, a quien la dulzura universal de	<B.02.02.5>	0	No	25	0	23	2	<A seq 14>	I	178	101
<B seq 14>	No	No	Yes	No	No	6. Extravagancia de estilos en España.	<B.02.02.6>	0	No	0	6	0	6	<A seq 14>	I	179	0
<B seq 14>	No	Yes	No	No	No	En este humor tan extraordinario de los oyentes y leyentes, fundan alguna disculpa el	<B.02.02.6>	0	No	41	1	36	6	<A seq 14>	I	180	102
<B seq 14>	No	Yes	No	No	No	En la cual si alguna cosa hay que suene extrañeza y exorbitancia agradable a esta ed	<B.02.02.6>	0	No	59	2	57	4	<A seq 14>	I	181	103
<B seq 14>	No	Yes	No	No	No	Además, que entre éstos no todos son tales que se dejan adm de un crujiente y ca	<B.02.02.6>	0	No	48	0	45	3	<A seq 14>	I	182	104
<B seq 14>	No	No	Yes	No	No	Y es cosa bien considerable que la extrañeza, o extravagancia del estilo que antes era	<B.02.02.6>	0	No	0	54	0	54	<A seq 14>	I	183	0
<B seq 14>	No	Yes	No	No	No	Ministre, pues, enhorabuena el cuerdo por tasa a la pluma y a la lengua las palabras,	<B.02.02.6>	0	No	22	0	21	1	<A seq 14>	I	184	105
<B seq 14>	No	Yes	No	No	No	pero reprima el ambicioso foliaje de la exornación demasadamente afectada, sigu p	<B.02.02.6>	0	No	86	9	82	13	<A seq 14>	I	185	106
<B seq 14>	No	No	No	Yes	No	CAPITULO IX CONCIONES O RAZONAMIENTOS	<B.01.09.0>	0	No	0	0	0	0	<A seq 14>	I	186	0
<B seq 15>	No	No	Yes	No	No	1. Qué cosa son Conciones en la Historia y de cuántas materias. Las que el latino lla	<B.01.09.1>	0	No	0	162	0	162	<A seq 06>	III	187	0
<B seq 15>	No	No	Yes	No	No	2. Conciones rectas; cuáles y cómo han de ser. Comenzando por las rectas, se debe	<B.01.09.2>	0	No	0	79	0	79	<A seq 15>	I	188	0
<B seq 15>	No	Yes	No	No	No	Es esta parte una de las que más atención piden al historiador, así por el decoro de la	<B.01.09.2>	0	No	47	14	45	16	<A seq 15>	I	189	107
<B seq 15>	No	Yes	No	No	No	Aquí principalmente es adonde, o se engañan o se escandalizan luego los lectores s	<B.01.09.2>	0	No	169	2	160	11	<A seq 15>	I	190	108
<B seq 15>	No	No	Yes	No	No	cuyas pisadas será justo seguir.	<B.01.09.2>	0	No	0	5	0	5	<A seq 15>	I	191	0
<B seq 15>	No	No	Yes	No	No	3. Decoro que se ha de guard en las Conciones rectas. Para ocurr a la sospecha y r	<B.01.09.3>	0	No	0	313	0	313	<A seq 06>	III	192	0
<B seq 15>	No	No	Yes	No	No	4. Las conciones oblicuas; cuáles han de ser. En las conciones y razonamientos oblic	<B.01.09.4>	0	No	0	206	0	206	<A seq 06>	III	193	0
<B seq 15>	No	No	Yes	No	No	5. Conveniencia y distinción de las Conciones rectas y oblicuas. Conviene, pues, am	<B.01.09.5>	0	No	0	156	0	156	<A seq 15>	I	194	0
<B seq 15>	No	Yes	No	No	No	Por donde se sigue que cuanto son más hermosas las rectas, son menos peligrosas l	<B.01.09.5>	0	No	143	20	134	29	<A seq 15>	I	195	109
<B seq 15>	No	No	Yes	No	No	6. Más convenientes las conciones oblicuas que las rectas y cómo se ha de us de a	<B.01.09.6>	0	No	0	17	0	17	<A seq 01>	II	196	0
<B seq 15>	No	Yes	No	No	No	Por estas dificultades me inclinaria yo a que fuesen raras y breves las oraciones o co	<B.01.09.6>	0	No	21	2	21	2	<A seq 15>	I	197	110
<B seq 15>	No	No	Yes	No	No	de cuando en cuando se usase de las compuestas que llamamos rectoriblicas, en	<B.01.09.6>	0	No	0	74	0	74	<A seq 01>	II	198	0
<B seq 15>	No	Yes	No	No	No	Pero en unas y otras conciones (porque de ordinario suelen s de personales grande	<B.01.09.6>	0	No	48	6	49	5	<A seq 15>	I	199	111
<B seq 15>	No	No	No	Yes	No	CAPITULO III SI ES LICITA Y EN QUE MANERA LA NOVEDAD DE ESTILO Y LE	<B.02.03.0>	0	No	0	0	0	0	<A seq 15>	I	200	0
<B seq 1>	No	No	Yes	No	No	1. Cuál extrañeza de estilo merece loa.	<B.02.03.1>	0	No	0	7	0	7	<A seq 02>	II	201	0
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	es mi intento (como ya tengo significado) alab el extremo de nov en el estilo, ni t	<B.02.03.1>	0	No	35	29	43	21	<A seq 02>	II	202	112
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	porque unas pasan a exceso, y ése es reprehensible, otras se quedan en grandeza, y é	<B.02.03.1>	0	No	18	0	14	4	<A seq 02>	II	203	113
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	por que en algo se mude y altere el estilo, ya luego es malo, ni el hacerlo, cosa nu	<B.02.03.1>	0	No	17	2	17	2	<A seq 02>	II	204	114
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	pues en todas las lenguas del mundo ha sucedido lo mismo, aún cuando más se han	<B.02.03.1>	0	No	47	0	42	5	<A seq 02>	II	205	115
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	En la nuestra española lo vemos más claro y más de cerca, pues su antiguo idioma e	<B.02.03.1>	0	No	47	21	44	24	<A seq 02>	II	206	116
<B seq 1>	No	No	Yes	No	No	Y el diligentísimo Blancas tanto índice en la declaración de los vocablos antiguos ar	<B.02.03.1>	0	No	0	38	0	38	<A seq 02>	II	207	0
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	Y lo mismo hacen otros muchos observadores de la antigüedad, ostentando ya en es	<B.02.03.1>	0	No	4	29	10	23	<A seq 02>	II	208	117
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	La elegancia de Garcilaso, que ay se tuvo por osadía poética, hoy es prosa vulg co	<B.02.03.1>	0	No	33	1	31	3	<A seq 02>	II	209	118
<B seq 1>	No	No	Yes	No	No	2. Es ilícito enriquec la lengua y estilo.	<B.02.03.2>	0	No	0	8	0	8	<A seq 02>	II	210	0

TEXTOS

Secuencia	B=A	B-A	ExB	TP	NV	Texto	RefB	Sub	Equiv	=	<>	ipaliquipaidife	%	RefA	Parte	N	NN
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	El estilo se muda como lo demás que está sujeto al tiempo.	<B.02.03.2>	0	No	10	2	10	2	80 <A seq 02>	II	211	119
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	el cual hace renac y envejec vocablos, vistiendo en cada siglo la lengua y propio idio	<B.02.03.2>	0	No	73	23	71	25	78 <A seq 02>	II	212	120
<B seq 1>	No	No	Yes	No	No	se tradujo en pocos versos de nuestra lengua, los cuales por suaviz algo lo serio y pr	<B.02.03.2>	0	No	0	22	0	22	<A seq 02>	II	213	0
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	Renacerán muchas cosas de las que murieron ya, y morirán las que viver. cediendo	<B.02.03.2>	0	No	90	0	82	8	90 <A seq 02>	II	214	121
<B seq 1>	No	No	Yes	No	No	3. El uso, y de quién da leyes al lenguaje.	<B.02.03.3>	0	No	0	10	0	10	<A seq 02>	II	215	0
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	Finalmente este negocio y pleito se reduce todo al tribunal del uso que es el supremo	<B.02.03.3>	0	No	70	4	61	13	84 <A seq 02>	II	216	122
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	Y aunque esta calificación también se pueda y deba fund en otras condiciones y req	<B.02.03.3>	0	No	29	7	24	12	72 <A seq 02>	II	217	123
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	pero la condición sola del uso prevaleció siempre contra todas las demás, y así vemo	<B.02.03.3>	0	No	36	1	36	1	96 <A seq 02>	II	218	124
<B seq 1>	No	No	Yes	No	No	En los trajes se halla lo mismo por la misma causa, y en España más que otra nación	<B.02.03.3>	0	No	0	187	0	187	<A seq 02>	II	219	0
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	No hay, pues, que melindre en esta materia contra la nov del estilo, sino ten trágad	<B.02.03.3>	0	No	30	6	28	8	81 <A seq 02>	II	220	125
<B seq 1>	No	Yes	No	No	No	de suerte que se pueda en ella, como en la griega y latina, us de modos, frases, figu	<B.02.03.3>	0	No	42	0	38	4	90 <A seq 02>	II	221	126
<B seq 3>	No	No	Yes	No	No	4. Respóndese a los inconvenientes contra el lenguaje nuevo.	<B.02.03.4>	0	No	0	9	0	9	<A seq 03>	II	222	0
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	Oponen algunos muy celosos del bien público, o menos, por no diestros, aficionados	<B.02.03.4>	0	No	15	11	15	11	68 <A seq 03>	II	223	127
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	el primero, la corrupción de las costumbres, que a la del lenguaje dicen seguirse- el s	<B.02.03.4>	0	No	44	0	42	2	93 <A seq 03>	II	224	128
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	Pero respondiéndolo a lo primero digo que el estudio de mejor el estilo no corrompe ni	<B.02.03.4>	0	No	35	7	30	12	81 <A seq 03>	II	225	129
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	porque detenidos en este que es tan liberal e ingenioso empleo, se evitan muchas oc	<B.02.03.4>	0	No	18	3	13	8	70 <A seq 03>	II	226	130
<B seq 3>	No	No	Yes	No	No	y ojalá en todos tiempos y provincias la vaga juventud y muchedumbre de ociosos div	<B.02.03.4>	0	No	0	81	0	81	<A seq 03>	II	227	0
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	No sé yo por qué esta parte de elocuencia se haya de ten por sospechosa contra l	<B.02.03.4>	0	No	54	6	48	12	85 <A seq 03>	II	228	131
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	Como si no fuese muy al revés, afadé el Santo, y escondiesen los facinerosos las sa	<B.02.03.4>	0	No	32	0	30	2	80 <A seq 03>	II	229	132
<B seq 3>	No	No	Yes	No	No	Y así no hay que tem se introduzca con la elocuencia el vicio, que antes con ella se	<B.02.03.4>	0	No	0	52	0	52	<A seq 03>	II	230	0
<B seq 3>	No	No	Yes	No	No	5. Confírmase con ejemplos el pod innov el lenguaje.	<B.02.03.5>	0	No	0	9	0	9	<A seq 03>	II	231	0
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	Bien probaremos esto si tendremos los ojos por los ejemplos de esos siglos antiguos,	<B.02.03.5>	0	No	14	0	9	5	64 <A seq 03>	II	232	133
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	en los cuales, aunque no siempre que reinó la virtud hubo elocuencia; pero siempre q	<B.02.03.5>	0	No	38	0	35	3	90 <A seq 03>	II	233	134
<B seq 3>	No	No	Yes	No	No	La República romana (teatro de experiencias políticas) cuando estuvo en su mayor fel	<B.02.03.5>	0	No	0	64	0	64	<A seq 03>	II	234	0
<B seq 3>	Yes	No	No	No	No	Por los años de mil y treinta, hasta el de cuarenta, estuvo casi toda la Cristiand cont	<B.02.03.5>	0	No	23	0	17	6	77 <A seq 03>	II	235	135
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	Habla en Roma juntamente tres Papas (monstruo horrendo), uno muchacho de doce	<B.02.03.5>	0	No	47	1	46	2	97 <A seq 03>	II	236	136
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	y todos juntos, cada cual por su parte, asian y agarraban de la Tiara y rentas del Pap	<B.02.03.5>	0	No	14	24	15	23	55 <A seq 03>	II	237	137
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	Lo restante de la República cristiana todo era casi de la misma forma en Alemania, H	<B.02.03.5>	0	No	27	0	26	1	96 <A seq 03>	II	238	138
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	Entonces, pues, que fue el tiempo más perdido desde aquí a éste, ninguna cultura h	<B.02.03.5>	0	No	16	25	17	24	57 <A seq 03>	II	239	139
<B seq 3>	No	No	Yes	No	No	de donde se colige que no la elegancia de ellos, sino la grosería del trato y de la vida,	<B.02.03.5>	0	No	0	69	0	69	<A seq 03>	II	240	0
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	Y así no hay que tem se introduzca con la elocuencia el vicio, que antes con ella se	<B.02.03.5>	0	No	20	0	19	1	95 <A seq 03>	II	241	140
<B seq 3>	No	No	Yes	No	No	6. Cuando cesa el peligro en la innovación del lenguaje.	<B.02.03.6>	0	No	0	10	0	10	<A seq 03>	II	242	0
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	Al segundo temor del peligro de la fe por la nov de los vocablos, respondo que es al	<B.02.03.6>	0	No	73	0	64	9	87 <A seq 03>	II	243	141
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	y con él novedades (harto misteriosa y razonablemente, porque la nov suele s muc	<B.02.03.6>	0	No	12	4	9	7	60 <A seq 03>	II	244	142
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	pero no siempre ni cuatqu es reprehensible sino la profana, que es la que el Apóstol ex	<B.02.03.6>	0	No	41	0	36	5	86 <A seq 03>	II	245	143
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	¿qué se le da al Apóstol, que al concepto agudo llamen picante, esquicio al dibujo, y	<B.02.03.6>	0	No	32	2	29	5	86 <A seq 03>	II	246	144
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	Confieso con San Agustín que en la Doctrina Católica no sólo se debe sent. rectame	<B.02.03.6>	0	No	40	17	37	20	77 <A seq 03>	II	247	145
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	Y con San Jerónimo el siento que no derrama buena sospecha de sí quien, aun sintie	<B.02.03.6>	0	No	42	5	38	9	82 <A seq 03>	II	248	146
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	la inquietud entre los africanos católicos, originada de la palabra Naedera, mudada p	<B.02.03.6>	0	No	30	14	29	15	69 <A seq 03>	II	249	147
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	el enojo del gran Espirición, nuestro padre, por o le en el Evangelio Lectum, en lug	<B.02.03.6>	0	No	34	0	32	2	92 <A seq 03>	II	250	148
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	Y, finalmente, confieso que en las palabras, índices del corazón, puede y suele hab	<B.02.03.6>	0	No	55	4	52	7	82 <A seq 03>	II	251	149
<B seq 3>	No	No	Yes	No	No	Estén, pues, muy enhorabuena firmes e inmuebles los términos, voces y palabras que	<B.02.03.6>	0	No	0	76	0	76	<A seq 03>	II	252	0

Secuencia	B=A	B.A	ExB	TP	NV	Texto	RefB	Sut	Equiv	=	<	palign	paidife	%	RefA	Parte	N	NN
<B seq 3>	No	No	No	Yes	No	1. CAPITULO IV HASTA DONDE SE PODRA LEVANTAR LICITAMENTE	<B.02.04.0>	0	No	0	0	0	0	0			253	0
<B seq 4>	No	No	Yes	No	No	1. Condenan algunos la alteza del estilo. Los mismos que condenan la nov y extrafte	<B.02.04.1>	0	No	0	111	0	111	0	<A seq 06>	III	254	0
<B seq 4>	No	No	Yes	No	No	2. Defiéndose la alteza del estilo en el orador y poeta.	<B.02.04.2>	0	No	0	11	0	11	0	<A seq 04>	II	255	0
<B seq 4>	No	Yes	No	No	No	La alteza del estilo en el orador, y mucho más en el poeta, es tan suya que deben, pa	<B.02.04.2>	0	No	70	11	64	17	85	<A seq 04>	II	256	150
<B seq 4>	No	No	Yes	No	No	Así dijo osada y gravemente el gran ingenio de nuestra España y siglo, Bartolomé Leo	<B.02.04.2>	0	No	0	252	0	252	<A seq 04>	II	257	0	
<B seq 4>	No	No	Yes	No	No	3. Declárase un dicho de Quintiliano cerca del estilo.	<B.02.04.3>	0	No	0	9	0	9	0	<A seq 04>	II	258	0
<B seq 4>	No	Yes	No	No	No	Alguno dirá con nuestro español, y según doctas censuras, aragones, Quintiliano, q	<B.02.04.3>	0	No	25	11	22	14	70	<A seq 04>	II	259	151
<B seq 4>	No	Yes	No	No	No	pero como en la moneda hay unas de cobre otras de plata y otras de oro, y todas mar	<B.02.04.3>	0	No	79	3	76	6	91	<A seq 04>	II	260	152
<B seq 4>	No	Yes	No	No	No	Siempre en él ha de hab su graduación y diferencias, como la hay en los estados y c	<B.02.04.3>	0	No	44	2	39	7	87	<A seq 04>	II	261	153
<B seq 5>	No	No	Yes	No	No	4. Es licito a los eclesiásticos y religiosos levant el estilo, tócanse tres principios de el	<B.02.04.4>	0	No	0	40	0	40	0	<A seq 05>	II	262	0
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	pareciéndoles que si habemos de habl como vestimos o vest según hablamos (com	<B.02.04.4>	0	No	311	27	218	120	75	<A seq 05>	II	263	154
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	Finalmente hay otros, que aunque carecen de ambas cosas, esto es, de superior gra	<B.02.04.4>	0	No	64	0	61	3	62	<A seq 05>	II	264	155
<B seq 5>	No	No	Yes	No	No	5. Alteza del estilo en los tres principios de elocuencia dichos.	<B.02.04.5>	0	No	0	11	0	11	0	<A seq 05>	II	265	0
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	Supuestos estos tres principios de elocuencia, digo que siendo necesario para el ora	<B.02.04.5>	0	No	38	0	34	4	83	<A seq 05>	II	266	156
<B seq 5>	No	No	Yes	No	No	para que el cordón torcido de estos tres ramales sea, en lo que quisiere persuadir, difi	<B.02.04.5>	0	No	0	18	0	18	0	<A seq 05>	II	267	0
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	Cierta cosa es que cuando el Soberano Espiritu infunde su divino aliento, y con él me	<B.02.04.5>	0	No	64	0	61	3	93	<A seq 05>	II	268	157
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	Porque lanzándose en el alma del orador apostólico aquella viva y poderosa virtud, sa	<B.02.04.5>	0	No	200	22	192	30	88	<A seq 05>	II	269	158
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	Que entonces se ven las manzanas de oro en fechos de plata, como dice el Sabio, y l	<B.02.04.5>	0	No	25	0	23	2	92	<A seq 05>	II	270	159
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	que en opinión de Cayetano son las figuras y frases retóricas que hacen el periodo, q	<B.02.04.5>	0	No	49	9	44	14	82	<A seq 05>	II	271	160
<B seq 5>	No	No	No	Yes	No	CAPÍTULO V PRUEBA LO MISMO DEL ESTILO LEVANTADO CON EJEMPLO	<B.02.05.0>	0	No	0	0	0	0	0			272	0
<B seq 6>	No	No	Yes	No	No	1. Los Santos y Padres de la Iglesia griega hablaron con alto modo.	<B.02.05.1>	0	No	0	13	0	13	0	<A seq 06>	II	273	0
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	Más breve y no menos eficazmente responderemos a la objeción propuesta en el cap	<B.02.05.1>	0	No	67	22	62	27	74	<A seq 06>	II	274	161
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	Con Crisostomo, cuyo encumbrado estilo cuando predicaba se les pasaba por alto	<B.02.05.1>	0	No	25	0	24	1	96	<A seq 06>	II	275	162
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	que extrañeza como la del divino Areopagita4, tan lleno de prefezes, laconismos, é	<B.02.05.1>	0	No	35	5	34	6	91	<A seq 06>	II	276	163
<B seq 6>	No	No	Yes	No	No	2. También los de la Iglesia latina.	<B.02.05.2>	0	No	0	7	0	7	0	<A seq 06>	II	277	0
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	Si miramos, pues, a los Padres de la Iglesia latina, no los hallaremos inferiores en la	<B.02.05.2>	0	No	22	4	20	6	85	<A seq 06>	II	278	164
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	Quién se atreve a la celsitud suprema de un Cipriano? ¿Quién a la de un Hilario,	<B.02.05.2>	0	No	55	0	45	10	84	<A seq 06>	II	279	165
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	Tras éstos ¿qué tiene que v nuestra baja con la soberanía de un Ambrosio, tan dif	<B.02.05.2>	0	No	36	29	36	29	69	<A seq 06>	II	280	166
<B seq 6>	Yes	No	No	No	No	«Tunc, dice, Luna recedentibus astris, p mediam coeli semitan pulcris aurea motibu	<B.02.05.2>	0	No	47	0	46	1	97	<A seq 06>	II	281	167
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	Podía afect más extrañeza ni estilo más empuinado y gallardo la osadía de nuestro s	<B.02.05.2>	0	No	47	12	45	14	82	<A seq 06>	II	282	168
<B seq 6>	Yes	No	No	No	No	No ves el orden de estas palabras con cuánta espuma de elocuencia lozañea?	<B.02.05.2>	0	No	13	0	12	1	96	<A seq 06>	II	283	169
<B seq 6>	Yes	No	No	No	No	Con cuánto respandor hermosado brilla? ¿Quién negará s este furor poético?	<B.02.05.2>	0	No	11	0	12	0	0	<A seq 06>	II	284	170
<B seq 6>	No	No	Yes	No	No	Así lo califica Mantuano.	<B.02.05.2>	0	No	0	4	0	4	0	<A seq 06>	II	285	0
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	Si esto, pues, se le oyera hoy a un religioso reformado, ¿qué dijera el que le pide en	<B.02.05.2>	0	No	26	0	22	4	86	<A seq 06>	II	286	171
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	No lo son por cierto éstas de San Agustín, sino bellisimas flores nacidas en el jardín	<B.02.05.2>	0	No	20	8	19	9	56	<A seq 06>	II	287	172
<B seq 6>	No	No	Yes	No	No	3. San Jerónimo y otros encumbrar7l el estilo.	<B.02.05.3>	0	No	0	8	0	8	0	<A seq 06>	II	288	0
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	Lleguemos a examín al doctor Máximo, y no menos penitente, austero y solitario mon	<B.02.05.3>	0	No	107	16	98	25	83	<A seq 06>	II	289	173
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	A este modo pudieramos tra otros muchos ejemplos de varones también santos y pe	<B.02.05.3>	0	No	25	3	26	2	94	<A seq 06>	II	290	174
<B seq 6>	No	No	Yes	No	No	Entre los cuales por moderno se puede únicamente cont el V. P. Fr. Juan de Jesús	<B.02.05.3>	0	No	0	129	0	129	0	<A seq 06>	II	291	0
<B seq 6>	No	No	Yes	No	No	4. No es contra la sant el estilo y lenguaje levantado. A vista, pues, de tan ilustres ej	<B.02.05.4>	0	No	0	46	0	46	0	<A seq 06>	II	292	0
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	Por donde el que a los religiosos escritores de este tiempo pide, con título de más pe	<B.02.05.4>	0	No	52	2	43	11	86	<A seq 06>	II	293	175
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	Por sí, a lo menos responde el Máximo, como en la sant en la elocuencia, Jerónimo	<B.02.05.4>	0	No	24	8	24	8	82	<A seq 06>	II	294	176

Sequencia	B=A	B:A	ExB	TP	NV	Texto	RefB	Subt	Equiv	=	<>	paliqu	padilfe	%	RefA	Parte	N	NN
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	«La rusticidad, dice hablando de ellos, es toda su santidad, llamándose discipulos de	<B.02.05.4>	0	No	25	3	25	3	90	<A seq 06>	II	295	177
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	«El que blasona de que imita a los Apóstoles, imite primero en la vida sus virtudes,	<B.02.05.4>	0	No	16	0	15	1	93	<A seq 06>	II	296	178
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	porque la sencillez y llaneza del habl sólo puede excusarla una sant muy rara y muy	<B.02.05.4>	0	No	34	5	31	8	80	<A seq 06>	II	297	179
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	Y así es cosa ridicula, si quedándose uno envuelto en las delicias y riquezas de Sard	<B.02.05.4>	0	No	34	0	31	3	86	<A seq 06>	II	298	180
<B seq 6>	No	No	Yes	No	No	Esto Jerónimo.	<B.02.05.4>	0	No	0	2	0	2	<A seq 06>	II	299	0	
<B seq 6>	No	Yes	No	No	No	Lo cual es forzoso decir, si es contra la sant, y modestia religiosa la elocuencia.	<B.02.05.4>	0	No	12	3	12	3	77	<A seq 06>	II	300	181
<B seq 7>	No	No	Yes	No	No	5. Los Profetas hablaron con alteza misteriosa.	<B.02.05.5>	0	No	0	7	0	7	<A seq 07>	II	301	0	
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	Lo dicho bastaba para cualquier disciplinado ingenio,	<B.02.05.5>	0	No	5	2	5	2	71	<A seq 07>	II	302	182
<B seq 7>	Yes	No	No	No	No	mas si todavía hay alguno tan ambiciosamente escrupuloso y triste, que se escandaliz	<B.02.05.5>	0	No	42	0	42	0	98	<A seq 07>	II	303	183
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	No sólo en los conceptos y sentencias, sino en el modo de significarlas y decir las, ta	<B.02.05.5>	0	No	74	17	74	17	87	<A seq 07>	II	304	184
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	De manera, que las sentencias, las palabras, las silabas, las letras, los ápices, los pu	<B.02.05.5>	0	No	82	4	78	8	93	<A seq 07>	II	305	185
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	Por eso toda ella está como tejida de oscurísimas dificultades y principalmente los Pr	<B.02.05.5>	0	No	51	4	46	9	88	<A seq 07>	II	306	186
<B seq 7>	No	No	Yes	No	No	6. También los sagrados Apóstoles hablaron altamente.	<B.02.05.6>	0	No	0	7	0	7	<A seq 07>	II	307	0	
<B seq 7>	Yes	No	No	No	No	Pues ¿qué diremos de los Apóstoles en el Nuevo Testamento?	<B.02.05.6>	0	No	10	0	10	0	02	<A seq 07>	II	308	187
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	Los cuales se encumbraron tanto en su estilo, que siendo ay rústicos, hoy embestid	<B.02.05.6>	0	No	157	7	140	24	87	<A seq 07>	II	309	188
<B seq 7>	Yes	No	No	No	No	¿Qué mucho suceda hoy lo mismo en los escritores y oradores religiosos, y que pare	<B.02.05.6>	0	No	27	0	27	0	02	<A seq 07>	II	310	189
<B seq 7>	No	No	Yes	No	No	7. Oscur en el estilo; cuándo es tolerable y venerable.	<B.02.05.7>	0	No	0	10	0	10	<A seq 07>	II	311	0	
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	Este crimen de la difícil y oscur en el estilo, se condena y exagera por algunos de	<B.02.05.7>	0	No	4	13	4	13	36	<A seq 07>	II	312	190
<B seq 7>	No	No	Yes	No	No	y aunque yo no le defiendo en todos trances, ni absolutamente, como diré después, p	<B.02.05.7>	0	No	0	29	0	29	<A seq 07>	II	313	0	
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	El no entend en muchas ocasiones, antes es falta del aue oye rudo, que del que habl	<B.02.05.7>	0	No	46	19	46	19	81	<A seq 07>	II	314	191
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	pero la declaración fue darle primero a entend su cort de ingenio, diciéndole: «¿Au	<B.02.05.7>	0	No	44	0	42	2	92	<A seq 07>	II	315	192
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	De lo cual quedamos advertidos que aquel oyente es culpable, que quiere en lo oscur	<B.02.05.7>	0	No	24	5	23	6	82	<A seq 07>	II	316	193
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	Y en el Evangelio por nuestra rudeza hallamos esto muchas veces.	<B.02.05.7>	0	No	11	0	7	4	63	<A seq 07>	II	317	194
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	Y si alguno opone que todo su contexto, por lo menos en el estilo es llano y sin artificio	<B.02.05.7>	0	No	124	7	108	23	86	<A seq 07>	II	318	196
<B seq 7>	No	No	Yes	No	No	8. Sent de Séneca acerca del habl misterioso.	<B.02.05.8>	0	No	0	8	0	8	<A seq 07>	II	319	0	
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	A todos estos ejemplos tan sagrados añadamos, para reprehensión de los que han me	<B.02.05.8>	0	No	34	25	30	29	63	<A seq 07>	II	320	196
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	«No puede la mente, si no es con alta moción, habi sobre todos los demás cosas gr	<B.02.05.8>	0	No	60	0	55	5	92	<A seq 07>	II	321	197
<B seq 7>	No	Yes	No	No	No	Deje, pues, lo que está sujeto a la costumbre, y levántese y arrebate tras sí a quien le	<B.02.05.8>	0	No	28	0	21	7	79	<A seq 07>	II	322	198
<B seq 7>	No	No	Yes	No	No	Quiere dec, que cuando con superior impulso es movido el entendimiento a cosas alt	<B.02.05.8>	0	No	0	81	0	81	<A seq 07>	II	323	0	
<B seq 7>	No	No	No	Yes	No	CAPITULO VI TEMPLE CON QUE SE DEBE USAR DEL ESTILO SUBLIME PART	<B.02.06.0>	0	No	0	0	0	0				324	0
<B seq 8>	No	No	Yes	No	No	1. Quién y con qué tienlo puede ait el lenguaje. No ha sido mi intento, en lo que deja	<B.02.06.1>	0	No	0	89	0	89	<A seq 08>	II	325	0	
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Noy mucho menos, en que la licencia para esto se la haya de tom cualquier del pueblo, y	<B.02.06.1>	0	No	34	14	35	13	61	<A seq 08>	II	326	199
<B seq 8>	No	No	Yes	No	No	Dice Horacio i que el invent o affid vocablos ha de s con un cierto modo de encogit	<B.02.06.1>	0	No	0	83	0	83	<A seq 08>	II	327	0	
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	En lo cual fuera bien se pus algún ilimite con rigurosa censura, cuya sever castigar	<B.02.06.1>	0	No	30	3	25	8	67	<A seq 08>	II	328	200
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Aunque el mejor y más fácil modo de ocurr a este daño, sería el advertido uso de los	<B.02.06.1>	0	No	40	14	46	8	83	<A seq 08>	II	329	201
<B seq 8>	No	No	Yes	No	No	2. Repréndese la vana oscur del lenguaje.	<B.02.06.2>	0	No	0	7	0	7	<A seq 08>	II	330	0	
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Tampoco puedo ven en la intolierable oscur de algunos, cuyas palabras diera el agu	<B.02.06.2>	0	No	14	15	14	15	51	<A seq 08>	II	331	202
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	y que era menest, para alcanz su sentido ser, no lector, sino adivino. Este es uno de	<B.02.06.2>	0	No	75	0	66	9	88	<A seq 08>	II	332	203
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Una metáfora sobre otra metáfora, y en cada palabra diez figuras, y en cada figura q	<B.02.06.2>	0	No	184	26	173	37	87	<A seq 08>	II	333	204
<B seq 8>	No	No	Yes	No	No	3. Cuál oscur en el estilo es afectada y vana.	<B.02.06.3>	0	No	0	10	0	10	<A seq 08>	II	334	0	
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Defienden este modo de habl sus amadores con título de arte y sacramento, dando	<B.02.06.3>	0	No	32	8	29	11	81	<A seq 08>	II	335	205
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Porque tal vez la cosa es de suyo tan elevada y sublime, que no fácilmente la alcanza	<B.02.06.3>	0	No	50	0	44	6	88	<A seq 08>	II	336	206



TEXTOB

Sequencia	B=A	B:A	ExB	TP	NV	Texto	ReiB	Sub	Equiv	=	<>	paliqu	paiddife	%	ReiA	Parte	N	NN
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	como la luz del sol, que siendo en sí clarísima, pero por exceder la proporción de su claridad, que al fin no es del objeto, sino del entendimiento	<B.02.08.3>	0	No	96	20	85	30	81	<A seq 08>	II	337	207
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Y aun se ve en aquella oscuridad, que al fin no es del objeto, sino del entendimiento	<B.02.08.3>	0	No	25	0	24	1	88	<A seq 08>	II	338	208
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	pero cuando siendo el objeto en sí clarísimo, es juntamente proporcionado y perceptible	<B.02.08.3>	0	No	88	11	85	14	89	<A seq 08>	II	339	209
<B seq 8>	No	No	No	No	No	CAPÍTULO VIII PERTENECE A LA ENTEREZA DEL HISTORIADOR LA LIBERTAD	<B.02.08.0>	0	No	0	0	0	0	0	<A seq 01>	III	340	0
<B seq 8>	No	No	Yes	No	No	1. Cuáles controversias se pueden y deben tratar en la Historia. Suele dudarse, con var	<B.03.08.1>	0	No	0	43	0	43	43	<A seq 01>	III	341	0
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Y comenzando por la primera parte de esta duda, presupongo como cosa cierta que ha	<B.03.08.1>	0	No	90	31	81	40	74	<A seq 01>	III	342	210
<B seq 8>	No	No	No	No	No	Y como que esto sea común a todo linaje de escritura en que se pueden admitir	<B.03.08.1>	0	No	0	43	0	43	43	<A seq 01>	III	343	0
<B seq 8>	No	No	Yes	No	No	2. Obligación de los que escriben antigüedades averiguadas y defensorías en causas	<B.03.08.2>	0	No	0	13	0	13	13	<A seq 01>	III	344	0
<B seq 8>	No	No	Yes	No	No	Tengo por obligación forzosa al que escribe antigüedades, deslindar los puntos que lo	<B.03.08.2>	0	No	19	0	16	3	78	<A seq 01>	III	345	211
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	si bien por diferente modo que el escolástico y contencioso, enlazando los nervios de	<B.03.08.2>	0	No	34	3	33	4	92	<A seq 01>	III	346	212
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	¿Quién duda que os encontráis con un autor muy grave, con otro muy diligente, con otro	<B.03.08.2>	0	No	42	5	41	6	90	<A seq 01>	III	347	213
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	¿Qué importa, si pesa más el bien que con los cuerdos y desapasionados se granjea	<B.03.08.2>	0	No	46	0	38	13	84	<A seq 01>	III	348	214
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	¿Será muy bueno que escriba el otro sus antojos o sus repugnancias contra un Esta	<B.03.08.2>	0	No	39	12	38	13	84	<A seq 01>	III	349	215
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Tanto puede la tradición o escritura no contradictoria. Por donde publicándose escritos	<B.03.08.2>	0	No	85	1	79	7	92	<A seq 01>	III	350	216
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Tanto daña hace el que en semejantes ocasiones calla, como el que habla fuera de l	<B.03.08.2>	0	No	55	38	56	37	70	<A seq 01>	III	351	217
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	Y aunque el honor de uno loablemente se aventure callando, cuando a sí sólo daña s	<B.03.08.2>	0	No	42	9	40	11	84	<A seq 01>	III	352	218
<B seq 8>	No	Yes	No	No	No	3. En causas particulares propias o ajenas, cómo se ha de disponer la defensa. De aq	<B.03.08.3>	0	No	0	293	0	293	0	<A seq 06>	III	353	219
<B seq 8>	No	No	Yes	No	No	4. En las controversias se ha de juntar el brío con la modestia. La ira de suyo no es mal	<B.03.08.4>	0	No	0	20	0	20	0	<A seq 02>	III	354	0
<B seq 2>	No	No	Yes	No	No	La segunda parte de la duda propuesita al principio de este capítulo en orden al brío y	<B.03.08.4>	0	No	36	53	52	36	53	<A seq 02>	III	355	220
<B seq 2>	No	Yes	No	No	No	Pero tampoco hay duda que tal vez es necesario respond con brío y aun con acedia,	<B.03.08.4>	0	No	0	143	0	143	0	<A seq 02>	III	356	221
<B seq 2>	Yes	No	No	No	No	Razón tenemos, autor y ejemplo para todo. El airarse en algún caso, claro está que	<B.03.08.4>	0	No	17	0	18	0	0	<A seq 02>	III	357	0
<B seq 2>	No	No	No	No	No	Porque la ira de suyo no es mala, y puede ser justa y buena, cuando es para debida ve	<B.03.08.4>	0	No	28	9	26	11	76	<A seq 02>	III	358	222
<B seq 2>	Yes	No	No	No	No	circunstancias que justifican la ira, y de pasión la hacen virtud. Las cosas que piden	<B.03.08.4>	0	No	49	0	49	0	98	<A seq 02>	III	359	223
<B seq 2>	No	Yes	No	No	No	Autoriza este sentimiento no sólo la doctrina de los Santos, pero la del mismo Dios, y	<B.03.08.4>	0	No	19	0	19	0	95	<A seq 02>	III	360	224
<B seq 2>	No	Yes	No	No	No	en la Escritura Sagrada. El airaos, y no pequés del Salmista, lo enseña, el Sol no se	<B.03.08.4>	0	No	146	0	134	12	92	<A seq 02>	III	361	225
<B seq 3>	No	No	Yes	No	No	5. La ira justa para las controversias y otras acciones virtuosas se acredita con much	<B.03.08.5>	0	No	0	16	0	16	16	<A seq 03>	III	362	0
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	Dirá alguno, que no se condena la ira, sino el agrío y acedia de ella. Pero aunque a e	<B.03.08.5>	0	No	325	0	293	32	91	<A seq 03>	III	363	226
<B seq 3>	No	Yes	No	No	No	6. La ira justa no es contra la paciencia.	<B.03.08.6>	0	No	0	9	0	9	9	<A seq 04>	III	364	0
<B seq 4>	No	No	Yes	No	No	Ni es esta doctrina contra la que nos enseña la paciencia, virtud que ha de estar arraig	<B.03.08.6>	0	No	258	0	248	10	95	<A seq 04>	III	365	0
<B seq 4>	No	No	Yes	No	No	7. La disputa en las controversias ha menester brío, el cual no se opone a la sant y hu	<B.03.08.7>	0	No	0	19	0	19	19	<A seq 05>	III	366	227
<B seq 5>	No	No	Yes	No	No	Probad habernos cómo hay ocasiones en que no sólo es lícita, sino también loable y	<B.03.08.7>	0	No	590	0	552	28	94	<A seq 05>	III	367	0
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	Estos son los motivos que algunos historiadores han tenido para ni dejar la ocasión qu	<B.03.08.7>	0	No	33	4	31	6	77	<A seq 05>	III	368	228
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	8. Templanza que en esta ira y brío de la disputa se debe tener.	<B.03.08.8>	0	No	0	14	0	14	14	<A seq 05>	III	369	229
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	En lo cual todos se deben hab con tal modestia y templanza que se dé a entend cuá	<B.03.08.8>	0	No	122	9	113	18	83	<A seq 05>	III	370	0
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	obligación, que no sólo reconocen las bestias, más aún acusarian de ingratitud más	<B.03.08.8>	0	No	45	0	44	1	97	<A seq 05>	III	371	230
<B seq 5>	Yes	No	No	No	No	¿por qué no el de su madre la Republica, de quien los que en ella viven son miembros	<B.03.08.8>	0	No	10	8	14	4	82	<A seq 05>	III	372	231
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	No hay dolor que llegue a éste, y a un gran dolor débese perdonar, cuando algo exce	<B.03.08.8>	0	No	17	0	16	1	94	<A seq 05>	III	373	232
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	Esta excusa tuvieron los que escribieron Apologías en defensa de sus patrias y relig	<B.03.08.8>	0	No	30	4	30	4	90	<A seq 05>	III	374	233
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	Si en este certamen se hubiere acaso dado algo de mal ejemplo, se impute a quien	<B.03.08.8>	0	No	42	0	42	0	98	<A seq 05>	III	375	234
<B seq 5>	No	Yes	No	No	No	Y si en este reparo y defensa nos sucediere que alguno de los contrarios herido, no a	<B.03.08.8>	0	No	23	1	21	3	87	<A seq 05>	III	376	235
<B seq 5>	Yes	No	No	No	No	Que no menos sientio verme respetado de ellos forzado a perd en alguna manera el no	<B.03.08.8>	0	No	27	0	26	1	98	<A seq 05>	III	377	236
<B seq 5>	Yes	No	No	No	No	Que no menos sientio verme respetado de ellos forzado a perd en alguna manera el no	<B.03.08.8>	0	No	27	0	26	1	98	<A seq 05>	III	378	237

TEXTTOBB

Secuencia	B=A	B:A	ExB	TP	NV	Texto	RefB	Sufi	Equiv	#	<>	palliquipaldife	%	RefA	Parte	N	NN
<B seq 5>	No	No	Yes	No	No	Esto dice el Mantuano Carmelita, y con ello damos fin a esta materia.	<B.03.08.8>	0	No	0	13	0	13	<A seq 05>	III	379	0
	No	No	No	No	Yes	EL PADRE F. JERONIMO DE SAN JOSÉ CARMELITA DESCALZO AI ILUSTRÍSIMO SE	<B.00>	0	No	0	0	0	27.46			380	0
	No	No	Yes	No	No	PRIMERA PARTE EN QUE SE TRATA DE LA IMPORTANCIA, DIGNIDAD Y NAT	<B.00>	0	No	0	0	0	0			381	0
	No	No	No	Yes	No	CAPITULO PRIMERO PROVECHOS DE LA HISTORIA	<B.01.01.1>	0	No	0	0	0	0			382	0
	No	No	No	No	Yes	1. Motivo para trat. de los provechos de la Historia. Los provechos que a la República	<B.01.01.1>	0	No	0	167	0	167			383	0
	No	No	No	No	Yes	2. Aprovecha la Historia para todas las acciones de la vida. Si atentamente, pues, mir	<B.01.01.2>	0	No	0	123	0	123			384	0
	No	No	No	No	Yes	3. Util de los ejemplos de la Historia. El ejemplo, ora sea de la virtud loada y premiad	<B.01.01.3>	0	No	0	139	0	139			385	0
	No	No	No	No	Yes	4. Descripción de la Historia por los efectos y utilidades. Ella es la que hace presente	<B.01.01.4>	0	No	0	192	0	192			386	0
	No	No	No	No	Yes	5. Efectos de la lección de la Historia en varones grandes. ¡Cuántos valerosos capita	<B.01.01.5>	0	No	0	237	0	237			387	0
	No	No	No	No	Yes	6. Confírmase con testimonios y ejemplos superiores. Con este gran estímulo incitó a	<B.01.01.6>	0	No	0	562	0	562			388	0
	No	No	No	No	Yes	7. Fruto de los malos ejemplos en la Historia. Al mismo paso y modo que de los buen	<B.01.01.7>	0	No	0	294	0	294			389	0
	No	No	Yes	No	No	CAPITULO II PROSIGUE LA MISMA MATERIA DE LAS UTILIDADES QUE SE SI	<B.01.02.0>	0	No	0	0	0	0			390	0
	No	No	No	No	Yes	1. Noticias y sabiduría que se adquiere por la Historia. ¿Qué provecho puede compar	<B.01.02.1>	0	No	0	305	0	305			391	0
	No	No	No	No	Yes	2. Representación de cuanto hay y pasa en el mundo por la His. loria. El mayor poeta	<B.01.02.2>	0	No	0	222	0	222			392	0
	No	No	No	No	Yes	3. Mayor y más fácil enseñanza por la Historia. También con más fácil y gusto qued	<B.01.02.3>	0	No	0	161	0	161			393	0
	No	No	No	No	Yes	4. Gusto y recreación por la Historia. De aquí nace entre las demás utilidades de ella	<B.01.02.4>	0	No	0	172	0	172			394	0
	No	No	No	No	Yes	5. Ejemplos notables de este gusto. Tanto ha venido a s. éste algunas veces, que la r	<B.01.02.5>	0	No	0	203	0	203			395	0
	No	No	No	No	Yes	6. Colligese el provecho de la Historia por la sagrada y divina. Largo fuera nuestro dis	<B.01.02.6>	0	No	0	346	0	346			396	0
	No	No	No	No	Yes	7. Todos los escritores de la República necesitan de la Historia. Finalmente por cualq	<B.01.02.7>	0	No	0	232	0	232			397	0
	No	No	No	Yes	No	CAPITULO III DIGNIDAD Y EXCELENCIA DE LA HISTORIA	<B.01.03.0>	0	No	0	0	0	0			398	0
	No	No	No	No	Yes	1. La Historia se aventaja a otras Artes y Facultades. De la util y provechos que de la	<B.01.03.1>	0	No	0	344	0	344			399	0
	No	No	No	No	Yes	2. Excelencia divina suya, por s. Dios su Autor y Escritor. Pero aun se puede imagin	<B.01.03.2>	0	No	0	356	0	356			400	0
	No	No	No	No	Yes	3. Su dign. por los escritores sarados. A esta suprema dign. de la Historia, que es c	<B.01.03.3>	0	No	0	280	0	280			401	0
	No	No	No	No	Yes	4. Su nobleza por los escritores profanos. Ni por parte de los autores y escritores prof	<B.01.03.4>	0	No	0	415	0	415			402	0
	No	No	No	No	Yes	5. Príncipes españoles que escribieron Historia. Pero dejando los extraños, entre nue	<B.01.03.5>	0	No	0	313	0	313			403	0
	No	No	No	Yes	No	CAPITULO IV PROSIGUE LA MISMA MATERIA DE LA DIGNIDAD DE LA HISTO	<B.01.04.0>	0	No	0	0	0	0			404	0
	No	No	No	No	Yes	1. En las Republicas Hebrea, Egipcia y Romana. ¿quién escribía su Historia? No es	<B.01.04.1>	0	No	0	351	0	351			405	0
	No	No	No	No	Yes	2. Elección para este oficio en Tartaria y España. Las personas que para el mismo ofi	<B.01.04.2>	0	No	0	193	0	193			406	0
	No	No	No	No	Yes	3. Observancia de la Historia en la Corona y Reino de Aragón. Grandes y quíenes su	<B.01.04.3>	0	No	0	791	0	791			407	0
	No	No	No	No	Yes	4. Breve apuntamiento de las calidades y requisitos del buen His. toriador. Pero no sol	<B.01.04.4>	0	No	0	270	0	270			408	0
	No	No	No	No	Yes	5. Premios y honras grandes a los Historiadores. Otro argumento y prueba de la dign	<B.01.04.5>	0	No	0	379	0	379			409	0
	No	No	No	No	Yes	6. Honra y estimación de las Historias. Con el mismo afecto y veneración que los auto	<B.01.04.6>	0	No	0	265	0	265			410	0
	No	No	No	Yes	No	CAPITULO V DE LA NATURALEZA Y DIVISIONES DE LA HISTORIA	<B.01.05.0>	0	No	0	0	0	0			411	0
	No	No	No	No	Yes	1. Modo de defin. y divid. la Historia. aconocida la importancia y dign. de la Historia, se	<B.01.05.1>	0	No	0	85	0	85			412	0
	No	No	No	No	Yes	2. Definición general de la Historia. Es, pues, Historia (en la más dilatada y universal	<B.01.05.2>	0	No	0	135	0	135			413	0
	No	No	No	No	Yes	3. División general en Historia significada, escrita y hablada. Colligense de aquí much	<B.01.05.3>	0	No	0	183	0	183			414	0
	No	No	No	No	Yes	4. Historia humana y divina. Divídese también la Historia generalmente en humana y d	<B.01.05.4>	0	No	0	234	0	234			415	0
	No	No	No	No	Yes	5. Historia verdadera y falsa. La humana Historia se divide en falsa y verdadera, y pon	<B.01.05.5>	0	No	0	481	0	481			416	0
	No	No	No	No	Yes	6. Historia natural y moral. Ya con otro género de división la Historia, una es natural, y	<B.01.05.6>	0	No	0	215	0	215			417	0
	No	No	No	No	Yes	7. Varias divisiones de Historia por parte de la materia. Porque la Historia, o es moral,	<B.01.05.7>	0	No	0	187	0	187			418	0
	No	No	No	Yes	No	CAPITULO VI PROSIGUE LAS DIVISIONES DE LA HISTORIA, Y SE DEFINE PR	<B.01.06.0>	0	No	0	0	0	0			419	0
	No	No	No	No	Yes	1. Historia general y particular. varias especies de ella por la forma. Pero acercádon	<B.01.06.1>	0	No	0	355	0	355			420	0

Secuencia	B=A	B:A	ExB	TP	NV	Texto	RefB	Sult	Equiv	=	<>	paliquipaldife	%	RefA	Parte	N	NN
	No	No	No	No	No	2. Definición propia y rigurosa de la Historia. Supuestas las divisiones referidas, veng	<B.01.06.2>	0	No	0	470	0	470			421	0
	No	No	No	Yes	Yes	3. Otra definición más extensa y clara. Otras definiciones de la Historia traen los que h	<B.01.06.3>	0	No	0	226	0	226			422	0
	No	No	No	Yes	Yes	4. Varios nombres que se dan a la Historia. Resta últimamente refer y decl aquí los	<B.01.06.4>	0	No	0	405	0	405			423	0
	No	No	No	Yes	No	CAPITULO VII PARTICULARES NARRACIONES EN LA HISTORIA	<B.01.07.0>	0	No	0	0	0	0			424	0
	No	No	No	Yes	Yes	1. Sólo se trata aquí de lo más ordinario e importante, que se ofrece en la Historia. De	<B.01.07.1>	0	No	0	89	0	89			425	0
	No	No	No	Yes	Yes	2. La narración universal de la Historia se compone de muchas particulares. Aunque t	<B.01.07.2>	0	No	0	104	0	104			426	0
	No	No	No	Yes	Yes	3. Ha de s muy particul la relación de las cosas y sucesos. En la materia de estas na	<B.01.07.3>	0	No	0	442	0	442			427	0
	No	No	No	Yes	Yes	4. Importancia de particulariz cosas menudas. Algunos juzgan lo muy particul por m	<B.01.07.4>	0	No	0	420	0	420			428	0
	No	No	No	Yes	Yes	5. El estilo de estas narraciones ha de s igual, puro y llano. En la parte del estilo, el m	<B.01.07.5>	0	No	0	248	0	248			429	0
	No	No	No	Yes	No	CAPITULO VIII DESCRIPCIONES EN LA HISTORIA	<B.01.08.0>	0	No	0	0	0	0			430	0
	No	No	No	Yes	Yes	1. Qué cosa sea descripción. Las descripciones son una cierta manera de narración	<B.01.08.1>	0	No	0	83	0	83			431	0
	No	No	No	Yes	Yes	2. Vari de descripciones por parte de la materia. Si la materia de las descripciones	<B.01.08.2>	0	No	0	199	0	199			432	0
	No	No	No	Yes	Yes	3. Diferencia de descripciones por parte de la forma. Por la formal se consideran una	<B.01.08.3>	0	No	0	145	0	145			433	0
	No	No	No	Yes	Yes	4. La descripción ha de ser, regularmente, ceñida. Cansada cosa será, si se dilata mu	<B.01.08.4>	0	No	0	131	0	131			434	0
	No	No	No	Yes	Yes	5. Estilo de la descripción. En el estilo tiene aquí más licencia el historiador. Porque la	<B.01.08.5>	0	No	0	102	0	102			435	0
	No	No	No	Yes	Yes	6. Débese imit a los antiguos en las descripciones. Para el acierto en este punto, co	<B.01.08.6>	0	No	0	141	0	141			436	0
	No	No	No	Yes	No	CAPITULO X DE LAS DIGRESIONES EN LA HISTORIA	<B.01.10.0>	0	No	0	0	0	0			437	0
	No	No	No	Yes	Yes	1. Qué cosa sea digresión en la Historia y sus condiciones para que sea buena. Con	<B.01.10.1>	0	No	0	142	0	142			438	0
	No	No	No	Yes	Yes	2. La digresión ha de ser de las entrañas de la materia. Para la primera condición se r	<B.01.10.2>	0	No	0	236	0	236			439	0
	No	No	No	Yes	Yes	3. Ha de s breve. Conviene sea breve, porque no siendo esta parte esencialmente	<B.01.10.3>	0	No	0	130	0	130			440	0
	No	No	No	Yes	Yes	4. Ha de s agradable. Sea también agradable porque lo voluntario, y que en algunam	<B.01.10.4>	0	No	0	137	0	137			441	0
	No	No	No	Yes	Yes	5. Han de s raras. Sean, finalmente, raras las digresiones, porque no se olvidela con	<B.01.10.5>	0	No	0	170	0	170			442	0
	No	No	No	Yes	Yes	6. Aparato al principio de Historia grande y universal. Mayor conveniencia, y aun nece	<B.02.01.5>	0	No	0	458	0	458			443	0
	No	No	No	Yes	Yes	7. El mismo aparato proporcionado a Historia particular. Casi lo mismo proporcionalm	<B.02.01.6>	0	No	0	211	0	211			444	0
	No	No	No	Yes	Yes	8. Cómo se ha de dispo y proporción el Método. Para buena disposición, pues, del	<B.02.01.7>	0	No	0	238	0	238			445	0
	No	No	No	Yes	Yes	9. La nov y oscur cómo se han de templ en el estilo. No es fácil el mod estos exc	<B.02.06.4>	0	No	0	192	0	192			446	0
	No	No	No	Yes	Yes	5. El innov e invent vocablos; cuándo y cómo sea lícito. Los vocablos pueden s nuev	<B.02.06.5>	0	No	0	587	0	587			447	0
	No	No	No	Yes	Yes	6. Frases V locuciones nuevas; cuándo y cómo se han de introducir. En las frases se	<B.02.06.6>	0	No	0	332	0	332			448	0
	No	No	No	Yes	Yes	7. Condiciones para la innovación de vocablos y frases. La primera que sea rara. Para	<B.02.06.7>	0	No	0	369	0	369			449	0
	No	No	No	Yes	Yes	8. Sea la innovación provechosa y clara. Sea juntamente provechosa esta innovación,	<B.02.06.8>	0	No	0	506	0	506			450	0
	No	No	No	Yes	Yes	9. Resumese la doctrina perteneciente al estilo, aplicada al de laHistoria. Ya es tiemp	<B.02.06.9>	0	No	0	272	0	272			451	0
	No	No	No	Yes	No	CAPITULO VII IGUALDAD DE LA OBRA EN LA HISTORIA	<B.02.07.0>	0	No	0	0	0	0			452	0
	No	No	No	Yes	Yes	1. El cuerpo de la Historia debe s igual. Perteneciente al estilo en gran parte es el req	<B.02.07.1>	0	No	0	304	0	304			453	0
	No	No	No	Yes	Yes	2. Suma difícil la iguald en todo. Pero aunque esta iguald es bien se desee, y oblig	<B.02.07.2>	0	No	0	265	0	265			454	0
	No	No	No	Yes	Yes	3. Dos maneras de igualdad. Mas para decl con mayor distinción en qué consiste es	<B.02.07.3>	0	No	0	284	0	284			455	0
	No	No	No	Yes	Yes	4. Ejemplos de la iguald respectiva y de proporción en cosas na turales. Pero en las	<B.02.07.4>	0	No	0	307	0	307			456	0
	No	No	No	Yes	Yes	5. Aplíquese la doctrina de la iguald a la Historia. En las cosas espirituales, donde entr	<B.02.07.5>	0	No	0	276	0	276			457	0
	No	No	No	Yes	No	CAPITULO VIII BREVEDAD DE LA HISTORIA	<B.02.08.0>	0	No	0	0	0	0			458	0
	No	No	No	Yes	Yes	1. Causas por qué debe procurarse la brevedad. A la iguald y proporción, de que res	<B.02.08.1>	0	No	0	226	0	226			459	0
	No	No	No	Yes	Yes	2. En la Historia es necesaria la brevedad. Esto que a todo género de escritura es co	<B.02.08.2>	0	No	0	213	0	213			460	0
	No	No	No	Yes	Yes	3. Dos maneras de brev y otros dos de difusión. Pero esta brev y requisito de la bue	<B.02.08.3>	0	No	0	324	0	324			461	0
	No	No	No	Yes	Yes	4. A unas Historias conviene brev sólo formal, a otras la material también. Supuesta	<B.02.08.4>	0	No	0	253	0	253			462	0

TEXTOB

Sequencia	B=A	B:A	ExB	TP	NV	Texto	RefB	Sub	Equiv	=	<>	paliqu	padlle	%	RefA	Parte	N	NN
	No	No	No	No	Yes	5. Conforme la materia del asunto, se ha de juzg de su brevedad difusión. Débese.	<B.02.08.5>	0	No	0	235	0	235	0			463	0
	No	No	No	No	Yes	6. En la Historia es más tolerable la difusión que la concisión. Generalmente hablando	<B.02.08.6>	0	No	0	193	0	193	0			464	0
	No	No	No	No	Yes	1. Es necesario decl en particul los requisitos del buen historiador. Pud la sobrada	<B.03.01.1>	0	No	0	190	0	190	0			465	0
	No	No	No	No	Yes	2. Pídesse atención libre de cuidados y afectos para le este Tratado. Pido, pues, a Ge	<B.03.01.2>	0	No	0	330	0	330	0			466	0
	No	No	Yes	No	No	CAPÍTULO VI HA DE JUNTAR EL HISTORIADOR LO ÚTIL CON LO DULCE	<B.03.06.0>	0	No	0	0	0	0	0			467	0
	No	No	No	No	Yes	1. Toda enseñanza y gobierno pide mezcla de lo útil con lo dulce. Para remate del prí	<B.03.06.1>	0	No	0	257	0	257	0			468	0
	No	No	No	No	Yes	2. Lo dulce cuán necesario es para lo útil. Y aunque es verd que en esta mezcla es lo	<B.03.06.2>	0	No	0	185	0	185	0			469	0
	No	No	No	No	Yes	3. De tres maneras se pueden cons lo dulce y lo útil. Vicio delos que sólo usan de la	<B.03.06.3>	0	No	0	508	0	508	0			470	0
	No	No	No	No	Yes	4. Extremo de los que sin dulzura atienden sólo a la utilidad. También es vicioso, aun	<B.03.06.4>	0	No	0	259	0	259	0			471	0
	No	No	No	No	Yes	5. Acreditase la mezcla de lo dulce con lo útil en el gobierno de Dios. Por esto la mezc	<B.03.06.5>	0	No	0	283	0	283	0			472	0
	No	No	No	No	Yes	6. De cuántas maneras se puede mezc lo útil con lo dulce enobras y palabras. Esta	<B.03.06.6>	0	No	0	444	0	444	0			473	0
	No	No	Yes	No	No	CAPÍTULO VII ENTREZA Y RECTITUD DEL HISTORIADOR	<B.03.07.0>	0	No	0	0	0	0	0			474	0
	No	No	No	No	Yes	1. ¿Por qué se requiere en el historiador entereza? Nace de las entrañas del prim req	<B.03.07.1>	0	No	0	164	0	164	0			475	0
	No	No	No	No	Yes	2. No se ha de conoce T en el historiador afecto a cosas suyas y menos a su estimaci	<B.03.07.2>	0	No	0	367	0	367	0			476	0
	No	No	No	No	Yes	3. Huya de su alabanza en su Historia. También suele busc su estimación el que esc	<B.03.07.3>	0	No	0	287	0	287	0			477	0
	No	No	No	No	Yes	4. Temple el afecto para con sus deudos y amigos. Ya este notorio achaque de propio	<B.03.07.4>	0	No	0	310	0	310	0			478	0
	No	No	No	No	Yes	5. No le lleve el afecto del Pod o el Favor ni otro respeto injusto. Resta del afecto en e	<B.03.07.5>	0	No	0	444	0	444	0			479	0
	No	No	No	No	Yes	6. El odio y el temor estragan y desacreditan la Historia. Por el contrario, el odio natur	<B.03.07.6>	0	No	0	338	0	338	0			480	0
	No	No	No	Yes	No	CAPÍTULO IX AUTORIDAD QUE HA DE TENER EL HISTORIADOR	<B.03.09.0>	0	No	0	0	0	0	0			481	0
	No	No	No	No	Yes	1. Las obras o hazañas reciben calificación de su Autor. El último requisito de los tres	<B.03.09.1>	0	No	0	219	0	219	0			482	0
	No	No	No	No	Yes	2. Los escritores y doctrina toman calificación del escritormayestro. En los escritos y d	<B.03.09.2>	0	No	0	434	0	434	0			483	0
	No	No	No	No	Yes	3. Las Historias reciben su principal autor del historiador. Vámonos acercando a nue	<B.03.09.3>	0	No	0	136	0	136	0			484	0
	No	No	No	No	Yes	4. Cuatro principios en que se funda la autor del historiador el primero la virtud. La	<B.03.09.4>	0	No	0	240	0	240	0			485	0
	No	No	No	No	Yes	5. Sabiduría: segundo principio de la autor del historiador. De la sabiduría, que pued	<B.03.09.5>	0	No	0	180	0	180	0			486	0
	No	No	No	No	Yes	6. La nobleza: terc principio que autoriza al historiador. La nobleza es un principio de	<B.03.09.6>	0	No	0	207	0	207	0			487	0
	No	No	No	No	Yes	7. Dign de oficio y puesto: cuarto principio que califica al historiador. El último principi	<B.03.09.7>	0	No	0	326	0	326	0			488	0
	No	No	No	No	Yes	8. Qué calidades son las más necesarias para d autor a un historiador o gobernador	<B.03.09.8>	0	No	0	455	0	455	0			489	0
	No	No	Yes	No	No	CAPÍTULO X ELECCION DE AUTORES DE HISTORIA PARA LEERLA Y ESCRIB	<B.03.10.0>	0	No	0	0	0	0	0			490	0
	No	No	No	No	Yes	1. Diffcult en la elección de historiadores. Este capítulo, que será el último del presen	<B.03.10.1>	0	No	0	269	0	269	0			491	0
	No	No	No	No	Yes	2. Cuál será la más calificada y perfecta Historia. Presupongo primeramente para el a	<B.03.10.2>	0	No	0	260	0	260	0			492	0
	No	No	No	No	Yes	3. La Historia divina que se contiene en la Sagrada Escritura tienen todo el prim lug	<B.03.10.3>	0	No	0	260	0	260	0			493	0
	No	No	No	No	Yes	4. Excelencia de la Historia divina y cómo se ha de leer. Esta Historia, pues, entre tod	<B.03.10.4>	0	No	0	682	0	682	0			494	0
	No	No	No	No	Yes	5. Segundo lug tienen las Historias eclesiásticas y religiosas. Excelencia de ellas sob	<B.03.10.5>	0	No	0	1432	0	1432	0			495	0
	No	No	No	No	Yes	6. Terc lug tienen las Historias profanas. Ponderase la dignidadde algunas y de sus	<B.03.10.6>	0	No	0	755	0	755	0			496	0
	No	No	No	No	Yes	7. Cómo se han de le las Historias para sac fruto de ellas. A este modo pudéramos	<B.03.10.7>	0	No	0	297	0	297	0			497	0
	No	No	No	No	Yes	EPILOGO Resumese el intento y la sustancia de esta obra. He discurrido, Georgio mí	<B.99>	0	No	0	345	0	345	0			498	0

Virgula;ponto e virgula;e;o;y;i

6;0;0;0;0;6

que por tantos años se ha criado en su mas intimo retrete? i despues de aver penetrado los de la sagrada Teologia, asi Escolastica, i Expositiva, como Mistica i Moral, ha enriquecido i adornado el ingenio, con la noticia i erudicion de todas buenas letras? Harto hare, en aprender i admirar lo que V.

8;2;0;0;0;0

Dire, pues, mis sentimientos, no como censor, sino como Discipulo; i, debaxo deste respeto, discurriré primero por algunos de los requisitos necesarios al que escribe Historia; para conocer, por ellos, los primores que hallare en los de V.

11;1;0;0;0;2

Otras, que por ventura, haran los mui censores, reparando en sentençias i opiniones, que por mui singulares, o, nuevas, aun que verdaderas, lo pueden menos parecer; dexaré aora de referir i de impugnar, remitiendo este cuydado a otro tiempo, si pareçiere necesario, el acudir tambien a su defensa.

8;1;0;0;0;2

Hazele, el que escribe, Doctor i Maestro universal del Mundo; i subido en la Catedra de su Libro, tiene por oyentes a todos los Mortales, a quienes, el, como Maestro ensena, en aquella materia, de que en su libro trata.

9;0;0;0;0;2

Mire, aora, el que escribe, la obligacion que se hecha a cuestras, el ambicioso titulo que se arroga, el peligro a que se expone, i la verguença que le cubrira el rostro, si se hiziere Maestro, cuando, i de quien no merecia ser Discipulo.

9;2;0;0;0;4

No quiero, por esto, condenar, ni desanimar a los floridos Ingenios, para que dexen de haçer pruebas de si; ni a los ya saçonados i ricos de sabiduria, para que timidos, o, invidiosos la escondan i sepulten: que los talentos descubrirse tienen i lograrse: pero deseo haçer cantos a los unos i a los otros; para que ni se abalancen antes de tiempo, ni mas, de lo que permite la prudencia.

8;3;0;0;0;3

I por que muchas veçes no basta esta noticia particular de la materia propia de su Intento; sino que es necesaria otra mas universal de diferentes Artes, Ciencias, Y Facultades, que pueden conducir al mayor decoro, luz i ornato de lo que escribe; sera forçosa prevencion, el procurarla; i a vezes con mayor cuydado: porque es mas facil el descuido en las materias menos principales, i en ellas el acierto, destreça luce mas, como en las obligatorias el descuido se dissimula menos.

8;2;0;2;0;2

Esta, obligacion comun a los que escriben, es mui particular a los que se dedican a la Historia: porque, aviendo de referir enella lo que aí, lo que pasa, i succede en el Mundo; es lançe forçoso tener noticia i cõ[m]prehension de todo ello; mas, o menos general, o particular, quanto lo fuere el Asunto del Historiador.

21;3;0;1;0;10

Como, los pleitos, diferencias, i aun guerras, originadas del derecho, aveçes no bien entendido de los Iuriconsultos; si nunca, entre ellos, oyó el nombre de Cebola, Vlpiano, o Papiniano? Para describir un exercito, una batalla, un triunfo, una Provincia, una Republica, un Gobierno, que Militares i Politicos preçetos no ha de trastornar? Si pinta fabricas i edificios, si refiere anuncios i efetos de astros i constelaciones si declara ocultas propiedades de yervas i metales, si entra en la cultura de campos i jardines; como, sin tener mui a mano la inteligencia i noticia de todas estas cosas, se podra rodear? Pues que? si ha de meter la pluma en lo Eclesiastico, en lo Religioso, en lo Espiritual i Contemplativo; cuanta ha de ser la comprehension que ha de tener de estados i exercicios tan sublimes?

9;3;0;0;0;2

En los demas Escritores examinados juezes lo que diçen; en el Historiador subditos lo adoramos sin examen: aquellos, si no lo prueban, los repruebo; este sencillamente propone, i lo recibo: antes bien, como niño, colgado a los pechos de su Relacion, trago çerrados los ojos, como leche, lo que en otros considero como bebida; i antes de entregarlo al gusto, lo encomiendo a la vista.

1;2;0;0;0;5

Por esto en pleitos i causas gravisimas se da entero credito a una Historia antigua de autor calificado; i pende de su escritura talvez la sucesion de un Mayorazgo el interes i honor de una Familia, de una Republica de un Reyno; i de toda una Monarquia i Nacion.

11;1;0;0;0;1

De aqui se le recreçe una inmensa dificultad para la averiguacion de casos presentes, en que la variedad de los testigos, compite con el numero dellos, siendo este casi infinito; a cuya ce[n]sura esta expuesta una reciente Historia, con calumnia i queixa de los mas, cuyos testimonios, o, no sigue, o, cuyas glorias no refiere, o, cuyo indecoro no calla.

9;1;0;0;0;7

En la Historia que los ofreçe recientes, i aun casi vivos, es facil, o, menos dificultoso bolberlos a la luz i restituírles su antigua forma i vida: pero en aquellos, adonde no ha quedado rastro de calor, i estan ya del todo difuntos; que fuerças de ingenio i bien decir bastaran para restituírlos, sino fueren divinas, i con particular ostentacion de su virtud? Yacen como en sepulchros gastados ya i deshechos, en los monumentos de la antigüedad (que por esto los Escritos se llamaron asi) vestigios de sus cosas.

8;1;0;0;0;2

A los cuales para restituírles vida el Historiador, es menester, como otro Ezequiel, vaticinando sobre ellos, juntarlos, unirlos, engazarlos, dandoles a cada uno su encage, lugar i proprio asiento en la disposición i cuerpo de la Historia;

8;2;0;0;0;6

anadirles, para su enlaçamiento i fortaleça, nervios de bien trabadas conjeturas; vestirlos de carne, con raros i notables sucesos, estender, sobre todo este cuerpo asi dispuesto una hermosa piel de varia i bien seguida narracion; i ultimame[n]te infundirle un soplo de vida, con la energia de un tan vivo decir, que parezcan bullir i menearse todas las cosas de que trata, en medio de la pluma i del papel.

18;0;0;0;0;4

Ya esta especie de Historia entre los demas achaques que la hacen bastardear de la pureça Historica, embuelbe no solamente el oficio de anticuario, sino tambien el de controversista, i se ha de ocupar gran parte della, en conprobar i defender la verdad, responder a objeciones, concertar pleitos, reforçar causas, medir lugares, contraponer tiempos, traer Autores, calificar testimonios, i dar, a cada paso, raçon de lo que se diçe, sopena de q[ue], en materias antiguas, controvertidas i dudosas, se quedavã mui a la cortesia del letor la fe de lo que escribe.

8;0;0;0;0;2

Bien que, ni de lo antiguo es necesario dar siempre raçon: es a saber, cuando las cosas son vulgares, ciertas, o, creibles: pero la que fuere rara, dudosa, i sobrem anera grande, necesidad tiene de apoyos i testimonios superiores.

13;0;0;0;0;9

Tiempo es menester, para informarse i consultar a muchos, para reconocer archivos, concordar escrituras, i ajustar relaciones: Tiempo, tambien, para despues de agregado el aparato, disponer la Historia i exsornarla: i mucho mas tiempo, para reveerla, limarla i enmenderla: i despues de todo esto, para dexarla dormir en un rincón muchos dias, hasta que mortificado el gusto del que escribe, i ella desnuda de aquella primera gracia de la novedad i afecto de la propiedad, la buelba a mirar su Autor como obra agena i antigua.

9;0;0;0;0;4

la borra i desborra, la pule, retoca, i hermosea, prueba en ella las fuerças del ingenio, i compitiendo consigo mismo, se procura vencer, desconocie(n)dose por momentos, en las nuevas ideas, luces i perfecciones q[ue] cõcibe:

12;3;0;1;0;0

No puede, en esto, regla cierta hacerse: mas si algo en ello, por mis canas, valgo tomad de mi consejo, en esto modo Digo, que, eneste caso, ha de creerse a muchos destos, nada; o pocos, algo; a menos, la mitad; a nadie, todo.

9;2;0;0;0;0

" ""Si contra aquellos, que con Malicia, o, Ignorancia, o, Inteligencia me reprehendem, en tal manera me defendeis, que digais; no aver yo errado jamas en alguno de mis escritos; trabajais en vano: no aveis tomado a cargo buen pleito: facilmente, siendo yo mismo el juez, sereis en el vencidos"" "

8;2;0;0;0;6

Docil sea, pues, i blando el Escritor: i tan deseoso, i (por decirlo asi) ambicioso del mayor acierto; que no se contente con solo el parecer de uno, aun que mui sabio: consulte a muchos; que siendo tales, cuales avemos, dibuxados, luz i seguridad anadiran a la Censura, i mayor autoridad a la Obra i al Autor.

5;0;0;0;0;6

luego lo entrego a otros para que lo vean i censuren, i sus notas i advertencias, si en ellas tengo alguna duda, las comunico i trato con uno u (sic) otro: i ultimamente, ya enmendada la Obra, la recito i leo a muchos juntos.

4;0;0;0;0;6

Entregue pues, su obra el Docil i cuerdo Escritor a uno i a muchos Doctos i Rectos censores, para que a su justo i , a solas la lean, i puedan atentamente considerarla i remirla muchas veçes.

10;0;0;0;0;3

Que si bien debe a su Patria, debe a sus Deudos, debe a sus Amigos honrosa i officiosa memoria, cuando la narraçion le ofreçe lugar, i no se encuentra con la justiçia: pero agraviar esta, por cõplazer a aquellos, es destruir el fruto de la Historia, violar el sacramento de su fe, i desterrar de sus Escritos, juntamente con la Verdad, la autoridad.

13;6;0;1;0;2

Hallò el otro una memoria notable, una escritura original, nueva, exquisita acerca de las acciones, o costumbres de un Rey, i como gran tesoro nos la plâ(n)ta en su Historia, pidiendonos albricias; sin advertir, que en ella descubre lo que debiera zelarse; la, que se hiço para que apenas se supiese; lo que comunicado entre dos fue cordura; publicado, entre muchos, desacierto; lo que entõces fue necesario, i aora parecerà illicito: especialmente, no alcançandose las causas proximas de aquella accion; que pocas veçes las alcançara el pueblo, ni aun el Historiador mas diligente.

9;0;0;0;0;1

Que juicio, pues, se requiere, para calificar, o, reprobar un Hecho, censurar una determinacion, i sacar un advertimiento moral, tan necesario en la Historia, quanto afectado en algunos Autores sin limite ni tiempo.

8;3;0;1;0;2

Confirma este sentir (de mas de otras, profanos) el supremo exemplo de las sagradas letras; en cuyos libros Historiales apenas se hallarã clausula, que desviandose de la Narraciõn, se divierta a Moralidad; sino es en las locuciones, o conçiones de personajes introducidos, en cuyo nombre se dice como refiriendo, la sentencia i documento; i asi atribuyendose a las tales personas, no al Autor, se viene finalmente a refundir tõdo ello en pura Historia.

8;1;0;0;0;2

Con esta mengua comu(m) escusò esta desigualdad del Escritor el que dixo; que no se hace de otra manera un libro, sino es formandole de algunas cosas buenas, otras medianas, i no tales las mas : i con lo mismo consolamos, al que aviendo aspirado a lo sumo, se queda en lo mediano: Mas aquello, al fin, es obligaciõ(n) esto, consuelo.

9;0;0;0;0;3

es a saber, Anales atados a la Cronologia, con narraçio(n) seguida, hilada i conseqüente: tomando desta la continuacion de aquellos, la puntualidad, para que suavizada la precision de los Anales, i ajustando el discurso de la Narracion, viniese a ser la Historia asi escrita, una seguida, fiel i constante relacion de los sucesos.

5;1;0;0;0;5

Descubrense en la narraçion Historica los huesos nervios i musculos mas distintos, que en la del Poema i Oraciõn, donde se descubre mas el movimiento, brio, i orgullo; i una como erizada crin de la Elocuencia: En aquella, la voz es blanda i sosegada: En estos suena la trompa sonora.

7;0;0;0;0;6

Finalmente en las clausulas, cadenciã, i numeros, i en todo genio i curso de su estilo, ha de ser el Historiador, aun que tan aseado i corriente, pero no tan alto i brioso, como el Orador i Poeta.

10;2;0;1;0;0

Con esto no basta, al q[ue] en esta edad escribe, para grangear la gracia del letor, el deleitarle con lo dulce, o aprovecharle con lo util, ni mezclar entrambas cosas sazoadamente, para captarle el justo; (tan delicado, o, estragado esta;) sino se le presenta, para que le sepa bien, lo que apenas puede alcançar a que sabe:

8;2;0;1;0;2

Aqui principalmente es, a donde, o, se engañan, o se escandalizan luego los letores sencillos: por que, o, creen ser todas aquellas palabras salidas tan puntualmente de la boca del Personaxe que se introduçe como de la pluma del que las escribe; o, entendiendo lo contrario, desprecian dellas hasta los sentimientos i sustancia; i se les hace sospechos todo lo demas.

14;2;0;0;0;2

En las demas, aun que sean de las Facultades mas intrincadas, la materia de ordinario es tratada por muchos, el metodo, es vulgar; el estilo es mui sabido, conocidas las mayores dificultades; i arrimado el Autor a su Cuestion, o, al texto que explica, o, a la naturaleza de la cosa, que declara, con argumentos, i soluciones, adelantado algo mas lo que dixerõn otros, llena un volumen.

8;1;0;0;0;2

De esto ha de formar Idea el Historiador; i formada, dar cuerpo aun pensamiento vago i abstraído, colorirle, ataviarle, hermosearle temor en el mas valiente pincel, quanto mas en la pluma, que ha de retratar mas al vivo, no solo lo exterior, sino lo interior de lo que pinta.

12;2;0;0;0;8

Porque si de la historia, mas que de otra escritura, pende el comun provecho i reformation de las costumbres, el honor i estados de Principes, Reyes, i Pontifices de Familias, Republicas, i Monarquias; cuyos derechos se conservan en el archivo de la Historia, i se publican con su lengua; que raçon ai, para que tan grã(ñ) testigo i Depositario, no sea elegido con gran consejo i a luz de graves i ponderosas diligencias? Debrian acordarse las Republicas que fian mas de solo este Escritor, que de todos los otros, por excelentes que sean.

8;0;1;0;0;13

Ô que gran campo se nos descubria aqui, para discurrir en las alabanças i excelencias de la Historia! Pero no es este su lugar, ni el presente pide que nos alarguemos mas en los Requisitos i Precetos della: i asi me pareçio darles fin con un breve, i llano Epigrama, donde su Autor cifro lo principal i mas importante que dexamos advertido en la materia Digna si quieres escribir Historia El asunto e las fuerças examina i armado de Verdad i de dotrina A la empresa te apresta i la vitoria Entre el Poeta i Orador, su gloria tu medio estilo usurpe? i cristalina distincion q[ue] los tiempos determina de al Metodo igualdad i luz notoria escrita con severa diligencia Lima propria i agena, ni un defecto consientan en la obra, que desdiga Publica luz le niegue tu prudencia hasta que, libre ya del proprio afecto La mires como agena i como antiga.

9;0;0;0;0;4

Que diligencia no se descubre en aquella tã(n) puntual, quanto hermosa descripcion de Palestina i el Carmelo escrita en el Primer libro? Cual no, en la bien averiguada noticia de los Profetas, de sus vidas, acciones i Profecias, de que principalmente se trata en el segundo? O, cual mayor, que la que muestran los dificultosos puntos controvertidos en el tercero? Todo esta representando la Diligencia grande del Autor, Mas la Prudencia i Iuiçio (que es lo principal) adonde no campea? En la Eleccion, en la Disposicion i Exornacion de las cosas se descubre.

4;2;0;0;0;5

Advierten unos, que el estilo i language es mui subido para Historia, i mui artificioso para fraile Descalço: otros añaden; que se debieran escusar las controversias, i mucho mas el brio con que en ellas responde i arguye; pareciendoles no ser esto tan conforme a las leyes Historiales, ni a las que pide la modestia Religiosa i espeçialmente Descalça.

8;0;0;0;0;0

En usandose, o, desusandose, mayorme(n)te en la Corte (que es la Escuela de toda poliçia) el vocablo, o, frasi, que da calificado, o, reprobado.

7;1;0;0;0;8

I finalmente cõ(n)fieso, que en las palabras (indices del corazon) puede i suele aver dolo (sic??) daño, i veneno: pero eso es en materia i dogmas de Fe; i dotrinas, no en la galénteria i cultura del Estilo, el cual, sin este peligro i sin este daño, se haído siempre i en todas las naciones alterando i mudando, como avemos d(ic)ho dho.

9;1;0;0;0;1

La alteza de estilo en el Orador, es, tan suya, que debe para cumplir con su obligacion, subir hasta el peligro del despeño por que es loa particular de la Elocuencia, como tambien de algunas Artes, amar los precipicios: i no se tiene por excelente Artifice, el que alguna vez no pasa de la raya, transcendiendo las comunes leyes de su Arte; en la cual nunca exceder, es faltar.

10;1;0;0;0;1

Vse, pues, en hora buena el plebeyo del estilo de cobre, como de la moneda de cuartos, o, Vellon; que en boca de la Nobleça digo en la de los ingenios nobles, no ha de correr sino el de oro, o, plata, que es el mas puro, rico i levantado estilo.

6;2;0;0;0;6

Tambien en los Autores sagrados, i espeçialmente varones apostolicos toda su elocuencia era la sencillez de su eficacia, a la cual i ala jugosa devocion del sentir, impide el ambicion del hablar Satisfaçion pide esta objeçion; i para responder de raiz a ella, supongo, i digo; que a tres Principios podemos reducir la facultad i habilidad del hablar con elocuencia: a la Gracia, a la Naturaleça i al Arte.

12;1;0;0;0;5

Otros ai, de natural tan facundo i elocuente; que aun que poco, o, nada ayudados de superior i Especial espiritu, ni de artificio humano, facilmente, en qualquiera materia, discurren, declaran, dicen



i persuaden lo que quieren, hallandose en la boca las Sentencias i periodos rodados, sin mas estudio que dexarse llebar de su facilisimo i abundante genio, solo cultivado con el exerciçio del decir.

9;2;0;0;0;1

Supuestos estos tres principios de la Elocue(n)cia, digo; que, siendo necesaria para el Orador, o, Escritor Religioso, el tener alguna; debe, aun que en primer lugar procurar la divina, valerse tambien de la humana, esforçando la Naturaleza, i procurando el Arte

8;2;0;0;0;3

Pero porq[ue] no todas Veçes ni a todos, sino a mui raros infunde el cielo tan aventajada graçia; debemos, por nuestra parte, ayudarnos con el trabajo artificioso; esforçando la Naturaleza, i procurando el Arte ayudados de la misma gracia divina: para que, cuando ella no sea tan singular i copiosa, que por si sola nos lo de todo junto, podamos con el Estudio i el Ingenio, disponermos para la ocupacion mas divina.

6;2;0;0;0;5

Mas breve i no menos eficazmente responderemos ala objeçion de la Modestia Religiosa i Descalça, con el exemplo de los mas descalços i Reformados Santos de la Iglesia; en quienes hallaremos el Estilo mas culto i levantado que admite la Elocuencia; i admitelo tan alto, como avemos dicho, Entre los Padres Griegos, (por que empecemos dellos) quien en ñ(uest)ra edad osa competir con ambos Gregorios? con el gran Basilio, tan elegante, quanto Mõge?

8;1;0;0;0;1

q[ue] estraneça, como la del divino Areopagita lleno de prefieces, laconismos, Enfasis, misterios, i entusiasmos en su escribir; que, aun con sumo estudio, apenas se dexa entender: afectando misteriosa oscuridad, defendida por gravisimos autores.

14;2;0;0;0;2

Lleguemos a examinar al Dotor Maximo i no menos penitente San Geronimo; el cual, en la vida del Hermitano Pablo (cuyo estilo parece avia de ser horrible, como el Asunto) aun despues que, por acomodarse a los mas sencillos, o, menos cultos, trabajó mucho consigo en humillar su estilo; lo dexó tan sublime, que sera mas que osadia decir, que la mayor alteza de ñ(uest)ro siglo llega a la suya pues, por ser tanto su artificio, uno, quien (aun que impiamente, como otras cosas) calunniase la verdad de aquella relacion, diciendo, que el Santo en ella avia querido haçer no tanto verdadera Historia quanto prueba i ostentacion de su Elocuencia.

12;2;0;0;0;7

I si alguno opone, que todo el, por lo menos en el estilo, es llano i sin artificio: Demos de que se pudiera mostrar algo del divinisimo artificio, que esa misma llaneça ençierra de que divinamente trata el sutilisimo Augustino en los libros de Doctrina Xpiaña, respondiendo con nuestro Carmelita Mantuano, que tambien crio Dios al hombre desnudo: i cria no conoçido el pau, sino el grano en espiga; para que ayudados de nuestra misma industria nos aprovechemos de su liberalidad i asi tambien vistamos i adornemos con elegancia de Estilo la Verdad, desnuda en las sagradas letras, partiendo el grano, i haciendole harina, i pau, que nos sustente; i quebrando la nuez para comer el fruto della.

5;2;0;0;0;6

No puede venir; en que la liçencia del inventar i alterar la lengua (que siempre debe ser parca i respetosa, i concedida solo a los Doctos), aya de tomarsela cualquiera del pueblo i se haga señor de la lengua el vulgo; desquiciandola con tan libre osar, que cada uno invente a su alvedrio su vocablo, frasi transposicion, i particular Dialecto: i casi lengua nueva.

12;1;0;0;0;6

No basta q[ue] el concepto, o, pensamiento que exprime la lengua sea de oro, esto es que sea rico i precioso, ni basta, que, como èl, resplandeza i brille por de fuera (que esto, ha de tener para su perfeccion i hermosura) hade resplandecer tambien en lo hondo i çentro del; como el cristal i el diamante, descubriendo la fineça i riqueza de su mas intimo valor, con resplandores que por todas partes los cerquen, i, en que todo el estevanado.

4;0;0;0;0;5

como la luz del Sol mirada en su misma rueda causa tinieblas en la vista: i (por que lo confirmemos con el mayor exemplo) el mismo Dios, que por ser infinita luz se diçe abitar en luz inaccesible, respeto de nosotros, se dice tambien (en frasi Sagrada) habitar en nube, i estar rodeado de tinieblas i ser sumas alto i puro conoçimiento en esta vida una purisima oscuridad i rayo de tinieblas.

14;4;0;0;0;8

Pero cuando el objecto en si es claro i juntamente proporcionado i perceptible aun mediano ingenio; el escurerçerlo i entraparlo; vicio es del que abla, no del que oye; al cual es cosa aborrecible i enfadosa

topar, con un vulto de sombras i tenebrosidad, cargado de una i otra nube de metáforas, alegorias, tropos i figuras; que cuando lo desenbuelve, i llega al centro del, no halla sino un Juguete, o, conceptillo valadi, sin alma, sin vida, sin sustancia, sin ser: como figura fantástica, ornada de ropas rozagantes sobre palos viles.

1;2;0;0;0;5

Que importa, si pesa mas el bien que con los cuerdos i desapasionados se grangea el derecho i honor de una Religion; su posesion i costumbre; i otros muchos bienes que se siguen de publicar i defender esta verdad?

14;1;0;1;0;5

Sera mui bueno? que escriba el otro sus antojos, o, sus, repugnancias contra un Estado, Republica, o Naciõ(n), i que no haya quien vuelva por ella i su verdad? Corren los Escritos, i mayormente Historias, por todas las Edades i Naciones del Mundo, con la autoridad i fe que diximos deberseles; ganando tanto credito, su relacion, que a pocos años de antigüedad, adoramos por oraculo, lo que hallamos escrito sin contradiccion de aquel tiempo, aun que sea la mayor patraña del Mundo:

7;0;0;0;0;6

Por donde publicandose Escritos contra el honor i dignidad de una Religion Santa, de su Fundacion, o, Reforma, justisima i necesarisima obligacion es, responder a los Contrarios, i deshacer sus argumentos i calumnias: sopena de quedar en cuatro dias despojada esta Orden de su mayor lustre, i del provecho que a ella i toda la Iglesia se le sigue.

11;1;0;0;0;4

Porque quien duda la obligacion que ai en un Varon Perfeto, en un Religioso, i en cualquier Cristiano, de contenerse siempre en los limites de Modestia en tales ocasiones? pues toda la doctrina i exemplo de Cristo, i sus mas perfetos seguidores está, clamando, con el mismo Señor, que aprendamos del; no a fabricar el Mundo, ni hacer en el mismo Mundo maravillas, sino a ser mansos i humildes de coraçon, como, lo fue su Magestad.

11;3;0;0;0;3

El no scas veloz para airarte del Sabio lo admite, El no os aireis sin causa segun el Evangelio Hebreo, no lo condena con ella; la doctrina de los Padres, i Doctores lo aprueba; el exemplo de Cristo Pedro, Pablo, Moisen, Finees, Elias, Elisco, i otros muchos Santos lo escusa; i finalmente la ira justa del mismo Dios (de quien, escribio, Lactancio un libro) lo acredita.

8;4;0;0;0;4

Incredulos, i sin entendimiento a sus apóstoles, i a Pedro, Satanas: Moisen a todo un pueblo; neçio i insipiente, i el Apostol a Ananias; Principe de los Sacerdotes; pared enxalvegada, no inorando, sino ironiça(n)do despues, cuando dixo, que no sabia quien fuese el exprobrado; hiriendole entonces mas con la irrision.

2;0;0;1;0;6

Pues que si huviesemos de rebolver las Historias i Vidas de Santos? Un San Lorenço i San Vicente primos, i en el valor i libertad contra el Tirano mui hermanos? una Cecilia i una Inês? i a este modo pudieramos vaciar aqui el Mastrologio, o Calendario de los Santos.

10;3;0;0;0;6

Tambien eran fieles los Reyes de Israel, i Judá quienes los Profetas decian palabras mayores; i a Ieremias le hace Dios ciudad guarneçada, columna de yerro, i muro de bronce contra los Principes i Sacerdotes de su pueblo; donde (como dice San Geronimo) entram fïros Presbiteros i Obispos; que no, por la Dignidad, han de usurparse licencia contra todos, ni librarse de justa reprehension, i de que hallen a su tiempo columna de yerro i muro de bronce, donde estrellarse, si se encuentran: ayudando el Señor al Varon Santo, aunque se le oponga la mayor potencia del Mundo.

9;1;0;0;0;1

I de semejante Paçiençia parece (segun este Santo) burlò el Apostol, cuando escribio a los de Corinto diciendo, que de buena gana suprian a los neçios, siendo ellos sabios; i toleraban, que cualquiera los reduxe a miserable servidumbre, que se los tragase vivos, se apoderase dellos, se engriesse contra ellos, o, los diese de bofetadas.

7;3;0;0;0;5

Por que como son otros los instrumentos que se usan en tiempo de paz, i otros los que en tiempo de guerra; difere(ñ)tes los que ha menester el labrador, para cultivar los campos, de los que el soldado para vencer los enemigos; asi el letrado i Docto tiene necesidad de mas briosa i ardiente elocuençia, para redarguir una opinio(n), i defender una verdad; que para enseñarla i persuadirla, a quien, sin resistencia la abraça.

10;3;0;0;0;4

Asi se armaron, para semejantes ocasiones, los Santos mas humildes i modestos que conocemos en la Iglesia; un Basilio, un Geronimo, un Agustino, un Bernardo, un Tomas i un Buena Ventura, i otros muchos; los unos, en defensa de la Iglesia, los otros de su opinion, los otros de su Estado Religioso; sin que por esto incurriese alguno dellos en nota de menos modestia i humildad.

10;1;1;0;0;4

En lo cual todo se ha auido e con tal modestia i templança, que ha dado bien a entender cuan asentada tiene en su animo la imitation i dotrina de los Santos, contra cuyo exemplo, no solamente no se alarga i excede; pero es un açertado exemplo i dechado de como se han de tratar semejantes materias, para ni faltar al tiento que la Modestia pide, ni al brio que requiere la disputa, ni al zelo que se debe a la verdad, procurando siempre vencer sin herir, que es la destreça del otro, Hermes vincere, nec ferire doctus.

9;1;0;0;0;1

I quien por una espiga, que olvidada, o, despreçiada del Autor, hallò, ya le condena de negligente, mucho ignora, lo que cuesta dar cuerpo debido a una obra; la cual si el tomàra entre manos, por ventura la dexara sin alma, i sin cuerpo.

9;1;0;0;0;2

La Seguridad, pues, en todo lo que se se diçe i prueba es manifiesta: porque todo ella, o, es texto de la sagrada escritura, o, dotrina, de los Santos, o, tesoro de los mejores Eranos de la Historia; que todo esta lleno de Verdad i seguridad.

8;1;0;0;0;2

Digo, que, a mi parecer abraza todos los Requisitos, i todos los Peligros, con tanta diligencia, i con tanta destreça que ni Aristoteles, sustançialisimo Retorico; ni Quintiliano, Maestro de advertencias pudieran añadir ni quitar una: I asi juzgo han de sentirlo mismo esos Señores doctos de la Corte, cuya autoridad basta para calaficar cualquiera obra.

2;0;0;0;0;5

Çaragoça i Diciembre 12 de 1628 Al autor le plugo la advertencia por ser discretisima, i asi no quemò sino guardò i venerò el papel de Leonardo, i tomando su consejo convertio el Proemio en Epistola i ultimamente en este tratado Epistolar.

2.1.3. Tábua com a indicação do número de palavras por tipo de frase e por sequência, em *Genio A* (valores segundo A) e em *Genio B* (valores segundo B).

Valores segundo A

parte	Sequencia	total	iguais em A:B	diferentes em A:B	iguais em A=B	diferentes em A=B	diferentes em ExA	diferentes em NvA	iguais em B:A	diferentes em B:A	iguais em B=A	diferentes em B=A	diferentes em ExB	diferentes em NvB
I	<A seq 00>	1247						1247						
I	<A seq 00>	881	748	47	57	0	31							
I	<A seq 01>	345	297	29			18		748	180	57	2	845	
I	<A seq 02>	369	275	76			9		297	119			19	
I	<A seq 03>	282	272	11					275	98			262	
I	<A seq 04>	225	167	19	39	0			272	17			8	
I	<A seq 05>	270	226	29			19		167	53	39		12	
I	<A seq 06>	569	298	48	10	0	247		226	149			1063	
I	<A seq 07>	629	481	64	79	1	13		298	55	10		1046	
I	<A seq 08>	536	319	68			152		481	70	79		293	
I	<A seq 09>	323	41	25			257		319	202			1073	
I	<A seq 10>	347	255	41			56		41	95			660	
I	<A seq 11>	368	205	26	51	0	88		255	71			288	
I	<A seq 12>	327	270	61					205	79	51		219	
I	<A seq 13>	536	489	62					270	68			502	
I	<A seq 14>	629	409	31			192		489	66			71	
I	<A seq 15>	341							409	63			240	
I	<A seq 16>	1139						341						
I	<A seq 17>	342						1139						
II	<A seq 01>	655	551	114				342					91	
II	<A seq 02>	800	642	109	46	0	11		551	155			272	
II	<A seq 03>								642	189	46	2	370	

Valores segundo A

parte	Sequencia	total	iguais em A:B	diferentes em A:B	iguais em A=B	diferentes em A=B	diferentes em ExA	diferentes em NvA	iguais em B:A	diferentes em B:A	iguais em B=A	diferentes em B=A	diferentes em ExB	diferentes em NvB
II	<A seq 04>	280	201	21			58							
II	<A seq 04>								201	44			272	
II	<A seq 05>	794	633	132			37		633	176			69	
II	<A seq 05>													
II	<A seq 06>	775	624	93	57	0	13		624	171	57	1	209	
II	<A seq 06>													
II	<A seq 07>	813	679	70	79	0			679	168	79		142	
II	<A seq 07>													
II	<A seq 08>	1100	626	114			364		626	152			189	
II	<A seq 08>													
III	<A seq 01>	612	444	58			115		444	134			99	
III	<A seq 01>													
III	<A seq 02>	467	231	71	66	0	101		231	59	66		163	
III	<A seq 02>													
III	<A seq 03>	312	293	23					293	32			46	
III	<A seq 03>													
III	<A seq 04>	260	248	14					248	10			9	
III	<A seq 04>													
III	<A seq 05>	960	777	84	113	1			777	64	113	2	46	
III	<A seq 05>													
III	<A seq 06>	1098						1098					2256	293
III	<A seq 06>													

valores segundo B

RefB	iguais em B:A	diferentes em B:A	iguais em B=A	diferentes em B=A	diferentes em NvB	diferentes em ExB
<B,00>					2746	
<B,01,01,1>					167	
<B,01,01,2>					123	
<B,01,01,3>					139	
<B,01,01,4>					192	
<B,01,01,5>					237	
<B,01,01,6>					562	
<B,01,01,7>					294	
<B,01,02,0>						
<B,01,02,1>					305	
<B,01,02,2>					222	
<B,01,02,3>					161	
<B,01,02,4>					172	
<B,01,02,5>					203	
<B,01,02,6>					346	
<B,01,02,7>					232	
<B,01,03,0>						
<B,01,03,1>					344	
<B,01,03,2>					356	
<B,01,03,3>					280	
<B,01,03,4>					415	
<B,01,03,5>					313	
<B,01,04,0>						
<B,01,04,1>					351	
<B,01,04,2>					193	
<B,01,04,3>					791	
<B,01,04,4>					270	
<B,01,04,5>					379	
<B,01,04,6>					265	
<B,01,05,0>						
<B,01,05,1>					85	
<B,01,05,2>					135	
<B,01,05,3>					183	
<B,01,05,4>					234	
<B,01,05,5>					481	
<B,01,05,6>					215	
<B,01,05,7>					187	
<B,01,06,0>						
<B,01,06,1>					355	
<B,01,06,2>					470	
<B,01,06,3>					226	
<B,01,06,4>					405	
<B,01,07,0>						
<B,01,07,1>					89	
<B,01,07,2>					104	
<B,01,07,3>					442	
<B,01,07,4>					420	
<B,01,07,5>					248	
<B,01,08,0>						
<B,01,08,1>					83	
<B,01,08,2>					199	
<B,01,08,3>					145	
<B,01,08,4>					131	

## valores segundo B

RefB	iguais em B:A	diferentes em B:A	iguais em B=A	diferentes em B=A	diferentes em NvB	diferentes em ExB
<B,01,08,5>					102	
<B,01,08,6>					141	
<B,01,09,0>						
<B,01,09,1>						162
<B,01,09,2>	205	27				84
<B,01,09,3>						313
<B,01,09,4>						205
<B,01,09,5>	134	29				156
<B,01,09,6>	70	7				91
<B,01,10,0>						
<B,01,10,1>					142	
<B,01,10,2>					236	
<B,01,10,3>					130	
<B,01,10,4>					137	
<B,01,10,5>					170	
<B,02,01,0>						
<B,02,01,1>						187
<B,02,01,2>	145	33	51	0		10
<B,02,01,3>	60	46				209
<B,02,01,4>						198
<B,02,01,5>					458	
<B,02,01,6>					211	
<B,02,01,7>					238	
<B,02,02,0>						
<B,02,02,1>						117
<B,02,02,2>	9	11				229
<B,02,02,3>	123	25				230
<B,02,02,4>	138	32				43
<B,02,02,5>	248	39				11
<B,02,02,6>	241	27				60
<B,02,03,0>						
<B,02,03,1>	201	82				45
<B,02,03,2>	163	35				30
<B,02,03,3>	187	38				197
<B,02,03,4>	178	47				142
<B,02,03,5>	138	63	46	2		142
<B,02,03,6>	326	79				86
<B,02,04,0>						
<B,02,04,1>						111
<B,02,04,2>	64	17				263
<B,02,04,3>	137	27				9
<B,02,04,4>	279	123				40
<B,02,04,5>	354	53				29
<B,02,05,0>						
<B,02,05,1>	120	34				13
<B,02,05,2>	199	73	58	1		11
<B,02,05,3>	124	27				137
<B,02,05,4>	181	37				48
<B,02,05,5>	203	36	42	0		7
<B,02,05,6>	140	24	37	0		7
<B,02,05,7>	230	67				39
<B,02,05,8>	106	41				89



valores segundo B

RefB	iguais em B:A	diferentes em B:A	iguais em B=A	diferentes em B=A	diferentes em NvB	diferentes em ExB
<B,02,06,0>						
<B,02,06,1>	106	29				172
<B,02,06,2>	253	61				7
<B,02,06,3>	267	62				10
<B,02,06,4>	45	24			192	
<B,02,06,5>	210	47			587	
<B,02,06,6>					332	
<B,02,06,7>					369	
<B,02,06,8>					506	
<B,02,06,9>					272	
<B,02,07,0>						
<B,02,07,1>					562	
<B,02,07,2>					295	
<B,02,07,3>					284	
<B,02,07,4>					307	
<B,02,07,5>					276	
<B,02,08,0>						
<B,02,08,1>					226	
<B,02,08,2>					213	
<B,02,08,3>					324	
<B,02,08,4>					253	
<B,02,08,5>					235	
<B,02,08,6>					193	
<B,03,01,1>					190	
<B,03,01,2>					330	
<B,03,01,3>	187	23				110
<B,03,01,4>	95	39				162
<B,03,01,5>	103	48				306
<B,03,01,6>	175	12				8
<B,03,01,7>	188	58	57	2		259
<B,03,02,0>						
<B,03,02,1>	114	73				8
<B,03,02,2>	183	46				11
<B,03,02,3>	222	91				11
<B,03,02,4>	53	7				251
<B,03,02,5>	272	17				8
<B,03,02,6>	167	53	39	0		12
<B,03,03,0>						
<B,03,03,1>	100	70				37
<B,03,03,2>	54	10				416
<B,03,03,3>	72	69				505
<B,03,03,4>						105
<B,03,04,0>						
<B,03,04,1>	57	7				275
<B,03,04,2>	58	4	10	0		408
<B,03,04,3>	183	44				363
<B,03,04,4>	210	34	19	0		12
<B,03,04,5>	87	9	59	0		40
<B,03,04,6>	184	27				241
<B,03,04,7>						261
<B,03,05,0>						
<B,03,05,1>						409

valores segundo B

RefB	iguais em B:A	diferentes em B:A	iguais em B=A	diferentes em B=A	diferentes em NvB	diferentes em ExB
<B,03,05,2>	110	80				350
<B,03,05,3>	97	63				178
<B,03,05,4>	24	53				369
<B,03,05,5>	17	42				291
<B,03,06,0>						
<B,03,06,1>					257	
<B,03,06,2>					185	
<B,03,06,3>					508	
<B,03,06,4>					259	
<B,03,06,5>					283	
<B,03,06,6>					444	
<B,03,07,0>						
<B,03,07,1>					164	
<B,03,07,2>					367	
<B,03,07,3>					287	
<B,03,07,4>					310	
<B,03,07,5>					444	
<B,03,07,6>					338	
<B,03,07,7>	112	59				545
<B,03,08,1>	81	40				86
<B,03,08,2>	363	94				13
<B,03,08,3>						293
<B,03,08,4>	231	59	67	0		163
<B,03,08,5>	293	32				16
<B,03,08,6>	248	10				9
<B,03,08,7>	583	34				19
<B,03,08,8>	194	30	112	2		27
<B,03,09,0>						
<B,03,09,1>					219	
<B,03,09,2>					434	
<B,03,09,3>					136	
<B,03,09,4>					240	
<B,03,09,5>					180	
<B,03,09,6>					207	
<B,03,09,7>					326	
<B,03,09,8>					455	
<B,03,10,0>						
<B,03,10,1>					269	
<B,03,10,2>					260	
<B,03,10,3>					260	
<B,03,10,4>					682	
<B,03,10,5>					1432	
<B,03,10,6>					755	
<B,03,10,7>					297	
<B,99>					345	

#### 2.1.4. Representação de Genio A<sup>3</sup> e de Genio B<sup>4</sup>, segundo a ordem sequencial de frases.

Estes gráficos completam o apresentado no corpo do trabalho, em que se compara a sequência de frases de *Genio A* com frases de matérias idênticas em *Genio B*, permitindo visualizar de imediato, através da mancha, as partes da obra mais desenvolvidas e as frases mais extensas - a terceira parte de *Genio A* caracteriza-se por relativa escassez de frases, o que parece implicar que o autor lhes atribuiu importância relevante.

Estes gráficos são completados pela lista das frases, tendo-se anexado a tabela das frases com mais de 100 palavras. Sendo apenas quatro em *Genio A* (e mais de quarenta em *Genio B*) elas correspondem quase sempre a teses (iniciadas por si), teses exemplificadas ou frases-síntese, muitas vezes enunciadas através de forte apelação ao leitor (detectada pela interrogação, exclamação ou negativa).

---

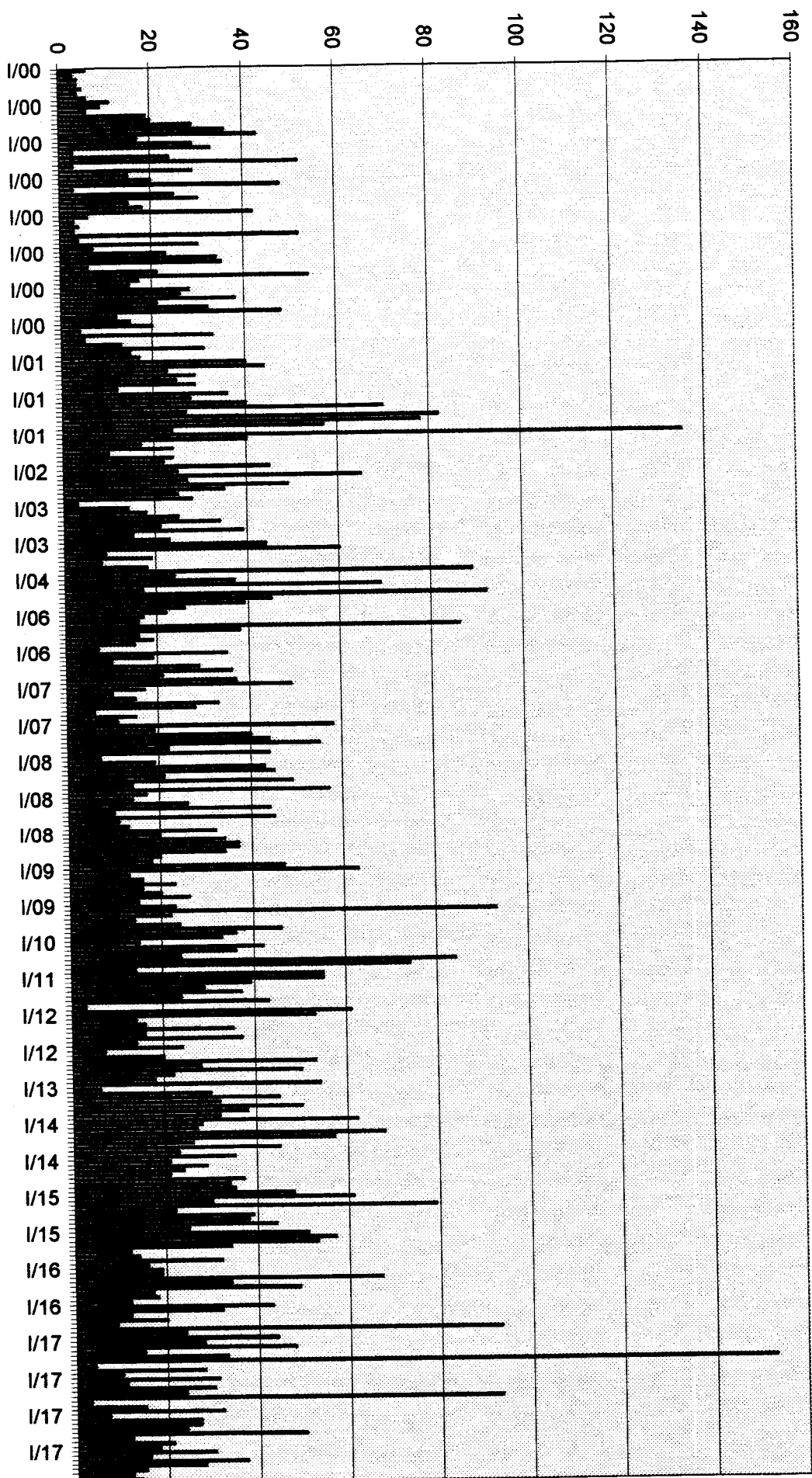
<sup>3</sup> A numeração romana indica a parte de *Genio A* a que se refere o gráfico, e os algarismos o capítulo a que se referem as frases.

<sup>4</sup> A letra B indica tratar-se de *Genio B*, os dois algarismos seguintes a parte (B,00 corresponde ao exórdio), os dois seguintes o capítulo e os dois últimos o subcapítulo, como já se disse.

Número de Palavras

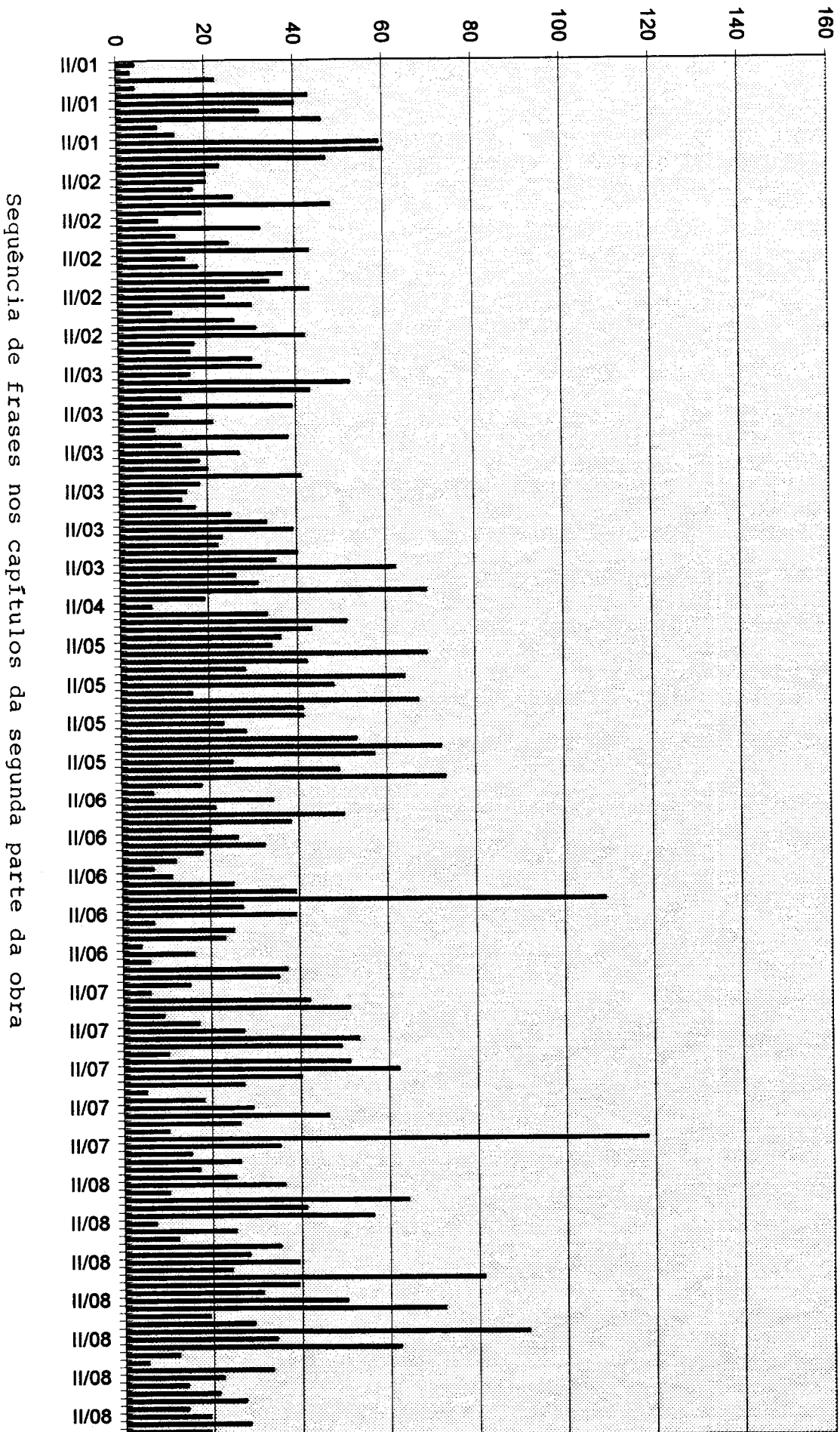
Gênio de la História A  
Variações do número de palavras por frase

Sequência de frases nos capítulos da primeira parte da obra



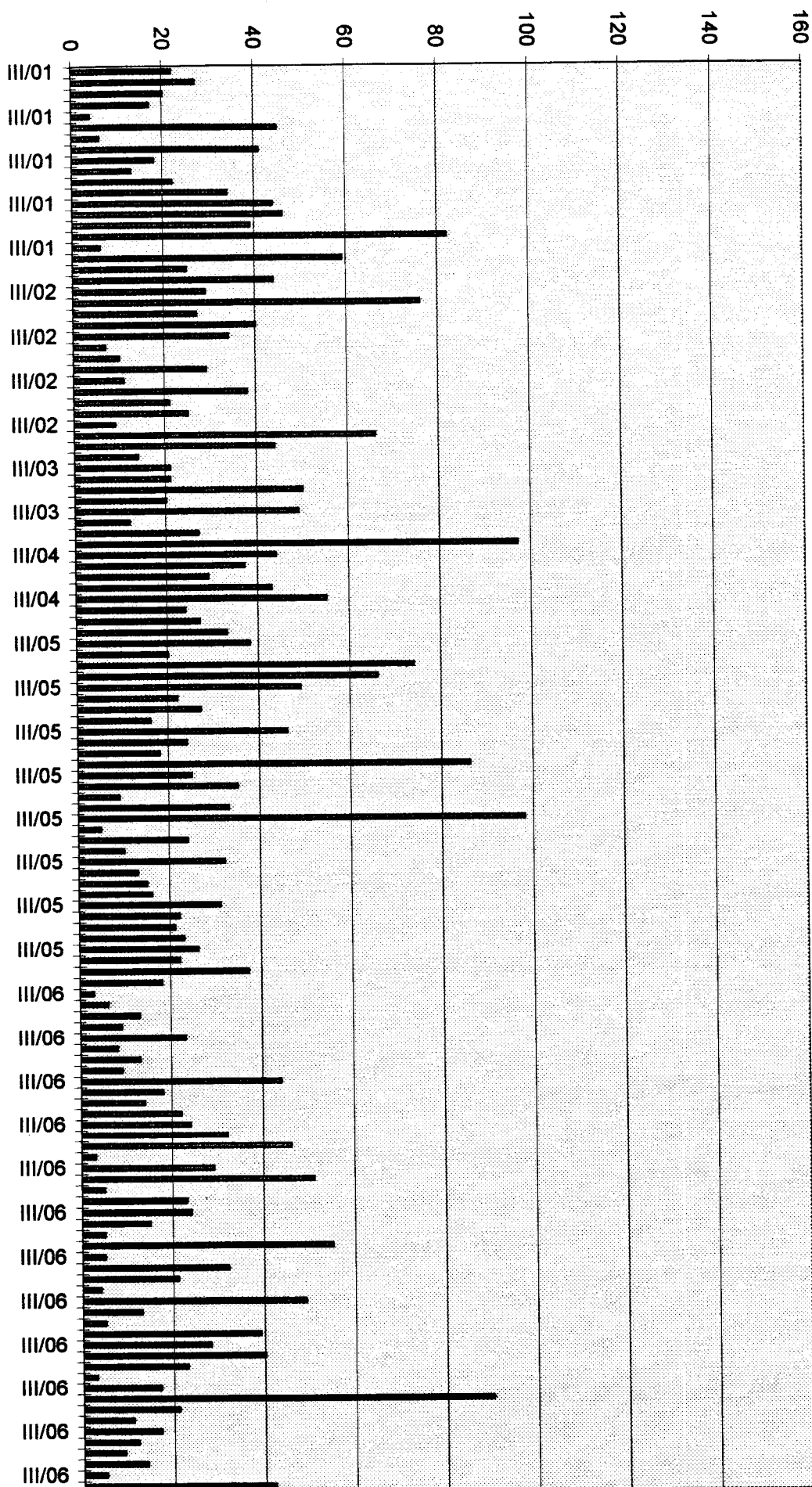
Número de Palavras

Gênio de Ia História A  
Variações do número de palavras por frase



Número de Palavras

Sequência de Frases nos capítulos da terceira parte da obra



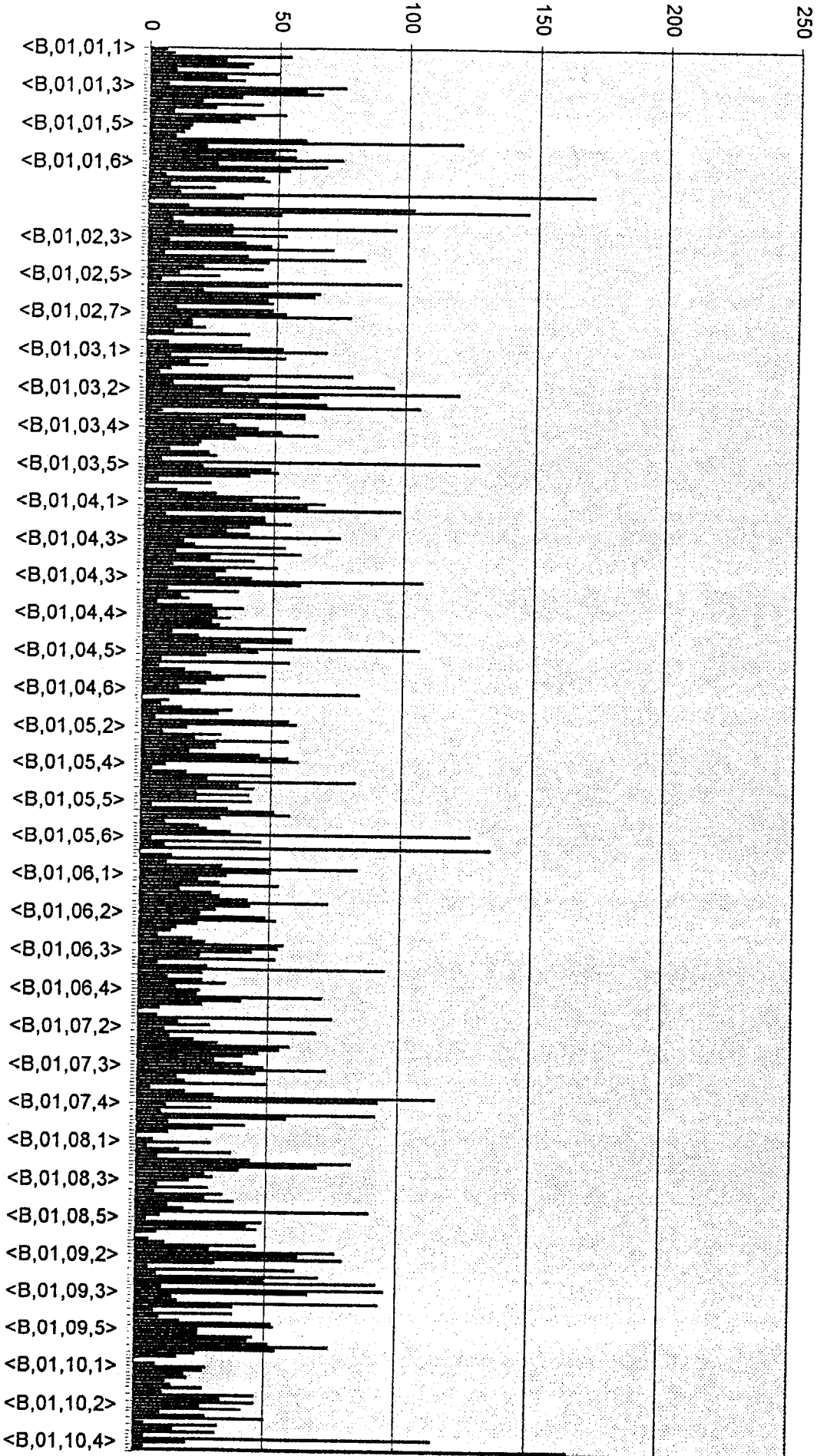
Variações do número de palavras por frase

Gênio de La História A



Número de Palavras

Genio de la Historia B  
Variações do número de palavras por frase



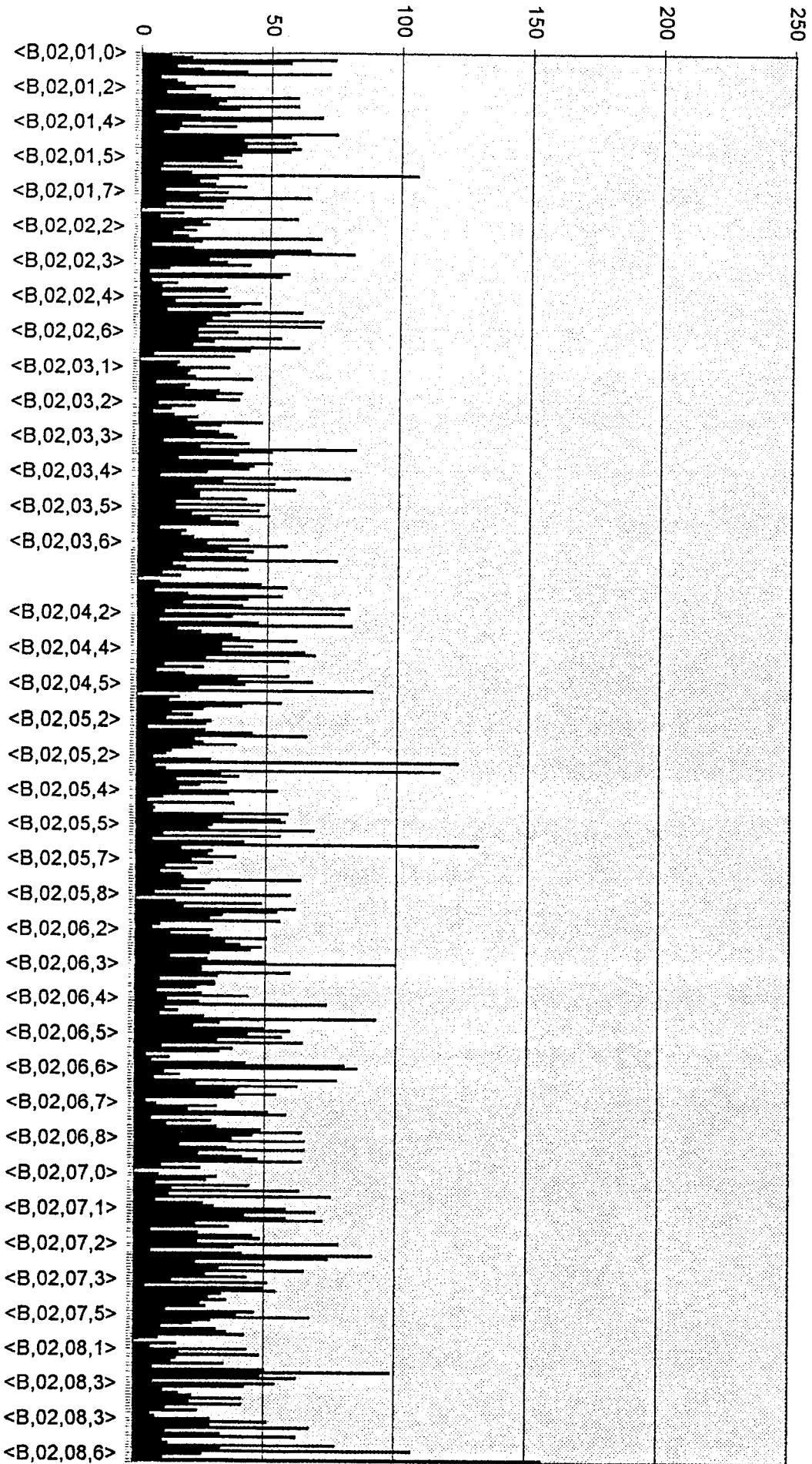
Sequência de frases nos capítulos da primeira parte da obra



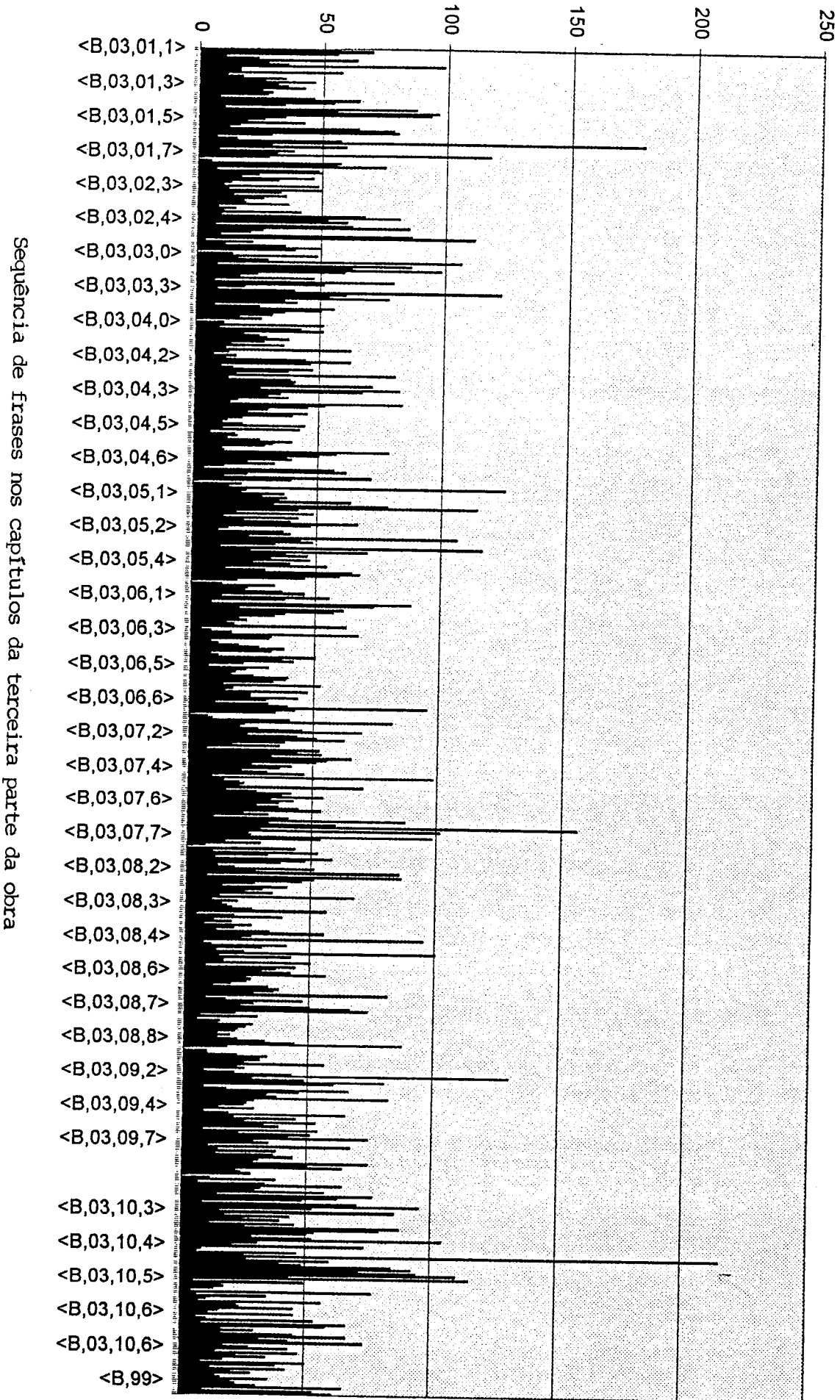
Número de Palavras

Genio de la Historia B  
Variações do número de palavras por frase

Sequência de frases nos capítulos da segunda parte da obra



Genio de la Historia B  
Variações do número de palavras por frase



Frases com mais de 100 palavras em A

Parte	Sequencia	Texto	n	palavras	Genio B
I	<A seq 01>	Como, los pleitos, diferencias; i aun, guerras, originadas del derecho, aveces no bien entendido de los Jurisconsultos: si nunca, entre ellos, oyó el nombre de Cebola, Vlpiano, o	1731	135	179
I	<A seq 17>	O que gran campo se nos descubriria aqui, para discuir en las alabanzas i excelencias de la Historia! Pero no es este su lugar, ni el presente pide que nos alarguemos mas en los	1953	153	
II	<A seq 06>	Lleguemos a examinar al Doctor Maximo i no menos penitente San Geronimo: el cual, en la vida del Hermitano Pablo (cuyo estilo parece avia de ser horrido, como el Asunto) aun	2109	109	123
III	<A seq 07>	I si alguno pone, que todo el, por lo menos en el estilo, es llano i sin artificio. Demos de que se pudiera mostrar algo del divinisimo artificio, que esa misma llaneza ençierra de que	2141	118	131

Frases com mais de 100 palavras em B

RefB	Texto	n	conta virgula	conta ponto e virgula	conta e	conta o	conta y	conta i	palavras
<B,00>	Porque habiendo dado la niñez a los primeros rudimentos de las primeras letras, la juventud	2680	13	3	0	0	14	0	184
<B,00>	El cual, después de haber dado en las insignes Universidades de Salamanca y Zaragoza	2682	12	1	0	0	7	0	131
<B,01,01,6>	Aquel gran Padre, honor de la Africa y lumbré de la Iglesia, Agustín 7,iqué estimulos y	2761	17	0	0	0	7	0	120
<B,01,01,7>	la envidia de los hermanos de José 11, el adulterio de David 12, Y otros semejantes delitos y	2771	21	0	0	1	7	0	171
<B,01,02,1>	Estiman, y con razón, los cuerdos mozos el consejo de los sabiosancianos: porque (como	2778	9	3	0	0	8	1	146
<B,01,02,1>	¿Qué provecho puede compararse con el que saca el hombre la lectura de la Historia, o qué	2777	9	2	0	2	5	0	102
<B,01,03,2>	Porque aunque los tales, en cuanto formalmente, en frase del Dialéctico, regidos del Divino	2836	14	0	0	0	8	0	120
<B,01,03,3>	Pero dejando los extraños, entre nuestros Reyes españoles hallamos a los dos Alfonsos 9	2842	13	0	0	0	9	0	105
<B,01,04,3>	Pasado algún tiempo, en el del Serenisimo Rey Don Felipe el Prudente, ya con más	2861	13	3	0	0	8	0	128
<B,01,04,5>	A Tito Livio 26 estimó con tan gran veneración su edad, quedese los últimos fines de	2892	12	1	0	0	7	0	107
<B,01,05,6>	Ya con otro género de división la Historia, una es natural, yotra moral; aquélla comprende	2922	8	1	0	0	5	0	106
<B,01,05,7>	Porque la Historia, o es moral, es a saber en orden a componerlas costumbres, o es tónica,	2979	14	3	0	2	6	0	126
<B,01,07,4>	A los que sabemos y vemos hoy las cosas, y las tocamos y traemos entre manos, nos cansa	2986	11	6	0	7	5	0	134
<B,01,10,4>	Sea también agradable porque lo voluntario, y que en algunamano se pudiera excusar	3061	14	2	0	1	12	0	114
<B,01,10,5>	Sean, finalmente, raras las digresiones, porque no se olvidela consecuencia de las cosas	3139	12	1	0	2	2	0	114
<B,02,01,6>	Porque si para este fin al principio de semejantesHistorias suele el buril en bien esculpida	3143	26	1	0	0	8	0	166
<B,02,05,3>	Lleguemos a examinar al doctor Máximo, y no menos penitente, austero y solitario monje,	3161	4	0	0	0	3	0	106
<B,02,05,3>	Y si alguno opone que todo su contexto, por lo menos en el estilo es llano y sin artificio,	2427	16	0	0	1	5	0	123
<B,02,05,7>	Con estoexusa su brevedad el autor de la Historia de los Macabeos, diciendo que como al	2432	15	1	0	0	10	0	116
<B,02,08,5>	Generalmente hablando y resumiendo este discurso, se debe advertir, que aunque se ha de	2472	10	1	0	0	11	0	131
<B,02,08,6>	¿Qué arte, aunque sea de las más ordinarias, viles y mecánicas que hay en la República,	3333	11	1	0	0	4	0	106
<B,03,01,7>	¿Cómo declarar los pleitos, diferencias, y aun guerras, originadas del derecho y leyes, a	3336	20	1	0	3	9	0	156
<B,03,01,7>	Y a esta especie de ella, entre los demás achaques suyos, que la hacen bastardear de la	1875	11	0	0	0	8	0	117
<B,03,02,6>	Es sin duda necesario tiempo al que escribe, para elegir o admitir un digno asunto: tiempo	1873	23	0	0	0	8	0	179
<B,03,03,1>	A lo cual respondo que, aunque es así verdad que hay los tales ingenios, veloces y	1928	19	1	0	1	15	0	111
<B,03,03,3>	En estos últimos no hay que escoger, sino bair la cabeza y recibir la carga, pero se ha de	1940	12	4	0	1	8	0	106
<B,03,05,1>	Halló acaso el historiador una escritura original tocante a materias gravísimas y secretísimas	1955	14	0	1	4	8	0	122
<B,03,05,2>	En aquéllas hay menos que deliberar, y aunque no todas deban siempre escribirse, pues las	2078	4	4	0	0	7	0	125
<B,03,05,3>	Y descendiendo en particular a las dos más universales especies o géneros de Historia, que	2095	13	1	0	1	5	0	114
<B,03,05,4>	Para conservarla se dice usan los tártaros en la provincia de Citalcay o Catalay, una notable	2101	12	1	0	3	9	0	106
<B,03,07,7>	Porque escribir de uno a su vista y a su registro y censura Historia de sus hechos y	2111	11	0	1	2	8	0	116
<B,03,07,7>	También eran fieles los Reyes de Israel y Judá a quienes los Profetas decían palabras	2062	13	3	0	1	10	0	156
<B,03,08,5>	Es así, que todo lo bueno procede y mana de Diosy que el principio de toda verdad, a donde	2064	7	1	0	4	6	0	101
<B,03,09,2>	Porque si bien se considera, ¿qué sucesos más prodigiosos y sabrosos que los del Génesis	2576	9	1	0	0	7	0	100
<B,03,10,4>	Lezana &se hacen ya lugar, y a este modo hay en las demás Religiones lossuyos, de que	3494	8	3	0	2	11	0	130
<B,03,10,5>	¿Cuándo se oyó de romano, griego o bárbaro, voz tan animosa y valiente: «Versa et	3577	8	0	0	0	8	0	104
<B,03,10,5>	Aqui segunda vezme lamento y quejo de algunos de los lectores cristianos, y que seprecian	3608	9	4	0	1	5	0	115
<B,03,10,5>		3613	33	1	0	2	10	0	215
<B,03,10,5>		3610	14	1	0	0	9	0	110

2.1.5. Tábua dos morfemas gramaticais e algumas terminações verbais utilizadas em *Genio A* e *Genio B* e respectiva frequência.

Total de Palavras em A e B

Classificacao	Texto	A	B
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>	ya que no	0	1
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>	donde quiera que	0	2
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>	de todas maneras	0	2
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>	de cualquier manera	0	1
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>	por culpa de	0	1
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>	en orden a	0	16
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ILATI</SUBCAT>	de suerte que	1	5
<CAT>PR</CAT>	de los que	9	22
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>	por lo cual	1	1
<CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>	por el contrario	1	5
<CAT>LOC</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>	al fin de	0	3
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>	como quiera que	0	2
<CAT>PR</CAT>	de las cuales	0	3
<CAT>PR</CAT>#(cuyas)	de las que	1	7
<CAT>PR</CAT>	de la cual	1	7
<CAT>LOC</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>	siendo asi que	0	1
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>	de veras	0	1
(PARTE FINAL da COMPARAÇÃO)	que no	36	97
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>LUGAR</SUBCAT>	a donde	4	4
<CAT>CONTP</CAT><NUM>P</NUM><GEN>F</GEN>	de las	23	133
<CAT>CONTP</CAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	de los	59	190
<CAT>CONTP</CAT><NUM>S</NUM><GEN>F</GEN>	de la	103	466
<CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>CAUS</SUBCAT>	asi como	1	0
<CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>	mientras no	1	1
<CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>	en tanto	0	1
<CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>	despues que	1	0
<CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>	desde que	0	1
<CAT>ADV</CAT>	a veces	0	11
<CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>	ya que	0	2
<CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>	pero que	0	1
<CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>CAUS</SUBCAT>	asi que	0	1
<CAT>LOCONJ</CAT><SUBCAT>ADVS</SUBCAT>	sin embargo	0	1
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>	y cuando	0	1
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>TEM</SUBCAT>	siempre que	1	4
<CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>ADVS</SUBCAT>	sino que	4	11
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>	delante de	0	1
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>DUV</SUBCAT>	tal vez	2	23
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>	aunque no	1	8
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>COND</SUBCAT>	con que	12	45
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>	puesto que	0	2
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>	acerca de	1	1
<CAT>INT</CAT>	a quien	7	27
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>	bien que	2	9
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>COND</SUBCAT>	cuanto más	0	3
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>	aun cuando	1	4
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>	de donde	2	4
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>	ni aun	5	10
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>	cualquiera que	1	2
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>	si bien	5	9
<CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>	fuera de	0	2
<CAT>INT</CAT>	con quien	1	2
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>FINAL</SUBCAT>	para que	23	67
<CAT>LOC</CAT>	en que	9	44
<CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ACLARATIVA</SUBCAT>	a saber	5	24
<CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ACLARATIVA</SUBCAT>	esto es	7	21
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>COND</SUBCAT>	como si	4	6
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>COND</SUBCAT>	en cuanto	0	5
<CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>	mas que	9	1
<CAT>LOC</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>	de que	14	35
<CAT>LOC</CAT><SUBCAT>CAUSANEG</SUBCAT>	sin que	2	12
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>	con todo	1	12
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONDNEG</SUBCAT>	si no	3	18
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>	ya no	2	9
<CAT>PPOT</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM>	entre si	1	0
<CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>	se las	2	2

Total de Palavras em A e B

Classificacao	Texto	A	B
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>DUV</SUBCAT>	acaso	1	3
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>DUV</SUBCAT>	talvez	7	1
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>LUG</SUBCAT>	lejos	0	1
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>D</SUBCAT>	siempre	12	54
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>AF</SUBCAT>	si	52	154
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>LUG</SUBCAT>	alla	1	0
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>LUG</SUBCAT>	cerca	1	4
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>INDEF</SUBCAT><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>	un	48	237
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>LUG</SUBCAT>	aqui	8	8
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>D</SUBCAT>	demasiado	1	4
<CAT>ADJ</CAT>	*issima	1	0
<CAT>ADJ</CAT>	bien	21	58
<CAT>ADVQUA</CAT>	muy	0	182
<CAT>ADV</CAT>	mucho	8	62
<CAT>ADJ</CAT>	*isimo	8	10
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>AF</SUBCAT>	tanbien	10	0
<CAT>ADJ</CAT>	*isima	12	9
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>AF</SUBCAT>	asimismo	0	7
<CAT>ADV</CAT>	aveces	1	0
<CAT>ADV</CAT>	debajo	0	2
<CAT>ADV</CAT>	fuera	8	18
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>DEF</SUBCAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	los	112	524
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>	cuanto	17	36
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>LUG</SUBCAT>	alli	4	6
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>	hoy	0	13
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>	luego	3	7
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>	asi	22	24
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>DEF</SUBCAT><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>	las	77	432
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>	ayer	2	3
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>DEF</SUBCAT><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>	la	300	1628
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>DEF</SUBCAT><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>	el	329	1275
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>DEF</SUBCAT><NUM>S</NUM><GEN>NEU</GEN>	lo	151	580
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>INDEF</SUBCAT><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>	unas	1	15
<CAT>PR</CAT><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>	cuyas	3	8
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>INDEF</SUBCAT><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>	una	39	240
<CAT>PR</CAT><NUM>S</NUM>	quien	13	59
<CAT>ADVB</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>	*mente	67	405
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>NEG</SUBCAT>	nunca	3	19
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>	como	59	291
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>	despacio	1	1
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>	mal	3	11
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>	despues	5	2
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>NEG</SUBCAT>	no	134	413
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>	antes	9	35
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>NEG</SUBCAT>	tampoco	0	10
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>QUA</SUBCAT>	casi	8	30
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>QUA</SUBCAT>	bastante	1	4
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>QUA</SUBCAT>	poco	12	19
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>QUA</SUBCAT>	algo	3	20
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>	ahora	0	38
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>NEG</SUBCAT>	jamás	2	0
<CAT>PPOA</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM>	os	1	6
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ILATI</SUBCAT>	conque	0	1
<CAT>PPR</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM>	yo	19	40
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ILATI</SUBCAT>	entonces	1	30
<CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM>	les	1	16
<CAT>PI</CAT><NUM>S</NUM>	cualquier	1	24
<CAT>PPOA</CAT><PES>2</PES><NUM>S</NUM>	te	2	9
<CAT>PPD</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>	esas	0	2
<CAT>PPOA</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM>	me	30	33
<CAT>PPOA</CAT><PES>1</PES><NUM>P</NUM>	nos	11	29
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>	tan	42	153
<CAT>PR</CAT><NUM>S</NUM>	cuales	3	18
<CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES>	se	181	893
<CAT>PPR</CAT><PES>1</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	nosotros	2	6

Total de Palavras em A e B

Classificacao	Texto	A	B
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>DUV</SUBCAT>	acaso	1	3
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>DUV</SUBCAT>	talvez	7	1
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>LUG</SUBCAT>	lejos	0	1
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>D</SUBCAT>	siempre	12	54
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>AF</SUBCAT>	si	52	154
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>LUG</SUBCAT>	alla	1	0
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>LUG</SUBCAT>	cerca	1	4
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>INDEF</SUBCAT><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>	un	48	237
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>LUG</SUBCAT>	aqui	8	8
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>D</SUBCAT>	demasiado	1	4
<CAT>ADJ</CAT>	*issima	1	0
<CAT>ADJ</CAT>	bien	21	58
<CAT>ADVQUA</CAT>	muy	0	182
<CAT>ADV</CAT>	mucho	8	62
<CAT>ADJ</CAT>	*isimo	8	10
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>AF</SUBCAT>	tambien	10	0
<CAT>ADJ</CAT>	*isima	12	9
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>AF</SUBCAT>	asimismo	0	7
<CAT>ADV</CAT>	aveces	1	0
<CAT>ADV</CAT>	debajo	0	2
<CAT>ADV</CAT>	fuera	8	18
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>DEF</SUBCAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	los	112	524
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>	cuanto	17	36
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>LUG</SUBCAT>	alli	4	6
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>	hoy	0	13
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>	luego	3	7
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>	asi	22	24
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>DEF</SUBCAT><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>	las	77	432
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>	ayer	2	3
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>DEF</SUBCAT><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>	la	300	1628
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>DEF</SUBCAT><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>	el	329	1275
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>DEF</SUBCAT><NUM>S</NUM><GEN>NEU</GEN>	lo	151	580
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>INDEF</SUBCAT><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>	unas	1	15
<CAT>PR</CAT><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>	cuyas	3	8
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>INDEF</SUBCAT><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>	una	39	240
<CAT>PR</CAT><NUM>S</NUM>	quien	13	59
<CAT>ADVB</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>	*mente	67	405
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>NEG</SUBCAT>	nunca	3	19
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>	como	59	291
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>	despacio	1	1
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>M</SUBCAT>	mal	3	11
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>	despues	5	2
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>NEG</SUBCAT>	no	134	413
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>	antes	9	35
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>NEG</SUBCAT>	tampoco	0	10
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>QUA</SUBCAT>	casi	8	30
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>QUA</SUBCAT>	bastante	1	4
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>QUA</SUBCAT>	poco	12	19
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>QUA</SUBCAT>	algo	3	20
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>T</SUBCAT>	ahora	0	38
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>NEG</SUBCAT>	jamás	2	0
<CAT>PPOA</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM>	os	1	6
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ILATI</SUBCAT>	conque	0	1
<CAT>PPR</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM>	yo	19	40
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>ILATI</SUBCAT>	entonces	1	30
<CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM>	les	1	16
<CAT>PI</CAT><NUM>S</NUM>	cualquier	1	24
<CAT>PPOA</CAT><PES>2</PES><NUM>S</NUM>	te	2	9
<CAT>PPD</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>	esas	0	2
<CAT>PPOA</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM>	me	30	33
<CAT>PPOA</CAT><PES>1</PES><NUM>P</NUM>	nos	11	29
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>	tan	42	153
<CAT>PR</CAT><NUM>S</NUM>	cuales	3	18
<CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES>	se	181	893
<CAT>PPR</CAT><PES>1</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	nosotros	2	6



Total de Palavras em A e B

Classificacao	Texto	A	B
<CAT>PR</CAT><NUM>S</NUM>	cual	13	68
<CAT>PPD</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>	ese	2	15
<CAT>PPOT</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM>	consigo	1	6
<CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>	le	45	122
<CAT>PPD</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>	esta	49	196
<CAT>PPOT</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM>	conmigo	1	1
<CAT>PPD</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>	esa	4	12
<CAT>PPD</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>	estas	4	31
<CAT>PPD</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>	aquel	6	44
<CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>	varia	0	3
<CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>P</NUM>	todos	3	50
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>PRE</SUBCAT>	apenas	2	17
<CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>P</NUM>	otros	7	89
<CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>P</NUM>	varios	0	3
<CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>	toda	10	69
<CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>	tanta	2	8
<CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>	otra	7	79
<CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>	ninguna	6	18
<CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>S</NUM>	misma	9	49
<CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>	varias	0	9
<CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>	todas	5	64
<CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>P</NUM>	mismos	0	18
<CAT>PI</CAT><NUM>P</NUM>	cualquiera	4	14
<CAT>PI</CAT><GEN>NEU</GEN>	cada	12	55
<CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>P</NUM>	tantos	0	8
<CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>	vario	0	1
<CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>	algun	2	0
<CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>	todo	12	157
<CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>	otro	7	61
<CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>	ninguno	1	2
<CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>	mismo	6	100
<CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>	algunos	9	36
<CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>	algunas	3	18
<CAT>PI</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>	alguna	10	75
<CAT>PPS</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>	suya	4	26
<CAT>PR</CAT>	cuantas	0	2
<CAT>PPR</CAT><PES>2</PES>	vos	0	2
<CAT>PR</CAT>	cuando	14	95
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCES</SUBCAT>	empero	2	8
<CAT>PPS</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>	suyo	1	26
<CAT>PR</CAT>	cuantos	1	3
<CAT>PPS</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM>	su	76	515
<CAT>PPS</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	suyos	1	6
<CAT>PPS</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>	suyas	0	4
<CAT>PPS</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM>	sus	16	164
<CAT>PPS</CAT><PES>2</PES><NUM>S</NUM>	tu	2	5
<CAT>PR</CAT>	adonde	1	2
<CAT>PI</CAT>	nadie	1	15
<CAT>PR</CAT>	donde	10	50
<CAT>PR</CAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	cuyos	6	5
<CAT>PR</CAT><NUM>P</NUM>	quienes	1	7
<CAT>PR</CAT>	cuanta	2	1
<CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>	mismas	3	15
<CAT>PPD</CAT><GEN>M</GEN><NUM>S</NUM>	este	26	156
<CAT>PI</CAT>	nada	3	7
<CAT>PPD</CAT><GEN>NEU</GEN>	esto	20	118
<CAT>PPD</CAT><GEN>NEU</GEN>	eso	0	23
<CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>	tantas	2	6
<CAT>PR</CAT>	que	272	1623
<CAT>PPR</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>	ella	5	109
<CAT>PPS</CAT><PES>1</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>	nuestra	3	35
<CAT>PPS</CAT><PES>2</PES><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>	tuya	0	1
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>	aunque	3	113
<CAT>PPR</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>NEU</GEN>	ello	0	10
<CAT>PPS</CAT><PES>1</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>	nuestras	1	2

Total de Palavras em A e B

Classificacao	Texto	A	B
<CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	se les	4	12
<CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>	se la	3	5
<CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>	se le	10	24
<CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM><GEN>NEU</GEN>	se lo	0	3
<CAT>PPOT</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM>	a mi	6	7
<CAT>PPOT</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM>	en mi	0	2
<CAT>PPOT</CAT><PES>2</PES><NUM>S</NUM>	a ti	0	1
<CAT>PPOA</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM>	se los	2	3
<CAT>PPOT</CAT><PES>3</PES>	de si	4	3
<CAT>PR</CAT>	del que	13	33
<CAT>PPOT</CAT><PES>3</PES><NUM>S</NUM>	en si	3	4
<CAT>PR</CAT>	del cual	0	2
<CAT>PR</CAT>	la cual	14	26
<CAT>PR</CAT>	la que	11	32
<CAT>PR</CAT>	las cuales	7	10
<CAT>PR</CAT>	las que	3	22
<CAT>PR</CAT>	los cuales	5	18
<CAT>PR</CAT>	los que	19	64
<CAT>PR</CAT>#(quien)	el cual	9	17
<CAT>PPOT</CAT><PES>2</PES><NUM>S</NUM>	de ti	1	2
<CAT>PI</CAT><GEN>FEM</GEN><NUM>P</NUM>	otras	19	66
<CAT>CONTP</CAT><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>	ala	8	5
<CAT>CONTP</CAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	alos	3	3
<CAT>CONTP</CAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	delos	2	4
<CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>DIJ</SUBCAT>	o	95	467
<CAT>CONTP</CAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	dellos	5	0
<CAT>CONTP</CAT><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>	alas	0	1
<CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>COPNEG</SUBCAT>	ni	70	160
<CAT>CONTP</CAT><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>	dela	8	15
<CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>DIJ</SUBCAT>	sea	18	110
<CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>COP</SUBCAT>	y	4	3090
<CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>COP</SUBCAT>	i	840	7
<CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>COP</SUBCAT>	e	7	28
<CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>CAUSAL</SUBCAT>	porque	17	160
<CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>ADVS</SUBCAT>	mas	123	8
<CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>DIJ</SUBCAT>	u	1	1
<CAT>PREP</CAT>	para	92	357
<CAT>PR</CAT><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>	cuya	18	33
<CAT>PR</CAT><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>	cuyo	12	20
<CAT>PREP</CAT>	ante	0	1
<CAT>PREP</CAT>	bajo	0	3
<CAT>PREP</CAT>	con	187	576
<CAT>PREP</CAT>	contra	21	37
<CAT>PREP</CAT>	de	623	2204
<CAT>PREP</CAT>	desde	2	9
<CAT>PREP</CAT>	en	371	1475
<CAT>PREP</CAT>	entre	15	72
<CAT>LOC</CAT><SUBCAT>ADVNEG</SUBCAT>	sino	39	122
<CAT>PREP</CAT>	hasta	13	23
<CAT>CONTP</CAT><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>	della	6	0
<CAT>PREP</CAT>	por	145	472
<CAT>PREP</CAT>	sobre	16	26
<CAT>PREP</CAT>	tras	2	2
<CAT>PREP</CAT>	a	272	880
<CAT>PREP</CAT><SUBCAT>NEG</SUBCAT>	sin	43	121
<CAT>PT</CAT>	D.	1	1
<CAT>PT</CAT>	Don	1	10
<CAT>ART</CAT><SUBCAT>INDEF</SUBCAT><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	unos	2	18
<CAT>PT</CAT>	Senor	0	1
<CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>	pero	27	115
<CAT>CONTP</CAT><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>	del	159	470
<CAT>CONTP</CAT><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>	al	85	258
<CAT>PREP</CAT>	hacia	0	1
<CAT>ADV</CAT><SUBCAT>D</SUBCAT>	tanto	12	41
<CAT>CONJ</CAT><SUBCAT>ADV</SUBCAT>	excepto	0	1

Total de Palavras em A e B

Classificacao	Texto	A	B
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONTICAU</SUBCAT>	pues	20	110
<CAT>PPR</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	ellos	3	62
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>DET</SUBCAT>	tal	6	62
<CAT>PPR</CAT><PES>3</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>	ellas	4	46
<CAT>PPR</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	vosotros	0	2
<CAT>PPS</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM>	tus	0	2
<CAT>PPS</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	vuestros	0	1
<CAT>PPS</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	vuestro	0	1
<CAT>PPS</CAT><PES>1</PES><NUM>P</NUM>	mis	4	3
<CAT>PPS</CAT><PES>2</PES><NUM>P</NUM><GEN>FEM</GEN>	vuestra	0	6
<CAT>PPS</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM><GEN>M</GEN>	mio	1	0
<CAT>PPS</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM><GEN>FEM</GEN>	mia	1	0
<CAT>PPS</CAT><PES>1</PES><NUM>S</NUM>	mi	7	19
<CAT>PPS</CAT><PES>1</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	nuestros	0	8
<CAT>PPS</CAT><PES>1</PES><NUM>P</NUM><GEN>M</GEN>	nuestro	4	24
<CAT>LOCADV</CAT><SUBCAT>CONCESD</SUBCAT>	siquiera	0	6

Texto	TextoA	TextoB	n01a	n02A	n03A	n04A	n05A	n06A	n07A	n08A	n09A	n10A	n01B	n02B	n03B	n04B	n05B	n06B	n07B	n08B	n09B	n10B
dice	13	39	4555	4648	4658	4679	4691	4704	4729	4730	4731	4741	439	443	448	457	460	461	463	470	472	476
dican	2	7	0	0	0	0	0	0	0	0	4634	4647	0	0	0	126	224	245	263	427	461	483
dices	2	4	0	0	0	0	0	0	0	0	4640	4731	0	0	0	0	0	0	251	368	451	496
dichas	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4680	0	0	0	0	0	0	0	0	0	305
dicho	4	13	0	0	0	0	0	0	4555	4598	4687	4741	221	258	302	315	316	401	451	456	486	495
diciendo	4	14	0	0	0	0	0	0	4490	4641	4694	4707	254	289	366	392	423	438	463	465	472	473
estais	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4687	0	0	0	0	0	0	0	0	0	315
estan	7	2	0	0	0	0	4494	4515	4599	4648	4679	4703	0	0	0	0	0	0	0	0	388	407
estar	4	7	0	0	0	0	0	0	4538	4540	4704	4730	0	0	0	13	110	337	366	416	443	450
estas	13	39	4593	4594	4595	4599	4606	4662	4666	4731	4737	4741	449	451	454	457	470	477	483	489	493	495
estuvo	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4626	0	0	0	0	0	0	0	0	234	235
hacen	6	21	0	0	0	0	4474	4496	4574	4598	4653	4726	360	406	436	446	447	457	470	471	477	495
hacer	1	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4499	403	409	416	443	444	449	463	470	495	496
haciendo	1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4516	0	0	0	0	0	78	105	195	380	498
podieran	3	7	0	0	0	0	0	0	0	4490	4601	4690	0	0	0	37	318	331	380	410	441	469
podieran	2	5	0	0	0	0	0	0	0	0	4619	4741	0	0	0	0	0	225	263	342	380	498
podieron	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4647	0	0	0	0	0	0	0	190	407	416
pueblo	1	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4695	0	0	0	0	109	121	187	364	476	488
pueda	4	22	0	0	0	0	0	0	4616	4700	4709	4741	268	380	391	413	421	444	462	491	495	497
puedan	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4536	0	0	0	0	0	0	0	0	104	463
puede	20	93	4640	4650	4674	4692	4695	4719	4721	4723	4725	4731	471	473	475	476	479	480	486	492	494	498
pueden	3	24	0	0	0	0	0	0	0	4463	4474	4710	409	418	420	445	447	470	485	489	492	496
puedo	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4481	0	0	0	0	0	0	0	0	26	331
quier	6	30	0	0	0	0	4474	4484	4577	4598	4680	4722	380	394	413	417	447	453	461	468	478	494
quiera	8	31	0	0	4465	4599	4602	4634	4647	4695	4730	4741	420	434	441	448	455	456	466	480	483	497
quiere	7	27	0	0	0	0	4598	4601	4688	4730	4731	4741	397	421	423	439	450	455	463	475	485	489
quieren	2	7	0	0	0	0	0	0	0	0	4469	4564	0	0	0	6	11	103	113	146	325	399
quieres	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4599	0	0	0	0	0	0	0	0	0	79
quiero	3	7	0	0	0	0	0	0	0	4463	4510	4513	0	0	0	14	52	75	113	380	408	476
quisiera	2	3	0	0	0	0	0	0	0	0	4534	4741	0	0	0	0	0	0	0	14	101	495
quisiere	1	7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4611	0	0	0	0	69	135	214	267	380	453
quisieron	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4550	0	0	0	0	0	0	0	0	125	156
quiso	3	4	0	0	0	0	0	0	0	4499	4701	4741	0	0	0	0	0	0	49	230	333	410
responde	3	5	0	0	0	0	0	0	0	4601	4670	4673	0	0	0	0	0	58	133	294	428	453
responder	7	9	0	0	0	0	4496	4601	4647	4719	4723	4731	4741	0	46	192	263	351	354	356	357	368
responder	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	4641	4654	0	0	0	0	0	0	0	0	254	274
respondid	3	1	0	0	0	0	0	0	0	4601	4707	4729	0	0	0	0	0	0	0	0	0	364
respondo	2	3	0	0	0	0	0	0	0	0	4619	4632	0	0	0	0	0	0	0	58	243	318
sabe	4	8	0	0	0	0	0	0	4494	4520	4545	4701	0	0	33	43	83	116	333	391	433	446
saber	1	12	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4707	17	79	380	394	418	427	443	470	494	495
saberla	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4700	0	0	0	0	0	0	0	0	0	332
sabia	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4729	0	0	0	0	0	0	0	0	69	364

Texto	TextoA	TextoB	n01a	n02A	n03A	n04A	n05A	n06A	n07A	n08A	n09A	n10A	n01B	n02B	n03B	n04B	n05B	n06B	n07B	n08B	n09B	n10B
tiende	5	11	0	0	0	0	0	4463	4478	4488	4489	4648	36	103	263	384	444	460	461	468	479	497
tiene	21	69	4599	4641	4642	4659	4669	4700	4709	4731	4733	4741	463	469	470	472	483	486	493	494	495	496
tiemen	3	24	0	0	0	0	0	0	0	4463	4473	4614	432	455	456	457	471	488	489	494	495	496
tiendo	1	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4733	0	0	0	0	0	0	325	371	438	450
tiendra	4	1	0	0	0	0	0	0	0	4490	4599	4696	0	0	0	0	0	0	0	0	0	495
tiende	2	4	0	0	0	0	0	0	0	0	4474	4738	0	0	0	0	0	0	113	380	473	492
tiende	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4669	0	0	0	0	0	0	0	0	438	488
tiense	4	4	0	0	0	0	0	0	4526	4599	4608	4715	0	0	0	0	0	0	57	90	209	479
tiere	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	4599	4601	0	0	0	0	0	0	0	0	0	443
tiere	13	26	4523	4574	4599	4640	4645	4659	4687	4729	4732	4740	402	422	423	427	442	450	483	486	494	495
tiere	3	4	0	0	0	0	0	0	0	4513	4599	4661	0	0	0	0	0	0	75	282	291	447

qTerminações

Texto	TextoA	TextoB	n01a	n02A	n03A	n04A	n05A	n06A	n07A	n08A	n09A	n10A	n01B	n02B	n03B	n04B	n05B	n06B	n07B	n08B	n09B	n10B	
*ais	4	1	0	0	0	0	0	0	4523	4687	4716	4731	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	315
*eras	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	57
*esses	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	79
*eres	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4599	0	0	0	0	0	0	0	0	0	79	470
*ad	112	435	4703	4704	4718	4719	4723	4724	4729	4730	4731	4741	486	487	488	489	491	493	494	495	496	498	498
*ed	24	93	4636	4654	4687	4694	4701	4703	4719	4729	4730	4741	460	461	462	463	472	489	491	491	494	495	496
*id	50	221	4700	4701	4704	4718	4719	4723	4724	4730	4731	4741	485	486	487	488	489	491	494	494	495	496	498
*iera	25	52	4601	4602	4634	4647	4690	4693	4695	4696	4730	4741	448	455	456	465	466	469	480	480	483	495	497
*ar	200	720	4721	4722	4727	4729	4730	4731	4732	4733	4739	4741	487	489	491	492	493	494	495	495	496	497	498
*er	157	544	4723	4725	4729	4730	4731	4732	4733	4734	4740	4741	488	489	491	492	493	494	495	495	496	497	498
*ir	66	255	4697	4707	4709	4710	4721	4723	4730	4731	4732	4741	483	485	489	491	492	493	495	495	496	497	498

2.1.6. Tábua dos morfemas utilizados em *Genio A* e *Genio B* e respectiva frequência.















TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
a	1004	abundar	1	acertará	1	acontece	1	adecuada	2	adornado	4	advierda	3
abalancen	1	abunde	1	acertarás	1	acordaban	1	adecuadamente	1	adornan	2	adviertan	2
abalanzan	1	abuso	5	acertarias	1	acordamos	1	adelanta	1	adornar	1	advierde	3
Abarca	2	acaba	5	achaques	3	acordaré	3	adelantarse	1	adornarlo	1	advierten	1
abate	1	acabada	2	achaque	3	acordarse	3	adelante	1	adornemos	1	advierdo	1
abatr	1	acabándose	1	achaque	3	acostumbra	1	Además	7	adorno	6	advirtiendo	5
abatirfo	1	acabar	2	acicate	1	acrecentar	1	aden	1	adornos	2	advirtió	2
abismo	2	acabaré	1	acierta	2	acrecentar	1	adivino	1	adoro	1	aden	1
abismos	2	acabarla	1	aciertan	1	acrecientase	2	administración	1	adquiere	1	Aésta	1
ablemente	1	acabarón	2	acierta	1	acrecienta	1	admira	1	adquirida	3	afán	1
aborrece	2	Academias	1	aciertos	8	acrecientan	1	admira	3	adquirir	2	afeados	1
aborrecer	1	Academies	3	aciertos	3	acredita	1	admirable	4	adquirir	1	afearan	1
aborrecible	1	acaee	3	aclamación	1	acreditada	1	admirablemente	1	adquirir	1	afecta	1
aborrecible	1	acaecimientos	3	aclara	2	acreditar	2	admirables	2	Adriano	2	afecta	1
abortivos	1	acarrear	1	aclaran	1	acreditarlo	1	admiración	5	Adricomio	1	afectación	3
abrace	1	acarreará	1	aclaran	2	Acreditase	1	admiraciones	1	adula	1	afectaciones	1
abrasadoras	1	acaso	3	acogida	1	actividad	2	admirado	1	adulacion	3	afectada	5
abrasados	1	accessibus	1	acometa	1	acto	1	admiran	1	adulan	1	afectado	2
abrazo	6	accidental	2	acomete	1	actos	3	admirar	4	adultera	1	afectan	1
abrazar	2	accidente	1	acomoda	4	actualmente	1	admita	2	adulterar	1	afectando	1
abreve	1	accidentes	2	acomodación	1	acudiese	1	admitaen	1	adulterio	1	afectar	4
abrigade	1	acción	6	acomodado	1	acuerda	2	admiten	11	adversa	1	afectarla	1
abrogarla	1	acciones	31	acomodan	2	acuerdo	1	admiten	1	adventencia	4	afecto	42
absoluta	1	acedia	4	acomodar	1	Acuérdome	2	admiten	3	adventencias	5	afectos	10
absolutamente	3	acedia	4	acomodarse	2	acusa	2	admitían	1	adventida	2	afectuosa	1
abstener	1	acelaciones	1	acompañar	1	acusación	1	admitidas	1	adventidamente	2	afectuoso	3
Absténgase	1	acelerada	1	acompañar	1	acusación	1	admitidos	1	adventidas	1	afeitado	1
absurda	1	acencia	2	acompañar	1	acusaciór	1	admitieron	1	adventidisima	1	afeite	1
abuelo	1	acerca	5	acompañar	1	acusará	1	admitimos	1	advertido	5	afervorarse	1
abunda	1	acerca	3	acompañar	1	acusarán	1	admitir	2	advertidode	2	afición	2
abundancia	2	acercando	1	acompañar	1	acusarán	1	admitirá	1	advertidos	3	aficionados	5
abundante	1	acercándose	3	acompetir	1	ad	2	admito	2	advertimientos	9	aficionan	1
abundantísimos	1	acertado	3	acomplexionados	1	adagio	1	adonde	2	advertimientos	1	aficionarse	1
		acertar	3	aconsejar	1	Adán	1	adoramos	2	advertir	12	aficione	1
		acertar	3	aconsejería	1	ade	1	adorando	2	advertirto	1	afinidad	4

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
afirma	2	Agustino	1	alabar	1	alemán	2	altamente	5	ambaspartes	1	añadida	1	animos	1		
afirman	1	ahí	2	alabo	1	Alemania	1	altares	1	ambición	7	añadida	2	ánimos	2		
afirmando	1	ahora	39	álamo	1	alfange	2	altas	4	ambiciosa	1	añadirle	1	animosa	1		
afirmaun	1	ahorramos	1	alprovechamiento	1	Alfárez	1	altay	1	ambiciosamente	1	añadirles	1	ánimose	1		
Africa	1	aiena	1	alarga	1	Alfonso	1	altera	1	ambicioso	4	Añado	1	animosidad	1		
Africano	1	aienas	1	alargado	1	Alfonso	2	alterados	1	ambiciosos	1	Anales	13	animosoteme	1		
africanos	1	Aiiádanse	1	alargan	1	algo	20	alteran	1	ambos	17	Analista	1	Anio	1		
agaraban	1	aira	1	alargar	1	algorpor	1	alterando	1	Ambrosio	7	Analistas	2	ano	1		
agonia	1	airaos	1	alargare	2	algún	43	alterar	2	Ambrosios	1	Ananías	1	año	6		
agrada	2	airarse	3	alargarse	1	alguna	83	alteraria	1	amenisimo	1	ambición	1	años	16		
agradable	8	airarte	1	alargue	1	algunas	18	altere	2	ameno	2	anciana	1	anotar	1		
agradan	3	aire	1	alargué	1	alguno	22	alteza	16	amigo	5	anciano	1	ansia	2		
agradar	5	airéis	1	alarga	1	algunos	40	altisimas	1	amigos	6	ancianos	1	ante	1		
agradará	1	aiustando	1	alba	1	alhaja	2	altisimas	1	Amitas	1	anda	4	antecede	1		
agrade	1	ajena	6	albedrío	1	alhajas	2	alto	16	amo	2	andamos	1	antecesores	1		
agradecimiento	1	ajenas	7	Alberico	1	alienta	1	allogrado	1	amonestación	1	andan	1	antemano	1		
agrado	4	ajeno	5	alcance	1	alientos	3	altos	1	amor	7	andar	4	antenacidos	1		
agrado	1	ajenos	1	alcanza	1	alimentos	4	altoy	1	amoroso	2	andamos	1	anteponiendo	1		
agraviados	1	ajusta	2	alcanzado	2	alino	1	alud	1	amparada	1	Andrés	2	antes	37		
agravian	1	ajustada	4	alcanzan	4	alino	2	alusión	2	amparo	2	anduvieron	1	antesbien	1		
agraviar	1	ajustadas	2	alcanzándose	2	alisar	1	alusiones	1	amplia	2	anejas	1	anticipada	2		
agravio	3	ajustado	2	alcanzar	2	alivie	7	alzado	1	ampliy	1	anexión	1	Anticuario	2		
agregado	1	ajustamiento	4	alcanzaren	4	alli	1	Alzará	6	amplitud	1	anfibiologias	1	antigüedad	1		
agregar	1	ajustan	1	alcanzo	1	alli	28	alzaron	1	anacefaleoside	1	Angel	1	antigua	9		
agrias	1	ajustar	1	alcanzó	1	allisu	4	ama	3	añadamos	1	ángel	1	antiguamente	1		
agridulce	1	ajustarse	2	aldabas	1	alma	14	amadores	1	añade	7	ángeles	1	antiguas	8		
agrío	4	ajusten	1	alde	1	almas	2	aman	1	añado	1	anhelo	1	antigüedad	2		
agua	1	ajutada	1	alegando	1	almiar	1	amar	1	añadía	1	Añadidria	1	antigüedad	7		
aguas	1	al	268	alegorias	1	Almunias	2	amargo	1	añadiendo	2	ánima	1	antigüedades	2		
aguda	1	ala	5	alegre	1	alos	3	amargura	1	añadimos	1	animados	1	antigüedades	3		
agudezas	1	alaba	2	aleiarse	1	alotro	1	amartelados	1	añadió	2	animales	3	antigüedad	12		
agudo	4	alaban	1	Alejandro	1	apaso	9	amas	1	añadir	5	animantes	1	antiguos	13		
Agustin	3	alabanza	6	alejar	1	alprimero	1	ambages	2	añadirán	2	animaron	1	Antímaco	1		
Agustin	16	alabanzas	5	Alejo	1	alta	5	ambas	23	añadiremos	4	ánimo	28	Antipatro	1		

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
Antipatro	1	Apiano	1	aprecio	2	aquel	45	arduo	2	arrendadas	1	asen	1
antiquísimo	1	ápice	2	apremio	1	aquél	11	arenosay	1	Ariano	1	asentada	1
antojo	2	ápices	2	aprenda	1	aquelimperio	1	Areopagita	1	arriba	7	asentadas	1
antojos	1	aplace	1	aprende	3	aquella	45	Argensola	2	arroga	1	asentado	1
Antonino	1	aplausos	3	aprender	1	aquella	10	argucia	1	arrogarme	1	aseo	2
Antonio	4	aplausos	4	aprenderá	1	aquellas	10	argumento	10	arroja	2	aser	1
antorcha	1	aplica	3	apresura	1	aquellas	8	argumentos	5	arrojado	1	aseveración	1
anunciadores	1	aplicada	1	apresurada	1	aquellatan	1	argumentosas	1	arrojamiento	1	asi	32
anuncios	1	aplican	2	aprieto	1	aquello	15	arguye	2	arrojamos	1	así	119
anzuelo	2	aplicándola	1	aprobación	2	aquellos	12	arguyente	1	arroje	1	asian	1
anoncida	1	aplicar	1	aprobaciones	1	aquellos	12	arbay	1	arrojó	2	asícomo	1
aoscuras	1	aplicare	1	aprobada	1	aquí	11	ariscosy	1	arrostrar	1	asiconsiga	1
aotras	1	aplicaremos	1	aprobado	1	aquí	46	Anistarco	1	arroyuelo	1	asida	1
Aotros	1	aplicarla	4	aprobar	4	ar	1	Aristóbulo	1	arrugando	1	asido	3
apacible	1	aplicarse	2	aprobó	1	ár	1	Aristóteles	5	Artajenes	1	asién	1
apagar	1	aplicase	1	apropiados	1	arábiga	1	Arlales	1	arte	36	asientan	1
aparato	6	Aplicase	1	aprovecha	6	Aragon	1	Arma	1	Artes	14	asiento	7
apariencia	3	aplicasen	1	aprovechamiento	3	Aragón	18	armada	1	artifice	1	asimilación	2
apartándose	3	aplicóa	1	aprovechan	2	aragones	1	armado	2	artifice	7	asimismo	7
apartarse	1	apliques	1	aprovechar	2	aragoneses	4	armaron	1	artífices	1	asin	1
apasionada	1	Apocalipsis	1	aprovechana	1	Aranda	1	armarse	1	artificial	2	asino	1
apasionados	1	apoderase	1	aprovechante	1	aras	1	armas	6	artificiales	2	asipertenecer	1
apelará	1	apologias	2	aprovecharon	1	arbitrar	1	armeria	1	artificio	19	asirios	1
apele	1	Apóstol	10	aprovechase	1	arbitrios	1	armonia	2	artificiola	1	asise	1
apeligro	1	Apóstoles	6	aprovechemos	1	arbitro	1	arqueoando	1	artificiosa	3	ásperas	2
apelido	1	apostólico	1	apruaba	3	arboleda	1	arquitecto	1	artificiosas	2	aspezeza	6
apelo	1	apostólicos	3	apruebe	1	arboledael	1	Arquitectura	1	artificioso	2	áspero	1
Apenas	21	Apóstols	1	aprueben	1	árboles	1	arraigada	1	artificiosos	1	aspira	1
aperecedera	1	apoya	1	apritud	3	arcaduces	1	arrasira	1	arizar	1	aspirado	2
aperiens	1	apoyada	1	apuntamiento	5	archivo	1	arrebata	1	Arzobispo	2	aspirar	1
apetece	1	apoyando	1	apuntamientos	3	arder	1	arrebataba	1	Ascensión	1	aspirasen	1
apetecible	1	apoyaron	1	apuntantodas	1	ardian	1	arrebatao	1	aseado	1	astra	2
apetito	13	apoyo	2	apurada	1	ardiente	3	arrebate	2	asegura	3	astris	1
apetitosos	1	apoyos	3	apurar	1	ardor	1	arremetida	1	asegure	1	astros	2



TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
asfalto	1	atrevimiento	1	aurora	1	aviene	2	Baldino	1	bellísima	1	blancos	2	blancos	1
asu	1	atrevió	1	ausentes	4	Avila	4	bandera	1	bellísimas	1	blanda	1	blanda	1
Asuero	1	atribuía	1	austeridad	1	avisa	1	barbara	1	Bellísimo	1	blandirse	1	blandirse	1
asunto	39	Atribuía	1	austero	1	aviso	1	bárbara	4	beneficio	1	blando	4	blando	3
asuntos	3	atribuyan	1	autor	59	avisos	59	bábaro	4	beneficios	2	blandura	1	blandura	2
atada	1	atribuyendo	1	autores	37	aviva	37	Barcelona	3	benemérita	1	blaqueados	1	blaqueados	1
atado	1	atribuyéndoles	1	autoridad	45	aviven	45	Barón	1	beneméritas	1	blasona	1	blasona	1
atados	1	atribuyéndome	1	Autoriza	3	axis	3	Baronio	1	benevolencia	1	blasonas	1	blasonas	1
atambién	1	atribuyéndose	1	autorizada	2	ayer	2	barrunto	1	benevolo	1	Boberio	1	Boberio	1
atar	1	atropellar	2	autorizado	2	ayuda	2	Bartolomé	4	benigna	1	boca	1	boca	9
atemorizar	1	atropellaron	1	autorizan	1	ayudaba	1	Basilio	1	benignísimo	1	bocado	1	bocado	1
atención	1	auditorio	2	avasallar	1	ayudada	1	bastia	18	benito	1	bocados	1	bocados	2
atención	27	auditores	1	avenerafios	1	ayudado	1	bastaba	1	Bernardo	1	bocas	4	bocas	1
atenciones	3	ave	2	aventariado	1	ayudados	1	bastan	4	Bernarto	1	Bodino	1	Bodino	1
atender	3	aueno	1	aventaja	3	ayudan	3	bastante	4	Beroso	2	bofetadas	1	bofetadas	1
atendera	1	augusta	1	aventajada	3	ayudando	3	bastantemente	1	beso	1	Bolea	1	Bolea	1
atendiendo	2	Augustin	1	aventajados	1	ayudará	1	Bastará	2	bestias	4	boles	4	boles	1
Atenienses	1	Augusto	3	aventajarse	2	ayudarnos	2	bastarán	1	biblioteca	2	bondad	2	bondad	1
atenta	3	aumenta	1	aventajó	1	ayudaron	1	bastardear	1	bien	86	bondathan	1	bondathan	1
atentamente	3	aumentando	1	aventura	1	ayude	1	Baste	1	bienaventurada	1	borra	1	borra	1
atento	2	aumentar	1	aventurar	1	ayunos	1	bástenos	1	bienaventurado	1	borrad	1	borrad	1
atentosólo	1	aumentará	1	aventure	1	azucarando	1	bastepara	1	bienaventurados	1	borrase	1	borrase	1
atestada	1	aumentasen	1	avergonzaba	1	b	1	batalla	3	bienaventuranza	2	borrasca	2	borrasca	1
atiende	3	aumentos	2	averigua	2	Babilonia	2	batallas	1	biendeclarar	1	borrascas	1	borrascas	2
atienden	2	aun	76	averiguación	10	baiar	10	Baulista	1	bienes	2	borrón	2	borrón	2
atodos	1	aún	13	averiguaciones	1	bailes	1	bebe	1	bienne	1	borrones	1	borrones	4
atónitos	1	aunfealdades	1	averiguado	1	bajando	1	beber	2	Bienpuede	1	bosque	1	bosque	2
atravesada	1	aunla	1	averiguador	1	bajas	1	beberla	1	biense	1	bostezan	1	bostezan	1
atreva	1	aunque	137	averiguando	1	bajaza	1	bebida	2	Bililitano	2	bostezar	2	bostezar	1
atreve	2	aunquea	1	averiguany	1	bajisima	1	bebiendo	1	bizarria	1	brazo	1	brazo	3
atreven	1	aunse	1	averiguar	4	bajo	4	bebíó	1	bizarria	1	brazos	1	brazos	1
atrevido	1	aur	1	averiguarlas	1	bajos	1	beldad	1	bizarro	1	brazotendrán	1	brazotendrán	1
atrevieran	1	aura	1	averiguarse	1	bala	1	bella	1	Blancas	3	brega	3	brega	1
atreviere	1	aurea	1	avezobido	1	baladí	1	belleza	1	blanco	1	breve	1	breve	34

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
brevedad	23	busca	10	calidades	6	candela	1	cara	1	casi	32	causídico	1	célebres	3		
brevitado	1	buscaban	1	calienta	1	candidez	2	caracteres	2	caso	19	causó	2	celebró	2		
breves	6	buscan	5	califica	4	cándidos	1	caras	1	casos	14	cauta	1	celeridad	1		
Breviano	3	buscando	4	calificación	12	canes	1	Carbonell	1	casta	1	cautearse	1	celestial	4		
brevísima	2	buscar	5	calificada	4	Cano	3	Carchedonia	1	castellana	1	cautelase	2	celestiales	2		
brevísimo	1	buscarla	2	calificado	3	canónicos	1	carece	1	castellanos	1	cautísima	1	Celestino	1		
brevísimos	1	buscarle	2	calificador	1	Canónigo	1	carecede	1	castigado	2	cautos	1	celo	7		
brilla	1	buscas	1	calificados	1	canos	1	carecen	2	castigan	1	cavernas	1	celosos	2		
brillan	1	busque	2	calificando	1	cansa	5	carecerá	4	castigar	1	caviosamente	1	celsitud	5		
brillante	1	Caballero	1	calificar	4	cansada	3	carecía	1	castigara	1	cayeron	2	ceñida	6		
brillantes	1	caballo	2	calificarla	1	cansadas	1	careciera	1	castigo	2	Cayetano	1	ceñido	1		
brille	1	cabe	3	calla	2	Cansado	1	carecieran	1	castigos	1	cayó	1	ceñir	2		
brio	2	caber	1	callando	1	cansan	1	carga	4	Castilla	4	Cayóle	2	ceñirse	1		
brio	20	cabeza	5	callar	7	cansancio	1	cargado	2	Castillo	1	ceba	1	cenizas	1		
briosa	1	cabo	2	callará	1	cansando	1	cargar	1	castísima	1	cebo	5	ceño	1		
brioso	1	cabras	2	callo	1	cansar	1	cargo	16	Castro	1	ceboque	1	cenor	8		
bronce	3	Cabrera	1	calor	2	cansarse	2	cargos	4	atalanes	1	Cecilia	2	censores	7		
bruta	1	cabrillas	1	calumnia	8	canse	2	Caribdis	1	Catalina	2	Ceco	1	censura	32		
brutos	1	cada	60	calumniaba	1	Cántabros	1	caridad	6	catálogo	1	ceda	1	censuradas	1		
buen	11	cadacosa	1	calumniado	1	cantarán	1	carriño	1	Cataluña	1	ceder	1	censurado	1		
buen	25	cadauna	1	calumniadores	1	Cantares	1	Carlos	2	Catayo	2	cediendo	1	censuran	1		
buenas	7	cadencia	1	calumniar	1	cantidad	2	carmelita	6	cátedra	1	cedo	1	censurando	1		
Buenaventura	1	cadencias	2	calumnias	1	capacidad	5	Carmelitas	1	catedrático	2	cegándose	1	censurar	3		
buenescritor	1	caduco	1	calumniase	1	capaz	7	Carmen	2	Católica	3	cegedad	2	censurarle	1		
bueno	23	cae	2	camarín	1	capellan	2	carne	1	Católico	4	cejas	1	censurarios	1		
buenos	5	caerfloja	1	caminante	1	capitán	2	caro	1	católicos	1	celar	2	censuras	5		
bullicioso	1	caidas	1	camino	12	capitanes	4	carrera	3	Catón	1	celarse	1	censuren	1		
bullir	1	Cain	1	caminos	1	Capitolinas	1	carta	1	cauces	1	celebra	1	centellea	2		
bulto	2	cajas	1	campanudo	1	CAPITULO	36	Cartago	1	cauquier	1	celebrada	1	centineia	1		
bultos	1	Calahorra	1	campea	2	Capitulos	5	cartas	2	causa	26	celebrado	3	centro	2		
burit	1	calculación	2	campo	2	capitulos	7	Causado	6	Causado	1	celebrados	1	Centurias	1		
burla	2	Caldeos	1	campos	8	captar	1	casamiento	1	causan	2	celebran	1	cerca	4		
burlador	1	calendario	1	Canas	1	Capua	1	casaque	1	causas	23	celebrando	1	cercano	1		
burló	1	calidad	4	candado	1	Capuchinos	1	casas	1	cause	2	célebre	2	cercenara	1		

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
ceremonia	1	cifra	2	claridad	10	Coligese	1	comodidades	1	comprensión	7	concha	2		
ceremonias	2	cifran	1	clarísima	1	coligiendo	1	compañía	1	comprensiva	1	concibe	2		
ceremoniosa	1	ciudad	1	clarísimo	2	colija	1	comparación	2	comprensivo	1	conciben	1		
Ceremonioso	1	ciñamos	1	clarísimos	1	colocación	11	comparar	3	compró	1	conciencia	1		
cerquen	1	Cinca	1	claro	4	colocar	1	compararse	2	comprobar	1	concierto	4		
cerrados	1	cinco	2	claros	3	colocó	1	compasadas	2	compuestas	3	concilia	3		
cerramos	1	ciñe	1	clase	2	color	1	compendio	1	compuesto	4	conciliar	1		
cerrar	1	ciñela	1	Claudio	1	Coloso	1	compendioso	1	compusieron	1	conciilio	1		
certamen	1	ciñendo	1	cláula	1	columna	3	compete	2	compuso	4	conciones	16		
certeza	2	Cingiscan	2	claustra	1	coman	1	competían	1	comta	1	concisa	1		
certísima	1	Cipión	1	cláusula	11	combatido	1	competidor	1	comto	1	concisamente	1		
cesa	2	ciprés	2	cláusulas	5	come	1	competir	2	común	21	conciñón	5		
cesan	1	Cipriano	1	Clemente	1	comedia	1	compite	1	comunes	8	concisos	1		
César	4	circunloquios	1	clerical	1	comedias	2	compiendo	1	comunica	2	concluir	1		
Césares	1	circunspecto	1	clericales	1	Comenge	1	complacer	1	comunicación	1	concluyo	1		
Cespedes	1	circunstancia	4	clérigos	1	Comentarios	9	complacerse	1	comunicado	1	concurrer	1		
charquillos	1	circunstancias	20	cliente	1	comenzada	2	complexiones	1	comunican	2	concurrerion	1		
chrónica	1	Ciro	2	Citáreol	1	comenzado	1	compone	9	comunicar	3	concurrir	2		
Chronos	2	cis	1	co	1	comenzando	8	componede	1	comunicarse	1	concurso	4		
Cicerón	7	Cisterciense	1	cobre	2	comenzaré	1	componen	1	comunico	1	Conde	2		
ciega	2	Cistercienses	1	cobró	1	comenzó	3	componenel	1	comunidad	6	condena	5		
ciegas	1	cisternas	1	cocido	1	comer	1	componer	3	comúnmente	3	condenado	1		
cielo	12	Citalcay	2	Coconio	1	comercio	1	componerías	1	con	682	Condenan	2		
cielos	1	ciudad	13	codicia	2	comete	1	compones	1	conato	1	condenar	3		
cién	3	ciudadano	1	coeli	1	cometen	1	COMPOSICION	1	conbrío	1	condene	1		
ciencia	6	ciudades	6	cogen	1	cometer	2	composición	10	concebida	1	condeno	1		
ciencias	9	ciudades	1	coger	3	cometerlos	1	comprar	1	concede	1	condenó	1		
cieo	1	clamando	1	coja	1	cómico	1	comprehension	1	conceder	2	condes	3		
cierticia	1	Clamará	1	colegida	1	comienza	1	comprenda	2	concedése	1	condescender	1		
cierta	16	clamasse	1	colegir	4	comienzan	1	comprende	6	concediendo	1	condetención	1		
Ciertamente	1	Clamosa	1	colgado	1	Comines	1	comprendemos	1	conceño	1	condición	10		
ciertas	1	clara	7	colige	5	como	328	comprenden	1	conceptillo	1	condiciones	13		
cierto	10	claramente	4	Coligese	1	cómo	25	comprender	2	concepto	10	condificultad	1		
ciertos	3	claras	1	Coligese	2	comodidad	1	comprendido	2	conceptos	1	conduce	3		

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
conduciendo	1	conociendo	1	consideraciones	1	Construya	1	continuar	1	continuar	1	convidar	1
conducir	2	conocieron	4	considerada	1	consu	1	Continuó	1	Continuó	1	conviene	17
conel	1	conocimiento	1	consideramos	3	consuelo	1	contoda	2	contoda	1	Convienen	1
conél	1	conozcas	3	consideran	1	consulta	3	contra	1	contra	40	convigor	1
conella	1	conparticulares	1	considerando	1	consultado	1	contradición	1	contradición	2	conviniendo	1
coneso	1	conque	2	considerándola	1	consultar	1	contradice	1	contradice	1	conviniere	1
conesto	1	conquista	1	considerar	15	consultas	15	contradicha	1	contradicha	1	convirtiese	1
conferencia	3	conquistada	2	considerare	1	Consulte	1	contrapone	1	contrapone	1	convocado	1
conferencias	1	Conquistador	1	considerarse	1	Consultoria	1	contraponer	1	contraponer	1	conyugales	1
conferidas	1	conquistar	1	Considerere	1	consultos	1	contraposición	1	contraposición	3	copa	1
conferir	2	conquistas	2	consideremos	1	consumada	4	contrarias	1	contrarias	1	copiar	1
confesar	2	conquistó	1	consideren	1	consumadamente	1	contrario	1	contrario	23	copiosa	5
confesará	1	consagradas	2	Considero	1	consulteiza	2	contrarios	1	contrarios	3	coraje	1
confesaré	1	consagró	1	consigo	6	contado	6	controersia	1	controersia	2	corazón	11
confesión	2	consecuencia	8	consigue	2	contaminada	2	controersias	1	controersias	8	corazones	1
confesores	3	consecuente	1	consiguiente	2	contar	3	controersista	1	controersista	1	Córdoba	1
confiadamente	1	conseguido	1	Consiste	10	contaria	1	controvertidas	1	controvertidas	1	cordón	1
confianza	4	conseguir	1	consistir	4	contemples	1	controvertir	1	controvertir	2	cordura	3
confiere	1	conseguirá	2	consolamos	1	contemporáneo	2	conuna	1	conuna	1	Corinto	1
confies	1	consejero	1	consonancia	1	contencioso	1	convencer	1	convencer	1	Cornelio	2
confiesa	3	consejeros	1	consorcio	1	contener	2	convencido	1	convencido	1	corno	1
confieso	11	consejo	1	consorte	5	contenense	1	convenga	2	convenga	2	coro	1
confina	1	consejos	8	consta	6	contenenseen	2	convenia	1	convenia	2	Corografía	1
confinantes	1	conserva	1	constancia	1	contentandose	3	convenciencia	1	convenciencia	21	corona	6
confines	1	conservación	3	constando	3	contentarse	1	Conveniencias	1	Conveniencias	3	coronaciones	1
confirman	1	conservador	13	constante	3	contente	3	conveniente	2	conveniente	15	coronadala	1
confirmando	3	conservando	1	conste	1	Conténtese	2	convenientes	1	convenientes	3	coronados	1
confirmar	3	Consérvanse	1	constelaciones	1	contentos	1	convenientesesa	2	convenientesesa	1	Corónica	3
Confírmase	2	conservar	1	constituida	2	contexto	1	convenir	1	convenir	1	Corónico	1
confirmemos	1	conservarla	2	constituirse	1	contiene	1	convento	11	convento	2	coronista	2
conflicto	1	conservarse	3	constituyen	1	contienen	1	conversión	2	conversión	1	corporal	2
conforma	2	considera	2	constituyan	6	contingencia	1	conversión	2	conversión	1	corpulencia	1
conorman	2	considerable	6	constituye	2	continuación	3	convertir	3	convertir	1	corre	4
conforme	6	consideración	1	constituyen	4	continuado	2	convertirá	2	convertirá	3	correctivo	1

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
Corregid	1	cotidiana	1	crisol	2	cualespiden	1	cube	1	cumple	1	dañosa	1		
Corregio	1	cotidiano	1	Crisóstomo	1	cualesquiera	2	cubrirá	1	cumplen	1	dar	24		
corregir	2	coturno	1	crystal	1	cuálessus	1	cuchillada	1	cumplida	1	dara	1		
Corren	2	coyundas	1	cristalina	1	cuafue	1	cuchillo	1	cumplir	2	dará	2		
correr	3	crecerun	1	cristiana	8	cuallidades	2	Cucurbita	1	cumplirá	1	darás	1		
correrá	1	crecido	1	Cristiandad	2	cualno	1	cuelio	1	cumplina	2	dardos	1		
corresponde	3	crédito	15	Cristiano	4	cualpecan	1	cuenta	11	Cupido	1	darian	1		
correspondencia	11	cree	1	cristianos	5	cuapodrá	1	cuento	2	cura	2	darlas	1		
corresponder	1	creen	2	Cristo	13	cualquera	1	cuerdamente	3	Curcio	3	darle	3		
correspondientes	1	creeno	1	Cristóforo	1	cualquier	26	cuerdas	1	Curiel	1	darlo	1		
corrido	1	creer	2	critica	1	cualquiera	16	cuerto	6	curiosa	3	darpaso	1		
corriente	13	creerá	1	critico	1	cualquierade	1	cuerdos	4	curiosidad	8	darse	1		
cornillos	1	creeria	1	critico	1	cuatquierotro	1	cuerpo	27	curiosísimo	1	Dasa	1		
corrompe	1	crei	1	criticos	1	cuán	7	cuerpos	1	curioso	7	dauna	1		
corrupción	2	creia	1	Crónica	2	cuando	107	cuerpu	1	curiosos	1	David	2		
corta	3	creible	2	Crónico	3	cuándo	14	cuestas	1	curso	9	de	3258		
cortada	1	creible	1	Crónicos	3	cuandose	1	cuidado	36	cuya	35	dé	8		
cortado	1	creibles	1	Cronista	7	cuanta	1	cuidados	1	cuyas	9	déa	1		
cortar	2	creida	1	cronistas	9	cuánta	5	cuidadosa	1	cuyo	23	deacciones	1		
Corte	5	Creso	1	cronografía	1	cuantas	2	culpa	6	cuyos	5	dealargar	1		
cortedad	2	creyendo	2	Cronología	3	cuántas	3	culpable	1	D	1	dealguna	1		
Cortes	1	creyéndose	1	cronológica	1	cuantidad	1	culpar	2	da	18	deamanecer	1		
cortesano	1	creyeron	1	crudo	1	cuantitativa	2	culpo	2	daba	2	deantermano	1		
cortesía	1	cria	1	cruel	1	cuanto	44	culta	5	dada	1	deaqueel	3		
corto	2	criado	1	crujiente	1	Cuánto	8	cultas	1	dado	5	deba	4		
cortos	1	criados	1	Cruzes	1	cuantoen	1	cultivo	2	dai	1	debajo	3		
cosa	85	crian	1	cua	1	cuantos	3	cultivando	1	damos	1	deban	2		
cosas	170	criatura	2	cuadro	1	Cuántos	7	cultivar	1	dan	5	debe	97		
Cosconio	1	criaturas	1	cuai	1	cuarenta	2	culto	2	daña	4	debéis	1		
costa	6	crimen	2	cuallito	1	cuarto	2	cultos	1	dando	14	debemos	6		
costaron	1	criminosos	1	cuall	126	cuartos	1	cultura	12	dándole	3	deben	27		
costó	1	crin	1	cuál	9	cuatro	12	cumbre	2	dándoles	4	debería	3		
costumbre	4	crió	3	cuales	49	cuiertas	2	cumbres	1	dándose	1	deberse	1		
costumbres	19	Crisipo	1	cuáles	5	cupra	1	cumpla	1	daño	14	deberseles	1		

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
debes	1	declara	2	defecto	2	dejada	1	deleitoso	1	depravación	1	desazonarlo	1
débase	4	declaración	7	defectos	3	dejado	2	deliberar	1	depravarios	1	desborra	1
debía	4	declarada	2	defendéis	1	dejados	1	delicias	2	deprender	1	descaeciendo	1
debían	1	declaradas	1	defender	9	dejael	1	delincuente	1	deprime	1	descalzo	1
debida	6	declarado	1	defenderías	1	dejamos	7	delineaciones	1	derecha	1	descalzoi	1
debido	3	declaran	1	defendernos	1	dejan	3	delineado	1	derechamente	2	descalzos	1
debiendo	2	declarando	3	defenderse	2	dejando	11	delineando	1	derecho	8	descaminos	1
debiera	2	declarar	10	defendida	1	dejándola	1	deleito	1	derivación	1	descansando	1
debieran	4	declararla	1	defendiendo	3	dejándose	1	delitos	2	derrama	1	descansar	2
debió	1	declararse	1	defendió	1	dejar	9	delos	4	derramas	1	descanso	1
debo	1	declarase	2	defensa	10	dejara	1	demalos	1	desabrida	1	descarado	1
Debodo	1	declárase	1	defensor	1	dejará	1	demás	57	desabrido	1	descendencias	1
deborrascas	1	declaró	1	defensora	1	dejármos	1	demasia	2	desabridos	1	descender	1
decada	1	declina	1	defiende	1	dejarde	1	demasiada	4	desabrimiento	1	descendiendo	1
década	1	declinando	1	defienden	2	dejare	1	demasiadamente	2	desabrir	1	descendiente	1
décadas	1	declinase	1	defiéndose	1	dejarla	2	demasiado	5	desacerto	2	descendiese	1
decaja	1	decoro	11	defiende	1	dejarlas	1	demasiados	1	desacreditan	1	desciende	1
decasos	1	decosas	2	defiere	1	dejarlo	1	demetrio	1	desagrada	1	descomponer	1
decencia	1	decreto	3	definamos	1	dejaron	2	demóstenes	1	desagrado	2	desconfiados	1
decente	2	decretos	4	define	1	dejarse	2	demonstraciones	1	desagrar	1	desconfiando	1
decentemente	1	decuanto	1	definición	9	deje	2	demuchos	1	desahago	1	desconfianza	1
dechado	3	deculto	1	definiciones	2	dejen	2	demuy	1	desairados	1	desconoce	1
dechados	1	dedica	1	definida	1	dejo	1	denominación	1	desaire	1	desconocerse	1
decia	1	dedicados	1	definir	2	dejó	6	dentro	1	desaliño	1	desconocido	1
deciamos	1	dedican	1	defrauda	1	del	542	denuestra	1	desamor	2	desconociéndose	1
decian	2	dedicarle	1	defraudadoni	1	dela	16	deocupar	1	desamparan	1	desconsuelo	1
decidir	1	dedicaron	1	degenera	1	delante	2	deordenar	1	desapasionada	2	descontento	1
décimo	2	dedos	1	degran	1	delas	7	deotras	1	desapasionadas	1	descrérito	1
decimos	1	deduce	1	dehora	1	deleita	4	depalabras	1	desapasionado	3	describe	1
decir	35	deducen	1	dei	2	deleitar	1	depende	3	desapasionados	1	describen	2
decirías	2	deduceotro	1	deiarle	1	deleitaria	1	dependencia	1	desaseado	1	describense	1
decirio	7	deducir	1	deidad	2	deleite	10	dependientes	1	desatención	2	describiese	1
decirse	1	dedulzura	1	deimitación	1	deleiteise	1	deponer	1	desayuda	1	describir	3
decisión	1	deella	2	deja	16	deleitosas	1	deponiendo	1	desazonado	1	describirel	1

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
descripção	22	desee	2	deslindar	1	despreziarlo	1	deteniéndolos	1	dibujo	1	Palavra	2	diferente	9
descripções	13	desembarazadamente	1	deslúcido	1	desproporção	1	detenimento	1	dicciones	1	Palavra	1	diferentes	7
descripção	1	desembarazado	1	deslumbra	1	desproporcionado	2	determina	1	dice	1	Palavra	52	diferida	1
descuberto	1	desemejantes	1	deslustra	1	después	1	determinados	2	dicen	1	Palavra	12	difícil	3
descubra	1	Desenfrenado	2	desmandan	1	después	1	determinar	45	dicensin	1	Palavra	1	dificultad	1
descubre	3	desengañar	1	desmayan	3	despuésno	3	determinaron	1	diceque	1	Palavra	1	dificultad	24
descubren	1	desengañe	1	desmayo	1	desquicia	1	detieneen	1	dices	1	Palavra	1	dificultades	6
Descubrense	1	desengaña	3	desnuda	7	desquiciar	7	detoda	1	dícese	1	Palavra	1	dificultosa	5
descubriendo	2	desenterrando	1	desnudamente	1	desquiciarle	1	detodos	1	dicha	7	Palavra	7	difícultoso	11
descubrió	1	desentierra	1	desnudando	1	desterrado	1	detracción	1	dichas	6	Palavra	6	difícultoso	1
descubrir	1	desenvuelve	1	desnudándolo	1	desterrar	1	detuvo	2	dicho	1	Palavra	37	diforme	1
descubriese	1	deseo	12	desnudar	12	destierro	1	deudo	1	dichos	8	Palavra	8	difunto	4
descubris	1	deseoso	3	desnudo	3	destile	1	deudos	3	diciendo	14	Palavra	14	difuntos	2
descubro	1	deseosos	1	desobediencia	1	destreza	1	deun	3	diciéndole	2	Palavra	2	difusa	5
descuidan	3	desestima	2	desocupado	1	destrezas	1	deuna	19	dición	1	Palavra	1	difusamente	1
descuidarse	1	desfallecer	1	desoldados	2	destrucción	1	devaliente	1	dictaba	1	Palavra	1	difusión	13
descuido	4	desfavorecen	2	desorden	2	destruir	1	devirtud	1	dictada	1	Palavra	1	difuso	2
descuidos	1	desgracia	2	desordenado	2	destruye	4	devoción	1	dictado	3	Palavra	1	difusos	2
desde	10	desgraciado	1	despacio	1	desu	1	dextro	2	dictamen	3	Palavra	3	diga	6
desdecir	1	deshacer	1	despedazando	1	desus	1	di	3	dictámenes	1	Palavra	1	digáis	1
desdeño	1	deshaciendo	1	despedido	1	desusándose	1	dia	1	dicingue	1	Palavra	1	digamos	3
desdice	1	deshechos	1	despeña	1	desveles	1	dia	11	dieciséis	1	Palavra	1	digámoslo	3
desdicha	1	deshoje	1	despeñarse	1	desvelo	1	diablo	8	diente	1	Palavra	1	digerido	1
Desdichado	1	deshonor	1	despeño	1	desvie	1	dialéctico	1	dientes	1	Palavra	1	digna	16
desdichas	1	desierta	1	despertar	1	desvíos	2	dialecto	1	dieron	2	Palavra	1	dignamente	5
desdiga	2	desigual	4	despojada	1	detal	1	diálogo	1	diese	1	Palavra	3	dignarr	1
desdoráis	1	desigualdad	9	desprecia	5	detanto	5	diálogos	2	diestra	2	Palavra	1	dignarse	1
desdoro	1	desigualdades	2	despreciada	1	detención	1	diamante	2	diesiro	1	Palavra	1	dignas	8
desea	4	desiguales	4	despreciadas	4	detenero	1	diarios	3	diestros	3	Palavra	1	dignidad	38
deseado	1	desiguálissimas	1	despreciados	1	detenerse	1	dias	1	diez	1	Palavra	6	dignísima	1
desean	1	desigualmente	1	desprecian	1	detenga	1	días	6	diferencia	6	Palavra	11	digno	11
desear	1	deSila	1	despreciando	1	detenia	2	dibuio	1	diferencian	1	Palavra	1	dignootras	1
desearon	1	desinteresados	1	despreciar	1	detenido	1	dibuja	1	diferencias	1	Palavra	13	dignos	8
desecharse	1	desisido	1	despreciare	1	detenidos	1	dibujadas	3	diferenciamos	1	Palavra	1	digo	18

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
digresión	13	dirección	3	dispensar	2	distintamente	1	divinasy	1	doctus	1	dulcísimo	1		
digresiones	8	diremos	2	dispner	1	distintos	1	divinísima	1	documento	3	dulcísimos	1		
diño	1	Diría	1	disponen	2	distribución	1	divinísima	1	documentos	12	dulzura	17		
dije	1	dirige	2	disponensus	1	distribuyendo	1	divinísimas	1	do difusión	1	Dum	1		
dijera	2	discernunt	1	disponer	7	distrito	1	divinísimo	1	dogmas	3	dura	4		
dijeron	1	disciplinado	1	disponerho	1	disuaden	1	divinizadoslos	1	dolo	1	durable	1		
dijese	2	disciplinados	1	disponeremos	1	diurnas	1	divino	24	dolor	3	duración	1		
dijésemos	1	discipulo	2	disponga	1	diversade	1	divinos	6	dominico	1	duradero	1		
dijimos	8	discipulos	2	disponia	1	diversas	11	divirtiere	1	dominio	2	duran	4		
dijo	26	discrepando	1	disponiendo	1	diversidad	4	divirtió	1	don	20	durar	1		
dilata	1	discretísimo	1	disposición	16	diversidades	1	división	16	donde	62	Dure	1		
dilatación	1	disculpa	1	dispuesta	1	diversión	4	divisiónde	1	donde	4	duró	1		
dilataciónde	1	discurrer	1	dispuestas	1	diversiones	1	divisiones	10	dondeel	1	e	29		
dilatada	5	discurrer	2	dispuestos	3	diversos	4	divisionesen	1	dondese	1	ea	1		
dilatadano	1	discurrían	1	dispuestos	2	divertido	1	divulgan	1	dones	1	echa	2		
dilatado	2	discurrido	4	dispuse	2	divertidos	1	divulgarse	1	donosamente	1	echarlo	1		
dilatados	1	discurrimos	1	dispuso	2	divertimiento	5	divulgue	1	donoso	2	eclesiástica	7		
dilatár	1	discurrir	7	disputa	4	divertirse	1	diyñdad	1	dorada	1	eclesiásticas	4		
dilatare	1	discurriremos	1	Disputaciones	1	divida	1	día	1	dorado	1	eclesiástico	3		
dilatarte	1	discurso	31	distancia	1	dividaen	1	do	1	dormir	1	eclesiásticos	5		
diligencia	31	discursos	5	distancias	1	divide	2	doce	3	dos	48	economía	1		
diligencias	2	disforme	2	distante	2	dividela	1	dócil	6	duda	18	económica	1		
diligenen	1	disfrazarse	1	distico	2	dividen	2	docilidad	2	dudará	1	edad	14		
diligente	5	disgusto	1	distico	1	Dividese	1	doctamente	1	dudarse	1	edades	1		
diligentes	1	disiente	1	disticos	1	dividiéndolo	1	doctas	1	dudas	2	edición	1		
diligentísimo	1	disimula	3	distinción	10	dividir	2	doctísimo	3	dudosa	2	edificado	1		
dime	1	disimulación	1	distinga	2	dividiré	1	doctísimos	1	dudosas	1	edificio	1		
dio	10	disimulan	1	distingue	4	dividiren	1	docto	17	dueño	2	edificios	4		
Dionisio	1	disimular	2	distinguen	3	divierta	6	doctor	9	dueños	2	efecto	6		
Dios	48	disimularse	1	Distinguenese	1	divierte	2	Doctores	7	duice	39	efectos	12		
diptongo	1	disimulen	1	distinguiendo	1	divina	53	doctos	8	dulcecon	1	Efemérides	2		
dirá	5	dislate	1	distinguir	2	Divinamente	1	doctrina	38	dulcermeladuchas	1	eficaces	1		
dirán	1	disminución	2	distinguirse	1	divinas	11	doctrinaie	1	dulcepatría	1	eficacia	6		
diré	1	disminuye	2	distinta	1	divinasvencen	1	doctrinales	1	dulces	4	eficaz	3		



TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
eficazmente	3	eleccion	2	elocución	3	empezando	3	encaminarse	1	encuentro	2	engañar	2
eficiente	3	elección	13	elocuencia	1	empieza	30	Encanto	2	encumbra	1	engañarse	1
Egipcia	1	elecciones	1	elocuente	2	empinado	2	encarceladas	1	encumbrao	4	engañó	1
egipcio	1	elefantes	1	elocuentes	3	empleado	3	encarece	1	encumbrados	1	engaños	1
Egipcios	1	elegancia	8	elocuentísimo	1	emplear	1	encarecen	1	encumbrar	1	engazarlos	1
el	11	elegante	4	elogio	3	emplearon	3	encareciéndolas	1	encumbraron	1	engendra	1
él	2	elegantes	2	elogios	4	emplee	4	encargar	1	encumbrarse	1	engendrar	1
electarlo	1	elegantísima	1	elos	1	empleo	1	encargos	1	endereza	2	engendrarse	1
ejemplo	2	elegantísimo	2	emanado	1	empleó	1	encenderse	1	enderezamiento	1	engolfarse	1
ejemplos	5	elegido	5	emanados	1	empleos	2	encendía	1	enderezan	2	engrandece	1
eiguales	1	elegidos	1	embarace	1	emprende	1	encendida	1	enderezar	1	engrandecer	1
einteligencia	1	elegir	10	embaraza	2	emprenden	2	encendió	1	endiferentes	1	engrandecerla	1
einterior	1	elegiria	1	embarazarse	1	emprender	1	encierra	6	enel	4	engriese	1
ejecución	2	elegirse	1	embarazo	1	emprenderle	1	encierre	1	enella	1	enhorabuena	6
ejecutada	4	elementos	3	embargo	1	emprendiese	1	encima	1	enellas	1	enigmas	1
ejecutar	1	elevada	1	embebece	1	empresa	1	encogerme	1	enellos	1	Enio	1
ejecutarlo	1	elevados	1	embebecido	1	empresas	1	encogidos	3	enemigo	1	Eniola	1
ejecutaron	1	Elias	2	embenben	1	emulaci3n	1	encogimiento	3	enemigos	1	enjuto	1
ejecutasen	1	eige	1	embebida	2	emulando	2	encomendada	1	energia	2	enia	6
ejecute	1	eigen	2	embebidos	1	en	1642	encomendado	1	energia	9	enlace	2
ejemplar	6	eligiendo	1	embestidos	1	én	1	encomendando	1	enero	1	enlas	2
ejemplares	2	eligiere	1	emcumbroso	1	enalgún	1	encomendar	1	enesta	2	enlazada	1
ejemplo	30	eligió	1	eminencia	2	enalguna	2	encomendó	2	enfada	1	enlazamiento	1
ejemplos	32	Eliseo	1	eminente	1	enana	1	encomiendo	1	enfadosa	1	enlazan	1
ejerce	1	ella	135	eminenteen	1	enano	1	encomún	1	enfadosísima	1	enlazando	1
ejerer	1	ellale	1	eminentes	1	enaquel	1	encontráis	1	enfadoso	1	enio	2
ejerccio	5	ellas	57	empacho	2	encada	1	enCortes	1	enfadosos	1	enios	2
ejerccios	3	ellascon	1	emparejado	1	encadenar	1	encualquier	2	énfasis	2	enmendad	1
ejerccitan	2	ellase	1	empareja	1	encajando	1	encubra	1	énfasispara	1	enmendada	1
ejerccitaron	1	ellasen	1	empecemos	1	encaje	1	encubre	1	enfermedad	1	enmendando	1
ejército	5	ellasflorecieron	1	Emperador	7	encajó	1	encubriendo	1	enfermo	3	enmendar	1
ejércitos	2	ellavicina	1	Emperadores	4	encamina	1	encuentra	1	enfermola	1	enmendarla	1
el	1391	ello	10	Emperatriz	1	encaminaa	1	encuentran	1	engalanar	1	enmendarse	1
él	59	ellos	77	empero	10	encaminadasa	1	encuentre	1	engañan	1	enmienda	9

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
enmiendas	1	enseñarias	1	entra	1	envidia	2	eridas	1	esclavos	1	escribidos	1
enmienden	1	enseñamos	1	entraaa	1	envidiosos	1	erizada	1	esclesiásticas	1	escribirse	6
emuy	2	enseñaron	1	entrambas	1	enviecer	1	erjalibegada	1	escoger	2	escribiste	1
ennoblece	2	enser	1	entrambos	3	enviecerlas	3	ermitaño	1	escogido	2	escribo	1
ennoblecer	2	ensucia	1	entran	3	envió	3	errada	2	escolástico	2	escrita	23
ennoblecieron	1	ensus	2	entrañas	5	envío	1	erradamente	1	escollo	1	escritas	6
ennuestro	2	entablada	1	entrapario	1	envolvía	1	errado	4	escomo	1	escrito	23
enobras	1	ente	1	entrar	3	envuelta	2	errando	1	escondan	1	escritor	50
enogar	1	entendemos	2	entrarse	1	envueltas	1	error	2	esconderse	1	escritores	36
enjo	1	entender	20	entre	81	envuelto	1	errores	1	escondidas	1	escritos	30
enorden	2	entendería	1	entregado	1	envuelve	3	erudición	28	escondieron	1	escritura	56
enorme	1	entenderle	1	entregan	1	envulgar	1	erudita	1	escondiesen	1	Escriturala	1
enotras	1	entenderlo	1	entregándose	1	Epifania	1	eruditísimo	1	escosa	1	Escrituras	1
enplatos	1	entenderque	1	entregaria	1	epigrama	1	eruditísimos	1	escriba	4	escuratatan	1
enque	1	entenderse	1	entregas	1	epigramas	3	eruditísimos	1	escriban	1	escuraturay	1
enqué	1	entendersus	1	entregó	1	epigramista	1	erudito	5	escribe	60	escrúpulo	2
enquien	1	entendian	1	Entregue	1	epilogo	2	eruditos	4	escriben	14	escrupulosa	1
enredo	1	entendidas	2	entregué	1	episodio	2	es	553	escribeno	1	escrupuloso	1
Enrique	1	entendido	2	entrello	2	Epistola	2	esa	13	escribes	2	escrupulosos	1
enriquece	1	entendiendo	2	entremeses	1	Epistolas	1	ésa	4	escribi	1	escu	1
enriquecer	3	entendimiento	10	entretiene	1	Epistolas	3	esas	2	escribia	1	escudo	1
enriquecida	1	entera	6	entretener	1	Epiteto	1	escabroseando	1	escribia	4	escuela	5
enriquecido	1	enteramente	6	entretenerlo	1	Epiteto	1	escabroso	1	escribiendo	6	escuelas	1
enriqueció	2	enteras	1	entretenga	1	Epitome	3	escandalice	1	escribiéndose	1	esculpida	1
ensalzadas	1	entereza	22	entretenidos	1	Epitome	5	escandaliza	1	escribiere	1	escultor	1
enseña	8	enterísima	1	entretiene	2	Epitomes	1	escandalizan	1	escribieron	9	Escultura	3
enseñada	2	entero	2	Entró	1	Epúblicos	1	escándalo	1	escribiese	2	esculturas	1
enseñado	1	enteros	3	entusiasmos	1	equivocos	1	escape	1	escribiesen	2	Esdras	1
enseñan	6	enterrados	1	enumerar	1	er	1	escarmiento	3	escribimos	1	ese	15
enseñanza	1	entienda	1	enun	1	era	23	escarnio	1	escribió	24	ése	3
enseñanza	12	entiende	3	enuna	1	eran	9	Escila	1	escribir	71	esel	1
enseñar	1	entodo	2	envainadas	1	Eratóstenes	1	esclarecer	1	escribirá	2	esencial	3
enseñar	4	entonces	33	envejecer	1	eres	2	esclarecerlo	1	escribirla	8	esencialmente	1
enseñaría	1	entra	3	envejecida	1	ergo	1	esclarecida	1	escribirlas	4	esfera	6

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
esforzando	2	especies	5	establecerla	1	estenuestro	1	estragado	1	Evangelios	1	Excesos	2	explora	1
esforzándose	1	especifica	1	estado	17	Estér	1	estragan	1	Evangelistas	1	exclama	1	explorar	1
esfuerza	1	especificadas	1	estados	8	estéril	1	estragar	1	evento	1	exclamar	1	exploro	1
esfuerzana	1	especiosa	1	estatafelicidad	1	estériles	1	estrago	1	Evergete	1	excluyen	1	expone	1
esfuerzos	1	especioso	1	estáhecho	1	ésteres	1	estrecha	1	evita	2	Excmo	1	exposición	1
esla	1	especulación	2	estaigualdad	2	éstera	131	estrellarse	1	evitan	1	Excmos	1	expositor	1
eslo	1	especulaciones	1	estais	1	estilos	3	estrellas	1	evitar	3	excomulgua	1	exprime	1
esmaltes	1	espejo	2	estalectura	1	estima	6	estructura	1	evitarlos	1	excusa	9	exprobrado	1
esmas	1	espejos	1	estampa	1	estimaba	1	estruyendo	2	evitarse	1	excusada	1	expuesta	2
esnarración	1	espera	2	estampado	1	estimable	1	éstosobre	1	exacta	1	excusadas	1	exquisita	1
eso	24	esperanza	3	estampar	1	estimación	32	estudie	1	exactas	1	excusamos	1	exquisitas	2
esodebe	1	esperanzas	1	están	7	estimada	1	estudio	19	exacto	1	excusan	1	exquisitos	1
esola	1	esperar	5	estando	2	estimadas	3	estudios	2	exagera	1	excusar	7	extender	1
esos	9	esperara	1	estancia	1	estimado	4	estudioso	1	exageración	2	excusarla	2	extendidas	1
espacio	3	espiga	1	estantes	1	estimadoresde	1	estudiosos	3	examen	9	excusarme	1	extendido	1
espaciosa	1	espinas	1	estantiguas	1	estimados	3	estuviese	1	examina	1	excusarse	2	extensa	1
espada	1	espina	1	estar	6	estiman	4	estuvo	2	examinamos	1	excuse	1	extensión	5
espadas	1	Espiración	1	estará	3	estimando	2	esverdad	1	examinando	3	excuso	2	extenso	2
espaldas	1	espiritu	5	estarla	1	estimar	1	et	4	examinar	4	excusoándose	1	exterior	4
Espana	1	Espiritu	7	estas	40	estimarla	2	eterna	4	examine	1	exemplo	1	exteriores	2
España	16	espiritual	5	estás	1	estimaron	1	eternamente	1	exceda	1	exenta	1	extiende	4
español	6	espirituales	3	éstas	18	estimarse	2	eternizada	1	excede	7	exhortación	2	extimuit	1
española	6	esplendor	5	estatua	2	estime	1	eternizar	1	exceder	8	eximirse	1	extinguendo	2
españoles	8	esposo	2	estatuas	2	estimo	2	eterno	4	excediendo	2	exorbitancia	1	extraña	4
esparcida	2	espreferido	1	estatura	1	estímulo	2	Etica	1	excediéndose	2	exornación	1	extrañas	5
esparcido	2	espuela	2	Este	170	estímulos	2	etimología	2	excediere	2	exornarla	1	extrañez	1
esparcir	1	espuma	1	esté	3	esto	154	Eufrosina	1	excelencia	22	experiencia	4	extrañeza	9
Españala	1	esque	1	éste	32	estomismo	1	Europa	1	excelencias	2	experiencias	6	extrañezaen	1
esparte	1	esquicio	1	Esteban	1	estos	42	Europase	1	excelente	4	experimenta	1	extrañisimas	1
esparticular	1	esobre	1	estébañado	1	éstos	23	Eustaquio	1	excelentes	7	experimentar	1	extrañisimo	1
especial	5	esta	215	éste	1	estotro	1	Evangélica	2	excepto	1	explicación	1	extranjerias	1
especiales	2	está	26	estefín	1	Estoy	3	Evangélico	1	excesiva	2	explicada	2	extraño	9
especialmente	25	ésta	38	estemodo	1	estrada	1	evangélicos	2	excesivo	1	explicados	1	extraños	5
especie	6	estaba	5	Estén	1	estragadas	1	Evangelio	5	exceso	5	explicar	1	extraordinaria	1

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
extraordinarias	1	facinerosos	2	Fausto	2	fielidad	1	flamantes	1	formación	1	frases	3	fulgurantia	17
extraordinario	1	facultad	4	favor	7	fieles	4	flamenco	1	formada	1	fratricidio	2	fulminando	1
extraordinarios	1	facultades	12	favoraunque	1	fielmente	1	flaquear	1	formado	1	frecuencia	1	funciones	1
Extravagancia	3	facundia	1	favorecidos	1	fiera	1	flaqueza	1	formal	2	frecuente	12	funda	6
extravagantes	1	facundo	1	favores	2	fiestas	1	Flavio	1	formales	2	frecuentes	2	fundación	4
extremo	14	facundos	1	fe	15	figura	5	Flégón	1	formalmente	3	freno	1	fundada	1
extremos	9	falsa	7	fea	2	figurado	1	flneza	1	forman	1	frente	8	fundador	2
extrínsecas	1	falsario	1	fealdad	1	figuran	1	floja	1	formando	1	fria	1	fundamento	2
Ezequiel	1	falsas	5	fecundidad	1	figuras	9	flojedad	1	formar	1	frias	3	fundan	2
F	1	falsedad	7	feisima	1	fiJay	1	flor	4	formare	1	frio	1	fundar	1
fábrica	1	falso	1	feisimo	1	filomelaal	1	florar	1	formarle	1	frivoia	1	fundaren	1
fabricadas	1	falta	13	felicidad	3	filos	1	floreaia	1	formarse	1	fructuosamente	1	fundarse	1
fabricando	1	faltado	1	Felipe	3	Filosofia	3	florece	1	formarse	1	fructuoso	2	furiosa	1
fabricar	1	faltan	2	feliz	1	Filosofia	1	florece	1	forme	1	fruncen	1	furor	1
fabricaron	1	faltar	3	Fénix	1	Filósofo	2	florcieron	1	formó	1	frustraria	2	futuro	1
fábricas	2	faltarán	1	feo	2	filósofos	6	florcio	1	formuleares	1	fruta	2	futuros	1
Fabricio	1	faltarles	1	feos	1	fin	25	floreo	1	fortuna	1	fruto	1	gacetasse	1
fábula	2	faltas	4	feque	1	final	3	floreos	1	forzado	1	frutos	1	gala	4
fábulas	1	faltase	1	ferire	1	finalmente	30	flores	11	forzosa	4	fue	4	galán	32
fabulista	1	faltasen	2	Fernández	1	finde	2	foresta	1	forzosamente	2	fuede	2	galantería	1
fabulosa	1	fama	8	Fernando	5	fines	2	forestas	1	forzoso	6	fuelle	6	Gálatas	5
facción	1	famas	1	fértil	1	Finés	1	Florián	1	Fox	1	fuentes	1	Galeno	3
facen	1	familia	9	fevor	1	fineza	1	florida	2	Fr	6	fuera	1	gallardía	23
faces	1	familiar	4	fevorosa	1	finge	2	floridas	3	fracción	1	fuera	1	gallardía	1
fácil	23	familiaria	1	festinación	1	finda	1	florido	2	fragmento	2	fuere	2	gallardo	21
fáciles	3	familiares	1	festividad	1	findas	2	floridos	1	fragmentos	3	fuere	3	gana	1
facilidad	5	familiaridad	1	fía	1	findos	1	Foción	1	fraguada	1	fuere	1	ganando	13
facilísimo	1	familias	4	fian	1	findos	1	Folieta	1	francés	2	fuerte	2	ganar	4
facilísimo	1	famulantur	1	fian	1	findio	1	Folleje	3	francesa	1	fuertes	1	ganarcon	1
facilita	2	fantástica	1	fiase	1	findir	2	fomentan	2	francia	2	fuertes	2	ganó	11
facilmente	1	faniseos	1	ficciónque	1	findir	1	forenses	1	francisco	6	fuere	6	Garcilaso	8
fácilmente	21	fastidio	1	fidedignas	1	findir	1	forfosamente	1	frase	8	fuere	8	Garnacha	17
fácilmentele	1	fatal	1	fidelidad	2	Física	1	forjartas	1	frasecillas	1	fuere	1	gasta	9
fácilmentese	1	fatigar	1	fiel	6	flaco	1	forma	17	frasesmuy	1	fuga	1	gastado	4

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
gastados	1	gloriosísimos	1	grande	54	griego	6	Habia	3	hacia	1	hallasentales	1	Palavra	1	hediondez	1
gastar	1	gloriosos	1	grandemente	4	griegos	4	había	13	hacia	2	hallatodo	1	Palavra	1	Helánico	1
gastó	2	gubernación	1	grandemente	1	grios	1	habían	3	hacian	1	hallaun	1	Palavra	1	Heme	1
Gauberto	1	gubernada	2	grandeque	1	grosera	1	habida	2	haciase	1	halle	3	Palavra	1	heredada	1
Genealogia	1	gubernado	1	grandes	35	groseria	1	habiendo	24	hacienda	2	hallen	1	Palavra	1	herejia	2
genealógicaen	1	gubernador	3	grandeza	25	groseria	5	habiéndole	1	haciendas	1	hallo	3	Palavra	1	heri	1
generación	1	gubernadores	2	grandezas	3	grosero	3	habiéndome	1	haciendo	5	Halló	3	Palavra	2	herida	2
general	34	gobemar	1	granjea	1	groseros	1	habiéndose	1	haciéndola	1	hambriento	1	Palavra	1	heridas	1
generales	8	gobierna	1	granjeada	1	guarda	4	hábil	1	haciéndole	2	hamo	4	Palavra	2	herido	2
generalidad	1	gobierman	1	granjeado	1	guardados	1	habilidad	1	haciéndose	1	hamoo	1	Palavra	1	herir	3
generalísima	1	gobieren	1	granjeando	1	guardar	6	habitada	1	hade	4	han	44	Palavra	1	herirá	1
generalísimo	1	gobierno	33	granjear	2	guardaré	1	habitar	2	haga	12	hará	7	Palavra	1	herirle	1
generalmente	11	golfo	1	granjearle	1	guardaron	2	habla	18	hagas	1	harán	1	Palavra	1	heris	1
genéricos	1	golfos	1	granjearles	1	guarde	5	hablaba	1	hago	1	haria	1	Palavra	1	hermana	1
género	24	golosina	1	granjearon	1	guárdese	1	hablada	5	halar	1	harina	1	Palavra	4	hermano	4
géneros	7	golpe	1	grano	5	guarnecida	1	hablado	1	Halicarnaseo	1	Haro	1	Palavra	1	hermanos	6
generosa	4	golpes	1	granos	1	guerra	6	hablamos	1	halla	13	harto	10	Palavra	1	hermes	1
generosidad	1	Góngora	1	granparte	1	guerras	3	hablan	5	hallabaun	1	has	3	Palavra	7	hermosa	7
generoso	1	Gordiano	1	Grant	4	guía	3	hablando	12	halladas	1	hasta	26	Palavra	1	hermosamente	1
Génesis	1	gota	1	Graphia	1	Guichardino	1	Hablandodel	1	Hallado	2	haslo	4	Palavra	2	hermosas	2
genio	14	goza	4	grata	2	guisar	1	hablar	44	hallamos	7	hay	85	Palavra	2	hermosea	2
genios	1	gozará	1	grave	17	gusta	1	hablará	1	hallan	7	haya	23	Palavra	1	hermoseado	1
gente	6	grabbatum	1	gravedad	9	gustaron	1	hablaré	1	hallando	1	hayan	1	Palavra	2	hermosean	2
gentes	7	gracia	24	gravemente	5	gusto	34	hablaron	5	hallándose	2	hazaña	1	Palavra	1	hermosísima	1
gentil	3	graciosamente	1	graves	10	gustosa	1	hablen	1	hallar	11	hazañas	18	Palavra	1	hermosísima	1
gentilidad	8	gracioso	1	gravisimas	1	h	3	hablo	1	hallara	1	hazañosas	1	Palavra	1	hermosísimas	1
Georgio	2	grado	5	gravisimas	3	ha	131	habló	1	hallará	14	he	4	Palavra	1	hermoso	1
gigante	7	grados	3	gravisimo	2	habéis	1	habrá	1	hallaráel	1	Hebrea	2	Palavra	1	hermosos	1
Gineta	1	gradúa	1	gravisimo	5	habemos	35	hace	38	hallarán	3	hebreo	2	Palavra	17	hermosura	17
gloria	1	graduación	2	gravisimos	1	haber	17	hacen	21	hallaréis	1	hebreos	2	Palavra	1	hermosuras	1
glorias	21	graduar	1	gravisimos	3	haberlas	1	hacer	34	hallaremos	7	hecha	2	Palavra	1	hernando	1
glorificaciónde	3	gramática	1	greca	2	haberle	2	hacerle	1	hallaria	2	hechas	2	Palavra	1	herodoto	1
gloriosa	1	gran	71	Gregorios	1	haberme	2	hacerlo	1	hallarse	2	hecho	10	Palavra	2	héroe	2
	2	grancasa	1	griega	8	haberse	2	Hacese	1	hallas	1	hechos	16	Palavra	1	héroes	1

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
heroica	1	Historiales	4	honrar	2	huirse	1	ideas	1	iguamente	2	Imperios	8	Imperio	1
heroicas	2	historiar	5	honrara	1	humana	29	identidad	1	il	1	impero	1	imperfectamente	1
heroicos	1	historiaron	1	honrarle	1	humanamente	2	idioma	8	ilicito	1	impertinente	1	incesablemente	1
hermosura	1	Historias	46	honras	4	humanas	11	ido	1	ilustra	1	impiamente	1	incitó	1
hevisto	1	histórica	6	honró	1	humanidad	1	idolos	1	ilustrado	1	impide	1	inclinación	1
hice	1	históricas	1	honrosa	1	humano	18	idoneidad	1	ilustrados	1	impidiese	1	inclinación	3
hiciera	1	histórico	2	honroso	1	humanos	7	le	1	ilustrar	1	impiedad	1	inclinaciones	1
hicieras	1	históricos	2	honrosos	1	humildad	7	lejos	1	ilustrar	4	implume	1	inclinado	1
hiciese	4	hilo	2	hora	3	humildadel	1	les	1	ilustrísima	1	implumes	1	inclinados	1
hiciesen	1	Hitorias	13	Horacio	13	humilde	4	Iglesia	30	Ilustrísimo	1	importa	12	inclinare	1
Hidaspe	1	hizo	14	horas	3	humildes	1	Iglesias	2	imagen	2	importancia	12	inclinaria	1
hiel	1	hoias	1	horizonte	1	humildísimo	1	Iglesiy	1	imágenes	1	importante	12	inclino	1
hierro	2	holganza	1	horrendo	3	humillar	1	ignominia	1	imaginación	1	importantes	3	incito	1
higos	1	holl	1	horrible	3	humillarse	1	ignora	6	imaginar	1	importantísimas	2	incógnito	1
hiia	1	hollado	1	hórido	1	humor	1	ignorados	1	imaginarse	1	importantísimo	3	incomparable	2
hiios	1	hombre	19	horror	6	humores	1	ignoran	2	imita	5	importare	1	incomparables	1
hija	1	hombrea	1	Hortensio	2	Hungria	1	ignorancia	9	imitación	11	importaria	2	inconsideradamente	3
Hjjar	1	hombres	14	hospedaje	1	Hurtado	1	ignorando	1	imitaciones	1	importe	1	inconstante	1
hijos	11	hombros	4	hospedo	1	hurtan	1	ignorante	8	imitadas	1	importuna	1	inconcul	1
hijuelos	7	Homero	2	hoy	14	hurtándose	1	ignorar	4	imitan	1	importunas	1	inconveniencia	1
hilada	1	Homouision	1	hube	1	Huya	1	ignorarle	1	imitar	5	imposible	1	Inconvenientes	4
Hilario	1	hondo	1	hubiera	2	huye	2	ignorar	1	imitarle	1	impresa	1	Incorrupción	1
hilo	5	honestab	1	hubiéramos	1	huyede	1	ignorar	1	imitarios	1	impresión	1	Incrédulos	1
hiperbólicas	1	honestamente	1	hubiese	6	Huyen	1	ignore	1	imitaron	2	impreso	2	increíble	1
Hipócrates	1	honestar	2	hubiésemos	1	huyendo	13	ignoren	2	imite	2	imprime	1	incuir	1
hiriéndole	1	honestas	1	hubiesen	1	huyendo	1	igual	14	impaciencia	1	imprimir	1	inculcar	1
hirviendo	1	honestísimo	1	hubo	7	huyendo	1	igual	1	impenetrable	1	imprimirle	1	inculpable	2
his	2	honesto	3	huertas	1	huyendo	1	igualado	1	imperado	1	impropio	1	incurriendo	1
hisional	1	honor	18	Huerto	1	iba	4	igualan	1	imperados	1	impugna	1	incurriese	1
historia	342	honores	1	Huesca	1	iban	2	igualando	1	imperfección	8	impugnar	1	incurrir	1
historiador	102	honra	6	hueso	1	ibat	1	igualar	1	imperfecciones	1	impulso	3	indagador	1
historiadores	24	honrada	1	huesos	3	id	1	igualarlo	1	imperfecta	3	impulada	1	indecente	1
historial	1	honradores	1	huir	7	idea	5	igualdad	28	imperfectos	1	impute	1	Indecoro	1
								iguales	2	imperio	8	inacesible	1	Indefectible	1

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
índice	1	infierno	1	inmediato	2
índices	1	infirmitud	1	inmediatos	1
índices	2	infirmitud	3	inmensa	3
índices	2	infinito	1	inmensas	1
indiferente	2	infinito	3	inmensidad	1
indigna	1	infinitos	1	inmenso	1
indignación	1	infinito	1	inmensos	1
indignamentelos	1	infinitos	2	inmuebles	2
indignas	1	influencia	1	inmortal	1
indignidad	1	influencias	1	innova	1
indigno	5	informada	1	innovación	10
indignos	1	informado	1	innovaciones	1
indiligencia	1	informándose	1	innovar	9
indisponer	1	informar	1	innovarse	1
individual	1	infunde	3	innumerable	1
individualar	1	infundia	1	Innumerables	4
individuacion	1	infundida	1	inocencia	2
indocto	1	infundirle	1	inocente	2
indoctos	1	infusa	1	inquieta	1
indubitabile	1	ingenio	32	inquieta	1
induce	1	ingenios	19	inquietud	1
inducen	1	ingeniosamente	2	inscripciones	1
inducir	1	ingenioso	1	Insensatos	1
industria	3	ingiera	1	insigne	11
induzca	1	ingieren	1	insignes	10
Inés	2	ingratitud	1	insignias	1
infalible	2	injurado	1	insinúa	1
infamia	2	injurias	1	insipiente	1
infante	1	injurioso	1	insiste	1
infatigable	2	injustamente	1	insolente	1
inferior	4	injusticia	4	insólita	1
inferiores	2	injusto	1	insolittum	1
infiel	1	inmediata	1	insta	1
infiere	3	inmediatas	1	instancia	2

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
insinto	1	interrupción	3	inventores	1	Jerónimo	2	juntas	2	Lactancio	1	lean	2		
Institución	5	intervienen	2	investiga	1	Jerónimo	28	junto	7	lado	6	lección	18		
Instituciones	1	intimaron	1	investigar	1	Jerosolimitano	1	juntos	2	lados	1	leche	2		
instituir	2	intimo	2	invictísimos	1	Jesucristo	2	jurisconsulto	2	laduzura	1	lechos	1		
Instituciones	1	intitulando	1	inviolable	1	Jesús	1	jurisconsultos	1	Laercio	3	lector	23		
instituto	2	intitular	1	io	1	Jiménez	2	Jurisprudencia	4	lamiento	1	lectores	5		
Institutos	1	intitularon	1	ios	1	Job	2	justa	8	lamezcla	1	Lectum	1		
instrucción	2	intituló	2	ir	2	jocoso	1	justamente	3	lance	1	lectura	24		
Instrucciones	1	intolerable	1	ira	17	Jonás	1	justicia	8	lánguidos	2	lecturas	1		
instruir	1	intrinca	1	iracundo	1	Jornada	2	justificados	1	lanza	2	lee	12		
instruirle	1	intrinseca	1	iremos	1	José	5	justifican	1	lanzado	1	leemosde	1		
instrumento	1	introducción	3	ironizando	2	Josefo	3	justísima	1	lanzándose	1	leen	1		
instrumentos	2	introduce	8	irrevocable	1	Josué	1	justísimos	1	larga	9	leeo	1		
instrumentosde	1	introducen	2	irrisión	2	Joven	4	justo	12	largamente	3	leer	23		
integridad	1	introducida	3	Israel	1	Joviano	1	justos	2	largas	2	leerás	2		
inteligencia	25	introducidas	2	it	1	Juan	11	Juvenal	1	largo	10	leerla	1		
inteligencias	1	introducido	3	Italia	4	Jubas	1	Juventud	3	largos	5	leerlas	1		
inteligible	2	introducidos	2	italiana	2	Judá	1	Juzga	2	Larguísima	1	leerle	1		
intempestiva	1	introduciendo	1	italiano	2	Judicatura	1	Juzgan	2	larguísimo	1	leerse	1		
intención	5	introducir	6	Item	2	Judiciales	1	Juzgando	1	largura	1	leeva	1		
intencionado	2	introdujese	1	iter	1	Judit	2	Juzgándose	1	las	649	Legión	1		
intencionados	1	introdujo	1	ltque	1	Jueces	2	Juzgar	4	lastima	1	legítima	2		
intenciones	1	introduzca	3	jactan	1	Juega	1	Juzgaría	1	lastima	2	legítimo	2		
intenta	2	introduzcan	1	jacte	1	Juego	3	Juzgarla	1	Lastimoso	1	leido	6		
intento	19	intruso	1	Jaime	2	Juez	7	Juzgaron	1	latin	1	leidos	1		
interés	5	inuctuoso	1	jamás	10	Jugosa	1	Juzgue	1	latin	2	lejos	1		
interesada	1	inútil	3	jardín	1	Juguete	1	Juzquen	1	latina	14	lemosin	1		
intereses	1	invención	6	jardín	2	Juicio	22	la	2315	latino	1	lengua	37		
interior	1	inventá	3	jardines	1	Juicios	1	labios	1	latinos	5	lenguages	2		
interiormente	4	inventado	1	Jenofontels	1	Juicioso	1	labor	3	latitud	2	lenguaje	29		
interpretadas	1	inventados	1	Jerarquias	1	Julio	2	labrado	1	latuviere	1	lenguajes	1		
intérpretes	1	inventan	2	Jeremias	2	Junta	2	labrador	1	laurel	1	lenguas	6		
interpreto	1	inventar	8	jeroglífico	1	Juntaamente	27	lacañuda	1	lazos	1	leños	1		
interrumpido	1	invente	1	jeroglífico	1	Juntar	3	laconismo	1	lea	148	lenta	2		
interrumpir	1	inventó	4	jeroglíficos	1	Juntarlos	1	laconismos	1	lea	2	lentitud	1		



TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
lento	1	libertad	13	linaje	6	llamó	4	llora	1	lozanea	1	madurez	1	mandasen	1				
lenuaje	1	liberto	1	linajes	1	llana	8	lo	613	lozania	1	maduro	1	mandato	1				
leo	2	libra	1	lineasia	1	llanamente	1	loa	12	Lucano	1	Maella	1	mandó	2				
Leonardo	7	librar	1	Lino y	1	llanas	1	loable	2	LucasWadings	1	maestrade	1	manduca	1				
Leonardos	1	librame	1	Linteos	1	llanasotras	1	loablemente	1	luce	1	maestro	12	manejado	1				
lepone	1	librase	1	Lipso	2	llaneza	7	loables	1	luces	1	maestros	7	manejan	1				
leponian	1	libre	24	liquidos	1	llanisimo	1	loada	1	lucha	1	Magdalena	1	manejo	2				
les	28	libremente	3	lisamentela	1	llano	9	loagrio	1	luchando	1	magisterio	1	manera	72				
lesiga	1	libreria	2	lisay	1	llanos	1	loantes	1	luchar	1	magistrado	3	manerade	2				
leson	1	librerias	2	lisonja	2	llega	8	loar	1	Lucia	1	magistrados	3	maneras	21				
letra	2	libres	3	lisonjas	1	llegado	2	loarlos	1	Luciano	2	Magnánimo	2	manerase	1				
letrado	1	libro	39	lisonjea	1	llegan	1	locual	2	lucido	2	magno	4	manifestando	1				
letrados	1	libros	35	lisonjea	1	llegando	1	locución	1	lucimiento	2	majestad	14	manifiesta	4				
letras	19	licencia	11	lisonjeros	1	llegar	4	locuciones	3	Lucio	2	mal	11	manifiestan	2				
letrero	1	licenciosamente	1	literaria	1	llegará	1	locura	1	lucir	2	maia	5	manifiestas	1				
levanta	1	Licinio	1	livandad	1	llegarán	1	lodinarios	1	Lucrecia	1	malas	4	manifiesto	3				
levantado	6	licita	2	Livio	5	llegaron	2	logran	1	luego	8	maldad	1	Maniqueo	1				
levantar	3	licita	1	Livioque	1	llegó	2	lograr	1	lugar	37	maldicientes	1	manjar	5				
levantará	1	licitas	1	llama	10	llegue	3	lograrse	1	lugares	9	maleficio	1	manjares	1				
levantare	1	licito	7	llamaba	1	lleguemos	1	logre	1	Luis	3	malévola	1	mano	15				
levántese	1	licito	10	llamado	4	llena	7	lomismo	1	lumbre	1	malezas	1	manos	9				
ley	12	lid	1	llamados	2	llenar	2	Lonismo	1	lumen	1	malicia	4	manostiene	1				
leyendo	6	lienzo	1	llamamos	2	llenándolos	1	loor	3	Luna	2	maliciosa	1	Manrique	1				
leyéndola	1	liga	1	llaman	15	llenas	3	loores	1	lunar	1	malicioso	17	mansedumbre	1				
leyéndose	1	lima	3	llamándose	1	lleno	5	lopasado	1	lunares	3	malo	4	mantenense	1				
leyente	2	limadas	1	llamarse	1	llenos	6	lopor	1	Lupercio	7	malos	4	manterense	1				
leyentes	1	limados	1	llamar	4	llava	4	loque	6	lustre	3	mana	3	Manituano	3				
leyere	1	Limitada	1	llamariamos	1	llevaba	1	Lorente	1	luz	35	maná	1	manuscrita	2				
leyeren	1	limite	2	llamarlas	1	llevado	4	Lorenzo	2	luzca	1	manan	1	manuscrito	1				
leyes	20	límite	3	llamaron	1	llevar	3	Lorenzos	1	m	7	mañana	2	manusrito	1				
leyese	2	límites	4	llamarse	5	llevaré	1	los	873	Macabea	2	mancha	2	manzana	1				
leyó	1	limpia	3	llamas	1	llevaría	1	losa	1	Macabeos	2	manchar	1	manzanas	1				
Lezana	1	limpias	1	llámase	1	lleve	2	losea	1	Macedonia	1	manda	1	mapas	1				
liberal	1	limpieza	1	llamen	1	lleven	1	losean	1	madera	1	mandan	3	mar	3				
liberalidad	1	limpio	3	llamo	1	llevo	2	loútil	1	Madre	6	mandaron	1	maravilla	1				

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
maravillas	2	materialmente	3	medité	1	menudencias	1	mezael	1	ministrándoles	1	moderacion	1		
maravillosa	1	materias	13	médulas	1	menudo	2	mezclando	1	Ministre	1	moderación	5		
maravillosamente	1	mató	1	mejor	18	menudos	1	mezclar	11	Ministro	3	moderar	1		
maravillosas	1	Matón	1	mejora	2	meramente	1	Méclase	1	ministros	5	moderna	3		
marcada	1	matrona	1	mejorado	1	merced	1	mezcle	1	mio	6	modernas	3		
marcadas	1	Mauritanias	1	mejoramiento	2	merece	5	mezclemos	1	mira	10	moderno	2		
Marcial	3	Máximo	5	mejorando	1	merecedora	28	mirada	1	mirada	1	modernos	6		
Marcio	1	Máximos	1	mejorar	2	merecen	5	miramos	3	miramos	3	modesta	1		
Marco	1	mayor	79	mejoraria	1	mereceneste	4	miran	2	miran	2	modestia	12		
Marco	1	mayorago	1	mejorarse	1	merecerle	1	mirando	1	mirando	2	modestísima	1		
marde	1	mayores	17	mejoren	1	merecia	1	mirándola	1	modesto	1	modesto	5		
mares	1	mayormente	4	mejores	5	merecias	1	mirar	1	modestos	2	modestos	2		
margarita	1	Mayormentesi	1	mejorias	1	merecido	2	Mire	1	modifica	3	modifica	1		
margen	3	me	33	Melchor	1	merecidos	1	Mirémolso	1	modo	1	modo	73		
márgenes	3	mecánicas	1	melindrear	1	mereciere	3	miren	5	modos	1	modos	7		
María	1	medallas	1	melindres	1	merecieron	3	mis	2	mofa	3	mofa	1		
Mariana	1	media	3	melosidad	1	merecimiento	1	miserable	1	moisés	1	moisés	3		
marido	2	mediam	1	memoria	29	mereza	1	Miguel	1	moliendo	1	moliendo	1		
Mario	1	median	1	memorias	1	mérito	1	mil	8	momentos	54	momentos	1		
maniscosal	1	medianamente	2	mención	1	méritos	2	milagros	4	monarca	1	monarca	4		
marleras	1	medianas	2	mendigan	2	meses	2	milagrosas	1	monarquias	17	Monarquias	1		
maro	1	mediana	7	menea	1	metafora	3	milagroso	2	misma	21	Monarquias	2		
Marqués	3	mediano	3	menearse	1	metaforas	2	milagrosos	1	misimos	21	Monásticos	1		
Martel	1	medicamentos	1	menester	25	metafóricos	1	milducados	1	mismoso	1	moneda	4		
Martín	1	Medicina	2	mengua	5	metal	1	Mileo	1	misterio	5	monedas	1		
Mártires	5	medicinas	1	menguas	2	metales	1	milicia	1	misterios	8	monje	2		
martirio	1	médicos	2	menor	7	Metástenes	1	Militar	2	misteriosa	3	monjes	2		
Martirologio	1	medida	3	menores	6	meter	2	militares	1	misteriosas	2	monstruo	2		
Mas	12	mediday	1	menos	90	Método	20	millares	1	misterioso	2	monstruosidad	1		
más	463	medie	1	menosidea	1	metro	1	minas	1	Mitridates	1	montañas	1		
Mateo	1	medio	34	mente	7	Metrópolis	1	minerales	2	mixti6n	4	monte	1		
materia	99	mediocidad	2	mentira	4	Metropolitana	1	ministerio	12	mixtos	1	montes	5		
material	12	medir	2	mentiras	1	mezcla	13	ministerios	4	mixtura	1	monumento	1		
materiaia	1	meditaci6n	1	menudas	2	mezclada	1	ministradas	1	moci6n	4	monumentos	2		
materiales	1	meditan	1	menudencia	1	mezcladoni	1	ministrando	1	modelo	2	Monz6n	1		

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
moral	13	muchacho	1	multitud	1	narración	1	necesidad	23	Niseno	1	notada	1
moralen	1	muchas	72	mundo	38	narraciónde	1	necesidades	1	no	599	notadas	1
morales	5	muchedumbre	7	muntañas	1	narraciones	1	necesita	9	Nobiliarios	1	notando	1
moralidad	4	mucho	69	murieron	1	narradas	1	necesitada	1	nobilísima	1	notar	4
moralista	1	muchos	63	muro	2	narran	2	necesitan	3	nobilísimos	1	Notarios	1
morán	1	Mucio	2	Musa	1	narrando	1	Nechos	2	noble	7	notaria	1
Morcillo	1	muda	2	Musas	2	narrar	2	neocio	1	nobles	6	notarse	2
mordiscón	1	mudable	2	musculos	1	narrativa	1	neocios	1	nobleza	15	notas	3
morigerados	1	mudada	1	Museo	1	nativa	1	negar	2	noblezade	1	note	1
morirán	1	mudadoel	1	Música	1	nativo	2	negará	1	noche	1	noticia	49
moros	1	mudan	1	músico	1	natura	1	negocio	2	noctem	1	noticias	15
mortal	1	mudando	2	muy	198	natural	1	negocios	25	nolo	2	noticiosa	1
mortales	6	mudándose	1	muya	1	naturala	1	nel	1	Nombrábale	1	noticioso	1
mortalesaún	1	mudanza	2	n	1	naturaleade	1	Nepote	1	nombraaban	1	noto	1
mortalespara	1	mudar	2	na	1	naturales	7	Nerodoto	1	nombrado	1	notó	1
mortificación	1	mudas	1	nace	9	naturaleza	30	nervios	3	nombrados	1	notoriamente	1
mortificado	1	mude	2	nacen	5	naturalezas	1	ni	183	nombramiento	1	notorias	1
mortificando	1	mudos	1	nacer	1	naturalizada	1	nido	2	nombran	1	notorio	4
mosio	1	muele	1	nacia	1	naturalmente	1	nieblas	1	nombrar	2	notorios	2
mos-trando	1	muelencon	1	Nacienceno	1	náufragos	1	niega	1	nombraremos	1	novedad	23
mostrar	3	mueren	1	nacidade	1	Navarra	1	niego	1	nombrase	1	novedades	1
mostramos	1	muerte	6	nacidas	2	navega	1	nieños	1	nombre	36	novelas	1
mostraron	1	muerto	2	nacido	3	navegación	1	nin	2	nombrede	1	noventa	1
motas	1	muertolos	1	nacimiento	1	navegante	2	niña	1	nombrés	8	novísima	1
motibus	1	muestra	2	nació	2	navegar	1	niñez	1	nombréy	1	nube	2
motivo	4	muestran	3	Nación	9	nec	1	Ninfa	1	nombró	1	nubes	1
motivos	1	muestras	1	naciones	9	necedad	2	ningun	1	normenciatura	1	nublados	1
mover	2	mueve	1	nada	7	necesaria	18	Ningún	11	nomenos	1	nuesstro	1
movido	2	mujer	3	nadie	16	necesariala	1	ninguna	18	non	1	nuestra	36
movidos	1	mujeres	1	Naedera	1	necesariamente	3	ninguno	2	nos	34	nuestras	2
movimiento	2	mujerno	1	Nápoles	4	necesarias	11	niño	5	nosotros	6	nuestro	30
mozo	2	multiplica	2	narizque	1	necesario	32	niños	2	nota	7	nuestros	10
mozos	1	multiplicando	1	narra	4	necesariopara	1	nipisando	1	notaba	3	nueva	11
mozuelo	1	multiplicidad	2	narraba	1	necesarios	2	Nipócritas	1	notable	11	nuevamente	1
mucha	12	multitud	1	narración	87	necesarisima	1	nisaben	1	notables	8	nuevas	13

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
nueve	4	obligar	5	ocontienen	1	ofrecer	1	Olvide	2	oraporque	1	ornada	1	otrosmuchos	1		
nuevo	23	obligarles	1	Octacilio	1	ofrecia	1	olvidela	1	Oratore	1	orman	1	otrosque	1		
nuevos	9	obligamos	1	Octaviano	1	ofreciendo	1	olvido	2	oratoria	1	ornato	11	otrossucesos	1		
nuez	1	obligaste	1	ocualquier	1	ofreciere	2	omisión	1	Orbe	1	ornatode	1	otrostales	1		
numen	2	obligatorias	1	oculta	2	ofrecieren	1	omitido	5	orden	40	oro	11	oirotodo	1		
numerafos	1	obligatorio	2	ocultaban	1	ofreció	1	omitir	1	ordena	2	ortografia	2	oye	8		
número	10	obra	83	ocultas	1	ofuscarla	1	omitiría	1	ordenada	2	os	6	oyeal	1		
números	3	obrado	1	ocultos	1	Oh	16	omitirlos	1	ordenadas	1	osa	1	oyen	1		
numerosin	1	obrahaces	1	ocupa	5	oia	1	omitirse	2	ordenado	2	osada	1	oyendo	2		
numerosos	1	obrando	1	ocupación	19	oía	1	omnimoda	1	ordenando	1	osadia	2	Oyendoal	1		
nunca	23	obrar	9	ocupaciones	5	oian	1	on	1	ordenar	4	osadia	1	oyente	7		
nuncia	1	obras	51	ocupado	2	oia	1	onación	1	ordenarse	1	osadías	1	oyentes	7		
o	472	obren	1	ocupalos	1	oido	1	once	1	ordenasu	1	osar	1	oyera	1		
obedecer	2	obrilla	1	ocupan	1	oído	3	operación	2	ordenede	1	osare	1	oyó	4		
obedecerlos	1	obró	2	ocupándose	1	oídos	3	opinión	18	ordenó	1	oscura	5	P	6		
obedezco	1	observación	2	ocupar	3	oiga	1	opiniones	3	ordeny	1	oscorece	1	Pablo	3		
obediencia	2	observaciones	2	ocuparias	1	Oigámosle	1	opone	4	ordinaria	10	oscorecer	1	Pablos	1		
obido	1	observada	1	ocuparse	1	oigo	1	oponea	1	ordinariamente	1	oscorecerlo	1	paciencia	9		
objección	1	observado	2	ocupase	1	oir	7	Oponen	1	ordinarias	3	oscuridad	21	pacientes	1		
obispo	2	observadores	1	Ocupó	1	oirías	1	oponga	1	ordinario	26	oscurisimas	1	pacífica	1		
obispos	1	observan	2	ocurre	1	oirfe	1	opor	1	ordinarios	3	oscuro	6	pacificador	1		
objección	3	observancia	6	ocurrencia	1	oialá	1	oprecisa	1	organizada	1	oscuros	1	pacífico	1		
objecciones	1	observanciade	1	ocurrir	2	ojo	1	opuestas	2	órganos	1	Osó	1	padecen	3		
objeto	3	observar	9	odio	8	ojos	12	opuesto	2	orgullo	1	ostenta	1	padecer	1		
objetos	1	observarse	1	oen	3	Olimpicas	1	opúsculos	1	Oriente	2	ostentación	5	padecido	1		
oblicuamente	1	obtenido	2	of	1	olvida	1	opusiere	1	origen	4	ostentando	3	padeciendo	2		
oblicuas	9	Ocampo	1	ofalsa	1	olvidada	22	ora	2	origina	2	ostentar	5	padeció	2		
oblicuidad	1	ocasión	14	ofender	2	olvidadas	10	oración	1	originada	1	ostentario	1	padre	11		
oblicuos	1	ocasiones	17	ofendida	1	olvidado	3	oraciones	3	originadas	1	ostentando	89	padres	9		
obiiga	2	ocho	5	oficina	4	olvidados	5	oráculos	1	originados	1	ostentando	72	pagándose	1		
obiigaa	1	ocio	2	oficio	21	olvidadoya	1	oráculos	1	original	3	ostentar	71	pagar	1		
obligación	25	ociosidad	1	oficios	6	olvidando	15	orador	1	originales	1	ostentando	1	pagar	1		
obligaciones	6	ocioso	1	oficiosa	1	olvidándose	3	oradores	3	originalmente	1	ostentando	1	pagar	1		
obligado	1	ociosos	1	ofrece	8	olvidar	1	oradorno	1	orilla	2	ostentando	98	países	1		
obligamos	1	oconfesaban	1	ofrecen	4	olvidaron	1	oraen	2	orta	1	Otroshay	1	pajarillos	2		

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
pájaro	2	parasemejantes	1	partes	37	patente	2	peligro	2	perderle	9	perderle	2	permite	5
palabra	19	paratodas	1	participa	1	patentes	2	peligros	2	perdida	1	perdida	1	permitido	1
palabras	67	paratratar	1	participan	1	patraña	1	peligrosas	1	perdido	1	perdido	2	permitio	1
palacio	3	parauna	1	participando	1	patria	6	peligroso	1	perdiendo	1	perdiendo	1	permitiremos	1
paladar	3	parciales	1	participar	1	patrias	1	Pellicer	1	perdiéndose	1	perdiéndose	1	perniciosas	1
paladardel	1	parece	30	particular	70	Patricio	1	pele	1	perdieron	1	perdieron	1	pero	193
Palermo	1	Parécele	1	particulares	26	Patrimonio	1	pena	2	perdió	2	perdió	2	peroal	1
palma	2	Paréceles	2	particularesen	1	patrio	1	penando	1	perdón	1	perdón	1	Peroha	1
palmaen	1	parecen	2	particularidad	4	pausa	1	pende	1	perdona	6	perdona	2	peromayor	1
palmatoria	1	parecer	8	particularizar	1	pavit	1	penden	1	perdonar	1	perdonar	1	peropodría	1
palos	1	parecerá	3	particularmente	6	paz	7	pendendel	1	perdono	1	perdono	1	peroque	1
pan	3	parecería	1	partículas	1	peca	1	pendiesen	1	perdurable	1	perdurable	1	peroquien	1
panegíricas	1	parecerlo	1	particulcomo	1	pecadora	1	penetra	1	perció	1	perció	1	perpetua	3
pañó	1	parecerme	1	partiendo	1	pecados	2	penetrado	1	peregrinación	1	peregrinación	1	perpetúa	1
Papa	1	parecia	3	parto	1	pecan	1	penetrante	1	peregrinas	1	peregrinas	1	perpetuar	1
Papado	1	pareciendo	2	partos	1	pecará	3	penetrar	3	perfección	2	perfección	23	perpetuas	1
Papas	1	pareciéndole	1	pasa	8	pecho	2	penitente	2	perfecciona	1	perfecciona	2	perpetue	1
papel	5	pareciéndoles	2	pasaba	1	pechos	2	penosoel	2	perfeccionan	1	perfeccionan	2	perpetuo	1
papeltan	1	pareciéndome	1	pasada	2	pedazo	2	pensado	2	perfeccionar	1	perfeccionar	2	perplejidad	1
Papiniano	1	pareciéndose	1	pasadas	1	pedazos	1	pensamiento	1	perfeccionarla	2	perfeccionarla	2	Persas	2
par	3	pareciéndoselo	1	pasado	8	pedia	4	pensarlo	4	perfecciones	1	perfecciones	2	persecuciones	1
para	463	pareciere	3	pasados	9	pediamos	1	Pentateuco	1	perfecta	2	perfecta	22	persevera	1
parabola	1	pareció	3	pasan	2	pedian	1	peor	1	perfectamente	1	perfectamente	4	perseveran	3
parabólica	1	Parecióle	1	pasar	3	pedian	1	pequés	1	perfectisimos	1	perfectisimos	1	perseverancia	1
paracon	1	pared	1	pasarla	1	pedimos	10	pequeña	5	perfecto	6	perfecto	6	persiguiendo	1
paracontratar	1	parentescode	1	pasaron	2	pedir	3	pequeñas	3	perfectos	3	perfectos	3	persona	38
parael	1	paréntesis	1	pase	1	pedirá	1	pequeño	5	período	1	período	1	personaen	1
paraeste	1	parezca	13	pasen	1	Pedro	7	pequeños	7	períodos	3	períodos	3	personaje	4
paráfrasis	1	parezcan	2	pasión	8	pegadiza	1	per	1	períodos	1	períodos	2	personajes	4
paraimitar	1	parienta	1	pasiones	3	pelea	1	perceptible	1	períodos	1	períodos	4	personales	2
parainstrucción	1	parlería	2	paso	8	peleado	1	percibe	1	peritos	1	peritos	1	personas	24
Paralipómenon	1	Parmesano	1	pasó	1	Pelegino	1	perciben	1	perjuicio	1	perjuicio	1	perspicuidad	1
paraomato	1	párrafo	1	pasos	1	peligra	2	percibiendo	2	perla	1	perla	2	persuada	2
parapersuadir	1	párrafos	3	pasto	1	peligrar	1	perder	2	permanentes	3	permanentes	1	persuade	1
paraque	2	parte	84	patavinos	1	peligre	1	perdería	1	permita	2	permita	2	persuaden	3

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
persuadi	1	pidenal	1	place	1	poderosa	1	políticas	1	Policia	2	por	546	potestad	2
persuadir	2	Pidese	1	placer	1	poderosamente	1	politico	1	Porcia	1	Porcia	1	poyo	1
persuadirta	1	pidiendo	1	placidis	1	poderosas	1	politico	2	porción	5	porción	1	práctica	2
persuadirme	1	pidieron	1	planetas	1	poderoso	1	politicos	3	porciónde	4	porciónde	1	pragmática	1
persuasión	3	pidió	2	planos	2	poderosos	1	polluelos	2	pordecoro	1	pordecoro	1	preceda	1
pertenece	24	Pido	1	planta	1	poderse	1	poivo	2	porel	1	porel	1	preceden	1
perteneceña	1	pie	1	plantas	1	podia	4	póivora	2	poresta	1	poresta	2	precedieron	1
pertenecer	1	piEDAD	2	plata	2	Podia	3	poivos	3	porfia	1	porfia	1	preceptivo	2
pertenecia	1	piEDra	3	piáticas	2	podiamos	1	Pompeyo	1	porhistoriador	1	porhistoriador	1	precepto	7
Perteneciente	4	piEDras	4	Platón	2	podian	2	ponderación	1	poridea	5	poridea	1	preceptor	1
pertinacia	1	piel	1	plaza	1	podian	1	ponderaciones	1	porla	2	porla	1	preceptos	10
perturba	1	piensa	2	plazas	1	podido	1	ponderado	1	pormedio	1	pormedio	2	precia	4
perturbe	1	piensan	1	plazo	2	podra	1	ponderando	1	porrimi	3	porrimi	1	precian	3
perturben	1	piERda	1	plebeyo	2	podrá	18	ponderar	5	porrmitas	3	porrmitas	1	precio	1
perversidad	1	piERdan	2	pleito	5	podrán	5	ponderarla	2	pornatural	1	pornatural	1	preciosa	2
perverso	1	piERde	3	pleitos	1	podria	2	Pondérase	1	pornotorias	1	pornotorias	1	preciosidad	1
pesa	1	piERden	1	pliego	1	podria	3	ponderó	1	Poro	1	Poro	1	precioso	5
pesadas	1	piERdo	1	Plino	9	podriamos	1	pondré	1	porparte	1	porparte	1	preciosos	1
pesadísima	1	pies	24	pluma	24	podrian	2	pone	2	porque	3	porque	234	precipicio	1
pesar	1	pieza	1	plumas	2	poema	2	ponemos	2	porque	2	porque	1	precipicios	1
pesca	1	Pilar	1	Plutarco	5	poemas	4	ponen	4	porser	4	porser	1	precipicio	1
pescador	1	pidora	1	poblada	1	poesia	12	poner	15	portemor	6	portemor	1	precipita	1
Pescadores	1	pimienta	1	pobre	1	poeta	15	ponerlo	1	portodo	1	portodo	1	precisa	8
pese	1	pincel	5	pobreza	5	poetaen	1	ponga	1	pos	2	pos	3	precisael	1
peso	5	pinta	4	poca	4	poetas	4	pongamos	4	posde	1	posde	1	precisamente	2
petición	3	pintado	1	pocas	10	Poética	8	pongo	8	poseer	1	poseer	1	precisas	1
pez	3	pintando	1	pocasnia	1	poéticas	2	poniendo	2	posesión	3	posesión	1	precisión	3
piadosa	1	pintar	5	poco	20	poético	2	poniéndole	2	Posevinol	1	Posevinol	1	preciso	1
piadoso	1	pinte	1	pocos	9	poetizada	1	poniéndose	1	posible	1	posible	10	predica	1
picado	1	pintor	3	pocosde	1	Polibio	1	Pontano	1	posponga	1	posponga	1	predicaba	1
picante	2	pintura	5	podamos	1	policia	1	Pontifice	1	posponiendo	2	posponiendo	1	predicado	1
pida	5	pinturas	4	podemos	6	policia	3	pontifices	3	posteridad	3	posteridad	4	predicador	2
pide	33	pio	1	poder	3	Poliorete	1	pontificia	1	posteridada	1	posteridada	1	predicándose	1
pidela	1	pisadas	1	poderio	4	politica	1	popa	1	postrera	1	postrera	1	predicar	1
piden	6	pisar	1	podería	1	Política	4	popular	4	potencia	2	potencia	2	preferido	1

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
pregoneros	1	presupuestos	1	primos	1	procuran	1	profundo	1	propone	1	Palavra	3	providencia	4
pregunta	1	pretenda	1	principal	43	procurando	9	profundoy	1	proponga	1	proviene	1	proviene	1
Preguntado	1	pretende	8	principalde	1	procurar	9	progresos	2	proponia	1	provienede	1	provienede	1
preguntamos	1	preten-de	1	principales	11	procurarian	1	prójimo	1	proporción	18	provincia	11	provincia	11
prelado	2	pretenden	3	principalisima	1	procurarla	3	prolija	8	proporcionada	2	provincias	7	provincias	7
prelados	2	pretendieran	1	principalisima	2	procurarse	2	prolijamente	1	proporcionado	2	provisión	1	provisión	1
premiada	1	pretendieron	1	principalisimo	1	procure	2	prolijo	7	proporcional	1	provoca	1	provoca	1
premio	1	pretendió	1	principalmente	30	procureia	1	prolijos	4	proporcionalmente	1	próximas	1	próximas	1
Premios	3	pretendo	1	principe	2	procuró	2	prólogo	1	proporcionar	1	prudencia	15	prudencia	15
premiy	1	pretensión	2	principe	17	prodigio	1	prólogos	3	proporcione	1	Prudente	2	Prudente	2
preñado	1	pretexto	1	principes	14	prodigios	1	prolonga	1	propósito	12	prudentes	1	prudentes	1
prendas	3	prevalece	3	principio	35	prodigiosas	1	prolongada	1	propósitos	1	prudentisima	1	prudentisima	1
prende	2	prevalecen	1	principios	13	prodigioso	1	Próloyos	1	propuesta	3	prudentísimos	1	prudentísimos	1
prendió	1	prevaleció	1	prior	1	prodigiosos	2	promete	1	propuestos	1	pueba	7	pueba	7
preñeces	1	prevaricación	1	primeramente	1	producen	1	prometes	1	prorrumpirá	1	pueban	1	pueban	1
preñez	1	prevención	4	prisa	1	proemio	2	prometiéndoles	1	prosa	15	puebas	2	puebas	2
preparado	1	prevenciónde	1	priva	1	Proemios	1	promontorio	1	prosecución	1	puebase	1	puebase	1
preparar	1	prevenga	1	privada	4	proezas	2	promulgación	1	proseguida	1	publica	1	publica	1
presbiteros	1	prevenido	1	privadamente	4	proezasde	4	prontitud	1	proseguido	1	pública	8	pública	8
presencia	1	prevénidos	1	privado	2	profana	10	Prontuario	1	prosequimos	1	publicado	3	publicado	3
presenciadel	1	prevénirse	1	primero	1	profanas	6	pronuncia	1	proseguir	3	públicamente	4	públicamente	4
presenta	1	previene	1	prncipios	1	profano	8	pronunciación	3	prosigue	5	publicándose	1	publicándose	1
presentado	1	Primer	23	Probado	1	profanos	5	propensión	1	prosiguiese	1	publicano	1	publicano	1
presentario	1	primera	26	probar	2	profecia	1	propia	35	próspera	1	publicar	12	publicar	12
presente	8	primeramente	2	probaran	1	profesaba	1	propiamente	12	protección	2	publicare	1	publicare	1
presentes	6	primeraque	1	probaremos	1	profesan	4	propias	10	protocolos	1	publicarlas	3	publicarlas	3
presentesen	1	primeras	5	probarlo	2	profesaron	1	propicomo	1	provecho	17	publicarlo	1	publicarlo	1
presto	7	primerasque	1	procede	1	profesión	2	propiedad	12	provecholo	1	publicarse	2	publicarse	2
prestocon	1	primero	35	proceden	1	Profesor	1	propiedades	8	provechos	9	publicas	1	publicas	1
presuma	2	primerode	1	proceder	1	profesores	5	propincuidad	1	provechosa	9	publicó	3	publicó	3
presume	2	primerolo	1	procedia	1	profeta	3	propio	38	provechosamente	1	público	9	público	9
presumir	1	primeros	9	procedian	1	Profetas	9	propios	3	provechosas	2	publicos	1	publicos	1
presunción	4	primitivos	1	procedieran	1	profética	1	propisima	1	provechoso	3	públicos	3	públicos	3
presupongo	2	primor	2	procura	3	profunda	1	propisimos	1	proverbiales	1	Publio	2	Publio	2
presupuestoque	1	primoroso	1	procuralo	1	profundidad	2	propisimoy	1	próvida	2	publique	1	publique	1

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
puede	1	puncen	1	quedadc	1	quemora	1	quévirtudes	1	Quitreo	1	rebozo	1		
puediendo	2	punta	3	quedamos	1	queno	1	queyo	1	quizás	1	rebozos	1		
puediéndose	1	punto	9	quedan	6	queños	6	quiebra	1	racional	3	recapitulación	3		
puediera	8	puntos	7	quedando	7	queordenó	2	quien	1	racionales	1	recapitular	1		
puediéramos	6	puntoy	1	quedándose	1	quepadecieron	1	quién	1	radiis	29	recedentibus	1		
puedieran	7	puntual	2	quedar	3	quepara	3	Quiénduda	1	raíz	2	recelo	1		
puediere	1	puntualidad	2	quedara	2	queparece	1	quienes	1	raízy	7	reciba	2		
puedieron	3	puntualmente	1	quedará	6	quepertenece	6	quiénes	1	ramales	1	recibe	4		
puediese	2	pura	5	quedarán	5	quepor	1	quiera	1	rampión	7	reciben	3		
puediesen	2	puramente	2	quedare	2	quepretendían	1	quiere	1	rara	13	recibida	4		
pudo	8	puras	1	quedaría	1	queprincipalmente	2	quieren	1	raras	6	recibido	6		
pueblo	12	pureza	4	quedasen	4	queprometiese	1	Quiérenla	1	rareza	1	recibidos	2		
pueda	21	purificado	1	quede	5	quepueda	5	quieres	1	raro	2	recibiesen	1		
puedan	2	purificando	1	quedejamos	1	quepuede	1	quiero	1	raros	9	recibió	1		
puedas	1	purísima	1	quedemos	1	queréis	1	quieta	2	rasquillo	2	recibir	3		
puede	98	puro	4	quedesde	1	queremos	1	quieto	5	rastros	1	recirse	1		
pueden	23	puros	1	quedo	1	querequiere	1	quietud	1	rato	1	recibo	4		
puedes	2	pusiera	1	quedó	2	querer	2	quilates	1	ratose	1	reciente	2		
puedo	3	pusiese	2	quedos	1	quereria	1	quince	1	ratosen	1	recientes	2		
puerta	1	pusimos	1	queel	1	querespiran	1	quinientos	1	raudal	1	recita	1		
puerto	3	puso	1	queen	3	querido	3	Quintiliano	6	raya	3	recitación	4		
puertos	1	Puy	1	queenseñan	1	queriendo	1	Quintilio	1	rayo	2	Recitando	1		
pues	126	que	2217	quees	2	queriéndolas	2	Quinto	3	razón	26	recitándose	1		
puesla	1	qué	81	queescribe	1	queriéndole	1	Quios	1	razonamiento	7	recitar	1		
pueslos	1	queahora	1	queésia	1	queriéndome	1	quisiera	3	razonamientos	5	recitase	1		
puesla	2	quealgunas	1	quehabemos	2	querria	2	quisiere	7	razonar	2	recitasen	1		
puesto	15	queanda	1	queimporta	1	querrian	1	quisieren	1	razones	10	recito	1		
puestoen	1	quebrando	1	queja	1	quese	1	quisieron	5	re	2	reclamen	1		
puestos	3	quebranta	1	quejo	1	quesea	1	quiso	2	Real	4	reclamo	1		
pulcris	1	quecelebra	1	quejoso	2	quesuele	2	quita	3	realce	1	reclamos	1		
pule	1	quecomo	2	quellaman	2	quesuelen	2	quitata	1	reales	2	recogidas	1		
pulimento	1	quecon	1	quelos	1	quesupone	1	quitando	1	realidad	1	recogido	1		
pulir	1	quéconsista	1	quemar	1	quetambién	1	quitaria	1	realiza	1	recogidos	1		
pulirla	1	queda	10	quemás	10	quetenían	1	quitarte	1	realizada	1	recogiendo	1		
púlpitos	1	quedacon	1	quemenoscaba	1	quetratan	1	quitasen	1	realizado	1	recomendación	1		



TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
reconoce	2	redunda	1	regiones	1	remirar	1	repreñión	3	resistencia	2	resucitan	1
reconocemos	1	redundado	1	registro	2	remirarla	1	repreñiones	1	resistir	1	resucitando	1
reconocen	3	referian	1	registros	1	remire	1	representa	6	respectiva	6	resucitar	1
reconocer	1	referida	1	regla	6	remite	1	representación	10	respectivamente	1	resuelto	1
reconocerse	1	referidas	4	reglaa	1	remontados	1	representaciones	1	respeto	5	resulta	2
reconoció	1	referido	7	reglacierta	1	remotas	1	representado	1	respeto	9	resultando	1
reconvengoal	1	referidos	6	reglas	2	renacer	2	representael	1	respetos	3	resultará	2
recopilar	1	referir	10	regularmente	2	Renacerán	1	representan	3	respetuosa	1	resume	1
recordación	2	referirán	1	regule	2	rendirse	2	representando	2	resplandece	2	resumese	1
recrea	2	referiré	1	rehusar	1	renglones	1	representar	6	resplandecen	1	resumiendo	1
recreación	5	referirlas	2	rehusarlo	1	reñida	1	representarle	1	resplandecer	1	retener	2
recreando	1	referirlos	1	rehuya	1	renombre	1	repreta	1	resplandecia	1	retiene	2
recrear	2	referirse	4	reina	1	rentas	3	reprima	1	resplandeciente	1	retienen	1
recrece	2	referirus	1	Reino	25	renueva	1	repriminas	1	resplandezca	1	retira	1
recta	1	refiere	18	reino	2	reos	2	reprobación	1	resplandor	3	retirada	1
reclamente	2	refierela	1	Reinos	12	reparamos	1	reprobado	2	resplandores	1	retiro	1
rectas	13	refieren	2	relación	25	reparar	3	reprobar	1	responde	4	retoca	1
rectiblicuas	3	refiero	1	relaciones	8	reparo	2	reprueba	2	responder	10	retorcer	1
rectitud	22	refire	1	relatan	1	repartida	1	reprueban	1	responderá	1	Retórica	7
recto	13	refiriendo	4	relatando	2	repeñinos	1	repruebe	1	responderemos	2	retóricas	2
Rector	1	refiriéndose	1	releer	1	repeñe	1	repruebo	2	respõndese	1	retórico	2
rectos	2	refinesen	1	relieve	1	repetinos	4	República	43	respondido	1	retrato	2
recuenta	1	refirió	1	religión	21	repetición	3	Republicas	2	respondiendo	2	retruécanos	1
recuentan	2	reflexión	2	religiones	9	repetido	2	Repúblicas	6	respondió	4	reventando	1
recuerdo	1	reflorecerá	1	religiosa	8	repetidos	1	repugnancias	1	respondo	3	rever	1
redarguir	1	reformación	2	religiosas	3	repetir	2	repulido	1	respuesta	4	reverbera	1
redes	2	reformado	1	religioso	14	reponiendo	1	reputa	3	resta	4	reverencia	6
redimió	1	reforzar	1	religiosos	10	reprende	3	reputación	4	restante	1	reverenciamos	1
redimir	1	refrenar	1	reloj	1	repreñden	1	requiere	16	restituir	1	reverla	1
reducción	1	refundirse	1	remate	2	repreñer	1	requieren	4	restituirles	2	reverle	1
reduce	3	refundirseen	1	rematede	1	Repreñdese	1	requisito	16	restituirlos	1	revés	3
reduciéndola	1	regalar	1	remedia	1	repreñido	3	requisitos	16	restituya	1	revestidosde	1
reducir	8	regalo	1	remedio	1	repreñiere	5	reservando	1	restituye	1	revestirse	1
reducira	1	Regencia	1	remediodel	1	repreñió	1	resfrica	1	resucita	1	revienta	1
redujese	1	regidos	1	remira	2	repreñible	3	resfriado	1	resucitado	1	revisores	1

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
revolver	4	robardolos	1	nueadas	1	sacado	2	salido	1	satisface	1	secretario	1
revuelva	1	robar	1	Ruegame	1	sacamos	1	saliendo	1	satisfacen	1	secretisimas	1
Revuelve	1	robo	1	ruego	2	sacan	1	saliendodel	1	satisfacer	4	secreto	1
rey	22	Robortelo	1	ruidos	1	sacando	1	salieron	1	satisfechosse	1	secretos	2
reyes	14	rodado	1	rui señor	1	sacar	5	salíó	1	sazón	3	sectas	1
rica	1	rodados	1	rústicidad	2	sacarse	1	salir	3	sazonada	1	secuaces	1
ricade	1	rodando	1	rústico	3	sacerdocio	1	Salmista	2	sazonadamente	2	secular	3
rico	2	Rodas	1	rústicos	2	sacerdote	2	Salomón	1	sazonado	4	seculares	6
ricos	1	rodea	1	rústiquez	1	sacerdotes	4	salsilla	2	sazonados	2	secularesde	1
ridícula	3	rodeado	1	Rut	1	sacó	1	Salterio	1	sazonar	2	sed	1
rie	1	rodear	1	is	23	sacra	1	salud	4	Scévola	4	sedebe	1
riendas	1	rodearse	1	sabe	10	sacramento	2	saludaba	1	se	960	sedeleitan	1
riesgos	1	Rodellar	1	sabemos	2	sacramentos	2	saludablemente	1	isé	4	sedice	1
rige	1	Rodio	1	saben	4	sacratissimas	1	saludó	1	sea	119	sediferencia	1
rígida	3	Rodrigo	1	saber	44	sacrosanta	3	Salustio	3	seade	1	seecha	1
rígido	1	rogándoles	1	sabería	1	sacrosanto	2	salvación	3	seaella	1	seemplea	1
rigor	6	rogar	1	saberse	1	sacrosantos	2	san	28	seaeen	1	seescribe	1
rigurosa	4	Roma	11	sabia	5	saeta	1	sana	1	seala	1	seescribieron	1
rigurosamente	1	romana	5	sabía	1	saetas	1	Sánchez	1	seallana	1	seexperimenta	1
riguroso	4	Romanas	1	sabiamiente	1	sagacidad	1	Sancta	1	Séalo	1	seglar	2
rincón	3	romano	2	sabidas	3	sagrada	23	sangre	8	Séame	2	seglares	2
rincones	1	romanos	2	sabido	1	sagradas	6	sangrientas	2	Seamuy	1	seguid	1
rinde	2	ropaje	1	sabiduría	35	sagrado	10	sano	2	sean	19	seguida	6
rió	3	ropas	1	sabidurias	1	sagrados	7	Santa	11	seañaden	1	seguidamente	2
rios	1	rosae	1	sabiendo	1	sainete	1	Santiago	2	seao	1	seguido	1
rios	2	Rosolea	2	sabio	17	Sal	2	santidad	8	seas	2	seguir	2
riqueza	2	rostro	7	sabios	13	sala	1	santisimo	1	seata	1	seguiria	1
riquezas	3	rostros	2	sabor	2	salacifrad	1	santo	12	seatal	1	seguirse	5
risueño	1	rotas	1	sabores	1	Salamanca	2	Santos	28	seatribuye	1	segun	1
rimos	1	rozagantes	1	sabrá	4	salario	2	sapientisimos	1	seaventajaron	1	según	26
ritos	7	rubios	1	sabria	1	sale	2	sarados	1	Sebastián	1	segunda	14
mas	1	rudeza	1	sabrosamente	2	salen	2	Sardanápalo	1	seceba	1	segundas	2
roba	2	rudimentos	1	sabrosissima	1	salga	2	Sardo	1	seconozca	1	segundo	12
robados	1	rudo	1	sabrosos	1	salgade	1	Satanás	1	secos	1	segúnla	3
robandocon	1	rueda	2	saca	5	salidas	1	satisfacción	1	secreta	1	segura	1

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
seguramente	1	señaló	3	sepueden	2	servide	1	significan	1	singularmente	3	socorro	1		
seguridad	2	sencilla	4	sepulcro	1	serviria	1	significantes	1	sinhartarse	1	sol	7		
seguro	5	sencilamente	1	sepulcros	2	servirse	1	significar	2	sinistra	1	sola	18		
sehan	2	sencillez	4	sepultada	1	sery	1	significarlas	1	sino	134	solamente	29		
selecta	1	sencillo	2	sepultados	1	sesigue	1	sigran	1	sinoa	1	solar	1		
selectode	1	sencillos	2	sepulten	1	setoma	1	sigue	15	sinola	1	solas	4		
sellama	2	senda	3	sequedó	1	seva	1	siguela	1	sinopor	1	soldado	2		
sellamó	1	sendas	1	ser	156	severa	2	siguen	8	sinoque	1	solemnidad	2		
selva	1	Séneca	2	será	54	severidad	1	Siгуенza	1	sintiendo	1	solemnidades	1		
semblante	2	seniega	1	seracuando	1	severo	3	siguiendo	4	sintió	1	solicitando	1		
semeiante	1	Senor	1	serán	1	sexo	1	siguiéndose	1	siquiera	6	solicitar	1		
semejaj	1	señor	28	serde	1	sexto	1	siguiente	2	siva	1	solicitud	1		
semejante	13	señores	2	sereduzca	1	si	218	siguere	1	sirvan	1	solidisima	1		
semejantea	1	señorio	2	sererferian	1	si	55	siguieron	2	sive	3	solitaria	4		
semejantes	17	sentencia	13	seréis	1	sia	1	siguió	2	siven	3	solitario	1		
semejantísimas	1	sentencias	11	serel	1	Sicilia	4	silaba	1	sirvió	1	solo	11		
semejantísimos	1	sentia	1	serenisimo	1	sido	13	silabas	1	sitio	1	sólo	128		
semejanza	8	sentian	1	serequiere	1	siempre	67	silencio	6	sitios	2	Solón	1		
semillas	1	sentiande	1	seria	8	siendo	38	Silla	1	so	1	solos	6		
semitan	1	sentido	17	seria	25	siéndolo	2	sío	1	soberana	3	solostres	1		
sempre	1	sentidos	4	seríamejor	1	siente	1	simbolo	1	soberania	3	sombras	3		
sen	1	sentimiento	2	seriasin	1	sienten	3	simbolos	1	Soberano	2	son	136		
señal	3	sentimientos	3	seriguales	1	siento	2	simil	1	soberanos	1	sonel	1		
señala	2	sentir	11	serio	1	siervo	2	similitud	1	soberbia	1	sonido	6		
señalada	2	seobra	1	serlo	9	siervos	3	simoniaco	1	sobornar	1	sonlas	1		
señaladas	3	seofrece	1	sermón	2	Siétamo	1	simpatia	2	sobra	5	sonnuevos	1		
señalado	5	seorigina	1	sermonario	1	siete	7	simple	4	sobrada	3	sonriso	1		
señalael	1	sepa	4	sermones	2	sigficaban	1	simplicidad	1	sobradamente	2	sonsus	1		
señalan	1	sepan	1	seroscuro	1	siglo	11	sin	138	sobrado	1	soplo	1		
señalar	11	seperdió	1	serpor	1	siglos	11	sincausa	1	sobran	1	sorl	1		
señalare	1	sepodría	1	servia	1	significa	8	sinceridad	1	sobre	28	sosegadaen	1		
señalaré	1	seponga	1	servicio	3	significación	8	sinduda	1	sobrenatural	1	sosiego	3		
señale	1	seprecian	1	servidumbre	1	significaciones	3	sinella	1	sobriño	4	sospecha	6		
señales	1	séptimo	1	servir	2	significada	6	singular	8	socorre	1	sospechan	1		
señalo	1	sepuede	2	servirá	1	significado	2	singulares	2	socorridos	1	sospechosa	1		

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
sospechosacon	1	sucedidas	1	sulectura	2	suprema	6	tablas	2	temido	1	tenidas	1
sospechoso	1	sucedido	6	sulbro	1	supremo	10	Tácito	8	temiera	1	tenido	3
sospechososal	1	sucediere	1	sulugar	1	supropia	1	tacto	1	temor	10	tenidos	1
soy	2	sucedieron	2	Suma	14	Supuesta	1	tal	90	temorni	1	teniendo	3
stelliger	1	sucedió	3	sumamente	2	Supuestas	1	talento	17	tempestades	1	Teodosio	1
su	528	sucedióle	1	sumaria	2	Supuestos	1	talentos	33	templadamente	1	Teología	4
suabanza	1	sucesión	2	sumariamente	1	sus	166	tales	1	templado	2	Teológicos	2
suave	5	sucesivamente	1	sumarios	2	susalas	1	taleson	4	templanza	4	Teólogos	2
suaves	1	suceso	21	sumás	1	suscronistas	1	talmodo	1	templar	6	teórica	1
suavidad	3	sucesor	1	sumo	10	sushazañas	1	talvez	1	templará	1	tercer	3
suavisima	1	sucesores	1	suntuoso	1	susnaturalas	1	tamaño	1	templarse	1	tercera	6
suavisima	1	sucesos	47	suparticuliar	1	susobras	1	también	151	Templase	1	tercero	8
suaviza	1	sucintas	1	supatria	1	susodichos	2	Tampoco	12	temple	10	tercetos	1
suavizada	1	sudantlos	1	superflua	3	suspendiendo	1	tan	162	temporal	1	tercio	2
suavizar	3	sudar	1	superfluas	1	suspensio	1	tanta	9	temporales	2	Teresa	3
suavizarla	1	sude	1	superfluas	1	sustancia	20	tantas	6	tenaz	2	terminillos	1
súbale	1	sudor	1	superfluo	2	sustancial	2	tanto	46	tenazmente	1	término	1
súbdito	1	suele	22	superior	13	sustancialmente	4	tantos	10	tenemos	1	términos	3
súbditos	3	suelen	13	superiores	4	sustentación	1	taratántara	1	tendrá	3	terneza	1
suben	1	Suélese	1	superioridad	1	sustente	1	tardanza	2	tendrán	2	terrena	1
subida	1	suelta	2	supersticiosamente	2	sustento	1	tardío	1	tendré	1	terreno	2
subido	3	suena	3	supiere	1	sustituir	1	tardo	1	tendría	1	tesoro	3
subiendo	1	suene	1	supieron	1	sustres	1	tardos	1	tenebrosidad	1	tesorode	1
subir	1	suerte	30	supiese	1	sutesimonio	1	también	1	tenemos	1	tesorosnuevos	1
subirle	1	Suetonio	3	supieses	1	sutil	1	Tartania	2	tener	31	Testamento	1
súbita	1	suficiente	1	suplen	1	sutiles	1	átartaros	2	tenerle	1	Testamentos	1
subito	1	suficientemente	2	suplicando	1	sutilisimo	1	ísa	1	tenersu	1	testifica	2
sublime	15	sufr	2	suplir	4	suum	1	te	10	teneruna	1	testifican	3
subsistencia	1	sufrían	1	supo	1	suya	33	teatro	5	tenga	20	testigo	1
sublimar	1	sufriere	1	supone	1	suyas	6	Tebea	1	tengan	2	testigos	1
sucedá	2	sufrimiento	2	suponemos	1	suyo	28	tejida	1	tengo	6	testimonio	6
sucedé	4	sufrir	3	suponer	1	suyos	11	temblando	1	tenia	4	testimonios	7
sucedén	1	suíncito	1	supongo	2	suyoslos	1	temer	3	tenia	4	texto	3
sucedér	1	sujiato	15	suponiéndose	1	taberneros	1	temeridad	2	tenian	1	ti	3
sucedérá	1	sujetos	5	supreciosa	1	tabla	3	temeroso	1	tenida	3	Tiara	1

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
Ticiano	1	tócante	1	tópica	1	iraemos	2	tratan	6	tropezar	6	tropezaron	1	uma	1		
tiempo	76	tocantes	1	topo	1	iraen	2	tratande	1	tropezaron	1	tropezaron	1	usa	4		
tiempos	16	tocar	1	topografía	1	iraer	4	tratando	4	tropieza	2	tropezar	1	usaban	1		
tiende	2	toda	75	topos	1	iraerlos	1	tratar	11	tropiezo	1	tropiezo	1	Usábase	1		
tiene	64	todas	73	torcerse	1	iragado	1	tratará	1	tropos	3	tropos	1	usada	2		
tiene de	1	todavía	2	torcido	1	iragar	1	tratarcon	1	trozo	1	trozo	1	usadasde	1		
tieneel	1	todavía	8	toria	1	iragase	1	trataremos	2	trozos	5	trozos	1	usado	3		
tieneen	1	todo	183	toriador	1	irago	1	trataria	2	truingulo	1	truingulo	1	usados	1		
tienen	23	todo lo	2	torpemente	2	iragos	1	tratarlos	1	tu	5	tu	1	usan	5		
tiento	4	todo lo que	1	torpevicio	1	iraje	6	trataron	1	tú	7	tú	1	usando	2		
tierno	6	todos	58	Torres	1	irajes	6	trate	2	Tucidades	1	Tucidades	1	usándola	1		
tierra	15	toleraban	1	toscas	1	irajesen	1	trato	5	Tucidades	3	Tucidades	1	usándose	1		
tierras	4	tolerable	3	total	2	irances	1	trayéndoles	1	tuerceal	1	tuerceal	1	usanzas	1		
tiroides	2	tolerar	3	totalmente	2	iranquilidades	1	trece	2	tuercen	1	tuercen	1	usar	11		
tiroidias	3	tolerarias	1	Tovar	1	iranquilo	2	trecho	1	Tunc	2	Tunc	1	usarse	1		
tiroidamente	2	Tolomeo	1	trajes	1	iránrito	1	treinta	4	turales	1	turales	1	usase	1		
tiroidia	1	toma	7	irabadas	1	iransparente	1	iremula	1	turba	1	turba	1	Use	1		
tiroidizar	1	tomado	1	irabaie	1	iransponiendo	1	irenos	1	turbación	1	turbación	1	uso	24		
tiroido	2	tomamos	2	irabaio	2	iransposición	2	iretres	24	turbaciones	1	turbaciones	1	usó	1		
tiroidos	1	toman	2	irabaio	1	iransposiciónde	1	iretrescientos	1	turbios	1	turbios	1	usos	1		
Tito	3	tomando	5	irabajá	2	iransposiciones	2	iretribunal	4	turbó	1	turbó	1	Ustárooz	1		
titulillos	1	tomándose	1	irabajado	1	iransustanciación	1	iretribunales	1	tus	2	tus	1	usticia	1		
titulo	4	tomar	4	irabajador	1	iras	4	iretributo	1	Tusculano	1	Tusculano	1	usual	1		
titulo	6	tomaron	1	irabajáis	1	irascendiendo	1	iretributos	1	túser	1	túser	1	usurpador	1		
titulos	2	Tomás	1	irabajando	2	irASFunde	1	ireTrinidad	1	Tuta	2	Tuta	1	usurpando	2		
titulos	1	tomaste	1	irabajar	1	irasiado	1	ireTrise	2	tutelar	1	tutelar	1	usurpar	2		
tizna	1	tome	2	irabajo	13	irasiaticios	1	ireTriseza	1	tuviera	1	tuviera	1	usurparse	1		
tiznar	1	tomo	3	irabazón	3	irastocarlo	1	ireTriunfa	1	tuviéramos	1	tuviéramos	1	usurpe	2		
Inste	1	tomó	1	iradición	1	irastomar	1	ireTriunfo	2	tuviere	4	tuviere	1	util	3		
Tobías	1	tomos	10	iraducción	1	irata	24	ireTriunfos	4	tuvieren	2	tuvieren	1	útil	22		
toca	4	topa	1	iraducidos	1	irataban	2	ireTropa	1	tuvieron	1	tuvieron	1	utilidad	28		
tocaban	1	topan	1	iraducidosde	1	iratada	2	ireTrompetas	1	tuviese	2	tuviese	1	utilidades	4		
tocado	4	topar	2	iraducidosde	2	iratado	22	ireTroncos	2	Tuvo	4	Tuvo	1	utilisimos	1		
tocamos	1	toparán	1	irae	4	iratados	4	ireTrono	2	tuya	1	tuya	1	útilmente	1		
tócanse	1	topare	1	iraeconsigno	1	irataen	1	ireTropezando	1	Tyrreniachon	1	Tyrreniachon	1	uya	1		

TEXTO B

Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N	Palavra	N
V	29	varias	11	velozmente	1	versados	1	viejos	1	virgenes	1	virgenes	1	vivos	5	vivos	3
va	16	variedad	12	vemos	26	Venus	1	viendo	8	Virgilio	4	Virgilio	2	Vizcaya	2	Vizcaya	1
vacia	1	variedades	2	ven	4	Veo	2	viéndose	3	virguilla	1	virguilla	1	vocablo	1	vocablo	12
vaciar	1	vario	1	vence	1	ver	22	viéndose	1	Virrey	1	Virrey	1	vocablos	1	vocablos	34
vacios	1	varios	7	vencen	1	vera	1	viene	1	virtud	18	virtud	48	vocal	48	vocal	1
vaga	1	varón	10	vencer	4	verá	2	vienea	1	virtudes	1	virtudes	7	vocalmente	7	vocalmente	1
vagabunda	1	varones	17	vencidos	1	verán	1	vieron	3	virtuosa	3	virtuosa	2	vozes	2	vozes	17
Vagad	1	vasallaje	1	venciendo	1	veras	1	vestidura	1	viесе	2	virtuosas	2	vocesson	2	vocesson	1
vagariosa	1	vasallo	1	vencieron	1	verbal	1	vestiduras	4	viesen	1	virtuoso	3	voltear	3	voltear	1
vajilla	1	vasija	1	veneno	2	verbo	1	vestigios	3	vigésimo	1	virtut	1	volteo	1	volteo	1
vale	1	vaso	1	Venera	2	verbosidad	1	vestimos	1	vigilancia	1	vista	16	voluble	16	voluble	1
valen	1	vasos	3	venerable	5	verdad	78	vestir	2	vigor	1	vistamos	1	volumen	1	volumen	10
valerosos	1	vaticinando	1	venerables	3	verdade	1	vestirlos	1	vil	2	vistian	1	volúmenes	1	volúmenes	5
valerse	4	vayan	1	veneración	6	verdadera	32	vestirse	1	vies	2	viste	1	voluntad	1	voluntad	8
Válese	1	Váyanse	1	venerada	1	verdaderament	1	vetera	1	vieza	1	visten	1	voluntaria	1	voluntaria	3
vaiéndose	2	ve	11	venerado	1	verdaderamente	4	vez	41	Villa	2	vistiendo	1	voluntariamente	1	voluntariamente	2
vaiiente	1	vea	2	venerados	1	verdaderas	8	vezme	1	villaje	1	visio	1	voluntarias	6	voluntarias	2
vaiientes	1	veamos	1	veneramos	1	verdadero	7	vezno	1	villas	1	vistosa	1	voluntario	1	voluntario	1
valle	1	vean	2	veneran	1	verdaderos	5	Viana	1	vilmiente	1	vitoria	1	voluntarios	1	voluntarios	1
valles	3	Véanlo	1	venerarle	1	verdades	1	vianandabebida	1	vincere	1	vitorias	2	volvamos	2	volvamos	1
valor	16	veces	71	venerare	1	verdadesse	1	viboras	1	vinculada	1	vituperación	1	volver	1	volver	1
Vámonos	1	vecino	1	venga	1	verdadmisma	1	Vicente	1	vincular	1	vituperan	2	volveremos	2	volveremos	1
vamos	3	vecinos	1	vengamos	1	verdat	1	vicia	1	vinieron	1	vituperan	3	volverlos	3	volverlos	1
van	2	vehemente	1	vengan	2	verde	1	viciarse	1	viniese	1	viva	5	volviendo	5	volviendo	1
vana	6	vehementísimo	1	vengana	1	verguenza	1	vicio	11	vino	3	vivaera	1	volviéndola	1	volviéndola	1
vanas	1	veía	1	venganza	4	verguenza	4	vicios	6	vinoen	1	vivas	1	volviese	1	volviese	1
vanidad	2	veían	1	vengarse	1	verían	1	viciosa	1	vio	4	vive	4	vos	4	vos	3
vanisimas	1	Veinte	2	vengo	1	verifica	1	viciosas	1	violando	1	viven	3	vosotros	3	vosotros	2
vano	7	veintiocho	1	venideros	7	verlas	1	viciosísimos	1	violalar	1	viver	1	votos	1	votos	1
vara	3	vejez	2	venido	1	verle	2	vicioso	3	violarla	3	viveza	2	voz	2	voz	20
varia	3	vela	1	venir	3	verme	2	viciosos	1	violencia	4	viviendo	1	vuela	1	vuela	1
varia	1	velón	1	venta	1	verosimil	1	victorias	1	violenta	1	vivientes	1	vuelo	1	vuelo	1
variación	1	veloces	1	ventaja	1	verosimilitud	2	Vida	67	violento	1	vivimos	2	vueltas	2	vueltas	3
varian	1	velos	1	Ventajas	4	Versa	1	vidas	9	viperano	1	vivir	3	vuelto	3	vuelto	1
variantos	1	veloz	2	ventura	10	versado	3	viejo	4	Virgen	6	vivo	5	Vuelva	5	Vuelva	5

Palavra	N
vuelve	5
vuelven	1
vuelvo	1
vuestra	6
vuestro	1
vuestros	1
vulgar	14
vulgares	5
vulgarizándolos	1
vulgaramente	2
vulgo	7
X	2
Y	3266
ya	121
yendo	1
Yepes	1
yervas	3
yerma	1
yerran	1
yerro	4
yo	43
yoque	1
yugo	1
Zaragoza	11
zaragozano	1
zozobrar	1
Zurita	1
Zurita	6

2.1.7. Lista da mesma palavra com grafias diversas.



palA	palB
"SI	SI
[QUE]	QUE
ABALANÇEN	ABALANCEN
ABIDA	HABIDA
ABITAR	HABITAR
ABLA	HABLA
ABLAR	HABLAR
ABORRECIBLE	ABORREEIBLE
ABRAÇA	ABRAZA
ACABARE	ACABARÉ
ACADA	A CADA
ACCION	ACCIÓN
AÇÇION	ACCIÓN
ACEDIA	ACEDIA
AÇERCA	ACERCA
AÇERTADO	ACERTADO
ACOMPAÑÒ	ACOMPAÑÓ
ACONTEÇE	ACONTECE
ACORDARÈ	ACORDARÉ
ADMIRACION	ADMIRACIÓN
ADMITELO	ADMÍTELO
ADONDE	DONDE
ADVERTIDISIMA	ADVERTIDÍSIMA
ADVERTIRLO	ADVERTIR LO
ADVINO	ADIVINO
AFECTATION	AFECTACIÓN
AFETO	AFECTO
AFICION	AFICIÓN
AGENA	AJENA
AGENAS	AJENAS
AGRABIO	AGRAVIO
AGRADO	AGRADÓ
AGUDEÇAS	AGUDEZAS
AGUSTIN	AGUSTÍN
AGUSTINO	AGUSTÍN
AI	HAY
AÍ	HAY
AIREIS	AIRÉIS
AJUSTANDO	AJUSTADO
ALA	A LA
ALABANÇA	ALABANZA
ALABANÇAS	ALABANZAS
ALÇADO	ALZADO
ALCANÇA	ALCANZA
ALCANÇAN	ALCANZAN
ALCANÇAR	ALCANZAR
ALÇARA	ALZARÁ
ALEGORIAS	ALEGORÍAS
ALGUN	ALGÚN
ALGUNO	ALGUNA
ALLI	ALLÍ
ALOS	A LOS
ALTEÇA	ALTEZA
ALTISIMAS	ALTÍSIMAS
ALUSION	ALUSIÓN
ALVEDRIO	ALBEDRÍO
AMBICION	AMBICIÓN
ANADIA	AÑADÍA
AÑADIMOS	AÑADAMOS
ANADIRAN	AÑADIRÁN
ANADIREMOS	AÑADIREMOS
ANADIRLES	AÑADIRLES
ANANIAS	ANANÍAS
ANBICION	ANBICIÓN
ANDUBIERON	ANDUVIERON

palA	palB
ANERA	MANERA
ANIMO	ÁNIMO
ANIMOS	ÁNIMOS
ANNUNCIOS	ANUNCIOS
ANOS	AÑOS
ANTENACIDAS	ANTENACIDOS
ANTIGO	ANTIGUO
ANTIGUEDAD	ANTIGÜEDAD
ANTIGUEDADES	ANTIGÜEDADES
AORA	AHORA
APARATO	APARATO
APARTANDOSE	APARTÁNDOSE
APIÇE	ÁPICE
APICES	ÁPICES
APLAUSO	APLAUSOS
APOLOGIAS	APOLOGÍAS
APOSTALES	APÓSTOLES
APOSTOL	APÓSTOLS
APOSTOLES	APÓSTOLES
APOSTOLICO	APOSTÓLICO
APOSTOLICOS	APOSTÓLICOS
APOSTOLOS	APÓSTOLES
APRENDERÁ	APRENDERÁ
APROBECHA	APROVECHA
APROBECHAN	APROVECHAN
APROBECHARIA	APROVECHARIA
APROBECHEMOS	APROVECHEMOS
AQUEL	AQUÉL
AQUELLA	AQUÉLLA
AQUELLAS	AQUÉLLAS
AQUELLOS	AQUÉLLOS
AQUI	AQUÍ
AQUIEN	A QUIEN
AQUIENES	A QUIENES
AQUINES	A QUIENES
ARBITRO	ÁRBITRO
ARBOLES	ÁRBOLES
ARDIAN	ARDÍAN
AREOPAGITA	AREOPAGITA4
ARISTOTILES	ARISTÓTELES
ARROJÓ	ARROJÓ
ARTIFICE	ARTÍFICE
ASEVERACION	ASEVERACIÓN
ASI	ASÍ ASÍ
ASPEREÇA	ASPEREZA
ATONITOS	ATÓNITOS
ATRAVESADA	ATRAVESADA
ATREBE	ATREVE
ATRIBUYEN	ATRIBUYAN
AUGUSTINO	AUGUSTIN
AUTORIÇA	AUTORIZA
AVEÇES	A VECES
AVEIS	HABÉIS
AVEMOS	HABEMOS
AVER	HABER
AVERIGUACION	AVERIGUACIÓN
AVERSA	ADVERSA
AVIA	HABÍA
AVIENDO	HABIENDO
AVIENDOSE	HABIÉNDOSE
AYA	HAYA
AZIA	HACIA
BAJEÇA	BAJEZA
BARBARIEDAD	BÁRBARA
BARBARO	BÁRBARO

palA	palB
BASTARAN	BASTARÁN
BASTAVA	BASTABA
BELLEÇA	BELLEZA
BOLBERLOS	VOLVERLOS
BOLBIESE	VOLVIESE
BOLTEAR	VOLTEAR
BOLTEO	VOLTEO
BRAÇO	BRAZO
BRIO	BRÍO
BRONÇE	BRONCE
BUELBA	VUELVA
BURLÒ	BURLÓ
CADENÇIAS	CADENCIAS
CALIFICAÇION	CALIFICACIÓN
CALUMMADORES	CALUMNIADORES
CALUNNIASE	CALUMNIASE
CANTOS	CAUTOS
CAPITAN	CAPITÁN
CAPITULOS	CAPÍTULOS
CAREÇEN	CARECEN
CAREÇERA	CARECERÁ
CASTISIMA	CASTÍSIMA
CATEDRA	CÁTEDRA
CATOLICA	CATÓLICA
CATON	CATÓN
CAUSÒ	CAUSÓ
CAUTISIMA	CAUTÍSIMA
CCELI	COELI
CE[N]SURA	CENSURA
ÇEBA	CEBA
CEBOLA	SCÉVOLA
ÇEDIENDO	CEDIENDO
CELEBRES	CÉLEBRES
ÇELETIAL	CELESTIAL
CENIÇAS	CENIZAS
CENSURAM	CENSURAN
ÇENTRO	CENTRO
ÇERRADOS	CERRADOS
CERTÍSIMA	CERTÍSIMA
CHRISTO	CRISTO
CICERON	CICERÓN
CIÉLO	CIELO
ÇIELO	CIELO
ÇIENCIA	CIENCIA
CLAMARÁ	CLAMARÁ
CLAUSULA	CLÁUSULA
CLAUSULAS	CLÁUSULAS
CÕ	CON
CÕ[M]PREHENSION	COMPRESIÓN
CÓCIBE	CONCIBE
COLOCACION	COLOCACIÓN
COLUNA	COLUMNA
COMO	CÓMO
COMPETIENDO	COMPITIENDO
COMPREHENDA	COMPRENDA
COMPREHENSION	COMPRESIÓN
COMPRÒ	COMPRÓ
COMPTO	COMTO
COMUN	COMÚN
COMUTAR	CONMUTAR
CONBIDAR	CONVIDAR
CONÇETOS	CONCEPTOS
CONÇIENÇIA	CONCIENCIA
CONÇÍLIO	CONCILIO
CONDENÒ	CONDENÓ

paIA	paIB
CONDICION	CONDICIÓN
CONDUÇIR	CONducIR
CONFESION	CONFESIÓN
CONFESSION	CONFESIÓN
CONFLITO	CONFLICTO
CONFUTARÀ	CONFUTARÁ
CONOÇEN	CONOCEN
CONOÇER	CONOCER
CONOÇIDO	COCIDO
CONOÇIMIENTO	CONOCIMIENTO
CONPARAR	COMPARAR
CONPROBAR	COMPROBAR
CONSEQUENÇIA	CONSECUENCIA
CONSERVANSE	CONSERVANSE
CONSEVERA	CON SEVERA
CONSTITUYEN	CONSTITUVEN
CONTIGENCIA	CONTINGENCIA
CONTINUACION	CONTINUACIÓN
CONTRADICION	CONTRADICCIÓN
CONVENIA	CONVENÍA
CONVERTIRA	CONVERTIRÁ
CÓPLAÇER	COMPLACERSE
CORAÇON	CORAZÓN
CORAGE	CORAJE
CORAZON	CORAZÓN
CORRUPÇION	CORRUPCIÓN
CORTESIA	CORTESÍA
COSTÒ	COSTÓ
CREDITO	CRÉDITO
CREFO	CRESO
CREIBLE	CREÍBLE
CREIBLES	CREÍBLES
CRIA	CRÍA
CRIAN	CRÍAN
CRIO	CRÍO
CRISOSTOMO	CRISÓSTOMO
CRISTANDAD	CRISTIANDAD
CRITICA	CRÍTICA
CRONOLOGIA	CRONOLOGÍA
CRUXIENTE	CRUJIENTE
CUAL	CUÁL
CUALQUER	CUALQUIER
CUALQUIER	CUALQUIERA
CUALQUIERA	CUALQUIER
CUAN	CUÁN
CUANTA	CUÁNTA
CUANTO	CUÁNTO
CUÃTO	CUANTO
CUBRIRA	CUBRIRÁ
CUERPO	CUERPU
CULTO	BULTO
CUYA	CUYO
DANDOLES	DÁNDOLES
DEBAXO	DEBAJO
DEBEIS	DEBÉIS
DEBERSELES	DEBERSELES
DEBESE	DÉBESE
DECENÇIA	DECENCIA
DECIAN	DECÍAN
DEÇIR	DECIR
DECLARACION	DECLARACIÓN
DECLARSE	DECLARASE
DEFENDEIS	DEFENDÉIS
DEL	DE ÉL
DELA	DE LA

palA	palB
DELLA	DE ELLA
DELLAS	DE ELLAS
DELLOS	DE ELLOS
DEMAS	DEMÁS
DERIVACION	DERIVACIÓN
DESATENCION	DESATENCIÓN
DESCONEÇE	DESCONOCE
DESCREDITO	DESCRÉDITO
DESCUBRIO	DESCUBRIÓ
DESCUBRIS	DESCUBRÍS
DESDORAIS	DESDORÁIS
DESENBUELVE	DESENVUELVE
DESENGANE	DESENGAÑE
DESFAVOREÇEN	DESFAVORECEN
DESGRAÇIADO	DESGRACIADO
DESHAÇER	DESHACER
DESMAYE	DESMAYAN
DESPEDAÇANDO	DESPEDAZANDO
DESPREÇIADA	DESPRECIADA
DESPREÇIAN	DESPRECIAN
DESPUES	DESPUÉS
DESQUICIANDOLA	DESQUICIARLE
DESTA	DE ESTA
DESTAS	DE ESTAS
DESTERRARSE	SE DESTERRAR
DESTREÇA	DESTREZA
DESTRUIÇION	DESTRUCCIÓN
DESUELO	DESVELO
DESUSANDOSE	DESUSÁNDOSE
DESVAIRADOS	DESAIRADOS
DEVOCION	DEVOCIÓN
DEXA	DEJA
DEXANDO	DEJANDO
DEXAR	DEJAR
DEXARLA	DEJARLA
DEXARLAS	DEJARLAS
DEXARLE	DEIARLE
DEXARSE	DEJARSE
DEXE	DEJE
DEXEN	DEJEN
DEXO	DEJÓ
DEXÓ	DEJÓ
DIA	DÍA
DIAS	DÍAS
DICE	DIJO
DIÇE	DICE
DIÇEN	DICE EN
DICIENDOLE	DICIÉNDOLE
DICIPULOS	DISCIPULOS
DIFICIL	DIFÍCIL
DIFICULDADES	DIFICULTADES
DIGAIS	DIGÁIS
DILIGENCIA	DILIGENEN
DIMINUION	DISMINUCIÓN
DIRA	DIRÁ
DIRAN	DIRÁN
DISCIPULO	DISCÍPULO
DISCIPULOS	DISCÍPULOS
DISCRETISIMO	DISCRETÍSIMO
DISIMULACION	DISIMULACIÓN
DISPOCIÓN	DISPOSICIÓN
DISPONERMOS	DISPONERNOS
DISPOSICION	DISPOSICIÓN
DISSIMULA	DISIMULA
DISTINCION	DISTINCIÓN

paIA	paIB
DISTINÇION	DISTINCIÓN
DISTONGO	DIPTONGO
DIVIDAN	DIVIDA
DIVINAMENTE	¡DIVINAMENTE
DIVINISIMO	DIVINÍSIMO
DIXERA	DIJERA
DIXESE	DIJESE
DIXIMOS	DIJIMOS
DIXO	DIJO
DOÇE	DOCE
DOCIL	DÓCIL
DOCILIDAD	DO CILIDAD
DOCTISIMO	DOCTÍSIMO
DOTOR	DOCTOR
DOTORES	DOCTORES
DOTRINA	DOCTRINA
DULÇURA	DULZURA
ECLESIASTICO	ECLESIAÍSTICO
EFETO	EFEECTO
EFETOS	EFECTOS
ELECCION	ELECCIÓN
ELEGANÇIA	ELEGANCIA
ELEGANTISSIMA	ELEGANTÍSIMA
ELIAS	ELÍAS
ELISÇO	ELISEO
ELOCUCION	ELOCUCIÓN
ELOCUENÇIA	ELOCUENCIA
EMBEBEÇIDO	EMBEBECIDO
EMBIO	ENVIÓ
EMBUELBE	ENVUELVE
EMBUELTA	ENVUELTA
EMBUeltas	ENVUeltas
EMBUELTO	ENVUELTO
EMENDAD	ENMENDAD
EMPAJEADO	EMPAJEADO
EMPERÒ	EMPERO
EMPIEÇA	EMPIEZA
EMULACION	EMULACIÓN
ENCAGE	ENCAJE
ENÇIERRA	ENCIERRA
ENCIRRE	ENCIERRE
ENCONTRAI	ENCONTRÁIS
ENEL	EN EL
ENELLA	EN ELLA
ENELLAS	EN ELLAS
ENEMIGOS	ENEMIGO
ENERGIA	ENERGÍA
ENESTE	EN ESTE
ENESTO	EN ESTO
ENFASIS	ÉNFAIS
ENGAZARLOS	ENGARZARLOS
ENGRIESE	ENGRIESE
ENLAÇAMIENTO	ENLAZAMIENTO
ENLAÇANDO	ENLAZANDO
ENMENDERLA	ENMENDARLA
ENNOBLEÇER	ENNOBLECER
ENRICO	ENRIQUE
ENRIQUEÇIO	ENRIQUECIÓ
ENSENA	ENSEÑA
ENSENÁ	ENSEÑA
ENSENAN	ENSEÑAN
ENTANTO	EN TANTO
ENTONÇES	ENTONCES
ENTRAM	ENTRAN
ENTREGARLO	ENTREGARLA

palA	palB
ENVEJEÇER	ENVEJECER
ENVESTIDOS	EMBESTIDOS
EPISTOLA	EPISTOLA
EPISTOLAS	EPISTOLAS
ERĀ	ERA
ESA	ÉSA
ESCANDALIÇA	ESCANDALIZA
ESCANDALIÇE	ESCANDALICE
ESCANDALO	ESCÁNDALO
ESCOLASTICO	ESCOLÁSTICO
ESCONDIERO	ESCONDIERON
ESCRIBIO	ESCRIBÍO
ESCRIBIRA	ESCRIBIRÁ
ESCRUPULO	ESCRÚPULO
ESCURECERLO	OSCURECERLO
ESCURIDAD	OSCURIDAD
ESCURO	OSCURO
ESCUSA	EXCUSA
ESCUSARLA	EXCUSARLA
ESCUSARSE	EXCUSARSE
ESCUSÔ	EXCUSO
ESFORÇANDO	ESFORZANDO
ESFORÇANDOSE	ESFORZÁNDOSE
ESPERANÇA	ESPERANZA
ESPIRIDION	ESPIRIDIÓN
ESPIRITU	ESPIRITU
ESTA	ESTÁ
ESTĀ	ESTÁ
ESTAN	ESTÁN
ESTARA	ESTARÁ
ESTAS	ÉSTAS
ESTE	ÉSTE
ESTENDER	EXTENDER
ESTIENDE	EXTIENDE
ESTOI	ESTOY
ESTOS	ÉSTOS
ESTRANEÇA	EXTRAÑEZA
ESTRAÑEÇA	EXTRAÑEZA
ESTRAÑEZA	EXTRAÑEZA
ESTRANISIMAS	EXTRAÑISIMAS
ESTRAÑO	EXTRAÑO
ESTREMO	EXTREMO
ESTREMOS	EXTREMOS
ETIMOLOGIA	ETIMOLOGÍA
EVANGELICOS	EVANGÉLICOS
EXAME	EXAMEN
EXAMINADOS	EXAMINAMOS
EXÇESO	EXCESO
EXECUCION	EJECUCIÓN
EXECUTADA	EJECUTADA
EXEMPLAR	EJEMPLAR
EXEMPLO	EJEMPLO
EXEMPLOS	EJEMPLOS
EXERÇICIO	EJERCICIO
EXERCICIOS	EJERCICIOS
EXERCITO	EJÉRCITO
EXORNACION	EXORNACIÓN
EXSORNARLA	EXORNARLA
FABRICAS	FÁBRICAS
FACIL	FÁCIL
FACILISIMO	FACILÍSIMO
FACILMENTE	FÁCILMENTE
FAÇILMENTE	FACILMENTE
FACINOROSOS	FACINEROSOS
FACION	FACCIÓN

palA	palB
FACULDADES	FACULTADES
FACUNDO	FACUNDOS
FANTASTICA	FANTÁSTICA
FAVORECIDOS	FAVORECIDOS
FECUNDO	FACUNDO
FESTINACION	FESTINACIÓN
FILOSOFOS	FILÓSOFOS
FINEÇA	FINEZA
FLOREÇE	FLORECE
FLORECIO	FLORECIÓ
FLOXA	FLOJA
FOLLAGE	FOLLAJE
FOLLAGÉ	FOLLAJE
FORÇADA	FORZOSA
FORÇADO	FORZADO
FORÇOSA	FORZOSA
FORÇOSAMENTE	FORZOSAMENTE
FORÇOSO	FORZOSO
FORTALEÇA	FORTALEZA
FRAGMENTOS	FRAGRNTOS
FRANCES	FRANCÉS
FRASI	FRASE
FRASIS	FRASES
FRIAS	FRÍAS
FUERÇA	FUERZA
FUERÇAS	FUERZAS
GALAN	GALÁN
GALETAS	GÁLATAS
GALLARDIA	GALLARDÍA
GANAS	GANAS
GARÇILASO	GARCILASO
GENERACION	GENERACIÓN
GENERO	GÉNERO
GERONIMO	JERÓNIMO
GRÁ	GRAN
GRAÇIA	GRACIA
GRADUA	GRADÚA
GRADUACION	GRADUACIÓN
GRANDEÇA	GRANDEZA
GRANGEA	GRANJEA
GRANGEAR	GRANJEAR
GRAVISIMAS	GRAVÍSIMAS
GRAVISIMO	GRAVÍSIMO
GRAVISIMOS	GRAVÍSIMOS
GRILLOS	GRIOS
GROSERIA	GROSERÍA
GUARNEÇIDA	GUARNECIDA
GUERRA	GUERRAS
GUIA	GUÍA
HA	HAY
HÁ	HAN
HABLAR	HALAR
HAÇE	HACE
HACEN	HACE
HAÇER	HACER
HAÇERLO	HACERLO
HAÇIENDO	HACIENDO
HACIENDOLE	HACIÉNDOLE
HAEDERA	NAEDERA
HALLANDOSE	HALLÁNDOSE
HALLÒ	HALLÓ
HARA	HARÁ
HAZELE	HACESE
HEBREO	HEBREOO
HECHA	ECHA



palA	palB
HEREGIA	HEREJÍA
HERI	HERÍ
HERIS	HERÍS
HERMITANO	ERMITAÑO
HERMOBURA	HERMOSURA
HEROE	HÉROE
HIÇO	HIZO
HIJA	HIJA
HIRIENDOLE	HIRIÉNDOLE
HISTORICA	HISTÓRICA
HISTORICOS	HISTÓRICOS
HIZIERE	HICIESE
HORAÇIO	HORACIO
HORRIDO	HÓRRIDO
HUMILDISIMO	HUMILDÍSIMO
HUVIESEMOS	HUBIÉSEMOS
I	Y
IDEIA	IDEA
IGUALMENE	IGUALMENTE
ILICITO	ILÍCITO
IMITACION	IMITACIÓN
IMITATION	IMITACIÓN
IMPAÇIENCIA	IMPACIENCIA
IMPERFECCION	IMPERFECCIÓN
IMPERFETA	IMPERFECTA
IMPERFETOS	IMPERFECTOS
IMPIAMENTE	IMPIAMENTE
IMPORTARIA	IMPORTARÍA
IMPRESION	IMPRESIÓN
INACESIBLE	INACCESIBLE
INCLINARIA	INCLINARÍA
INREDULOS	INCRÉDULOS
INDICES	ÍNDICES
INDIGNACION	INDIGNACIÓN
INÉS	INÉS
INFIMO	ÍNFIMO
INFORMANDOSE	INFORMÁNDOSE
INGENIO	INGENIO
INJUSTIÇA	INJUSTICIA
INOÇENÇA	INOCENCIA
INORAN	IGNORAN
INORANCIA	IGNORANCIA
INORANDO	IGNORANDO
INSINUA	INSINÚA
INSIPIENTE	INSIPINTE
INSOLITU	INSOLITUM
INTELIGENÇA	INTELIGENCIA
INTENTO	INTENTA
INTERES	INTERÉS
INTERPETO	INTERPRETO
INTERPRETES	INTÉRPRETES
INTIMO	ÍNTIMO
INTRICA	INTRINCA
INTRODUÇE	INTRODUCE
INTRODUÇIDO	INTRODUCIDO
INTRODUÇION	INTRODUCCION
INTRODUZGA	INTRODUZCA
INVENTAN	INVENTA
INVESTIGAR	INVESTIGA
INVIDIOSOS	ENVIDIOSOS
IONAS	JONÁS
IOVEN	JOVEN
IRONIÇANDO	IRONIZANDO
IRRISION	IRRISIÓN
IURISCONSULTOS	JURISCONSULTOS

palA	palB
JAMAS	JAMÁS
JARDIN	JARDÍN
JUEZES	JUECES
JUIÇIO	JUICIO
JUIZIO	JUICIO
JUSTIÇIA	JUSTICIA
JUSTISIMA	JUSTÍSIMA
JUSTO	GUSTO
LA	LAS
LANÇA	LANZA
LANÇANDOSE	LANZÁNDOSE
LANÇE	LANCE
LECION	LECCIÓN
LEDA	LE DA
LEGITIMO	LEGÍTIMO
LEI	LEY
LENGUA	LENGUAJE
LENGUAGE	LENGUAJE
LENGUAGES	LENGUAJES
LES	IES
LETOR	LECTOR
LETORES	LECTORES
LETURA	LECTURA
LEVANTESE	LEVÁNTESE
LIBERDAD	LIBERTAD
LICENÇIA	LICENCIA
LIÇENCIA	LICENCIA
LICITA	LÍCITA
LICITO	LÍCITO
LIÇITO	LÍCITO
LIMITE	LÍMITE
LIMITES	LÍMITES
LINAGE	LINAJE
LIVINDAD	LIVIANDAD
LLAMANDOSE	LLAMÁNDOSE
LLAMÓ	LLAMÓ
LLANEÇA	LLANEZA
LLEBA	LLEVA
LLEBAR	LLEVAR
LLEGA	LLEVA
LLEGO	LLEGÓ
LOÇANEA	LOZANEA
LOÇANIA	LOZANIA
LORENÇO	LORENZO
MAGESTAD	MAJESTAD
MALEFIÇIO	MALEFICIO
MALHECHO	MAL HECHO
MANÀ	MANÁ
MANÇANAS	MANZANAS
MANOS	MANO
MAS	MÁS
MÀS	MÁS
MASTIROLOGIO	MARTIROLOGIO
MATO	MATÓ
MAXIMO	MÁXIMO
MAYORAZGO	MAYORAGO
MEDIANIA	MEDIANÍA
MENOS	MENOR
METAFORA	METÁFORA
METAFORAS	METÁFORAS
METODO	MÉTODO
MINISTRANDOLES	MINISTRÁNDOLES
MOCION	MOCIÓN
MODERACION	MODERACIÓN
MODERAÇION	MODERACION

palA	palB
MODESTISIMA	MODESTÍSIMA
MONSTRO	MONSTRUO
MORIRAN	MORIRÁN
MUDANDOSE	MUDÁNDOSE
MUI	MUY
NACIÓ	NACIÓN
NACION	NACIÓN
NAÇÕES	NACIONES
NADIE	NADIE
NARRACIÓ	NARRACIÓN
NARRACION	NARRACIÓN
NARRACION	NARRACIÓN
NATURALEÇA	NATURALEZA
NAZEN	NACEN
NEÇEDAD	NECEDAD
NEÇESARIA	NECESARIA
NEÇESARIO	NECESARIO
NECESARISIMA	NECESARÍSIMA
NEÇIO	NECIO
NEÇIOS	NECIOS
NEGARÀ	NEGARÁ
NESTO	EN ESTO
NINGUN	NINGÚN
NOBLEÇA	NOBLEZA
NOCION	MOCIÓN
NOTO	NOTÓ
NOVEDADE	NOVEDAD
NUEVOS	NUEVO
NUMERO	NÚMERO
NUMEROS	NÚMEROS
Ó	OH
OBJEÇION	OBJECIÓN
OBJECTO	OBJETO
OBJECTOS	OBJETOS
OBLIGACIÓ	OBLIGACIÓN
OBLIGACION	OBLIGACIÓN
OBLIGAÇION	OBLIGACIÓN
OBLIQUAS	OBLICUAS
OBSCURIDAD	OSCURIDAD
OBSCURISSIMAS	OSCURÍSIMAS
OBSCURO	OSCURO
OBSCUROS	OSCUROS
OCASION	OCASIÓN
OCUPAÇION	OCUPACIÓN
OFREÇE	OFRECE
OFREÇEN	OFRECEN
OFREÇIA	OFRECÍA
OFREZCA	OFRECE
OI	HOY
OPINIO	OPINIÓN
OPINION	OPINIÓN
ORACULO	ORÁCULO
ORDINARIO	ORDINARIA
OSADIA	OSADÍA
OSTENTACION	OSTENTACIÓN
OSTENTACIÓN	OSTENTACIÓN
OYAMOSLE	OIGÁMOSLE
OYÓ	OYÓ
OYOS	OJOS
PACIENÇIA	PACIENCIA
PAÇIENÇIA	PACIENCIA
PADEÇIENDO	PADECIENDO
PAPATO	PAPADO
PARABOLICA	PARABÓLICA
PAREÇE	PARECE

paIA	paIB
PAREÇELE	PARÉCELE
PAREÇER	PARÉCER
PARECERA	PARÉCERÁ
PARECIOLE	PARÉCIÓLE
PAREZÇA	PARÉZCA
PARTIÇIPAR	PARTICIPAR
PASION	PASIÓN
PASÓ	PASÓ
PENSANDO	PENSADO
PEQUEIS	PEQUÉIS
PEQUENA	PEQUEÑA
PEQUENOS	PEQUEÑOS
PERDERIA	PERDERÍA
PERECIO	PERECÍO
PERFEÇION	PERFECCIÓN
PERFEÇION	PERFECCIÓN
PERFEÇIONES	PERFECCIONES
PERFETA	PERFECTA
PERFETAMETE	PERFECTAMENTE
PERFETISIMOS	PERFECTISIMOS
PERFETO	PERFECTO
PERFETOS	PERFECTOS
PERIODO	PERÍODO
PERIODOS	PERÍODOS
PERMEDIAM	PER MEDIAM
PERSONAGES	PERSONAJES
PERSONAXE	PERSONAJE
PIDE	PIDEN
PIDEN	PEDIAN
PLAÇIDIS	PLACIDIS
PLEITOS	PLEITO
PLUMA	PJUMA
POBREÇA	POBREZA
POCO	POCOS
PODIA	PODÍA
PODRA	PODRÁ
POESIA	POESÍA
POETICA	POÉTICA
POETICO	POÉTICO
POLEMON	POLEMÓN
POLITICOS	POLÍTICOS
PONDERÒ	PONDERÓ
PONERLE	PONERLO
PONIENDOSE	PONIÉNDOSE
PORQ[UE]	PORQUE
POSESION	POSESIÓN
POSSIBLE	POSIBLE
PRECETOS	PRECEPTOS
PRECISION	PRECISIÓN
PRENEZ	PREÑEZ
PRESBITEROS	PRESBITEROS
PRESUME	PRESUMA
PRETENDIERÁ	PRETENDIERAN
PRETESTO	PRETEXTO
PREVALEÇEN	PREVALECEN
PREVALEÇIO	PREVALECIÓ
PREVENÇION	PREVENCIÓN
PREVENÇION	PREVENCIÓN
PRIESA	PRISA
PRIMERO	PRIMER
PRINCIPE	PRÍNCIPE
PRINCIPES	PRÍNCIPES
PROBECIOSA	PROVECHOSA
PROÇEDIERAN	PROCEDIERAN
PROFESION	PROFESIÓN

paIA	paIB
PRONUNCIACIÓ	PRONUNCIACIÓN
PROPISIMOS	PROPÍSIMOS
PROPONIA	PROPONÍA
PROPORCION	PROPORCIÓN
PROPOSITO	PROPÓSITO
PROPRIA	PROPIA
PROPRIAS	PROPIAS
PROPIEDAD	PROPIEDAD
PROPIEIDADES	PROPIEIDADES
PROPRIO	PROPIO
PRORUMPIRA	PRORRUMPIRÁ
PRUDENTIA	PRUDENCIA
PRUEVA	PRUEBA
PUBLICA	PÚBLICA
PUBLICAMENTE	PÚBLICAMENTE
PUBLICANDOSE	PUBLICÁNDOSE
PUBLICARLOS	PUBLICARLAS
PUBLICO	PÚBLICO
PUBLICÒ	PUBLICÓ
PUBLICOS	PÚBLICOS
PUDIERAMOS	PUDIÉRAMOS
PUDIERON	PUDIERAN
PUDIESSE	PUDIESE
PULCHRIS	PULCRIS
PUREÇA	PUREZA
PURISIMA	PURÍSIMA
Q[UE]	QUE
QUAL	CUAL
QUAN	CUÁN
QUE	QUÉ
QUEDADO	QUEDADC
QUERRIA	QUERRÍA
QUEXA	QUEJA
QUIEN	QUIÉN
QUIER	QUIERE
QUINTILIANO	QUINTILIO
RAÇON	RAZÓN
RAÇONES	RAZONES
RADIJS	RADIIS
RAZON	RAZÓN
REBENTANDO	REVENTANDO
REBOÇO	REBOZO
REBOLVER	REVOLVER
RECEBIDA	RECIBIDA
RECEBIDO	RECIBIDO
RECEBIDOS	RECIBIDOS
RECEBIR	RECIBIR
REÇEDENTIBUS	RECEDENTIBUS
RECREÇE	RECRECE
RECUÇITANDO	RESUCITANDO
REDUÇE	REDUCE
REDUÇIR	REDUCIR
REDUXE	REDUJESE
REFLORECERA	REFLORECERÁ
REFORÇAR	REFORZAR
REINÒ	REINÓ
RELACION	RELACIÓN
RELIGION	RELIGIÓN
RENACERAN	RENACERÁN
RENASÇER	RENASCER
REPREHENDEM	REPRENDEN
REPREHENDER	REPRENDER
REPREHENDIDO	REPRENDIDO
REPREHENSIBLE	REPRENSIBLE
REPREHENSION	REPRENSIÓN

palA	palB
REPREHENSIONES	REPRENSIONES
REPRENHENSIBLE	REPRENSIBLE
REPUBLICA	REPÚBLICA
RESISTENÇIA	RESISTENCIA
RESPE TO	RESPECTO
RESPETOSA	RESPETUOSA
RESPLANDEZA	RESPLANDEZCA
RESPONDERSEHA	SE RESPONDERÁ
RESTITUÍRLES	RESTITUIRLES
RETORICA	RETÓRICA
RETORICAS	RETÓRICAS
RETORICO	RETÓRICO
REVEERLA	REVERLA
REVES	REVÉS
REYNO	REINO
REYNŌ	REINŌ
RIDICULA	RIDÍCULA
RIGIDA	RÍGIDA
RIQUEÇA	RIQUEZA
RIQUEÇAS	RIQUEZAS
ROSE	ROSAE
ROSTO	ROSTRO
RUDEÇA	RUDEZA
RUSTICO	RÚSTICO
RUSTICOS	RÚSTICOS
SĀ	SAN
SABIDURIA	SABIDURÍA
SABRA	SABRÁ
SAÇONADOS	SAZONADOS
SALGĀ	SALGA
SANTA	SANCTA
SANTIAGO	SANTIAGO4
SANTISIMA	SANTÍSIMA
SANTORUM	SANCTORUM
SARDANAPALO	SARDANÁPALO
SATANAS	SATANÁS
SE N CILLO	SENCILLO
SEAME	SÉAME
SECUAÇES	SECUACES
SEGUN	SEGÚN
SEGURAMENTO	SEGURAMENTE
SELVAGINAS	SALVAJINAS
SEMEJANÇA	SEMEJANZA
SEMEJANTE	SEMEIANTE
SEÑALA	SEÑALA
SEÑALO	SEÑALÓ
SENÇILLOS	SENCILLOS
SENIOR	SEÑOR
SENTENÇIA	SENTENCIA
SENTIRSE	SE SENTIR
SEPULCHROS	SEPULCROS
SERA	SERÁ
SERBIA	SERVIA
SEREIS	SERÉIS
SERIA	SERÍA
SERMON	SERMÓN
SETAS	SECTAS
SI	SÍ
SIENDO	SIENDO
SIERVEN	SIRVEN
SIGNIFICARLOS	SIGNIFICARLAS
SIN	SI
SINIFICANTES	SIGNIFICANTES
SINO	SI NO
SOBERANIA	SOBERANÍA

palA	palB
SOBREM	SOBRE
SOLICITANDO	SOLICITANDO
SOLO	SÓLO
SOPENA	SO PENA
SOSPECHOS	SOSPECHOSO
STILO	ESTILO
SU	SUS
SUBALE	SÚBALE
SUBDITOS	SÚBDITOS
SUCCEDE	SUCEDE
SUCESION	SUCESIÓN
SUÇESOS	SUCESOS
SUCCESSOS	SUCESOS
SUPRIAN	SUFRIÁN
SUPRIMIENTO	SUFRIMIENTO
SUS	SU
SUSTANÇIA	SUSTANCIA
SUTILISIMO	SUTILÍSIMO
TALVEZ	TAL VEZ
TAMBIE	TAMBIÉN
TAMBIEN	TAMBIÉN
TANBIEN	TAMBIÉN
TANBIÉN	TAMBIÉN
TEMLANÇÁ	TEMLANZA
TENDRA	TENDRÁ
TENER	TEMER
TEOLOGOS	TEÓLOGOS
TERMINOS	TÉRMINOS
TESTEMONIOS	TESTIMONIOS
TEXIDA	TEJIDA
TIRANIÇAR	TIRANIZAR
TIRANIZEM	TIRANICEN
TITULO	TÍTULO
TODAVIA	TODAVÍA
TODO	TODOS
TODOS	TODAS
TOMANDOSE	TOMÁNDOSE
TOMAS	TOMÁS
TRABAJAIS	TRABAJÁIS
TRABAJÓ	TRABAÍÓ
TRABAXE	TRABAIE
TRADICION	TRADICIÓN
TRAGES	TRAJES
TRANSCENDIENDO	TRANSCENDIENDO
TRATTADOS	TRATADOS
TREÇE	TRECE
TRIUMFO	TRIUNFO
TROPEÇAR	TROPEZAR
UBO	HUBO
ULTIMAME[N]TE	ÚLTIMAMENTE
ULTIMAMENTE	ÚLTIMAMENTE
UNGRIA	HUNGRÍA
UNICO	ÚNICO
USANDOSE	USÁNDOSE
UTIL	ÚTIL
UVIERE	HUBIERE
UVIESEN	HUBIESEN
UVIESSE	HUBIESE
UVO	HUBO
VAÇIA	VACÍA
VAGOROSA	VAGAROSA
VALADI	BALADÍ
VARON	VARÓN
VEÇES	VECES
VELLON	VELLÓN

paIA	paIB
VENÇER	VENCER
VENÇIDOS	VENCIDOS
VENCIDOS"	VENCIDOS
VENGANÇA	VENGANZA
VERÀ	VERÀ
VERGUENÇA	VERGÜENZA
VERISIMILITUD	VEROSIMILITUD
VEZES	VECES
VIÇIA	VICIA
VIÇIOS	VICIOS
VIENDOSE	VIÉNDOSE
VIOLENCIA	VIOLENCIA
VIVORAS	VÍBORAS
VLPIANO	ULPIANO
VOCABLES	VOCABLOS
VOCABLOS	UOCABLOS
VOÇES	VOCES
VOLUMENES	VOLUMENES
VOZES	VOCES
VSABASE	USÁBASE
VSE	USE
VUE LA	VUELA
VUELVE	VUELVO
VULTO	BULTO
YA	Y A
YERRO	HIERRO
YERVAS	YERBAS
ZELARSE	CELARSE
ZELO	CELO
ZELOSOS	CELOSOS



2.1.8. Discriminação dos autores das citações em *Genio B*, com indicação do número de palavras por citação e capítulo.

CAPITULO	AUTOR	Palavras
1,01	Quinto Máximo y Publio Cipión,	24
1,01	Salustio	67
1,01	rey Don Martín	79
1,01	Plinio	575
1,01	Plinio	34
1,02	sacerdote	37
1,02	Don Alfonso	30
1,04	popular	19
1,10	Marco Valério Marcial	22
2,1	Horacio	17
2,3	Horacio	89
2,3	anónimo	90
2,4	Bartolomé Leonardo	54
2,5	Agustín	47
2,5	San Jerónimo	117
2,5	San Jerónimo	18
2,5	Séneca	60
2,6	Horacio	52
2,6	Lupercio	22
2,6	Bartolomé Leonardo	16
2,7	Marco Valério Marcial	24
2,7	Marco Valério Marcial	26
2,8	Marco Valério Marcial	23
2,8	Horacio	72
3,1	Marco Valério Marcial	60
3,1	Horacio	48
3,2	Plinio	35
3,3	Bartolomé Leonardo	37
3,3	Bartolomé Leonardo	214
3,4	Marco Valério Marcial	19
3,4	S. Agust.	46
3,4	Plinio.	220
3,6	Horacio,	14
3,6	Martialis	95
3,6	San Jerónimo	88
3,6	Agustín	516
3,6	Alejandro	47
3,6	Lipsio,	13
3,8	San Jerónimo	53
3,8	Agustín	35
3,8	Bemar	26
3,8	Mantuano Carmelita	93

## Genio B

### Total de Citações/Autor

Autor	Palavras
Agustín	598
Alejandro	47
anónimo	90
Bartolomé Leonardo	321
Don Alfonso	30
Horacio	292
Juan Bernarto	26
Lipsio	13
Lupercio Argensola	22
Mantuano Carmelita	93
Marco Valério Marcial	174
Plinio	910
popular	19
Quinto Máximo y Publio Cipión	24
rey Don Martín	79
sacerdote	37
Salustio	67
San Jerónimo	276
Séneca	60

*Da Historia*



Luis Cabrera de Cordoba



“Píntanla donzella gentil con alas, porque aunque es memoria de cosas consecutiuas, dignas de saberse; va por todo el mundo pura y cándida, sin falsedad en el dezir ni en el sentir, por miedo, amor ni interés. Esto sinifica el estar sobre vn marmor quadrado, asiento del que juzga, lleno de yeruas siempre uiuas, como ella es, y como por ella son las personas y las cosas, mira atrás mostrando ser de lo passado, nacida para la posteridad, con lo que escriue en vn libro que tiene en la siniestra.”.

*DA HISTORIA*  
Luis Cabrera de Cordoba

2.2. *Da Historia*, de Luis Cabrera de Cordoba, reconversão para base de dados e materiais de análise.

2.2.1. Representação de *Da Historia*, segundo a ordem sequencial de frases e lista das frases com mais de cem palavras.

O texto introduzido por scanner e reconvertido para base de dados (Acess) não é apresentado, por haver uma edição recente, sendo por isso fácil o seu acesso.

Como material de análise apresenta-se a tabela com indicação do número de palavras e de frases por capítulo e a lista das frases com mais de cem palavras, bem como os gráficos de *Da Historia*, com representação da obra segundo a ordem sequencial das frases.

Na generalidade, elas são em *Da Historia* mais extensas do que as de *Genio B*, correspondendo-lhes um maior grau de elaboração - detectável, por exemplo, na pontuação, através de ponto e vírgula e dois pontos.

As frases mais longas correspondem ao tratamento de temas considerados de valor absoluto, representando essa extensão, não só uma mais completa explanação dos conteúdos, como o reforço da qualidade do tema. Vejam-se alguns exemplos:

1- frases nº 167 e 168, do capítulo 5 da primeira parte (p.30): Tratam dos atributos necessários ao historiador na elaboração de uma história com dignidade, concluindo que do mais puro e candido sairá a oração mais candida.

2- frases nº 205 e 206, do capítulo 9 da primeira parte (p.36): A primeira trata da qualidade pública da história, reforçada pelo exemplo da segunda, expresso pela interrogativa.

3- frase nº252, do capítulo 10 da primeira parte: Define as condições da verdade histórica, não deixando de criticar os gregos, por não as terem cumprido.

E os exemplos podem estender-se à caracterização das pessoas e da Casa (frases nº 571 e 572, do cap. 4, da segunda parte), definição da sentença (frase nº768, do cap.15, da segunda parte), enunciação do estilo adequado à história (frase nº857, cap.18, da segunda parte), etc, sendo estas frases exemplares de três situações:

apelo ao leitor: "? quien ay de tan inhumano" (frase nº 206), " ? quien no vee que para extender los misterios..." (frase nº 230), "? Qué bondad puee tener..." (frase n 686); afirmação de uma norma, muitas vezes evidenciada pelo recurso inicial ao si ("Si escriuiesse la vida de vn ministro, como Belisario, capitán del emperador Iustiniano, vencedor de los godos, domador de los vándalos, gloria del imperio de su príncipe,

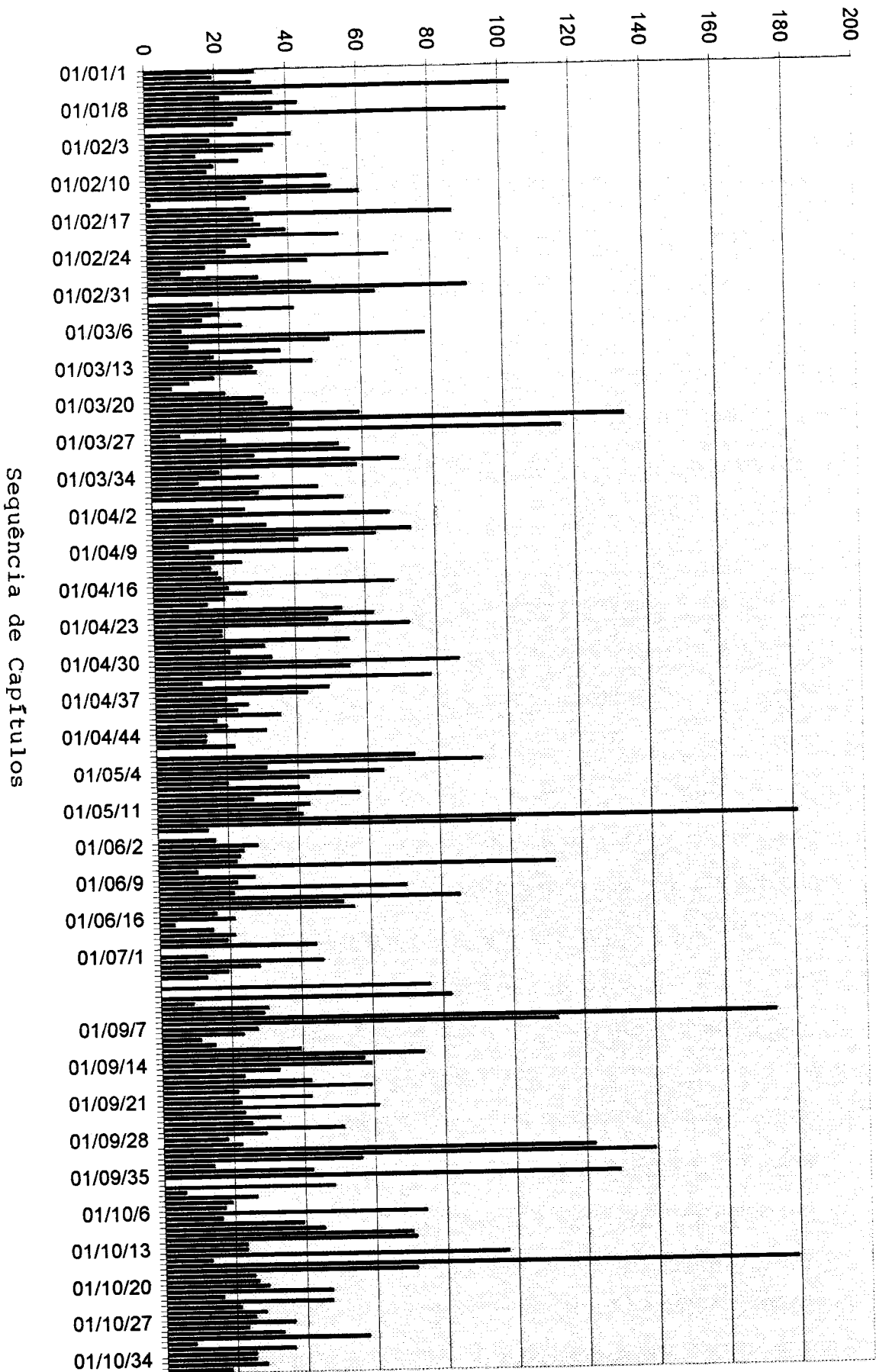


siga el orden que se le pone el escriptor, alárguese y estiéndase en las virtudes de excelencia tanta: aduirtiendo en las cosas de la guerra, al dezir la prudencia con que se gouernó, como ministro del emperador, a cuya cuenta se ponen los sucessos, principios, causas, razones de las empressas, sin defraudarles cosa que a su grandeza toca, por dársela a su capitán, que demás de ser lo contrario sin justicia, parece adulación." (frase nº854); ou a sua enunção pela utilização de um exemplo: "Vsase quando dexando palabras no necessarias, se atiende a la claridad que por más que sea grande, con vna breue oración se representa con dignidad; quando se quiere mostrar presteza y velocidad, como en César, *vine, vi y vencí*; quando se habla de manera que de lo dicho se entienda lo que no se dixo; como *auiendo tornado de Francia*, pues declara que auía ido; quando se narra el todo de la cosa y no las partes, que con su breuedad hazen vna larga suma, como dezir: *fuy al puerto, pregunté a vn barquero cuánto quería por mi passaje, conuenimonos en el precio, subí en la barca, leuamos las âncoras, despleamos velas y nauegamos*, ninguna destas cosas se podía dezir más breuemente; pero bastaua dezir *embarquéme*; quando de vn concepto en que ha acabado, no se haze principio para otro, como decir: *llegué tarde a Madrid, Ilegado a Madrid fui a visitar al conde, visitado al conde boluí a mi posada, buelto a mi posada reposé*, esto no solamente es largo y fastidioso, pero necio y ridículo, pues bastaua dezir: *llegado a Madrid vi al conde y bolui a mi posada*; mas quando se haze figuradamente, no es malo, aunque dificil."(frase nº 873).

Parte	Discurso	NFrases	SumOfPalavras
00	00	22	1223
01	00	1	5
01	01	12	474
01	02	32	1149
01	03	39	1428
01	04	47	1615
01	05	16	868
01	06	22	710
01	07	6	121
01	08	2	78
01	09	36	1749
01	10	37	1392
01	11	16	603
01	12	10	506
01	13	21	1093
01	14	21	960
01	15	27	986
01	16	23	982
01	17	8	420
01	18	28	1109
01	19	25	945
02	01	9	222
02	02	46	1618
02	03	46	1689
02	04	20	914
02	05	42	1484
02	06	7	139
02	07	20	652
02	08	35	1204
02	09	12	420
02	10	35	1204
02	11	5	141
02	12	3	91
02	13	28	1107
02	14	6	165
02	15	10	491
02	16	15	411
02	17	64	2150
02	18	48	1872
02	19	31	984
02	20	6	168
02	21	11	350
02	22	16	661
02	23	11	427
02	24	20	734
02	25	8	234
02	26	14	448
02	27	30	955
02	28	64	2396
02	29	26	895
02	30	16	558

Palavr	n	Texto	Parte	Discurs	TP
338	9	El rey Por quanto por parte de vos Luis Cabrera de Cordoua nuestro criado, nos fué fecha relación, que con mucho trabajo y estudio auiaades compuesto un libro, cuyo título era Historia, a do	00	00	No
201	873	Vasee quando dexando palabras no necessarias, se atiende a la claridad que por más que sea grande, con vna breue oración se representa con dignidad; quando se quiere mostrar, presteza	02	18	No
189	1	DE HISTORIA PARA ENTENDERLA Y ESCRIVIRLA A DON FRANCISCO DE SANDOVAL, Duque de Lerma y Cea, Marqués de Denia y Villauizar, Conde de Ampudia, Comendador mayo	00	00	No
186	768	Es sentencia, oración que con breue junta de pala bras, lo que ay o ha de auer en la vida, muestra: tales son las apoghtegmas graues y breues dichas de principes, duques, legados, empera	02	15	No
181	167	Ha de saber buenas letras, tener lección de las diuinas, ser docto en las antigüedades, práctico en el mundo y que le aya peregrinado, exercitado en todas materias, principalmente de estado,	01	05	No
179	252	Los griegos porque encargaron tarde el escribir sus historias a los sabios y dignos de fe, como escriuian por el arbitrio de cada vno, por mostrar más sus ingenios y eloquencia que la verdad,	01	10	No
174	205	Manifiesta la historia las naturalezas, costumbres, nouedades, los tiempos, órdenes de la antigüedad, la genealogia de nuestros maiores, llena los curiosos de cur	01	09	No
167	572	Considerárase cierta propiedad y manera en el hablar y en los escritos que se leen, por quién se conocen como por la vista los autores y la edad y la prouincia en que nacieron y escriuieron: y	02	04	No
165	854	Si escriuiesse la vida de vn ministro, como Belisario, capitán del emperador Iustiniano, vencedor de los godos, domador de los vandalos, gloria del imperio de su príncipe, siga el orden que s	02	17	No
157	501	Algunos escriuieron contando el tiempo por Olimpiadas, nombre griego, deriuado de Olimpias, que significa espacio de tiempo de cinco años, llamado quinquenio, como dize Licophon interpr	02	02	No
155	389	A los escritores dellas llaman comunmente Antiquarios, deuseles mucho, pues nos las dieron como viuas y a nuestros ojos resuscitados los muros celebrados, museolos, pirámides, coloso	01	16	No
145	397	Es muy recebida en derecho y le haze notorio por via de presunción. La misma fuerza tiene en lo tópic, refiriendo en qué lugar y puesto pasó lo que se cuenta, y qué fundación tenia el pue	01	17	No
144	302	El que escriuiere la varia historia de don Carlos de Austria, rey primero de este nombre en Castilla y en Aragón, emperador V de romanos, Máximo, Germánico, Turco, Africano, títulos que l	01	13	No
143	857	El filósofo que propone la verdad desnuda, dize sin leyes rigurosas, libre, blanda, clara y suauemente: sin neruio, es su oración, ni términos fuertes, y puestos de elección del gallardo orador,	02	18	No
139	231	de quien se escriue que los crió Dios en justicia original, su desuentura por el pecado, el agradable sacrificio de Abel, el fratricidio de su hermano Cain, las desonestidades de los gigantes, la	01	09	No
134	301	Teniendo la materia delante de los ojos, verb, lo que della para t-sto ha de elegir o dexar, qué dezir, qué callar, para formar la verdad, materia de su historia, juntando las cosis para saber em	01	13	No
134	959	Haze sonora y buena maestra y delectable la narración eloquente y lleua el oyente donde ouiere como se dessea, induziéndole a misericordia, odio, ira, loa, ilustrándola tanto, quanto fueren	02	22	No
134	91	Aunque se dessearan muchas cosas y padeciera el corriente de la historia, de los tiempos de los sucessos, grande quiebra y aún daño, sepultados en el oluido perpetuo, infinito numero de h	01	03	No
133	740	Lo mismo se refuta y por los mismos lugares con sentido contrario, quitada la negación. Llámase destrucción, improuación, reprehension, obra de destruir y al fin es euersión de alguna cosa	02	13	No
131	571	Por los nombres de la familia: assí Cicerón dezia ser descendiente de Tulo Hostilio, valiéndose del apellido y renombre, como dize Tiraquelo (capitulo nu.5. 19.núm.31.) Por los nombres de ho	02	04	No
131	686	¿Qué bondad puede tener la que en poco más de cien pliegos tiene sesenta digresiones y a la segunda hoja la primera, auiendo de ser en el dentro de la historia, para alentar la grauedad y q	02	09	No
129	235	Si la breuedad de la vida y la mesma razón permitiera que vn hombre viuiera muchos siglos y anduiesse muchas prouincias y considerasse lo que ay en todas y en qué consiste la fuerza y	01	09	No
126	772	Otras son vil comemoración de algún dicho o hecho, o lo vno y lo otro; breuemente muestra, consiste en las palabras o en los hechos y en ambos; es dezir, la raiz de la virtud es amarga, el f	02	15	No
126	1109	Este noble sabio consejero, en las anotaciones sobre la historia de Librixa y Pulgar, y prefación a la narración de la conquista de Granada, que escriue, dize que los romances son de gran fe	02	28	No
124	420	El arçobispo de Toledo don Rodrigo Ximenez, por la competencia que su Iglesia tenia con la de Santiago, sobre la primacia y precedencia, dexó de escribir la venida de, Santiago a España e	02	03	No
124	552	El arçobispo de Toledo don Rodrigo Ximenez, por la competencia que su Iglesia tenia con la de Santiago, sobre la primacia y precedencia, dexó de escribir la venida de, Santiago a España e	02	18	No
124	420	El arçobispo de Toledo don Rodrigo Ximenez, por la competencia que su Iglesia tenia con la de Santiago, sobre la primacia y precedencia, dexó de escribir la venida de, Santiago a España e	02	28	No
123	1108	Francisco Ximénez de Cisneros, gouernador de Castilla y León entonces, y contra los marqueses de Denia y Villena, retardó, ya que no impidió, el proclamar rey al príncipe don Carlos, viuió	02	28	No
122	230	¿ Quién no vee que para extender los misterios de Daniel profeta como lo testifica el eruditissimo San Jerónimo (in praefatione Commentariorum in Daniele), es necessaria recurrir a las his	01	09	No
121	676	Como no se pudiera saber la lindeza, excelencia y tamaños del templo de Salomón, porción, perfección de su compuesto, que puso y pone en admiración: ni menos atinar la traça del mara	02	08	No
120	902	Por auer hecho lo contrario Antonio de Librixa, con dificultad se entiende oy en su historia en muchas partes, quién son los que pone en su narración. Dize Marquilo Gaditanus, ¿ no se enten	02	18	No
116	93	Estando retirado para morir tan gloriosamente como viuió y triunfó el emperador don Carlos Quinto, máximo rey de España, en el monasterio de san Iusto y Pastor de la orden de san Geróni	01	03	No
116	300	De la materia varia La materia varia contiene diuersos acacimientos de varias cosas, de semejanças cuentos, de diuers principios nacidos en diuersas naciones y por diferentes personas en	01	13	No
115	450	El escribir las cosas de su tiempo tiene peligro y dificultad, por la irritación de los ánimos que lleua aquí y allí el amor de los suyos, el odio de los enemigos, de quién nacen las perturbaciones	01	19	No
112	176	Para escribir las hazañas del emperador Carlos Quinto, el mejor de los emperadores, según escriuen los autores generalmente y es la opinión irme de las naciones que dan los títulos y agno	01	06	No
112	896	acerfó, fuésele la mano, echó demasiado; tiene mano para ello, es púedelo hazer, dale mucha mano, es licencia, libertad y poder; alargue la mano, es que dé más y que alcance o tome más,	02	18	No
112	206	¿ Quién ay tan inhumano que no se mueua de ver vna cosa torpe o heroicamente hecha, siendo propio del que oye o lee vn hecho de clemente, justo, moderado, fuerte, sabio, no sólo verdad	01	09	No
111	924	Llámalas el latino obsoleta verba, vsadas quando no aua letras tan excelentes, como fueron Plauto, Enio, Luculo, Neulio, Pacubio; aunque también vsaron dellas quando más florecieron, que	02	19	No
111	952	De la antonomasia y epíteto De la antonomasia, permutación de nombre, como dezir Anchisiades por Eneas, Catóides por el hijo de Carlos, no vsa el histórico en los patronímicos: ni en vniu	02	22	No
110	359	Búsquelo esto en Iustino, Herodoto, Diodoro Siculo y en los griegos que mezclan con ellos sus cosas: Polibio, Plutarco, Zonoras, y la lección greca de los hespartanos, y Tucídides, Arriano,	01	15	No
108	14	Y mandamos a los del nuestro Consejo, presidente y oydores de las nuestras audiencias, al caldes, alguaziles, y a otras cualesquier justicias de todas las ci	00	00	No
108	365	En lo genealógico tiene aún más fuerza, porque la tradición de padres a hijos dize la nobleza de los passados y las successiones, y por ella se hazen informaciones, y las sentencias hijas de l	01	17	No
108	284	Auiendo leido en la historia sagrada las marauillas de Dios, obradas con potencia sobrenatural, notables por fama y prodigiosas por hechos, qual fué el diluulo vni versal, passar el mar a pie	01	11	No

Número de Palavras

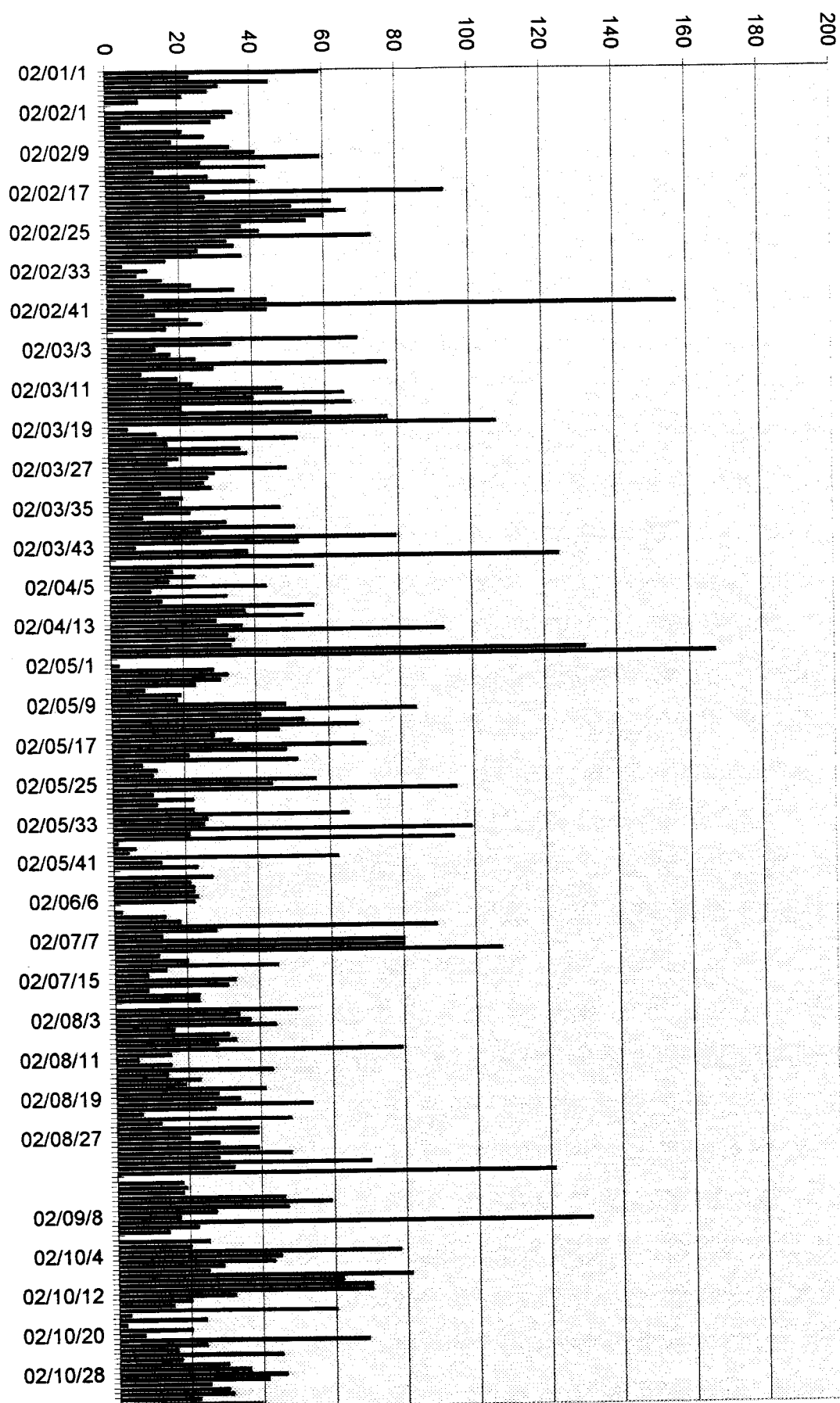


Da História, variação do número de palavras por frase  
Gráfico 1 - Do cap. 1º ao 10º da 1ª Parte

Os dígitos da esquerda indicam a parte, os algarismos entre traços o capítulo e os da direita o número da frase do capítulo.

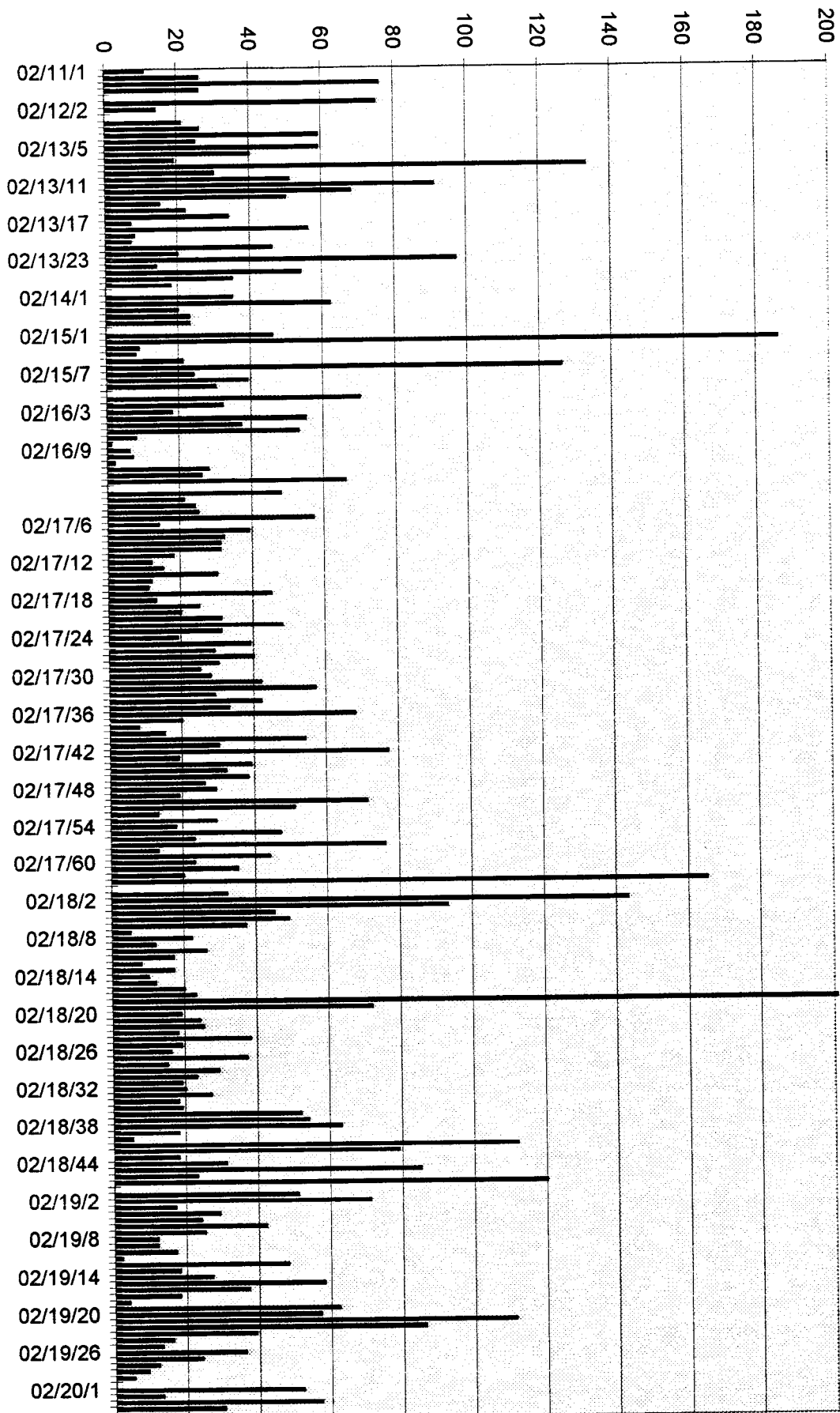


Número de Palavras



Da História, variação do número de palavras por frase  
Gráfico 3 - Do cap. 1º ao 10º da 2ª Parte

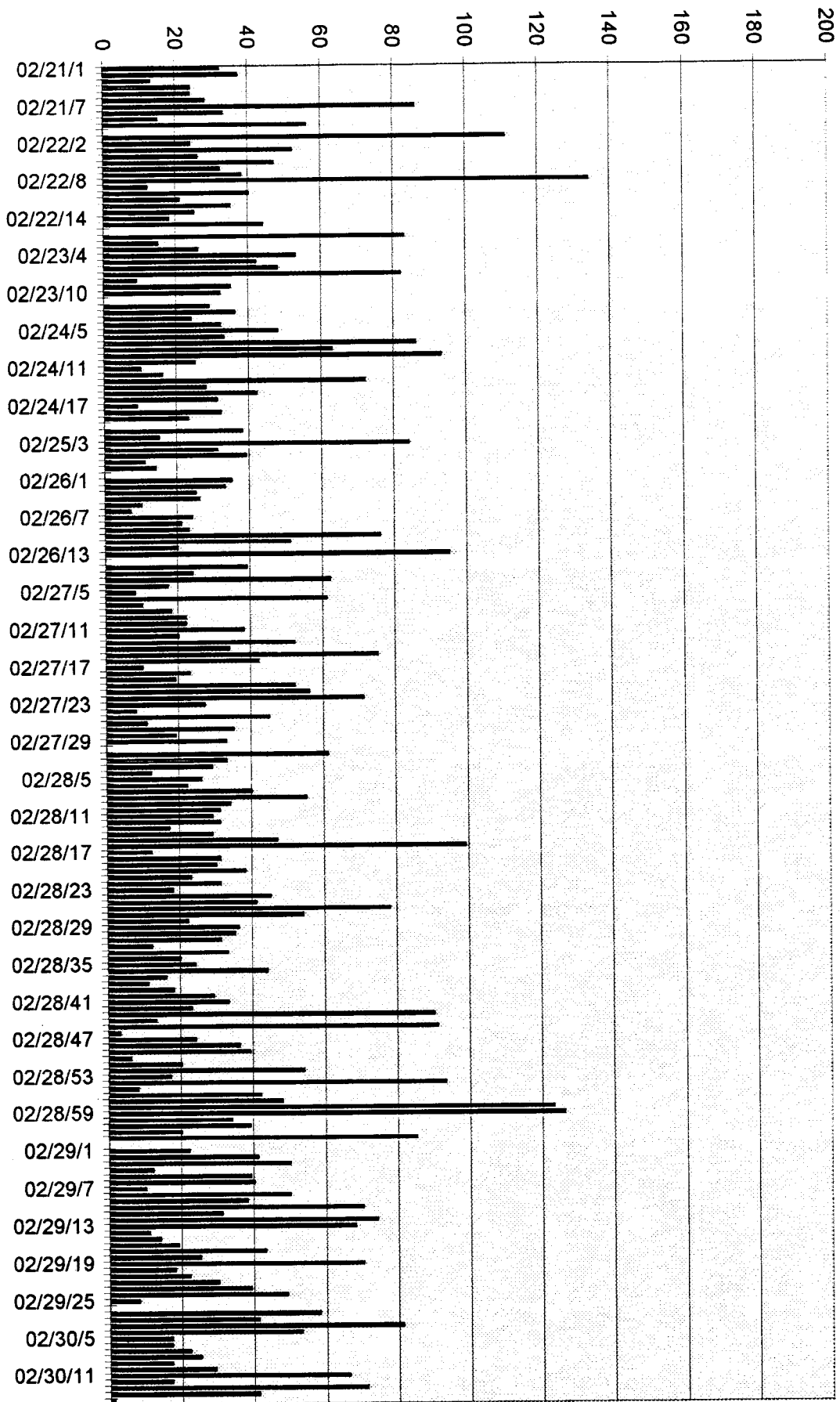
Número de Palavras



Da História, variação do número de palavras por frase  
Gráfico 4 - Do cap. 11º ao 20º da 2ª Parte



Número de Palavras



Da História, variação do número de palavras por frase  
Gráfico 5 - Do Cap. 21º ao 30º da 2ª Parte



**2.2.2. Discriminação dos autores das citações, com indicação do número de palavras por citação e capítulo.**

discurso	autores	SumOfpalavras
1,01	< Salustio y Libio >	83
1,01	< Theodosio >	44
1,02	< Estrabón >	146
1,02	< Laercio >	118
1,02	< Plinio >	35
1,03	< Carlos V >	85
1,03	< Iosefo y Eusebio >	50
1,03	< Pedro Alcino >	32
1,03	< Plutarco >	101
1,03	< San Gerónimo >	45
1,03	< Vegecio >	85
1,04	< Cesar >	39
1,04	< Cicerón >	45
1,04	< Platón, >	160
1,05	< Polibio >	83
1,06	< Polibio >	20
1,06	< Salustio >	97
1,09	< Aeneas Silius >	30
1,10	< Halicarnaseo >	65
1,10	< Macrobio >	48
1,10	< Polibio >	143
1,11	< Halicarnaseo >	74
1,11	< Sempronio Aselio >	119
1,14	< Megástenes, Iosefo >	65
1,14	< Tucídides y Lesbio >	29
1,15	< Lipsius >	69
1,16	< Polibio >	57
1,18	< S. Cipriano >	30
1,18	< S. Iuan: >	32
1,19	< Vegecio, >	47
2,03	< Amiano, >	13
2,03	< Paulo Jobio >	31
2,03	< Polidoro >	59
2,03	< Salustio, >	39
2,03	< Titolibio >	28
2,04	< Amiano Marcelino >	47
2,04	< Dionisio Halicarnaseo, y Sempronio Aselio, >	133
2,04	< Quintiliano >	23
2,05	< Phocio >	22
2,05	< Plinio >	41
2,05	< Polibio >	36
2,05	< Quintiliano >	69
2,05	< Salustio >	13
2,05	< Tácito >	52
2,06	< Salustio >	61
2,08	< Cicerón >	14
2,08	< Prisciano >	20
2,10	< Cicerón >	32
2,10	< rey Cleómenes, >	22
2,11	< Baronio, >	29
2,17	< Cicerón >	72
2,18	< Carlos V >	23
2,18	< Cicerón >	40
2,23	< Cicerón >	31
2,27	< Graciano, >	131
2,27	< Iesu Christo >	18
2,27	< Salomón >	86
2,27	< Santo Tomás, San Agustín, San Lucas >	109
2,27	< Terencio >	102
2,27	< Vinatndo Pighio, >	29
2,28	< Cicerón >	62
2,28	< Iuan Costa, >	33
2,28	< Lipsio >	45
2,28	< Patricio >	20
2,28	< Salustio >	37

discurso	autores	SumOfpalabras
2,28	< San Basilio >	31
2,28	< Tácito >	13
2,29	< Lipsio >	93
2,29	< Quintiliano >	16
2,30	< Claudiano >	15
2,30	< Horacio >	28
2,30	< Martialis >	8
2,30	< Ovidius >	20

Cabrera

Total de Citações/Autor

Autor	Palavras
< Aeneas Siluius >	30
< Amiano, >	60
< Baronio, >	29
< Carlos V >	108
< Cesar >	39
< Cicerón >	296
< Claudiano >	15
< Dionisio Halicarnaseo, y Sempronio Aselio, >	133
< Estrabón >	146
< Graciano, >	131
< Halicarnaseo >	139
< Horacio >	28
< Iesu Christo >	18
< Iosefo y Eusebio. >	50
< Iuan Costa, >	33
< Laercio >	118
< Lipsio >	207
< Macrobio >	48
< Martialis >	8
< Megástenes, Iosefo >	65
< Ouidius >	20
< Patricio >	20
< Paulo Jobio >	31
< Pedro Alcino >	32
< Phocio >	22
< Platón, >	160
< Plinio >	76
< Plutarco >	101
< Polibio >	339
< Polidoro >	59
< Prisciano >	20
< Quintiliano >	108
< rey Cleómenes, >	22
< S. Cipriano >	30
< S. Iuan: >	32
< Salomón >	86
< Salustio y Libio, >	83
< Salustio >	247
< San Basilio >	31
< San Gerónimo >	45
< Santo Tomás, San Agustin, San Lucas >	109
< Sempronio Aselio, >	119
< Tácito >	65
< Terencio >	102
< Theodosio >	44
< Titolibio >	28
< Tucídides y Lesbio, >	29
< Vegecio, >	132
< Vinatando Pighio, >	29

*De Historiae Institutione*



Sebastião Fox Morzillo

2.3. *De Historiae Institutione*, de Sebastian Fox Morcillo - tradução do texto latino, editado em Paris, em 1557 e sua reconversão para base de dados (Acess).

Esta obra, em latim, sem divisão em capítulos, nem qualquer outra forma de organização interna, foi traduzida e por nós subdividida em capítulos e subcapítulos ( a marca # indica o início de uma sequência, correspondendo o número à esquerda do ponto ao capítulo e o da direita ao subcapítulo). Tratando-se de um diálogo, as falas foram anotadas entre as marcas & &. A segunda e terceira personagem, sem nome, foram assinaladas como & 2 e &3.

As referências a autores surgem entre <>, e as citações entre \$ \$.

Estes códigos foram usados também nos outros textos<sup>5</sup> - sendo estas marcações que permitiram a elaboração da tabela de autores e dos gráficos com a discriminação das citações por capítulo - mas, para não complicar a leitura, apenas se apresentam, como exemplo, nesta pequena obra.

---

<sup>5</sup>Em *Genio de la Historia* estão ainda anotadas como citações <cit>, as frases de outros autores que são introduzidas no corpo do texto, independentemente da nomeação da autoria.

## Sebastião Fox Marzillo Hispalense

### Livro sobre o método da História

Há uns dias, estando eu em casa de Pedro Nânio, meu amigo, homem realmente douto e eloquente, juntamente com uma terceira pessoa, nosso amigo comum, e vários outros varões eruditos que, por acaso, ali estavam presentes, tivemos uma longa conversa sobre diversos assuntos, como costuma acontecer principalmente em tais circunstâncias; ora não sei como, um deles, que parecia ser estudioso da nossa gente e da nossa língua, entrou nessa conversa -ou porque a ocasião se proporcionava, ou porque a procurou de propósito - e começou a interrogar-me:

Por que razão os nossos homens não tinham querido pôr por escrito - como fazem as outras gentes a respeito do que é seu - esses feitos que realizaram quer na guerra (outrora na Espanha contra os Mouros, e depois na Itália, na Gália e na Germânia) quer na paz, na sua pátria; ou ainda aquelas coisas que sucederam no novo orbe das terras, por eles mesmos pela primeira vez achado e submetido; e que não havia nenhuma obra comemorativas de feitos praticados pela nossa gente, feitos tão excelentes quanto muitos proclamavam, exceptuando-se bem poucos, e esses mesmos celebrados de passagem por outros autores, os quais, ao referirem por escrito os feitos dos seus povos, narravam, de facto, algumas coisas nossas, que lhes pareciam vir a propósito do assunto que estavam a tratar.

Respondi-lhe eu que, em língua vernácula, existem não poucos escritos entre homens particulares e dirigentes, e que outros deste género foram já publicados, os quais, certamente, ao que parecia, não expunham mal certas coisas, se nos interessarem principalmente os factos em si; mas que não tinham resultado nem elegantes, nem próprias (quanto às palavras), nem metódicas nem conforme exigia a lei da história; e isso tanto mais que a maioria dos autores ou, negligenciando o ornato, se tinham contentado com a simples verdade, ou porque, ignorantes e desconhecedores da arte, se entregaram à escrita inconsideradamente. Mas o certo é que não lhe pude negar a penúria das nossas histórias.

Tanto mais que, nestes últimos anos, e como que levado pela negligência dos nossos, João Vaseu, um belga, seguramente zeloso das nossas coisas - como é evidente - um investigador, começou por a organizar nuns certos anais, e até a publicá-los. Eu afirmei que os nossos, implicados (não só em outras épocas, mas também neste nosso tempo) em muitas e gravíssimas guerras quer internas quer externas, só com dificuldade é que voltaram o seu ânimo para as letras. Por outro lado, poucos ou quase nenhuns prémios foram, até agora, estabelecidos para homens doutos, a não ser para alguns formalistas e rábulas forenses. De igual modo, os nossos engenhos, altivos e ardentes por natureza, de forma alguma suportam por muito tempo o esforço dos estudos, e antes, pondo de lado as letras, rapidamente se voltam para a procura de fausto, riquezas e honrarias; ou então, depois de progredirem um bocadinho nos estudos, desistem da empresa começada e entregam-se ao descanso, como se tivessem atingido o ponto mais alto do saber. E ainda mais: a desordem e ignorância de homens bárbaros, todas as artes estiveram até agora desfiguradas e deixando ao desprezo, e isso tanto entre nós como em toda a parte; mas eis que nos nossos tempos começaram, a pouco e pouco, a ser restabelecidos e cultivadas, ao ponto de parecerem já

levados quase à extrema perfeição. Os nossos, porém, que sempre se mostraram apegados às práticas antigas mais do que as outras nações, também agora sustentam essas artes, conforme naquele inculto e grosseiro tempo as tinham recebido; e não consideram que alguma coisa deva modificar-se temerariamente por causa do exemplo alheio, dado que aquele gênero de disciplinas e aquela maneira lhes agrada profundamente. Ora destas causas resultou que entre nós se encontrassem muito poucos homens superiormente dotados não só para escrever história mas até para outras ciências, homens que se aproximassem da erudição daqueles excelentes varões (que a Espanha, émula da cultura itálica, outrora produziu em grande número), ou que mostrassem em algum gênero de estudo a grande força do seu engenho e a agudeza que os torna superiores. Mas <acrescentei> que, no entanto, neste nosso tempo é de esperar que, depois de acalmarmos, de algum modo, das guerras internas, e de serem já, em toda a parte, quase todas as artes limadas e cultivadas, e os nossos Príncipes começarem a promover as pessoas doutas, e a ter apreço por elas, <é de esperar, disse eu> que vão surgir muitos que não só escrevam história com ornato e elegância, mas que se notabilizem em todo o gênero de conhecimento; isto para não referir também as não poucas ilustríssimas pessoas deste nosso tempo que ainda estão vivas ou que morreram nestes últimos anos.

Portanto não é de surpreender se não apareceram nenhuns livros de história relativos aos nossos feitos, no meio de tantos assuntos que nos ocupam, de tamanha negligência dos príncipes e tamanha imperícia dos homens, pois que até entre os Romanos, no tempo de Cícero, quando o império e as letras floresciam ao máximo, em vão se procuravam livros de história, e até < Atico > diz, no livro I "De Legibus" ["Sobre as Leis"] § que Marco Túlio sentia necessidade de uma história da sua gente, porque nenhuma havia então que fosse digna de ser lida. § Com efeito, embora, antes da sua época, seja referida (após os anais dos Pontífices) a existência de Fábio Pictor, Catão, pisão, Antípatro, Venónico, Clódio, Asilo, Célio, úcio e Sisena, o caso é que eles foram frouxos e sem garra, tal como a maior parte dos nossos que escreveram histórias quer em vernáculo quer em latim.

Então, tendo eu dado estas respostas àquele homem, como elas agradassem também a todos os mais, e como outros me incitassem a levar por diante esta conversa que já parecia concluída, nesta altura P.N., que tinha por mim um excesso de consideração, diz-me:

& - Pois então é preciso que nós, a exemplo desse útico (que há pouco mencionante), te exortemos a que essa história que se deseja, a história da tua gente, tu te encarregues de escrevê-la nas tuas horas vagas. E é que nem poderás prestar maior serviço à tua pátria nem obter para ti um nome mais glorioso. Por esse motivo (usarei as palavras do mesmo Cícero) tenta - pedimos-te - e arranja tempo para este assunto, que é obscuro e desconhecido de quase todos nós. &

Neste ponto, como também tivesse dito o mesmo aquela terceira pessoa, que, perante o silêncio dos outros, desejava, mais que todos, juntar-se a este nosso colóquio, e se esforçava, buscando ocasião, e como a isso me precionasse mais fogosamente, então eu digo:

- Considerais que tenho assim tanto vagar que vá invadir voluntariamente um tal território, que não me convem porque ando ocupado em estudos diversos, e que precisa de maiores faculdades de eloquência e doutrina do que são as minhas ?

Quanto me custa realmente ser tão pouco considerado por vós, ao ponto de me perdirdes a mim - como se eu pudesse ser igual a Cícero, esse homem tão superior - o mesmo que útico lhe pediu a ele! Por favor, deixai de pensar ou reclamar isso de mim, porque eu jamais voltei o pensamento para esse tipo de estudo, e há muito tempo que entrei numa via de instrução diversa da que é conveniente para escrever história.

& - O certo é que - diz P. N. - entre os vossos homens nunca eu vi nenhum ou com maior facilidade em falar, maior vigor e abundância, ou com agudeza e mais viva diligência



em escrever do que tu: é que, mais ou menos nuns quinze ou vinte dias, costumás escrever num livro, com tanta facilidade, abundância, elegância e ornato, que não sei se te é possível fazer o mesmo na língua materna. &

- Isso não é coisa - digo eu - que me afastasse de escrever história (se alguma vez fosse conveniente dar-se esse caso); há outras coisas que me atraem mais e que parecem bem mais difíceis.

Com efeito, quase numa inspiração costumo escrever muitas coisas, realmente em breve tempo, incitado por uma espécie de ardor, de modo que deixo as frases correr como de um manancial da serra bem provido, frases com palavras não impróprias, ligadas num discurso sem ornatos, com tanta celeridade que quase todas vêm espontaneamente ao bico da pena.

& - Que coisas são essas - diz P. N. -, conta lá, que te levam a não poder, ou que te aterrorizam ? &

- Então vós - digo eu - desconheceis isso ?

A minha ocupação, devido a estudos diferentes; interesses de uma vida afastada deste objectivo; e ainda a extrema dificuldade dessa coisa que me solicitais. Com efeito, ainda que tivesse tempo livre e fosse convidado para essa função pela própria República - o que eu, em verdade, dificilmente admitiria - (e de resto não gosto de interromper estudos uma vez começados) eu teria, no entanto, o receio de não aguentar realmente uma tarefa tamanha qual seria a de pôr por escrito, conforme exige a dignidade dos nossos feitos, aquelas coisas que, em tempos já recuados ou naqueles de que nós próprios temos lembrança, a nossa gente realizou. Pois quem há que escreva uma história isenta em todas as suas partes, e mesmo perfeita, se não for um orador de muito talento, um homem prudentíssimo e há muito tempo versado na vida pública pelo longo trato de variados assuntos ? Ou estás a pensar que eu publicaria de ânimo tranquilo uma história como a que a maior parte dos estranhos e quase todos os da nossa gente publicaram até agora - sem arte, sem engenho, sem eloquência, sem ordenação, sem agrado, sem a diferenciação ou a variedade dos feitos e das palavras, sem encanto nem graça ?

& - Bem, - diz P. N. - para falar a verdade, concordo inteiramente contigo, e com razão sempre tive em muito grande conta esses teus movimentos de alma e a agudeza do teu engenho, e os louvei perante toda a gente. Todavia, como conjecturo pelo que conheço do teu pensamento, facilmente entendo que tens a ideia de uma forma de certo modo perfeita da escrever história, e essa, sem dúvida, deves adoptá-la, tanto mais que já tens um espécime, por assim dizer, que tomes como exemplo ao escrever. &

- Mas uma coisa - digo eu - é conceber em pensamento a forma de uma obra, e outra é ser capaz de expressá-la por palavras, já que a cogitação nos figura seja o que for mais facilmente do que o leva à prática.

&3 - Mas então - dizem os dois - se é por justos motivos que te esquivas a escrever uma história desse jeito, ao menos, para não nos recusares tudo, a nós, que te pedimos coisas que até são justas, explica-nos o seguinte: que maneira é essa de escrever história que, na tua mente e no teu pensamento, concebes, de modo que - se não nos é permitido ler a própria imagem dela expressa por ti em forma escrita - mesmo assim fiquemos a conhecer, explicada por ti em palavras, a ideia que tens na mente. &3

- Isso farei - digo eu - com muito mais agrado. É que, se estas coisas não vos agradarem, por aí terá ficado o meu erro, porque irá parecer que nem formo juízos com rectidão, nem abarco cuidadosamente toda a perfeição dessa ideia.

Ora isso será sem dúvida mais tolerável do que se acontecer que desagrade a todos na própria obra < já escrita > (pois que deve ser apresentada à apreciação de todos como uma

obra de Fídias), e que, ao querer, com os meus escritos, tornar ilustres os nossos feitos, eu vá antes obscurecê-los.

&3 - Então vamos - dizem eles - mostra-nos, finalmente, essas mesmas coisas que estás a anunciar. E aquela segunda coisa, de que estás a esquivar-te, tu a realizarás num dia, como todos esperam de ti. &3

- Por onde quereis então que comece - digo eu.

E de que forma tratar o assunto ? Fareis perguntas, à maneira socrática, sobre o que vos parecer, e eu, por minha vez, hei-de interrogar-vos ? Ou farei essa exposição em discurso contínuo ?

&3 - É melhor - dizem eles - que trates o assunto em discurso contínuo, se nada obsta. E nós teremos o cuidado de te interpelar, no momento certo, quando nos parecer que se deve fazer alguma pergunta. &3

- Nesse caso - digo eu - já que vós fizestes de mim um audacioso e imprudente, ao ponto de considerardes que, perante vós, homens muito mais doutos do que eu e mais eloquentes, hei-de eu tratar destes assuntos, então eu serei digno de louvor por vos ter sido obediente, mas, se em alguma coisa eu errar, é a vós que a culpa deverá ser atribuída, por me terdes feito este pedido.

&3 - De bom grado - disseram ambos - nos expomos a essa culpa. &3

- Então - digo - para tudo ficar dito com mais clareza, vou apresentar toda a minha exposição, primeiro, a respeito da própria história e das suas partes, e posteriormente falarei do seu autor, se houver vagar.

&3 - Pelo que nos toca - dizem eles - não faltará o vagar; se tu o tens, isso verás tu mesmo. &3

- Quanto a mim - digo - vou tê-lo. Eu disse isso só pelo receio de vos reter por muito tempo com o meu discurso. E porque já vejo claramente a vossa vontade, não vou omitir nada daquilo que ainda agora propus.

# 2. - Quando eu examino atentamente a sua origem, parece-me que a causa de se instituir a história foi o facto de os homens, pelo seu desejo de honra e de imortalidade (que a natureza gravou na alma de todos), terem querido, desde o princípio, que fossem conhecidos não só os seus feitos mas também os dos seus maiores, ou ainda os daqueles que tiveram em grande honra. De facto, dando-se eles conta de que tanta coisa se fazia maravilhosamente, e de que, na vida, a cada passo, grandes e admiráveis eram os acontecimentos, e porque conservavam a saudade e a lembrança daqueles que tinham visto praticar esses feitos, então, assim como em sua memória faziam estátuas e outros monumentos desse género, assim também consideraram que se devia fazer a história dos seus feitos. E, como ainda não tinham sido inventadas as letras, eles deixavam-na aos filhos como uma espécie de assunto de conversa que lhes fora transmitido pelos seus maiores, de forma a ser transmitida aos vindouros esta notícia como que hereditária. Posteriormente, porém, se alguém a transmitia, escrevia-a com determinadas letras (por exemplo com as hieroglíficas, entre os Egípcios) de forma que a posteridade, compreendendo-as, conservava a lembrança dos feitos praticados pelos antigos.

Assim, as várias narrativas de cada povo referentes aos seus antigos tempos foram divulgadas entre as pessoas da respectiva nação e, pela fama e pelo consenso de todos, passaram a estar em uso em toda a parte. Existiram sempre entre os Egípcios, os Caldeus, os Babilónios, os Gregos, e em geral as restantes nações.

E, não falando no decurso da antiguidade expresso, entre os Egípcios, naquelas letras que há pouco mencionei, também por muito tempo os Hebreus, valendo-se só da tradição e das conversas, conheceram, mais ou menos, as mesmas coisas que Moisés depois escreveu, e

também essa narrativa tinha sido transmitida já desde o tempo de Adão, através de filhos e netos.

Os Gregos - como é lícito inferir de Platão - tiveram, durante muito tempo, muitas recordações da antiguidade não escritas nem anotadas por alguns sinais, mas somente recebidas por boca dos antigos. E assim, por muito tempo - é o que se diz - até os versos de Homero (antes de terem sido coligidos por Aristarco nesta forma de livro) andavam na boca de todos, e era costume serem cantados pelos gregos, em qualquer lugar.

E tudo isto resulta em motivo muito grande - por este interesse de deixar aos vindouros memória de si - de os homens escreverem histórias, isto é, algumas narrativas de feitos guerreiros, logo que começou a haver o uso das letras; motivo também de, antes de esse uso existir, elas correrem em conversas de vulgo e na antiga tradição.

& - Realmente - diz P. N. - essa tua opinião agrada-me de um modo extraordinário. Por favor, passa às coisas seguintes, que eu aguardo tanto mais avidamente quanto foram conduzidas a partir de um bom princípio. &

- Ora então - digo eu - ainda que se afirmar que foram vários os inventores da história (por exemplo, Cadmo de Mileto entre os Gregos, Moisés entre os Judeus, e outros em outros povos) isso apenas significa que, nessas nações, aqueles homens foram os primeiros a pôr por escrito aquilo que, desde há muito, andava espalhado na conversação de todos, ou que tinha sido realizado pouco antes.

Portanto, se entendermos apenas aquela nação em que cada um deles existiu, não só se afirmará que Moisés foi o primeiro, mas também Cadmo, e os outros todos. Todavia não quero fazer oposição a Josefo, um autor de muito peso, o qual diz que Moisés foi o primeiro de todos os historiadores, quaisquer que eles tenham sido em qualquer lugar.

Do mesmo modo < se diz > \$ que os primeiros historiadores dos Gregos foram Ferecides, Helânico, Acasilau, e dos Latinos aqueles mesmos de que já falei antes, Catão, Fábio, Pisão, Sisena e - mais antigos do que eles - os Pontífices Máximos. \$ Estes, do mesmo modo que os sacerdotes entre os Egípcios e os Babilónios, escreviam os acontecimentos de cada ano, mas sem graça nem algum ornamento oratório; e esses, porque estavam organizados por anos, chamaram-se anais.

Seguiu-os uma multidão de historiadores, em diversos tempos e regiões. Não houve, realmente, nação alguma tão selvagem e inculta que não tivesse nenhuma recordação da sua gente, nenhuma memória do seu tempo antigo.

Não falando de Egípcios, Gregos, Romanos, Caldeus, Persas, toda a usia em geral e a Europa: \$ diz-se - com a abonação de < Estrabão > - que também os nossos Túrdulos tiveram a recordação dos antigos tempos e o conhecimento das ciências utilizando a escrita muito antes dos Gregos; e o mesmo autor escreve isso também a respeito dos Gauleses. \$

E mais ainda: naquela selvagem e agreste região dos Índios Ocidentais (que os nossos, em longuíssimas navegações, exploraram e conheceram e, há poucos anos, pela primeira vez subjugaram), no reinado de Motecruma, foram vencidos pela nossa gente em muitas guerras, e oprimidos como se cedessem a algum fado; e por fim declararam publicamente que queriam submeter-se à nossa autoridade. É que, na voz de todos os homens daquele povo, havia um oráculo antigo, recebido já dos seus maiores, de que havia de acontecer, algum dia, esse povo e essa região submeter-se a certos homens de barbas chegados até ali por mar. Ora isso, sem dúvida, que teve de entender-se como respeitante aos nossos, que sempre usaram barba (ao passo que aqueles homens, na sua grande maioria, são imberbes) e que, chegados ali por mar, venceram aquele povo numerosíssimo e temível.

Também esses mesmos homens, além de descreverem tudo com suma arte, com imagens de animais, árvores e outras coisas - tal como com letras hieroglíficas - (eu vi há

pouco um livro escrito dessa maneira e oferecido ao Imperador Carlos V) também têm, cada qual, representados os sinais dos seus antigos tempos e da sua origem.

Por exemplo, uma árvore, uma rocha ou outro sinal assim com que atestem a antiguidade da sua nobreza.

E a esse respeito há entre eles, com frequência, graves controvérsias e litígios, conforme me referiu em tempos Francisco Mendonça, ilustríssimo varão e pessoa da minha intimidade, o qual lá tinha estado muito tempo, juntamente com seu pai, <que era> vice-rei daquela província, e com grande diligência anotara todas as coisas e as conhecera; <referiu-me isso> quando eu, interessadamente, fiz perguntas sobre esse assunto.

E disso se entende que até naquela gente selvagem e agreste existiu sempre uma tal recordação do tempo antigo e da velha tradição, recordação a que podemos chamar história, embora não escrita. E também que, em quase todos os povos, do mesmo modo, isso é antiquíssimo, conforme nos ensina o desejo de conhecer os factos e deixar lembranças, e ainda a saudade das pessoas defuntas e a notícia das coisas pretéritas, o que é inato, por natureza, em quase toda a gente.

E porque esta é a causa das histórias e a sua origem, segundo realmente me parece, a princípio os homens (pois então tudo era rude e inculto, e inventado apenas para ocorrer às necessidades) satisfeitas com a simples lembrança dos passados, nada procuraram deixar aos vindouros além das próprias coisas, de modo tosco e sem ordem, como quer que se faziam ou como vinham à memória do escrevente. E assim, os Hebreus, Egípcios, Gregos, Romanos, adoptando, nessa época, uma narração simples, escreveram alguns áridos e breves anais dos seus feitos, uma espécie de sumários.

Mas depois desenvolveu-se mais a civilização dos homens, e aplicaram adornos não apenas ao modo de vida ao vestuário, à habitação e outras coisas, mas também à linguagem, porque já queriam não exprimir apenas as impressões da alma (era a isso, somente, que dantes a linguagem dava satisfação), queriam ouvir só o que fosse requintado e culto, e fazer as suas leituras sem se enfasiarem muito. Também à história se aplicou ordem, cultura e ornato.

Daí resultou que, mais ou menos desde essa época em que os homens começaram a polir e adornar a linguagem da história (pois que antes ela tinha sido rude e agreste) até ao seu aperfeiçoamento, foram estando de permeio espaços ao longo dos quais, a pouco e pouco, ela foi levada a uma extrema perfeição. Assim, os historiadores (não tanto os Latinos e Gregos como os de outros povos) foram ao princípio secos e rudes - como eu dizia - mas depois foram cultos, esmerados, brilhantes, elegantes, ornados, eloquentes, graves, Homens de muita eloquência e de muito crédito como tinham muito tempo livre e estavam presos pelo amor à sua pátria, aplicaram-se a celebrar os cometimentos dos seus com aquela cultura e ornato com que se tinham habituado a dizer as outras coisas.

Assim um dos primeiros autores a dedicar-se a escrever a história de estrangeiros foi Heródoto, e nele há harmonia e beleza. Seguiu-o Tucídides, mais vigoroso e mais conciso, e a sobressair em arte e em variedade. Posteriormente veio Filisto, que não diferia de Tucídides; depois Teopompo e Éforo, ambos eloquentes e agradáveis ao ouvido; em seguida, Xenofonte, de todos eles - em minha opinião - o mais notável; e também Calístenes, companheiro de Alexandre da Macedónia, que foi condenado por ele por embriaguez, como deploram Séneca e Teofrasto; por fim, Timeu, um homem douto e, não menos, eloquente.

Menos numerosos do que eles e menos cultos, os Latinos foram sobretudo elegantes, e, cada qual no seu género, não foram de desprezar. É o caso de Salústio Crispo, semelhante a Tucídides; de Lívio, semelhante a Heródoto; de César, Suetónio, Tácito, Cúrcio, Justino e outros que ainda temos em nossas mãos. Todavia, diz-se que, além destes, houve muitos, desaparecidos no longo espaço dos tempos.

Mas, embora, pela mão desses autores que já mencionei, a história tivesse sido levada a um sumo grau de cultura e perfeição, teve ela também o seu ocaso, juntamente com a corrupção da língua latina e da grega, e com a perturbação e a ruína das boas artes.

Efectivamente, antes de mil e duzentos anos, e até mais do que isso, nem entre os Gregos nem entre os Latinos existiu alguém que escrevesse qualquer história com aquela cultura e ornato com que escreveram aqueles antigos que há pouco referi.

Depois da devastação e ruína causadas pelos bárbaros ao império romano, é certo que quase todos os autores que escreveram a história desses tempos não foram menos bárbaros e grosseiros do que aqueles mesmos bárbaros cujos feitos então descreviam. Realmente, desde essa época até aos nossos tempos, que historiador tivemos nós, ainda que modesto, comparável aos antigos, ou digno desse nome? A não ser que nos agrade louvar Blondo, Nauclero, Vicêncio, Antonino e os outros desse jeito, autores incultos, grosseiros, duros para o ouvido, e sem notabilidade alguma em valor oratório ou histórico.

Mas - muito e muito felizmente - coube em sorte a este nosso século, por suprema graça de Deus, que, assim como todas as artes foram purificadas e restituídas à sua antiga dignidade, assim também o foi a história. Efectivamente, muitos varões doutos e notáveis existiram em tempo de que conservamos a memória, ou ainda estão vivos, principalmente na Itália, os quais, mesmo não sendo superiores a muitos dos antigos, poderão, no entanto, ser semelhantes e até iguais aos maiores. Mais brilhantes e mais doutos que Justino, Suetónio, Cúrcio, bem poderia eu apresentar alguns desta nossa época; mas, para não parecer que temerariamente faço juízo de alguém, passarei sem os mencionar.

Neste ponto, diz P. N.:

& - Com muita clareza e brevidade apresentaste toda a origem da história, os desenvolvimentos, o progresso e os próprios autores. Sem dúvida me causa admiração que tu, homem dado a estudos mais graves, também sobre este assunto ajuízes com tanto discernimento que pareces ter gasto toda a tua vida neste estudo. Pois quem havia de suspeitar que tu, um homem habituado a escolas de filósofos e à subtilidade das discussões, dispunhas de tanto tempo livre, ao ponto de teres podido aplicar a tua atenção a coisas destas, e delas fazer alguma reflexão (coisas que vós costumais deixar para os estudiosos das humanidades, mostrando uma certa altivez e até desdém, como sendo assunto minimamente difícil). Trata tu dos teus estudos, como fizeste até aqui, e não invadas o nosso campo, para não te obrigarmos, segundo a lei, a sair de propriedade alheia. &

- Pois então vós julgais - digo eu - que a eloquência, e sobretudo esta sua parte que se aplica à redacção da história, só nos diz respeito a nós e que a filosofia não no-la concedeu com reciprocidade? Pois foram estas ideias peculiares aos filósofos; e ninguém separava da filosofia e da ciência das coisas a arte de dizer enquanto existiram os velhos sofistas, homens incultos e faladores, que, avançando no estudo das humanidades mas abandonando a ciência, se entregaram por inteiro a lustrar a linguagem, e julgaram ter alcançado um grandíssimo nome para a sua doutrina. E isso, desde que parecessem eloquentes e versados na lição da história e da antiguidade, desde que parecessem ter sondado vários autores e ter entendido muitos e recônditos passos da obra deles, ou que, ao menos, parecessem aptos para escrever e para falar. Na verdade, quanto estas coisas são pobres e pouco profundas vós mesmos o entendeis melhor do que eu.

E alguns desses (a teu respeito; Nânio, tenho uma opinião diferente), posto que na maior parte dos assuntos ficam calados, por falta de conhecimento da ciência, afinal voltam-se para a filosofia ou outro mais grave género de estudos.

Então deixai de vos surpreender, se eu juntei com ciências mais recônditos este conhecimento das coisas que vós mesmos professais, e se trato agora da maneira de escrever

história, como se fosse um dos da classe dos relatórios, que algum dia se exercitou em falar das causas ou ensinou aos jovens os preceitos da oratória.

E já não falo de que vós mesmos tendes na conta de iguais aos mais eloquentes oradores, na sua arte de dizer, Platão, Aristóteles, Teofrasto e outros, que são filósofos de supremo valor.

Nem falo de que isso demonstra que a eloquência de forma nenhuma se deve separar da ciência das coisas, pois varões tão importantes se notabilizaram num e noutra estudo.

Ao menos deveis reflectir sobre o seguinte: que não só os próprios preceitos da arte de dizer foram deixados pelos filósofos, por exemplo por Aristóteles, Teofrasto e os outros que os vossos oradores têm seguido, mas também que eles mesmos escreveram histórias com muita erudição e muito ornato.

Que historiador elegante a terso escreveu alguma coisa com tanta pureza, tanto primor, tanta opulência e suavidade quando Platão, nos seus Diálogos, aquelas famosas narrativas, ou Aristóteles a sua História dos Animais ? Quem é que pôde atingir aquele encanto sem affectação de Xenofonte (como diz Quintiliano) que nenhuma affectada imitação pode conseguir ? E não faço menção de Teofrasto, harmonioso e brilhante na sua História das Plantas; passo em silêncio Plutarco, autor muito considerado, e igualmente um douto filósofo e historiador; não falo dos outros, dos que se diz terem brilhado a escrever filosofia e história.

Julgareis vós, de facto, que aqueles mesmos historiadores que todos vós costumais venerar como divindades - Lívio, Sabústio, César, Hérodoto, Tucídides - se dedicaram à escrita instruídos apenas em eloquência, e sem a ciência de numerosíssimas coisas ? Recordai-vos da sua subtileza na arte de dizer, do seu empenho em anotar as causas e os efeitos das coisas, o seu saber a respeito de lugares e de tempos, o conhecimento da vida humana, dos costumes e disposições naturais de cada povo, a sua prudência, os seus conselhos, a disciplina, a ordem, a habilíssima distinção das coisas. Compreendeis que, em verdade, nada disso pôde fazer-se sem uma grande ciência e um perfeito conhecimento da Filosofia.

Mas não quero insistir mais convosco (ainda que vós é que quisestes que eu fosse audaz em dar o meu parecer) para não vos queixardes de eu me tornar imprudente e petulante em dar menos valor à vossa profissão.

Já que, para falar, me levastes a este ponto, ao menos - por favor - nesta oportunidade concedei-me o seguinte: que não é alheio aos meus propósitos o apresentar a maneira de escrever a história, ou o poder mesmo escrevê-la, se isso me aprouver.

Reciprocamente, eu admirei de bom grado que vós cultiveis e busqueis a filosofia e as outras boas artes.

& - Concedemos-te isso - diz então P.N. - E mais, se o desejares. Tu continua mais ou menos como começaste. &

- Agora - digo eu - já direi mais à vontade (como alguém da classe dos oradores) o que é o meu parecer, no resto da minha exposição. Se algo for dito menos conforme ao que deve ser, vós considerai que eu penso isso na qualidade de alheio à vossa classe.

Quanto à origem e causa da história, compreendeis que já disse o que parecia ser suficiente. Que mais quereis ? Com que plano e ordem ?

&3 - Isso - dizem eles - verás tu, que já organizaste a conversação desde o princípio e nos deste a saber que tens concebida, no pensamento, a forma de escrever história. &3

- Está bem - digo eu - Primeiro então vai ser a exposição sobre o que é a história e quantas as suas maneiras; direi depois como é que ela se entrelaça e como se lhe dá forma a partir dos seus elementos.

&3 - Seja assim como propões - dizem eles. &3

- A que é que o vulgo chama história - digo eu então - vedes que a ninguém oferece dúvidas.

# 3. - Ela é, efectivamente, a narração verdadeira, esmerada e culta de algum facto notável, realizado ou falado, destinada a imprimir firmemente o conhecimento dele na mente dos homens. É por isso que Platão, no Crátilo, entende como deter o fluxo, pelo facto de que a fraqueza da nossa memória, frouxa e sujeita a lapsos, com ela (a história) se fortifica, e se torna eterno aquilo que foi consagrado nas obras da história. Mas o vulgo julga que se diz "história" partindo de eu narro, por ela ser apenas a narração de coisas feitas ou faladas.

§ Daí o parecer de < Quintiliano, > pois que a narração é tríplice: uma é falsa; a outra é verosímil mas é simulada; a terceira é difusa e mais desenvolvida. A primeira chama-se fábula ou poesia; a segunda, representação; a terceira chama-se história. E na verdade a fábula é uma narração, como ele diz, que se encontra nas tragédias e nos poemas, arredada não só da verdade, mas até da aparência da verdade. Representação, porque, sendo embora falsa, no entanto se aconselha ao que é verdadeiro, como a comédia. História, na qual há uma exposição verdadeira de uma coisa realizada. Portanto estas partes da narração concordam entre si porque apresentam a coisa como ela é; mas diferem, porque uma narra uma coisa verdadeira, outra narra uma coisa verosímil, a outra uma coisa falsa.

E esta distinção parece que Quintiliano a tomou de Platão, talvez do segundo livro "De Republica" o qual, dissertando sobre a proibição da leitura de poetas na sua República e da própria poesia em geral, segundo os géneros, afirma que todo o discurso ou é verdadeiro ou falso; e que o verdadeiro é história, e que o falso é poesia ou fábula. §

Além disso, o próprio nome da história, porque está amplamente disponível para qualquer forma de narração verdadeira, parece também abranger em si outras formas. Ou se narra algo breve, feito ou dito, ou uma série longa e difusa de muitos feitos e ditos dessa natureza.

Quando brevemente se narra alguma coisa, chama-se narrativa simples; e dessa espécie é a que os oradores costumam usar nas demandas; ou citações de apotegmas e de factos singulares que noutros discursos são muitas vezes apresentados como exemplo.

Quanto o facto é exposto difusamente e como que em longa construção do discurso, e consta de muitas partes, chama-se história. E assim acontece que são muitas as formas da história (como de um só género).

Ou são crónicas, ou cronologias, ou comentários, ou anais, ou diários, ou narrações breves e concisas, ou são vidas, ou, enfim, é história propriamente dita.

Crónicas (da palavra grega, isto é, tempo) - diz-se que se chamam assim as narrativas ordenadas pela ordem dos tempos; e desse género são aquelas que descrevem todas as coisas, época após época; por exemplo: o que se passou antes do dilúvio universal, o que se passou depois, enfim o que se passou em cada circunstância.

Cronologia - ainda que também é um registo dos tempos e se pode tomar no mesmo sentido, no entanto parece atender mais a um breve registo dos tempos do que ao registo das coisas feitas nesses mesmos tempos. É assim a que Eusébio e outros seguiram.

Comentários - (para os Gregos têm o nome de acções memoráveis - significam uma narração concisa e simples que contem os pontos essenciais dos feitos praticados. São assim os de César, que andam geralmente divulgados, sobre as coisas por ele mesmo feitas, ou os de Xenofonte sobre a vida de Sócrates, ou os de Ptolomeu, rei dos Egípcios, aqueles que Ateneu cita.

Anais - chamados pelos Romanos de maneira apropriada, são os feitos realizados, em cada ano, pelos cônsules e por toda a República, e passados à escrita pelos pontífices

máximos, (ainda que costumam ser usados por algumas pessoas como sendo uma espécie de história).

Diários são os que contêm as coisas feitas dia por dia, e que, por sua vez, são abrangidos em anais.

Narrativas breves - podem chamar-se, na linguagem comum, quaisquer exposições ou memórias de coisas: como digressões de exemplos, de feitos, de ditos, os resumos, enfim, qualquer que seja a narração, feita apenas por vir a propósito, ou por ter sido planeada.

Vidas - chamam-se assim as descrições de homens de alguma importância e de feitos ilustres, como são as de Plutarco, Filostrato, Diógenes Laércio, Suetónio, Dión e de todos os mais que divulgaram em seus escritos as vidas de algumas pessoas.

História - finalmente, como atrás dizíamos também, é a exposição - desenvolvida, eloquente, verdadeira, clara e esmerada - de ilustres feitos.

Na verdade, nada de mais útil, mais vantajoso, mais excelente ou mais necessário do que ela pôde acontecer ao género humano. E quanto aos louvores dela (para falar agora mais extensamente), como as coisas são muitas e apropriadas a esta ocasião, peço-vos, amigos que me concedeis licença de me alongar um pouco.

& - Facilmente - diz P.N. - te daríamos essa licença, se nos não parecesse ser muito mais útil continuar a ordem já começada, e mostrar de seguida quais são as partes e as leis da perfeita história, a qual tu apresentaste em último lugar. &

&2 - E isso - disse também a tal terceira pessoa - é extremamente oportuno e conveniente. E, por essa razão, ardentemente te queremos solicitar a continuar segundo o plano que começaste. &2

Neste momento, eu (como permitia que facilmente me vencessem e me persuadissem neste assunto em que parecia vir a ser bem aceite que prosseguisse o que estava planeado) digo:

# 4. - Já que, até agora, referi a origem da história e o que ela era, e de quantas variedades, vou condescender com a vossa solicitação e o vosso estímulo. Levado por isso, vou expor, em seguida, quais são as partes e as obrigações dela, isto é, quais são as leis de uma história perfeita, e, ao contrário, quais as falhas de uma imperfeita; depois, quais as qualidades do futuro escritor dela; por fim, com que desígnio e discernimento se devem ler as histórias.

&3 - Mas - dizem eles - se tivéssemos entendido que te propunhas para dizer estas coisas, certamente que não te tínhamos deixado muito vagar para dares notícia dessas coisas que disseste. &3

- Calma! Não vos zangueis, amigos! - digo eu então.

Que mais me devia ser pedido além do que conseguistes? Atendei, por favor, para eu abordar o que está planeado.

Em primeiro lugar, é que já está assente que a história é uma certa narração de coisas pretéritas ou presentes, e de umas e outras a razão é a mesma. Nela dois princípios devem ser observados:

Primeiro, sejam seleccionados os factos que hão-de ser narrados.

Segundo, que esses mesmos factos sejam ordenados convenientemente e com elegância em seus lugares.

Uma e outra coisa dependem da natureza, do juízo, da arte, da imitação, do desígnio e de suma prudência. E assim, tendo nós seguido ordenadamente cada um deles, vejamos como é que se devem seleccionar os factos que entram no domínio da história.

< Dionísio de Halicarnasso, > diligentíssimo escritor da história romana, em certa carta a Gneu Porupeiio onde disserta sobre o estilo de Platão, \$ considera que, ao escrever história, se deve, em primeiro lugar, perceber claramente o seguinte: que se busque matéria



conveniente e grata aos leitores § (foi isso que Heródoto fez, pois que escreveu coisas jucundas e dignas de ser lidas).

Mas para mim esta sua opinião de modo algum é aceitável. E isto porque queremos que se narrem todos os factos, por mais ásperos, duros e desagradáveis que eles sejam, e porque não deixamos ao historiador a opção de leger aquilo que le próprio vai narrar, mas insistimos antes em que não omita nem passe em silêncio nada que mereça ser conhecido.

Que coisa mais desagradável ou mesquinha do que aquelas guerras e acções do povo romano, é com o maior prazer que se lêem em Lívio essas coisas tão pequenas e tacanhas. Que coisa mais truculenta, mais áspera e laboriosa para esse mesmo povo romano do que as guerras púnicas? E no entanto agrada-nos aquela mudança de fortuna, aqueles diversos motivos das guerras, aqueles incómodos aceites por ambas as partes, aquelas calamidades, enfim aqueles apertados e borrascosos tempos.

Portanto, nada será tão áspero para nós, ou tão próspero para os adversários, nada tão molesto e perigoso, nada tão fraco ou pequeno, - que, no entanto, se mostre digno de ser conhecido -, que, ao escrever-se história, deva ser omitido.

§ Quiseram outrora os romanos, desamparada a cidade, emigrar para Veios; quando a cidade foi ocupada pelos gauleses, foram refugiar-se no Capitólio; mais tarde, afectados por grandes derrotas, dificilmente se achavam defendidos contra Aníbal dentro das muralhas da cidade. § Todavia, esses factos, escritos por < Lívio, > não nos causam desgosto, nem subtraem ao nome romano algum louvor ou honra. E por esse motivo, ao procurar-se o assunto da história, não se deve fazer uma escolha tal que, procurando apenas o prazer ou o deleite do leitor, vá omitir algo verdadeiro ou útil, ainda que se trate de um defeito mesmo muito grande.

§ Nem realmente, como escreve o < mesmo autor, > interessa saber o que se deve tomar ou que se deve omitir, quando for conveniente narrar tudo, e não deixar em silêncio nada que seja de interesse. a não ser que se trate de algo tão insignificante e trivial que, por si mesmo, não tenha condições para ser lembrado. §

Efectivamente, é de narrar o que é grande e útil, e não todas as coisas, uma por uma, as quais, se ficarem omissas, não façam diferença nenhuma. Por exemplo, se alguém, ao descrever o embate de uma certa acérrima batalha, nos contar como é que avançou, armado, um soldado raso (a não ser que isso seja de uma grande importância e consequência), procederá, realmente, de maneira inapta e insensata.

Por isso é que a escolha dos factos a ser narrados deverá ser feita por forma que se conheça profundamente aquilo que aconteceu; e, se não for tão vulgar que seja preferível nada dizer, então seja passado à escrita.

Vi eu recentemente uma história escrita em língua hispânica, sobre os ilustres feitos da nossa gente no novo orbe das terras, a parte do qual nós damos o nome de Nova Espanha, e lá aquela gente chama México. Ora nessa história, ao contar muitas coisas extraordinárias e maravilhosas, como são certamente todas elas, o autor narra, de passagem, como foi que certo soldado raso, capturado pelos bárbaros e levado para o sacrifício, escreveu a carvão o seu nome em determinado lugar. Que coisa mais inconsiderada ou leviana do que um homem, ao narrar grandes feitos, descaia, precipitado, como que do cimo de um monte para o fundo do vale, e não conservar uma equidade conforme à dignidade da história?

Quanto melhor procedem Salústrio, Lívio e outros grandes varões, que apenas referem o que é grande, grave, útil, grato e conveniente, e omitem o que é ordinário e trivial, o que não é consentâneo à dignidade da história nem é digno de ser lido.

# 5. - Como esta selecção dos assuntos deve fazer-se logo no começo, e deve narrar-se somente o que é grande e grave, resta apenas que haja uma zelosa cautela em evitar fábulas e

prodígios. De facto, salpicar de fábulas a história, como fez Heródoto, é muito desacreditado e extremamente indigno da grandeza da verdade.

Narrar alguns prodígios, como os que abundam nas histórias dos Gregos e dos Gauleses, - por exemplo, que Xerxes separou o Monte Atos e fez uma ponte no estreito, que dez mil gregos mataram, numa naval, seiscentos mil perças, qual é o varão atilado que não vai escarnecer disso ?

Além disso, deve-se ver se não é por paixão, por medo, adulação, por afeição, por ódio ou benevolência que alguma coisa é dita, pois que a verdade deve contar-se nuamente e não ser pintada de nenhuma cor.

Por avidez de riquezas, dignidades em honrarias, por medo de um perigo iminente ou de inimizades, ou de acender o ódio, por adulação insinuante para com aqueles cujos feitos se descrevem, por amor às suas próprias coisas, por ódio às alheias e parcialidade de alguma facção, narrar seja o que for, mesmo coisas ínfimas, - de certeza que isso é repreensível, e em história é de evitar mais que tudo.

Por esse motivo, não só em outros autores, mas até em Lívio, de modo algum eu aprovo aqueles excessivos louvores do Povo Romano, as comparações com outras gentes, as amplificações e coisas semelhantes que, quase sempre, estão cheias de afeição e parcialidade a favor dos feitos pátrios. É que isso, muitas vezes, torna a verdade suspeita, principalmente para os varões prudentes.

Não quereria eu que se contasse nada de torpe ou desonesto, mesmo que algo desse género se insinue na narração. É que, se a história se há-de escrever para utilidade e formação dos leitores, então deve evitar-se toda a manifestação de um exemplo vicioso, de modo que ou se omitam inteiramente os factos vergonhosos para não ofender o ânimo do leitor, ou, ao narrá-los, se faça isso com tanta decência e decoro que, de torpíssimos, se tornem dignos de ser ouvidos e lidos.

Com efeito, se até quando falamos, em conversa vulgar, devemos manter uma decorosa dignidade, por forma a não dizer todas as coisas pelos seus nomes (o que agradava aos Estoicos e aos Cínicos), muito mais, por certo, isso deve acontecer na história, na qual se tomam em consideração não só o que se fez e o que se disse, mas também as palavras e o próprio discurso.

Disso poderia eu apresentar-vos um exemplo tirado daquela mesma história do novo orbe que há pouco mencionei. Aí aquele autor refere algumas coisas vergonhosas, em termos não suficientemente decentes, de modo que causam repugnância a ouvidos honestos. Mas, dado que agora omito este, também não quereria que se descrevessem tão exactamente aqueles vícios vergonhosíssimos de Antonino Heliogábalo, de Calígula, de Cómodo, de Sardanapalo e outros homens semelhantes. Com efeito, a sua leitura traz mais prejuízo (ao ensinar depravações a pessoas inclinadas aos vícios, por sua própria natureza) do que utilidade (ao dissuadir dessas mesmas perversidades).

Quantas pessoas há tão moderadas e de carácter bem formado, que, tomando conhecimento da efeminadíssima moleza de Antonino Heliogábalo (referida por Lamprídio), do fausto de Sardanapalo, da crueldade voluptuosa de Gaio Calígula, e a dissoluta dos reis dos Persas, dos Sibaritas e outros (que Ateneu e outros autores relembram) não aprendam imediatamente muitas depravações e perversidades, nunca ouvidas nem usadas ' Pois melhor tinha sido que fossem enterradas juntamente com os seus inventores do que entregues à memória dos homens.

Pelo que, se Platão, com bons fundamentos, lança fora da sua República os poetas, porque dão origem a maus sentimentos na alma dos homens, porque os tornam moles, efeminados, ímpios e levianos (o que ninguém honesto e prudente irá desaprová-lo), não há

dúvida de que, por esse mesmo motivo, ao escrever história, e embora se deve escrever tudo o que é verdade, no entanto coisas demasiado torpes e perversas, que, pelo seu exemplo, possam prejudicar mais do que aproveitar sobretudo aos mais novos e inexperientes, omiti-las é, de longe, mais útil e melhor.

Pois se a finalidade de se ler história é a recta orientação da vida humana, não só os homens devem ser animados por bons exemplos a proceder com rectidão, mas também, muitas vezes, parece muito preferível passar em silêncio o que seja perverso e vicioso, para não prejudicar e, de algum modo, ensinar os pouco conhecedores de muitas coisas.

§ < Conta-se > que foi por esse motivo que Sólon não propôs nenhuma lei sobre o parricídio, não fosse apresentar um exemplo de perversidade mais do que estabelecer o castigo dela. §

De igual modo, também os oradores têm vontade de que não se leiam os poetas todos, mas os que forem assaz puros e honestos.

De igual modo, finalmente, é próprio das boas qualidades manter, nas acções e nas palavras, a moderação, o decoro e a integridade, e não só mantê-las mas evitar toda a ocasião de exemplo vicioso, não se dê o caso de a nossa natureza, propensa ao vício e incitada por esse mau exemplo, a pouco e pouco ou num repente resvalar num precipício.

Além disso, não se há-de escrever tudo o que é verdadeiro e tudo o que aconteceu, se nem for útil nem deleitoso de modo a aliciar facilmente o leitor, pela sua utilidade e pelo seu agrado. Será útil o que for honesto, o que for verdadeiro, o que servir de modelo para orientação da vida. por exemplo, os pareceres de pessoas importantes e prudentes; por exemplo, os decretos dos magistrados, os estratégias dos comandantes, os sucessos das guerras, a preparação das batalhas, as conveniências dos lugares, as vicissitudes dos tempos, e, enfim, todos os outros exemplos de facto e ditos excelentes.

§ E assim o agrado se deve juntar à utilidade, tal como justamente < Luciano > aconselha, de modo que aquele siga esta, e não ao contrário. §

Com efeito, o agrado das coisas que se narrarem deve procurar-se por forma que ele mesmo alicie simultaneamente o leitor para a compreensão da utilidade oferecida (assim como a medicamentos úteis e necessários os médicos acrescentam algum sabor apazível, para que o doente os tome mais facilmente, a bem da sua saúde).

Mas sobre este assunto se falará mais extensamente quando se tratar do ornato e das vestes da linguagem da história, por agora seja suficiente, - para eu abranger tudo em poucas palavras, - ter, desde já, entendido, § quanto à selecção das coisas a narrar na história, o seguinte :

- primeiro : que se diga toda a verdade e nada de falso;
- segundo : que não apareça nenhuma suspeita de favoritismo ou de rivalidade.

E realmente estes dois preceitos têm uma aplicação mesmo muito ampla não só para se obter esta selecção das coisas mas até para a disposição e discernimento da história.

São esses ( como diz < Marco Túlio > no seu livro "De Oratore" - <"A respeito do Orador"> ) como que os alicerces e pontos capitais em que a obra há-de, toda ela, firmar-se. § Pois também por este motivo é história e se chama história : porque se narram, não coisas fabulosas como num poema, nem verosímeis como numa obra dramática, mas coisas certas, investigadas, despidas de toda a pintura, e de suspeita de falsidade e da paixão de alguém que deprecie a verdade.

Foi deste modo que Salústio alcançou um sumo motivo de louvor, visto que se absteve de manifestar o seu ódio a muitas pessoas, principalmente a Cícero, enquanto narrava nuamente a verdade. Realmente, de Cícero (que teve como adversário acérrimo, como declara invectivo discurso dele) de modo algum passa em silêncio a prudência, a constância, a

circunspecção e as outras boas qualidades, nem - à maneira de outros - as atenua e diminui. Também nas outras coisas não dá aos amigos mais louvores do que aos inimigos, e assim, desnarra todos os factos de tal maneira que parece ter sido o juiz e não o escritor do que foi feito e foi dito.

Ao contrário, os Gregos são dominados por tão grande afeição às suas coisas que parece que escreveram a história só para eles mesmos e que quizeram usar de lisonja, e que pretenderam que ela não fosse apreciada por outros varões de mais peso e de mais recto juízo. por isso foram chamados mentirosos e levianos, conforme testemunha < Juvenal > :

\$ "E tudo aquilo que a Grécia mentirosa ousa na história". \$

# 6. - Expostas estas ideias, de uma maneira geral, a respeito da procura e selecção do que se há-de escrever, falarei ainda sobre o mesmo tema - se vos parece bem - de uma forma mais metódica e circunstanciada, a fim de, por partes, tudo se provar melhor.

&3 - Sem dúvida que nos parece bem - dizem aqueles dois - e isso esperamos de ti, há já tempo. &3

- Então - digo eu - encontradas assim as coisas, e escolhidas como de uma série longa e confusa, é necessário que ao achado se junte ordem e discernimento, na indagação cuidadosa do que se vai relatar.

Como, não tanto na história quanto em toda a narração, se tem em consideração a facilidade tem que se evitar toda a desordem e confusão das coisas, não suceda que nada se entenda nem se diga convenientemente quando se envolve tudo e tudo se diz como calha, conforme o que vai surgindo. É que a ordem é muito útil para ensinar e para fortalecer a memória e para persuadir.

Escolhidas assim as coisas e adquiridas as necessárias a uma boa edificação, delas se deve fazer uma indagação tal que, como bons arquitectos, antes de terminar e embelezar o edificio, preparem os alicerces, as paredes e todo o terreno e espaço em volta, inicialmente tosco, e em seguida diversifiquem e embelezem a coisa. Deste modo, ao escrever história, não-de procurar-se primeiramente os elementos gerais, depois não-de ser postos por ordem, adornados e revestidos.

Mas por certo que isto é tanto mais difícil quanto escasseia quem tenha capacidade de encontrar a conveniente ordenação das coisas, ou, uma vez encontrada, de a manter continuamente, porque isso depende de grande discernimento, prudência, arte, determinação e reflexão.

Portanto, nesta matéria que, assim como é difícil de saber assim também é necessária, permiti - peço-vos - que eu mostre qual é o meu parecer um pouco mais prolixamente do que o fiz até agora, porque um assunto amplo não pode descrever-se em poucas palavras.

&3 - Sim, por certo - dizem eles -. Nós mesmos to solicitamos, e íamos pedir-te isso, se não tivesses falado antes. &3

- Aqui - digo eu - em minha opinião, ou melhor, na de todos os bons autores, deverá ser observada ordenação na procura das coisas que se não-de narrar. Primeiro, busquemos de uma maneira geral o que se deve dizer, como numa controvérsia se busca a questão principal. Segundo, tratemos cada uma das partes como questões subordinadas àquela que é comum, por forma que se disponham no seu devido lugar. E seja este o meu importante preceito quanto a esses mesmos assuntos.

A respeito da ordem e do discurso e das suas partes mais adiante se falará abundantemente.

# 6.1. - Ver como é que as coisas se devem narrar em história, embora pertença àqueles comuns preceitos de selecção, de que atrás falei, no entanto deve ser apresentado mais

cuidadosamente neste ponto em que queremos que se ache tudo, e, depois de achado, tudo seja ordenado igualmente.

Portanto, estas coisas hão-de referir-se primeiro, como coisas gerais; para forjar um exemplo: estarmos nós na intenção de escrever sobre a expedição dos nossos homens ao novo orbe, e a navegação e os feitos praticados naquela região.

Tome-se isto primeiramente como tema e disponha-se em boa ordem.

Vemos que Lívio, Salústio, César, Tácito e outros, para escreverem, sabiamente se propuseram uma coisa deste género. Quer aquela única guerra, quer a narração de todos os feitos da cidade ou do povo, ou então de alguém importante, - o que se escrever - é assumido pelo historiador como tema considerado principal em toda a obra, na qual se deve fazer uma selecção (o que dissemos antes); e isso para se aceitarem coisas, todas elas, verdadeiras, e não as falsas, as simuladas ou inventadas, as exageradas por parcialidade ou por algum sentimento, nem as vergonhosas, nem as prodigiosas, nem as inúteis e frívolas.

Estas ideias, apresentadas em geral, entendem-se mais claramente quando explicadas por partes.

Primeiramente, antes de serem revestidos pelo discurso oratório, os assuntos serão achados e colocados por uma ordem tal que se dê a importância maior à relação dos tempos em que cada coisa se passou.

Ainda mais: toda a sequência da história não terá nenhuma outra disposição, nenhuma ordenação além daquela que siga os tempos; é que (se a finalidade da história é que, conforme se passaram as coisas todas, assim nós conheçamos, por forma que nos dê a impressão de termos assistido a elas) certamente que todas elas terão de ser escritas segundo foram feitas ou ditas.

Exemplo disto é Tito Lívio, que, entrando a escrever feitos romanos mesmo desde o começo da cidade até à sua própria época, prossegue a história observando a relação dos tempos.

Também César narra os seus feitos desde aquele tempo em que, pela primeira vez, partiu para a Gália com o seu exército até ao resultado final da guerra.

# 6.2. - Portanto nesta parte, o primeiro preceito seja o de seguir a relação dos tempos.

Mas seja isso por forma que nela os tempos não sejam divididos em espaços de anos apresentados uma um, ou de meses, ou de dias, mas sim no inteiro decurso das coisas e sua conexão.

Descrever os feitos de cada ano - o que se fazia nos anais dos Pontífices Máximos - muitas vezes não será preciso, porque é frequente que poucas coisas dignas de memória aconteçam num só ano, e - pela mesma razão - muito menos o que se passou em cada mês ou em cada dia (o que tem o nome de Diário).

E por esse motivo sigam os tempos a relação dos feitos praticados, não ao contrário, o que em Lívio, em César e nos outros bons autores é bem evidente. Esses narram as coisas de tal modo que elas parecem ter sucedido quase sem haver nenhuma intermitência dos tempos, e de modo que os tempos são notados logo de caminho; e não se diz que é que se passou em cada tempo, de maneira que a relação de tempo seja considerada maior que a relação de acção.

Por exemplo: < Lívio > prossegue a totalidade da narração de modo que todas as coisas que escrever se julgue que se deram num decurso contínuo e quase numa sequência única, sem interrupções; os tempos, porém, e a sua ordem nunca os anota incidentalmente, a não ser que se afaste da narração porque o próprio assunto o exige. Por exemplo, no Livro 8º da Década Primeira, ele mesmo relata assim aqueles tempos de Roma, cujos feitos está a narrar, associando-lhes os feitos de outros povos:

§ "É traição que, nesse mesmo ano, foi fundada Alexandria, no Egito, e que Alexandre rei do Egito, morto por um exilado da Lucânia, confirmou os oráculos de Júpiter de Dodona". §

O mesmo <Tito Lívio> no Livro 2º da mesma Década, distingue o tempo por meio dos próprios assuntos do Povo Romano; assim:

§ "Do Povo Romano, já livre a partir daqui, vou relatar os feitos notáveis, na paz e na guerra, os magistrados anuais e os poderes das leis, mais potentes que os dos homens." §

O mesmo, noutros lugares, mais de uma vez, depois de narrar muitos factos, logo a seguir dá a saber: em que tempo esses factos se deram, quantos anos eram desde a fundação da cidade, e igualmente que senso se fazia, quem eram os consules, o que acontecera em outras nações.

Mas isto de modo nenhum o refere indo ao ponto de dizer que neste ano aconteceu isto, no seguinte aconteceu aquilo, depois aconteceu isto ou aquilo, mas sim que todas estas coisas se deram em sequência desde tal tempo até tal outro. Este modo de indicar o tempo é, em história, muito conveniente para fazer a distinção das coisas. Contrariamente, porém, nas crónicas e nos anais os factos são referidos a cada um dos tempos, mantendo o curso e a série deles; no entanto, os tempos não se acomodam nada aos próprios factos, como acontece na história.

Embora a maneira de apresentar as coisas pareça ser a mesma, quer os factos sigam os tempos, quer, ao contrário, os tempos sigam os factos, porque (ou se façam anais, ou crónicas, ou comentários) o que se procura é a relação dos tempos e o conhecimento das coisas que neles sucederam, no entanto deve considerar-se que uma é a forma da perfeita história - que aqui queremos descrever - outra a dos anais ou das crónicas.

Para escrever anais ou crónicas ou comentários é muito fácil seguir a relação simples e despojada todos os feitos, mantendo a relação desses mesmos feitos. Mas na história (que figuramos completa, que figuramos isenta, perfeita, que figuramos constituída com a maior justeza em todas as suas partes) deve ser observada inteiramente aquela forma que indiquei ao comentar a disposição dos tempos.

Portanto, bem ordenados os feitos e delineados de modo que se perceba que coisa aconteceu em cada tempo (mas por forma que os tempos, um a um, não sejam recordados secamente nem escassamente, a não ser quando o assunto o exija), deve também prestar-se atenção à natureza dos lugares onde cada coisa se passou, pois que para a memória e conhecimento das coisas isso é muitíssimo útil, tal como, para uma mais fácil lembrança, costumamos utilizar imagens e sinais colocados em determinados lugares.

# 6.3. - Portanto, se a história há-de ser bem ordenada e esclarecida, os factos não-de distinguir-se não só pelos tempos mas também pelos lugares.

Isso faz, quase sempre, a maior parte dos cosmógrafos, quando descrevem regiões, ou a situação de cidades e de montes, ou cursos de rios, ou sinuosidades e portos de mar, e o restante do mesmo género. Tudo isso se deve ter em vista para dar informação, não só nas obras deles, mas também e principalmente na história.

E para isso, realmente, é necessário um cuidadoso conhecimento da Cosmografia, de viagens a terras estranhas, e do relato de muitos mercadores ou marinheiros (os quais, pelas suas frequentes viagens, têm muito grande notícia de lugares), o testemunho ou de militares ou daqueles que participaram nos próprios feitos guerreiros, uma narração que mereça confiança (se o historiador, por acaso, não participou pessoalmente).

É necessário que se conheça qual é cada região e quais as suas qualidades, qual a sua natureza, a situação, os ares, qual o seu clima, quais os homens, a qualidade do engenho deles, os seus costumes, a organização da sua vida, quais as cidades, qual a administração

delas, quais as suas regras, qual o seu preparo, quais os cidadãos, quais os seus princípios morais.

Também é preciso conhecer quais as planícies e quais os montes do território, quais os rios, quais os mares, quais os portos, quais os ancoradouros, quais as vizinhanças de outros povos.

Finalmente, deve estar bem lembrada a doutrina de toda a Cosmografia e as suas informações, por forma que, todas as vezes que seja preciso descrever quer o cerco de uma cidade quer o seu ataque, ou dar a conhecer a forma das fortalezas ou as marchas do exército, ou as vantagens dos lugares ou dos povos com os quais houve guerras, ou os auxílios por eles recebidos, os abastecimentos, os costumes, a índole e outras coisas semelhantes -- todas estas coisas, conhecidas e atentamente observadas, venham de imediato ao pensamento, seja pela experiência da Cosmografia, seja (no caso de ela faltar) pelo relato digno de crédito de outras pessoas.

Mas tudo isto é muito, muito extenso, e não pode facilmente ensinar-se se não for, de alguma maneira, compendiado.

Por isso é preciso distinguir as coisas, de maneira que (quando os feitos de que se trata são ou bélicos ou urbanos, e esses mesmos feitos bélicos são ou marítimos ou terrestres) num e noutro caso se considere como principal a atenção ao lugar; que a descrição de cada região seja perfeitamente conhecida, juntamente com os seus limites e regiões vizinhas, e ainda o género de mar, de enseadas, de portos, promontórios, vaus, ilhas, navios e navegações.

Em seguida, e na mesma terra, além da atenção à totalidade da região, devem ser conhecidos os montes, os vales, as planícies, os rios, os campos e a sua fertilidade ou esterilidade, as culturas ou povoações e outras coisas semelhantes.

Ainda mais: na descrição das cidades, a situação delas, a amplitude, a estreiteza, as muralhas, as fortificações, os edifícios, os subúrbios, os cidadãos e a sua índole, natureza, cultura, costumes - o sistema todo da república deverá ser examinado e reconhecido; e isso para que, sendo precisa uma descrição dessas coisas para ilustrar a história, não pareçamos uns cegos e uns estranhos.

Exemplos assim de cada uma dessas descrições encontram-se em César, Salústio, Lívio e outros, e em grande número apresentaremos alguns, para mostrar as coisas uma por uma.

< César, > no início do livro 1º "Da Guerra da Gália", descreve assim a situação e as partes e os limites e as nações vizinhas dessa província:

§ "A Gália toda está dividida em três partes, das quais uma habitam os Belgas, outra os Aquitanos, a terceira aqueles que na sua própria língua se chamam Celtas, e na nossa se chamam Gauleses." §

Eis a descrição de uma região.

Porque é comum a descrição de algum mar, por exemplo o da Sicília, o da Gália, o das Baleares, o da Hispânia e outros semelhantes, e quase a mesma em Pompônio Mela, em Plínio, em Estrabão e restantes cosmógrafos, entendo que não são precisos exemplos de historiadores já que é fácil descrever a natureza da cada mar deles <i.e. dos mares que os historiadores mencionam>, a forma, as enseadas, os portos, os promontórios e ilhas, como até se pode ficar a conhecer pelo livro 5º dos "Comentários da Guerra da Gália", de César, na expedição à Bretanha, a navegação e descrição da ilha.

E então estas coisas, que são comuns e nos cosmógrafos se encontram facilmente, não os mencionemos, por agora.

Mas algum campo, seus limites, a forma, a fertilidade ou esterilidade, o clima, o sistema de lavoura, os montes, os lugares altos, a planície, os vales, o curso dos rios e a sua largura, a nascente, a rapidez, a utilidade quer para irrigar os campos quer para a navegação,

as inundações, as fontes e sua natureza e forma e também outros lugares semelhantes, será lícito descrevê-los, geralmente em conjunto, e certamente com superior forma e arte.

Assim também descrever uma cidade não é difícil, pois qualquer pessoa ode observar com atenção e descrever - quando o assunto o exija - a situação dessa cidade, a forma, os edifícios, as fortificações, a utilidade do campo circunjacente, os subúrbios e todas as outras coisas, quaisquer que sejam, que se podem ter em consideração em alguma cidade.

E disso seja exemplo aquela descrição de Alexandria, em < César, > no livro sobre a guerra de Alexandria:

§ "Alexandria é quase toda ela escavada por baixo e tem cavidades que vão até ao Nilo, pelas quais a água é levada para as casas particulares, a qual, pouco a pouco, com o tempo, se clarifica e faz sedimento.

Os donos dos edifícios e seus domésticos habituaram-se a utilizá-la. De facto, a que o rio Nilo traz é tão limosa e turva que provoca muitas e variadas doenças, mas a plebe e o vulgo tem mesmo de se contentar com ela porque, em toda a cidade, não há fonte nenhuma; mas este rio ficava naquela parte da cidade que era dominada pelos Alexandrinos". §

A descrição de Atenas também a poderemos ver, cuidadosamente feita, em Plutarco, na Vida de Teseu, e em Pausânias.

De Nova Cartago, na Hispânia, tomada por Cipião, ficai a saber a situação, assim desenhada por < Lívio, > na Década 3ª livro 6º, pois assim diz ele, ao escrever a respeito de Cipião:

§ "Aí, embora alguns aconselhassem que (por se terem dividido os exércitos púnicos em três regiões tão diversas) fosse acometer o que estava mais perto, ele, considerando que havia o perigo (se fizesse isso) de os levar a juntarem-se todos, e que um só não igualaria em força tantos exércitos, decidiu atacar Nova Cartago, cidade, por um lado, opulenta pelas suas riquezas, e, por outro lado, cheia de toda a aparelhagem guerreira (ali havia armas, ali havia dinheiro, ali havia reféns de toda a Hispânia) e, para mais, situada vantajosamente para a travessia para a África, e até junto a um porto de suficiente amplitude para uma armada tão grande quanto se quizesse, um porto não sei se único na costa da Hispânia, no lugar em que é adjacente ao nosso mar." §

# 6.4. - E quanto á descrição de cidades isto é suficiente: ela é comum aos historiadores e aos poetas; por exemplo, é comum a Virgílio (que, no livro I da Eneida, muito cuidadosamente pinta Cartago e o Palanteu, residência real de Evandro) e, em geral, aos outros poetas, principalmente os poetas épicos, que são muito semelhantes aos historiadores.

Mas a descrição dos lugares não é suficiente em história, quando, para ilustrar e distinguir as coisas, se escolhem estes assuntos, mas as deliberações e as causas dos empreendimentos são, em muito, mais dignas de relato quanto mais estão ligadas com os próprios empreendimentos.

Pois de em alguma coisa se deve fazer menção de todos os factos, visto que nela nada de importante e indispensável convem ser omitido, então principalmente se deve examinar isto: como é que as causas e os planos dos feitos se desenvolvem.

Ora as causas e as deliberações, ainda que de certo modo pareçam ser a mesma coisa (até onde as feitas e os resultados dependem delas) no entanto são diferentes. As causas são o que induz a que alguma coisa tenha de fazer-se (por exemplo, para a guerra púnica a causa ofereceu-a a Sicília ocupada pelos romanos). As deliberações são o que se assume ao tomar decisões para cuidar de alguma coisa (por exemplo, os estratagemas dos chefes, naquela mesma guerra já ateadada e declarada; ou, antes que ela seja declarada, aquilo que move o povo e alguém importante a fazer a guerra).



Assim, a causa é anterior à deliberação, e como que a primeira ocasião de uma coisa se fazer; a deliberação é aquilo que, quando surge a ocasião, se faz com o apoio de uma consulta.

As causas, assim são primeiras e espontâneas, assim como são várias e provenientes de vários acontecimentos. De facto, \$ ou a ambição de dominar excita os homens à guerra (como Nino, rei dos Assírios, conforme escreve < Justino, > e como Alexandre da Macedónia) \$ ou o desejo de vingar uma afronta (como outrora, pelo interesse de recuperar da Sicília, os Cartagineses fizeram guerra aos Romanos). \$ Pois, como são tantas quanto as disse as ocasiões de guerra - como escreve < Platão > no livro II da República - tantas serão também as causas atribuídas a feitos bélicos. \$

Em assuntos civis podem ser muitas as causas dos factos, como mudanças de leis, sedições, desavenças de cidadãos, poderes dos magistrados, o estabelecimento de colónias, os censos da cidade, navegações novas, invenções, prodígios e muitas outras coisas semelhantes, que todos os dias acontecem e podem fornecer motivo de se escrever história.

E as várias causas das guerras, muito elegantemente nos ensinou < Lívio > a relatá-las, no livro III da Década Primeira, quando mostra a ocasião da segunda guerra púnica:

\$ "Também - diz ele - combateram mais com os ódios do que com as forças, pois se indignavam os Romanos porque eram os vencidos a pegar em armas contra os vencedores; e se indignavam os Cartagineses porque entendiam que com soberba e avidez se exercera o mando sobre os vencidos.

É fama também que Aníbal, com cerca de nove anos de idade, fazendo carinhos a seu pai, Amílcar, como fazem as crianças, para que o levasse para a Hispânia, na ocasião em que, terminada já a guerra de África, oferecia um sacrifício por estar de partida para lá com o exército, ele, Aníbal, levado para junto do altar, tocando os objectos sagrados, se obrigou com juramento a vir a ser inimigo do Povo Romano logo que pudesse.

A Sicília e a Sardenha perdidas sufocavam aquele varão de altivez enorme. É que a Sicília fora cedida num desespero por demais impetuoso, e a Sardenha fora tomada, no meio da agitação da África, por fraude dos Romanos, e ainda por cima lhe fora lançado imposto." \$

Todas estas causas, e mais do que estas, Lívio as refere com elegância e com muita arte.

Ora também este ensejo de referir as causas e as deliberações é comum aos historiadores e aos poetas, os quais, se vão narrar algo de sério e importante, apresentam também as suas causas e deliberações, coisa que, no livro I da Eneida, ao descrever a tempestade que acometeu e destruiu a armada troiana, < Virgílio > fez desta maneira:

\$ "Houve uma cidade antiga (estabeleceram-se lá colonos Tírios) - Cartago, lá ao longe, em frente da Itália e da foz do Tibre, abundante em riquezas e temível nos seus desejos de guerra, a qual (diz-se) Juno amou muito mais do que todas as terras, pondo Samos em segundo lugar.

Aquí estiveram as suas armas, aquí o seu carro.

Que aquele povo fosse senhor deste reino - se de algum modo os fados consentem - já então a deusa tem essa aspiração e a favorece.

Mas tinha ouvido que vinha uma descendência de sangue troiano, a qual um dia deitaria por terra as fortalezas tírias; e que, daí, um povo amplamente rei e soberbo na guerra havia de vir, para destruição da Líbia.

Era Assim que as Parcas determinavam". \$

É do mesmo modo que apresentam as restantes causas do ódio de Juno contra os Troianos.

Das outras causas, que são quase infinitas e quase sempre referidas no desenlace, quer sejam de coisas urbanas quer de coisas bélicas, não é necessário apresentar mais exemplos, para não expor miudamente coisas mínimas.

Seja suficiente ter mostrado em poucas palavras que as ocasiões das coisas a narrar devem ser apresentadas em primeiro lugar, e elas mesmas devem ser indagadas, não com negligência ou falsidade, mas com a maior exactidão e segurança, e claramente referidas.

E não as narrar só a elas, mas lembrar os antecedentes, as consequências, as coisas anexas e as pretéritas, e, muitas vezes, trazê-las do seu remoto princípio - isso é o que convém, como fez Lívio no exemplo acima citado; e o poeta Virgílio, que, neste particular, observou fielmente a lei da história; e igualmente Salústio, que, na "Conjuração de Catilina", foi buscar a história mesmo desde a fundação da cidade, para dar conta das causas dos desagradados costumes de Catilina e dos conjurados.

# 6.4.1 - A essas juntam-se as deliberações e os preparos, aquelas no acto de decidir, e estes quando se apresentam e se acautelam as coisas necessárias.

Igualmente, quando a guerra nos foi declarada pelos inimigos, uma consulta a indagar de que modo se lhes há-de fazer frente e também o plano e o propósito pelos quais ela é feita, se há de permeio causas urgentes, e, por outro lado, o cálculo da vantagem em cercar esta ou aquela praça de armas, em fortificar alguma cidade, em chamar aliados, e, mais ainda, todos os estratagemas dos chefes, dos comandantes, dos povos - tudo deve ser feito segundo um plano.

< Salústio Crispo, > ao apresentar os planos de Catilina e dos outros conjurados, fez isso desta maneira:

§ "Catilina, quando vê que vinham chegado aqueles que eu há pouco referi, ainda que frequentemente tinha tratado de muitas coisas com cada um deles, no entanto, pensando que havia de ser útil chamá-los e exortá-los a todos eles juntos, retira-se para uma parte secreta da casa, e aí, afastadas para longe todas as testemunhas, fez um discurso desta maneira". §

Depois leia cada um de vós, em < Salústio, > esse discurso, em que Catilina revela aos conjurados o plano dos seus desejos e os exorta a que tratem do caso. Para exemplo seja suficiente isto que foi apresentado.

Os preparos da mesma conjuração descreve-os assim:

§ "Entretanto, em Roma, trama muitas coisas ao mesmo tempo, arma ciladas ao cônsul, prepara incêndios, bloqueia lugares oportunos com homens armados, ele próprio está com uma arma de arremesso e manda os outros fazer o mesmo, e exorta-os a estarem sempre atentos e preparados; não pára dia e noite, não dorme e não se cansa nem com as insónias nem com o trabalho. Finalmente, quando nada lhe corre bem, por mais que pense e faça muitas coisas, de novo convoca, a horas mortas, os chefes da conjuração, por intermédio de Marco Pórcio Leca; e ali, depois de se queixar muito da inacção deles, informa-os de que enviara Mânlio para se juntar àquela multidão que tinha preparado para pegar em armas; que, igualmente, enviara outros para outros lugares convenientes, os quais dariam início à guerra; que ele próprio deseja ir reunir-se ao exército desde que antes tenha abatido Cícero (é que ele estorva muito os seus planos). §

Também nisto os poetas são semelhantes aos historiadores. Por exemplo, < Virgílio, > no livro IV da Eneida, descreve assim a forma, e os preparativos da partida de Eneias da África para a Itália:

§ "Então os Turcos entregam-se ao trabalho e tiram de todo o litoral as altas naus. Flutua a quilha alcatroada, e eles, no seu empenho de fugir, trazem das florestas remos ainda com folhas e ramos de carvalho não trabalhados." §

A isto também pertence a imagem dos militares, das tropas e legiões, a formação e colocação dos exércitos que se aprestam para o combate, o retrato da trincheira, das obras de fortificação, dos vigias, dos criados, das provisões, dos projecteis, das máquinas e outros semelhantes fornecimentos necessários para a guerra.

Mas não é preciso mostrar exemplos de todos eles, porque basta ter lembrado que, ao escrever história, convém mencionar estas coisas no seu devido lugar, e que, ao ler a que já está escrita, convém anotá-las cuidadosamente no respectivo autor.

Além disso, ao apresentar os planos não só de coisas em conjunto mas também de acções consideradas uma a uma, o historiador deve apresentar a sua opinião, e até deve dizer o que aprova ou lhe parece recto, e o que, pelo contrário, acha censurável. Com efeito, apresentar simplesmente os planos e neles não anotar, a subtilidade, ou a audácia, a moderação e outras semelhantes coisas, isso, realmente, é próprio naquilo mesmo, o que há de bom ou o que há de mau.

Salústio fez isso diligentemente, na "Conjuração de Catilina", quando lembra a corrupção dos Romanos e a sua causa, mesmo desde a fundação da cidade, e apresenta a sua opinião.

Igualmente < Lívio, > no livro XXVI da Década III, ao indicar assim os sucessos ambíguos e a dificuldade das circunstâncias dos Romanos e dos Cartagineses naquela ocasião:

§ "E não houve outro tempo de guerra em que Cartagineses e Romanos (pois ficaram confusos, por igual, vários sucessos) se tenham encontrado mais em dúvida entre a esperança e o medo." §

As causas desta dificuldade acrescenta-as depois com mais extensão.

O < mesmo autor, > no livro IX da Década I, apresentando o seu parecer a respeito de Papírio, diz:

§ "Sem dúvida, naquela época (que nenhuma outra superou na abundância de grandes valores) não havia um único homem no qual as coisas romanas encontrassem mais apoio. Ainda mais, apontam-no como um chefe igual, em qualidades, a Alexandre Magno, se, depois de dominada a Ásia, tivesse voltado as armas contra a Europa." §

Partindo daqui, faz o autor uma elegantíssima comparação dos Romanos com Alexandre, a ponto de perguntar se este (no caso de ter vindo contra a Ásia e outras províncias) seria superior a eles, que então floresciam em poder e forças.

# 6.4.2. - Também será conveniente que o historiador (já que pode apresentar a sua opinião) quando, a respeito de um mesmo facto, aconteça haver opinião várias, ajuíze qual é mais verdadeira ou qual é que ele aprova mais, e, se algo lhe parece alheio à verdade, que ele o refute, que censure os outros autores, que condene alguma opinião vulgar.

Foi o que fez < Lívio, > no livro I da Década I, deste modo:

§ "A realeza romana ofereceu um exemplo de trágica acção criminosa, de maneira que, por causa da aversão aos reis, a liberdade viria mais cedo, e o reinado que fora obtido criminosamente viria a ser o último." §

Está aqui patente um juízo a respeito de um facto; agora a respeito da verdade de uma opinião:

§ "Este Lúcio Tarquínio (é pouco claro se ele for filho do rei Tarquínio Prisco ou se foi Sobrinho todavia estou em crer na maior parte dos autores, que foi filho) teve um irmão, Arunte Tarquínio, um jovem de índole pacífica." § < Lívio >

Isto mesmo é peculiar a Dionísio de Halicarnasso, a Políbio, a Plutarco e outros autores gregos, quando escrevem de assuntos romanos ou de outros povos. E por essa razão afirmamos que, na história, isso deve ser imitado.

Depois, a descrição do apetrechamento - para voltar ao nosso assunto - é mais fácil e não se baseia tanto no saber quanto na simples eficácia do dizer, de forma que cada qual poderá pintar e delinear com as suas cores qualquer assunto.

# 6.4.3. - Pois quais sejam estes tratados, quais os aliados aceites que forças militares, que abundância de abastecimentos, que género de soldados, quais os engenhos de arremesso e as máquinas, quais as pontes construídas, quais as estradas feitas, que trincheiras levantadas, que estacadas, que fortificações de cidades foram feitas - contar isso é fácil a uma eloquência e um conhecimento medianos. É que os apetrechamentos devem ser apresentados conforme foram feitos, e nada, para além disso, deve acrescentar-se nem para amplificar nem para atenuar.

Encontra-se exemplo de uma descrição assim em César, no livro V dos "Comentários da Guerra Gaulesa", em que relata a expedição à Bretanha e sua preparação. E o mesmo, no livro IV da mesma obra, na famosa descrição da ponte que mandou construir para atravessar o Reno. Igualmente, na guerra de Alexandria, narra, no início desse livro, de que modo buscou a posição favorável para tomar a cidade e como havia de carregar sobre ela.

Também, na "Guerra de Jugurta", Salústio narra elegantemente a expedição de Mário à África, contra Jugurta.

Igualmente Quinto Cúrcio narra a de Alexandre, no livro III.

Também pode trazer-se para aqui aquela descrição elegante e agradável do triunfo realizado por Luculo (tirada de Plutarco, na "Vida" dele).

E todas estas coisas, como são manifestas e nenhum de vós as ignora, não precisam de exemplos. A não ser que vos pareça de outro modo.

&3 - De modo nenhum - dizem P.N. e aquela terceira pessoa - pois estas são-nos bastante conhecidas, e não só a nós, mas a qualquer um medianamente instruído. Tu só tens de continuar. &3

Então eu, que desejava enumerar todas as coisas como que em forma sumária, para não me alongar mais do que o razoável na apresentação de exemplos, digo:

- Estando assim já referido o que respeita aos preparativos, às causas e aos planos do que se há-de fazer, agora vou expor como é que se narram os próprios feitos (pois que é preciso seguir, na narração deles, aquela ordem que os próprios autores seguiram na sua actuação).

É que nisto deve narrar-se o que foi feito, ou de que modo foi feita cada coisa; por exemplo se se travou uma batalha, qual foi ela e de que sorte, que chefes nela entraram e que soldados, qual o aspecto do acampamento, da trincheira, das legiões, da infantaria e de todo o exército; como é que de ambos os lados se deu o embate, com que ânimo, com que clamor, com que violência. De passagem, referir-se-ão também - sem partidatismo algum - o aspecto dos comandantes, o seu ânimo, as armas, a sua diligência, as suas galas e exortações aos soldados, e também, dos mesmos militares, o seu zelo ou falta de coragem, a sua índole, ou, enfim, os louvores e censuras das pessoas. Aqui se encontrará o aspecto dos cercos e as tomadas de assalto, a diligência dos soldados, a descrição das armas, dos ânimos e de outras semelhantes coisas.

Mas tudo isto, porque não se há-de entender apenas em assuntos bélicos mas também nos urbanos, mais claramente se compreenderá com a apresentação de um ou outro exemplos de Lívio ou de César.

Lívio, no livro I da Década III, quando descreve o exército de Aníbal e o dos Romanos, o seu ânimo, a exortação aos soldados, a colocação e a formação das linhas de batalha, faz isso muito elegantemente.

Também César, no livro II da "Guerra Gaulesa", apresenta, com muito cuidado e eloquência, o plano completo da batalha travada com os Nérvios. Não se considere necessário que eu o mostre aqui, pois qualquer um de vós pode tê-lo conhecido pelas suas leituras. No livro I da "Guerra Civil", ao descrever o combate que travou com Gneu Pompeio, dá-nos a conhecer o mesmo.

O mesmo fazem os outros historiadores e os imitadores deles, os poetas; no entanto, parece que nisso se deve observar a seguinte ordem (se nos apraz seguir o plano dos historiadores mais notáveis):

Logo que se faça menção de uma acção bélica que seja necessário referir, antes de narrar o que foi feito, faça-se referência ao modo como, de um e outro lado, se deu o embate, em que lugar, qual a situação e o aspecto do lugar, e o que, por uns e outros, foi acutelado e preparado; quais as palavras, o ânimo, o rosto, a mente e os planos de uns e de outros; depois, como se entrou em luta, com que zelo, com que astúcia ou negligência se tratou do caso; o que se fez em cada lugar, quando e como se fez frente aos perigos ou se buscou o bom resultado da sorte.

Apresentadas em particular estas coisas, devem considerar-se e anotar-se os resultados de uma e outra parte; como é que algo de bom ou de adverso aconteceu a um dos dois, o que se fez com negligência ou rectamente, qual a culpa ou o cuidado, o que teria resultado melhor ou pior se fosse feito de outro modo.

Isto é assim ao descrever o ardor dos combates; mas numa disputa privada ou forense, e geralmente em qualquer feito notável, deve-se observar o seguinte: que se diga primeiro como é que a coisa foi preparada; depois, como foi executada; e, por fim, o que daí resultou; e isso associando todas as coisas antes expostas isoladamente.

# 6.4.4. - Mas porque todos os feitos que são como que pontos especiais da história - por causa dos quais se narram os outros, que nós relatámos e não-de ser ditos sucessivamente - produzem, a partir deles, uma outra série de factos, como acontecimentos e acidentes vários, também eles devem ser descritos nos seus devidos lugares.

Eu chamo acontecimentos àquelas coisas que, uma vez feitas, tenham chegado ao seu fim ou às que estão ligadas com elas. Por exemplo: carnificinas feitas nos exércitos, capitulações de fortalezas, conquistas, assolações, devastações, destruições, fugas, triunfos, trofeus, prémios, honras concedidas aos militares e aos chefes, punições de militares poltrões ou malvados, as mudanças de fortuna, os acasos de Marte contrários ou ambíguos, a organização da disciplina militar observada por uns e outros, o erro e a negligência de uns ou a prudência dos outros, prodígios vários e prognósticos de acontecimentos futuros, a descrição de pessoas, da sua natureza, índole, costumes, fama, nome, origem e restantes elementos relativos a essas mesmas pessoas de que se está a tratar.

Quanto estas coisas contribuem para o ornato da história e para a força dos exemplos é o que nos ensinam os próprios escritos dos bons e sagazes historiadores, escritos que são muitíssimo louvados pelo facto de que não narram os feitos despojados de ornato (coisa que não traz nada de útil ou de gostoso) mas acrescentam as suas indispensáveis circunstâncias, sem as quais a narrativa fica sem graça e seguramente inútil.

Deles apresentarei alguns exemplos de diversos autores, para mostrar de que maneira isso deve fazer-se.

< Justino, > no livro I, recorda a grande derrota que Tómiris, rainha dos Citas, infligiu ao exército de Ciro, \$ do qual - diz ele -nem sequer restou alguém que levasse a notícia, pois que foram mortos todos sem excepção, e, conjuntamente, a cabeça de Ciro foi atirada para um odre, repleto de sangue humano, com este letreiro:

"Sacia-te do sangue de que tiveste sede". \$

Outras derrotas memoráveis tanto as recorda Lívio, em diversos passos, como Plínio, no livro VII, sobre as guerras levadas a cabo por César, e os exércitos inimigos dispersos e esfalfados.

§ Diz < Plínio > que ele, nas diversas batalhas, matou mais de um milhão de homens. E não vou falar em Aureliano, de quem lemos que, nas diversas batalhas, matou quatrocentos mil germanos. §

Exemplo de capitulação, entre os Tarentinos encontra-se em Lívio, no livro VIII da Década III, quando essa mesma cidade, depois de ter sido perdida, foi reconquistada aos Cartagineses por Quinto Fábio Máximo.

Além disso, sobre os romanos que Aníbal aprisionou na batalha de Canas escreve o mesmo < Lívio, > no livro II da Década III, § quantos foram eles e de que qualidade, e como foram desprezados pelo senado, pela sua inacção. §

Da destruição levada a Itália, das devastações, dos ataques depois da vinda de Aníbal para a Itália, há grande quantidade de exemplos naquele mesmo livro.

A maior parte dos autores d história romana recorda como é que foi destruída Cartago, e Corinto, Numância, Sagunto.

Igualmente há muitos exemplos de fuga: Gneu Pompeio, fugindo da batalha de Farsália vestido com trajes de simples particular; Marco António, vencido por Augusto na batalha de Múcio; Mitridates; e outros comandantes e exércitos. E nesta coisa, isso de fugir até é de homem valente (conforme Platão, no "Banquete", refere a respeito de Sócrates, que abandonou a batalha de Potidea porque o exército Ateniese estava posto em fuga) desde que se faça distinção, de modo que a cautela em evitar o inimigo pode ser vista como aceitável e não como cobardia.

Igualmente, os triunfos de Gaio César, de Octávio, de Pompeio, Luculo, Marcelo, e os trofeus, as ovações e várias acções de graças - narram-nas Plutarco, Suetónio e outros escritores.

Os prémios dos que procedem com rectidão, ou os suplícios por falta de coragem aplicados a soldados pelo chefe (por exemplo, as coroas de diverso género, as dispensas de serviço, as distribuições de terras, ou, também, as dizimações ou a pena capital) em toda a parte são lembrados pelos historiadores. § Assim < se diz > de Cipião, que castigava os soldados que vagueassem fora da ordem, se fossem romanos, com as varas dos centuriões, e, se fossem estrangeiros, com uns paus. Assim se diz de Mânlio Torquato, que mandou matar o filho por não obedecer às ordens. Assim se diz do cônsul Valério Públicola, que premiou Públio Décio, tribuno militar, com a coroa áurea, uma hecatombe e um boi branco de chifres dourados, porque devido aos cuidados dele o exército se tinha salvo em certo desfiladeiro. Assim se diz de outros chefes, que aos soldados davam como prémio ora coroas de vários géneros, como a mural, a cívica, a naval, a castrense, a do libertador de uma praça, ora braceletes, ora estandartes, ora colares de ouro ou de prata, ora taças ou alguma outra coisa deste género. §

A recta ordem da disciplina militar e o seu plano, nuns patenteado, noutros, porém, subtraído, os vários resultados e mudanças das batalhas, dos exércitos, das gentes, dos povos, dos chefes, das oportunidades - não se podem fazer ver num simples trecho de uma obra ou num único exemplo, mas na totalidade do decurso contínuo de uma história ou de uma campanha.

Quase sempre vemos que os historiadores anotam os vários preságios e prodígios que antecederam cada coisa, os vaticínios e advinhações, como são as que precederam a morte de Gaio César, a de Octávio Augusto, a de Pompeio, os precederam a batalha de Canas, enfim,

os que antecederam outros combates muito importantes ou mortes de grandes varões ou casos diversos e extraordinários.

De facto, ainda que muitos autores são extremamente atentas a este assunto, todavia Dión o é mais que todos, até à superstição.

Mas será permitido a quem escreve anotar estas coisas (quer as tenhamos seguramente visto, quer as tenhamos ouvido a outros) e referi-las em seu lugar; no entanto não será permitido afirmá-las como verdadeiras e incontestáveis. É isso que fazem quase todos os bons historiadores.

Até aqui falei do reconhecimento dos assuntos e da selecção do que se há-de dizer em história, e fi-lo, coisa por coisa, um tanto extensamente, não de modo tão geral quanto era talvez vosso desejo, e não tanto quanto o assunto é grande e difuso.

Por agora estais contentes com isto, ou pedis alguma coisa mais?

& - Realmente pedimos - diz P. N. - e instamos no pedido. Pois não vês que ainda não chegaste ao que é principal e extremamente útil? E é que trates de seguida da disposição e ornato daquelas coisas sobre cujo reconhecimento dissertaste com cuidado e competência. &

&2 - É assim - diz a tal terceira pessoa - como diz P. N.; pois em vão se teria falado, até aqui, a respeito do reconhecimento, se juntamente não se houvesse de falar também da disposição. &2

- Mas é que eu - digo -, esquecido do meu dever junto de um estudioso de humanidades, tinha julgado que era suficiente aquilo que disse.

&2 - Pois quê? - diz ele então -. Ou, na verdade, julgas que somos uns ignorantes de dialéctica e de método, pelo facto de professarmos estudos de humanidades? &2

# 7. - De modo nenhum - digo eu -, mas é muito corrente serem tidos por doutos em estudos humanísticos (e serem mesmo doutos) aqueles que saibam latim e grego, os que tenham lido muitos autores, que tenham o entendimento de muitos passos deles, que conservem na memória histórias várias, antiguidades, poemas, sentenças e alguns lugares comuns, que estejam habituados a emendar livros pelo confronto de vários exemplares do mesmo autor e pela anotação das várias lições, que sejam capazes de escrever à maneira de Cícero ou de Virgílio, que se deva escrever em frase informal quer em frase tença, que saibam retórica, que tenham saboreado algumas amostras, poucas, das várias ciências, de modo que elas possam, oportunamente, falar de todas elas, e parecerem astrólogos e físicos e géometras e jurisconsultos e médios e teólogos. mas certamente que não abraçam algum género de ciência nem se aplicam a nele obter notabilidade. E a isto juntam outras coisas por forma que, de certo modo, as vão acompanhando sem que sejam dominados pelo interesse delas.

Realmente eu, por mim, considero que assim são quase todos os estudiosos de humanidades e que assim são designados (ainda que a ti, e aí ao Nânio, eu atribuo mais).

E a esses não reconheço nem a agudeza dos dialécticos e a sua capacidade de discorrer, nem a ciência exacta dos físicos ou o conhecimento pleno das outras pessoas doutas em cada uma das artes, a não ser, talvez, alguém que - assim como vós - procure estes estudos por forma a dar-se a conhecimento de mais peso do que aquele a que antes se entregara.

E por isso nem tive em conta que, da minha parte, a doutrina do método devia considerar-se de tanta importância, pois que, de certo modo, já apresentei, em esboço esse assunto.

Mas ele, porque desejava que eu continuasse o que estava começado, diz-se (para não o deter mais tempo com estas conversas):

&2 - Continua a pensar da nossa ocupação aquilo que quiseses, desde que acabes o que começaste. &2

- Não quereria - digo eu - que tão facilmente me cedesses nesta discussão, na qual (como com Górgias fez Sócrates ao discorrer sobre a arte da retórica) eu já tinha querido entrar contigo, não porque a teu respeito eu pense algo de desfavorável (pois que te considero douto e erudito), mas para procurar descobrir aquilo em que muita vez meditei: que é que vem a ser esse nome de ciência de humanidades, ou que profissão. Acaso são versados nela só os gramáticos, ou os peritos de outra ciência?

Mas avançarei para onde me chamas, a fim de não prolongar mais a demora.

Como é vontade vossa que eu fale sobre a disposição e organização das coisas que eu disse que em história se hão-de referir, haveis de convir, pelo menos, em que "dispor" mais não é, nesta ponto, do que mencionar cada coisa no seu lugar próprio no discurso, e dar-lhe um lugar apropriado e conveniente.

&3 - Estamos realmente de acordo - respondeu um e outro. &3

- E além disso - digo - haveis de convir em que são tantas as formas de colocar quantas as partes do discurso.

&3 - Mais isso não entenderemos muito bem - dizem eles. &3

- Então eu vou expor de maneira mais clara e inteligível.

Assim como é só e uma mesma a arte da medicina, a qual distingue as doenças, e lhes aplica os remédios e prepara medicamentos salutareis, e queima ou corta, e, no entanto, quando distingue é chamada teórica, quando aplica remédios é chamada pragmática, quando queima e corta é chamada cirurgia (porque, desempenhando diversos serviços, se vê que tem diversas partes) assim também é uma só a maneira e o método de dispor as coisas em todo o discurso, mas porque são diversas as partes desse mesmo discurso (uma, em que damos princípio ao assunto; uma segunda, em que o expomos e o continuamos; uma terceira, em que o terminamos e o damos por encerrado) assim também serão três as partes da disposição ( a primeira, que há-de dar forma aos exórdios; a segunda, que há-de dar forma à continuação; a última, que há-de dar forma à conclusão).

&3 - A que vem isso? - perguntam eles. &3

- É para tomardes conhecimento - digo eu - de que eu refiro somente três partes da história e que desejo apresentar a forma de dispor cada uma delas.

De facto, uma vez que a narração é a mesma, certamente que qualquer coisa que seja conveniente a qualquer narração, forçoso é que seja conveniente também a esta (da história) e até muito mais, porque de todas as narrações é a mais verdadeira e a de mais ornato.

# 7.1. - Na verdade, toda a narração - conforme ensinam os oradores - deve ser clara, breve e verdadeira, para que comodamente se entenda o que é narrado.

A clareza consiste realmente na luz do discurso e no seu esplendor; a brevidade significa não tanto uma enumeração concisa das coisas quanto uma moderação conveniente e apropriada (segundo Quintiliano refere a respeito da opinião de Isócrates); a verdade está posta na certeza das coisas que se narram.

E estas coisas devem ser apresentadas por uma certa ordem dos feitos praticados.

Deste modo faz-se a narrativa de modo que se conheça como é que as coisas se passaram.

Como isto se passa assim na narração, do mesmo modo a história, que é narração, constará ordinariamente das mesmas partes, para que seja, primeiro, clara, breve e verdadeira, e depois seja convenientemente organizada, com ordem e disposição.

A respeito da brevidade e da verdade, realmente, já se falou antes, quando indicámos o que se há-de narrar ou se há-de emitir, e da clareza se falará justamente quando, tratarmos do discurso e do ornato em história mas da disposição das coisas e da sua ordem havemos de tratar agora.



A disposição, que, tal como em qualquer narração, também em história queremos que siga a ordem dos feitos praticados, é contida na maneira de se começar, continuar e terminar a exposição, e esta mesma devemos descrevê-la por partes, com início no exórdio.

# 7.2. - Aqui nós dizemos que o exórdio é, não como os retóricos consideram nos seus discursos (aquilo que possa preparar o ouvinte ou o leitor para as coisas que se vão dizer, aquilo que o possa tornar atento, benévolo e dócil, o que, afinal, é diverso do resto do discurso) mas sim o que forme um todo com a narração que se segue, e que não se faça com um fim de benevolência, mas para começa e entrada de todo o discurso. E este, para não começar de improviso, deve buscar-se em alguma outra forma de exórdio, como que um resumo.

Por conseguinte, se seguirmos os exemplos dos melhores autores, ao escrever história não usaremos exórdio algum com que tornemos benévolos, pelo menos, as leitores, a não ser, talvez, que nos pareça bem evidenciar, em poucas palavras, a utilidade de descrever o facto que foi proposto como finalidade da história.

Isso mesmo fazem os historiadores (diferentemente dos oradores) que tenham o costume de usar, às vezes, proémios, mas proémios de modo algum longos. Assim Lívio no início de cada Década, Salústio, Políbio e quase todos os outros. E assim, se em história for preciso usar proémio, ele vai abranger certamente a utilidade do discurso que se segue, a sua magnitude, a sua raridade e outras coisas mais que costumam tornar os homens desejosos de leitura.

Mas se, desviado da história e do seu uso, parecer bem dizer no começo alguma coisa a respeito do papel de quem escreve e das causas que o levaram a empreender aquela escrita, a respeito dos autores daquele feito que se descreve e da sua doutrina, da sua ignorância ou do seu escasso número (e isto fez Dionísio de Halicarnasso, Políbio e, de entre os nossos, Salústio e Lívio), realmente isso não será absurdo ou estranho, desde que não resulte demasiado longo, nem levante suspeita de coisa simulada e menos verdadeira.

Se algo se disser previamente, que seja de tal modo que faça conhecer a ambição, o amor, a avidez, o ódio, a ostentação ou a leviandade.

Com efeito, muito se iria subtrair à dignidade da história se se dissesse ter sido feita em busca de glória, para entrar em boas graças, por motivo de ambição ou de excessivo zelo pelos assuntos pátrios ou ódio contra os alheios ou para alardear ciência.

É o amor e o empenho da verdade, e o desvelo da utilidade pública que aqui se deve proclamar (já que para isso é feita a história) não é a tua pessoa ou as tuas coisas, para o louvor das quais não se escreve a história, mas para a utilidade pública nascida do conhecimento da verdade.

E, no entanto, enquanto a procuramos és louvado e obtens um grande nome para a pátria e também para ti.

Na redacção dos prefácios, umas vezes evitem-se estes defeitos e conserve-se a dignidade conveniente ao discurso da história, outras vezes - e que nada seja arrogante ou mesquinho - diga cada um o que quiser. Com efeito, é permitido e é fácil a cada qual dizer qualquer coisa a respeito de si mesmo, dos seus trabalhos e do seu gosto, ou a respeito de assuntos pátrios, ou do próprio género de escrita, mas de modo a ter em consideração especialmente a dignidade, a constância e a integridade, e de modo a patenteá-la não só nos próprios factos, mas também nas palavras, e na totalidade do discurso.

Disto aparecem exemplos nas histórias de Salústio, Lívio, Políbio, Dionísio de Halicarnasso e de quaisquer outros autores que escreveram prefácios. No entanto não faltaram (e foram em grande número) os que entenderam que não deviam usar prefácio.

E até poderemos imitar estes (se vos parecer útil) desde que, sem demora, entremos na própria exposição das coisas, assim como os oradores nas demandas quando é conveniente; no entanto (e embora seja muito importante descrever a coisa mas, de algum modo, omitir o prefácio que a ela é alheio<sup>9</sup> também não será desvantajoso começar de repente a exposição do assunto, conforme fizeram César, Tácito e outros grandes varões.

Os exórdios de que usamos neste género podem comodamente ser escolhidos a partir destes pontos: ou das causas e planos do feito realizado (quando e quais ocasiões, que deliberações lhe forneceram motivo); ou a partir da descrição do lugar em que o feito tenha sido praticado; ou da amplificação dele, quando se apresenta a sua desusada magnitude; ou a partir da pessoa de quem principalmente se tratar; ou do tempo em que o facto se tiver dado, com o qual a ocasião estará ligada; ou da menção ou recapitulação das coisas ligadas àquela de que se tratar (por exemplo, quando, a respeito da posição e qualidade de reinos, cidades e pessoas importantes, se diz alguma coisa relacionada com a história que está a ser feita).

Geralmente este exórdio deve estar muito ligado à narração que se segue, ou até nascer dela; não deve procurar-se noutra parte, pois que as causas, as resoluções, as descrições dos lugares ou do tempo, e as outras coisas de que falámos devem procurar-se na própria série dos factos e na sua abundância, para que as primeiras fiquem unidas às seguintes de um modo conveniente e apropriado.

Daí que os exórdios se devem fazer de diferente maneira em história e nas outras matérias.

Assim é que nas demandas dos oradores de modo algum é preciso, ao começar a narração, seguir sempre a ordem dos feitos praticados na sequência do tempo, pois que às vezes começamos a meio da série dos factos, às vezes até pelo seu termo.

Isto vemos clara e manifestamente nos poetas, os quais dão início à narração a meio da sucessão dos factos, como em Homero e Virgílio, que começaram a narração partindo, não do início da expedição dos Gregos contra os Troianos, mas de algum outro facto intermédio.

Por esse motivo, no exórdio da história é de ter em consideração que comecemos mesmo no início da origem dos feitos realizados. E isto não só foi sempre observado pelos grandes historiadores, mas até foi recomendado por Luciano e por Dionísio de Halicarnasso.

Mas vamos, ensinemos com exemplos cada maneira de começar.

As causas da guerra da Macedónia feita pelos Romanos contra Filipe são assim apresentadas por < Lívio, > no livro I da Década IV, no início da narração:

§ "De resto, a guerra contra Filipe, começada cerca de dez anos antes, terminara em menos de três anos, porque os Etólios tinham sido causa não só de guerra mas também de paz. Depois, os Romanos, já livres de cuidados devido à paz <com os cartagineses> e irados contra Filipe (por um lado, por causa da paz desleal para com os Etólios e os outros aliados da mesma região, e por outro lado, devido à ajuda, em tropas e em dinheiro, enviada recentemente, para a África, a Aníbal e aos Cartagineses) foram estimulados a renovar a guerra pelas súplicas dos Atenienses, que ele impelira para dentro da cidade, depois de assolar inteiramente o campo. Mais ou menos por esse tempo, vieram legados do rei ptalo e dos Ródios a anunciar que as cidades da Ásia também estavam agitadas." §

Até aqui e no que se segue recordam-se as diversas causas desta guerra da Macedónia, assim como também no início do livro I da Década III.

Mas já agora, que as deliberações (no mesmo < Lívio, > no livro VI da Década III) nos façam aprovar este tipo de exórdio da Prirtória:

§ "Os cônsules Gneu Fúlvio Centrímallo e Públio Sulpício Galba, como tinham começado o exercício do seu cargo nos idos de Março, convocaram o senado para o Capitólio e consultaram os senadores a respeito do bem comum, da administração da guerra, das

províncias e dos exércitos. Foi prorrogado o "imperium" (o poder) a Quinto Fúlvio e Múpio Cláudio, cônsules do ano anterior, e foram-lhes atribuídos os exércitos que tinham. E acrescentou-se que não se retirassem de Cápua, que estavam a cercar, antes de a terem conquistado." §

Aqui são recordadas diversas deliberações, e elas é que fazem a entrada da futura narração.

Não raro, costumam também os historiadores principiar pela descrição do lugar, tal como César começou pela divisão da Gália o livro I dos Comentários da Guerra Gaulesa. Do mesmo modo, Dionísio de Halicarnasso começa o livro II das Antiguidades Romanas pela situação e origem da própria Roma. E quase o mesmo fez Lívio no livro I da Década I, perto do início da obra.

Além disso, algumas vezes será permitido começar pela amplificação da matéria a referir, tal como < Lívio, > no livro IX da Década IV, ao exagerar a dificuldade da Guerra da Ligúria, nestes termos:

§ "Este inimigo como que tinha nascido para amnter nos Romanos a disciplina militar nos intervalos de maiores cometimentos; e nenhuma outra província estimulava mais o militar ao denodo. Com efeito, a usia, pelo encanto das cidades e pela abundância de recursos quer terrestres quer marítimos, pela moleza dos inimigos e pelos seus régios haveres, tornava os exércitos mais opulentos do que vigorosos. Principalmente sob o comando de Gneu Mânlio foram tratados com relaxe e negligência; e daí que, na Trácia, o caminho um pouco mais áspero e um inimigo mais exercitado os castigou com uma grande derrota.

Na Ligúria tudo era de molde a estimular o soldado: os lugares montanhosos e ásperos (que até para os próprios era uma fadiga tomar, e desalojar o inimigo dos que estivesse ocupando); os caminhos árduos, estreitos, infestados de armadilhas; um inimigo ligeiro, veloz, inesperado, que nunca permitiria que nenhum tempo, nenhum lugar fosse tranquilo ou seguro; o ataque necessário a lugares fortificados era ao mesmo tempo laborioso e perigoso; era pobre a região, que apertava os militares com as suas privações, e que de presa não oferecia muito." §

Lívio acrescenta ainda muitas dificuldades a estas desta guerra que tenciona descrever, e expõe-as com minúcia.

Enfim, será também possível começar pela evocação, descrição, ou pelo louvor ou vitupério da pessoa de que se deve falar, desde que sejam referidos os feitos dela ou de algum povo com ela relacionado.

Além de muitos outros, assim fez também < Salústio Crispo, > no início do livro sobre a conjuração de Catilina, escrevendo deste modo:

§ "Lúcio Catilina, nascido de família nobre, foi de grande força de ânimo e de grande força física, mas de carácter mau e depravado." §

E prossegue esta descrição do homem até à altura de expor a conjuração por ele empreendida, e o desenvolvimento de toda a situação.

Quase do mesmo modo, a maior parte dos autores que confiaram à escrita a vida de algum varão costumam começar a história pela evocação dele.

Assim vemos César, nos Comentários, começar quase todos os livros pela sua própria menção, e Suetónio Tranquilo, e os outros que escreveram as vidas dos Césares.

Igualmente costuma a história ter o seu início no tempo em que alguma coisa foi tratada ou começou a realizar-se.

Assim é em < Lívio, > no livro II da Década III; deste modo:

§ "Já a primavera se aproximava quando Aníbal partiu dos quartéis de inverno, não tendo antes tentado transpor o Apenino porque o frio era intolerável, e tendo-se demorado ali com grande perigo e receio." §

Igualmente, o livro VII da Década I começa assim:

< Livio > § "Este ano será assinalado pelo consulado de um homem novo e assinalado por duas novas magistraturas, a pretura e a edilidade curul. Estas honras quiseram-nas os patrícios para si, em compensação do segundo consulado, concedido à plebe. O consulado foi concedido pela plebe a Lúcio Séxtio, por cuja lei ele fora criado. Os senadores, com o favor popular, conseguiram a pretura para Espúnio Fúnio Camilo, filho de Marco, e a edilidade para Gneu Quíucio Capitolino e Públio Cornélio Cipião, varões das suas famílias. A Lúcio Séxtio foi dado como colega, de entre os senadores, Lúcio Emílio Mamerco." §

Além disso, também se começa a partir da menção de coisas ligadas com a história, menção de certo modo breve, e conducente à própria narração assim como exórdio; assim fez < César, > no livro I da Guerra Civil; desta maneira:

§ "Como uma carta de César fosse entregue por Gaio Fábio aos cônsules, dificilmente se impetrou deles, com grande empenho dos tribunos da plebe, que ela fosse lida no senado. Mas que se fizesse uma exposição ao senado de harmonia com a carta, isso não pôde impetrar-se." §

Neste passo, César (fosse o que fosse que dera ocasião à guerra civil) falta primeiramente sobre a prorrogação da sua ditadura embora na sua ausência; fazenda o exórdio a partir da sua própria petição.

Do mesmo modo, Lívio, quando vai descrever a origem do Povo Romano, relembra algumas coisas, poucas, a respeito da queda de Troia e da fuga de Eneias, no início do livro I da Década I.

É assim também Dionísio de Halicarnasso diz algumas coisas sobre os impérios asiáticos, para chegar a descrever a origem do império romano.

Depois quase todos costumam principiar partindo da apresentação breve e concisa dos factos que se hão-de referir; e isso é muito vantajoso, para que o assunto, apresentado em poucas palavras, torne atento e dócil o leitor.

Serve de exemplo < Salústio, > que escreve assim no princípio da Guerra de Jugurta:

§ "Tenho intenção de descrever a Guerra que o Povo Romano travou com Jugurta, rei dos Númidas; primeiramente porque foi grande e atroz e a vitória incerta; depois porque então, pela primeira vez, se resistiu à arrogância da nobreza; e esta luta pôs em desordem todas as coisas divinas e humanas, e cresceu até um tal ponto de loucura que a guerra, com os seus interesses políticos, e a devastação poriam fim à Itália." §

Igualmente < Cornélio Tácito, > um autor muito considerado e elegante (até na opinião de Quintiliano, em cujos tempos viveu) anuncia, do mesmo modo, em poucas palavras, o que tinha intenção de escrever.

§ "Então - diz ele - é meu projecto relatar poucas coisas sobre Augusto, e coisas derradeiras; em seguida, o governo de Tibério, e tudo o mais, sem ira e sem favoritismo, a cujas causas eu sou alheio." §

Apresentei estes passos de começos de história, que se me afiguravam dignos de apresentação, quer observando os escritos dos bons autores, quer vendo esse assunto em cogitação do espírito.

Fazei-me conhecer que é que vós julgais se acaso estou em erro, ou se vos parece que alguma coisa deve acrescentar-se ou deve retirar-se da divisão proposta.

&3 - Seguramente - dizem eles - nós julgamos que está bem, como é preciso. com efeito, se, mesmo numa coisa mínima, tivesses errado (tu, que pensavas que nós,

embaraçados pelos estudos das humanidades, desconhecíamos a força da Dialéctica), nós certamente avançaríamos, armados até com essas tuas armas, com a intenção de te atacar ou, ao menos, de vingar a injustiça que cometeste. &3

- Pois quê? - digo eu - Tão severos vos faz esta profissão de humanidades que me desafiáis, ofendidos por uma única palavra, que eu proferi sem que jamais, realmente, pensasse mal de vós?

Mas, se vos atribuíis um perfeito conhecimento do exercício dialéctico (eu facilmente aceito isso), pelo meos os estudos filosóficos parecem nada vos ter comunicado, visto que não aprendestes a refrear um sentimento, nem a ceder a um amigo, nem a considerar tudo bem, e preferir (como se diz) perder o dito a perder o amigo.

Será que hei-de considerar-vos mais tratáveis e mais humanos do que os sofistas ignorantes, e também mais urbanos (como quereis parecer que sois), vós, que, não menos litigiosos do que eles, sois obstinados e petulantes em relação a mim? Na verdade, eu, antes disto, julgava que só eles eram assim; mas agora, nesta vossa contestação, não deixo de pensar isso a respeito de vós mesmos.

Mas eles dizem:

&3 - Gracejos connosco de modo espirituoso e oportuno, à maneira socrática, censurando-nos simultaneamente a nós e aos sofistas, como se, na verdade, quiséssemos seguir o pensamento deles ou parecer iguais, e não preferíssemos não aprender nada a ficar a saber semelhante coisa. &3

- Quê? - digo eu - Se lestes, não digo feitos ou discurso deles, mas, por exemplo, histórias, certo é que não vos interessaria mais conhecer alguma coisa do tempo deles do que ler essas histórias, principalmente porque escreveram poucas coisas novas, mas ou reuniram coisas antigas ou mudaram a ordem dessas mesmas coisas. A não ser que vos deleitem Vincentius, Antoninus, Nauclerus, Freculphus, Philippus Bergomas, Ricardus Sanctivictorius, Vernerus Monachus, Benevenutus, Blondus, Sabellicus e outras deste género: aqueles que narrem os feitos sem ornato, sem clareza, sem propriedade, que não escrevam convenientemente um prefácio ou um começo, nem continuem, da maneira que atrás ensinámos, a obra começada, e que, se a continuarem, não a concluem como deve ser.

E para não sermos semelhantes a eles, e para imitarmos antes os bons autores, sigamos aquela maneira de começar que eu apresentei.

E a forma de continuar a história (avançando eu já para esse ponto) não será conveniente mostrá-la agora?

&3 - Muito conveniente - dizem eles. &3

# 7.3. - Portanto começemos a apresentá-la desde agora, tal como fizemos antes, nos exórdios.

A transcrição do exórdio para a narração histórica é preciso que se faça tão ajustadamente e com tanta ligação (o que também Luciano ensina) que o exórdio pareça nascido da própria narração, e que a narração de modo nenhum pareça separada dele ou desunida.

Com efeito, se todas as coisas se narram não estiverem ligadas entre si muito estreitamente, parecerão não uma mas muitas narrações. Desse género são os anais, as crónicas e os diários, aos quais anteriormente nos referimos. Portanto todas as coisas, em história, hão-de ser ligadas e unidas de tal modo que dependam umas das outras, assim como, como também, quando foram realizadas, não foi por acaso ou fortuitamente que elas sucederam. Por esse motivo, quem tiver indicado correctamente as causas das coisas que se descrevem, as deliberações e os acontecimentos, e os tiver examinado cuidadosamente, se

atender à ordem das coisas conforme elas mesmas foram realizadas, terá, de facto, agregado tudo muito apropriadamente.

E isto deve conseguir-se não só em história, mas em qualquer narração, para que essa mesma narração não fique insípida e com falta de nexos.

Por exemplo, se alguém quiser narrar a guerra civil travada por César e Pompeio, detal modo que circunstanciadamente exponha como é que César, partindo da Gália com um exército de veteranos, marchou rápido para a Itália, chegou a Roma, depois a Brundísio, logo em seguida a Apolónia, lutou com Gneu Pompeio, e, sendo primeiro derrotado, pouco depois, renovado o combate, saiu vencedor, chegou a Alexandria, atacou-a - enfim, tudo o mais que lhe diz respeito - narrando tudo isso de modo que uma coisa não depende de outra nem parece ter ligação, mas antes tudo sucede de forma desunida e fracionada, sem dúvida que esse escritor terá feito a narração da história fora do que deve ser.

Por isso é que, para tudo ser narrado convenientemente, devia ser apresentada a causa pela qual César, com o seu exército, se lançou da Gália para a Itália e chegou a Roma com o exército em som de guerra; a causa pela qual, depois de se apoderar dela, partiu primeiro para Brundísio e depois para Apolónia, após ter levado o exército para a outra costa; e a causa de lutar com Pompeio, primeiro com mau resultado; e a decisão pela qual, depois, se apartou dele um pouco, até que, de forças já recobradas, não recusou mas até procurou o ardor do combate.

Afirmo. quem escrever todas estas coisas, apresentando as causas, as examinar com cuidado, as ligar estreitamente, nunca parecerá, na verdade, por este defeito da falta de nexos.

Também para este ponto poderiam vir a propósito aquelas coisas que já dissemos a respeito do achamento, desde que se fizesse a distinção dos tempos, a descrição dos lugares, a apresentação das causas e das deliberações, desde que as próprias acções e sua espécie sejam referidas, se anotem os acontecimentos, se recordem os prodígios e angústias que aconteceram a respeito de qualquer coisa; e isso, evidentemente, com uma ordem que conserve o decurso do tempo e os seus desenvolvimentos, e que ocupe o primeiro lugar aquilo que primeiro se passou, o segundo lugar o ocupe aquilo que foi em segundo, e o que se passou depois que ocupe o lugar seguinte.

Com efeito, a ordem da história e a ordem dos factos é a mesma, é a mesma a sua série, que é preciso seguir sempre na narração, tal como fazem Lívio, César, Salústio, Tácito e outros preclaros historiadores.

# 7.4. - Porque também é preciso, às vezes, fazer uma digressão da narração principal para outras a ela ligadas e para uma comparação dos tempos (tal como, se alguma coisa for feita por chefes separados em outras regiões, ou se algo tiver acontecido, na mesma época, em outros povos ou cidades, isso é mencionado) não seja essa digressão nem longa nem desligada da narração estabelecida, nem acentuadamente diversa, já que ela é feita ou para narrar um facto que tenha conexão com a história principal (só que é praticado em lugares diversos ou por homens diversos) ou para comparar os tempos em que cada coisa foi feita, a fim de que o assunto fique mais elucidado pela comparação com as coisas de outros povos, coisas igualmente conhecidas ou até mais conhecidas.

Vou apresentar exemplos de um e de outro caso.

< César, > no livro V da Guerra Gaulesa, depois de recordar o combate por ele mesmo travado com os Gauleses e o seu plano, faz assim uma digressão sobre as acções de Labieno, seu legado, que estava nos quartéis de Inverno:

§ "Entretanto, por intermédio dos Remos, a notícia da vitória de César chega a Labieno, com uma celeridade incrível, de tal modo que, distando dos quartéis de Inverno <os de Quinto Cícero, próximos do lugar do tal combate> cerca de sessenta mil passos, e tendo

César chegado lá depois da hora nona do dia, antes da meia noite começava o clamor às portas do acampamento, com o qual clamor eram dadas a Labieno, da parte dos Remos, a indicação da vitória e as felicitações." §

Aqui César, tendo partido para uma narração diversa mas conexas com o assunto antes tratado, volta muito apropriadamente ao seu assunto. e isso, em verdade, deve dar-se em toda e qualquer digressão, mas muito especialmente numa digressão histórica. Assim faz o mesmo < César, > naquele passo, com estas palavras:

§ "Mas César chamou à sua presença os chefes de cada povoação, e, ora atemorizando-os com o aviso de que sabia o que se estava a passar, ora fazendo-lhes exortações, manteve em respeito uma grande parte da Gália." §

A partir daqui ele dá continuidade à narração. Portanto, o regresso de uma digressão deve fazer-se conveniente e oportunamente, assim como os próprios acontecimentos, ainda que se passem em lugares diversos, se encontram ligados entre si.

Do mesmo modo será permitido fazer digressão a respeito dos tempos ou de coisas que, nos mesmos tempos, tenham acontecido noutros lugares.

Assim < Lívio, > no livro IV da Década I, narra as acções realizadas na cidade pelos tribunos e cônsules, desta maneira:

§ "No mesmo ano -diz ele - Postúmia, uma virgem vestal, defendeu-se em juízo da acusação de impureza, estando inocente do delito, em razão da suspeita resultante dos seus trajos mais galantes e da sua índole mais livre do que convem a uma virgem, e que pouco desdizia da fama.

O pontífice máximo adiou-lhe o julgamento até haver mais provas, depois absolveu-a, por sentença colegial, e ordenou-lhe que se abstivesse de folganças, e que antes se adornasse castamente do que espiritualmente." §

Semelhante a este é aquele passo de < Cornélio Tácito, > no livro II <XI> dos Anais:

§ "Por esse mesmo tempo, Mitridates (que eu referi ter exercido o poder sobre os Arménios e ter sido levado à presença de César), por recomendação de Cláudio, voltou ao poder, confiado nos recursos de Farasmanes. Este rei dos Iberos e irmão de Mitridates informava que os Partos andavam em discórdias, e que o poder supremo era tido como incerto, e que as coisas menores eram tratadas com negligência.

Com efeito, Gotarzes, no meio de muitas atrocidades, tinha ordenado o assassinato de seu irmão Artabano, da mulher e do filho; e, por isso, aos outros veio-lhes medo dele e chamaram Vardanes." §

E o que vem em seguida.

# 7.5. - E quanto à descrição de acções ou de tempos é isto o que se deve fazer ao mesmo tempo que fazemos uma divagação.

Já que este ensejo solicita a descrição de pessoas e alocações havidas, temos de ver quando e de que modo devem fazer-se. Pois nem a história deve ser muda nem deve carecer de louvor, da repreensão e da censura daqueles que nela forem mencionados.

Deverá, realmente, descreve-se, em história, a figura daqueles homens que tiverem feito algo digno de memória, sempre que a sua prudência, firmeza, moderação, justiça, ou os defeitos a elas opostos merecem ser lembrados, ou sempre que o exija a natureza e o género das coisas por elas feitas.

Assim, em Salústio, quando escreve sobre a Guerra de Jugurta, são referidas a índole do mesmo Jugurta, a sua natureza, os seus costumes, a sua origem, e mais coisas deste género, porque, de outro modo, as coisas que ele fez não poderiam ser rectamente julgadas (a não ser que fossem conhecidos os seu vigor, a sua astúcia, a sua perfídia, a sua constância, a

sua diligência, ambição e costumes), o mesmo faz Lívio ao descrever Aníbal, na Década III; no Rei Perses, na vida de Luculo Plutarco.

E, ao descrever semelhantes varões e os seus feitos, muitas vezes o historiador há-de interpor o seu juízo, para lhes louvar umas coisas, para lhes censurar outras, nada dizendo por ódio ou benevolência, por interesse ou ambição, mas tomando um papel como de juiz íntegro e probo, e fazendo menção de coisas examinadas, todas elas, com integridade e correção.

Mas não há-de descrever-se a figura de qualquer homem particular, a não ser que tenha praticado alguma coisa muito notável ou excelente, por que deva ser celebrado tal como a figura de um grande varão.

Deste género se relembram em < César, > no livro V da Guerra Gaulesa, aqueles dois famosos militares, Tito Pulfião e Lúcio Vareno, varões de uma superior coragem.

§ Como entre si tivessem tido, em tempos, graves contendas sobre qual dos dois seria tido em maior conta, e como, em certo dia, os inimigos lutavam fortemente junto às fortificações do acampamento, esse mesmo Pulfião transpôs com ímpeto as fortificações e chamava Vareno para fora, para que - se acaso procurava uma ocasião de provar o seu valor - então aproveitasse aquela; e, como Vareno tivesse feito o mesmo, um e outro, lutando muito denodadamente e fazendo grande morticínio de inimigos, por fim terminaram ambos com uma enorme bravura. §

Semelhante é aquilo que < Justino, > o autor do epítome de Pompeio Trogo, narra a respeito de Cinegiro: § como é que ele, perante a fuga dos persas para os barcos, segurou com a mão um certo barco cheio de inimigos e desse modo o perseguiu, e não o largou antes que o matassem (sendo-lhe cortadas, primeiro as mãos e, depois, a cabeça, pois que ele ainda segurava o barco agarrando-o com os dentes). §

Além disso, discursos e falas, quer dirigidas ao povo quer aos militares, para exortação, dissuasão, deliberação, para dar um parecer, e também cartas enviadas a outros, as palavras de um tratado firmado entre vários, e outras coisas deste género surgem em não pequeno número, muitas vezes no próprio decurso da narração, quando ocorre a menção de alguma personalidade que fala, que incita os seus, ou a menção do lugar em que seja preciso que aquelas palavras se pronunciem.

Mas, quando a situação pedir que se faça isso, elas devem ser ditas de modo que se observe a conveniência da pessoa que fala. Com efeito, se é apresentado o discurso de um chefe a exortar os seus soldados a um comportamento valoroso, esse discurso deve ser prudente, grave, entusiasmante; se é a dissuadir, deve ser acautelado, deve apresentar os riscos e tirar o ânimo; se apresenta alguma coisa para deliberação, é com prudência e dignidade que isso deve dizer-se. Geralmente, convem que se vejam os costumes, a índole e a natureza de quem faz o discurso, e que se lhe atribuam palavras condizentes. De facto, um simples soldado fala de uma maneira, o chefe fala de outra maneira, e de outra o inimigo. Portanto atribui-se a uns um discurso pobre, a outros um discurso grave e prudente e dominador, a outros um discurso altivo, a outros cheio de iras e ameaças.

Trarei para aqui, tirado de Lívio, livro IV, Década IV, o discurso de Catão em defesa da lei Ópia, a qual proibia às senhoras romanas um ornamento excessivo, um discurso muito importante e muito ajustado à dignidade e à austeridade dele; e isso para não apresentar as exortações variadas e os discursos de chefes, e as várias falas e colóquios de que as histórias estão cheias.

E então, para ser posto à vista de todos, até pelo motivo de que vem justamente a propósito das senhoras deste tempo, esse discurso de < Catão > é assim:

§ “Se cada um de nós, Quirites, tivesse decidido conservar, em relação à sua esposa, os seus direitos e a sua dignidade de marido, teríamos menos trabalhos com as mulheres todas



juntas. Agora a nossa liberdade, vencida em nossa casa pela insolência feminina, também aqui, no "Forum", é esmagada e calcada aos pés. E porque não fomos capazes de as segurar uma a uma, receamo-las colectivamente.

Pela minha parte, julgava ser uma fábula e coisa de ficção que, em certa ilha, todos os varões tivessem sido suprimidos, de raíz, por uma conjuração de mulheres.

Mas não há maior perigo, de nenhuma origem, desde que lhes sejam permitidas reuniões e ajuntamentos e deliberações secretas.

E eu próprio mal posso determinar, no meu pensamento, se o facto é pior por si mesmo ou se é pelo exemplo. Um deles é mais respeitante a nós, os cônsules, e aos outros magistrados; o outro é mais respeitante a vós, Quirites.

Se aquilo que chega até nós é ou não é de utilidade pública isso ides julgar vós, que estais para ir a votos.

Este motim de mulheres foi feito quer por espontânea vontade delas, quer devido a instigação vossa, Marco Fundano e Lúcio Valério. Sem dúvida que foi feito tendo por mira o descrédito dos magistrados. Não sei se é mais vergonhoso para vós, tribunos, se para os cônsules. Para vós, se até já trouxestes mulheres para dar impulso a sedições tribunícias. Para nós, se agora temos de aceitar leis por causa de uma revolta de mulheres, como outrora foi com a revolta da plebe.

No que me diz respeito, não foi sem algum rubor que, há pouco, cheguei ao "Forum" passando pelo meio de uma multidão de mulheres. E, se não me contivesse o respeito pela dignidade e virtude delas, consideradas individualmente, mais do que por todas elas em conjunto (não fosse parecer que eram invectivadas por um cônsul) ter-lhes-ia dito:

- Que procedimento é este de correr em lugares públicos, e bloquear as ruas, e chamar os maridos de outras mulheres? Não foi possível fazer este mesmo pedido cada uma de vós ao seu marido, lá em casa? Ou sois mais insinuantes em público do que em privado, e mais para os maridos alheios do que para os vossos?

Todavia (se o recato mantivesse as senhoras dentro dos limites dos seus direitos) nem mesmo em vossas casas vos ficava bem estar interessadas em que leis seriam aqui propostas ou revogadas.

Os nossos maiores não consentiram que as mulheres actuassem sem um procurador, nem mesmo em assunto particular. Quiseram que estivessem sob o poder dos pais, dos irmãos, dos maridos.

Nós - os deuses nos perdoem! - até já consentimos que interfiram nos assuntos públicos e quase se intrometem no "Forum", e nas assembleias e comícios.

Realmente, que outra coisa fazem elas agora pelas ruas e encruzilhadas, a não ser darem umas o seu apoio às propostas dos tribunos da plebe, e afirmarem outras que a lei deve ser revogada?

Soltai as rédeas a uma natureza arrebatada e a um ser indómito, e ficai à espera de que elas mesmas venham a estabelecer um limite ao seu desmando, se vós o não fizerdes.

Isto é o mínimo daquelas coisas que dificilmente as mulheres suportam que lhes seja imposto pelos costumes ou pelas leis.

A liberdade em todas as coisas, ou antes, o abuso da liberdade (se queremos falar sinceramente) é que elas apeteçam. Se conquistarem isto, que é que não tentarão?

Passai em revista todas as disposições legais respeitantes a mulheres, com as quais os nossos maiores contiveram o desregramento delas, e por meio das quais ficaram submetidas aos maridos. Embora reprimidas por tudo isso, mesmo assim vós mal podeis ter mão nelas.

Que vai ser, se ides consentir que aproveitem uma coisa após outra e obtenham isso à força, e, por fim, se tornem iguais aos seus maridos? Acreditais que elas vos serão suportáveis? Logo assim que começarem a ser iguais, elas serão superiores.

Mas, por Hércules, elas não querem que se proponha alguma nova lei contra elas; não justiça, mas injustiça é que elas rogam.

Ainda mais: aquela lei que aprovastes, que estabelecestes com os vossos votos, que, pelo uso de tantos anos e pela experiência, foi confirmada por vós, essa lei querem elas que a revogueis, isto é, que, abolindo uma única lei, torneis fracos os restantes.

Nenhuma lei é suficientemente favorável a todos; procura-se tão somente se é útil à maioria e ao interesse geral.

Se, porque uma determinação legal estorva alguém nos seus assuntos privados, a vai derrubar e abolir, que utilidade terá para todos propor e abolir leis que, pouco depois, possam revogar aqueles a quem elas se dirigiam?

Quero, no entanto, que me digam qual é a razão pela qual as senhoras correm, perturbadas, por lugares públicos e a custo se abstêm de ir ao "Forum" e à assembleia do povo.

É para que sejam resgatados os prisioneiros de Aníbal, os pais, os maridos, os filhos, os irmãos delas? Longe está - e sempre esteja! - uma tal sorte para a República; mas, no entanto, quando aconteceu, vós recusastes isso às piedosas preces delas.

Mas não foi a piedade nem a solicitude para com os entes queridos que as congregou, mas sim uma prática religiosa. É que elas vão receber a Mãe Ideia [a deusa do monte Ida, Cíbele], que está a vir de Pessinunte, na Frígia.

Que pretexto, ao menos honrosamente mencionável, nos é apresentado para esta sublevação de mulheres?

"É para que possamos brilhar com ouro e púrpura -dizem elas-. É para que possamos passear de carro pela cidade, mesmo em dias de trabalho, como que tendo as honras do triunfo sobre uma lei vencida e abolida, e sobre os vossos votos apanhados e cativos. É para que não haja nenhum limite às nossas despesas nem ao nosso fausto."

Muitas vezes vós me ouvistes a questionar a respeito dos gastos de mulheres, muitas vezes a respeito dos gastos de homens, e não só de particulares mas até de magistrados; e de particulares mas até de magistrados, e de que a Cidade está a ser lesada por dois vícios opostos, a avidez de riquezas e o luxo, pestes essas que causaram a destruição de todos os grandes impérios.

Por isso, quanto melhor e mais prazenteiro está, de dia em dia, a sorte da República, quanto mais o império cresce (e já passámos à Grécia e à Ásia, repletas de todos os desregramentos e atractivos, e até manuseamos tesouros régios) tanto mais em termo que essas coisas nos tenham dominado a nós, mais do que nós a elas.

Acreditai-me: de Siracusa para esta Cidade foram trazidas estátuas, quais bandeiras hostis.

Já ouço demasiada gente a louvar e a admirar os ornamentos de Corinto e de Atenas, e a rir-se das figuras de barro postas nos beirais dos templos dos deuses romanos.

Eu prefiro que estes deuses nos sejam propícios e confio que eles assim hão-de ser, se nós permitirmos que permaneçam nos seus lugares próprios.

Segundo recordavam os nossos antepassados, Pirro, por intermédio do seu legado Cíneas, tentou seduzir, com ofertas, os ânimos não só dos homens mas também das mulheres.

A lei Ópia para reprimir o fausto feminino ainda não tinha sido aprovada; no entanto, nenhuma mulher aceitou esses presentes.

Qual julgais que foi a causa?

Foi a mesma que tiveram os nossos antepassados para nada determinar legalmente sobre este assunto: não havia nenhum fausto para ser reprimido.

Assim como é preciso que sejam conhecidas as doenças antes que se conheçam as paixões se originaram antes de leis que lhes impusessem limitações.

O que foi que originou a lei Liânia, a respeito das quinhentas feiras, a não ser a desmedida ambição de juntar herdades?

Que é que originou a lei Cúrcia, a respeito de presentes e dávidas, a não ser que a plebe já tinha começado a pagar tributos e estípedios ao Senado?

E assim não é nada estranho que nem a lei Ópia nem nenhuma outra fosse então precisa para pôr um limite aos gastos das mulheres, num tempo em que não aceitavam voluntariamente, o ouro e a púrpura, coisas dadas e oferecidas.

Se fosse agora que Cíneas percorresse a Cidade com aqueles presentes, ele teria encontrado, paradas em lugares públicos, mulheres que os recebessem.

Mas eu, de algumas ambições, não posso nem mesmo encontrar a causa ou o interesse.

Com efeito, assim como o facto de não ser lícito a uma pessoa aquilo que é lícito a outra pessoa talvez tenha algo de natural, vergonha ou indignação, assim também, se a apresentação pessoal éidêntica para todas, que coisa cada uma de vós receia que chame as atenções sobre si?

Realmente muito derestável é a vergonha quer da mesquinhez quer da pobreza, mas de uma e de outra a lei vos livra, visto que não tendes aquilo que não é permitido ter.

- É esse mesmo nivelamento que eu não tolero - diz aquela que é rica. Por que motivo não me apresento adornada de púrpura e ouro? qual a razão de a pobreza das outras ficar escondida sob esta lei, por forma a parecer que, se fosse lícito, elas haviam de possuir aquilo que não são capazes de possuir?

Quereis lançar esta anulação, Quirites, sobre as vossas esposas, para que as ricas desejem ter aquilo que nenhuma outra consiga? E que as pobres, para não serem desdenhadas por este mesmo motivo, se alarguem em despesas além das suas posses?

Seguramente, logo que comecem a ter vergonha do que não deve envergonhá-las, elas não terão vergonha daquilo de que devem envergonhar-se.

Fará despesas aquela que as puder fazer do que lhe pertence; e a que não puder, irá pedir ao marido.

Agora andam aqui e ali a pedir aos maridos alheias. E, o que é mais importante, pedem uma lei e votos e, com rogos, os obtêm de uma lei e votos e, com rogos, os obtêm de qualquer um, elas, inexoráveis contra ti e os teus interesses e os teus filhos.

Logo que a lei deixar de estabelecer um limite aos gastos da tua esposa, tu é que nunca lho vais estabelecer.

Não penseis que a questão ficará no mesmo ponto em que estive antes de ser aprovada a lei respeitante a isto.

Por um lado, é mais seguro um homem ímprobo não ser acusado do que ser absolvido, por outro lado, o fausto deixado à vontade seria mais tolerável do que vai ser agora, como um animal feroz açulado e depois liberto das suas cadeias.

Eu entendo, que de modo nenhum se deve revogar a lei Ópia.

À decisão que vós tomardes eu desejo que todos os deuses concedam prosperidade." §

Que há de mais importante do que este discurso? Que coisa mais prudente? Que coisa mais útil? Que coisa mais de acordo com aquele famoso Catão, o Censor, que, na opinião de < Fábio Quintiliano, > § terá sido, ao mesmo tempo, orador e restaurador da história e do

direito, e muito competente em trabalhos do campo, e que, no meio de tanta actividade militar e tão grandes problemas na sua pátria, estudou as letras gregas, numa época rude e quando a sua idade já ia avançada. §

Mas no caso de querermos ver de modo mais expressivo o decoro da linguagem das pessoas, são-nos manifestas, em Platão e Xenofonte, muitas e muitas coisas daquele Sócrates que, entre os Gregos, poderia chamar-se um outro Catão; e também nos poetas, nos quais este mesmo decoro se observa no mais alto grau; e finalmente nos outros bons autores.

Mas isto basta (se não sois de outra opinião). Pode ver-se que já apresentei a forma e as regras para dar continuação à história.

&3 - Assim parece - respondem eles -. Mas no terminar e concluir a narração que é que, em suma, recomendas? É que isso ainda não está explicado por ti, visto que discorreste somente a respeito da maneira de começar e de continuar. &3

# 7.6. - Como assim - digo eu - me pedis tão numerosas coisas? Acaso procurais alguma forma de levar a narrativa ao fim, e os pontos essenciais para coligir argumentos ou para comover os ânimos dos ouvintes? Na verdade não há nenhuma outra maneira de dar por finda a história a não ser a que o próprio fim e remate dos acontecimentos nos ensinar. E não é precisa a penorção a não ser quando se concluir conjuntamente a série dos factos e o curso da narração. A não ser, talvez (como Apiano Alexandrino fez no fim do livro sobre os acontecimentos da Síria) que nos agrade resumir em poucas palavras o assunto da história que se narra; ou fazer uma resenha, ao fim dos anos e do espaço de todo o tempo em que se contêm as matérias narradas (é esse o costume de Nicéforo, diligente autor de uma história eclesiástica).

Mas de modo nenhum há sempre necessidade dessas coisas, a não ser quando o resultado dos feitos praticados ponha fim à narração.

&3 - Mas há pouco - dizem eles então - quando tinhas proposto que se falasse da disposição da história, e tinhas enumerado as suas três partes ( o exórdio, a continuação e a parte final), depois de esclarecer as duas primeiras, negligenciaste a terceira, que ainda faltava. &3

- Pois quê? - digo eu -. Vós entendeis que hei-de explicar todas aquelas coisas que, apresentadas de início, não precisem de uma exposição para o bom entendimento do assunto?

Era suficiente, na verdade, ter entendido que, dessas três partes nas quais está contido todo o encadeamento da história, era conveniente tratar de duas, que precisavam de explanação; e que a terceira, porque era fácil, era conveniente omiti-la. Pelo que não me venhais depois exigir aquilo que vós mesmos vedes claramente que não deve ser exigido. A não ser que vos agrade que eu seja palavroso numa coisa sem valor.

&3 - Seja conforme desejas - dizem eles -, não vás queixar-te de que nós te pressionamos. &3

# 8. - &3 Mas por acaso te saiu da memória aquilo que propuseste: que, logo a seguir, ias falar do ornamento e elegância do discurso? Até aqui, como que formaste os membros do corpo e a ligação deles. Agora resta que acrescentes a carne e a pele, e a cor e o encanto concordante com o bom estado das suas partes. Feia coisa seria que um corpo formado muito apropriadamente pelos seus membros, e bebo em todos eles, carecesse de elegância externa. &3

- Com razão vós reclamais isso de mim - digo - e isso deve ser inteiramente cumprido, já que não só foi proposto no início, mas até o próprio assunto já o está a pedir.

Que coisa mais feia do que se eu deixasse, por fim, como que nu e espoliado aquele mesmo corpo da história, embora o tivesse apresentado devidamente composto tanto dos seus membros como das suas partes?

Sem dúvida, assim como nada é mais enfadonho que um discurso inepto e sem elegância, assim também nada é mais belo ou mais deleitoso que um discurso bem feito e com ornamento.

Efectivamente, se não queremos ser totalmente uns lacónios (que não só puseram fora da sua república a eloquência e as outras boas artes mas também a própria filosofia, a mestra da vida humana), ao menos não pode negar-se que é grande o uso do discurso ornado e elegante, se não para mover os homens e os impressionar (o que minimamente agradou aos areopagitas e a Aristóteles), para os ensinar e os persuadir mais facilmente.

Pois se, de entre todo o género de seres animados, o falar é próprio do homem, sem dúvida que falar é, de longe, a coisa mais prestante, e usar da palavra mais perfeitamente do que todos os homens (ou melhor do que muitos deles) isso então será, acima de tudo, próprio do homem.

&3 - Pois quê? - dizem eles então - gradualmente tu avanças no louvor e no uso da eloquência, e não coras de vergonha por invadir territórios alheios e logo na presença dos donos? Seja suficiente aquilo que, de início e agora também, te concedemos. Não há, portanto, motivo para ocupares as funções e cargos dos outros. &3

- Então vós - digo eu - julgais que só a vós é concedida a função de louvar a eloquência, e que não é do mesmo modo concedida às pessoas doutas de outras disciplinas? No entanto vós mesmos costumais, não raro, fazer louvores às outras ciências. Alguns de vós tomam a seu cargo louvar, em discurso, a filosofia, outros a medicina, outros a jurisprudência, outros, enfim, num excesso de confiança, não hesitam em discorrer sobre as mais graves questões, o que no Banquete de Platão fez Aristófanes, proclamando os louvores do amor, esses dignos, sim, da doutrina e do engenho dele. Por conseguinte, dai-me vós licença, peço-vos, de ir mais além, por forma que não me afasteis do meu projecto, interpellando-me tantas vezes.

&3 - Continua - dizem ambos -, para não te interpellarmos, e também neste assunto te fazemos concessão. &3

- Já todos sabemos o suficiente - digo eu - sobre a utilidade da eloquência, até sem argumentos nenhuns.

& - Quê? - diz então P.N. - sem nenhuns argumentos (dizes tu)? Como se faltassem alguns, já que nenhuns apresentaste a quem dúvida de quanta força ela tem para persuadir os homens, para os excitar e os levar para onde se quizer, para os ensinar e animar, para apaziguar as suas discórdias e sedições, para os deleitar, enfim, se é o prazer que se procura. Um só discurso de Menénio Agripa, discurso rude e inculto no mais alto grau, teve tanta força que foi capaz de trazer de volta a plebe romana, retirada para o Monte Sagrado por ódio aos patrícios, e foi capaz de a reconciliar com eles.

Coisa alguma mais do que a eloquência conserva os ouvintes atentos e admirados, ou os leitores tomados do prazer e da avidez da leitura.

E não poderia eu considerar que é verdadeiro aquilo que Cícero ponderou nos livros "Sobre a Invenção"? que, pela força da eloquência, os homens, transformados de agrestes e incultos em homens civilizados, congregados em assembleias e em comunidade, e depois em cidades, orientados por leis e por instituições, protegem a República e a defendem.

Nem poderia considerar ser verdadeiro o que, também no mesmo Cícero, no livro I "Sobre o Orador", é a opinião de Crasco? (Embora isso seja de desaprovar juntamente com todo o livro, que o próprio Cícero lamenta que lhe tenha "escapado" quando era jovem, e que isso seja refutado pelo próprio Cícero, servindo-se da personagem de António).

Portanto a eloquência não está privada destes louvores, e são muito grandes aqueles argumentos que há pouco mostrei a respeito das vantagens dela. Se tu, por agora, não desejas mais alguns ... &

- Para mim, realmente - digo eu - estes são suficientes e já antes o foram, quando, à maneira de geómetros, eu tinha proposto isso como certo e verificado. E por isso, vem voltar ao nosso assunto.

Como, mais atrás, eu disse que a história, semelhante a um corpo, previamente fabricado e conformado por mim, seu artífice, precisava de ser envolvido com o vestido da linguagem, e, como é evidente que a mesma linguagem e a eloquência são muito úteis, vejamos já que género de linguagem é conveniente para a história. Depois, naquilo mesmo que for achado, diremos que é que deve ser observado.

& - Dessa maneira agrada-me - diz P.N. - a linguagem - digo eu então - combina com todas as coisas que nós costumamos enunciar e expor, e, desse modo, é uma só; no entanto, porque se acomoda a este e àquele variado assunto, ela mesma também é variada. &

&2 - Que é isso? - diz aquela terceira pessoa. &2

- Vou dizer - afirmo eu -, para ficares a conhecer mais claramente.

A música não é uma só coisa, que se ocupa da combinação e harmonia dos sons?

- É - diz ele.

- E, sendo a mesma, a que é apropriada para flautas é diversa da que se destina à cítara e à lira?

&2 - Pois sem dúvida - diz ele. &2

- Ora que coisa há mais semelhante à linguagem do que a música? Ela, que é capaz de encantar os ouvidos e as mentes dos homens, de os comover, de os emocionar ...

&2 - É isso mesmo - diz ele. &2

- Então, do mesmo modo - respondi eu - é realmente uma só a linguagem com a qual se exprime cada coisa. Mas, quando é usada em fábulas e coisas fictícias, é poesia; quando usada em disputas filosóficas e assuntos de grande importância, a linguagem é filosófica e circunspecta; usada em conversação vulgar é coloquial; usada em narrativas de factos chama-se histórica.

& - Aprovo verdadeiramente essa tua repartição da linguagem - diz P.N. &

- Então vejamos - digo eu -. Estas formas que indiquei concordam entre si, por um lado; mas, por outro, até diferem.

Concordam no facto de que são linguagens, no facto de que são contidas em palavras e na sua conexão, no facto de que exprimem sentimentos e pensamentos da alma, de que os declaram, e no facto de que são compreendidas.

# 8.1 - Diferem, porém, na própria forma de exprimir as coisas apresentadas.

Com efeito, a poesia frequentemente diz, por prazer e deleite, não o que é verdadeiro e recto, mas o que é falso e disforme; uma discussão filosófica e grave é sempre austera e mantém os nervos como que tensos, e nem deixa o leitor tomar fôlego ou deleitar-se por muito tempo. Os colóquios, enredados nas actividades da vida humana, fazem voltar a mente para os factos, negligenciando a linguagem.

Finalmente, a linguagem histórica, que em certo modo fica a meio entre a poesia e a expressão filosófica, tem desta a gravidade, a moderação, a força, a exactidão; e tem daquela a gentileza, a elevação, a amenidade.

&3 - Pois também isto nos agrada muito - dizem eles - mas pede uma maior explanação. &3

Digo eu:

- Ledes poetas frequentemente, creio. Notareis que eles se aplicam sempre a suscitar o prazer e os sentimentos, nada oferecendo de sério, a não ser que se esqueçam da sua função. E notareis que, pelo contrário, os livros filosóficos estão cheios de discussões e pareceres rigorosos e que não se acham salpicados de gracejos e palavras espirituosas, a não ser muito raramente, para aligeirar o fastio.

De uma e de outra a história adopta aquilo que lhe é ajustado, pois que deseja narrar coisas verdadeiras e úteis, mas por forma a não provocar desagradado com a narração. Na exposição da verdade segue a linguagem filosófica; no aligeirar o fastio e no ornamentar o discurso segue a linguagem poética.

Portanto, ora é grave ora é amena a expressão da história.

Mas nós aprendamos já de que sorte ela há-de ser, pois imediatamente se entenderá que é que ela tem de um e de outro desses dois géneros.

\$ Toda a narração, segundo o parecer de < Aristóteles, > no livro da "Retórica para Alexandre" (se é que é dele), deve ser séria e clara; \$ o género das coisas e do discurso produzirá a seriedade; a clareza há-de produzi-la uma expressão aberta e inteligível, e uma ordem das coisas apropriada e metódica.

Diz aquela terceira pessoa:

&2 - Também ainda não compreendo isso suficientemente. Tão longamente repetido, em que sentido é referido? Por favor, fala mais claramente do que te leva a tratar desse assunto. &2

- Pois seja assim - digo eu -. Estava a referir isso para que fosse aplicado à história aquilo que for conveniente a toda e qualquer narração. Mas então irei por outro caminho, que possivelmente te parecerá mais fácil e melhor.

&2 - Como assim? - diz ele. &2

- Vou formar - digo - um discurso histórico a partir dos seus elementos, assim como, mais atrás, fiz o seu corpo a partir dos membros. Visto que não deixas apresentar, de início, o discurso na sua totalidade, então deixa que o divida em partes, para entenderes de que modo se há-de formar.

&2 - Sim - diz ele -. Agrada-me mais isso que propuseste por último: é que é mais fácil e mais conveniente para um bom entendimento. &2

- De bom grado. - digo eu - Portanto, como está assente que a narrativa histórica é grave e é amena, isto é, intermédia entre o poema e o discurso filosófico, e como toda e qualquer exposição está abrangida por palavras e também pelo vínculo e conexão delas, e ainda pela própria construção e toda a sequência a que chamamos estilo, assim tratarei de cada uma delas, por forma a ensinar quais palavras, qual o nexos delas, e finalmente qual o estilo que convem à história.

Em primeiro lugar, que as palavras sejam (tal como em toda a narração latina) próprias, selectas, de uso corrente e harmoniosas; que não sejam novas ou demasiado obsoletas, ou grosseiras. Essas ocorrem com frequência em Salústio, que parece que teve muita simpatia pela velhice nas palavras.

Mas isso nem mesmo precisa de uma maior exposição, visto que ninguém ignora que, não apenas em história, mas também nos outros assuntos, sempre a expressão deve ser em latim, para, ao menos, não sermos semelhantes aos Antoninos ou aos Vicências.

E o nexos das palavras [que em grego se diz "período", isto é, âmbito, circuito, compreensão, continuidade, círculo (isto é para Cícero)] seja também latino, puro, terso, nítido e sempre semelhante ao oratório, e algumas vezes semelhantes ao poético, mas mais raramente.

É deste género aquele passo de < Lívio, > no livro I da Década III, numa exortação de Aníbal aos soldados:

§ "E, para que ficassem a saber que aquelas coisas ratificadas, segurando com a mão esquerda um cordeiro e com a direita um seixo, depois de rogar a Júpiter e aos outros deuses que - se os iludisse - o imolassem a ele tal como ele próprio imolava o cordeiro, de acordo com a imprecação, esmagou com a pedra a cabeça do animal." §

Mas este tom poético, como disse (o qual é usado algumas vezes pelos melhores historiadores no encadeamento do discurso, com o fim de deleitar) há-de ser um tanto raro. O encadeamento seja sempre latino e oratório, coisa que, igualmente, não deve ser ignorada daquele que conhecer a língua latina, já que o conhecimento de uma língua se baseia nas palavras e na sua ligação; e quem desconhecer qualquer delas desconhece também a própria língua.

E, porque não é suficiente que seja latina a linguagem e a expressão ou o estilo, para que a história seja louvada, mas igualmente que seja perfeita nas suas partes, soando em consonância oratória e harmoniosa, também há-de haver atenção às partes constitutivas, ainda que não a todas, (de facto não convêm nem as poéticas, a não ser raramente, nem aquelas que são próprias para causas forenses) mas às que convêm à harmonia da história: § aquelas que (como diz < Cícero > ) ponham em simetria, clareza e boa ordem todas as frases, e aquelas que avancem com amplidão e desenvolvimento, e não miudamente e ponto por ponto, para fazerem fluente o discurso, § à maneira de Isócrates e de Teopompo. Com efeito, é esta forma de cadência que é própria para o género de discurso demonstrativo, e sobretudo para o género histórico, e não aquela forma contenciosa, fervente e arrebatada que é útil nas causas forenses.

Vou dar exemplo de um e de outro discurso, para se entender que cadência convém à história e qual convém às causas forenses.

<Lívio, > no livro I da Década III, ao descrever a diligência de Aníbal em observar o exército dos Romanos junto do Trébia, alonga-se de tal modo, com suavidade e amplidão, que merecidamente D. Jerónimo disse que brota de uma láctea fonte de eloquência.

Assim diz ele:

§ "Aníbal, como visse perfeitamente o que era melhor para o inimigo, quase não tinha esperança alguma de que os cônsules agissem sem reflexão e sem cautela; mas porque sabia que a índole de um deles (conhecendo-a primeiro pela fama, e depois pelas acções) era arrebatada e soberba, e porque lhe parecia que se tinha tornado mais soberbo depois da luta, bem sucedida, travada contra os seus saqueadores, não deixava de confiar que a fortuna o acompanharia no travar da batalha. E, para não perder alguma boa oportunidade, andava vigilante e muito atento, enquanto que o soldado dos inimigos era novato, enquanto que um ferimento tornava inútil o melhor dos dois chefes, enquanto os ânimos dos gauleses permaneciam firmes. E sabia que essa enorme multidão havia de o acompanhar com tanto menos ardor quanto mais longe da sua terra fosse levada." §

Vedes vós com que largueza e amplidão flui o discurso, como avança com vagar e gravidade, como são grandes os períodos?

Já < Cícero, > no discurso em defesa de Ligário, quanto não é mais rápido, mais ardoroso, mais conciso?

§ "Pois que fazia, Túbero, na batalha de Farsália, aquele teu implacável gládio? De quem é que aquele gume procurava o flanco? Qual era o sentimento da tua gente de armas? Que mente era a tua, os teus olhos, as tuas mãos, o ardor do teu animo? Que é que apetecias? Que é que desejas?" §



Como fere e aperta o adversário! Com que perguntas (quais agulhões enormes) ele, porfiando, o pica e o excita!

Mas como este ritmo é vivo, nervoso e ardente, aquele primeiro, que é lento, vagaroso e amplo, é, de longe, o mais conveniente para a história, a qual não deve ser levada nem impelida velozmente, mas antes deve avançar ela mesma com naturalidade, como se brandamente transportasse o leitor.

Deste nexo de palavras e sentenças, harmonioso e amplo, é que é formado o estilo histórico. E de que sorte ele há-de ser é o que é preciso ensinar com mais diligência ainda.

# 8.2 Três são os gêneros de estilo (como vós sabeis muito melhor do que eu): um, humilde e simples, outro amplo e sublime, e o terceiro, moderado e medíocre.

O primeiro é conveniente para a comédia e as conversas familiares; o segundo, para as causas forenses; o terceiro é conveniente, pelo menos, para a história e para toda e qualquer narração, ou para uma conversa grave.

E este mesmo género mediano seja moderado, solto, alongado, ameno, sem empolamento nem aspereza, e de algumas vezes com ornato, para pensamentos graves e preceitos úteis para a vida. Não seja árido, seco ou pobre, como é o de Salústio (e por esse motivo parece a Quintiliana que de modo nenhum se ofereça aos mais jovens para sua leitura).

Nesta matéria, porém, apresenta-se aquela dúvida muitas vezes discutida por graves varões: se o estilo humilde e simples é melhor, em história, do que o solto e copioso.

A Políbio, realmente, a Salústio, a Demóstenes, a Trucídides, a Séneca e a outros grandes varões agradou um género de expor conciso, rejeitando o outro, solto e copioso, que parece mais carecido de energia e mais mole.

E daí consta que Políbio censurou esse mesmo defeito em Filarco; e Séneca em Lívio; e Largo Licínio em Cícero.

Contrariamente, a Platão, a Teofrasto, a Isócrates, a Cícero, a Lívio, a Quintiliano e outros ainda mais doutos agrada mais o género solto e copioso. E a opinião destes sem dúvida me parece melhor e mais razoável, não só para exprimir com mais agrado os sentimentos da alma, mas ainda para ensinar e deleitar.

Com efeito, aquela austeridade e secura no modo de dizer desagradava muito, causa tédio ao leitor, afasta-o e quase nem o deixa respirar, sempre atento e ocupado com o grande número das sentenças e dos factos.

Por isso parece mais vantajoso que todo o género de expressão seja, em história, amplo e solto, mas que algumas vezes se torne conciso, segundo a brevidade das coisas ou dos tempos.

Assim, se se desejar narrar alguma coisa em poucas palavras e concisamente, ou com aridez e secura, pois que desse modo seja a expressão; assim como em < Lívio > (um autor até muito abundante e copioso no modo de dizer) é muito grande aquela brevidade de expressão ao descrever os exércitos dos Cartagineses e dos Romanos quando estavam para entrar em luta junto do Trébia.

§ "Os chefes estavam à frente das alas; Asdrúbal dirigia a esquerda, Maórbal a direita; Aníbal, pessoalmente, com seu irmão Mago, sustentou a parte central da linha de combate.

Quer estivessem assim deliberadamente postados, quer se achassem assim casualmente, o sol dava de lado, com muita vantagem, a uma e outra parte, estando os Romanos voltados a sul e os Cartagineses voltados a norte." §

Aqui e nas palavras seguintes dê-se atenção à fluência rápida do discurso, à celeridade, aos colos e comas.

Parece colocar diante dos nossos olhos a própria precipitação dos exércitos a avançarem para a luta e a corrida dos chefes que os conduziam, o clamor, a investida e o combate (para que se entenda que não se há-de usar sempre aquela abundância ampla e prolongada, mas que algumas vezes se há-de encurtar as rédeas ao discurso, dentro de um como que circuito breve e espaço estreito).

Como, deste modo, é conveniente que o estilo histórico seja composto do género difuso e do género conciso, escutai, agora de seguida, de que maneira ele é semelhante ao discurso poético e ao filosófico, conforme atrás dizíamos (se isto vos não é aborrecido).

&3 - Que dizes tu? Aborrecido? - dizem eles - Pelo contrário, isso vem mesmo a propósito. &3

§ - O estilo histórico - digo eu então - é considerado por < Quintiliano, > no livro décimo, semelhante à poesia, de tal modo que pode ser visto como um verso desligado dos grilhões poéticos, um verso livre; e que se usa este género de expressão porque dá lugar à suavidade da narração e ao prazer dos leitores, com palavras mais livres e figuras menos usadas, e compostas para deleitar. §

Mas a Luciano desagradam a afectação poética, a composição excessivamente cuidadosa esemelhante à declamatória, e uma busca requintada, a tal ponto que não hesita em censurar Heródoto mesmo por esse motivo.

É por isso que prefiro seguir a opinião dele (ainda que discorda de Quintiliano) porque eu considero que se há-de esperar prazer na narração, mas de uma maneira que não diminua em nada a gravidade e a verdade das coisas.

Realmente, que há de mais indigno do que, com este afectado e requintado género de expressão, tornar suspeita a verdade, para leitores doutos e prudentes?

De facto, quando leio Heródoto, até naquelas coisas que eu sei que são bem verdadeiras, no entanto, não sei como, todas elas me são suspeitas, enquanto penso que ele, num desejo exagerado de enfeitar e polir a expressão, acrescentou algo ou algo subtraiu à inteireza da verdade.

Mas a Ciropedia; de Xenofonte (que eu sei que, na sua maior parte, foi inventada para figurar a educação de um príncipe excelente) pelo facto de eu ver claramente a sua pureza, a sua simplicidade, e a limpidez nada afectada do seu modo de expressão, na verdade eu não a posso ler sem que a louve e, juntamente, a considere, de um modo geral, verdadeira.

Portanto, esta linguagem poética é seguramente de evitar, e nenhuma palavra nem mesmo figuras poéticas se há-de usar, se não temos o desejo de tornar suspeita a verdade, enquanto nem procuramos, no discurso, uma mediana elegância, conveniente para livrar do tédio os seus leitores. É que nada é pior ou mais enfadonho do que a afectação não só no discurso mas no próprio modo de vida.

§ < Dionísio de Halicarnasso > censura isso mesmo, com severidade, no próprio Platão, que no Fedro (não sei em que ensejo) invocou as Musas, e é tido como mais sublime do que em qualquer outro lugar. E dele mesmo dizem < os Gregos > que costumava pentear e acariciar os seus escritos, porque estimava a eloquência acima de tudo, ao ponto de se dizer que, nos seus exemplares manuscritos, se achou o início dos livros sobre a República modificado várias vezes. §

Também isso é considerado defeito em Isócrates e Mortênsio e em muitos varões de grande valor, por se notarem nos escritos deles vestígios bem pequenos de afectação (quando mais se fosse manifesta e evidente essa afectação ...)

E um < Apuleio > - que o vosso Erasmo, não sei com que critério ou sentido, louvou na sua abundância - que outra coisa há mais digna de censura do que aquela maneira poética de falar, usada frequentemente? Pois que graça ou elegância tem aquele conhecido passo do

"Burro", ao qual o mesmo autor claramente se assemelha? Não parece falar latim mas antes zurrar:

§ "Já a mordacidade é destemida, quando ele, tirando do fundo do peito um suspiro dilacerante e batendo na fronte, repetidas vezes, com a dextra enfurecida, começa a dizer:

- Infeliz de mim!" §

Portanto nunca aceitaremos que a narração histórica amoleça por causa da licença poética (se me dais crédito, vós, homens excelentes). E não é pelo facto de que antigos historiadores que seguiram Heródoto - homem que se comprazia em fábulas e no estilo poético - em algumas das suas histórias, e deixaram marcas da imitação dele, não é por isso que nos termos de seguir essas marcas deles.

Será lícito, por exemplo, que uma ou outra vez, para não sermos demasiado rigorosos e austeros, usemos o presente histórico em vez do imperfeito, como em < Salústio > :

§ "Entretanto Catilina, com a tropa ligeira, "mover-se" (movia-se) na primeira linha, "prestar" (prestava) ajuda aos que estavam em dificuldade, "mandar" (mandava) vir soldados indemnes para o lugar dos feridos, "providenciara" (providenciava) tudo, ele próprio "combater" (combatia) muito, "ferir" (feria) com frequência o inimigo." §

Será lícito também fazer a descrição de um lugar ou expedição, ou de alguma pessoa, ou refrega e combate, com amplificação poética e com amenidade, e usar epítetos, adjectivos e metáforas poéticas; mas isso tão dissimulada e discretamente que nem mesmo chame a atenção de quem observar o texto.

Enfim, será lícito ao historiador, assim como ao poeta, usar exortações, deliberações, epifonemas, digressões para descrever um aparato, uma pessoa e outras coisas deste género. Mas convém que isto se faça de modo que antes pareça que os poetas imitam os historiadores (coisa que se diz a respeito de Lucano) do que pareça que os historiadores imitam os poetas.

Mas sobre este assunto já se falou suficientemente (para não me ocupar por mais tempo de assuntos que são transparentes, e muitas vezes foram explicados por outros).

# 8.3. - De mim ouvistes, meus amigos, a origem da história e a sua missão; depois, o que ela era e de quantas espécies; em seguida, quais pareciam ser as leis para a compor.

Resta que, depois de conhecido o que já foi apresentado para imitação, fuja, com o maior empenho, dos seguintes defeitos:

- narrar alguma coisa falsa mesmo numa parte muito pequena;
- ser desordenada e confusa;
- haver preferência por alguns dos feitos praticados;
- não apresentar as deliberações e as causas das coisas;
- narrar algo de vergonhoso ou que não sirva de óptimo exemplo para os eleitores;
- apresentar-se sempre igual a si mesma, sem matizes nem variedade;
- ser frouxa e insulsa;
- ser seca, vazia, pouco elevada e escrita em linguagem impura,
- serem os exórdios inoportunos, longos ou ineptos;
- narrar coisas portentosas ou frívolas;
- mudar os nomes das pessoas ou dos lugares;
- não estarem todas as partes do discurso ligadas entre si por alguma semelhança;
- existir erro na descrição dos lugares;
- não se manter o decoro das pessoas e dos factos;
- exaltar coisas ligeiras, deixando de lado as importantes;
- procurar longos e rebuscados títulos;
- finalmente, negligenciar alguma de todas aquelas coisas que atrás ensinámos.

# 9. - E agora, se achais que alguma coisa se deve acrescentar ao que foi dito, fazei-mo saber, por favor, antes que passe à descrição do historiador. De todo o nosso debate, é ela que ainda está a faltar.

&3 - Nós - dizem eles - até quereríamos tirar, não acrescentar alguma coisa. É que de tal modo nos representas a história como difícil de escrever que - como algum Momo - nem sequer admities nela uma verruga. &3

- Por acaso - digo - considerais que é fácil de escrever? É preciso que o historiador ponha nela grande interesse e trabalho, já que se consagra à imortalidade, e nada imortal ou que dure muito tempo pode fazer-se a não ser com fadiga e com trabalho. Perecem e caem até coisas perfeitíssimas, e, pois a própria imperfeição traz consigo a morte, com mais razão perecem as imperfeitas e irregulares. Particularmente quando aos melhores escritos não faltaram os censores, e aos mais notáveis autores não faltaram detractores, pelos quais foram censurados e, muitas vezes, acusados em livros vindos a público. Assim, Homero foi criticado por Zoilo; Platão por Aristóteles, Cefisodoro, Teopompo, Hipodamante, Demétrio de Falero; Aristóteles foi criticado por aquele mesmo Cefisodoro em quatro livros escritos, como refere Ateneu.

Quem escreve história expõe-se a um pesado julgamento, e, por outro lado, ao despeito e ódio não apenas de um só homem, mas até de povos, de regiões e muitas cidades, que consideram ser-lhes feita injustiça quando é referida alguma coisa que eles indignamente ou cobardemente fizeram. E até nem duvidam em acusar o escritor de vício de falsidade, desde que possam ocultar um vício deles mesmos com a crítica feita a outrém.

Mas aceitemos que é difícil, árduo, que provoca despeito e dá trabalho. Todavia, que coisa mais bela ou mais notável do que deixar aos vindouros tantos exemplos de vida, tantas recordações de feitos e de ditos sentenciosos, tantos modelos de instituições e regras para viver?

Que coisa mais apetecível do que uma pessoa, única sobrevivente de tantas cidades, povos, chefes, reis, homens e nações, estar viva e ser imortal?

Pereceram Creso, os Lídios, os Assírios, os Persas, os Babilónios, os Egípcios, os Gregos, Romanos, Alexandre, Aníbal, os Cipiões, Pompeio, César, Marcelo e outros importantes varões e povos e príncipes muito notáveis. Desapareceram os seus troféus, monumentos, edifícios, as suas riquezas, a sua raça, a sua família. No entanto, todos eles, até agora, estão vivos e vão continuar vivos depois deste tempo, graças àqueles que escreveram os seus feitos; e vivem por todo o tempo que esses mesmos viverem, e de outro modo não hão-de sobreviver, a não ser juntamente com eles.

Realmente, muitas vezes, quando medito na ambição dos príncipes do nosso século e na grandeza do seu ânimo, admiro-me de como é que acontece (embora tanto desejem engrandecer os impérios com armas e riquezas, embora queiram tornar-se conhecidos de todas, embora nada mais procurem do que chegar à glória, procurá-la, consolidá-la) que sejam, no entanto, tão desinteressados de escrever eles mesmos os seus feitos - até pelo exemplo de César -ou darem a outros o encargo de escrever. Deste modo parecem nada querer conseguir além desta vulgar e presente popularidade, sem cuidados nem providência alguma a respeito dos tempos futuros.

& - Em meu entender - diz P.N. - tu pensas bem, e eu admiro e respeito o valor dos homens antigos, tanto mais que, assim como foram manifestamente muito ilustres na execução das suas acções, assim também foram diligentes em deixar delas notícia para a posteridade; e é tanto assim que não entendo bem a qual das duas coisas dedicaram maior cuidado.

Durante o dia acupava-se Plínio de assuntos militares e negócios de guerra, mas de noite escrevia a História Natural. O mesmo fez Valério Máximo ao coligir exemplos; e o mesmo fez Gaio César nos seus Comentários; o mesmo fez Décimo Bruto; o mesmo fizeram Xenofonte, Tucídides e outros grandes varões de quem, para ser prudente, não faço menção.

Neles não admiro apenas isso, mas principalmente o facto de que achamos escrito que filósofos - género de homens afastado de ocupações políticas e dado à contemplação - não só costumaram candidatar-se a cargos públicos quando a República precisava deles, mas até partiram para a guerra e lutavam muito valorosamente. Assim fez Sócrates, que (como afixavam Platão e Xenofonte) se diz ter entrado em combate, uma vez junto a Potideia, depois em Anfípolis, e, pela terceira vez, na Beócia (embora Ateneu, no livro V, ouse opor-se a esta opinião de varões digníssimos).

E igualmente Xenofonte, de quem se diz, semelhantemente, ter sido igual a sua elegância na escrita e o seu cuidado das armas na guerra. E Sólon, que, em tempos de incerteza e perturbação na sua pátria, enfrentou o perigo dos tiranos.

E também outros varões, ora gregos, ora romanos, ora mesmo de outros povos.

Por consequência, quando penso nisto, considero que a causa de hoje nenhuns homens doutos terem o costume de se dedicarem a gerir os negócios públicos, e, por outro lado, não serem doutos aqueles que tratam disso, a causa é o facto de que a uns os afasta a ambição de riquezas e a outros a demasiada incúria. Enquanto aqueles (que andam sufocados pelo tumulto das suas ocupações) se lhes sobra algum tempo livre para a reflexão e o interesse por bons assuntos, o aplicam em aumentar as riquezas, as honrarias, as dignidades, os servidores; aqueles outros (que passam o tempo no repouso das letras, enquanto receiam o trabalho e a inquietação adversa à sua costumada tranquilidade) acabam por não ser úteis à República.

Por conseguinte, perfeitamente se procederia connosco e com toda a República (conforme Platão queria na sua cidade) se não tivéssemos filósofos - ao menos, homens conhecedores de muitas matérias e artes - de que o príncipe tivesse de servir-se em todos os assuntos.

Realmente poucos (quase nenhuns, para falar verdade) conheci desse género; mas, por benefício, autoridade, diligência e liberalidade dos príncipes, essas tais pessoas devem ser escolhidas, tratadas com respeito e sustentadas, assim como entre os Persas era costume fazer-se (escreve isso Xenofonte na Ciropedia; e o vosso Platão e Aristóteles ordenam). &

Como P.N. discorresse sobre estas coisas com gravidade e erudição e tivesse acabado de falar, a tal terceira pessoa disse, sorrindo:

&2 - Com razão vós imaginais desse modo. Na verdade, antes que, por mútuo consenso, se viesse a travar esta conversa, parece que um de vós fazia uma certa ideia da história e do respectivo escritor, e o outro fazia ideia do homem político; como se, em todo o caso, não bastasse transmitir à memória da posteridade as coisas realizadas, para elas serem conhecidas; e como se esta forma de governo de que presentemente gozamos não fosse óptima e proveitosíssima. &2

- Mas tu - digo - estás pior, tu, que não receias discordar de ti mesmo quando designas como "ideia" o que é um pouco mais raro, mas que, justamente, terias podido ver em algumas pessoas, ou ler alguma vez em algum autor. Como é que te parece que, em assuntos públicos, nenhuns homens houve tais quais aqui este, P.N., deseja?

Lê os escritos dos homens antigos, folheia os livros deles, examina os seus feitos, escuta e indaga o que se passa em gentes ou povos diversos, e poderás achar muitas pessoas mais perfeitas e mais extraordinárias do que são as mencionadas pelo P.N., que não quiz adaptar-se à tua opinião.

Quanto à história por mim descrita, como é que pôde parecer-te afastada do uso e do sentimento das pessoas, quando ela foi concebida segundo a forma dos bons historiadores, que agora andam nas mãos de toda a gente?

E a respeito do historiador, não faças juízos antes de ouvires de mim como é que ele é. Direi já.

Embora te pareça que eu lhe atribuo muitos dons que a poucos cabem em sorte, todavia, neste assunto, levanta o teu ânimo um pouco acima daquilo que vês, imagina uma forma mais perfeita e mais rara do que olhando, por assim dizer, para umas talas; perceberás qual é o grau de cada uma.

Nem poderá alguém distinguir ou ajuizar o que é recto ou é o contrário, de outro modo que não seja pôr diante dos olhos, perfeita e completa, alguma representação da coisa.

Por esse motivo, vem comigo, para descrever a própria função do historiador, e entretanto não contestes até ouvires toda a exposição a respeito deste assunto.

&2 - Eu sei - diz ele - aonde vai dar o teu discurso: configurar uma República de Platão, um orador de Cícero, um arquitecto de Vitruvius - é isso que tu queres, como se fosses uma espécie de Prometeu. &2

Digo-lhe eu:

- Se configurar alguma coisa segundo o teu modo de pensar ... Todavia, se puder fazê-lo, vantajosamente, segundo algum outro modo...

&2 - Então não interrompas - diz ele - a sequência do teu discurso com digressões deste género. Diz lá, finalmente, como queres que seja o escritor de história. &2

Digo eu:

- Como considero a história uma lei ou regra de vida, e julgo que quem a escreve é uma espécie de legislador prudente e honesto, temos de o configurar muito bom, muito íntegro, muito prudente, e muito bem dotado de todas as boas qualidades, se puder ser.

É que, se ele há-de contar a verdade sem disfarce ou encobrimento, nada irá omitir por motivo de parcialidade ou paixão, nada dirá por ódio, nada escreverá por interesse ou cobiça, com intenção de obsequiar ou adular.

De um modo geral, ele deve (como todo o homem probo) cultivar e abraçar todas as virtudes, mas especialmente a prudência no que deve dizer e no que deve calar, e ainda a moderação dos sentimentos no acto de julgar; depois, a fortaleza e uma pura liberdade de alma, para nada silenciar por medo nem proceder por ambição.

E que considere desempenhar o papel de um juiz bom e íntegro, e que é um grande crime se alguma vez, perturbado por alguma paixão, não mantiver esse papel.

Assim, nem será dissuadido de dizer a verdade pelo facto de Clito ter sido morto por Alexandre por causa disso mesmo, nem porá a sua afeição ou simpatia à frente da integridade do seu papel de juiz.

Por isso é que merece repreensão o costume de certas pessoas que aceitam este ofício de escrever os seus feitos não como um grave encargo (como é certamente) mas como recompensa de um exíguo serviço militar, ou motivo de honra para alguém. Com efeito, não vêem que, por um salário, se encarregam de uma obra de adulator, e não têm como seu modelo um juiz recto; mas, se tivessem por ele um temor respeitoso, muitas vezes se desviariam do erro.

O historiador nem só há-de ser probo e recto por si, mas há-de perceber, com um juízo penetrante, o que nas outras pessoas existe digno de louvor ou de censura. Com efeito, como é que dará uma sentença quem não souber exercer as funções de juiz? Forçoso é que seja enganado e cometa erros a cada passo se não conhecer muito perfeitamente a índole dos homens, os seus costumes e vida, e não os examinar com recto juízo.

Portanto, não só será um orador e dialético, para que possa expressar-se com propriedade, com ornato, com distinção e conveniência, mas também será um físico e douto na ciência dos costumes.

E como poderá conhecer os costumes e a natureza das pessoas?

Como examinará os próprios costumes, segundo as regras da virtude?

Quanto lhe é necessária a ciência dos matemáticos, quão útil lhe é o conhecimento do direito divino e do humano, manifesta-o bem a descrição dos lugares, a observação do tempo e dos prodígios, a apresentação das leis, dos tratados e das instituições; até é necessário utilizá-la às vezes a meio da sequência da narração.

E vou omitir, entretanto, o facto de que até os próprios príncipes, quando lutam por coisas que o inimigo apanhou, consultam as histórias como se fossem oráculos e de lá reclamam e fazem provir toda a razão do seu direito.

Além disso, seja o historiador perito em muitos assuntos, como o tempo antigo, exemplos, ditos, feitos, costumes diversos; conhecerá a índole das várias gentes, poderá visitar povos, percorrer regiões, tomar parte em negócios públicos, guerreiros, urbanos, de príncipes, de pessoas privadas, de soldados, de chefes; tenha em consideração as coisas civis e militares. E, se puder, não dê crédito somente ao ouvido, mas ele mesmo tome conhecimento, veja e examine tudo, não apenas o que tiver intenção de escrever, mas o que diga respeito ao modo de vida.

A este grande varão, grave, íntegro, severo, sabedor, inteligente, exercitado, cortês, urbano, não ignorante de toda a vida pública e privada, eloquente, douto, expedito a falar e a escrever, diligente, interessado - quem não o ama tanto e o louva que não o convida para a tarefa de escrever história, e não o ponha até à frente da República como seu benfeitor e defensor, por acção do qual ela mesma deve permanecer e ser imortal?

Dirás - julgo eu - que este homem já não é o mesmo orador ou arquitecto que Cícero e Vitruvius descrevem; mas é bom que consideres que eu, prudentemente, não mencionei muitas coisas para não parecer que apresento algo inusitado ou raro. É que, se tivessem de ser ditas todas aquelas coisas que a respeito dele eu sei e concebo na minha mente, iria considerá-lo, sem dúvida, não em alguma cidade terrestre, nem ligado a alguém por parentesco, nem sujeito a nenhum rei, a nenhuma lei, sem paixões, muito perspicaz, muito diligente, sabedor de tudo, inteligente, observador, enfim, assim como um deus que observasse as coisas humanas sem se misturar com elas.

Seguramente, se algures existiu alguém semelhante a um tal homem, ou não muito diferente dele, deveria ser acolhido com grande honra entre os seus concidadãos, porque - como um Apolo Píthio - seria estabelecido como juiz no meio da República e como observador de todas as coisas, e poderia, a respeito delas, proceder e dar respostas com o maior acerto.

Alexandre da Macedónia, ainda que desregrado noutras coisas, no entanto nisto é muito de louvar, porque sempre, de modo admirável, ardeu no amor da glória e desejou ter como escritores dos seus feitos pessoas do mais alto nível (embora, como é sabido, não tenha conseguido isso no tempo da sua vida).

Os livros de Aristóteles sobre a História dos Animais, da qual, naquela larguíssima extensão da sua autoridade, pela maior parte ele teve conhecimento pessoal e que entregou a um mestre para a escrever por inteiro, considerou-os de tão grande valor que se diz que lhes deu oitenta talentos. E por isso esse livro também costuma ser designado pelos Gregos como, isto é, "Obra de Muitos Talentos".

De César Augusto temos também conhecimento de ter sido grande apreciador das letras e de pessoas dotas, pois considerou que deste modo havia de conseguir a eterna fama do seu nome.

§ < Diz-se > que ele mesmo escreveu quatro livros (conforme notícia < Díon > ) que Druso deu a conhecer depois da morte dele: no primeiro deles encontravam-se as coisas que respeitavam às suas honras fúnebres; o segundo abrangia os feitos por ele praticados, o terceiro, todo o registo dos seus rendimentos e das despesas que tinha feito; o quarto, a forma prescrita a Tibério, seu herdeiro, quanto ao governo da República. §

§ Foi manifesto em Luculo (conforme, a seu respeito, escreveu < Marco Túlio e Plutarco > ) um tão grande interesse por pessoas doudas e por boas artes que - como frequentemente tinha junto de si filósofos, oradores e homens peritos em várias matérias, tanto em tempo de paz como em tempo de guerra- uma vez ele próprio se reuniu com Quinto Hortênsio e Lúcio Sisena, varões muito importantes, com este contrato: aquele de entre eles que a sorte designasse, esse escreveria a história da guerra dos Marsos, em linguagem refreada ou em linguagem livre; e, tocando-lhe a ele a sorte, escreveu em grego aquela guerra. §

Consta que semelhante interesse houve em Nero e Adriano, mas a par de inveja e emulação até a respeito de varões doudos.

De facto, aquele pôs termo à vida de Lucano por inveja da excelência da sua poesia, e este perseguiu com o maior ódio os sofistas Favorino e Dionísio de Mileto.

Porquê lembrar as honras prestadas a Platão por Dionísio, tirano da Sicília?

Porquê lembrar as de Alexandre a Homero e Píndaro?

# 9.1. - E as de Pompeio a Possidónio?

E, enfim, as dos Gaditanos a Lívio?

Presentemente é tão grande, entre homens importantes, a indiferença pelas letras e pelas pessoas doudas que alguns ouvi eu, certa ocasião, afirmarem, em público, que nunca haviam de mandar os seus filhos estudar, porque lhes seria mais útil não saberem nada. A esses não lhes posso anunciar mais grave castigo do que serem sepultados juntamente com as suas riquezas, esquecidos, abandonados, desprezados, enfim, com ínfimos e obscuros homens da mesma condição.

Esta mesma indiferença pelas pessoas doudas (como dizia no início da minha conversa) não só fez que até agora a história seja negligenciada, entre os nossos homens, e as boas artes estejam debilitadas, mas também nas outras nações, agora e até anteriormente; ainda que não sei como é que, depois de tão grande cultura dos homens, tão grande elegância de educação, de maneiras, de criações e de todas as artes legada pelos antigos, como é que então, lentamente, as pessoas perderam a força e quase se tornaram tão rudes como naquelas épocas antigas em que - diz-se - utilizavam bolotas, porque Ceres ainda não lhes tinha ensinado o uso dos cereais.

Pois que obras é que os Romanos ou os Gregos, que se notabilizaram outrora em todo o género de conhecimentos, depois daquela horrível e fatal devastação causada ao império romano pelos Godos e por todos os bárbaros, que obras escreveram eles dignas não digo da sua antiga erudição, mas nem sequer de uma erudição medíocre?

E que escreveram os Gauleses, que, ao tempo em que o império romano florescia, também eles floresceram nas letras?

E então os nossos, que é que escreveram? Eles, que (conforme também dizíamos no começo) muito antes dos Gregos tiveram obras escritas, poesia e artes; e posteriormente aceitaram a língua romana com tanto entusiasmo que, não tendo em conta a sua própria, puseram em uso apenas aquela, e juntamente com ela aceitaram também os costumes, a cultura e os estudos, e se mostraram iguais aos próprios Romanos na multidão de pessoas doudas, na sua elegância e na sua erudição?



Mas depois desses tempos nada temos certamente, que possa apresentar-se publicamente sem receio de vergonha.

Com efeito, de Isidoro, de Roderico e de outros semelhantes, homens estimáveis, sem dúvida (pessoas doutas mas só em relação àquele século) existem algumas obras; no entanto, essas obras dificilmente são dignas deste nosso tempo e desta cultura.

Em tempos posteriores, ocupada a maior parte da Hispânia por Africanos, as guerras continuadas e as frequentes incursões dos bárbaros não só não deixavam à nossa gente nenhum tempo livre para estudos, mas nem mesmo para cuidar e administrar a República ou as cidades com satisfatória eficácia. Assim, resultou que não tiveram nenhuma luz da história os feitos da nossa gente, os quais certamente foram muitos e muito ilustres; ou, se acaso têm alguma, essa mesma permanece ignorada pelos outros, pelo facto de que os escritos em Língua vernácula, todos eles, ainda não puderam chegar ao conhecimento dos homens das outras nações.

Realmente, quando às vezes leis muitos feitos que os nossos homens, quer em velhos tempos, quer naqueles de que os antigos se recordam, praticaram, e vejo que esses feitos por ninguém são conhecidos, a não ser pela nossa gente, fico profundamente indignado com a negligência dos príncipes que não tratam de que eles sejam escritos por forma a poderem ser comunicados a outras nações. São príncipes que (embora façam de parasitas inúteis turbas de homens palacianos, e façam edifícios sem utilidade, espectáculos e outras despesas jactanciosas) para esta acção gloriosa para eles próprios e para o seu estado não são liberais, nem interessados, nem generosos.

Todavia isso, pelo seu exemplo, não aproveita menos à constituição da República, às leis, às instituições, do que leis excelentes, acções egrégias e os limites do império perpetuados aproveitam a uma República bem constituída; e até essas mesmas acções, por causa do silêncio da história, são desconhecidas e jazem obscuras e negligenciadas, tanto como se tivessem sido feitas fortuitamente e por pessoas de nenhuma importância.

Assim é que vemos que, em lugar de histórias verdadeiras, são apresentadas umas historietas sem fundamento, e pequenas fábulas inventadas tolamente; e não são respeitantes à antiguidade (que talvez seja mais tolerável ignorar), mas mormente respeitantes a tempos próximos.

E já não falo de que, antes do tempo dos Romanos e dos Gregos, não aparecem monumentos verdadeiros de quase nenhum povo, a não ser do povo Judeu; nem mesmo dos próprios Gregos, dos quais a maior parte das coisas do tempo daquele povo são fabulosas, como no Timeu de Platão aquele sacerdote egípcio dá a entender a Sólon; e que aqueles famosos opúsculos atribuídos falsamente ao caldeu Beroso sobre a antiguidade do orbe, os reis da Hispânia e outras coisas semelhantes, não são dignos de nenhum crédito. E que, finalmente, nenhuma nação, a não ser depois de ter sido conhecida e observada pelos Romanos ou pelos Gregos (de modo que pelos escritos deles tenha conhecimento de algum monumento da sua própria pátria) poderá narrar ou publicar algo de verdadeiro em relação aos seus próprios feitos. E é certo que até mesmo aquele tempo que decorre entre o ocaso do império romano e a época dos antigos reis de Castela carece, em geral, da luz da história. Com efeito, desde aquele tempo em que, depois de vencido Roderico, rei dos Godos e da Hispânia, os Mouros ocuparam quase toda a província, nada temos que não seja fabuloso, pueril e obscuro. E isso mesmo dificilmente seria conhecido se não tivesse sido lembrado a partir de fragmentos de Roderico, bispo de Toledo, e de uma certa história do rei Afonso, aquele que escreveu na língua pátria as Tábuas Astronómicas e as Leis das Sete partidas, e ainda de um certo Valério, que viveu no tempo de Fernando V.

E assim estes tempos intermédios que referi, e aqueles outros, da antiguidade que precedeu a República romana, são obscuro e cheios de fábulas. Na verdade, nem em bons autores eu encontro aqueles doze reis da Hispânia, nem os seus feitos tão completa e cuidadosamente escritos como em Beroso; contudo, do livro deste, em nenhum lugar são citadas algumas palavras de modo que possam dar crédito à obra; e em Heródoto, Justino e outros escritores antigos não encontramos nem ao menos algum nome daqueles reis. Nem também a respeito dos combates travados pelos Godos contra os Africanos, quando a Hispânia era devastada, nem do antigo reino deles ou de assuntos seus; nem da maneira de repelir os inimigos, numa primeira fase, daquela parte última que permanecera intocada pelo ímpeto do adversário; e, na fase seguinte, a maneira de os ir vencendo a pouco e pouco - de tudo isso não encontro nada escrito naqueles tempos que seja digno de inteira confiança.

Só se, casualmente, alguém aparecer tão estudioso das coisas antigas, tão diligente e observador que desenterre alguns indícios e vestígios a partir dos quais possa fazer história, se não íntegra e perfeita ao menos de alguma qualidade.

E desse género existem muitos varões não só doutos mas diligentíssimos.

As duas épocas intercaladas nestes tempos, a primeira a dos Romanos, a segunda a que está mais perto da nossa memória, podem ter uma luz maior pelo facto de que os tempos romanos, enquanto são narrados os feitos desse povo na Itália, na Gália, na Germânia, na Hispânia e nas outras províncias, mencionam, de passagem, algumas peculiaridades da nossa gente; e os tempos passados mas já próximos da nossa memória ou da dos nossos pais - depois de repelidos os Mouros lá para longe e alargados os limites de Castela - concederam aos homens cuidadosos que aquele rude século possuiu, algum tempo livre para confiar à escrita as suas realizações.

Tem mesmo esta nossa época muitos exemplos bem ilustres e extraordinários, que poderiam rivalizar com as coisas dos Romanos e de outros povos poderosos, e também tem muitos homens doutos.

Mas não sei por que negligência, que geralmente lhes é congénita (segundo creio) não dão continuidade ao cuidado da honra e glória da sua pátria; ou, se alguma obra escrevem, acham que a devem escrever na língua materna e não em língua alheia, porque não reparam em que a língua vernácula é ignorada pelos estrangeiros, e que a latina nos é muito mais própria do que às outras nações, visto que outrora fez uso dela a multidão das nossas gentes, e com ela tem a maior afinidade esta que agora usamos. De tal modo é assim que algumas vezes vi eu certos escritos elaborados e preparados por algum diligente observador de uma e outra língua, de jeito que soavam em latim para os latinos e em espanhol para os espanhóis.

Por esse motivo, perante tão grande negligência dos nossos homens em relação aos assuntos pátrios, é de esperar que algum estrangeiro, conhecendo a língua espanhola, escreva também a nossa história, como recentemente fizeram Vaseu, Jóvio, Sabélico, Rício, Volaterrano.

Até os príncipes devem ser exortados a que reprimam esta inércia, quer pela proposta de prémios, quer mesmo com ameaças, e que forcem os homens doutos a aplicar finalmente as suas reflexões a este assunto; e que se abstenham de divulgar mais aquilo que eu algumas vezes ouvi: que o que eles querem, em verdade, é somente realizar feitos muito ilustres e dignos de memória, mas deixar a outros o encargo de os escrever (como se não fosse próprio do mesmo valor realizar brilhantemente alguma coisa, e relatar essa mesma coisa para conhecimento das outras pessoas).

Apresentadas assim estas ideias, como P.N. louvasse as minhas palavras, o meu interesse pela pátria, a informação sobre a antiguidade, as recordações da nossa gente e dos nossos tempos, e a variedade e abundância das coisas, e - como costumava - mostrasse por

mim admiração, considerando-me mais do que parecia ser justo, por fim a tal terceira pessoa diz:

&2 - Chegada ao fim a tua exposição, vê que é que lhe falta daquilo que propuseste.

&2

- Pois quê? - digo eu.

&2 - Porque sobre a maneira de ler a história nada indicaste até agora, coisa que principalmente era para indicar, e que eu esperava, com todo o empenho, logo desde o começo da tua exposição. &2

Digo:

- Certamente te agradas muito de preceitos, tu, que sempre me estás a chamar para eles. Aqueles que expus a propósito do modo de escrever a história não puderam ser, para ti, suficientes para ler essa mesma história?

Diz ele:

&2 - Como assim? Acaso tenho eu intenção de a escrever algum dia? &2

- Isso de modo nenhum - digo eu - Mas de que modo hás-de poder distinguir ou discernir a arte e a elegância não só da própria história mas até, em geral, de qualquer coisa bem escrita, se não tiveres bom conhecimento do que é a arte ou de que natureza ela é?

# 10. - Essas coisas que estás a pedir só são entendidas por pessoas doutas e bem preparadas.

Com efeito, quem tenha o dever de fazer da história uma leitura apurada, forçoso é que saiba de que modo ela deve ser escrita. E, do mesmo modo, quem se ocupar de poesia, oratória, debate, comédia, fábula, ou outro qualquer género.

Portanto, somente os artistas e os eruditos conhecem as coisas engenhosas e eruditas, não os homens rudes e ignorantes.

O platónico < Sinésio, > homem grave e de grande engenho e entendimento, \$ escreve em "Dione" que, para formar um juízo cuidadoso a respeito dos livros que lia, tinha o costume de escrever, de modo semelhante, as mesmas coisas que neles se encontravam, para melhor observar o que estaria certo ou pelo contrário. \$

E assim, se tivesse lido uma comédia, um poema, história ou algo semelhante, ele costumava esforçar-se por imitar aquilo mesmo.

E, na verdade, não era nada de pasmoso, pois que para alguém avaliar rectamente o que de Prometeu se diz nas fábulas, é preciso penetrar nas próprias coisas e mudar-se totalmente. E ter-se mudado no tal famoso fogo, outra vez em água, por vezes em peixe, finalmente em alguma outra forma da natureza, isso não é outra coisa senão ter observado, com o esforço da mente, todas essas grandiosidades, por forma a entrar, de algum modo, na própria natureza delas.

Portanto, à leitura junte-se o juízo adquirido não tanto por natureza quanto pela instrução e pelo uso; e depois uma educação não vulgar ou medíocre - como aquela que se diz ter existido em Platão, que teve o hábito de ler os livros do pitagórico Filolau (comprados por elevado preço) com tamanho interesse e aplicação do espírito que esses mesmos livros foram achados perto da cabeça dele já depois de morto.

E para que saibas com que disposição e desígnio devem ser lidas e julgadas todas as obras (eu sei que tu facilmente vais discordar de mim ...) vou apresentar - se vos apraz - (e apresentar em latim, por não gostar de inserir textos gregos nos latinos) as palavras daquele mesmo < Sinésio > que há pouco mencionei, um homem doutíssimo. São palavras de "Dione", livro em que ele dá contas do seu procedimento.

& - Mostra-nos isso, por favor. - diz P.N. - É que esse autor me agrada muitíssimo; só que me parece duro e enredado. &

Digo eu:

- É assim que le fala no final desse livro:

§ "Realmente em nenhuma outra coisa eu aplico as minhas forças a não ser nas que são razoáveis. Muitas vezes, aliás, até suporto o desagrado da leitura de um livro, se não deixar de ter alguma coisa de proveito.

É que demoro nele o meu olhar e exercito -me, de modo que nem um momento sequer me aparto dele, e acompanho a série das coisas e, como quem lê ordenadamente, depois de meditar, digo aquilo que me parece compreender. Algumas vezes, comparando isso que eu digo com os textos escritos, vejo que facilmente alcanço o sentido e a inteligência desse mesmo texto. Assim acontece que, como por conjectura, encontro finalmente alguma coisa que, embora esteja em desacordo com o modo de dizer, todavia se situa perto da forma do texto; e embora a sua compreensão seja diversa, no entanto, muitas vezes ajusta-se bem ao autor do livro, e ele de modo nenhum a rejeitaria se lhe tivesse vindo à mente.

E também isto: se casualmente encontrasse alguns varões liberalmente instruídos, e tivesse nas mãos algum escrito importante que eles quisessem que fosse lido em comum entre nós, era assim que eu fazia.

Quando era possível, não só buscava alguma obra mas também a imitava, falando; não para fazer um exercício (por Hércules!) mas para deste modo progredir e corresponder ao mesmo tempo ao conceito e à linguagem.

Daí, na verdade, nascia a grande admiração e o aplauso daqueles que louvavam o autor, (fosse de quem fosse a obra) e não porque considerassem que algo fora acrescentado.

Assim Deus me formou o espírito, como uma espécie de subtil imagem daquelas formas que estão quer nas palavras quer nos costumes das outras pessoas.

Mas, além disso, se eu lidasse com livros viciados, fazia toda a diligência, e guiava-me a natureza (conhecendo eu isso por experiência) ao ponto de o som encher, realmente os ouvidos desajeitados, demorando-se o concerto não pouco tempo, deixava, por isso mesmo, os ouvidos ainda muito tocados.

E, muitas vezes, nas tragédias, fiz de autor trágico; nas comédias adaptei-me ao gosto de cada escritor. Por isso ora parecia igual a Cratino, ora igual a Crates; às vezes igual a Dífilio ou a Filémon. Enfim, nenhuma forma havia quer de doutrina quer de poesia sobre a qual eu não discorresse ou da qual não tivesse feito ensaio alguma vez.

Mas se redigisse textos completos segundo a forma de outros escritores ou os confrontasse com fragmentos deles - visto que os modos de dizer são muitos e muito diferentes entre si - em muitos casos foi necessário aplicar o meu juízo a cada uma das coisas que, imitando, reproduzisse; assim como a lira que se chama hípata, se conservar a sua força, produz uma consonância quando de igual modo tocada com harmonia." §

Já vedes, portanto, quando a leitura, o parecer de um varão doutíssimo e a sua prudência.

Se, ao lermos textos de história, também nós usamos essa prudência, colheremos daí grandessíssimo fruto.

Quem, efectivamente, com engenho não embotado, com diligência mediana, com trabalho e avisada aplicação, com uma memória não de todo inútil, se aplicar a ler história, desde que siga aqueles preceitos que indiquei mais atrás sobre o modo de a escrever, e que agora em seguida vou dizer mais brevemente, receberá dela, sem dúvida, abundantíssimo proveito para a sua erudição e para a elegância e trato da vida.

Diz aquela terceira pessoa:

&2 - Pois que coisas são estas que achas que devem ser seguidas? As anteriores compreendi-as bastante bem. &2

Digo-lhe eu:

- Leste "O Orador", de Cícero?

&2 - Como não? - diz ele. &2

- E Quintiliano?

&2 - Igualmente. &2

- Então dá o teu assentimento - digo eu - ao que agradar a esses varões.

< Cícero, > em primeiro lugar, no "Orador", dedicado a Bruto, § diz que um futuro orador deve conservar a ordem das acções realizadas e da antiga memória das cidades, dos reis ilustres e dos povos poderosos, porque quem tem conhecimento das coisas passadas facilmente ficará a conhecer as futuras e as presentes, posto que é sempre um só o decurso e o processo das coisas humanas.

Quintiliano aconselha quase o mesmo ao seu orador, para que seja abundante a riqueza dos exemplos, e tenha argumentos de firmíssima autoridade para assuntos forenses e regras de vida. §

Indicam, portanto, as coisas que o orador deve observar para conduzir as causas no foro.

Tu hás-de recordá-las como regras de vida, que, tal como no teatro, também nesta assembleia dos homens é preciso estabelecer com rectidão.

Com efeito, como normas para viver e agir e falar e, afinal, para tudo conhecer, preciso é que tome, de preferência, os exemplos das histórias aquele que as ler; assim não perderá o fruto e a própria utilidade, satisfeito com uma narração inútil e frívola de acções realizadas. Tal como um pintor, se, quando lhe apresentam alguma egrégia forma poara que a imite, ele apenas se deleitar com o brilho e a elegância, e não pensar na sua arte, nem executar a imitação nem procurar reproduzi-la imitando-a.

Como a história deve ser lida, não por divertimento ou para passar o tempo inutilmente, mas para conhecer e imitar uma lei e regra de vida, então a sua leitura deve ser preparada de forma que não só se procurem exemplos de factos, mas também se procure a notícia de ditos, de decisões, de casos e lugares diversos, de muitas gentes e nações, de costumes, de formas de governo, de instituições, tempos, enfim, o curso de toda a vida humana e a plena descrição das vicissitudes.

Por isso se deve anotar cuidadosamente que é que foi dito com acerto ou com indignidade, para fugirmos de um e abraçarmos o outro. E depois, o que aconteceu e em que tempo nos diversos lugares, cidades e nações.

E qual é a posição de muitos lugares, qual a forma do território, qual a natureza do céu e do ar, qual a forma das cidades, dos edifícios, das fortificações, das máquinas, dos estratagemas, dos planos, deliberações, campanhas, exortações, como se manifestou a organização da disciplina militar.

Acontecerá assim que quem se ocupar de assuntos civis pode saber e dizer a forma de uma cidade, de fazer construções, de instruir os cidadãos, de criar leis, de as fortalecer, de as revogar, e conceber rectamente a totalidade da república. E quem cultivar estudos doutrinários dispõe dos exemplos de muitos varões que pode imitar quando aprende, quando lê, quando ensina, quando escreve.

E quem se tiver dedicado ao serviço militar conhece, em modelo, a sua disciplina, todas as determinações, os resultados, os exercícios, a pendência e tudo o mais.

Por essa razão a leitura da história será extremamente útil a todos, desde que sigam esta maneira e método de a ler; isso porque basta a sua visão e a sua matéria para ensinar com muita clareza.

Assim como nas outras coisas que são investigadas pelo engenho e pela diligência dos homens, eles mesmos andam em busca do que é proveitoso para as necessidades da natureza, como são, em geral, todas as artes que se cultivam à mão, os utensílios, as máquinas, as construções, as cidades, a lavoura, o vestuário, os edifícios e outras coisas deste género) assim também a história foi inventada e cultivada e conservada, não para uma comemoração vazia e fútil de coisas pretéritas e presentes - pois dessas ela se ocupa e não das futuras - mas para instrução da vida humana, tal como as leis e a disciplina dos costumes, e também outras artes boas e dignas do homem bem educado.

Pois, como as leis foram estabelecidas para a boa ordem e maneira de viver daqueles cidadãos que estão cercados e defendidos pelas muralhas ou pelos limites de uma região, e tal como a ciência dos costumes foi descoberta para a moderação de todos os homens, a medicina para a sua saúde, e as artes liberais para ornamento da educação, assim foi descoberta a história para incitar os homens à virtude, com ilustres exemplos como se fossem leis; ou para os afastar dos vícios, pela analogia de efeitos contrários; para acalmar e debelar as paixões da alma, e ainda para o cuidado do espírito e para ornato de conhecimentos distintos.

§ Se os mestres consideram que ao orador é necessário, para a sua eloquência, o conhecimento da história, para tratar de causas forenses, de modo que possa usar muitos exemplos como que assegurados pela boa consciência dos antigos - como diz < Quintiliano > - \$ quanto mais havemos nós de crer que ela concorre para a boa formação da vida humana? É que é, de longe, mais útil e de melhor efeito encaminhar os homens para a honradez por meio de exemplos de vida, do que persuadi-los a uma coisa qualquer que alguém deseje.

#10.1. - Os exemplos, na verdade, movem tanto os ânimos dos homens que chegam a imitar os vícios e as más acções alheias, porque são de natureza tal que aquilo que os outros fazem lhes parece que também eles não-de fazer. Efectivamente somos todos, ora uns ora outros, como macacos imitadores dos nossos feitos e ditos, assim como os próprios macacos também nos imitam.

Vimos a vida de um único homem abominável e torpe, qual doença contagiosa e que largamente se difunde, corromper os costumes de outras pessoas. Assim os maus príncipes causam prejuízo aos negócios públicos não tanto pelo facto de os administrarem mal, quanto pelo facto de, com o seu exemplo, depravarem a todos. Assim os pais viciosos são para seus filhos causa e exemplo de depravação.

E como todas estas coisas se encontram com mais evidência na história do que na vida comum das pessoas, por certo não pode duvidar-se, por um lado, de que é muito grande a sua utilidade, e, por outro, de que é essa mesma a sua finalidade - que os homens tirem de lá exemplos para o que lhes é proveitoso.

Se algo deve ser feito ou deve ser dito não apenas por cada homem mas pela totalidade da república, será que nasceram todos tão prudentes e doutos que não precisem de exemplos alheios, que possam imitar?

Que é que ensinou ou confirmou as leis, as artes, a organização da república, a disciplina militar, e todas as outras notáveis coisas que se inventaram, a não ser os muitos exemplos de coisas semelhantes? Desse modo, porque os homens observam, repetidas vezes, que muitos erros se cometiam por determinado motivo, propuseram leis em contrário; porque, por uma só experiência, sabiam que certas coisas se faziam com proveito, levados por esse exemplo, criaram uma espécie de sistema comum; porque, na própria guerra, percebiam que uma coisa era sempre útil e que outra era sempre nociva, descobriram também a forma e a arte de guerrear. E então, porque os exemplos mostravam o que se fazia a propósito, o que se fazia em contrário, o que se fazia com precaução, com imprudência ou ao acaso, o que se

fazia com falta de ânimo ou corajosamente, enfim, o que era bem feito ou mal feito, foram criadas todas as artes, foram concebidos planos e instituições, foram introduzidos cálculos e experiências. Todo o trato da vida humana, os seus cuidados, a sua utilidade foram assim descobertos e aperfeiçoados.

# 10.2. - E porque os exemplos são de tão grande importância quanta dissemos, para qualquer lado da vida que alguém se volte, também assim deve ser considerado que o conhecimento da história contribui para que seja julgado como senhor de muito grande conhecimento das coisas, e de muito grande ciência e prudência aquela que estiver imbuída e mergulhada nela. Pois o que uma viagem a países estrangeiros, uma vida de longa duração, o conhecimento de muitas coisas, a experiência, os pareceres, a prática, a subtileza e a perícia poderão operar em qualquer homem nada negligente, sensato, que compreenda tudo pela força do seu juízo, e tudo note e guarde na memória, isso mesmo, sem dúvida, produzirá a história, melhor e com mais verdade, ela, que abraça todas aquelas coisas e é apresentada como registo e espelho de toda a vida humana, para fins de prudência e informação.

§ Na verdade, se temos os velhos em grande consideração porque acreditamos que conhecem e viram muito, como diz < Quintiliano; > § se entendemos que uma vida longa e a própria imortalidade não-de ser muito úteis para discernir e conhecer as muitas coisas que aqui e ali acontecem; se, por esse motivo, procuramos o conhecimento das boas artes, nos polimos no uso das coisas, convivemos com homens distintos e cultos, para, com esse uso e esse conhecimento, como que nos cultivamos, então certo é que a história deve ser considerada extremamente útil, porque, muito melhor e mais facilmente, pode conseguir isso mesmo.

Além disso, se alguém não fizer caso do proveito, e procurar a consideração ou o contentamento, donde - pergunto eu - pode obter uma e outro mais do que a história?

Com efeito, ela exortará à justiça, pela apresentação de Aristides, Sócrates, Catão, Címon, Cúrio, e outros varões dessa categoria; e também exortará à coragem, com Epamimondas, Temístodes, Alexandre, Pompeio, César, Aureliano, Probo, Aécio, Belisário; exortará à moderação com Camilo, Diógenes, Marco Cúrio; à prudência, com Bruto, Cipião, Platão, Sólon; a fugir da sensualidade e de outros vícios, expondo a ignomínia e a torpeza da vida de Comodo, Calígula, Nero, Heliogábalo, Dionísio, Sardanapalo e semelhantes.

Enfim, não se poderá seguir nenhum modo de vida, quer bom e honesto, quer vicioso, em que não se vejam manifestos os exemplos de muitos homens nos quais não só se percebe de que modo se deve viver, mas também se conheçam, um por um, momentos da vida futura, como que expressos em imagem e observados com muita antecedência.

# 10.3. - E de que coisa receberá alguém um prazer maior e mais fecundo? Quando nos entretem, suspensos, a narração pedante e fabulosa de um qualquer poeta, sabendo-se, ao certo que ela é falsa, e que se faz admirar, louvar, estimar?

É agradável a variedade das coisas e a novidade, o conhecimento de gentes diversas, de costumes, de engenhos, as viagens a países estranhos, a experiência, a notícia de lugares e de tempos, a memória da antiguidade, de ditos e feitos famosos de muitas pessoas.

Realmente, não é por outra razão que a descrição de todas essas coisas - isto é, a história, que as abarca - nos é grata e aprazível.

Por esse motivo, para não dizer pouco quando são muitas e grandes as coisas que, de modo nenhum, podem ser ditas por mim com dignidade bastante, escutai, por favor, o que diz < Marco Cícero, > no discurso em defesa do poeta Árquias, a propósito deste género de estudo:

§ "Estes estudos - diz ele - alimentam a mocidade, deleitam a velhice, são ornamentos das circunstâncias felizes, nas adversas oferecem consolação e refúgio, recreiam em casa, fora

dela não estorvam, acompanham-nos de noite, viajam connosco a terras distantes, estão connosco no campo." §

O que, a respeito de todo o estudo de humanidades, aquele extraordinário varão discorre, com seriedade, com opulência, com agrado e elegância, pode bem entender-se igualmente a respeito do conhecimento da história e do seu proveito, de que procede tão grande prazer e deleite para toda a vida, ao ponto de, muito legitimamente, o mesmo < Cícero, > no Orador, dedicado a Bruto, ter dito, com muito brilho, em relação à história, as famosas palavras:

§ "Desconhecer o que se passou antes de teres nascido é isto -ser sempre um menino.

Pois que é a vida do homem, se não é tecida juntamente com a memória das velhas coisas, com a vida dos antepassados?" §

Ficou na lembrança dos antigos que < Afonso, rei de Nápoles, > quando estava em desavença com Cosme de Médicis, florentino, homem de muita importância, e por este lhe foram oferecidos uns comentários de Tito Lívio, ornamentados ao máximo (porque se dizia que o rei se comprazia na sua leitura), embora os médicos o aconselhassem a que não os lesse - não se desse o caso de no livro haver algum veneno que lhe fizesse mal, pois se devia ter receio da índole florentina; e, no entanto, assim que tomou o livro nas mãos, não só leu como até o folheou com interesse - diz-se que respondeu:

§ - Deixai-vos de tolices, pois que o ânimo de um rei não se rege por nenhum arbítrio de um homem privado. §

# 10.4. - Ilustres palavras, sem dúvida, dignas de um rei tão grande, e que declaram a utilidade e a excelência da história. Pois que há mais digno de reis do que ter um grande conhecimento dos tempos pretéritos e dos séculos e da antiga memória, assim como das nações, dos povos, das gentes, das cidades e dos diversos homens sobre os quais exerce o seu domínio, ou de quem é adversário ou é amigo?

Que coisa mais ajustada e mais útil para o planeamento do bem comum? Que coisa mais apropriada ao governo dos povos? E para a proposta de leis, para a tomada de decisões, enfim, para todas as coisas, tanto particulares como públicas, tanto civis como militares?

Portanto a utilidade da história é, na verdade, muito grande; muito grande é, igualmente, o encanto e o prazer. E que não só está disponível, do modo mais amplo, para tudo o que é útil na vida, mas também dá grande prazer, quer nos encontremos sozinhos e com tempo livre, quer atarefados e no meio de uma reunião e ajuntamento de pessoas.

A história, porém, não é só útil ou aprazível pelo facto de nos dar estes frutos que eu disse, também é precisa, não tanto para aqueles cujos feitos ou ditos são celebrados, mas mais ainda para os negócios públicos e para as cidades.

Pois que coisa alguém faria com perfeição se estivesse persuadido de que isso passaria despercebido? Então os bons chefes, mas batalhas, correriam para uma morte certa, se dali não lhes resultasse nenhuma glória futura, nenhuma menção de louvor?

A que propósito as pessoas melhores e de nascimento preclaro procuram levar vantagem às outras nos feitos, nos ditos, na erudição, no desejo de excelência, na dignidade, nas honras, no louvor, nas riquezas? Acaso tratam disso sem mais? Certamente que não, mas com o desejo da imortalidade, a qual, pela recordação deles junto dos vindouros, esperam que será duradoura na terra.

Assim os chefes mais excelentes e os mais motivados para a perfeição esforçam-se, pela prática de acções ilustres, por deixar uma firme e perpétua memória do seu valor, e querem que isso seja feito com troféus, monumentos, louvores e obras escritas.

Os poetas também, nos seus versos, aqui e ali, prometem a si mesmos a imortalidade.

Daí as palavras famosas de < Horácio Flaco > :



§ “Por essa não usual nem fraca serei levado, eu, vate de dupla forma [metamorfoseado], através do claro éter; nem por mais tempo habitarei na terra e - superior à inveja - eu deixarei as cidades.” §

Mas aqueles filósofos que desprezam o louvor e a glória, e também os doutos procuram - todos eles - deixar com os seus escritos uma eterna recordação sua. § E, como todos os homens, conforme diz < Platão, > desejam ser louvados e recordados por forma que, se for possível, a lembrança da sua glória seja eterna, pois estão dominados pelo amor da imortalidade, § então faz-se uma grande injustiça a varões excelentes e muito ilustres, se - não restando deles nenhuma obra que no-los faça recordar - toda a sua lembrança for para a terra com a sua morte, e for coisa desconhecida de todos se, em algum tempo, eles viveram ou não.

Com razão, em meu entender, o poeta < Horácio, > o mais polido neste assunto diz:

§ "Se os livros nada dizem, não terás a recompensa do que fizeste bem feito. Que seria do filho de Ília e de Marte se um silêncio de inveja obstasse aos méritos de Rómulo?

A Éaco, liberto das ondas estíguas, o seu valor, e também o aplauso e a língua dos poderosos vates é que o immortalizam nas Ilhas Afortunadas.

A Musa não consente que morr um varão digno de louvor: a Musa fá-lo feliz no Céu." §

Pois quê? § < Os poemas, cheios de fábulas, mentiras e exemplos viciosos que geram sentimentos depravados, que corrompem os ânimos dos homens com a vida efeminada, o luxo e outros vícios (como diz < Platão > ), § os poemas têm esse poder, e a leal e firme verdade da história não o terá?

Então, sem dúvida, neste ponto necessária é a história, se queremos conceder prémios dignos de acções louvavelmente praticadas.

Pois, como diz o mesmo < Horácio > :

§ "Viveram antes de Agamémnon muitos homens valorosos, mas sobre todos eles, sem que alguém os chore, sem que alguém os conheça, pesa a longa noite, porque não têm um vate querido dos deuses.

O valor oculto pouca diferença faz da cobardia sepultada." §

Realmente ele teria razão se não tivesse atribuído aos poetas aquilo que é próprio e peculiar da história.

Mas se consideramos a história tão grandemente necessária a cada um dos homens, que se há-de julgar que será ela em relação a todas as cidades?

Por um lado, o bem da república está contido no bem dos cidadãos considerados individualmente, e, por outro, a mesma cidade não pode aguentar-se sem usos, sem costumes e instituições antigas, sem modelos, sem leis e a sua disposição, o seu entendimento, os seus princípios (coisas que são todas elas ligadas à história).

Certamente, se os homens, individualmente, por todo o tempo que carecerem da memória e do conhecimento de muitas coisas, são rudes, agrestes, incultos, cegos, mudos, enfim, infantis e muito semelhantes aos animais, muito mais a própria cidade que for constituída por tais homens. é que ela é tida por virtuosa ou viciosa justamente porque é formada por bons ou por maus cidadãos.

§ Por isso é que (em < Platão, > no Timeu) aquele sacerdote egípcio chama meninos a Sólon e aos Gregos, porque não tinham nenhuma lembrança da antiguidade, nenhuns monumentos autênticos e antigos. §

Ora isso mesmo pode justamente convir não só aos Gregos, mas a todos as cidades, a todos os varões ilustres, a todos os príncipes e reis que, enquanto menosprezam esta recordação de si mesmos, serão considerados meninos, com muito boa razão, e meninos muito insensatos.

Obstinha cada um para si próprio grandes riquezas, reinos e impérios vastíssimos, comporte-se com muito valor e muita prudência na paz e na guerra, seja douto, prudente, cordato, justo, moderado, enfim, ornado e provido de todas as boas qualidades. Que interessa isto ao bem comum, se for tudo isso somente para ser proveito e não para o dos outros? Se todos os mais ignorarem isso, se nenhuns forem participantes da felicidade e fortuna daquele?

Sem dúvida será envolvido no mesmo silêncio que outro proveniente do meio do lodo do vulgo; vai fazer igualmente ignorado, obscuro, desprezado.

Vedes, senhores, que útil, que aprazível, que necessária, certamente, é a história e a sua utilização, ao ponto de quase se seguir que nós nem sequer somos homens se carecermos dela, pois que é extremamente próprio do homem saber e conhecer não apenas aquelas coisas que se apresentem aos sentidos, mas também as que se ofereçam à reflexão, ao entendimento, à memória. E essas mesmas que entrarem na memória e nela estiverem esculpidas, sejam como que abarcadas pela história.

Conhecer e perceber as artes liberais que outra coisa é senão conhecer a história do entendimento delas?

Igualmente, que outra coisa é conhecer as ciências matemáticas e toda a filosofia senão ter esculpido na memória todas as noções dessa matéria, tal como ter um livro de várias histórias?

Assim no Fédon, Platão chama "história" ao conhecimento da física. Assim a medicina faz a resenha das partes do corpo humano, das doenças e suas causas e sintomas, dos géneros de medicamentos e tudo o mais, como uma longa história. Assim o conhecimento das leis e das instituições da cidade é também uma história das coisas instituídas pela cidade ou pela república. Assim, finalmente, todas as ciências são histórias e assim podem correctamente chamar-se. E tal como é útil e agradável conhecer a história, conforme eu disse.

Tendo eu dito isto, e considerando, finalmente, terminada a minha exposição, eis que, como saindo de repente de algum esconderijo, aquele terceiro, tal como fizera mais vezes diz: #10.5. &2 - Mas tu ainda não indicas a maneira ordenada de ler a história, a princípio prometida; como se estivéssemos na disposição de ter deixar ir sem a conversa acabar ... &2

Então eu digo:

- Qual a causa de vires contra mim tantas vezes? Queres que exponha o assunto mais claramente do que atrás foi explicado?

Bem podia parecer que te deixei satisfeito, a ti e a qualquer pessoa não importuna, depois de apresentar a utilidade e a necessidade da história. Mas agora, finalmente, entendo o que queres: mandas-me voltar atrás, a não sei que infantilidades e coisas demasiado miúdas, enquanto me vais extorquindo tantos preceitozinhos inúteis, e indignos de um homem engenhoso.

Primeiramente, portanto, (para me prestar aos teus desejos) e visto que, ao ler história, se procura utilidade quer para a orientação da vida quer para a elegância da educação, repara na ordem dos tempos, assim como: o que, nos tempos de Troia, se passou na Grécia, na Ásia, na Itália e restantes regiões; o que se passou nos tempos seguintes, desde então até à tua época, de modo que tenhas à tua disposição o conhecimento de quase toda a precedente vida e dos séculos todos.

Além disso, observa as mudanças de gentes, de povos, de reinos, a fundação ou a destruição de cidades, enfim, a economia de muitos lugares, a sua situação, a natureza, o solo, o céu, as coisas dignas de memória. Observa também as acções praticadas nesses lugares pelos reis, pelos povos, pelas nações, e por simples particulares, tanto na paz como na guerra. Observa igualmente os ditos, os feitos, as resoluções, o engenho, os costumes da vida toda,

não apenas de homens preclaros mas também dos detestáveis, e de gentes e nações diversas. Observa depois os discursos que fizeram homens diversos, a opinião d pessoas honestas, a do historiador, a instrução, a diligência, a eloquência, a ordem, enfim, outros defeitos ou virtudes da história.

Destas coisas será que não falei com suficiente abundância e riqueza?

&2 - Falaste, - diz ele -, mas não de maneira que pudessem ser facilmente entendidas.

&2

Digo eu:

- Desejas então que ensine com exemplos como é que estas mesmas coisas devem ser observadas?

&2 - Não é nada preciso - diz ele -. Ditas assim, com brevidade, agradam mais e parece que serão úteis. &2

- Portanto - digo eu - não há mais nada que da minha parte desejes ou estimes com veemência, conforme fizeste até aqui.

P.N., porém, diz:

& - Mais nada, realmente. E abraço com prazer este nosso amigo, que, pressionando assim, teve o poder de te extorquir um discurso tão douto, tão elegante e erudito, tão variado e abundante. E de certeza, não fosse eu parecer-te talvez atrevido na insistência de pedir, teria sido eu a rogar-te isto mesmo, e não teria cessado de rogar antes de ser atendido. Portanto, nem te zanges com este nosso amigo, nem julgues que fizeste, sobre este assunto, um discurso demasiado longo, que a mim me pareceu muito ameno e agradável, e que não pode ter parecido prolixo, pois que foi recheado e polido com tanta variedade de assuntos, tanta abundância, tanta elegância e ornamento. &

# 11. - & Quanto às regras que fornecestes para escrever a história, ainda que não usaste nenhum autor para confirmar a tua opinião, de maneira alguma discordaria de ti, eu, que totalmente as aprovo e louvo.

Portanto, visto que tens a arte de dizer e elegância e erudição e capacidade de julgar, e engenho, e conhecimento e prática de muitíssimas coisas, e uma ideia muito perfeita de fazer a história, porque motivo não te entregas, em arranjando ocasião e tempo livre, a cultivar e ilustrar os feitos pátrios, como eu te dizia a princípio?

Pois qual de vós está preparado, tanto como tu, com tantos recursos de boas artes, tantos recursos de eloquência, de instrução e de antiguidades?

Quem toma, com maior celeridade, fervor, esforço e diligência, os assuntos que se hão-de escrever e ponderar, e, uma vez começados, com mais facilidade e de melhor maneira os leva até ao fim? Quem poderá, com estilo mais brilhante e mais ornato, confiá-los à escrita?

Na verdade, por muitos motivos te acompanhei muitas vezes com grande interesse, mas principalmente agora, ao ouvir esta tua exposição. É que por ela fiquei realmente tão tocado que parece (coisa que se diz a respeito de Péricles) terem ficado no meu espírito alguns argulhões da persuasão.

Tu falas tão a propósito e tão habitualmente, tens no discurso uma tal força, uma tal suavidade e sinceridade que falas e nos convences do que quiseres. A mim, pelo menos (para dizer a verdade) convenceste-me completamente, e a este terceiro, segundo dele entendo, foi do mesmo modo.

Portanto, quanto em meu juízo posso alcançar, (se parece que hei-de julgar alguma coisa rectamente nesta causa) eu creio que nada há mais culto do que o teu discurso, nada há feito mais cuidadosamente, com abundância de factos e de doutrina, nada mais verdadeiro do que o teu parecer, nada, enfim, mais excelente do que a tua opinião. &

Digo eu:

- Diz isso com mais moderação, amigo. De facto estás a atribuir-me mais do que há em mim ou do que eu reconheço. Muito louco serei eu e mesmo sem nenhum senso, se admitir as coisas que julgaste haver em mim e na minha exposição. E muito mais doido, realmente, do que \$ aquele Trasilau a respeito do qual escreve < Ateneu; > sofria de tal género de loucura que, diariamente, indo até ao Pireu, julgava que eram seus todos os navios; anotava por escrito os que saíam do porto, recebia com o maior prazer os que chegavam, via atentamente as mercadorias e indicava o valor delas, enfim, era tão diligente nessa actividade que parecia dono de todos eles. \$

Ele, por causa da sua enfermidade da loucura, julgava que todas as coisas eram suas; eu, porém, se me arrogar isso que me atribuis, serei um louco com siso e de caso pensado: é que permitiria que essas coisas me fossem atribuídas, sem ter a mente alienada por alguma enfermidade, mas são íntegra, perturbada porém por demasiado amor próprio e parcialidade.

Assim, deixa-te de conceder a um amigo um louvor tão grande que a qualquer pessoa pode parecer suspeito e falso, e que se julgue que tu, levado por um excessivo afecto, não tens uma opinião justa.

E P.N. diz:

& - Quando afirmas que eu, ao louvar-te, excedo a medida, tu mesmo a ultrapassas, de muito longe, ao diminuíres-te. Não penses mal de ti nem tenhas falta de confiança. Embora isso seja próprio da tua moderação (que sempre louvei em ti e sempre tive em grande apreço) no entanto, isso é extremamente nocivo para os que procuram outros desígnios maiores. É que a esses lhes lança como que grilhões, de modo que não podem atingir o seu fim senão inquietos e timoratos.

Assim, tal como na guerra e em assuntos graves para o bem comum é necessário um grande ânimo para, sem desespero, se superarem as adversidades e se empreenderem coisas difíceis, assim nos estudos literários (conforme diz o vosso Platão se requer uma não menor elevação e contenção do espírito, não só para levar até ao fim os trabalhos dos estudos, mas também para aprender, para ler, para ensinar e escrever.

Por consequência, este, quando anda a aprender, desespera de o conseguir porque é árduo, porque é obscuro e difícil, e nunca compreende bem (sendo que, de algum modo, o seu ânimo recusa o trabalho); e, mesmo que compreenda, não estará suficientemente firme ou seguro; é que sempre vacila e está irresoluta a mente que não confia em si mesma.

Por consequência, aquele, quando está a ler, em qualquer ponto entra em dúvida, hesita, tropeça, fica preso nas dificuldades; julga que nada pode entender devidamente, que nada pode guardar na memória; e lá cai ele no precipício em que caiu o que antes mencionámos, e nunca lerá nem entenderá nada correctamente.

Por consequência, também este último deprecia sempre o seu ofício de ensinar, como difícil, como inadequado para si, e, tomado de um receio enorme, não é útil para si nem para os outros - já que a ciência, como as outras coisas boas, não deve ocultar-se nem apartar-se da comum utilidade. &

# 11.1. - & Por consequência ainda, este outro está abalado pela vulgar opinião daqueles que dizem que já não se deve escrever nada, por existirem, em tão grande número, notáveis escritos dos antigos, os quais podem ser o equivalente de tudo. E também está abalado porque é difícil explicar bem as paixões da sua alma, e expor-se ao juízo de todos, porque é conveniente, se alguma obra há-de ser publicada, que ela seja perfeitíssima; e porque, segundo o preceito de Horácio, qualquer coisa que se escreva deve guardar-se escondida até ao nono ano, para que não chegue à mão das pessoas antes que se mostre cultivada, limada e polida de todos os lados. &

Mas ele -digo - levado por uma vulgar opinião, se puder escrever e nada escrever, sem dúvida que erra e deveria ser afastado do convívio dos homens, afastado da sua cidade e de toda a região, como pessoa contrária ao bem do género humano. Pois quê? Se os escritores antigos, pelo facto de antes deles terem escrito Platão, Aristóteles e outros excelentes varões, não tivessem deixado escritas nenhuma das notáveis obras que escreveram, de quanta luz de doutrina e de numerosas coisas estaríamos privados? Pois quê? Se aqueles que agora ou no tempo que nos precedeu publicaram muitas obras, preferíveis até às mais antigas, tivessem tido essa ideia, não estaríamos privados de uma grande utilidade e um grande proveito? Quê? Se todos assim pensarem, se se contentarem com os antigos, se além deles nada procurarem, nem acrescentarem nem retirarem, em nada, por certo, serão diferentes de ignorantes e incultos campônios, ou de velhotes que, parados sempre nas mesmas pegadas, não contemplem a própria natureza das coisas, não estimulem nem aumentem a acuidade do seu espírito, não formem juízo sobre aquilo que estiver em uso, mas que, crédulos em opiniões sem bom senso, sejam guiados por elas e não por um juízo, não por uma recta consideração, não pela experiência (que surge todos os dias) não pela observação, não pela correcção dos erros que tenham achado nos outros, não pela adição de coisas úteis ou pela supressão das inúteis e das supérfluas (que são muitas nos antigos e sempre o serão em todos, porque nada pode fazer-se inteiramente perfeito e acabado).

Que é difícil alguém apresentar em público os pensamentos e sentimentos da sua alma e sujeitar-se ao juízo de muitos, realmente ninguém o nega; mas, quanto mais difícil isso é, tanto mais louvável e mais útil, e tanto mais esforçoso se há-de fazer, com maior cuidado e empenho.

Nós não queremos que qualquer um do meio da turba emprenda isso inconscientemente, mas quem tenha a capacidade para dedicar a este assunto o seu trabalho, o seu cuidado e diligência, quem possa escrever e limar e corrigir e com os amigos confrontar muitas vezes as mesmas coisas, e em seguida publicar. E se então ainda parecer que algo precisa de ser cuidado, fazendo uma segunda e até uma terceira edição, se for necessário; e então agora, quando há uma tão grande oportunidade de imprimir livros, como ninguém podia nem sequer desejar antes de a terem inventado.

Ora, se o assunto for tratado e investigado deste modo, que obsta a que se publique (visto que a nenhum douto ou varão de grande entendimento e engenho não pode nem deve desagradar aquilo que, examinado e corrigido diligentemente, seja agradável aos bons entendimentos)?

Com efeito, desse modo não teríamos nem aqueles famosos escritos dos antigos, já que até nas mais notáveis obras deles não pode deixar de ocorrer, às vezes, alguma coisa digna de repreensão.

# 11.2. - Mas guardar até ao nosso ano o que se escrever - eu, na verdade, admitiria isso de boa vontade se, quer por aqueles que o preceituaram quer por outros grandes autores, isso tivesse sido observado ou se eles tivessem notado que, nesse caso, a obra será muito melhor, ou se eu julgasse que são iguais os engenhos de toda a gente.

Mas não vendo eu nada disso, que utilidade há em inculcar e propor isso, tantas vezes, a varões muito sábios, e propor não com recto juízo, mas com um invejoso desejo de depreciar?

A Horácio isso agrada. Mas de outra maneira entende < Quintiliano, > que àquele seu perfeitíssimo orador indica este tempo de emenda das obras escritas:

§ "Não há dúvida - diz ele - que é uma ótima maneira de emendar, se os escritos se guardarem por algum tempo, para, depois do intervalo, voltarmos a eles como a coisas novas

ou alheias, de modo que não nos afaguem os nossos escritos como se fossem filhos recém-nados.

Mas isto não pode dar-se sempre, particularmente com o orador, que tem necessidade, bastantes vezes, de escrever para usos imediatos.

E a própria emenda tem limite.

Há, de facto, quem retome todos os seus escritos considerando-os defeituosos, como se fosse da justiça divina não estar correcta nenhuma coisa que é a primeira, e julgue melhor qualquer outra, seja ela qual for; e há quem faça isso todas as vezes que voltar a ter o livro nas mãos, aconselhando-se a um médico que contasse mesmo as partes sãs.

Acontece por isso que as obras ficam cheias de cicatrizes e exangues, e piores por causa do tratamento.

Pois que fique, finalmente, uma coisa que agrade, ou que ao menos seja suficiente: para a polir com a lima, não a vá deixar raspada.

Também deve haver uma conveniente medida do tempo. Porque ouvimos dizer que a "Esmirna" de Cina foi escrita em nove anos, e o "Panegírico" de Isócrates elaborado, com muito condimento, como dizem, em dez anos, isso não diz nada respeito ao orador, para quem o auxílio será nulo se for tão tardio." §

E esta opinião de Quintiliano, que é mais plausível e melhor, não difere muito da de < Horácio. > Nem este diz que toda e qualquer obra se há-de guardar durante nove anos, mas aquela que desde a sua primeira feitura saiu imperfeita e rejeitada pelo opinião dos entendidos.

É assim que ele diz:

§ "Tu nada dirás nem farás contra a vontade de Minerva; é esse o teu entendimento, esse o teu parecer. No entanto, se algum dia escreveres alguma coisa, que ela desça até aos ouvidos de Mécio, o crítico, e aos ouvidos de teu pai, e aos nossos, e que fique guardada até ao nono ano." §

& Mas se - diz ele - no entender de homens doutos, a obra parecer escrita contra a vontade de Minerva, adia por longo tempo a sua publicação. E ao contrário - como muitas vezes se faz, e Quintiliano aconselha- se a obra tiver nascido logo perfeita e esmerada (o que facilmente conseguirás, se procederes "segundo a arte" <"às instruções da profissão">) não será preciso muito tempo.

Assim, não vamos admitir essas novenas de anos (usadas mais na expressão poética do que na expressão natural) como número ajustado e perfeito para realizar uma obra, pois vemos que grandes varões entendem e ensinam de outra maneira, e que de outra maneira fizeram os mais doutos dos antigos, diversamente do que se julga.

Pois, se Platão, que viveu oitenta e um anos, dos setenta e oito livros ou diálogos, que escreveu ao mesmo tempo que as epístolas, houvesse de guardá-los, um a um, durante nove anos, teria precisado de viver cento e trinta e dois anos, não contando a infância e a meninice.

Pois, se Aristóteles, Xenofonte, Teofrasto, Galeno, Dídimos, o gramático (a quem, pelo grande número de livros escritos, Demétrio de Trezena chamou ["O esquecido dos seus livros"]) Orígenes, e, dos latinos, Cícero, Marco Varrão, Agostinho e muitos outros autores importantíssimos tivessem seguido aquele conselho, não teriam escrito tão numerosas obras, as quais, pela sua suprema utilidade, poderão parecer-nos bem poucas.

Mas esta é uma opinião de poetas que louvam o seu trabalho e o seu interesse por matéria sem valor e até fútil, para se fazerem de grande preço. E esses, como queriam compor coisas que fossem alheias a toda a razão, e como a própria razão, rectamente formada pela natureza, não sofria que a distorcessem, tirando-a do uso do senso comum para uma via

inusitada e falsa, adiro-me eu, realmente, de que esses não tenham pedido até mais tempo, ou mesmo o tenham gasto naquele exercício tão vão.

Mas, por favor, afinal que é que trazem a público?

Um traz umas fábulas muito indecorosas e muito pestilentas para os costumes dos jovens, outro traz sátiras, outro epigramas, outro uma "Tebaida" elaborada em doze anos (que ninguém pode ler sem fastio), outro, enfim, traz algum ridículo rato, nascido (como diz o mesmo Horácio) depois de um demorado parto.

Portanto, os varões doutos e prudentes julgarão de outro modo, e, com tento e não levados por este fútil parecer dos poetas, não vão considerar iguais ao engenho de todos os homens, nem vão pensar que se deve aconselhar o mesmo tempo para a correção das obras de todos os escritores. Com efeito, a certos engenhos, quer para aprender quer para escrever até ao fim alguma coisa, bastam-lhes poucos meses; a outros, nem mesmo muitos anos; um apresenta logo uma obra perfeita e bem trabalhada; outro tarda mais; outro nem sequer tardiamente é capaz de a executar. Então? Por isso deu-se uma sistematização da arte e do modo de fazer, a fim de que, dado a saber um simples método, aquilo que os homens, com grande esforço, mal podiam conseguir, o alcançassem e o realizassem facilmente.

Mas não esteja eu a ensinar, com muitas palavras, uma coisa bastante manifesta, e para ti assaz conhecida.

Continua, como começaste, a escrever, e essa notável força da tua alma não a deixes estar ociosa. &

Depois que P.N. disse estas coisas, e como aquele terceiro tivesse concordado com ele, apresentei os meus agradecimentos pelo bom e útil conselho, e foi com extremo agrado que deles me despedi.

FIM

2.3.1. Discriminação dos autores das citações, com indicação do número de palavras por citação e capítulo.



parte	autor	SumOfpalavras
01	< Atico >	21
02	< Estrabão >	45
02	< se diz >	36
03	< Quintiliano >	195
04	< Dionísio de Halicarnasso >	24
04	< Lívio >	98
05	< Conta-se >	32
05	< Juvenal >	11
05	< Luciano >	27
05	< Marco Túlio >	51
06.2	< Lívio >	64
06.3	< César >	139
06.3	< Lívio >	132
06.4	< Justino >	26
06.4	< Lívio >	174
06.4	< Platão >	33
06.4	< Virgílio >	129
06.4.1	< Lívio >	84
06.4.1	< Salústio Crispo >	217
06.4.1	< Virgílio >	40
06.4.2	< Lívio >	77
06.4.4	< Justino >	46
06.4.4	< Lívio >	17
06.4.4	< Plínio >	34
06.4.4	< se diz >	137
07.2	< César >	47
07.2	< Cornélio Tácito >	38
07.2	< Lívio >	542
07.2	< Salústio >	74
07.2	< Salústio Crispo >	24
07.4	< César >	122
07.4	< Cornélio Tácito >	101
07.4	< Lívio >	81
07.5	< Catão >	1777
07.5	< César >	90
07.5	< Fábio Quintiliano >	51
07.5	< Justino >	56
08.1	< Aristóteles >	27
08.1	< Cícero >	94
08.1	< Lívio >	204
08.2	< Apuleio >	33
08.2	< Dionísio de Halicarnasso >	82
08.2	< Lívio >	64
08.2	< Quintiliano >	71
08.2	< Salústio >	44
09	< Díon >	73
09	< Marco Túlio e Plutarco >	106
10	< Sinésio >	41
10.1	< Cícero >	85
10.1	< Quintiliano >	45
10.1	< Sinésio >	461
10.2	< Quintiliano >	22
10.3	< Afonso, rei de Nápoles >	22
10.3	< Cícero >	82
10.4	< Horácio >	120
10.4	< Horácio Flaco >	36
10.4	< Platão >	72
11	< Ateneu >	67
11.2	< Horácio >	55
11.2	< Quintiliano >	232

Morcillo

Total de Citações/Autor

Autor	Palavras
< Afonso, rei de Nápoles >	22
< Apuleio >	33
< Aristóteles >	27
< Ateneu >	67
< Atico >	21
< Catão >	1777
< César >	398
< Cícero >	261
< Cornélio Tácito >	139
< Díon >	73
< Dionísio de Halicarnasso >	106
< Estrabão >	45
< Fábio Quintiliano >	51
< Horácio >	211
< Justino >	82
< Juvenal >	57
< Lívio >	1537
< Luciano >	27
< Marco Túlio >	51
< Marco Túlio e Plutarco >	106
< Platão >	105
< Plínio >	34
< Quintiliano >	565
< Salústio Crispo >	359
< se diz >	205
< Sinésio >	502
< Virgílio >	169

AUTORES	TOTAL	MORCILLO			
		Total Morcillo	1-4	5-6.4.4	7-8
Tito Livio	99	42	5	17	
Cicero	67	23	3	2	
Salustio	58	22	3	8	
Cesar	39	24	3	10	
Platão	38	29	7	3	
Tácito	34	6	1	1	
Tucidides	32	6	4		
Plutarco	31	7	2		
Polibio	30	6			
S. Jeronimo	28				
Aristoteles	27	11	3		
Quintiliano	26	14	3		
Dionísio Halicarnaseo	23	8	1		
S. Agostinho	23				
Xenofonte	20	9	3		
Herodoto	20	8	3		
Plinio	19	4			
Horacio	18				
Catão	17	7	2		
Homero	17	4			
Suetónio	15	4			
Beroso	15	2			
Virgilio	14	6			
Sócrates	12	6			
Moisés	12	4			
Eusebio	11	1			
Josefo	11	1			
Justino	10	5			
Estrabão	10	2			
Quinto Curcio	9				
Sêneca	9				
Díon Casio	9	1	1		
Lipsio	9				
Isocrates	8	5		4	1
Luciano	8	3		1	2
Bartolomé Leonardo	8				
Lupercio Leonardo	8				
Horacio Flaco	7	7			7

AUTORES	MORCILLO				CABRERA				GENIO B							
	TOTAL	Total Morcillo	1-4	5-6.4.4	7-8.3	9-11.2	Total Cabrera	Discurso I	Discurso II	Citados em nota	Total Genio B	Exordio	Parte I		Parte II	Parte III
													Cap. 1 a 6	Cap. 7 a 10		
Teofrasto	7	5	3		1	1	2	1	1							
Teopompo	7	3	1		1	1	4	3	1							
Filistio	7	1	1				6	5	1							
Apiano Alexandrino	7	1			1		5	3	2		1		1			
Fábilo Romano	7						7	7								
Megastenes *	7						6	6			1					1
S. Ambrosio	7						1			1	6				1	5
Zurita	7						1		1		6				2	4
Atheneo de Sardanápalo	6	4	1			3	2		2							
Diodoro Siculo	6	1	1				5	3	1	1						
Lampridio	6	1		1			5		3	2						
Amiano Marcelino	6						6	3	3							
Maneton	6						6	5	1							
Polidoro	6						6	2	4							
S. Isidoro	6						6	3	3							
Baronio	6						3	1	2		3				2	1
Marco Valério Marcial	6						1		1		5			2	2	1
Biondo	5	3	1		2		2		2							
Sabelico	5	2			1	1	3	1	1	1						
Demostenes	5	1			1		3		3		1		1			
Antipatro	5	1	1				2	2			2		2			
Guichardino	5						4	2	2		1					1
Juan Costa	5						3	1	1	1	2		1			
Nauclero *	4	2	1		1		2	2								
Pisón	4	2	2				2	2								
Valerio Máximo	4	2			2		2		2							
Acasilau	4	1	1				3	3								
Galeno	4	1			1		3		3							
Aulo Gelio	4						4	2	2							
Beda	4						4	2	2							
Flavio Vopisco	4						4		4							
Macrobio	4						4	2	2							
Paulo Orosio	4						4	2	2							
Trogo Pompeyo	4						4	1	3		1					
Arriano	4						3	3			1		1			
S. Tomas de Aquino	4						3	1	1	1	1					1
Ambrosio de Morales	4						2	1	1		2					1
Lucio Flavio Dextro	4						1	1	1		3		1			2

AUTORES	MORCILLO					CABRERA				GENIO B							
	TOTAL	Total Morcillo	1-4	5-6.4.4	7-8.3	9-11.2	Total Cabrera	Discurso I	Discurso II	Citados em nota	Total Genio B	Exordio	Parte I		Parte II	Parte III	
													Cap. 1 a 6	Cap. 7 a 10			
Bautista Mantuano	4										4				3	1	
S. Bernardo	4										4					4	
Marco Túlio	3	3	1	1		1											
Sisena	3	2	2				1	1									
João Vaseu	3	2	1		1		1	1	1								
Apuleyo	3	1	1		1		2	1	1								
Ferécidas	3	1	1				2	2									
Freculfo *	3	1			1		2	2									
Nicéforo Gregorio	3	1			1		2		2								
Pindaro	3	1			1		2	2									
Posidonio	3	1			1		2	2									
Helánico	3	1	1				1	1			1						
Juvenal	3	1			1		1	1			1						
Lucano	3	1			1		1	1			1				1		
Darete Frigio	3						3	3									
Eilánico de Mitilene	3						3	3									
Galicano	3						3		3								
Iamblico	3						3	1									
Paulo Diácono	3						3	1	1								
Paulo Jobio	3						3		3								
Polion *	3						3		3								
Prisciano	3						3	1	2								
Procopio	3						3	2	3								
Suidas	3						3	1									
Trebello Polion *	3						3	3									
Zonaras	3						3		3								
Cornelio Nepos	3						3	2	1								
Erio Quinto	3						2	2							1		
Estevan de Garibai	3						2		2								
Julio César	3						2		2						1		
Tranquilo	3						2	2							1		
Ulpiano	3						2	2							1		
Soévola	3						1	1							1		
Arquias	2	2				2					3						3
Cadmo de Miliato	2	2	2														
Cesiodoro	2	2				2											
Fábio Pintor	2	2	2														
Sinésio	2	2				2											

AUTORES	MORCILLO				CABRERA				GENIO B							
	TOTAL	Total Morcillo	1-4	5-6.4.4	7-8.3	9-11.2	Total Cabrera	Discurso I	Discurso II	Citados em nota	Total Genio B	Exordio	Parte I		Parte II	Parte III
													Cap. 1 a 6	Cap. 7 a 10		
Athico	2	1	1				1		1							
Callistenes	2	1	1				1	1								
Eforo	2	1	1				1	1								
Filarco	2	1		1			1	1								
Filostrato	2	1	1				1		1							
Isidoro	2	1			1		1		1							
Orígenes	2	1			1		1		1							
Pomponio Mela	2	1		1			1		1							
Aristarco	2	1	1							1					1	
Diógenes Laercio	2	1	1							1						1
Achilles	2						2	1	1							
Agathio	2						2	2								
Alberto Kranzio *	2						2	1	1							
Antonio de Lebrixa	2						2		2							
Argenton	2						2		2							
Assinio Pollion	2						2		2							
Aurelio Casidoro	2						2	1	1							
Carlos Quinto	2						2	1	1							
Carolo Sigonio	2						2	2								
Diogenes	2						2		2							
Don Rodrigo Ximenez	2						2	1	1							
Elio Esparciano *	2						2		2							
Eutropio	2						2	2								
Fausto	2						2		2							
Filino Cartaginés *	2						2	2								
Gregorio Cedreno *	2						2	2								
Gregório Turonense *	2						2	2								
Guilélmo Tirio *	2						2	1	1							
Herodiano	2						2	2								
Herodoto Halicarnaseo	2						2	2								
Josefo Escaligero	2						2		2							
Julio Capitolino *	2						2		2							
Laurencio Vala	2						2		1	1						
Lucio Craso	2						2		2							
Lucrecio	2						2	2								
Ovidio	2						2	1	1							
Patrículo	2						2		2							
Posejuno	2						2	1	1							

AUTORES	MORCILLO				CABRERA				GENIO B							
	TOTAL	Total Morcillo	1-4	5-6.4.4	7-8.3	9-11.2	Total Cabrera	Discurso I	Discurso II	Citados em nota	Total Genio B	Exordio	Parte I		Parte II	Parte III
													Cap. 1 a 6	Cap. 7 a 10		
S. Gregorio	2						2	2								
Sempronio Assellio	2						2	1	1							
Sulpicio	2						2		2							
Tibério	2						2		2							
Tiraquelo *	2						2	1	1							
Trasímaco	2						2	1	1							
Tulio Hostílio	2						2	1	1							
Valério	2						2	1	1							
Vegecio *	2						2	1	1							
Vinando Pighio *	2						2	2								
Volcacio *	2						2		1	1						
Zozimo Gazeo Ethnico *	2						2	1	1							
Adamus Kalberius *	2						2	1	1							
Paulo Aos Corintios (carta)	2						2			2						
Politianus	2						2			2						
Suetonius	2						2			2						
Vegetius	2						2			2						
Adriano	2						1	1			1					
Aristobolo	2						1	1			1					
Citarco	2						1	1			1					1
Eratóstenes	2						1	1			1					
Filipe de Comines	2						1	1			1					1
Florian de Ocampo	2						1	1			1					1
Frei Joseph de Sigüenza	2						1	1			1					1
Frei Juan de Viterbo	2						1	1			1					1
Gordiano	2						1	1			1					1
Laercio	2						1	1			1					
Lúcio Octacílio *	2						1	1			1					1
Octaviano Augusto	2						1	1			1					
S. Basílio	2						1	1			1					
Garcilaso	2						1		1		1					1
Jerónimo de Blancas	2									2						2
Justo Lipsio	2									2						1
Acio	1										2					1
Afonso (Rei)	1															
Agostinho	1															
Antoninus	1															
Antonio	1															







AUTORES	TOTAL		MORCILLO					CABRERA					GENIO B			
	TOTAL	Morcillo	1-4	5-6.4.4	7-8.3	9-11.2	Total	Discurso I	Discurso II	Citados em nota	Total Genio B	Exordio	Parte I		Parte II	Parte III
													Cap. 1 a 6	Cap. 7 a 10		
Cayo Veleio *	1						1		1							
Celso	1						1		1							
César Campana *	1						1		1							
Chrotoniates Niceforo *	1						1	1								
Cipriano	1						1	1								
Claudiano *	1						1		1							
Clemente Taciano	1						1		1							
Coluto *	1						1		1							
Coroliano *	1						1		1							
Covarruvas (Bispo)	1						1		1							
D. Alonso de Cartagena	1						1	1								
D. Alonso el Sábio	1						1	1								
D. Lorenzo Ramirez de Prado	1						1		1							
D. Lucas de Tui	1						1		1							
Dite Cretense *	1						1		1							
Dominicano *	1						1		1							
Don Diego de Mendoza	1						1		1							
Don Pedro Ponce de León	1						1	1								
Donato	1						1		1							
Driedón *	1						1		1							
Eginardo	1						1		1							
Elio Lampridio *	1						1		1							
Elio Sparciano *	1						1		1							
Emilio Probo *	1						1		1							
Empedocles	1						1		1							
Ephoro	1						1		1							
Epifanio	1						1		1							
Eraclio	1						1		1							
Escaligero	1						1		1							
Esmágoras *	1						1		1							
Esperoni *	1						1		1							
Estico *	1						1		1							
Estratocles *	1						1		1							
Eupolemo *	1						1		1							
Eusebio Panfilio *	1						1		1							
Evagri	1						1		1							
Fábio Vapisco *	1						1		1							
Filipe Borgomense	1						1		1							





AUTORES	TOTAL		MORCILLO				CABRERA				GENIO B					
	TOTAL	Morcillo	1-4	5-6.4.4	7-8.3	9-11.2	Total Cabrera	Discurso I	Discurso II	Citados em nota	Total Genio B	Exordio	Parte I		Parte II	Parte III
													Cap. 1 a 6	Cap. 7 a 10		
Pausonias	1						1	1								
Pedro Crinito *	1						1		1							
Pedro Alcino *	1						1	1								
Pedro Antón Beuter	1						1	1								
Pedro Apiano *	1						1		1							
Pelayo	1						1	1								
Petrarca	1						1	1								
Petrus Victorius *	1						1		1							
Phocio	1						1		1							
Pictor	1						1	1								
Pitagoras	1						1		1							
Plauto	1						1		1							
Plinio Junior	1						1		1							
Protagoras	1						1	1								
Publio Piteo *	1						1	1								
Publio Victor *	1						1	1								
Quadrigario	1						1	1								
Rades de Andrada	1						1		1							
Resendio *	1						1		1							
Ricobono *	1						1		1							
Roberto Bachon *	1						1		1							
Rodulfo Langron *	1						1		1							
Rufino	1						1		1							
Rufo	1						1	1								
S. Antonino	1						1	1								
S. Cipriano	1						1	1								
S. Clemente	1						1	1								
S. João	1						1	1								
S. Mateus	1						1		1							
S. Máximo	1						1	1								
S. Piro *	1						1	1								
Salomao	1						1		1							
San Fulgencio	1						1	1								
Scilio *	1						1		1							
Sebastián *	1						1	1								
Senarco *	1						1	1								
Sexto Russo *	1						1		1							
Sigisberto Gemblacense *	1						1	1								



AUTORES	TOTAL	MORCILLO						CABRERA				GENIO B				
		Total Morcillo	1-4	5-6.4.4	7-8.3	9-11.2	Total Cabrera	Discurso I	Discurso II	Citados em nota	Total Genio B	Exordio	Parte I		Parte II	Parte III
													Cap. 1 a 6	Cap. 7 a 10		
Thomas Morus	1						1			1						
Trentius in Adelp	1						1			1						
Afonso X	1												1			
Afonso XI	1											1				
Alejandro Sardo	1											1				
Alexandre Magno	1														1	
Andrés	1															
Angel Manrique ( bispo )	1															1
António de Yepes (Frei)	1															1
António Posevino	1													1		
Areopagita	1															1
Asvero	1												1			
Baltasar Céspedes	1															1
Bartolomé Lorente	1												1			
Bernardino Gómez Miedes	1															1
Carlos (principe)	1													1		
Claudio César	1													1		
Coconio *	1															1
Cristiano Adricornio	1															1
Cristóforo Mileo	1													1		
David Quitreo	1													1		
DEUS	1														1	
Fausto Maniqueo *	1															1
Filipe IV	1													1		
Foción	1													1		
Francisco Balduino	1														1	
Francisco Jiménez de Urreal	1															1
Francisco Patricio	1													1		
Francisco Robortelo	1													1		
Gauberto Fabricio ( Frei )	1														1	
Góngora	1															1
Hernando del Castillo (Frei)	1															1
Hilario de Poitiers	1															1
Hortensio	1															1
Jaime (o conquistador)	1														1	
Jerónfontels	1														1	
Jerónimo de Zurita	1														1	
Jerónimo Martel	1														1	

AUTORES	TOTAL		MORCILLO					CABRERA				GENIO B				
	TOTAL	Morcillo	1-4	5-6.4.4	7-8.3	9-11.2	Total Cabrera	Discurso I	Discurso II	Citados em nota	Total Genio B	Exordio	Parte I		Parte II	Parte III
													Cap. 1 a 6	Cap. 7 a 10		
Jerónimo Rodio	1										1		1			
Jose de Pellicer	1										1		1			
Joviano Póntano	1										1					
Juan Alfonso Curiel	1										1					1
Juan Antónío Viperano	1										1					1
Juan Bautista de Lezana (P.)	1										1					1
Juan Bernardo	1										1					
Juan Bodino	1										1				1	
Juan Crisóstomo	1										1				1	
Juan de Jesús Maria (Frei)	1										1					1
Juan de Mariana (P.)	1										1		1			
Juan Francisco Andrés	1										1		1			
Jubas	1										1					1
Lactancio	1										1					1
Lucas Wadings (Frei)	1										1					1
Luis Cabrera de Córdoba	1										1					1
Marco Maximo	1										1					1
Melchor Cano	1										1					1
Modesto	1										1					1
Papiniano	1										1					1
Pedro Carbonell	1										1		1			
Pedro de Navarra (Don)	1										1					
Pedro IV (de Aragón)	1										1		1			1
Rodrigo Jimenez (Don)	1										1					1
S. Gregório Nacianzeno	1										1					1
S. Gregório Niseno	1										1					1
Sebastian Fox Morcillo	1										1					1
Sebastian Maccio	1										1					1
Solón	1										1		1			
Tascio Cipriano	1										1					1
Tomás de Vio (Cayetano)	1										1					1
Tomás Sanchez	1										1					1
Uberto Fojeta	1										1					1
Ventura Ceco	1										1					1
Zacarias Boverio (P.)	1										1					1